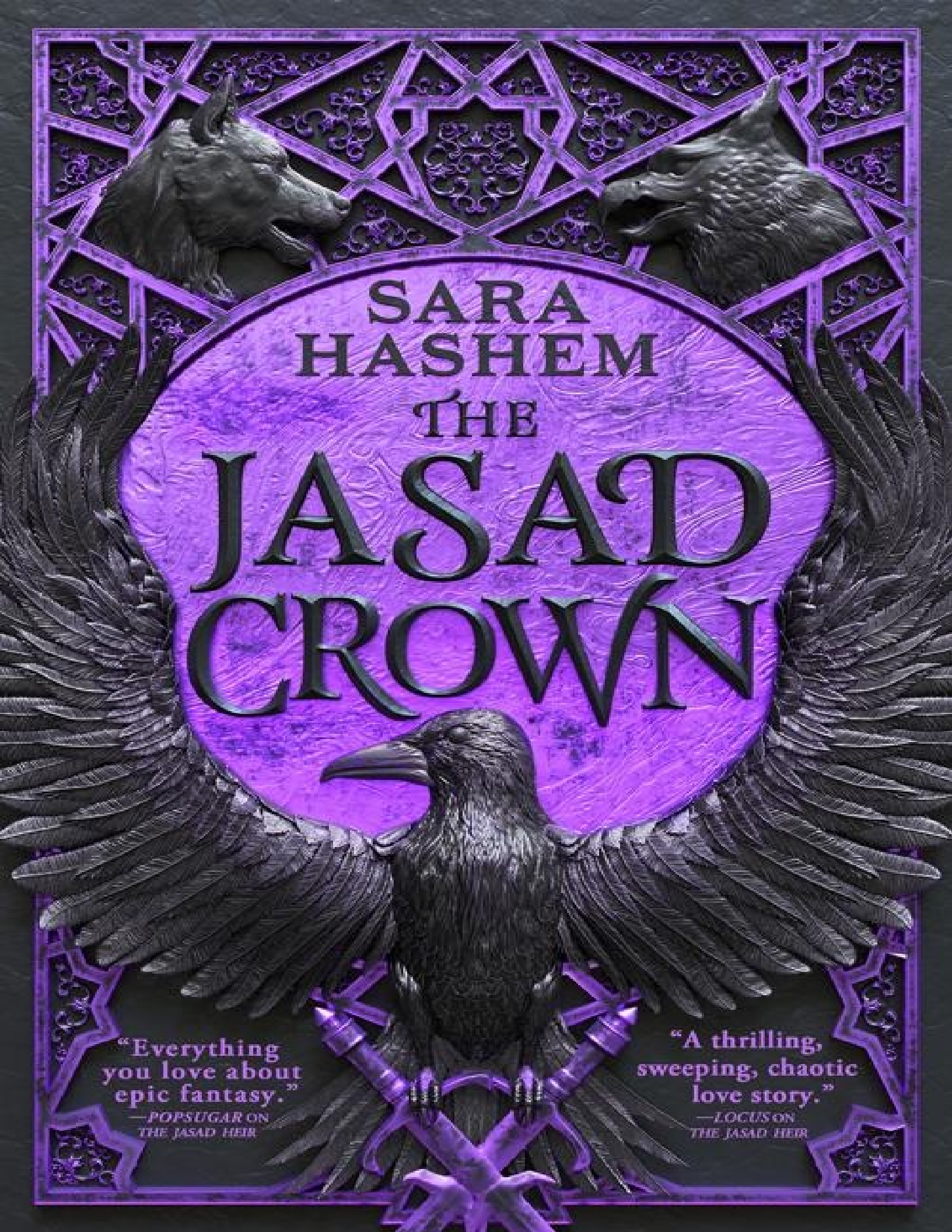
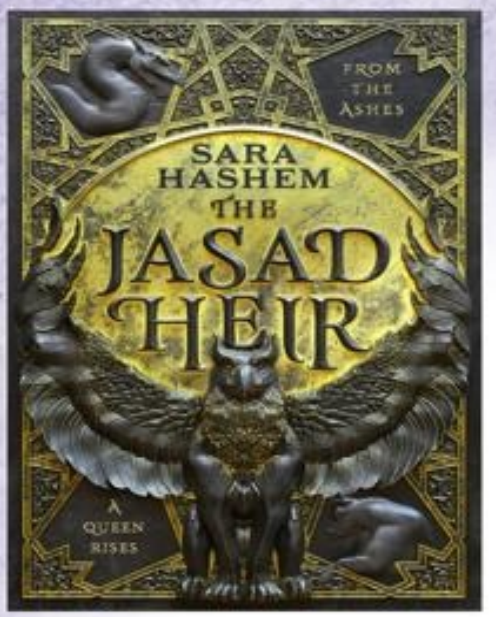
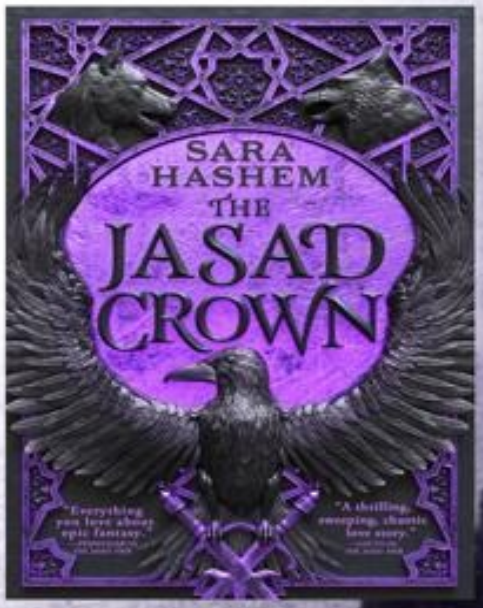

SARA HASHEM
THE JASAD CROWN
"Everything you love about epic fantasy."
—POPSUGAR ON THE JASAD HEIR
"A thrilling, sweeping, chaotic love story."
—LOCUS ON THE JASAD HEIR

THE SCORCHED THRONE

ORDEM DE LEITURA





SINOPSE

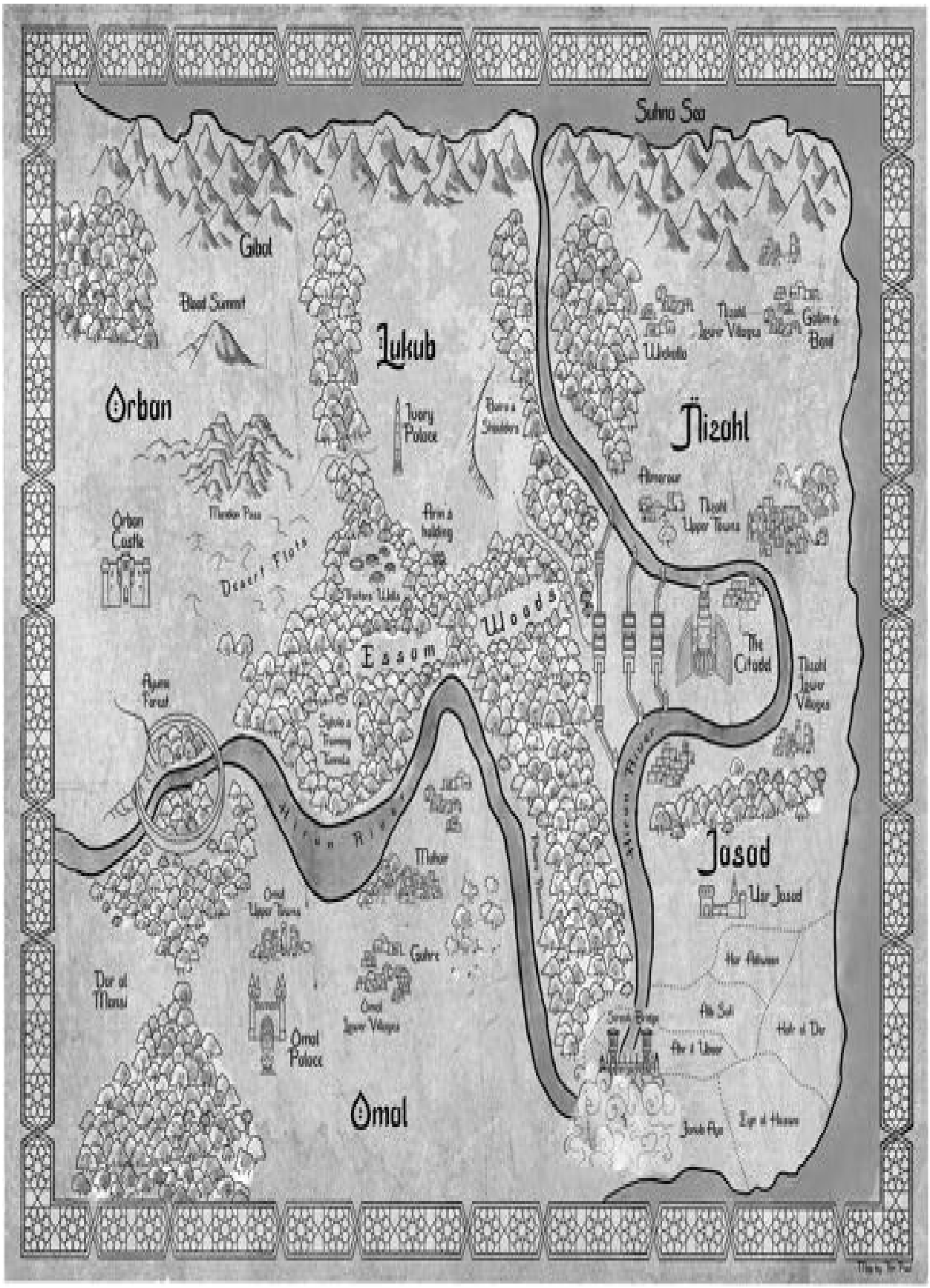
Escondida nas profundezas de um refúgio nas montanhas, Sylvia foi capturada pelos Urabi, que acreditam que a Herdeira de Jasad pode devolver à sua terra natal o poder que outrora teve. Mas após anos negando seu legado e uma aliança proibida com o maior inimigo de Jasad, Sylvia precisa conquistar a confiança dos Urabi enquanto luta para esconder os perigosos efeitos colaterais que a sua magia está causando em sua mente.

Em um reino rival, Arin precisa navegar com cuidado entre o desejo de seu pai de reprimir a rebelião que se forma e os decretos sagrados que Arin jurou defender. Ele está determinado a encontrar Sylvia antes que seja tarde demais, mas a busca de Arin revela segredos que ameaçam o cerne de suas crenças sobre sua família e a destruição de Jasad.

A guerra é inevitável, mas Sylvia não pode abandonar o seu povo outra vez. Os Urabi planejam erguer a fortaleza de Jasadi, e isso matará Sylvia ou destruirá a humanidade que ela lutou tanto para proteger. Pela primeira vez em sua vida, Sylvia não quer apenas sobreviver. Ela quer vencer.

A rainha fugitiva está pronta para reinar.

Para as meninas difíceis que construíram a sua armadura cedo.


Sulma Sea
Gilad
Blood Summit
Lukub
Orban
Ivory Palace
Horn o Shadows
Jizohl
Welvella
Thuzil Upper Villages
Golem's Bowl
Almarour
Thuzil Upper Towns
Orban Castle
Mirror Pass
Desert Flats
Arm's holding
Woods
Esaum
The Citadel
Thuzil Upper Villages
Ayuna Forest
Sybil's Training Tunnels
Ayuna River
Mahar
Jasad
Jasad Upper Towns
Gahre
Har Ahuan
Dar al Manu
Omal Upper Villages
Ahn Sul
Hah o Dar
Omal Palace
Ahn o Umar
Omal
Jasad Pass
Eye of Heaven

CAPÍTULO 1

ARIN

Arin acreditava piamente que um atentado contra a vida de alguém era a mais alta forma de lisonja.

Tornar-se uma ameaça pela própria virtude de sua existência, inspirando o tipo de dedicação louca que leva os homens a matar... o que poderia ser uma realização maior?

Seu pai sofria pelo menos duas dúzias de tentativas de assassinato por mês; mais do que todos os outros governantes juntos.

Arin esperou com impaciência pela sua vez. Na véspera do seu décimo aniversário, ela chegou.

Uma comoção irrompeu do lado de fora de seus aposentos, e Arin a seguiu até o corredor. Os seus guardas gritaram para que ele voltasse para o quarto, ocupados tentando conter o intruso.

Absurdo – como se Arin fosse um pássaro frágil em uma gaiola de vidro. Só covardes se escondiam.

Além disso, ele havia esperado por isso. Planejado. Aos dez anos, Arin começara a compreender o papel que desempenhava em seu reino. O poder que herdaria. O fato de alguém ter vindo à Cidadela com a intenção de matá-lo significava que outros também haviam começado a perceber o seu poder.

Mais tarde, ele descobriria que o assassino era um dos quinze enviados para se infiltrar na Cidadela na véspera do Banquete dos Campeões, realizado em Nizahl naquele ano. Os outros foram presos antes mesmo de chegarem aos terrenos da Cidadela.

Quando o assassino avistou o Herdeiro de Nizahl, uma luz maníaca brilhou em seus olhos. Ele disparou ao redor dos guardas e ergueu o

braço.

A adaga voou.

Arin poderia ter evitado. Ao contrário de seus guardas desajeitados, Arin sabia exatamente quais movimentos precisava fazer para evitar ferimentos. Uma torção para a direita, um recuo do joelho direito, e ele estaria fora de perigo.

Só que Arin não queria evitar a adaga.

Arin conhecia os seus defeitos; eram frequentemente recitados a ele. Frio, insensível, teimoso. A mãe de Arin chamava os seus defeitos de maneiras mais gentis do que os tutores de Arin. Para Isra, seus defeitos eram *uma grande preocupação com a precisão*. Um padrão pessoal que exigia nada menos que a perfeição.

Mas o seu pior defeito, reconhecido de forma unânime por todos, era a curiosidade de Arin. Assim que uma pergunta surgia na mente do Herdeiro, ele não conseguia descansar até encontrar uma resposta. Sua curiosidade eclipsava tudo: seu bom senso, sua razão, sua própria sanidade.

Então Arin ficou parado esperando a adaga. Ele puxou o braço sobre o peito, colocando o ombro sobre os pontos fatais de entrada. A adaga o perfurou. A rapidez do impacto embranqueceu temporariamente o mundo.

Arin gritou. Mal percebeu os guardas pulando sobre o assassino ou o baque pesado dos corpos caindo no chão. Seu braço doía. Tudo doía terrivelmente.

Quando abriu os olhos outra vez, estava em sua própria cama, com o ferimento escondido sob um curativo grosso. Sua mãe dormia profundamente ao lado dele.

— Você a assustou — disse Rawain. Ele parou em frente à janela de Arin. — Você sabe que eu detesto quando ela chora.

As marcas de lágrimas realmente secaram nas bochechas de Isra.

Arin se moveu para limpá-las e parou quando Rawain olhou para ela. O Supremo não gostava quando Arin demonstrava afeição pela mãe ou a deixava se preocupar com ele.

Sem que ninguém lhe dissesse nada, Arin entendeu que Rawain não a amava.

Arin retirou seu toque, porque amar sua mãe significava perder um pouco mais de seu pai.

— Você deixou que ele te machucasse — disse Rawain, olhando pela janela outra vez. Suas mãos estavam entrelaçadas em volta do cetro, os dedos firmes acima do globo de vidro. Arin não precisou olhar com atenção para distinguir as asas do corvo, as penas negras se abrindo acima das duas espadas que se chocavam a seus pés. O símbolo de Nizahl, fundido em pedras preciosas requintadas na ponta do cetro de seu pai, sempre parecia vivo o suficiente para encarar Arin.

Seu coração batia forte.

— Eu não *deixei*...

— Arin — Rawain interrompeu, despreocupado. Despreocupado até demais. — Qual é a minha primeira regra?

Um peso familiar demais oprimia Arin. Ele lutava para respirar.

— Não estou mentindo, meu suserano.

— Uma última chance. — Rawain se virou, afastando-se da janela para pairar sobre a cabeceira de Arin. O terror fechou a garganta de Arin, a lenta sufocação se tornando infinitamente pior sob o olhar cúmplice do pai. O olhar penetrante do corvo o perfurou. — Por que você deixou que ele te machucasse?

A resignação se abateu sobre Arin como um manto. A punição era inevitável. A única variável que Arin podia controlar agora era a severidade. Dizer a verdade significaria meses de treinamento extenuante e o confisco de seus livros e mapas.

Mas mentir sentenciaria Arin à Cápsula.

— Eu queria saber como seria — disse Arin. Ele entrelaçou os dedos no cobertor, ignorando o puxão no braço. — O ferimento.

— Você foi ferido por muitas adagas durante o seu treinamento.

— Nunca esfaqueado. — Arin engoliu em seco. — Eu queria ver se conseguiria sobreviver.

Uma mão cheia de anéis pousou na garganta de Arin. O dedo do pai passou pelo pulso de Arin. Batia doentiamente rápido, traindo o seu dono.

— Acha que se você se colocar no caminho do que teme e deixar que isso machuque, de alguma forma se tornará mais forte? Que conhecerá melhor os seus limites? — A mão de Rawain moveu-se para o braço de Arin.

Sem hesitar, ele enfiou o polegar no curativo de Arin.

A dor o percorreu, e Arin mal se lembrou de conter o suspiro. Não podia arriscar acordar a mãe. Rawain não tolerava interrupções quando dava uma lição ao Herdeiro, e Arin odiava quando ela era punida por causa dele.

— Aqueles que sobrevivem por mais tempo nunca se colocam em posição de se machucar. Eles veem a ameaça se aproximando e *se afastam*.

O sangue escorria por baixo da bandagem. Seu pai pressionou com mais força. Arin sentiu gosto de sangue. Ele havia mordido a própria língua.

— Você é o meu único Herdeiro. Você herdará o meu reino, o meu trono e os meus inimigos. Como posso confiar em você se não consegue controlar os seus impulsos ou reprimir essas curiosidades infernais? Como, Arin?

Pontos pretos surgiram na visão de Arin, e só então Rawain retirou a mão. Ele limpou o polegar nas vestes.

— Suas aulas recomeçam ao amanhecer.

Sua mãe acordou duas horas depois e brigou com os servos que

vieram vestir Arin para o treinamento.

— Vocês não veem que ele está machucado? Não pode treinar hoje. Ele é só uma criança! Por favor, ele está com dor. — Os servos se moveram ao redor dela enquanto chorava, ignorando as suas tentativas de contê-los.

E Arin, que ainda sentia a marca do polegar do pai, sentiu-se enojado com as lágrimas dela.

Ela se colocou em uma posição de se machucar, pensou ele, de repente e sem muita emoção. *Ela me ama demais. Verá a ameaça se aproximando e ficará completamente imóvel, mesmo que seja só para me deixar viver mais um minuto.*

Arin colocou a mão na bandagem e pressionou.

A dor crescia, crescia e crescia.

Ele se familiarizaria com essa dor. Aprenderia a refletir sobre ela.

E então nunca mais veria isso acontecer e ficaria parado outra vez.



A chuva batia na janela, obscurecendo a visão de uma Nizahl adormecida de seu Herdeiro vigilante.

A noite tempestuosa possuía todas as características das noites em que a sua mãe chamava de *cercos aos Awaleen*. O vento aumentou, seu uivo lamentoso cortando as paredes de pedra. Arin quase conseguia ouvir o suspiro fantasmagórico de sua mãe, o bater de seus dedos finos contra o vidro trêmulo. *O sono é o espaço entre a vida e a morte. Um espaço onde tudo pode acontecer*, ela dizia, no tom distante que Arin aprendera a temer. *Os Awaleen habitam os seus sonhos há séculos. Olhe para o céu, Arin, e me diga que não consegue vê-los nas nuvens.*

Nos últimos anos, ela desenvolvera o hábito de falar essas bobagens onde os outros pudessem ouvir. A superstição persistente era uma

relíquia que carregava de sua aldeia em Nazeef, e o seu pai odiava qualquer lembrança das origens humildes de Isra.

O crepitar de um relâmpago cobriu Arin com tons de azul. Se os Awaleen dormiam de verdade, lá embaixo, em suas tumbas eternas, então o seu sono só conhecia pesadelos.

Alguém bateu à porta. Arin alisou a palma da mão sobre o colete, dissipando o fantasma da mãe. Ele tinha planos com os vivos para supervisionar.

— Entre. — Arin não se moveu da janela enquanto a porta rangia ao abrir atrás dele.

— Vossa Alteza. Convocou?

— Sente-se, Conselheiro Rodan.

Arin se virou da janela. O Sumo Conselheiro curvou-se profundamente, fitando Arin por um breve instante antes de se afastar depressa. Rodan moveu-se para a cadeira mais próxima da porta e hesitou. O assento ficaria perto da cabeceira da mesa; ao alcance de Arin. Executando um arrastar de pés impróprio para alguém com mais de cinco anos, o Sumo Conselheiro escolheu uma cadeira no centro da mesa.

Como se Arin fosse se dar ao trabalho de agredi-lo fisicamente. Não havia luvas suficientes no mundo. O episódio inteiro durou menos de um minuto, mas disse a Arin o que ele precisava saber.

E não parou por aí. Quando Arin se sentou na cadeira, o Sumo Conselheiro estremeceu. *Estremeceu*.

— Tempo peculiar esta noite. — Rodan cutucou o polegar, aparentemente indiferente ao sangue incrustado nas articulações da unha. A ideia de trocar de mesa porque o Sumo Conselheiro sangrou nela irritava Arin até a exaustão.

O silêncio de Arin só irritou ainda mais o Sumo Conselheiro. Ao longo dos anos, Arin descobrira no silêncio uma ferramenta extremamente eficaz para escavar o funcionamento interno da mente de

alguém. Para alguns, o silêncio arranhava, rasgava e gritava. Outros se acomodavam nele, contentes em flutuar em seu refluxo.

Com exceção de uma garrafa de talwith e dois copos, a mesa estava vazia. Arin abriu a garrafa. Em cada copo, despejou o equivalente a dois dedos do líquido de lavanda. Rodan observava a garrafa, limpando o queixo com os nós dos dedos. Uma mancha de sangue da unha do polegar grudava em seu maxilar barbudo.

Quando Arin colocou os dois copos na frente de Rodan, o Sumo Conselheiro piscou.

— Nenhum para você, meu suserano?

— Tenho bebido mais do que o devido nos últimos dias — disse Arin, jovialmente. — Presumo que você esteja familiarizado com talwith?

O Sumo Conselheiro olhou para os copos com evidente inquietação.

— A bebida Orbaniana. Bem difícil de importar para Nizahl, não é?

Uma voz provocadora cortou os pensamentos de Arin como uma lâmina bem direcionada. *Espere, você é importante ou algo assim?*

Os dedos de Arin se curvaram.

— Vossa Alteza?

Arin recostou-se na cadeira, com os cotovelos apoiados nos braços da cadeira enquanto cruzava as mãos. Rodan ainda não havia tocado em nenhuma das bebidas. Arin sempre se divertia com a cautela que os homens demonstravam quando a própria vida estava em jogo.

— Você trabalha para a Cidadela há muitos anos. Desde o início do reinado do meu pai.

O Sumo Conselheiro assentiu, aliviado por estar de volta a um lugar familiar.

— Quase vinte e quatro anos.

Arin observou o homem sentado à sua mesa com o mesmo nível de interesse que dedicaria a um inseto na sola de sua bota. Ele raramente tivera motivos para lidar com o Conselheiro Rodan no passado. O papel

do Sumo Conselheiro o posicionava como conselheiro do Supremo e lhe dava um assento no conselho – privilégios poderosos, mas não os que o tornassem notável para Arin.

Vinte e quatro anos. Durante décadas, Rodan havia vagado pela Cidadela, conhecedor dos segredos do reino mais poderoso da terra.

Arin não conseguia entender. Nada no Sumo Conselheiro o identificava como algo mais do que mais um bajulador sem graça e simplório. A idade marcava o seu rosto fino, e sua calvície havia chegado às orelhas. Ele era magro como um talo de cevada. Tão fácil de quebrar.

Totalmente comum.

— Entendo. — Arin inclinou a cabeça. — E quantos desses vinte e quatro anos você passou molestando garotinhas?

A pergunta atingiu o Sumo Conselheiro com a força de um tapa na palma da mão. Sua respiração mudou, tornando-se superficial e rápida. A expressão vagamente entediada de Arin não se alterou.

— S-senhor, um grave mal-entendido está acontecendo. — A voz trêmula de Rodan se firmou. De repente, as rugas que marcavam a sua pele acinzentada se suavizaram. Por mais que Arin observasse com atenção, ainda não conseguia vê-las. Os sinais de seu engano.

Em qualquer outra situação, Arin ficaria impressionado. Uma mentira longa e constante exigia certa delicadeza. O homem inquieto à sua frente dificilmente parecia capaz disso.

— Não consigo imaginar que histórias aquela licenciosa e traiçoeira Jasadi contou, mas deve saber que não deve acreditar nela.

Arin ouviu as palavras que o Sumo Conselheiro não ousou dizer: *Você deveria saber que não deve acreditar em nada do que ela diz. Você deveria saber melhor. Você deveria* saber...

Houve um tempo em que a provocação teria evaporado ao entrar em contato, dispersando-se contra a parede inflexível do foco de Arin. Um tempo em que ninguém, além de Rawain, tinha as armas certas para

irritar Arin.

Uma época antes da Jasadi, de olhos escuros, se tornar a lâmina mais rápida sob a qual Arin poderia sangrar.

Arin respirou fundo, longa e lentamente. A raiva precisava de brasas para se apoderar; pedras contra as quais a pederneira pudesse bater. A maneira mais eficiente de se livrar de uma reação ineficiente era continuar avançando. Esmagá-la com os pés e nunca olhar para trás.

Até cinco dias atrás, a estratégia tinha funcionado. Arin dedicou a vida inteira a projetar o traçado da sua própria mente – criando cada vale e curva.

Mas agora, havia brechas. Ali estava a lâmina.

Arin enfiou a mão no casaco e tirou um pequeno frasco contendo quatro contas de marfim, cada uma do tamanho aproximado de uma unha.

— Por que Sayali Barakat fugiu de sua casa quando tinha quatorze anos?

Um lampejo de surpresa, dissipado em um instante. O Sumo Conselheiro abriu a boca, e Arin levantou um dedo.

— Pense bem no que vai dizer a seguir. Ofereço-lhe uma chance, e apenas uma.

As palmas das mãos de Rodan se achataram sobre a mesa, deixando Arin sem escolha a não ser observar a sujeira acumulada nos nós dos dedos do outro homem.

— Não tenho nada em que pensar, meu suserano. Ela é uma ladra. Ela abusou da minha bondade e partiu o coração da mãe. Roubou tudo o que eu havia guardado para o futuro dela para fugir com o seu amante loiro.

Uma gota rolou da garrafa para a palma da mão de Arin.

— Estranho. Sua esposa contou uma história diferente.

Inclinando-se sobre a mesa, Arin jogou a conta no copo à direita de

Rodan. Ela se dissolveu com um chiado. Os dois observaram partículas de marfim se depositando no fundo do copo.

Perfeito. Previsível – como toda essa conversa.

Rodan não tirou os olhos do copo manchado.

— O tempo apagou a verdade sobre a traição da filha dela. Não se pode confiar nela quando se trata de Sayali.

— Tenho certeza de que Sayali sentia o mesmo.

Conhecer a mãe de Sefa fora uma experiência estranha. Ela desperdiçou uma hora preparando chá e bolo de mel, nervosa com desculpas enquanto se apressava para acomodar Arin e os seus guardas. Era quase, *quase* uma réplica perfeita dos maneirismos cativantes da filha. Exceto onde os olhos de Sefa eram sempre cálidos de alegria, um vazio se abria nos da mãe. Os rumores de que a sua filha, há muito perdida, aparecera com a Campeã de Nizahl a haviam perturbado e, como previra, as perguntas cuidadosas de Arin abalaram as suas últimas defesas. Ele terminou de dissecar a verdade antes que seu chá intocado esfriasse.

Arin cruzou as pernas.

— Sayali... Sefa... passou muito tempo na minha companhia. O que sei sobre ela é o seguinte: ela é inteiramente guiada pelo seu senso de certo e errado, odeia ser observada enquanto come, e o único obstáculo que interferia em sua lealdade à amiga era o medo que tinha de você.

— Posso assegurar-lhe, senhor, que eu nunca...

O Conselheiro Rodan absorveu o conjunto impassível de feições de Arin.

Então, uma maravilha.

Como uma tela sem tinta, o pânico se esvaiu de Rodan. Em seu lugar, surgiu um vazio arrepiante.

— Bem, aqui estamos.

Os lábios de Arin se curvaram em um sorriso sem humor. Ele

considerava uma vitória pessoal cada vez que convencia uma fera a lhe mostrar os dentes.

— Você tem uma escolha — disse Arin. — Uma escolha mais gentil do que merece, mas uma justa. — Ele acenou com a cabeça para os dois copos. — Beba do copo à direita e as suas atrocidades morrerão com você. Sua esposa lhe dará um enterro decente e o seu nome não será apagado de nossos registros. Meu pai e os outros conselheiros depositarão a coroa real em sua lápide. Você terá um túmulo para Sayali cuspir.

Rodan lambeu os lábios rachados, encarando o copo envenenado.

— E se eu beber do esquerdo?

— Um gole do esquerdo é o adiamento da sua morte. Você viverá... por um tempo. Mas quando a morte chegar, não será gentil. Sou um homem criativo, Conselheiro, com oportunidades limitadas para expressá-la de maneira adequada. Os seus assassinos chegarão com instruções para lhe impor horrores que os seus piores pesadelos não conseguem compreender. Aqueles que se derem ao trabalho de lamentar a sua morte se lembrarão de você como um traidor e ladrão que roubou da Cidadela e desapareceu. E quando enfim morrer, será com lágrimas de alívio nos lábios. O que restar do seu corpo será desmembrado, queimado e jogado no rio.

E já que Rodan lhe prestara a cortesia de mostrar a Arin a sua verdadeira face, Arin retribuiu na mesma moeda. Sua voz endureceu, cristalizando-se sob a força da violência contida entre os dentes.

— Pessoalmente, espero que escolha a segunda opção. Sayali pode ter te assombrado, mas eu vou te caçar. Cuidarei para que cada sombra em seu rastro assuma a minha forma. Cada som que se esforçar para ouvir na noite sussurrará em minha voz. Eu te alimentarei com sua morte em doses e me divertirei vendo-a te apodrecer por dentro. O copo à direita, Rodan? Essa é sua única chance de misericórdia.

Rodan olhou para Arin, congelado.

Depois de uma vida inteira, uma risada estremeceu no frágil Sumo Conselheiro.

— Eu os avisei, sabia? Mesmo quando criança, era claro o que você era. O que é.

Essa conversa já havia durado mais do que Arin havia previsto, mas ele achou que poderia satisfazer um homem morto.

— O que eu sou, Conselheiro Rodan?

O Sumo Conselheiro olhou para Arin como se olhasse para cordas penduradas na forca. O terror foi a primeira emoção genuína que Arin viu nele naquela noite.

— A ruína de Nizahl — sussurrou Rodan. — O fim de tudo o que construímos.

O Sumo Conselheiro agarrou o copo envenenado.

— Meu único arrependimento é morrer antes de ver a minha profecia se cumprir.

Rodan esvaziou o talwith de uma só vez, batendo o copo vazio na mesa.

— Mas não vai demorar muito, Arin de Nizahl. O seu legado é a morte, e eu sou apenas o primeiro sacrifício.

Lá fora, a chuva castigava a lateral da Cidadela, caindo pelas janelas com um rugido surdo.

Levemente perplexo, Arin arqueou uma sobrancelha.

— Não se dê tanto crédito, Rodan. Se a morte é o meu legado, ela foi consagrada há muito tempo, por adversários muito mais dignos do que você.

Rodan ficou rígido antes que Arin pudesse ser brindado com mais informações. A cadeira do Sumo Conselheiro rangeu no chão quando ele se inclinou para a frente, agarrando a barriga com um gemido.

Alcançando o copo à esquerda, Arin observou o suor escorrendo da

cabeça brilhante de Rodan. Gotas respingavam na mesa, que tremia sob os tremores do Sumo Conselheiro moribundo.

Arin tomou um gole, saudando a queimação do talwith como um velho amigo.

— Na noite do Baile dos Vitoriosos, tomei uma decisão.

Cinco dias atrás, uma ala da Cidadela pegou fogo.

Cinco dias atrás, a Malika de Jasad apareceu na pele de Sylvia, a aprendiz da aldeia.

Cinco dias atrás, Arin estrangulou a Sultana Vaida até que o sangue brotasse em seus olhos. Mais um segundo e a governante de Lukub estaria morta em suas mãos.

Controle. Para os outros, era um pilar. Algo firme para sustentá-los, para se esconderem quando a pressão se tornava insuportável.

Para Arin, o controle era um penhasco.

Um passo a mais, e tudo o que o tornava quem era se despedaçaria nas rochas abaixo. Um passo a mais, e uma fera surgiria de seus restos mortais. Arin lutara a vida inteira para permanecer do lado certo do penhasco. Para desviar o olhar da tentação do que o aguardava além do seu controle.

Uma saliva branca espumou entre os lábios do Sumo Conselheiro. Rodan caiu da cadeira com um estrondo, batendo a cabeça na perna da mesa. Seu corpo tremeu depressa. Uma mancha úmida se espalhou por sua virilha.

— Meu povo não sofrerá outra guerra enquanto gente como você caminhar livremente no coração da Cidadela. Enquanto eu viver, aqueles na corte de Nizahl devem provar todos os dias que merecem o seu lugar. Poder acumulado onde não pertence é poder emprestado, e pretendo cobrar a dívida.

Na natureza, a selvageria era sobrevivência. Pegava-se apenas o que era necessário, quando era necessário, e não se pedia mais. Mas, por

trás dos muros da corte real de Nizahl, a selvageria era uma arte. Assim como um padeiro mede os ingredientes para o pão perfeito, Arin media cada movimento que fazia. Ele esperava o momento certo. Reunia as informações.

E quando atacava, atacava para matar.

CAPÍTULO 2

ARIN

Quando o Sumo Conselheiro finalmente se aquietou, Arin caminhou até a porta e bateu duas vezes. No mesmo instante, Vaun e Jeru entraram nos aposentos de Arin. A porta se fechou depressa atrás deles.

Jeru deu um passo à frente. Vaun o acompanhou. Jeru curvou-se, e Vaun curvou-se ainda mais. A hostilidade mútua havia se transformado no que Arin poderia, razoavelmente, chamar de brincadeira de criança.

Contanto que fizesse o que lhe mandava, os seus acessos de raiva mal importavam. Arin pegou um mapa respingado de tinta que havia destruído em um acesso de frustração na noite anterior e começou a rasgá-lo em tiras iguais.

— Acomodem-no em sua cama dentro da Cidadela. O inchaço deve desaparecer na próxima hora. Vocês dirão que ele não estava bem quando se deitou. Ele bebeu um tônico para ajudá-lo a dormir, vendido por um comerciante de rua sem licença. A morte o buscou durante a noite. Uma reação infeliz ao tônico benigno. — Arin entregou-lhes um frasco vazio do tamanho de seu polegar. — O tônico.

Os seus guardas enrolaram o Sumo Conselheiro até que se transformasse no menor corpo possível. Todo o mal e a dor que aquele homem havia causado, e ele era pouco mais que carne cinzenta, enfiada em um saco de grãos para ser transportado de forma discreta até o outro lado da Cidadela.

— Revise os pertences dele antes que a esposa o faça — disse Arin. — Qualquer coisa importante, qualquer coisa que tenha escondido, tragam para mim. — Observando as gotas de suor secando no lado de

Rodan da mesa, Arin gesticulou para os móveis destruídos. — Mandem alguém trocar esta mesa e este tapete.

Os guardas se curvaram. Viraram-se para a porta, Jeru estendeu a mão para a maçaneta, quando Arin falou outra vez:

— Gostaria que você ficasse por um momento, Jeru.

Seu guarda mais jovem engoliu em seco. Vaun colocou o saco no ombro e fechou a porta, deixando Jeru esperando rigidamente nos aposentos de Arin.

Arin abriu a cortina que separava a sala da frente do restante de seus aposentos. Jeru o seguiu até o espaço apertado, observando em silêncio enquanto Arin tirava as chaves da grossa porta de aço atrás da cortina. As fechaduras se abriram uma a uma. Bem no fundo, um pequeno frasco escorregou de onde Arin o havia prendido, sob a última fechadura, caindo na palma da mão de Arin, que o aguardava. Se derramado, seu conteúdo queimaria a pele e os ossos; a última defesa contra um intruso, caso de alguma forma conseguissem encontrar todas as seis chaves de Arin.

Seu pai diria que era excessivo; Arin preferia minucioso. Seria muito menos trabalhoso identificar o culpado se metade do pé estivesse derretido.

As correntes caíram da porta em uma sinfonia metálica.

Eles atravessaram o quarto de Arin, onde a cama grande ocupava a maior parte do espaço originalmente planejado como antecâmara. Arin havia transferido a sua cama dos aposentos principais para lá logo após a tentativa de assassinato de Soraya. Estava em seu momento mais vulnerável dormindo – desafiava a lógica que sua cama fosse acessível por uma única porta.

Na última porta, Jeru esperou enquanto Arin repetia o processo de abri-la. Uma velha conversa passou pela cabeça de Arin enquanto abria a última fechadura.

— A cautela é uma área em que sou propenso ao excesso — admitiu Arin. — Minha fé em meus guardas foi abalada.

Ela sorriu.

— Você? Paranoico? Segure-me, senhor, talvez eu caia da montaria.

Arin não percebeu que estava parado, com a chave meio inserida na última corrente, até Jeru pigarrear.

— Meu suserano?

A chave cortou o punho cerrado de Arin.

Jeru queria falar sobre isso. Sobre *ela*. Arin o flagrou trocando sussurros furiosos com Wes do lado de fora de sua porta na manhã seguinte ao Baile dos Vitoriosos. Parecia que estavam agitados demais para se lembrar da audição anormalmente aguçada de Arin.

— O Herdeiro não precisa dos seus mimos — Wes retrucou. — Ele sabe cuidar dos próprios assuntos.

— Ele não tem ninguém em quem confiar, Wes! Nem amigos nem irmãos. — Jeru era o guarda mais jovem, com 22 anos, e fora criado em uma família unida que discutia os seus problemas.

Wes, que foi jogado em um complexo militar aos quinze anos e não tinha nenhum vínculo com a família além da porcentagem de seus ganhos que enviava uma vez por mês, bufou.

— Ele tem muita gente com quem conversar.

— Você sabe tão bem quanto eu que a única pessoa em quem ele deixou se aproximar o suficiente para confiar foi Sylv...

Arin escolheu aquele momento para interromper, assustando os guardas e os fazendo se separar.

— Senhor? — O toque hesitante de Jeru no ombro de Arin o trouxe de volta ao presente, e Arin se afastou do guarda, abrindo a porta.

— Pela glória de Hirun... — Jeru sussurrou, levantando as sobrancelhas, que ameaçavam desaparecer em seus cabelos cacheados.

Mapas cobriam cada centímetro do aposento. Mapas preciosos,

mapas que Arin trocou com khawaga Orbaniano, coletado nos mercados Omalianos e nas casas de jogo Lukubi enfumaçadas. Mapas que ganhara de presente na infância de diplomatas vindos de Jasad.

No chão, um arsenal inteiro estava organizado em vinte e sete fileiras bem organizadas.

— Senhor... — Jeru parou de falar, examinando as centenas de lâminas que Arin afiara até um brilho mortal; as pontas de flecha empilharam em feixes de quinze, cada ponta triangular perfeitamente igualada com a ponta ao lado. — Os ferreiros da Cidadela não puderam atendê-lo?

— Eles estão trabalhando em outra tarefa para mim — disse Arin.

Arin conseguia prever cada movimento da mente de Jeru enquanto ele analisava o cenário à sua frente. Levaria semanas para consertar e organizar tantas armas. Arin fizera isso em dias, o que significava que não conseguia dormir. Em um cômodo, Arin destruía mapas em um acesso de raiva. Em outro, se fixava no fio preciso de armas mais antigas que o próprio Herdeiro.

Jeru abriu a boca. A pergunta se formou em sua língua.

Antes que ela pudesse sair, Arin forneceu uma própria.

— Onde estão Sefa e Marek?

Funcionou. O desgosto tomou conta de Jeru, e ele abaixou a cabeça, olhando para os sapatos.

— Ninguém os viu ou ouviu falar deles, senhor. Ainda estou esperando notícias dos soldados que enviei a Mahair, mas suspeito que voltarão de mãos vazias.

Arin apertou a palma da mão contra o mapa para evitar que se enrolasse.

— Não fui claro o suficiente, Jeru?

— Eu os encontrarei, meu suserano, eu juro. Pretendo estender a busca até a Floresta Essam.

— Você não deveria ter esperado tanto tempo para estender sua busca.

O guarda continuou a estudar o chão. O ângulo teimoso do seu queixo lembrou Arin do dia em que encontrara Jeru, com a cabeça baixa em preparação para o golpe da espada do carrasco.

Jeru e Wes acreditavam que Arin havia salvado Jeru e deram início ao sistema nimwa com o desejo de ver as aldeias mais baixas pelo menos tão bem alimentadas quanto bem punidas. Um sinal da misericórdia de Arin.

Talvez. Arin gostava de pensar que ele, inevitavelmente, intercederia para salvar Jeru de sua idiotice, independente do potencial que visse no jovem.

Mas naquele momento, Arin salvou Jeru porque viu algo mais raro do que coragem imprudente e justiça renegada: convicção.

— Esta semana, o conselho se reunirá para discutir o fim do indulto do alistamento nas aldeias mais baixas.

Jeru ficou branco.

— Se acharem que é preciso acabar com isso, os jovens soldados inundarão os nossos campos de treinamento, e muitos não virão por vontade própria.

— Senhor...

— Cinco dias. — As palavras eram uma condenação. — Cinco dias atrás, eu pedi que você me trouxesse Marek e Sefa. Cada dia que a Rainha de Jasad escapa da nossa captura é mais um dia mais perto da guerra. Cinco dias, e você não tem nada.

— Sylvia os enviou...

— *Sylvia* não existe. — A raiva se afundou no vazio onde Arin a havia enfiado, lutando contra as correntes. — Só existe a Herdeira de Jasad. — Um sorriso seco se formou em seus lábios. — A *Malika* de Jasad.

Jeru engoliu em seco.

— Minhas desculpas. A Malika de Jasad usou a sua magia para mandar Sefa e Marek embora durante o Baile dos Vitoriosos, senhor. Eles podem estar em qualquer lugar.

A Malika de Jasad. Ah, isso era o suficiente para fazê-lo desejar lembrar-se de como rir.

Quando Arin pensou na antiga Rainha de Jasad, uma imagem nebulosa da Malika Palia lhe veio à mente. Ele a conhecera uma vez, quando criança. Ela carregava um ar de autoridade que não podia ser ensinado, transbordando equilíbrio e poder.

Como a Rainha de Jasad poderia ser uma vigarista tagarela que preferiria lutar com um urso raivoso a manter a calma por dez minutos? A Malika de Jasad não poderia ser cruel, barulhenta e excessivamente confiante em suas habilidades cômicas...

— Lukub fechou as suas fronteiras. — Arin falou por cima dos próprios pensamentos, uma ação com a qual detestava se acostumar. — Orban reuniu dezenas de Jasadis sob o pretexto de outros crimes e os executou. Os khawaga aproveitaram a crise como uma oportunidade para saquear qualquer aldeia que considerassem adequada. Os ataques de Felix... — Arin expirou baixinho, controlando a sua fúria antes que pudesse se dissipar. — Aquele imbecil está atacando indiscriminadamente as suas próprias aldeias inferiores. O último relatório dizia que setenta Jasadis acusados foram assassinados... por seus próprios homens ou pelas pessoas ao seu redor, que temem que a presença potencial de Jasadi possa atrair as forças Omalianas sobre eles.

Não foi surpresa para Arin, que já havia tomado medidas para compensar a imprudência dos outros reinos. Soldados de Nizahl estavam espalhados por Essam, posicionados em rotas comerciais estratégicas e vigiando a partir de fortalezas Nizahlanas no nexo de cada reino. Não para encontrar os Urabi, cuja inteligência Arin valorizava muito mais do que a de seus companheiros governantes, mas para garantir que os

outros três reinos não se envolvessem em nenhuma ação catastrófica demais para Arin consertar.

Ele mal sabia que a catástrofe era o primeiro item na agenda deles.

Jeru pigarreou.

— Não deixarei pedra sobre pedra, senhor.

— Pare de virar pedras — disse Arin. — Comece a jogá-las.

Antes que o guarda pudesse responder, Arin soltou as palavras que lhe saíam da garganta:

— Se o conselho votar a favor do alistamento, você precisará atacar qualquer cidade que resistir.

Jeru baixou os olhos, mas não antes de Arin perceber a dor que sentia. Arin entendeu o que ele estava pedindo ao seu guarda. Sua família vivia nas aldeias mais baixas há gerações, tendo saído da pobreza apenas graças à posição de Jeru junto ao Herdeiro. As ordens de Arin o levariam a entrar em sua antiga casa montado em um cavalo real, com uma espada na mão, lutando contra as pessoas que ele quase morrera para proteger.

— Ainda não é certo — acrescentou Arin. Se dependesse de Arin, não chegaria nem perto. — Se eu falhar, você pode ser confiável nessa tarefa?

Um trovão ribombou lá fora enquanto Arin esperava. Este era o momento que previra quando pegou um garoto da aldeia coberto de lama e o vestiu com o uniforme da Cidadela. Uma encruzilhada de deveres.

Quando Jeru encarou Arin outra vez, seu rosto estava resoluto.

— Não falharei mais, meu senhor.

— Ótimo. — Arin virou-se para os mapas. — Agora saia.

A biblioteca da Cidadela era inútil.

Com um gemido, Arin fechou a capa de *As Histórias Maravilhosas e Macabras dos Awaleen* e a empurrou para o lado.

Pilhas de livros enfeitavam a mesa, vários deles abertos, com páginas que julgara merecedoras de uma segunda olhada. Ele esfregou as pontas dos dedos, onde a poeira se acumulava em seus calos. Horas e horas debruçado sobre esses livros até então não haviam rendido nada além de uma leve dor de cabeça e uma vela prestes a se apagar.

Arin apoiou os cotovelos na mesa e pressionou os nós dos dedos contra as têmporas. Suas luvas estavam dobradas ao lado das últimas quatrocentas páginas que desperdiçaram sua noite. Nenhum dos livros que ele passava as noites folheando discutia Jasad ou a Guerra de Jasad além de algumas linhas insignificantes e autocensuradas.

Ele também passara horas procurando relatos verificados de loucura mágica ao longo dos últimos séculos. Quando se tornou uma aflição reconhecida, como se manifestava em diferentes tipos de magia, com que rapidez se acelerava. E, mais uma vez, nada.

Arin se levantou, arrastando a cadeira para trás, e pegou o livro para devolvê-lo à prateleira. Serviria melhor como lenha para sua lareira. Ele estudou o resto da fileira, a testa franzida se transformando em uma carranca. Muitas lombadas estavam rachadas pelo tempo, linhas percorrendo o couro como anéis ao redor de uma árvore. Como podia haver tamanha riqueza de informações na ponta dos dedos, mas tantas delas não conterem nada de realmente útil?

Retornando ao seu assento, Arin serviu-se de mais um copo de talwith, e o baque da garrafa ecoou pela espaçosa biblioteca. Quando abriu a capa para o próximo livro, Arin parou de repente.

A Morte Lenta de Rovial: Uma História da Loucura Mágica Naquela Época e Desde Então.

Arin pousou o copo e puxou o livro para si. Parecia bom demais

para ser verdade. O texto tinha apenas cinquenta páginas, todas em Resar.

Quando Arin terminou de ler, fumaça preta saía em espirais da vela ao seu lado. Longas sombras deslizavam pelas paredes, arrastando-se sobre as prateleiras como fantasmas curiosos. Partículas de poeira rodopiavam acima das poças de luar que entravam pela janela aberta.

Arin desejou conhecer o autor. A pessoa responsável por uma obra tão erudita merecia reconhecimento – merecia um nome. Conseguiram condensar uma vida inteira de estudos em um texto com um quinto do tamanho dos volumes intelectualmente destituídos que Arin lera a semana toda.

Ele folheou as suas anotações, conferindo-as com o texto para ter certeza de que havia capturado os detalhes corretos.

A cada cem anos, surge um caso notável de loucura mágica. Toda vez, em cada século, era um Jasadi cuja magia o levava à loucura.

O autor havia rastreado os casos ao longo dos últimos cinco mil anos. As lendas mais antigas foram registradas por meio de entalhes nas árvores de Essam, e algumas páginas eram escassas, onde uma história específica havia sido transmitida oralmente em aldeias mais baixas, já que as comunidades não eram alfabetizadas ou evitavam manter os registros por medo das cortes superiores.

O primeiro caso conhecido depois de Rovial foi o de uma menina chamada Lena. Filha de um soldador, ela adorava perseguir os gatos pela aldeia até completar treze anos, quando encontraram Lena coberta de arranhões depois de pendurar todos os gatos da aldeia em sua árvore favorita. Quando localizaram os restos mortais da mulher que tentou salvar os gatos, seu corpo estava virado do avesso. Na manhã seguinte, encontraram Lena esfolando os cães. Os moradores a mataram e queimaram o seu corpo.

No século seguinte, um jovem de dezenove anos chamado Rath foi

preso por subjugar uma horda de Cães Rubi e obrigá-los a massacrar todos no Palácio de Marfim. A Sultana conseguiu retomar o controle de seus Cães, mas esse massacre foi considerado um dos maiores já ocorridos em uma corte real.

Eles só conseguiram manter Rath preso por duas horas: sua magia, que deveria ter sido temporariamente drenada com tal esforço, destroçou os guardas. Acabou destruindo toda a masmorra e enterrando Rath sob os escombros.

As histórias continuaram, cada uma mais macabra que a outra. Apenas três variáveis permaneceram constantes: os Jasadis, loucos por magia, eram tipicamente jovens quando foram executados, carregavam uma quantidade assustadoramente alta de magia e ninguém parecia notar os sinais de que sua sanidade estava se esvaindo até que fosse tarde demais.

Dois deles, com trezentos anos de diferença, desapareceram em Mirayah, para nunca mais serem vistos. Arin precisou parar e consultar um texto diferente quando viu o nome há muito esquecido. Mirayah era um vazio para monstruosidades mágicas: um reino mutável enterrado em Essam, onde as regras da magia não se aplicavam, onde feras fugiam após o expurgo de Essam e criminosos fugitivos buscavam refúgio. Poucos dos que encontraram Mirayah foram vistos outra vez. Depois que a magia desapareceu dos reinos, parecia razoável supor que Mirayah também tivesse desaparecido.

Arin esfregou os olhos e se levantou, esticando os ossos até que estalassem. Era até a única janela da biblioteca. Respirou fundo, enchendo o peito de ar fresco, e forçou os seus pensamentos a se acalmarem.

Além dos três imponentes portões de ferro que protegiam a Cidadela, a imensidão da Floresta Essam aguardava com uma expectativa predatória. A magia pode ter se esgotado nos demais reinos,

mas Essam... Essam havia sido palco de inúmeras guerras entre os Awaleen. A generosa imaginação de Arin jamais conseguiria se adaptar a derramamentos de sangue e atrocidades mágicas. Se Mirayah tivesse existido, não teria desaparecido como a magia de Lukub, Orban e Omal. Não teria enfraquecido como a de Jasad.

Como um parasita, Mirayah se sustentaria com a magia sanguinária da floresta. Seria os olhos de Essam, olhando para Arin todas as noites enquanto ele lutava para não selar seu cavalo e cavalgar em direção aos dentes que o aguardavam. Sua voz, sussurrando promessas sangrentas em seu ouvido.

Arin não conseguia se livrar da sensação de que se ele seguisse o seu próprio caminho, o encontraria.

Arin expirou com dificuldade, a sua respiração embaçando a janela. Ele odiava isso – odiava lutar contra uma força com a qual não se podia raciocinar, que se recusava a ceder qualquer terreno na mente de Arin. Daria qualquer coisa para alcançar o próprio peito e arrancar a podridão dela. Para fechar os olhos sem ver o rosto dela.

Crueldade incomum é a sua especialidade, ela dissera certa vez, com um tom acusatório e cheio de despeito. E talvez ela estivesse certa, mas de uma coisa Arin sabia: ele jamais teria feito isso com ela. Jamais a teria deixado caminhar em direção a esse precipício com uma mentira no pescoço. Jamais a teria visto se jogar voluntariamente da beirada.

Arin pegou um lenço e enxugou o hálito da janela. Era mais fácil para a floresta ficar de vigia.

Acendendo outra vela, Arin abriu o livro outra vez.

CAPÍTULO 3

SYLVIA



Risadas de crianças ecoavam na escuridão.

Argh. Mais pirralhos. A fortaleza já não tinha bocas suficientes para alimentar? Raya insistiu em acolher cada órfãozinho empoeirado e que cutucavam o nariz que Mahair expelia. Havia mais vacas do que pessoas nesta aldeia Omaliana; onde ela continuava encontrando essas crianças? Debaixo de um chapéu?

Uma voz interrompeu a conversa, suave e melodiosa. Sefa?

No vazio, o nome de Sefa brilhou como sílex deslizando sobre pedra.

Esta mulher não era Sefa. Não podia ser. Mandei Sefa embora.

Como mandei Sefa embora?

— Muitos, muitos anos atrás, viveu um bravo e honrado Awal. Seu nome era Rovial, e ele era o mais gentil de todos os Awaleen. Lembramos quantos Awaleen havia? — perguntou a voz que não era a de Sefa.

— Quatro!

— Cinco!

— Minna venceu! Os quatro Awaleen da nossa terra eram Dania, Rovial, Kapastra e Baira. Antes de existirmos, existiam eles. Kapastra tornou-se a mãe de Omal, conhecida por suas rochelyas aterrorizantes e a sua gloriosa magia climática. Baira era o farol da beleza e construiu Lukub à sua imagem. A batalha pulsava nos ossos de Dania, e ela cantava a sua canção sanguinária através de Orban. Mas Rovial era diferente de seus irmãos. Ele não estava procurando um lugar que pudesse moldar para espelhar o seu próprio espírito. Mais do que tudo,

Rovial queria que a terra falasse com ele em sua própria língua. Vagou por anos e anos, procurando por uma terra assim. Todos os seus irmãos acharam o seu plano ridículo, mas Rovial não desistiu. Alguns dizem que o coração de Rovial foi moldado pelas luzes que pairam no céu noturno, e iluminou um caminho que só ele podia ver.

Os meus dedos tremeram. *Ah.* Eu tinha dedos.

— Um dia, Rovial se cansou da viagem e encontrou uma árvore robusta para descansar durante a noite.

Uma tamareira. A forma surgiu na minha cabeça. Quase conseguia sentir a casca áspera arranhando as minhas palmas. De repente, não era uma voz estranha contando a história, mas a de Hanim.

Não. Hanim estava morta. Eu a matei duas vezes.

A tensão se formou entre as minhas omoplatas. A escuridão ondulava.

— Rovial dormiu profundamente. O melhor sono de toda a sua vida imortal. Quando acordou, um coelho estava perto de sua cabeça. Mastigava uma tâmara caída e o observava. Ele acariciou as suas orelhas e se maravilhou com a sua tranquilidade. O ar encheu o seu peito com nova vida. Ele comeu da árvore que o protegera durante a noite. "Esta terra é para mim, e eu sou para esta terra", disse ele. Mas o primeiro problema surgiu quando tentou encontrar água para engolir a sua tâmara. O rio cortava muito ao norte da terra, e a água do mar que varria a outra margem não podia ser engolida. Então Rovial caminhou até encontrar o ponto mais próximo onde o Hirun flui e o puxou para o sul, esticando o rio até que descesse até Janub Aya. Dessa forma, o povo de sua terra nunca precisaria viajar muito longe para conseguir água.

Água. Eu precisava de água. Minha boca estava com um gosto horrível. Procurei na escuridão uma saída, mas ela se manteve firme.

— Aquela terra, a terra de Rovial, é o nosso verdadeiro lar. Era pacífica antes de a queimarem até virar cinzas.

— Sobrou alguma coisa? — perguntou uma voz de criança.

— Nós somos o que sobrou de Jasad.

Eu sou o que restou.

Meus olhos se abriram de repente. Eu já estava me movendo antes que meu corpo se lembrasse como.

Caí agachada no chão. Um grupo de crianças sentadas em círculo gritou, levantando-se apressadamente e correndo em direção à porta. A jovem na frente congelou, me observando com os olhos arregalados. Peguei a faca na minha bota sem pensar. Sem bota. Eles tinham levado as minhas roupas. Minhas facas. Um vestido marrom simples cobria o meu corpo.

Com a atenção que não estava usando para avaliar o ambiente ao meu redor, examinei a estranha esguia. Ela não podia pesar mais do que minha perna esquerda. Cabelos negros caíam como uma cortina cacheada ao redor de seu rosto pálido e redondo. Olhos castanhos brilhantes me percorriam com fascínio excessivo e cautela insuficiente. Meus punhos seriam mais do que suficientes para tirá-la do meu caminho.

— Não acredito. Você acordou. Tínhamos tanto medo que não acordasse. Tiveram que enfiar mais de uma dúzia de flechas de sim siya em seu corpo antes que a sua magia parasse. Uma pessoa normal só precisa de uma. — Ela fez uma pausa. — A propósito, sou Omaima. Pode me chamar de Maia. Se quiser.

Ela tinha acabado de me dar o seu apelido na mesma frase em que descreveu que estava me tranquilizando como um animal selvagem?

— Onde estou? — perguntei com voz rouca.

Se possível, os olhos da garota ficaram ainda mais arregalados.

— Você não se lembra?

Dei um passo em sua direção e quase desabei. Maia recuou para a porta, tateando em busca da maçaneta. As minhas pernas tremiam.

Minhas mãos, meu queixo. Um estalo raspou os meus ouvidos, e o reconheci como sendo os meus dentes batendo uns nos outros.

Alcancei as minhas pernas e parei de repente.

Meus pulsos estavam nus. Não havia um único vestígio das algemas que usei durante quase toda a minha vida à mostra na minha pele.

O mundo se contraiu e balançou enquanto eu lutava para entender.

Lembro-me de me ajoelhar diante de Rawain para implorar pelas vidas de Sefa e Marek. As minhas algemas caíram aos meus pés quando me levantei, declarando o meu nome verdadeiro. O kitmer nascido da minha magia rugindo no centro do salão de baile da Cidadela e toda a ala do castelo se desintegrando ao nosso redor. A ferroada das flechas se dissolvendo na minha pele e os rostos estranhos me cercando enquanto o mundo se esvaía em escuridão. Teria tudo sido real?

— Malika Essiya.

Fiquei em posição de sentido quando uma mulher apareceu no lugar que Maia ocupara. A garota devia ter se aproveitado do meu estupor para buscá-la. O cabelo da recém-chegada estava preso em um coque severo, e uma série de cicatrizes brancas atravessava a pele marrom de seu pescoço. Uma adaga do comprimento do meu antebraço pendia do cinto em sua cintura. Os músculos de seus braços se destacavam quando ela os cruzava sobre o peito.

Meus punhos não seriam suficientes contra esta.

— Você é uma dos Urabi — disse eu em tom acusador, vasculhando o cômodo em busca de qualquer coisa que pudesse usar para me proteger. Se conseguisse trazê-la para perto, talvez pudesse arrancar a adaga dela.

— Eu sou. Meu nome é Namsa. É um prazer conhecê-la, Malika Essiya.

Eu me encolhi. Ela continuava me chamando assim, e os meus

nervos estavam à flor da pele para tolerar a importância adicional do título.

— Você me drogou e me sequestrou do Baile dos Vitoriosos.

— Nós vemos isso como drogada e resgatada.

— Ah, bom, se *você* vê dessa forma. — Cerrei os punhos. — Deixe-me ir.

— Receio que isso não seja possível. — Namsa não se preocupou em fingir arrependimento. Ela se manteve calma diante do meu temperamento descontrolado. — Sua segurança é a nossa maior prioridade.

As minhas narinas se dilataram. Ela, sem querer, pisou em uma das poucas ameaças que alguém poderia fazer para me tirar da sanidade. Da última vez que me senti presa, fugi para Essam e balancei o meu corpo ensanguentado sobre a margem rochosa de um rio. Da vez anterior, deixei um cadáver para trás.

— Saia da minha frente. — Meus músculos, doloridos pelo desuso, se contraíram em preparação.

Ela firmou os pés.

— Mawlati...

Eu a acertei, e o meu punho acertou em cheio a órbita do olho direito dela. Um gemido estranho escapou de sua boca antes que levantasse o braço para bloquear meu próximo golpe.

Ela se defendeu de cada golpe que tentei desferir, sem ceder um centímetro. Não consegui chegar perto o suficiente para alcançar a adaga, nem consegui contorná-la até a porta.

Demorei mais do que deveria para perceber que ela não tinha levantado a mão contra mim nenhuma vez.

— Reaja! — gritei. — Que jogo é esse?

Namsa limpou o sangue debaixo do nariz.

— Não temos o hábito de atacar os nossos líderes aqui, Mawlati.

— Pare de me chamar assim! — empurrei os seus ombros. Ela recuou, mas, mais uma vez, os seus braços permaneceram firmes apenas para se defender.

A postura resignada do seu maxilar, a expressão cansada da sua testa. Parei no meio do caminho, abrindo e fechando os nós dos meus dedos doloridos.

Ela não lutaria comigo. Não importava quão forte eu batesse ou por quanto tempo, ela não me revidaria.

Ao perceber isso, ouvi o fantasma da minha própria voz, provocante e inquisitiva.

— Você treina os novos recrutas?

Arin suspirou.

— Raramente. Eles têm muito medo de mim. Eles apenas obedecem.

— Não é a obediência o que um Comandante deve buscar?

— A obediência deve ser consciente, não instintiva.

Algo vasto e repugnante se abriu dentro de mim.

Arin.

Cambaleei para trás e me agarrei à beira de uma cômoda.

Minha mente se fechou, bloqueando a memória antes que ela pudesse gerar mais. Eu não conseguia pensar nele. Não conseguia me lembrar do jeito como ele me olhou antes de minhas algemas caírem; a profundidade da traição refletida nos olhos que, momentos antes, estavam fixos nos meus como se nunca fossem se convencer a desviar o olhar.

— Você está bem? — Namsa abaixou os braços, dando um passo cauteloso em minha direção.

Um erro.

Dei um soco na barriga dela e a empurrei para o lado com toda a força que pude. Sem esperar para ver onde cairia, corri em direção à porta.

Por mais bonitas que fossem as noções de honra e responsabilidade de Arin, elas eram somente dele.

As minhas regras eram mais simples: sobreviver, sobreviver e sobreviver. Sentir culpa pelos meios depois.

Alguém agarrou o meu cabelo e me puxou para trás assim que cruzei a porta, arrastando-me para dentro do cômodo pelos meus cachos.

Namsa me empurrou para o chão, soltando o meu cabelo com uma força absurda. Ela me encarou com uma careta, o nariz uma massa de sangue coagulado, dois fios escorrendo pelos lábios e pelo queixo.

— Já que estamos jogando sujo — disse, e começou a me chutar na barriga como se os meus órgãos tivessem lhe feito um desserviço. Ela fez isso sem alarde, sem sequer puxar a perna o suficiente para me avisar.

Uma dor irrompeu no meu corpo. Arfei, me encolhi e tossi violentamente.

— Acho que você rompeu alguma coisa — eu disse com a voz engasgada.

A tosse se transformou em engasgos feios. A preocupação abafou a cautela de Namsa, e ela se ajoelhou ao meu lado.

Pelo cabelo abençoado da Baira, não seria divertido se fosse tão fácil.

Afastei as pernas de Namsa e rolei, empurrando meu joelho contra o osso entre seus seios.

— Todos os Urabi são tão ingênuos assim, ou me mandaram a exceção? — rosnei.

Namsa lutou contra o meu joelho, mas me segurei firme. Mesmo enfraquecida por dias de sono, conseguia executar esse golpe sem problemas. Três guardas diferentes, encarregados de proteger o Herdeiro de Nizahl, me forçaram a aperfeiçoá-lo ou correr o risco de ser arremessada contra a parede.

A fachada de deferência desapareceu quando Namsa cuspiu:

— A única coisa simplória que qualquer um de nós fez foi confiar em você. Fazer isso matou meu tio e, por Rovial, será a morte de todos nós.

Levantei meu braço, planejando desferir um golpe que reorganizaria o interior do crânio desta Jasadi.

Espere.

— Seu tio?

— Claro que você não se lembraria dele. Ele era apenas mais um servo seu, não é? Ele passou a vida inteira lamentando a sua morte, e você *o matou*. — A raiva pareceu se transformar em um inferno dentro de Namsa. As feições de pedra queimaram, revelando uma dor profunda que me paralisou... e um rosto que, exceto por alguns ajustes, era inconfundivelmente inspirado no de outra pessoa.

Minha respiração falhou.

— Dawoud.

— Você não merece dizer o nome dele! — Namsa se contraiu. O choque havia me deixado sem forças, e não resisti quando ela me jogou para o lado. Minha cabeça bateu na cômoda, fazendo uma ula de barro tombar para o lado. Água espirrou nas minhas pernas.

Mal notei. Eu estava parada no meio de Dar al Mansi, caminhando entre os monstros e os ossos do meu povo. Al Anqa'a tinha as suas garras em minhas roupas, batendo as suas asas poderosas contra a barreira que eu havia erguido no céu. Lá embaixo, Dawoud sorria para mim com os olhos resignados. Ele ergueu a adaga. Virou-a em direção ao peito.

Do céu, eu gritei.

Namsa rolou para se levantar. Sangue manchava o seu lábio inferior rasgado. O início de um hematoma terrível surgiu ao redor de seu olho direito, arroxeando sua pele morena.

— Eu não o matei. — Minha voz saiu como um aguilhão da pata de um cachorro. Dolorosamente, arranhando a pele ao longo do caminho. —

Juro que não. Eu queria deixar Dar al Mansi com ele.

Meu olhar se voltou para as minhas mãos, como se, sob um exame mais atento, elas ficassem vermelhas, brilhando com o sangue do homem que me criou quando um pai morto não pôde. Quando um avô vivo me tratou com distância. Um homem que dedicou a sua vida e a lealdade a Jasad e a sua Herdeira.

Uma Herdeira que ele acreditava estar morta depois que ela passou anos escondida em uma vila Omaliana, deixando-o e o resto de Jasad para apodrecer em um poço de memórias indesejadas.

— Não minta para mim. Você entregou o corpo dele a um guarda de Nizahl. Você o chamou de troféu — disparou Namsa. — Ele passou anos em uma masmorra de Nizahl porque serviu à sua família. Serviu a *você*.

A frustração surgiu sob o peso que pressionava o meu peito. Dawoud estava fisicamente enfraquecido, mas Nizahl não lhe roubara o espírito. Namsa o descreveu como se fosse um bezerro recém-nascido, cambaleando na direção do bastão de seu dono.

— Ele escolheu servir à família real. Ele escolheu virar a adaga contra si mesmo em Dar al Mansi. Ele foi um dos homens mais corajosos que conheci. Dawoud foi muitas coisas em sua vida, mas nunca foi uma vítima desajeitada das circunstâncias.

Namsa ficou imóvel. Percebi o que havia revelado um segundo tarde demais.

— Como assim, ele virou a adaga contra si mesmo?

Cerrei os dentes, a tensão ricocheteando em meu maxilar. Será que Dawoud gostaria que a sobrinha soubesse a verdade?

A verdade... outra das belas noções de Arin. Para ele, a verdade era absoluta. Uma quantidade mensurável com começo e fim. Ele não aceitava nada menos que isso e oferecia o mesmo em troca.

Eu tinha pouca estima pela noção de verdade. Durante toda a

minha vida, a havia dobrado e quebrado de inúmeras maneiras. A verdade era pouco mais que argila, moldada e remodelada nas mãos por onde passava.

— Por favor — sussurrou Namsa. A Jasadi que eu havia jogado pelo cômodo escorregou para o chão. — Peço a sua honestidade. O que aconteceu com o meu tio?

Não posso, quase disse. *As minhas memórias não são confiáveis.*

Mas ela pediu minha honestidade, não a verdade.

— Eles queriam troféus das nossas mortes. — Esfreguei os braços. — Três troféus de três monstros.

Contei a ela tudo sobre o segundo teste do Alcalah. Dar al Mansi e Al Anqa'a, o quanto eu tentei convencer Dawoud a fugir enquanto ainda podia. Como ele ficou para lutar comigo, sabendo que isso o mataria.

— O Supremo Rawain o enviou para me testar. Ele suspeitou que eu pudesse ser Jasadi, mas eu não teria... juro por Sirauk, jamais teria machucado Dawoud.

Não mencionei como destruí o meu quarto no palácio Omaliano após o teste. Magia em chamas, lágrimas raras escorrendo do meu queixo. E, sem dúvida, não mencionei que a pessoa que me segurou enquanto eu chorava, que me trouxe de volta à razão, era o homem cujo o pai enviou Dawoud para a morte.

— Ah — foi tudo o que Namsa disse. Ela olhou fixamente para um ponto atrás do meu ombro. Aproveitei a oportunidade para estudá-la, buscando Dawoud em algo mais do que sua aparência. A valentia de Dawoud, a sua bravura. Essas não eram características que eu associava a alguém disposto a trabalhar para os Urabi. Estariam eles a forçando? Estariam ameaçando-a?

— Você pensou que eu matei o seu tio e ainda estava disposta a me servir.

Os olhos de Namsa se voltaram para os meus.

— Sem dúvida.

A tensão percorreu o meu pescoço. Eles sabiam que eu havia agido como a Campeã de Nizahl. Sabiam que eu estava ajudando o Herdeiro a atraí-los para a sua armadilha. O que eu poderia representar para eles superarem tamanha traição? Não podia ser apenas um nome real.

Dawoud morreu pela minha família... por mim. O mínimo que eu podia fazer era dar à sobrinha dele uma chance de se explicar antes de eu começar a lutar de novo.

Esfreguei o rosto.

— O que você quer de mim?

Namsa se levantou, enxugando as bochechas. Respingos de sangue manchavam a frente de sua túnica.

— Deixe-me mostrar.



Antes mesmo de darmos um passo em direção à porta, Namsa lançou um olhar de desaprovação para o meu robe de dormir esfarrapado e balançou a cabeça.

— Você precisa se trocar primeiro. Nossa costureira deixou as suas roupas no guarda-roupa. Ela tirou suas medidas enquanto você dormia.

Fiquei rígida.

— Foi ela quem me despiu?

Eram poucos os toques que eu tolerava, e menos ainda os que aceitava. Um estranho me tocando enquanto eu dormia, mesmo que fosse só para tirar as minhas medidas, arrepiava todos os pelos da minha nuca.

Namsa leu a intenção assassina em meu rosto e esclareceu depressa:

— Não do jeito que está pensando. Ela não precisa tocar em

ninguém para vestir ou tirar as medidas. Ela olhou para você por dois minutos e saiu.

Os meus músculos relaxaram. Mágica. Fazia tanto tempo que eu não convivia com outros Jasadis que havia esquecido como a vida funcionava de maneira diferente com o uso de nossos poderes.

Namsa saiu enquanto eu vasculhava as roupas. Peguei uma calça e franzi a testa. O tecido deslizou entre os meus dedos, muito mais macio do que esperava. Eles não deveriam estar guardando a sua magia para usos mais importantes?

Balançando a cabeça, vesti a calça e enfiei os braços nas mangas largas de uma abaya preta. Teta Palia sempre usava a dela folgada, mas prendi o cinto de tecido com firmeza sob as costelas.

Passando os dedos pelas bordas bordadas, pensei na capa surrada que havia deixado na Cidadela. A pobre coitada estava praticamente implorando para morrer há anos, mas era a primeira peça de roupa que eu havia comprado para mim em Mahair. A capa me acompanhou por cinco anos na vila e seis semanas de treinamento subterrâneo para o Alcalah. Por reinos, assassinatos e confissões agonizantes.

Eu nunca mais a usaria.

Eu nunca mais seria apenas Sylvia.

Engolindo o nó na garganta, voltei a minha atenção para um problema que eu poderia resolver. Meus cachos, por exemplo. Desfiz os nós maiores enquanto dividia meu cabelo em três partes e trançava os fios o mais apertado que podia.

Satisfeita, abaixei as mãos e fiz uma pausa.

Uma veia dourada corria do osso do meu pulso até a palma da minha mão.

Limpei a mão na perna e verifiquei outra vez. Ainda estava lá. O que diabos era *aquilo*? Uma cicatriz colorida das algemas?

Enrolei os dedos sobre a inexplicável veia dourada. Um profundo

pressentimento se instalou em meu estômago.

Eu tinha acesso irrestrito à minha magia.

Levou aproximadamente dois segundos para que a minha magia liberada causasse danos irreparáveis. Ainda me lembrava de como me sentia leve e livre com a magia fluindo através de mim, de como o caos que havia desencadeado parecia insignificante. A pedra arremessada em direção a Sefa e Marek, que na confusão escaparam das garras dos soldados de Nizahl que tentavam arrastá-los para a prisão.

Minha cabeça se voltou bruscamente para o espelho, refletindo os meus olhos arregalados.

Pelo machado sanguinário de Dania, para onde eu havia enviado Sefa e Marek?

A porta se abriu. Namsa examinou a minha roupa sem muito interesse.

— Vamos? Muitas pessoas estão ansiosas para conhecê-la. — Ela se virou antes que eu pudesse responder e caminhou na outra direção. Calcei as sandálias que ela havia deixado perto da porta e corri atrás dela.

Sefa e Marek estavam em Mahair. Tinham que estar. Para onde mais minha magia os teria enviado? Nunca tinha visto onde eles moravam em Nizahl – ou, no caso de Sefa, em Nizahl e Lukub –, o que significava que o único lar que a minha magia conhecia para eles era Omal.

Eles estavam bem. Tinham que estar bem, porque eu não conseguia pensar em nenhuma possibilidade em que não estivessem.

— Não entendo — eu disse, frustrada. — Por que estariam ansiosos para me conhecer? Deveriam estar ansiosos para me balançar sobre uma cova de leões famintos. Ansiosos para enfiar uma espada na minha barriga e me assar em uma fogueira. Ansiosos para...

— Ninguém está planejando te machucar, Mawlati. Precisamos de

você.

— Para o que?

Ela suspirou e fechou os lábios em uma linha indiferente.

Ela não era muito comunicativa, não é? Anotei para encurralar a mulherzinha de antes. Ela tinha a cara de quem me diria o que eu quisesse saber sem fazer alarde.

O corredor se estreitava à medida que andávamos, até que Namsa teve que andar um pouco atrás de mim para conseguir passar. O topo da minha cabeça roçou no teto, fazendo com que pedrinhas caíssem no meu cabelo. Eu me esforçava para identificar qualquer coisa que pudesse encontrar: um cheiro, um som, até mesmo a cor da terra. Mas o odor que fazia cócegas no meu nariz não era algo que eu reconhecesse. Não o mofo ou bolor encontrado perto do rio, mas algo mais doce. Menos pungente.

Minha cabeça lançou outra chuva de pedrinhas do teto de pedra macia. Namsa olhou para cima com a testa franzida.

— Desculpe. Você é mais alta que a maioria.

Dei de ombros. Minha altura me servia muito bem para reclamar dos inconvenientes.

— Estamos no subsolo?

— Não exatamente.

Pressionei a língua contra a ponta do meu dente mais afiado, resistindo à vontade de estrangular a mulher. Ao contrário do meu corpo, minha paciência era notoriamente curta.

Felizmente para sua saúde, ela continuou falando.

— A Serpente Prateada não sabe a verdade. Não somos assassinos e só sequestramos aqueles que não nos dão outra alternativa. Por mais que desejássemos que fosse diferente, nem sempre é possível obter a obediência daqueles que se sentem confortáveis em seu sigilo ou que acreditam que nossa causa está condenada. Nós os trazemos de volta para cá. Eles conhecem os outros e aprendem sobre nossos planos. Eles

veem que Jasad não se foi. Seu espírito ainda luta, e nós também devemos lutar. Quando eles entendem, nós os mandamos de volta. Há alguns que preferem ficar aqui, e esses são os indivíduos marcados pelos soldados de Nizahl. O resto se reintegra silenciosamente, trabalhando para nós de dentro.

— Eles não podem retornar. — Eu me virei, bloqueando p seu caminho. — Depois que você os leva, eles se tornam alvos. Ar... o Herdeiro de Nizahl caça você e os Mufsids através das pessoas que levam. — Ele me recrutou como a sua Campeã com o propósito expresso de atrair os grupos para perto.

— Não os mandamos de volta para o mesmo lugar. Estão espalhados por cortes e reinos.

— Então os tira de suas casas e os força a espionar para você?

— *Jasad* é o lar deles — disse Namsa, com a raiva enfim transparecendo em sua voz. — Assim como é a sua. Eles ficarão felizes em servi-la.

A implicação não poderia ser mais clara: *eles ficam felizes em servir. Por que você não?*

A muralha de suspeitos espiões Nizhalanos da Sultana Vaida passou pela minha cabeça. Achava que ninguém poderia rivalizar com Arin em paranoia até conhecê-la. Se ela soubesse que os Urabi estavam tirando o nosso povo de Lukub e trazendo-os de volta como espiões, ela nunca mais dormiria.

Namsa se moveu ao meu redor, contornando a curva com um passo irritado. Para alguém que me trouxe aqui como prisioneira, ela, sem dúvidas, era hipócrita.

O corredor terminou, abrindo-se para um espaço cavernoso vibrando com centenas de vozes.

Parei de andar. Um pânico desconhecido tomou conta de mim, me pegando de surpresa.

Quantas pessoas estavam ali? Namsa disse?

Apoiei o ombro na parede. Eu já tinha sido perseguida por cães mutantes sem sentir tanto pânico, e muito menos tão rápido.

Deslizei a mão sobre o coração, contando as batidas.

Um, dois. Estou viva.

Três, quatro. Estou segura.

Cinco, seis. Não vou deixar que me peguem.

Nada aconteceu. Meu coração continuou a bater de maneira descontrolada sob a palma da minha mão, indiferente ao mantra que recitei para mim mesma durante anos.

E por que não? Não era mais verdade. Eu estava viva, mas não estava segura. Estava viva, mas eu – Essiya – finalmente tinha sido capturada.

— Mawlati? — Namsa reapareceu na minha frente. Tirei a mão do coração e fixei o olhar na pequena marca em sua sobrancelha direita, cujo arco estava claramente acentuado por uma linha feita por uma especialista.

Eu precisava de uma nova maneira de me acalmar, e rápido.

— Se parar de me chamar assim — eu disse —, então vou com você.

Namsa pensou.

— Venha, Essiya.

Meu estômago revirou de maneira desagradável, e quase desisti. *Essiya* veio com as suas próprias adagas.

Saí arrastando os pés atrás de Namsa, estremecendo quando uma luz forte substituiu a penumbra do salão. Levantei a mão para proteger os olhos e imediatamente recuei.

A cacofonia de vozes diminuiu quando centenas de pessoas se viraram para a nossa entrada.

Mais Jasadis me encaravam do que eu já tinha visto em uma sala desde que era criança. O que... havia *crianças* aqui. Não apenas as poucas

do meu quarto, mas dezenas delas, crianças pequenas, bebês e adolescentes mal-humorados. Gerações de Jasadis. Gerações de magia.

Namsa gesticulou para o espaço cavernoso ao nosso redor. Muros de pedra de alabastro erguiam-se em um pico alto, e o padrão irregular da face pálida da rocha me lembrava pão fresco. Cobertores cobriam o chão, e almofadas coloridas costuradas à mão estavam espalhadas ao redor de mesas baixas de madeira.

— Bem-vinda a Gibal.

Maia acenou timidamente de trás de um balcão de pedra improvisado.

— Ainda não sabemos ao certo se ela é a Herdeira. — Uma garota mais ou menos da minha idade se aproximou de nós acompanhada de um homem mais velho. — Só porque uma Mufsid louca tentou matá-la? Não prova nada.

Os Mufsids me caçaram junto com os Urabi, mas a Mufsid a quem a garota se referia só podia ser Soraya. Minha antiga criada que matou a minha mãe e conspirou com o resto dos Mufsids para derrubar Usr Jasad. Que odiava a minha família o suficiente para desertar dos Mufsids e me envenenar durante o terceiro julgamento, em uma tentativa desesperada de me matar antes que os Mufsids ou os Urabi pudessem me colocar no trono de Jasad.

— Chega, Kawsar. Estou cansado dessa conversa. A Mufsid que tentou matá-la conhecia a família dela... ela trabalhava no palácio. Soraya serviu à família real e ajudou a orquestrar a Cúpula Sanguinária. Além disso, Essiya não é a Herdeira. — O homem mais velho, de voz grave, parou a poucos centímetros de distância, me encarando com olhos castanhos gentis. — Ela é a Malika.

Uma onda percorreu a sala. A intriga nos olhos deles, a esperança hesitante... me atingiu com mais força do que qualquer raiva.

Eu não consigo fazer isso. Não consigo fazer isso.

— Malika Essiya — afirmou Namsa. Ela lançou um olhar de desculpas quando fiz uma careta.

O homem levou a mão ao peito magro.

— Meu nome é Lateef, Mawlati. Somos muito gratos por tê-la aqui.

Lateef ajoelhou-se. Minha mão foi até uma adaga que não estava lá, mas ele não puxou os meus pés nem me atingiu nos tendões. Ele apenas se ajoelhou.

Um por um, os outros se juntaram a ele no chão. Eu me retraí diante do mar de cabeças baixas, com o estômago embrulhado. Depois de um minuto, Kawsar bufou e se juntou aos outros.

Cada osso do meu corpo gritava para eu correr. Abrir um buraco na encosta desta montanha e rastejar para a liberdade através dos escombros. Eu não merecia reverência. Não era uma líder de reinos. Eu mal era uma líder de *mim mesma*.

Namsa ajoelhou-se por último. Meu peito se contraiu e me esforcei para respirar. Pelo túmulo contaminado de Rovial, eu estava prestes a vomitar em todas as suas cabeças curvadas.

— Bem-vinda ao lar, Malika Essiya — disse Namsa.

Eu não estava em casa. Não conhecia essas pessoas, e elas não me conheciam.

Meu coração batia cada vez mais rápido, desviando o trajeto de cada gota de sangue do meu corpo para manter sua velocidade. Minhas vias respiratórias se contraíram, forçando-me a respirar em pequenas inspirações. O calor se acumulou na parte de trás do meu pescoço, o sinal de alerta mais condenatório.

Eu não conseguia respirar. Eu não conseguia respirar, e eles não me deixavam ir, e me olhavam como se eu fosse a resposta para seus problemas, como se o destino finalmente lhes tivesse feito um favor.

Meus avós traíram os Urabi. Eu tinha poucas dúvidas de que a maioria das pessoas à minha frente eram fazendeiros e comerciantes das

wilayahs do sul, Jasadis cuja magia havia sido secretamente explorada por décadas para satisfazer a ganância das wilayahs do norte. Os Mufsids haviam colhido a recompensa pelas atrocidades dos meus avós: *seu* desejo de me restaurar ao trono, eu entendia. Não conseguia entender por que os Urabi queriam colocar uma coroa em minhas mãos.

Não precisei da voz de Hanim para me lembrar do fracasso colossal que eu representava para aquelas pessoas. Do fracasso que havia causado em mim mesma.

A ideia de provar que Hanim estava certa me fez refletir. A exilada e desgraçada Qayida de Jasad tentara moldar uma guerreira, uma mulher digna de lutar por um trono. Por cinco anos, suportei as suas expectativas. Seus castigos quando eu não atingia as expectativas. Matá-la me libertou de sua presença física, mas carreguei a podridão de sua voz, sua influência insidiosa, por anos.

Apertei a mão sobre o coração. O suor umedecia o tecido que eu segurava na palma da mão.

Malika Essiya.

Eu não era uma líder nata. Teria que lutar contra os meus instintos a cada passo do caminho. Eu falharia repetidas vezes, e o custo do meu fracasso não seriam mais cicatrizes nas minhas costas. O custo do meu fracasso seriam as vidas ajoelhadas diante de mim. As vidas esperando em outros reinos, com sua magia oculta e seu destino desconhecido.

Eu tinha compreendido a consequência da minha decisão na noite do Baile dos Vitoriosos.

Quando dei a Rawain o meu verdadeiro nome, escolhi Jasad. Escolhi dar tudo o que eu podia, não importava quão imperfeita fosse a oferta ou quão trêmulas fossem as mãos que a seguravam.

Não havia mais para onde correr. Ou Jasad se ergueria vitoriosa, ou todos nós queimaríamos com ele.

— Obrigada. — Embora eu mal conseguisse falar, um murmúrio

ecoou pela câmara enorme. — Obrigada por me deixar voltar para casa.

CAPÍTULO 4



SYLVIA

Assim que colocou um prato de comida em minhas mãos, Namsa me abandonou no refeitório.

Observei-a partir, resistindo à vontade de segui-la como uma criança perdida. Quão ruim seria se eu levasse a minha refeição para o quarto?

Arrisquei olhar ao redor das mesas, com os ombros erguidos até as orelhas.

Pelo túmulo contaminado de Rovial, e se alguém quisesse conversar?

A saudade de Marek e Sefa enfraqueceu os meus joelhos. Por cinco anos, eles foram o meu ponto de apoio. Eles me ofereceram um espaço onde podia descansar os ossos e respirar, e levei muito tempo para perceber o quão raro era apenas *existir*.

Eu ainda mal conseguia compreender a rapidez com que tudo havia mudado. Parecia que tinham se passado minutos desde que dancei no Baile dos Vitoriosos, não seis dias.

Maia apareceu ao meu lado. Ela havia prendido o seu cabelo formidavelmente longo em um rabo de cavalo.

— Mawlati, você gostaria de se juntar a mim lá fora para terminarmos o jantar? — Ela segurava um prato grande, pulando de um pé para o outro. Ao meu olhar desconfiado, ela inclinou a cabeça na direção dos observadores. — Onde talvez possamos desfrutar de um pouco de solidão?

— Sim — respondi, rápido demais. Segui-a por uma porta estreita

escavada no lado direito do refeitório. Assim que nos abaixamos, uma onda de barulho nos atingiu.

Bufei. Pelo menos eles esperaram até eu ir embora antes de espalhar a fofoca.

Acompanhei o ritmo de Maia com facilidade, observando a pedra irregular sob os nossos pés.

— Como vamos lá fora? Pensei que estivéssemos dentro de uma montanha.

— Estamos. Há passagens aqui que dão para a Floresta Essam. Mas também temos uma área ao ar livre para treinamentos e celebrações atrás da montanha.

A montanha tinha passagens para a Floresta Essam. A tentação voltou, um aríete aos meus pés, incitando-os a deixar aquele lugar e encontrar Sefa e Marek. Resisti aos golpes, estremecendo, até que se dissipassem. Não seria a última vez que a vontade de escapar me dominaria, mas não tinha intenção de ceder a ela, a menos que os Urabi não me deixassem escolha.

Mesmo assim, anotei a informação. Maia não deveria tê-la compartilhado comigo.

Dobramos a esquina e o chão ficou ainda mais irregular.

— Alguém do outro lado não poderia nos ver?

A passagem terminava em uma porta de ferro maciço, quase invisível na penumbra. A familiaridade do seu design me pegou de surpresa. Eu já tinha visto o mesmo padrão trançado nas portas do complexo subterrâneo onde treinei para o Alcalah.

Maia pressionou a mão no metal e murmurou baixinho. Um brilho prateado e dourado iluminou o contorno da porta, idêntico às cores que rodopiavam nos olhos de Maia.

Observei-a por mais tempo do que deveria. Levaria um tempo até que a visão da magia parasse de me incutir terror. Eu não havia

encontrado Jasadis conscientemente enquanto vivia em Mahair; a última pessoa que usara magia abertamente perto de mim fora um Mufsid. Até minha própria magia fora escondida de mim, suprimida pelas minhas algemas. Aprender a extraí-la fora uma batalha. Os Urabi exerciam sua magia com casualidade, com tanta precaução quanto provavelmente dedicavam à respiração, e não pude deixar de sentir um pouco de inveja.

Maia chutou a porta, fazendo-a ranger e abrir.

— Depois de você, Mawlati.

Via de regra, eu preferia não ser a primeira a passar por uma entrada desconhecida. Felizmente para a Maia, seus pulos estavam me dando dor de cabeça. Qualquer ameaça do outro lado da porta não poderia ser mais frustrante do que vê-la rolar dos calcanhares aos dedos dos pés repetidas vezes.

O cheiro me atingiu assim que saí. Sal e chuva fresca.

O vento fustigava as minhas bochechas. Aconcheguei meu prato contra o peito, protegendo-o com o braço. Céus infinitos se moviam em cores mutáveis acima de nós. Nuvens pesadas pairavam perto o suficiente para se tocarem, rodopiando como o hálito quente exalado em um dia de inverno. Listras vermelhas e laranjas queimavam o horizonte, cintilando na superfície ondulada do...

Não. Não pode ser.

Pedrinhas rolaram sob os meus pés enquanto eu cambaleava para frente, e meu suspiro constrangedor foi roubado da minha boca pelo vento.

— Cuidado, Mawlati — murmurou Maia, mas eu a ignorei.

A brisa passou dedos gelados pelos meus cabelos, afastando-os do meu pescoço. Meus pés me levaram até a beira do penhasco, determinada a confirmar o que minha mente se recusava a acreditar.

Do outro lado, rugia o mar de cem nomes; o mar que poucos ousaram cruzar as montanhas para explorar e menos ainda sobreviveram

à jornada.

Eu não conseguia acreditar. Fazia um século que ninguém via o mar além das montanhas. Mesmo quando cada reino tinha a sua magia, era amplamente considerado um ato de loucura empreender a jornada até o Mar Suhna. Por que se dar ao trabalho, se era possível acessá-lo por qualquer uma das wilayahs no sul de Jasad? As wilayahs mais baixas geravam metade de sua renda com esses visitantes. Pagar uma taxa para passar pela fortaleza de Jasad e visitar o mar, ou potencialmente atravessar as montanhas e pagar com a vida.

O azul se estendia até onde a vista alcançava. Ondas salpicadas pelo laranja do pôr do sol batiam contra a encosta da montanha, espalhando espuma a dezenas de metros de altura. Uma força ancestral colidindo contra um elemento ancestral em um ritmo tão antigo quanto o próprio tempo.

— Ninguém pode nos ver aqui, exceto o céu e o mar — disse Maia. Eu me sobressaltei, quase derrubando meu prato no penhasco. Que tipo de sapato essa garota tinha, que se movia sem fazer um único som?

Alheia, Maia continuou:

— Gosto de vir aqui à noite. Namsa acha perigoso, mas as estrelas estão sempre brilhantes o suficiente para ver a borda. Praticamos a magia das crianças ali. Parece um buraco, mas o espaço escuro é um cânion plano entre a nossa montanha e a próxima.

Eu mal a ouvi. Meus dedos estavam frios e dormentes em volta do prato.

Eu estava nas montanhas. A quilômetros e quilômetros de distância de tudo e de todos que conhecia.

Senti gosto de sal nos lábios e soube que não era água do mar.

— Estarei lá dentro se precisar de mim. — A voz de Maia suavizou. Sem esperar por reconhecimento, ela recuou com os seus pés fantasmagóricos.

A porta se fechou atrás dela, e eu soltei um suspiro entrecortado. As ondas batiam ruidosamente lá embaixo, o reflexo da lua crescente era o único ponto de iluminação que restava no mar escuro.

Sentei-me, estremecendo com a pedra úmida cravando-se na minha pele. Apesar de todo o peso que se acumulava no meu peito, minha cabeça parecia lúcida pela primeira vez em anos. Límpida e estranhamente silenciosa. Antes do Baile dos Vitoriosos, mesmo quando a voz de Hanim se calava, sempre soube que ela estava lá. Espreitando, aguardando a hora certa. Mas eu não conseguia mais senti-la... aquela pulsação de sua desaprovação e ódio vincando cada pensamento meu.

Eu enfim estava sozinha. Completamente sozinha, como eu sempre quis.

Com o mar como minha única testemunha, aliviei o peso das memórias que ecoavam no fundo da minha mente.

Seis dias atrás, Arin descobriu a minha verdadeira identidade. O horror estampado em seu rosto... eu jamais esqueceria a expressão dele quando viu as minhas algemas e ouviu Rawain me chamar de Essiya. De uma só vez, centenas de mentiras minhas implodiram entre nós.

Ele cobriu o rosto antes que a minha magia se rompesse, o colar de figo balançando em seu pescoço, o único ponto de cor brilhante no traje rígido e formal do Comandante. Presenteá-lo, observá-lo sorrir enquanto o colocava em volta do pescoço, havia curado uma das muitas fraturas naquele objeto esfarrapado que se disfarçava de meu coração. Saber que ele veria aquilo como apenas mais uma mentira...

Uma das minhas sandálias caiu do meu pé, desaparecendo nas ondas ondulantes abaixo de mim.

Ele sempre foi o meu inimigo. Quando virou o cavalo em Lukub para me curar depois que Soraya enfiou a adaga no meu peito. Quando embalou meu rosto manchado de lágrimas e me disse para fugir. Quando bei...

Já chega.

Obriguei-me a pensar nas muitas razões válidas para os Urabi desprezarem Arin. Ele não tinha amigos nem confidentes. Manejava as pessoas como linhas em seus mapas. Deslocando-as com sutileza, de maneira estratégica, sem lhes dar a chance de sentir o chão se movendo sob os seus pés. O charme de seu pai era natural; o de Arin, cultivado de maneira cuidadosa. A lógica guiava a sua vida, deixando a emoção à margem. Mesmo para o seu próprio povo, ele era um enigma. Um enigma perigoso. O Supremo Rawain podia destruir reinos, mas Arin podia destruir mundos.

Enquanto a magia era a sua inimiga, eu também era.

A água formava uma névoa na costa enquanto uma onda batia na montanha.

Quão insuportavelmente patético é que a pessoa em cujo conselho eu mais confiava, cujo conselho tanto desejava naquele momento, fosse a mesma que estava se preparando para me matar.

Uma lágrima escorreu do canto do meu olho sem pestanejar. Deixei-a rolar até o queixo antes de a enxugar com o polegar. Levantei a mão para tapar a lua e observei a gota.

A primeira e última lágrima que planejava derramar por Arin de Nizahl.



Depois de me recompor e devorar a comida fria e salpicada de água do mar no meu prato, voltei para dentro para encontrar Namsa. A maior parte do refeitório estava vazia, e tentei sorrir para os indivíduos restantes que me encaravam de forma aberta enquanto eu passava. Que reviravolta do destino, que alguém que me encarava fosse recebido com

um sorriso quando, quatro meses atrás, teria sido recebido com o golpe da minha lâmina.

Não encontrei a sobrinha rabugenta de Dawoud no refeitório. Voltei para o corredor, minha irritação crescendo depressa até se transformar em raiva. Depois de seu grande discurso e do drama no refeitório, achei que haveria mais coisas planejadas para a noite. Graças às flechas sim siya deles, eu dormi o suficiente para o resto do ano.

Passei a mão pelas depressões e saliências do muro de pedra enquanto caminhava, tentando memorizar o meu caminho. Na metade do corredor, a textura ficou esponjosa e os meus dedos desapareceram na parede com um som de sucção.

Recuei, puxando a mão da parede. Apertei os dedos contra o peito, boquiaberta.

Do que eram feitos esses salões? Aliás, do que era feito *tudo* isso? Os Urabi devem ter levado anos para esculpir o interior dessas montanhas em um santuário sem serem descobertos.

Não é de se espantar que Arin não os tenha encontrado em nenhum dos reinos ou em Essam. Os Urabi escolheram se esconder no único lugar que a profusão de mapas de Arin não conseguia seguir.

Palpei com cautela vários pontos da parede, massageando a fendas em busca de algum segredo oculto. Pensei em tentar usar a minha magia, mas descartei a ideia imediatamente. Sem as minhas algemas, não tinha ideia de quão longe a minha magia poderia ir ou quanto controle eu poderia exercer sobre ela.

Uma teia de aranha prendeu-se no meu polegar quando me agachei, com a palma da mão apoiada na parede esburacada. Torci o nariz e tentei puxar a mão para trás.

Meu ombro bateu na parede. Arquejei, me afastando, apenas para descobrir que a teia me puxava. O fio havia se enrolado no meu polegar e o prendia com força.

Ah, de *jeito* nenhum.

Apoiei o pé na parede e puxei. A teia se esticou, os fios se tornando translúcidos, mas se recusou a se romper. Coloquei o outro pé na parede, puxando com o peso de todo o meu corpo.

Uma mão surgiu à minha esquerda e acariciou a teia. Em um piscar de olhos, soltou o meu polegar e me jogou de costas no chão.

Pensei em ficar no chão. Talvez, se esperasse o suficiente, o chão também tentasse me engolir por inteira.

Uma sombra caiu sobre mim, e eu me apoiei nos cotovelos, com o rosto vermelho pelo esforço e uma dose considerável de mortificação. Nesse ritmo, estariam me chamando de Herdeira Insensata antes do fim do dia.

Levantei a cabeça para agradecer em voz baixa ao meu salvador e imediatamente fechei a boca novamente.

Um homem me encarava com raiva. Eu já o tinha visto – e aquele olhar rancoroso – antes. Mas onde?

— Você não se lembra de mim, lembra? — Ele passou as costas da mão no nariz como se o meu cheiro pudesse manchá-lo. — Gostaria de poder dizer que estou surpreso. Imagino que você traia os seus com tanta frequência que não consegue se lembrar dos rostos individualmente.

Aquilo me atingiu como um raio. O homem da Passagem Meridiana. Os Urabi estavam atirando flechas no desfiladeiro, sem saber que Arin os havia conduzido habilmente a uma armadilha mortal. Eu havia alargado o desfiladeiro da Passagem para dispersar os soldados de Nizahl e dar tempo aos Urabi para escapar, mas lembrei-me do choque e da traição nos olhos desse homem quando disse que não iria embora com eles.

Você concordou em ajudar a Serpente Prateada a nos atrair para a morte?

— Erfa — eu disse. Ele me observou tropeçar no comprimento da minha abaya enquanto me levantava, sua expressão severa desafiando os

limites da física facial para se aprofundar ainda mais. Apesar dos esforços valentes do pior barbeiro vivo, o corte desleixado dos grossos cachos castanhos do homem pouco ofuscava a sua beleza natural. Seus olhos eram de um verde musgo e transbordavam de desdém. Ele era mais forte do que eu preferiria para um homem que me desprezava, e a única vitória estava em nossas alturas equivalentes.

— *Erfa* significa canela. Meu nome é Efra.

Meu sorriso se ampliou, mostrando muitos dentes. Emoldurados por cílios injustamente longos ou não, seus olhos sangrariam sob uma faca como os de qualquer outra pessoa.

— Engano meu. A doçura da sua disposição deve ter me confundido.

Chutando o local onde eu estava presa, perguntei:

— As teias de aranha em Gibal entendem a diferença entre humanos e moscas?

— Os invasores ficarão presos até que alguém os apreenda ou a teia sinta uma assinatura autorizada. Ela não reconhece a magia de estranhos.

— A última palavra transbordou desprezo suficiente para envergonhar até um pirralho como Felix.

Seus esforços para me irritar eram adoráveis. Eu morava em um complexo de treinamento subterrâneo apertado com quatro guardas Nizahlanos que se divertiam encontrando novas maneiras de testar minha disposição para cometer assassinato antes do café da manhã. Se o Canela quisesse abrir um buraco no meu crânio, eu, com certeza, não o impediria, mas ele teria que se esforçar muito mais para provocar uma reação.

— Onde está Namsa?

Ele cruzou os braços sobre o peito.

— No Aada.

Franzi os lábios. Talvez ele não precisasse se esforçar tanto. *Aada*

significava assento em Resar, então, a menos que Namsa tivesse uma cadeira designada que eu devesse conhecer, a resposta era tão inútil quanto ele.

— Onde. Está. Namsa.

— Se ela quisesse que você soubesse, teria contado — disse ele. — Encontre outra pessoa para se esconder atrás.

Com essa última frase de despedida, Efra passou por mim, seu ombro batendo no meu e me balançando nos calcanhares.

Provavelmente deveria me incomodar mais o fato de ter conseguido fazer um inimigo poucas horas depois de recuperar a consciência, mas eu entendia a antipatia de Efra mais do que entendia a reverência nos olhares de alguns dos Jasadis. Eu prosperava sob o ódio, fosse ele meu ou de outra pessoa. Ele deslizava sobre meus ombros como um casaco feito sob medida, enquanto a devoção me servia como sapatos para uma cobra.

Apontei para a teia.

— Da próxima vez, vou trazer uma lâmina.

CAPÍTULO 5



SYLVIA

Três dias se passaram sem que eu conseguisse dormir no Gibal, e hoje à noite não me preocupei em procurar.

Como a maioria dos Jasadis, os Urabi pareciam ser principalmente noturnos, o que significava que eu não poderia andar pelo interior da montanha sem encontrar alguém a cada corredor. A última vez que morei sob o mesmo teto que tantas pessoas foi em Usr Jasad, e eu tinha o benefício de ter a minha própria ala. Ali, cada olhar e sussurro furtivos me incomodavam, me deixando nervosa e cada vez mais tensa.

Então, tomando as atitudes perfeitamente racionais para uma mulher que perdeu duas noites de sono, voltei sorrateiramente para o penhasco escuro como breu para explorar o lado de fora da montanha.

A montanha rapidamente manifestou a sua opinião sobre a minha presença. Nos últimos vinte minutos, eu havia engolido um inseto e caído de cara na superfície congelada de um lago. O gelo não havia se quebrado, felizmente, deixando-me apenas com uma maçã do rosto machucada e me salvando de me afogar nas circunstâncias mais idiotas imagináveis.

Apesar dos esforços apaixonados da montanha para me repelir, parecia que eu tinha desenvolvido um apetite por experiências de quase morte, porque dei uma olhada na beira do penhasco e decidi que uma maçã do rosto machucada era apenas a sopa de entrada no meu jantar para tolos.

Xingando baixinho, apertei com mais força as rochas que escorregavam sob a carne congelada anteriormente conhecida como

meus dedos. As luvas que tive a presença de espírito de usar antes de sair do meu quarto já me salvaram três vezes. Passei minha bota pelas rochas, tateando em busca de um lugar sólido para pousar enquanto balançava no ar.

O lago não me presenteou apenas com um hematoma gigante e latejante. Ele soltou uma história que Soraya me lia em noites tão escuras e nubladas como esta. Um conto de aventuras e jornadas perigosas, de cachoeiras ricas em magia do outro lado das montanhas que desaguavam no Mar Suhna.

Cachoeiras que fluíam do Rio Hirun.

As cachoeiras são as montanhas chorando pelos Awaleen, dizia Soraya. *Ao longo de Orban, Nizahl e Jasad, eles derramam as suas lágrimas no Mar Suhna para lamentar a magia que deixou esta terra.*

Desci mais, cravando as pontas das botas na encosta em ruínas da montanha em vez de um ponto de apoio estável. Considerando que Soraya havia envenenado a minha mãe durante anos na Torre Bakir, ajudado os Mufsids a saquear Usr Jasad e acidentalmente derrubado a fortaleza de Jasad, eu não estava inclinada a dar muito peso a uma única palavra vinda de sua boca enganosa. Sem mencionar o absurdo de acreditar que o Rio Hirun corria sob Orban; sob as Planícies do Deserto.

Mas Soraya falara sobre as cachoeiras com uma emoção tão genuína. A saudade na voz dela... não custava nada conferir, né?

Dei uma risada abafada, pressionando a testa contra a parte interna do braço para recuperar o fôlego. Mesmo agora, sozinha em meus pensamentos, não conseguia resistir a me esconder da verdade.

Cachoeiras pareciam maravilhosas, mas eu não estava me agarrando a uma encosta de montanha banhada pelo mar na calada da noite porque ansiava por uma vista bonita. A outra parte da história de Soraya me trouxe até aqui. Especificamente, a parte sobre aventureiros que atravessam as montanhas sorrateiramente até o Mar Suhna

navegando por Hirun, que desaguava nas cachoeiras e se transformava nas lágrimas que as montanhas derramavam.

E se alguém pudesse encontrar o caminho para as montanhas através de Hirun, talvez pudesse encontrar a saída.

Eu *não* planejava fugir. Não só porque não tinha para onde ir, mas porque tinha feito uma promessa.

Ainda assim... o tempo era inimigo da intenção, e não faria mal saber quais eram minhas opções.

Seria muito mais fácil se as nuvens apenas se *abrissem* e deixassem o luar passar. Eu sempre fui uma boa escaladora – as árvores nos pátios de Usr Jasad me viam pendurada em seus galhos mais do que qualquer folha. Um pouquinho de luz mudaria tudo.

Aos poucos, desci a encosta do penhasco, a lembrança da Floresta de Ayume próxima demais para me confortar. Mas as minhas mãos não estavam em carne viva nem sangrando por causa da seiva envenenada, e as pedras eram menos dolorosas do que a corda que eu usara para sair da floresta e pular o penhasco.

Cerrei os dentes. A escalada em Ayume não tinha causado estragos apenas no meu corpo. Minha magia estava martelando contra as minhas algemas, lutando para se libertar, e conseguiu conjurar uma versão infantil de mim mesma para me provocar e me repreender.

Acho que mesmo que sua magia estivesse livre e você tivesse todas as vantagens para recuperar nosso reino, você ainda assim não salvaria Jasad.

Flexionei os meus dedos, segurando firme enquanto a minha bota encontrava a parte plana de uma pedra saliente.

Poder é uma escolha. Quando se escolhe por quem está disposto a lutar, você escolhe quem você é.

Absurdamente, só a lembrança daquela Essiyazinha sarcástica despertou a minha indignação. Eu *havia* escolhido. No coração de Nizahl, havia declarado o meu verdadeiro nome a todos os membros da realeza

da terra e exposto a minha magia. Sabia que escolher apenas uma vez não seria suficiente; uma vez não compensaria as milhares de vezes em que não havia escolhido Jasad. Mas isso significava que só poderia escolher lutar por Jasad pelo resto da minha vida? Significava que nunca mais poderia me escolher?

Meus ouvidos captaram um som mais doce que qualquer harmonia, um pouco mais alto que a cacofonia na minha cabeça.

Água corrente.

As montanhas curvavam-se ao longo do mar, o céu noturno cobria a sua silhueta como um manto de veludo. Se não fosse pelo rugido surdo das ondas quebrando na encosta da montanha, a escuridão abaixo de mim poderia ter sido a porta de entrada para outro mundo, esperando para me pegar enquanto caía do penhasco em direção a um reino completamente diferente.

Engolindo em seco, forcei-me a me concentrar na escalada sem contemplar a vastidão impossível daquelas montanhas. A estranha sensação de estar perturbando algo sagrado – algo que era melhor não ver.

Gotas de água grudavam nos meus cílios, frias contra os meus lábios. Eu estava chegando perto.

Pensei em soltar uma das mãos para enxugar a umidade dos olhos, mas pensei melhor. As pedras estavam escorregadias demais para arriscar deixar um centímetro sequer de ar entre mim e a superfície.

Além disso, eu não queria ver a veia na minha palma outra vez.

Pensei em perguntar a Namsa sobre isso antes que ela fosse para o "Aada", mas pensei melhor.

O mais provável é que a veia fosse apenas um resquício das algemas. Nada que valesse a pena chamar a atenção, e, sem dúvida, não valia a pena alarmar Namsa. Ela poderia considerar isso um mau presságio para a minha magia recém-libertada, e eu não saberia como

provar que estava errada. Conhecia as minhas algemas tão bem quanto o meu braço direito, mas e a minha magia?

Prendi a respiração enquanto me arrastava de pedra em pedra, indo na direção da água corrente.

Hanim tentou extrair a minha magia e falhou, graças às algemas.

Arin havia extraído a minha magia apenas em quantidades limitadas, graças às algemas.

Minhas algemas me protegeram do pior que eu poderia fazer, e sem elas...

Nas mãos erradas, poderia me tornar uma arma contra Jasad. Eu não era como Dawoud, capaz de suportar anos e anos de tortura sem me quebrar. Não era como os meus avós, conhecedores de todas as maneiras pelas quais a magia poderia ser roubada, restringida e retida.

A história mostrou que eu podia ser quebrada. Que podia ser usada. Que, na verdade, eu parecia aceitar o meu lugar mais prontamente em circunstâncias em que perdia a ilusão de controle. Quando entregava as minhas escolhas para outra pessoa fazer em meu nome.

Se Arin me pegasse, a guerra terminaria antes de começar.

Pelo menos com os Urabi, eu poderia ser usada por Jasad. As escolhas que eles fariam – o controle que eu abriria mão – seriam em nome do reino que eu havia decepcionado.

Os Urabi precisavam de mim, mas eu também precisava deles.



Levantei a perna até a pedra seguinte e quase caí de lado sobre uma superfície longa e plana, firme sob a minha bota. Testei a sua resistência, transferindo cada vez mais o meu peso sobre ela, sem soltar as pedras sob as minhas mãos.

Depois de me certificar de que a estrutura não desabaria e me jogaria no mar, acomodei-me na borda. O jorro de água corrente me cercava. As minhas mãos formigavam enquanto eu as sacudia, duras por horas agarrada à pedra escorregadia.

A noite se recusava a ceder. Eu estava claramente perto de algum tipo de água corrente, mas sem luz, era impossível dizer o quão perto. Resignada a esperar até que a lua aparecesse, deslizei para uma posição de pernas cruzadas na saliência.

Eu sabia o que Arin diria. Eu poderia usar minha magia para iluminar o ambiente. Na verdade, poderia ter usado a minha magia para escalar descendo a encosta da montanha. Cada vez que a ideia me ocorria, eu a deixava de lado.

Sem nenhuma outra distração, com relutância, libertei o pensamento que havia mantido cativo no instante em que vi os meus pulsos nus.

— Não posso saber com certeza o que aconteceria se toda a sua magia estivesse acessível. Talvez eu fosse capaz de drená-la normalmente. Talvez eu nunca chegasse ao fundo do poço da sua magia, por assim dizer, e pudesse apenas drenar temporariamente partes dela — disse Arin. — Mas, se quer a minha teoria mais forte, suspeito que tocar em você enquanto pode expressar sua magia plenamente me mataria.

Se eu começasse a rir da ironia, talvez nunca mais parasse. O toque de Arin havia despertado a minha magia e salvado a minha vida em pelo menos duas ocasiões distintas, e agora o meu toque poderia acabar com a vida dele.

Os Urabi jamais poderiam saber. Já suspeitavam da minha lealdade e, se soubessem que eu tinha essa habilidade e me recusasse a usá-la, começariam a duvidar do meu coração também. E eu não a usaria... a menos que Arin não me deixasse outra escolha.

Talvez com inveja das nuvens que eu acumulara sobre a minha

cabeça, a lua finalmente decidiu dar as caras. Fios brancos se desfizeram das nuvens que se dissipavam, e pisquei contra o brilho do crescente que me aguardava atrás deles.

Vi o mar primeiro, agitando-se muito mais perto do que eu esperava. O luar se espalhou pela encosta da montanha, revelando a face irregular da rocha que eu havia descido no escuro. Ela se deslocou para a minha direita, lançando seu tom azulado sobre a fonte da água corrente que eu vinha ouvindo na última hora.

Eu suspirei.

Riachos desciam pela encosta da montanha, fluindo em dezenas de direções diferentes, caindo em cascata sobre saliências negras e brilhantes, idênticas àquela abaixo de mim. Corriam em direção ao mar como um viajante ansioso por reencontrar um velho amigo.

Provei a água que o vento generosamente jogava no meu rosto e sorri. Sem sal.

Era Hirun. O rio corria sob as Planícies do Deserto; durante todo o tempo, em meio a secas e colheitas moribundas, Orban tivera acesso a Hirun logo abaixo de seus pés.

Tentei calcular o quanto teria que subir para chegar ao meio da cachoeira. Assim que confirmasse o ponto de entrada, voltaria para o Gibal. Os Urabi não precisariam saber que eu havia partido, e eu dormiria mais tranquila por ter encontrado um lugar para fugir, caso fosse necessário.

Virei-me e fiquei rígida. Um grito ficou preso na minha garganta.

Uma mulher estava na saliência atrás de mim, encostada nas pedras.

— Então — ela disse —, vamos embora?

Eu estava a centenas de metros do topo da montanha. Seria impossível alguém me seguir sem ser visto ou aparecer sem fazer barulho.

Desgostosa com o meu longo silêncio, ela suspirou e pulou para a borda abaixo de mim.

— Não me importo se ficarmos. Gosto daquela pequena saltitante. Omaima? A magia dela me intriga.

Um borrão de movimento enquanto ela girava para outra saliência, e quando olhou para cima, o rosto de outra mulher havia substituído o dela, olhos verdes com cílios grossos dançando travessamente.

— O que você acha?

Minhas unhas cortavam as palmas das mãos enquanto repassava as minhas opções. Eu estava em uma saliência no meio da encosta da montanha. À minha direita, uma cachoeira pronta para me levar direto para as profundezas do Mar Suhna se eu desse um único passo em falso. À minha esquerda, uma aparição perturbada.

Cheguei mais perto da cachoeira.

— Acho que devemos ficar — disse a aparição de olhos verdes. — Pelo menos por enquanto. Eles são nossa melhor chance de conquistar a nossa coroa.

Nossa coroa?

Minha manga ficou presa no riacho atrás de mim, encharcando meu braço instantaneamente. A rajada de frio dissipou o resto do meu choque, e meu coração começou a bater com uma velocidade nauseante. O que eu estava pensando ao descer até aqui? Se eu desaparecesse... se essa coisa me matasse...

Olhei para cima em um último gesto de desespero, vasculhando a encosta do penhasco, e quase engasguei de alívio ao ver uma figura pairando sobre a borda. O corte de cabelo ruim, o corpo esguio; Efra. Graças aos Awaleen. Uma pessoa de verdade que sabia onde eu estava, sabia que eu precisava de ajuda.

Acenei com os braços.

— Procure ajuda!

Efra não se moveu. Ficou parado na encosta do penhasco, apenas observando. O que ele pensava que estava fazendo?

— Podemos puni-lo mais tarde — disse ela.

Desviei o olhar de Efra.

— Quem é você?

Perdi a aparição de vista quando ela saltou para outra saliência.

— Você sabe quem somos.

Fiquei surpresa. A voz, profunda e suave como o vidro mais fino, pertencia a um homem.

— Deixe-me reformular — rosnei. — O que você é?

Recuei quando o riacho mais próximo de mim irrompeu em movimento. Uma mão se fechou em meu pulso e encarei olhos brilhantes, dourados e prateados, idênticos aos meus.

Não, não eram idênticos, *eram* meus olhos.

— O que somos depende de você — disse ele.

Antes que eu pudesse recuar, a mão em meu pulso me puxou para frente.

Eu caí na cachoeira.



Eu já havia caído de grandes alturas antes. Na maioria das vezes, a perda de sangue e a exaustão obscureciam as minhas lembranças da queda.

Sabia que me lembraria daquela queda com detalhes excruciantes. A repentina ausência de peso, a onda de terror no meu estômago vazio, o vento gélido me açoitando enquanto a cachoeira me arrastava em direção à superfície espumosa do mar. Lembraria de fechar os olhos enquanto meus músculos se tensionavam em preparação para o impacto. Minha

magia, lenta em minhas veias, pulsava com meu pânico.

Mergulhei no mar, e a dor deixou o meu mundo branco. Os meus membros se desconectaram do meu comando e, por um minuto, não consegui distinguir onde eu começava e terminava. Meus lábios se abriram sob o frio congelante, acidentalmente convidando uma onda de água salgada a queimar minha garganta. As ondas me golpeavam, cada uma mais agitada e forte que a anterior.

Cheguei à superfície a tempo de vomitar antes que outra onda me puxasse para baixo outra vez.

O peso da água se fechou, envolvendo os meus membros debatidos com os dedos gelados.

Eu não queria morrer.

A sensação abandonou as minhas extremidades, até que eu não sabia mais onde encontrar as minhas pernas para mantê-las chutando. Afundei-me ainda mais no abraço de Mar Suhna, meu corpo ficando flácido enquanto eu engasgava com o que restava do meu ar.

Afogar-me no Mar Suhna, pelo menos, era menos embaraçoso do que afogar-me no lago.

Acorde.

Os meus olhos se abriram de repente, o choque rompendo o manto de sono que me cobria. O que...

A maré está forte. A próxima onda vai te jogar contra o penhasco. Você não vai se recuperar de um pescoço quebrado.

Não reconheci a voz; hesitei até mesmo em descrevê-la como tal. Era mais parecida com uma série de vibrações sensíveis – e indesejadas – na minha cabeça.

Bolhas saíram da minha boca. Se eu ainda tinha ar, não estava morta.

Ainda.

Eu estremeci. O que foi *isso*?

As minhas pernas lutavam para me empurrar em direção à superfície, empurrando lamentavelmente contra o peso implacável do mar.

Eu afundei.

Minha visão ficou embaçada por um segundo terrível. Entre Hanim e o treinamento para o Alcalah, eu conseguia prender a respiração por um tempo significativo, mas não duraria muito mais.

Eu precisava da minha magia.

A veia na palma da minha mão brilhou com um tom dourado pulsante. A luz jorrou da veia, cortando os pontos pretos que dançavam na minha visão. Meus pés bateram em uma barreira invisível, e a luz se espalhou, formando uma bolha ao meu redor.

Respirei desesperadamente enquanto o ar enchia a bolha. Com o punho pressionado contra o peito, cuspi baldes de água do mar. Minha magia pulsava com meu coração. Esperando. Ansiosa para servir.

Eu teria preferido ser levada para a superfície, mas isso bastaria enquanto eu me recompunha. Sentada sobre os calcanhares, fixei meus olhos lacrimejantes nas bordas do círculo protetor para verificar até onde teria que nadar.

Estranho. Apertei os olhos, tentando atravessar o prisma da luz da minha magia para chegar ao outro lado da bolha. Parecia quase...

Gritei tão alto que tive outro ataque de tosse.

A luz que emanava da minha veia iluminava dezenas de criaturas flutuando na escuridão. Elas se pressionavam contra a parte externa da bolha, olhando para mim. Uma delas, com escamas vermelhas e bulbosa, abriu uma mandíbula grande o suficiente para engolir o castelo de Raya. Suas presas eram diferentes de todas as que eu já tinha visto, torcidas e enroladas umas nas outras como um ninho de espinhos.

Pelo cabelo abençoado de Baira, ela estava... sorrindo?

Olá.

Nenhuma quantidade de prática ou treinamento poderia controlar meu medo dessa vez. Ele me consumiu, destruindo qualquer pensamento racional. Minha veia brilhou novamente e eu agi sem pensar, empurrando meus braços para os lados e lançando minha magia com toda a força que possuía.

Eu pretendia ampliar a bolha. O suficiente para me empurrar para a superfície ou apenas empurrar os monstros para trás.

Em vez disso, ela estourou.

CAPÍTULO 6



SYLVIA

A água voltou a cair sobre mim, trazendo consigo as criaturas do outro lado da barreira. Minha magia falhou e agora as lendárias feras marinhas estavam prestes a me despedaçar.

Algo duro colidiu com os meus pés em movimento, interrompendo a minha descida. Vislumbrei escamas vermelhas e olhos negros gigantes. Antes que eu pudesse gritar outra vez, a criatura avançou. Os meus joelhos cederam, me achatando contra as suas costas enquanto eu lutava para me agarrar à sua pele escorregadia.

Estaria me levando de volta para casa? Eu estava prestes a ser jogada sobre um berço de bebês monstros marinhos?

A água se abriu acima de mim, e um vento lindo, maravilhoso e *congelante* tirou o suspiro de alívio diretamente dos meus lábios. As nuvens se abriram, um raio de luz nebulosa do amanhecer incidindo nas escamas abaixo de mim e lançando milhões de diamantes vermelhos sobre as águas agitadas.

Enfiei meus dedos entre escamas maiores que meu corpo, estremecendo com o barulho pegajoso, e me segurei com força. Se ela planejasse jogar a cabeça para trás e me comer no ar, da mesma forma que eu vi Marek jogar uma semente de abóbora torrada na boca, teria que me jogar com *força*.

Por favor, pare de se contorcer. Estou me esforçando muito para não te tirar do lugar.

Dei um pulo, quase perdendo o controle.

— Você está falando comigo?

Nenhuma resposta, embora as vibrações na minha cabeça parecessem se transformar em um suspiro.

Onde estavam as ondas? O bater das ondas contra o penhasco havia desaparecido, a picada de seus respingos estava visivelmente ausente.

Imediatamente me arrependi de ter olhado para trás. Minha mente se desgastou como a bainha de uma blusa mal costurada. Talvez eu *tivesse* me afogado. Talvez meu cérebro moribundo estivesse reescrevendo a realidade para me confortar em meus últimos momentos.

O nível do mar se estabilizou quando uma ilha vermelha surgiu da água. Uma espinha dorsal mais longa do que a montanha mais alta manchava o horizonte enquanto suas escamas iridescentes emergiam de baixo das ondas. Em ambos os lados de seu corpo enorme, duas barbatanas poderosas impulsionavam a criatura pela água. Cada barbatana poderia destruir uma vila inteira.

Eu virei minha cabeça para frente. Minha trança molhada bateu em minha bochecha. Se isso era o que eu pensava que era...

Em Jasad, chamávamos essa criatura de Sareekh il Ma'a. Omal se referia a ela como o Grito do Mar, e os outros reinos apenas a chamavam de pesadelo lendário.

Uma das primeiras ações de Rovial ao fundar Jasad foi nadar ao longo de Hirun. Mil milhas depois, Rovial estava parado à sombra das montanhas, cativado pela visão do pôr do sol dourado e vermelho sobre o Mar Suhna.

Um lagarto precoce passou correndo por cima de seu pé, e Rovial o pegou, observando o pequeno réptil vermelho. Baira tinha os seus Cães Rubi, Kapastra, os seus rochelyas, e Dania, os seus touros. Ao contrário de seus irmãos, Rovial não via necessidade de criar um exército de criaturas à sua disposição, mas apenas uma... apenas uma criatura, algo para apreciar a beleza do sol enquanto ele desaparecia sob o mar e proteger Hirun de ser represado.

Eu não era um "pequeno" lagarto. Eu era do tamanho da sua perna.

Consegui não gritar dessa vez, o que deve ser elogiado como um dos feitos mais impressionantes da minha existência.

Sareekh il Ma'a parou de nos levantar no meio do penhasco. As escamas brilhantes sob minhas mãos tremeram e se separaram. Perdi o equilíbrio e caí pelas suas costas, tentando me segurar.

Uma dúzia de trepadeiras brotava das costas do Sareekh. Presa à ponta de cada uma, havia uma grande protuberância branca como osso, semelhante a um botão de rosa antes de florescer. Uma das garras se abriu, e espinhos de osso se abriram para me agarrar antes que eu deslizasse mais do que alguns metros. Ela se enrolou na minha cintura como um espartilho esquelético. Os espinhos se apertaram quando tentei enfiar os dedos entre eles e meu torso.

Eles me seguraram firme enquanto o resto da espinha do Sareekh se separava, revelando uma coluna vertebral coberta por uma espessa bainha gelatinosa. Sob as camadas de gosma, centenas de garras ósseas retorcidas formavam os nós da espinha do Sareekh.

Gritei quando centenas daqueles brotos espinhais atravessaram a bainha gelatinosa, florescendo como o buquê da morte.

Se eu não tivesse visto a minha família queimar diante dos meus olhos, essa teria sido a visão mais assustadora da minha vida.

Toquei um dos espinhos que me envolviam como um segundo conjunto de costelas. Quente e duro ao toque, ele estremeceu, mas não se soltou. Mesmo que eu conseguisse arrancá-los sem que um deles me espetasse, eu apenas deslizaria para dentro do próximo.

A videira me ergueu no ar, e eu estava tão ocupada observando a distância entre mim e o Sareekh aumentar que quase não percebi quando meus pés fizeram contato com uma superfície dura.

O penhasco.

Os ossos relaxaram, me jogando sem cerimônia no chão. Eu me afastei da beira de quatro, abandonando qualquer noção de dignidade. Eu me virei a tempo de ver os caules se retraírem para dentro do Sareekh e as garras ósseas se enrolarem novamente em um botão duro antes de serem absorvidas pela camada gelatinosa da coluna vertebral. Suas escamas ondularam quando os painéis de sua coluna se fecharam mais uma vez.

Apalpei meu corpo, distraída, procurando por pedaços perdidos, enquanto meu coração voltava a bater forte. Ele não me abandonou. Ele me *salvou*.

— Obrigada — sussurrei.

Você pode me chamar a qualquer hora que precisar.

Estremeci. Minha magia não me traiu. Ela rompeu a bolha protetora porque sabia que minha melhor chance de sobrevivência estava esperando atrás dela.

Mas também tomou a decisão em meu nome.

Senti uma presença atrás de mim, mas não conseguia desviar o olhar do Sareekh. Ele me observava com uma inteligência que eu poderia viver dez mil vidas sem igualar.

Envolvendo os meus braços em volta de mim, abaixei o queixo em um aceno lento. De gratidão, de respeito. Aquela criatura era tão antiga quanto a Ponte Sirauk, tão antiga quanto os Awaleen dormindo nas tumbas abaixo dela.

O Sareekh afundou nas águas que escureciam. Sua espinha arqueou-se, projetando uma sombra sobre a encosta da montanha. Cobri o rosto com o braço quando uma onda atingiu o penhasco.

A superfície do mar se alisou. A única evidência do Sareekh eram os hematomas finos e simétricos que se formavam nas minhas laterais devido à garra óssea. A presença atrás de mim se aproximou.

Por causa do Sareekh, eu viveria mais um dia.

Por causa da Efra, quase não consegui.

Levantei-me. Eu tremia, mas não tinha nada a ver com o frio. Acolhi a raiva que me inundava como uma velha amiga. Não foi a raiva lívida e apaixonada que levou o Baile dos Vitoriosos a ruir em torno do Supremo Rawain e dos outros convidados. Essa raiva era fria. Purificadora.

Efra ficou alguns passos atrás de mim, boquiaberto de espanto.

— Aquele era o Sareekh il Ma'a!

— Você me viu antes de eu cair! Acenei pedindo ajuda, e você me ignorou! — eu fervia. — Você viu aquela coisa pulando pelas bordas antes de me puxar para dentro da cachoeira.

Efra franziu o cenho.

— Coisa? Que coisa?

— Você acha que mentiras vão te salvar? Eu *vi você*.

— Não estou mentindo — ele retrucou. — Sim, eu te vi parada perto da cachoeira, mas você parecia bem na saliência. E estava completamente *sozinha*.

Parei, de repente. Ele não tinha visto as aparições?

Se nada disso tivesse sido real… se eu tivesse imaginado tudo…

Mas a voz que eu ouvira atrás da água. Os olhos dourados e prateados brilhantes que poderiam muito bem ter sido arrancados do meu rosto, a mão me puxando para a cachoeira.

Mais tarde, eu me debruçaria sobre o estado questionável da minha sanidade.

— Mesmo que você achasse que eu estava sozinha, por que não procurou ajuda? — Ele ainda me viu completamente abandonada no meio da montanha, visivelmente em pânico.

Cachos castanhos caíam sobre a sua testa, vítimas do vento inquieto. O jeito nervoso como ele os puxava para trás me lembrou de Sefa. Se Sefa estivesse ali, notaria que Efra era apenas um ou dois anos mais velho que eu. Tínhamos absolvido Marek de muitos erros

imprudentes, e ele havia sofrido muito menos danos na vida do que Efra provavelmente. Sefa tentaria perdoá-lo.

Mas Sefa não estava lá, e eu não tinha ido procurá-la porque, pela primeira vez na vida, eu estava tentando cumprir um voto. Quebrar um padrão. Eu tinha fugido depois da Cúpula Sanguinária, depois de matar Hanim, depois de matar o soldado de Nizahl. Eu até tinha fugido na minha primeira noite nos túneis.

Pela primeira vez, eu estava tentando *ficar*.

— Você não usou sua magia — disse Efra, e eu parei de repente.

— O que você está falando?

— Você não usou a sua magia para descer. Não a usou para iluminar o caminho. Nem a usou quando tropeçou na cachoeira.

— Por quanto tempo você ficou me observando? — Eu hesitei.

Os lábios de Efra se curvaram.

— Eu disse a eles que era uma farsa, o que aconteceu no Baile dos Vitoriosos. Mais uma farsa pregada pelas mesmas mãos que arruinaram o nosso reino.

A frustração rolou como uma pedra entre os meus dentes, e me forcei a engoli-la. Só me lembrei da verdade sobre a mineração mágica dos meus avós depois do segundo teste, mas os Urabi sofreram com isso a vida toda. Mineração mágica não era uma teoria ou segredo sussurrado. Para eles, era um membro da família que nunca voltava para casa. Um amigo cuja morte não podia ser totalmente explicada, cujo corpo desapareceu.

— Sinto muito pelo que meus avós fizeram — eu disse, porque sentia mesmo. Sentia mais do que ele jamais saberia. — Mas a minha magia não é problema seu.

— É, quando a nossa sobrevivência depende disso.

Olhei para Efra por um longo momento.

— Pense bem nas suas próximas palavras, Erfa. Não aceito ser

manipulada para atender aos interesses de alguém, por mais nobres que sejam.

Tentei contorná-lo, mas ele se interpôs no meu caminho.

— Você não tem uma conexão natural com a sua magia.

Sem hesitar, empurrei-o com toda a minha força, fazendo-o cair no chão.

— Claro que tenho — sibilei, pairando sobre ele. — Não tive acesso a ela por mais da metade da minha vida. Ela falhou todas as vezes que precisei. Onde estava a minha magia quando Hanim esfolou as minhas costas? Quando enviou monstros atrás de mim em Essam, quando eles me rasgaram com dentes e garras do tamanho do seu ego? Todo esse tempo, ela estava bem ali. E se eu depender dela e ela me trair de novo?

A confissão nos pegou de surpresa.

Efra reclinou-se no chão, lançando-me um sorriso venenoso.

— Talvez ela não se sentisse inclinada a ceder à vontade da prostituta traidora da Serpente Prateada.

Alguém ofegou, e tardiamente percebi que Maia havia emergido da montanha. Não precisei verificar para adivinhar o que a sua expressão diria: choque e horror. Não por causa do que Efra havia dito, mas porque ele ousara dizer. Ousara expressar o pensamento que circulava na cabeça de todos.

Por um momento vertiginoso, saí do tempo para ficar em uma cabana a muitos quilômetros daqui, Arin na minha frente e o corpo morto de um soldado de Nizahl aos meus pés.

Eu lhe ofereço uma nova vida.

Minha liberdade em troca de competir como a sua Campeã no Alcalah e atrair os Urabi e os Mufsids para a sua armadilha. Eu havia previsto esse momento, aceitado o título de Campeã de Nizahl com plena consciência de que isso mancharia para sempre o meu verdadeiro nome. Eu não me importava na época. Essiya era uma estranha para mim, e eu

teria feito qualquer coisa para garantir que Sylvia vivesse livre.

— A última pessoa que me chamou de prostituta foi um guarda chamado Vaun — refleti. Minha bota encharcada chutou e acertou a têmpora de Efra, jogando sua cabeça para a direita. — Nós lutamos, e a minha magia irrompeu sobre mim como fogo, queimando-o e me deixando intocada. Eu queria matá-lo. Deveria tê-lo matado. Foi um erro deixar alguém como Vaun vivo.

Efra se levantou de um salto e desferiu um golpe, com o punho desviando para longe. Agarrei um punhado de seus cabelos quando seu golpe patético passou a quilômetros de mim e acertei seu queixo com o punho, derrubando-o de volta ao chão. Seria esse o calibre dos lutadores entre os Urabi? Talvez se Efra não tivesse confiado tanto em sua magia, ele não tivesse os instintos de luta de um guaxinim embriagado.

— Eu nunca cometo o mesmo erro duas vezes.

Agarrei a frente de sua túnica com um punho e agarrei uma pedra pesada, preparando-me para desferir um golpe do qual ele não se recuperaria. Mas, primeiro, puxei-o para perto, suavizando a voz para dizer:

— Na próxima vida, tenha mais cuidado conosco, prostitutas traidoras. Principalmente, doce Erfa, quando formos nós que estivermos usando a coroa.

Dobrei o cotovelo, levantando a pedra acima da minha cabeça. Os olhos de Efra se fecharam com força.

— Precisamos da sua magia para erguer a fortaleza! — gritou Maia.

Efra virou a cabeça, o alarme ecoando em seu rosto machucado.

— Fique quieta, Omaima!

Maia apareceu atrás de Efra, agachando-se atrás de seus ombros. Ela jogou os braços em volta da cabeça dele.

— Por favor! Efra nasceu assim, ele não consegue se conter. Mas ele não está te provocando sobre a sua magia para ser desagradável,

Mawlati. Ele pergunta sobre sua magia porque o Aada, nosso conselho, planeja invadir o palácio de Omal para apresentá-la à Rainha Hanan. Como filho único de Emre, você tem mais direito ao trono do que Felix. Se você se tornar a Herdeira de Omal, controlará os exércitos do maior reino das terras.

A descrença tingiu o meu riso. Não abaixei o braço. O grande plano deles, o motivo para me caçarem por quatro reinos… era tentar tomar o trono de Omal?

— Por que você iria querer os exércitos de Omal? Felix os apodreceu. Eles não têm habilidade de batalha, nem inteligência tática.

— Eles têm números — disse Maia. — Precisamos de números.

Estupefata, encarei Maia. Percebi que ela estava dizendo a verdade. Se o silêncio petulante de Efra não tivesse me convencido, o puro absurdo daquele plano o teria feito.

Título e magia. Eu achava que tinha a resposta para o que meu título lhes oferecia, mas claramente subestimei os Urabi. Eu era filha de Niphran de Jasad e Emre de Omal.

Nascida Herdeira de Jasad *e* Herdeira de Omal.

— A Rainha Hanan me deserdou ao nascer. — Pensei na mulher de olhos apagados e frágil, afogada em suas roupas finas à cabeceira da mesa do banquete de Omal. Ela mal tinha forças para manter uma conversa, muito menos tirar o título de seu sobrinho monstruoso e passá-lo para o equivalente humano ao suicídio político. — Conceder o título a mim colocaria o próprio conselho dela contra ela. Significaria guerra com Nizahl. A Rainha Hanan ajudou a destruir o nosso reino. Assinou o decreto contra a magia. O que te faz pensar que ela teria algum interesse em me reintegrar?

— Ela estava de luto pelo filho e pelo marido durante a guerra — disse Maia. — Ela pode se sentir diferente agora, sabendo que a neta está viva.

Pela tumba contaminada de Rovial. O isolamento nas montanhas alimentou sua ilusão, sem controle, e a transformou em um plano garantido para nos aniquilar.

Voltei à primeira observação de Maia.

— O que a Rainha Hanan tem a ver com a fortaleza?

Maia hesitou. Ela olhou para a pedra ainda apertada em meu punho.

— Se nosso plano de recuperar seu título em Omal falhar, não teremos escolha a não ser nos defendermos em Jasad. Mesmo que setenta por cento dos Jasadis escondidos venham lutar conosco, não triunfaremos contra as forças de Nizahl, Omal, Orban e Lukub. Já estamos ficando sem tempo... os reinos vêm expurgando a magia de suas terras, ignorando as leis de Nizahl para executar qualquer um suspeito de possuí-la. Centenas já estão mortos, e o restante estará com medo demais para arriscar viajar para Jasad sem a garantia de sua proteção. Nossa única chance de sobrevivência seria ressuscitar a fortaleza ao redor de Jasad.

Seria uma tentativa doentia de humor?

— Foram necessários milhares de Jasadis para erguer a fortaleza. O esforço de canalizar seu poder queimou Qayida Hend viva, e isso foi há séculos, quando a magia ainda era rica em nosso sangue. — Apertei a rocha com mais força. — A fortaleza de Jasad não pode ser erguida.

Olhos sinceros demais para alguém protegendo um idiota imploraram para mim.

— Juro por Sirauk, Namsa e os Aada se reuniram para descobrir como podemos prepará-la para erguer a fortaleza perto de Nuzret Kamel.

Nuzret Kamel? O nome lhe soava familiar. Algum feriado que as wilayahs inferiores haviam celebrado. O que isso tinha a ver com a construção da fortaleza?

Maia apoiou a mão na pedra e empurrou o meu braço delicadamente para baixo.

— Íamos te contar quando você se sentisse mais confortável no Gibal, mas as circunstâncias mudaram. Efra agiu sem pensar, mas não foi por maldade. Estamos desesperados.

Larguei a pedra, enojada comigo mesma por me importar com aquilo.

— Como assim, as circunstâncias mudaram?

Os lábios arroxeados de Efra se curvaram em um sorriso irônico, e ele enfim quebrou o silêncio.

— A Serpente Prateada acha que pode esconder sua existência e travar esta guerra nas sombras.

Não desviei o olhar de Efra enquanto a porta da montanha se abria com um rangido.

— Maia, Efra, o que está acontecendo? — Namsa apareceu na minha visão periférica. — Mawlati, você está encharcada!

— Efra — eu disse baixinho. Perigosamente. — O que você fez?

Ele limpou o sangue que escorria do nariz.

— O primeiro golpe desta guerra, *Mawlati*, é nosso.

CAPÍTULO 7

SEFA

Quase seis anos se passaram desde que a sobrevivência de Sefa dependia de enganar homens lascivos para tirar-lhes o dinheiro.

Uma colher de mahalabiya[1] roçou seus lábios.

— Abra a boca, querida — disse um homem pelo menos trinta anos mais velho que Sefa. — Um doce para o meu doce.

— Ah, eu não como sobremesas à base de leite. Elas fazem meu estômago cantar. Você não gostaria de ser o único ouvinte dessa melodia especial, acredite. — Sefa deu um tapinha na barriga.

Ele piscou, tão atordoado como se ela tivesse começado a latir. Garotas dóceis e doces não recusavam a mão que as alimentava, por mais catastrófica que fosse a implosão do conteúdo em suas barrigas. Ele empurrou a colher contra a boca dela outra vez, e Sefa abriu os lábios com relutância, puxando a mahalabiya cremosa para a língua.

Traiçoeiramente delicioso. Ela quase conseguia esquecer as consequências.

Na extensa lista de esquemas que ela e Marek usaram para se infiltrar pelos reinos, a sedução sempre esteve em último lugar para Sefa. Geralmente, eles a evitavam, a menos que estivessem à beira da fome, especialmente porque os encantos de Marek geralmente os salvavam de uma ou dez enrascadas. A diferença era que Marek não tinha escrúpulos em levar adiante suas ilusões de sedução, enquanto Sefa nunca permitira que chegasse tão longe.

Mas Marek não estava lá, e Sefa não tinha comido mais do que

quatro pedaços de pão no mesmo número de dias. O que ela não daria para espremer um limão sobre uma tigela fumegante de fūl salpicada com pimenta-do-reino. Para mergulhar um pedaço de aish recém-assado em uma tigela de molokhia[2]. Abençoada Baira, ela se contentaria até com as omeletes de casca de ovo da Maya.

A mão do Andarilho de Cadáveres pousou em sua cabeça. Ela havia esquecido seu nome verdadeiro minutos depois de ouvi-lo. Equilibrada na beira de um banquinho aos pés dele, Sefa se forçou a permanecer imóvel enquanto ele acariciava seus cabelos e passava dedos possessivos por seu pescoço. Apenas mais uma cortesã Lukubi para o jardim da devassidão.

Sefa olhou ao redor da propriedade verdejante do Palácio de Marfim. Videiras verdejantes envolviam os pilares de marfim que circundavam o palácio. Os crânios de Cães Rubi, forjados em pedra, brilhavam nas cornijas sobre os arcos, a luz das tochas brilhando em seus olhos adornados com joias.

Com tanto para observar, ninguém além de Sefa pareceu notar a marca peculiar no canteiro de papoulas. Se Sefa desfocasse os olhos, quase conseguia ver Sylvia, com cacos de vidro ao seu redor e uma adaga espetada no peito. *Ah*, a lembrança ainda causava náuseas em Sefa. Apesar de ter a altura de uma árvore centenária, Sylvia parecia tão pequena deitada ali.

Foi também o momento em que Sefa percebeu que o relacionamento entre Sylvia e o Herdeiro de Nizahl era mais perigoso do que qualquer um poderia imaginar. Arin estava gritando – ele, *gritando* – e a expressão em seu rosto. Ah, aquela expressão. Sefa nunca vira nada equivalente em seus vinte e três anos. Aquilo a invadiu com um pressentimento.

Sylvia tinha o poder de tornar imprudente o homem mais

cuidadoso dos reinos.

— Traga-me outra bebida — disse o Andarilho de Cadáveres.

Sefa se sacudiu de volta ao presente e olhou compulsivamente para trás em busca de Marek. Mas Marek havia acabado em outro lugar depois que a magia de Sylvia os tirou do salão de baile em ruínas. Sefa estava sozinha.

Ela desceu do banco, estremecendo com a pontada nas costas. O Cadáver Andarilho estalou os dedos, chamando uma cortesã para aquecer seu colo enquanto esperava.

Sobremesas decadentes e cálices cheios de um líquido dourado como mel tentavam Sefa à mesa. O Andarilho de Cadáveres a proibira de comer, a menos que fosse ele mesmo a alimentá-la, mas talvez ele não percebesse se Sefa comesse algumas mordidas às escondidas.

Assim que a noite terminasse, Sefa planejava fugir, com um punhado de moedas roubadas como compensação bem merecida por seus problemas. Ela precisava que ele estivesse bêbado e inconsciente, o que significava não chamar atenção indesejada para si mesma. Já era arriscado voltar ao Palácio de Marfim depois do que aconteceu na Cidadela. Sobreviver à noite dependia da esperança de que ninguém se lembrasse da pequena e discreta costureira que acompanhava a equipe da Campeã de Nizahl. Até onde sabia, nenhum dos convidados do Baile dos Vitoriosos havia enxergado além de seu glamour, exceto Arin e o Sumo Conselheiro.

A bile queimou na garganta de Sefa ao se lembrar. Ver o rosto de seus pesadelos depois de tantos anos provocou em Sefa uma raiva que não reconhecia. Ela imaginara vê-lo outra vez, é claro. Tudo sobre o dia em que cruzaria o caminho do padrasto fora ensaiado e reescrito nos mínimos detalhes. O que Sefa diria, como se posicionaria, a postura exata do seu queixo. Ela até planejara a resposta *dele*.

Mas quando chegou o momento, tudo o que Sefa sentiu foi repulsa.

Ele não merecia sua raiva ou sua rebeldia. Não merecia saber que ela havia se tornado alguém de quem se orgulhava, apesar do que ele lhe fizera.

Ela cuspiu nos pés dele, e foi melhor do que qualquer coisa que ela tivesse preparado.

Um homem esbarrou nela, empurrando Sefa pela mesa de sobremesas. Ele pegou uma travessa de ruz bil laban[3] sem hesitar, sua colher cortando a película de leite frio com uma confiança que Sefa invejava.

Pela saia sagrada de Dania, Sefa não se deixaria intimidar por um homem que estava a uma forte expiração de se desintegrar. Se quisesse sobremesa, ela a pegaria.

Olhando furtivamente para trás, Sefa empilhou o máximo de doces que conseguiu colocar em um prato e correu pelo jardim, ziguezagueando entre os grupos de outros convidados. Ela precisava de um lugar reservado para comer. Se o Andarilho de Cadáveres questionasse a sua ausência, ela descreveria em detalhes gráficos o que o mahalabiya havia feito com as suas entranhas.

Servos saíram apressados por uma pequena porta no lado leste do palácio. Sefa esperou uma pausa no fluxo e entrou. Não reconheceu aquele lado do Palácio de Marfim. Por outro lado, ela e Marek mal haviam saído do quarto durante a visita.

O esplendor do Palácio de Marfim era abafado ali. Os castiçais que sustentavam as tochas ainda tinham o formato de Cães Rubi, as chamas dançando dentro de suas mandíbulas desarticuladas e refletindo cristais vermelhos no chão. Mas as paredes eram de um branco opaco em vez de marfim, e sabão e poeira substituíam o cheiro enjoativo de flores murchando.

Olhando por cima do ombro, Sefa virou em um corredor estreito e

esbarrou em uma guarda.

Posicionada em frente a uma escada, a guarda ergueu as sobrancelhas ao ver Sefa.

— Caminho errado, garota.

O estômago de Sefa roncou. Ela não podia ficar ali por muito tempo – mais cedo ou mais tarde, o Andarilho de Cadáveres viria procurá-la e a sua bebida desaparecida.

Sefa se endireitou em toda a sua altura – que, reconhecidamente, não era muito.

— O que você está fazendo aqui? Tayra disse que hoje é o turno dela. Preciso levar um prato para ela.

A desconfiança tomou conta do rosto da guarda.

— Como você conhece Tayra?

Ela tinha quase certeza de que Marek dormira com a guarda risonha enquanto ela e Sylvia saqueavam o quarto da Sultana.

— Ela me recomendou. Sou a nova ajudante de cozinha.

— Então talvez você devesse ficar na cozinha. — O guarda avaliou Sefa por mais um minuto interminável antes de revirar os olhos e se afastar. — Vá. Tayra provavelmente está tirando um cochilo no terceiro andar.

Sefa agradeceu brevemente e tentou não tropeçar na pressa de subir as escadas. Continuou subindo até que o único som que conseguiu ouvir foi o da própria respiração ofegante.

Quando as suas pernas ficaram bambas, Sefa encontrou um lugar tranquilo e escondido atrás de uma das inúmeras tapeçarias espalhadas pelo Palácio de Marfim e desabou. Sem esperar para recuperar o fôlego, Sefa devorou seu prato em minutos.

Quatro dias, quatro pedaços de pão. A respiração poderia esperar até mais tarde.

Ela estava enxugando a boca quando um barulho fez sua cabeça

virar para a direita.

— Você sabe onde me encontrar quando terminar — disse uma voz rouca. — Cuide para que ela não grite. Os guardas dela estão rastejando por todo o lugar.

Sefa apertou as pernas contra o peito e se encostou na parede.

Um segundo homem falou:

— Há dezenas de convidados lá embaixo. Tem certeza de que este é o melhor horário?

— Dezenas de convidados significam dezenas de suspeitos. Eles não saberão por onde começar a busca pelo assassino da Sultana.

Sefa ficou imóvel. Estavam falando em assassinar Sultana Vaida. Hoje à noite. *Agora mesmo.*

— Você se lembra onde ficam os aposentos dela?

— Eu viro à direita aqui e caminho até o final do corredor.

— Ótimo. Não se perca.

Sefa estava bem no caminho deles. Não havia como deixá-la viver depois de espionar uma conspiração para matar a Sultana.

— Os guardas serão atraídos. Vocês terão minutos antes que retornem. Não os desperdicem.

— E se ela não estiver lá?

Sefa rastejou para trás até que eles saíssem do alcance de sua audição e se levantou. Correr na direção oposta às vozes dos assassinos, o pânico substituindo sua euforia açucarada, Sefa não diminuiu o passo na curva do corredor.

Um corredor apareceu à sua frente, ladeado por guardas vestidos com uniformes elaborados que os identificavam como a guarda mais importante da Sultana. No final do curto corredor, cortinas duplas cobriam as portas que levavam aos aposentos da Sultana.

Se ela pudesse avisar os guardas a tempo, talvez eles pudessem...

Um grito ecoou atrás dela.

— Alguém me ajude! Socorro!

Os guardas da frente olharam para trás, ignorando Sefa por completo. Eles não se moveram em direção à voz.

Sefa começou a relaxar. Esses guardas provavelmente receberam instruções para não se afastar das portas da Sultana sob nenhuma circunstância. Os assassinos nunca conseguiriam passar por eles.

Uma explosão sacudiu o chão sob seus pés. Sefa bateu contra a parede enquanto pedras caíam do teto, rasgando uma tapeçaria. A estátua de Baira no final do corredor tombou, caindo ao lado de Sefa. A cabeça decepada da Awala de Lukub rolou.

A poeira formou uma névoa cinzenta por todo o corredor. Os guardas correram em direção à origem do grito – e, presumivelmente, da explosão. Não havia outro ponto de entrada para os aposentos da Sultana, e ela se perguntou como o assassino escaparia da repentina corrida dos guardas.

Sefa deu passos hesitantes em direção à porta desprotegida da Sultana. Seu pulso disparou, sentindo o perigo do outro lado. O que importava para Sefa se alguém matasse a Sultana? Vaida não era sua governante. Ela havia orquestrado a morte de seu Campeão e ameaçado a vida de todos em Mahair. Meia-Lukubi ou não, Sefa não devia lealdade à Sultana.

No entanto, foi sua mão que encontrou a maçaneta da porta e a empurrou para baixo.

CAPÍTULO 8



SEFA

A porta se abriu com facilidade. Sefa entrou e a fechou com força atrás de si.

Um quarto com o dobro do tamanho da fortaleza de Raya e decorado com mais cores do que Sefa sabia que existiam agrediu os seus sentidos. A explosão caótica de ofícios não era o que Sefa esperava. Seria de se esperar que uma governante que jogava os seus inimigos em covas abertas e deixava o mundo vê-los morrer de fome não dormisse em cobertores amarelos brilhantes.

— Olá.

Uma mulher com uma camisola de seda estava sentada diante de uma penteadeira repleta de cremes, fragrâncias e frascos ornamentados. Olhos delineados de branco, quase tão escuros quanto os de Sylvia, encontraram os de Sefa no espelho, notavelmente controlados considerando as circunstâncias. Creme dourado manchava uma de suas pálpebras, a outra, castanho-claro. Pó de arroz brilhava sobre as suas maçãs do rosto salientes, estrelas brilhando em sua pele morena.

Vaida arqueou uma sobrancelha.

— Não imagino que você esteja perdida.

Não perdida, mas, sem dúvidas, sem palavras. Sefa nunca tinha visto a Sultana pessoalmente antes. Bem, vira alguns fragmentos enquanto se escondia no guarda-roupa de Vaida, mas estava preocupada com a possibilidade de ser capturada e executada na ocasião. A beleza da Sultana era lendária em todos os reinos, e Sefa enfim pôde confirmar que não havia sido exagerada. Sefa deve tê-la flagrado no meio de uma

experiência com seus cosméticos.

Outra comoção do lado de fora tirou Sefa do transe.

— A senhora está em grave perigo.

— Estou sempre em grave perigo. — Sultana Vaida virou-se no banco, encarando Sefa. Dezenas de tranças caíam em cascata sobre os ombros como lâminas afiadas. — *Você* é o grande perigo? Se o seu objetivo é me matar, não perca tempo. Detesto conversas banais.

Sefa abriu a boca. Ela achava que Sefa queria matá-la? Sefa nem estava armada. Havia migalhas grudadas na frente do seu vestido, que Sefa não tirava há dias. Ela seria a assassina mais desleixada do mundo.

— Sultana, posso garantir que não fui enviada para matá-la. No entanto, sou estúpida o suficiente para invadir os seus aposentos e implorar para que se esconda antes...

Ouviu-se um arranhão na porta. Os olhos de Sefa se arregalaram. A incerteza tomou conta de Vaida. Ela olhou para a porta e depois para Sefa.

As opções se apresentaram a Sefa no intervalo interminável do minuto seguinte. Ela poderia correr para algum lugar e se esconder, deixando a Sultana como um alvo fácil para quem invadisse a porta. Era o que Sylvia faria. Sylvia nem teria entrado no quarto para começo de conversa. Ela poderia até ter jogado uma adaga extra para os assassinos para dar sorte. Sua amiga não se deixava levar pela indecisão sobre se salvaria a vida de alguém que certamente tornaria a dela mais difícil.

Mas Sefa sempre acreditou que a maioria das decisões, por mais complicadas que parecessem, podiam ser claramente categorizadas como certas ou erradas. A decisão de deixar uma mulher desarmada morrer em seus próprios aposentos não foi exceção.

Outro barulho na porta fez Sefa correr para frente e agarrar o pulso da Sultana. A temível líder de Lukub se mostrou surpreendentemente fácil de dominar. Sefa abriu as portas de um dos muitos guarda-roupas

espalhados pelo quarto e empurrou Vaida para trás de um cabideiro de casacos maiores que os animais dos quais eram esfolados, entrando atrás dela. Assim que as fechou dentro do guarda-roupa, ouviu o rangido das portas do quarto.

Vaida, muito enfiada no guarda-roupa para ouvir o som, abriu a boca. A frustração tomou conta de Sefa. Para alguém obcecada em preservar a sua segurança, Sultana Vaida parecia determinada a resistir aos esforços de Sefa para mantê-la viva.

Sefa tapou a boca da Sultana com a mão. Elas estavam espremidas atrás dos casacos, perto o suficiente para que Sefa visse o momento exato em que Vaida registrou os sons de uma pessoa vasculhando os seus aposentos.

Elas se mantiveram imóveis enquanto o agressor se aproximava. Resmungos raivosos se infiltravam no guarda-roupa.

— Disse a ele que ela não estaria aqui. Ele me colocou em apuros desta vez, maldito seja.

Algo bateu à direita delas. O assassino estava abrindo os outros guarda-roupas. Os olhos em pânico de Vaida se voltaram para Sefa e permaneceram imóveis.

Ela estava com medo.

Sefa não sabia ao certo por que a revelação foi um choque. Talvez tivesse passado muito tempo com Sylvia, que parecia acreditar que temia a morte até encontrar uma oportunidade de correr em direção a ela como um touro com um galho enfiado no traseiro. Ou com Arin, de Nizahl, que enfrentava Sylvia sem vacilar, mesmo nos piores momentos dela; uma decisão que teria levado um homem normal à morte dez vezes.

Graças à companhia que Sefa mantinha nos túneis, ela havia esquecido como seria a resposta normal a uma possibilidade iminente de assassinato.

Outro golpe, mais perto desta vez. O guarda-roupa delas seria

aberto em seguida. Sefa soltou um suspiro silencioso. Ela e Marek já haviam passado por situações semelhantes no passado e escapado ilesos. É verdade que, da última vez em que estiveram em tal situação, Sefa quase foi espancada até a morte, mas duvidava que o assassino tivesse tempo de desferir mais do que alguns socos. Sefa se moveu muito mais rápido do que elas esperavam.

Ela falou diretamente no ouvido de Vaida:

— Fique aqui. Não se mova.

Unhas vermelhas cravaram-se na manga de Sefa. Sefa deu um tapinha na mão da Sultana antes de arrancá-la com delicadeza.

Com o máximo de discrição possível no espaço apertado, Sefa deslizou a pele que parecia mais cara sobre o vestido manchado. Se isso não funcionasse, pelo menos ela morreria no luxo.

Sefa levantou a perna e chutou as portas do guarda-roupa. Sultana Vaida ainda estava escondida atrás dos outros casacos, e Sefa evitou fazer barulho no cabideiro ao sair do guarda-roupa.

O assassino deu um pulo no ar. Sua adaga balançou em sua direção.

— Você não é a Sultana.

Sefa tirou o casaco depressa, olhando ao redor com culpa.

— Você é um dos novos guardas? Sinto muito. Sultana Vaida foi tomar banho, e eu... as roupas dela são tão lindas, e eu só queria experimentar... não vai contar a ninguém, vai? Ah, por favor, por favor, não. Acabei de começar a trabalhar na cozinha. Minha mãe não vai me aceitar de volta se eu for dispensada. — Lágrimas rolaram pelo rosto de Sefa. Ela olhou para o assassino por baixo dos cílios molhados. Com seu vestido surrado e aparência geralmente desleixada, Sefa certamente parecia uma funcionária humilde.

Sua confusão aumentou enquanto ela tagarelava, mas ela estava lhe dando uma desculpa com uma reverência e uma rosa perfumada. Era esse o calibre do assassino enviado para matar uma das pessoas mais

poderosas dos reinos? Sefa ficou quase ofendida em nome da Sultana.

— Sim, sou um guarda. — Ele estufou o peito e abaixou a adaga. — Houve um barulho.

— Eu ouvi! Acho que foi do fundo do corredor. Fiquei com tanto medo que me escondi no guarda-roupa. Quer que eu chame os outros guardas para acompanhá-lo? Não deve ser seguro percorrer sozinho com o agressor ainda por aí.

— Não! — O assassino franziu os lábios. — Não, fique aqui. Não saia deste quarto. Entendeu? Não é seguro.

Fácil demais. Sefa deixou escapar outra lágrima.

— Como você achar melhor.

— Onde você disse que ficavam os banhos da Sultana?

— Desça o corredor e vire duas vezes à direita. A porta está coberta de pétalas de rosa. — Sefa não fazia ideia de onde o corredor levava. Para as garras de um guarda armado, com sorte.

Ele abriu a porta um pouco e olhou para fora. Depois de verificar se Sefa não havia se movido, ele deslizou para fora, fechando a porta atrás de si.

Sefa imediatamente arrastou o banco de veludo para a frente da porta. As chances de ele voltar eram mínimas, mas ela nunca subestimou a ingenuidade de alguns homens. Ele havia quebrado a fechadura, mas ela a girou mesmo assim.

Enquanto avaliava se conseguiria derrubar um dos guarda-roupas para bloquear a porta, Sefa deu um pulo quando uma mão pousou em seu ombro. Sefa se virou e encontrou a Sultana logo atrás, com os olhos escuros a fitando sem nenhum traço do medo que Sefa vira no guarda-roupa.

Sefa quase conseguiu se convencer de que tinha tido uma alucinação.

— Ele não vai voltar. Os portões do palácio se fecham durante um

ataque. Não há escapatória para ele. — Ela retirou a mão e caminhou até uma poltrona esmeralda estofada perto da janela. — Você é uma artista muito competente. Estou impressionada.

Sefa engoliu em seco. Sem a ameaça iminente de dano, os seus nervos a abandonaram. E se a Sultana Vaida a reconhecesse? Sefa não tinha a menor dúvida de que o Herdeiro de Nizahl tinha guardas procurando por ela e Marek. Eles haviam se mostrado a melhor arma contra Sylvia durante o Alcalah. Se a Sultana soubesse quem era Sefa, ordenaria que a matassem ou a usaria como moeda de troca com Arin.

— É uma necessidade da minha posição na vida, Vossa Majestade.

Vaida sorriu.

— A minha também. Qual é o seu nome?

O nome dela? Ela tinha nomes demais. Sayali foi caçada em Nizahl, e depois do Baile dos Vitoriosos, Sefa também.

— Zahra. Meu nome é Zahra. — Seu coração pulou na garganta.

— Zahra. — A palavra saiu da língua da Sultana sem a menor sombra de reconhecimento. — Diga-me, Zahra, por que você está no meu palácio? Não confunda a minha pergunta com ingratidão, pois o seu serviço a mim esta noite foi impecável.

— É um serviço que qualquer um teria prestado com prazer, minha senhora.

Os lábios da Sultana Vaida se contorceram ironicamente.

— Fico lisonjeada que você pense assim. — Ela ergueu uma sobrancelha, expectante.

O constrangimento fez com que as palavras se transformassem em um murmúrio.

— Estou aqui como acompanhante de um dos seus convidados.

Um olhar para o traje trágico de Sefa determinaria exatamente a que tipo de acompanhante ela se referia. Sultana Vaida inclinou a cabeça.

— Qual convidado?

Sefa abriu a boca... e parou. Ah, não. Ah, ela tinha esquecido o nome verdadeiro dele. Se não respondesse rápido, Vaida pensaria que as mentiras de Sefa não tinham acabado com o assassino.

Ela baixou a cabeça.

— Para ser sincera, Vossa Majestade, não me lembro. Tenho me referido a ele como "Andarilho de Cadáveres" na minha cabeça.

Uma gargalhada atraiu o olhar de Sefa. Sultana Vaida pressionou os dedos finos contra a boca, contendo um sorriso.

— Ah, sim, Heilan. Andarilho de Cadáveres é... terrivelmente apropriado.

Cheia de alívio e leveza, a Sultana Vaida quase aparentava a idade que tinha. Uma jovem inteligente, com poder transbordando por todos os poros.

Sylvia dissera a Sefa certa vez, durante um de seus estranhos momentos introspectivos, que Arin e Vaida eram farinha do mesmo saco. *Eles poderiam incendiar o mundo e nos convencer a dançar em suas cinzas.*

— Eu deveria ir embora — disse Sefa, sacudindo o fantasma de Sylvia.

Vaida se levantou. Sua altura se expandiu até que ficou uma cabeça acima de Sefa. Felizmente, depois de anos com Sylvia e Marek, o pescoço de Sefa havia se adaptado a uma vida de olhar para cima.

— Gostaria que você ficasse, Zahra.

Seu estômago congelou. Vaida sabia. Ela a jogaria em um dos fossos do lado de fora do Palácio de Marfim e então daria os seus restos mortais aos gatos selvagens que rastejavam por todos os jardins...

— Fique e trabalhe para mim. Preciso de alguém em quem eu possa confiar no meu cargo. Vivemos em tempos perigosos, e você estará bem protegida no Palácio de Marfim.

A mudança de se imaginar como comida para gatos para a oferta de emprego deixou Sefa tonta.

— Hã?

A mão de Vaida encontrou o queixo de Sefa, fechando sua boca escancarada.

— Vai entrar moscas.

— Por que você iria querer... estou honrada, Sultana, mas...

— Você está feliz com seu emprego atual? — Vaida interrompeu com facilidade a tagarelice desconexa de Sefa.

Privada de uma fala coerente, Sefa só conseguia balançar a cabeça.

— Preciso de uma nova assistente pessoal. Alguém que consiga pensar rápido e criticamente, mesmo diante de um superior. — Vaida apertou os lábios, e Sefa se lembrou do que Sylvia lhe contara sobre o incidente no palácio Omal, como a proximidade do Herdeiro de Nizahl desorientara um servo Lukubi o suficiente para que ele guardasse as duas bonecas ghaiba em seu bolso.

A capacidade de Marek de seduzir a guarda designada para os aposentos de Vaida na noite do festival provavelmente também não reforçou a confiança da Sultana em sua equipe.

A oferta ultrapassava todos os limites do absurdo. Como assistente pessoal, Sefa teria acesso quase irrestrito ao Palácio de Marfim. Estaria a par de todos os aspectos da vida de Vaida, dotada de poder de decisão sobre tudo, desde as refeições da Sultana até sua agenda social.

O resto da equipe certamente a desprezaria. Uma estranha sem nada no nome roubando um cargo pelo qual alguém mataria.

Sefa balançou a cabeça outra vez, completamente perplexa.

— Como você sabe que pode confiar em mim?

— Confiar em você? Querida, se vai dizer algo tão bobo, guarde para um palco. — Um olhar arrepiante e perspicaz percorreu Sefa. — Você não tinha motivo para me salvar. Menos ainda para se colocar em perigo para me esconder. Isso me deixa com duas possibilidades: ou você é uma simplória abnegada, ou tem as suas próprias intenções contra

mim. Eu sempre posso usar mais cordeiros dispostos a se alimentar do leão.

As palavras saíram antes que Sefa pudesse repensá-las, impulsionadas por uma forte explosão de indignação.

— E se eu não for um cordeiro? Se eu tiver as minhas próprias intenções?

Vaida sorriu.

— Mais um motivo para manter você por perto, não é?

Gelo percorreu a espinha de Sefa, que deu um passo para trás. Sefa *desejou* ter intenções insidiosas. Parecia a coisa certa a se fazer. Talvez pudesse desenvolver uma ou duas depois de deixar aquele lugar.

— Respeito Vossa Majestade demais para aceitar um cargo para o qual sei que não tenho as qualificações necessárias — disse Sefa, preparando-se. — Seus esforços seriam melhor direcionados a uma candidata mais adequada.

Sultana Vaida fez uma pausa, uma complexa série de expressões registrando a sua surpresa. O cômodo mergulhou em um silêncio contemplativo enquanto Sefa se preparava para a reação de Vaida.

E *haveria* uma reação. Pessoas como Marek e a Sultana, que usavam a aparência como moeda de troca, nunca aceitaram bem a constatação de que a beleza não tinha um valor universal. Marek se desculpara inúmeras vezes pela forma como reagira depois que Sefa lhe dissera que jamais seria capaz de retribuir os seus sentimentos. Ele ficaria arrasado ao saber que a lembrança de acordar e descobrir que Marek havia partido ainda assombrava Sefa. Três dias. Três dias ela passou aterrorizada e arrependida, imaginando se ele voltaria. Tentando entender quando suas definições de *amor* haviam assumido significados tão drasticamente divergentes.

Marek voltara com uma cesta de maçãs e uma série de desculpas esfarrapadas. Um erro de cálculo de tempo, dissera. Mas Sefa, com medo

de acordar na manhã seguinte e descobrir que ele havia desaparecido mais uma vez, não se deixou enganar por seu novo perdão.

— Eu te amo tanto — soluçara. — Se você me permitir, vou viver e morrer ao seu lado. Mas eu não... não consigo te amar da maneira que você me pediu. Acho que não consigo amar ninguém dessa maneira.

Ele a abraçou enquanto ela chorava, sua boca formando promessas contra o topo da cabeça dela, jurando nunca mais deixá-la. Uma promessa que ele cumpriu.

Mas, às vezes, em momentos sombrios como esses, Sefa não conseguia deixar de se perguntar se a aceitação de Marek não tinha sido muito fácil. Se ele só perdoou a rejeição porque o coração e o corpo dela nunca pertenceriam a *ninguém*, para que ele não tivesse que testemunhar outra pessoa ter sucesso onde ele falhou.

A Sultana Vaida apenas olhou para Sefa pensativamente.

— Você está procurando alguém.

O sangue de Sefa gelou. Ela entrelaçou as mãos para impedi-las de tremer. Era apenas especulação. Um mero palpite disparado como uma flecha em um tabuleiro, nada mais. Se Vaida soubesse a verdade, Sefa estaria acorrentada.

— Amigo, familiar? Um amante?

Sefa permaneceu em silêncio.

— Aqui está a minha última oferta. Trabalhe para mim no Palácio de Marfim por um mês. Você servirá como os meus olhos e ouvidos na corte, e espero receber relatórios noturnos sobre os sussurros que circulam pelo meu palácio. Em troca, eu a ajudarei a encontrar quem você está procurando.

Sefa prendeu a respiração. Vaida a ajudaria a encontrar Marek e Sylvia? Os recursos à disposição da Sultana eram impressionantes, e a sua influência só perdia para Nizahl. Com a ajuda de Vaida, Sefa poderia vasculhar os confins da Terra em busca de Marek e Sylvia.

Não Sylvia.

Essiya de Jasad. Também conhecida como a mulher mais procurada dos reinos.

Sefa não se importava com nenhuma das maquinações e manobras da realeza. Ela crescera com uma mãe que subia na hierarquia e um padrasto que era um canalha eloquente. Os jogos dessas cortes eram sanguinários e selvagens; Sefa não queria ter nada a ver com eles.

Só que se Arin estava perseguindo Essiya, Vaida também estaria.

A Sultana Vaida levantou a mão para ajustar o acabamento de renda branca sob o decote do vestido. O trabalho artesanal distraiu temporariamente Sefa, que sempre se orgulhou de sua habilidade de reproduzir qualquer desenho que encontrasse com quase perfeição. Todas as roupas que ela viu no guarda-roupa da Sultana fizeram Sefa questionar seus próprios anos de treinamento.

Sefa levou vários segundos para parar de pensar em como recriaria o padrão da renda e notar o anel no terceiro dedo de Vaida.

Era o anel que ela e Sylvia tentaram roubar no palácio de Omal. O anel que queimou os dedos de Sefa quando tentou pegá-lo; o anel que Arin de Nizahl enrolou em um molde depois de deixar a Sultana inconsciente.

Ela acha que pode vencer uma guerra contra Nizahl, Sylvia disse.

Sefa estava diante da Sultana de Lukub com a lembrança da colher do Andarilho de Cadáveres batendo em sua boca resistente, e se perguntou se a Sultana alguma vez se sentira impotente. Ela se perguntou se a mãe de Sefa estava certa, e se Sefa sempre seria guiada pelo coração em vez da razão.

A mãe dela quis dizer isso como um insulto. A maioria das pessoas o fazia. Mas foi o coração de Sefa que lhe disse para fazer as malas e fugir de Nizahl com o rapaz rico de cabelos dourados que inexplicavelmente permanecera ao seu lado desde crianças. O mesmo coração que viu a

garota hostil e solitária rondando a fortaleza de Raya e decidiu fazer dela uma amiga. As melhores decisões que Sefa já havia tomado – as decisões mais corajosas – sempre vieram do seu coração.

Ele protegia o que amava melhor do que a mente de Sefa jamais conseguiria.

— Se me der fundos para encontrar os meus companheiros em vez de procurá-los você mesma, concordarei em permanecer como a sua assistente e lhe trazer notícias do seu palácio.

Sefa não deixou seu olhar se demorar no anel de Vaida. A primeira regra de qualquer corte real: nunca deixe que eles percebam suas intenções.

A fantasma Sylvia sacudiria Sefa até seus dentes chacoalharem se a visse negociando com uma mulher tão perigosa – tão propensa a caprichos fatais e retaliações sádicas – que incomodava até mesmo o comandante de Nizahl.

Sefa estava cansada de ser a pessoa que todos precisavam proteger constantemente. A fraqueza em um cômodo de guerreiros. Aquele anel era uma alavanca. Uma moeda de troca.

Poder.

Vaida encarou Sefa. Os seus lábios se abriram em um sorriso.

— Considere feito.

CAPÍTULO 9



Arin reclinou-se em seu assento à cabeceira de uma mesa excessivamente longa e imaginou que estava colocando fogo no cômodo.

Era uma ilusão, mas a ideia tentava Arin cada vez mais quanto mais ele observava o conselho discutir. Um provérbio Nizahlano particularmente obscuro veio à mente, um que seu pai adorava quando ensinava Arin sobre as desvantagens de perseguir um plano por paixão em vez de estratégia. *Aqueles com fome e sem visão vão pegar o pato e se empanturrar com suas penas.*

Ele não tinha entendido até aquele momento, sentado em silêncio enquanto homens e mulheres de inteligência supostamente avançada lutavam para garantir que as suas ideias horríveis fossem ouvidas mais alto do que as ideias horríveis da pessoa ao lado deles.

A ala de guerra da Cidadela era a única das três – anteriormente quatro – alas estritamente proibida a qualquer pessoa além do conselho, da realeza e de seus guardas. Na primeira vez que entrou no Salão Hatem, logo após o Baile dos Vitoriosos, Arin havia contado nada menos que setenta e sete teias de aranha ativas.

Luminárias pendiam acima da mesa com faixas de ferro, penduradas em um teto de vidro pontiagudo. As cadeiras foram construídas há muitos milênios com as árvores mais antigas de Essam, e a madeira austera já havia acomodado milhares de conselheiros cada vez mais tolos que passavam pelo Salão Hatem. O basalto havia sido esculpido em penas longas e afiadas de corvo e forjado para o encosto da cadeira do Comandante, à cabeceira da mesa. Suas sombras se estendiam como asas erguidas de cada lado de Arin.

Quando a tagarelice dos conselheiros enfim ultrapassou os limites da paciência de Arin, ele falou:

— Sama, corrija-me se eu estiver enganado, mas você está sugerindo que dilaceremos a população mais pobre de cada reino com uma demonstração avassaladora de força militar, com a pequena chance de capturarmos membros de um grupo rebelde que eu já vasculhei nesses mesmos reinos?

— Que outra escolha temos, senhor? — perguntou Sama. Seu cabelo liso caía em um corte assertivo ao redor de seu queixo quadrado, dando a Arin a impressão de um soldado brincando de contador. — As rebeliões nas aldeias mais baixas de Omal tornaram impossível a busca pela Herdeira de Jasad sem interferir nos assuntos de Omal.

Três linhas de pensamento – sendo *pensamento* uma palavra que Arin hesitou em aplicar ao refluxo intelectual que jorrava de todos na sala – se solidificaram nas últimas horas. Quanto mais Arin as considerava, mais difícil se tornava mascarar seu desprezo.

Arin tamborilou com o dedo na borda da mesa, contando as arestas. O desdém transparecia em sua voz.

— Não haverá interferência Nizahlana nas rebeliões das aldeias inferiores. As chances da Herdeira de Jasad se esconder nas aldeias inferiores de Omalia são mínimas, e não violarei as nossas próprias leis com base em uma aposta mal calculada.

A rebelião contra a coroa de Omal vinha se formando há algum tempo e só se fortaleceu depois que Felix achou por bem interromper o waleema de Mahair no Alcalah, jogando uma criança na frente de seus cavalos.

Nesse aspecto, as leis fundadoras de Nizahl sempre foram absolutas: a menos que envolvesse magia ou comprometesse diretamente a vida de Nizahlanos, não interfeririam nos assuntos internos de outro reino. Os aldeões podiam desmembrar Felix e içá-lo nas torres de seu

próprio palácio, e se não envolvesse magia, Arin executaria qualquer soldado que pisasse em solo Omaliano para intervir.

Alguns outros conselheiros queriam reunir a Sultana Vaida, a Rainha Hanan e o Rei Murib para garantir o seu apoio e convencê-los a dar a Nizahl total liberdade para vasculhar os seus territórios até que a Herdeira de Jasad fosse encontrada.

Arin cruzou as pernas. Adotou um tom tão preguiçoso quanto a sua postura, condizente com o valor da proposta.

— O Rei Murib não elabora estratégias além do que planeja comer no café da manhã desde a Guerra de Jasad. Sorn comanda a maior parte das operações do exército. E, como sabemos, todo o tempo do Herdeiro de Orban é dedicado à busca por uma cura para a sua Campeã em coma.

A tristeza contínua de Sorn por sua Campeã surpreendeu a todos, inclusive Arin. Raramente Campeões viviam para ver o fim do Alcalah; um fato que Arin imaginaria que Sorn não precisaria ser lembrado.

Mesmo agora, o berro frenético de Sorn, enquanto a sua Campeã pendia mole em seus braços, ecoava nos ouvidos de Arin. O som ecoava em meio ao seu próprio pânico enquanto Arin arrastava a Herdeira de Jasad para fora da areia. Embora a sua cabeça não tivesse afundado como Diya de Orban, seu corpo mole e a sua respiração superficial foram suficientes para privar Arin de qualquer sensação de alívio.

Arin se livrou da lembrança indesejada. Até Sorn desistir de encontrar uma cura para Diya, ele era inútil.

Arin continuou:

— Os Acordos de Zinish são a única razão pela qual a sultana Vaida não instigou uma guerra contra nós. Não vejo nenhuma razão válida para oferecer à Sultana uma maneira de implicar Nizahl em uma violação dos acordos, envolvendo-a em nossa busca.

— A sultana tem um longo histórico de enfrentar os limites dos Acordos de Zinish antes de recuar — acrescentou Layla, falando pela

primeira vez. A emissária de Nizahl vinha tomando notas em silêncio desde que se sentou.

Arin assentiu.

— Layla está certa. Durante anos, a Sultana Vaida testou os limites dos Acordos de Zinish como um gato com um rato sob a pata: inteligente demais para arriscar soltar completamente o controle e travessa demais para resistir à tentação de pressionar.

— E quanto a Omal? Temos certeza de que a Rainha Hanan não tem influência sobre o sobrinho? — perguntou Faheem. O recém-nomeado Sumo Conselheiro passou a ponta do polegar pela testa, estudando as suas anotações com um cansaço que Arin conhecia muito bem.

Faheem foi a segunda pessoa que Arin nomeou para o conselho. A primeira foi Layla. Um por um, o povo de Arin estava substituindo o de seu pai.

Não passou despercebido.

Gersiny, o conselheiro mais velho na sala, balançou a cabeça.

— A Rainha Hanan mal sai do palácio de Omal, e há relatos de que sua saúde piorou. O choque de ver a filha de seu filho viva tem sido difícil.

— Que diferença faz? Ela está obsoleta desde a Cúpula Sanguinária — disse Sama. — Felix deveria ser o nosso alvo. Ele comanda o reino e os seus recursos substanciais. Ele tem todos os motivos para querer capturar a Rainha de Jasad. O pai dela foi o primeiro Herdeiro de Omal; o sangue dela lhe dá direito direto ao trono.

— Felix é uma criança mimada — respondeu Faheem. — A magnitude de uma aliança está além de sua compreensão, e não podemos contar com o apoio de um governante vacilante que segura o seu poder como um chocalho na mão de um bebê. Já temos acesso a Omal e ao resto dos reinos através da Declaração de Madeen; contanto que os soldados não ultrapassem os seus limites, temos autorização

escrita para procurar a Rainha de Jasad como acharmos adequado.

— Não temos nem soldados de sobra — disse Bayoum, e assim surgiu a terceira, e mais irritante, linha de pensamento.

Anos de prática mantiveram a expressão de Arin serena e impassível. A proposta de Bayoum parecia simples à primeira vista. Reinstituir o recrutamento obrigatório em Nizahl, inclusive nas vilas mais baixas, e eliminar os dois níveis intermediários de treinamento para que os soldados se formassem mais rápido.

Desajeitado, preguiçoso e cheio de falhas. Assim como todas as outras ideias que Bayoum havia proposto.

Segundo a lei Nizahlana, Arin não podia remover um membro anterior do conselho sem justa causa. A regra permitia que os membros do conselho falassem a verdade sobre assuntos controversos sem temer a perda de seus cargos ou perder tempo bajulando o próximo Comandante. Normalmente, Arin acharia a regra útil. Como garantia a presença contínua de Bayoum na sala do conselho, ele a detestava.

Faheem pigarreou. Por mais novo que fosse na função, ainda não havia se adaptado aos novos colegas.

— Não podemos arriscar o que aconteceria se a notícia da existência da Herdeira de Jasad se espalhasse.

Bayoum gemeu. Seu cabelo castanho-claro se curvava sobre e atrás da cabeça do conselheiro como uma banana descascada, tão escorregadio quanto seus olhos sempre mutáveis e seu sorriso excessivamente pronto.

— Como já repeti, a notícia acabará se espalhando. Se não for hoje, será amanhã, ou depois de amanhã, ou no dia seguinte. Os Urabi não arriscaram suas vidas invadindo a Cidadela para sequestrá-la para que pudessem escondê-la e deixá-la de lado.

— Ainda não sabemos se foi um sequestro. Ela provavelmente os levou para o terreno da Cidadela antes do terceiro teste e deu o sinal para atacarem durante o baile — interrompeu Sama. Ela acreditava fielmente

que a Vitoriosa e os Urabi estavam se comunicando o tempo todo.

Os dedos de Arin se curvaram instintivamente, as suas luvas pouparam suas unhas de lascarem na mesa.

Não era a primeira vez que Sama compartilhava a sua teoria. Aliás, ela nem sequer foi a primeira pessoa a cogitar a possibilidade de que os Urabi e a Herdeira estivessem conspirando em todo o Alcalah.

A Herdeira de Jasad vinha mentindo para ele desde o começo. Faria todo o sentido que estivesse mentindo sobre mais do que apenas sua identidade.

Exceto que Arin não via utilidade nisso. Ele não via o que ela ganharia ao suportar o Alcalah e arriscar sua vida em cada prova se estivesse apenas esperando o momento certo para se juntar aos Urabi.

Se fugir fosse seu objetivo o tempo todo, ela teria aceitado quando ele ofereceu.

Fuja. Pegue um cavalo e vá para o mais longe que puder.

Seja livre.

Faheem pigarreou, recuperando a atenção de Arin.

— Se recrutarmos metade das aldeias mais baixas, eles descobrirão sobre ela muito mais cedo do que se deixarmos a natureza seguir seu curso.

— Não é a natureza que vai decidir! — Bayoum jogou os braços para o ar, e a conversa imediatamente mudou de assunto.

Arin contou as saliências da mesa.

Cinco anos atrás, a eliminação do serviço militar obrigatório em tempos de paz nas aldeias mais baixas por Arin foi recebida com indignação. Ele explicou isso apenas uma vez: ninguém deveria usar o uniforme de Nizahl ou empunhar uma espada em seu nome se não quisesse.

Bayoum havia feito carreira tentando reverter todas as políticas implementadas por Arin. A existência da Herdeira de Jasad lhe dera a

oportunidade perfeita para mirar no recrutamento.

Enquanto Arin permanecesse como o Comandante de Nizahl, a sua palavra reinava sobre todos os ditames militares. Nenhuma quantidade de acenos apaixonados de Bayoum poderia mudar o simples fato de que, a menos que Arin morresse, nomeasse seu filho como sucessor ou fosse considerado culpado de traição contra Nizahl, as forças deste reino respondiam a ele e somente a ele.

A única outra maneira de destituir um Comandante em exercício era realizar uma Votação Nitraus.

O mecanismo legal foi posto em prática em 930 A.E em resposta às ações de um Comandante particularmente maníaco, e foi utilizado exatamente três vezes ao longo da história. A Votação Nitraus permitiu ao conselho, com o apoio do Supremo, anular um Comandante para instigar ou encerrar uma guerra. Uma Votação Nitraus significava que toda a fé havia sido perdida na autoridade e no julgamento do Comandante.

A Votação Nitraus era uma relíquia. Algumas linhas insignificantes entre milhares nos textos jurídicos de Nizahl. Arin se obrigou a considerar a opção – desvendar aquele futuro específico em sua mente – até se sentir confortável em deixá-la de lado.

À sua direita, Layla bocejou no momento em que cruzou o olhar com Arin. Ela corou intensamente e se endireitou na cadeira.

Ela voltou a se concentrar na discussão com uma atenção que beirava o cômico, claramente envergonhada. Não que Arin a culpasse por perder o interesse, mas Layla tinha imenso orgulho de seu trabalho. A maioria das pessoas ficou surpresa quando Arin apresentou Layla como a emissária inter-reino, já que tudo nela irradiava inocência. Seu rosto redondo em formato de coração e os seus olhos arregalados. Os cabelos dourados esvoaçavam sobre os seus ombros como uma nuvem de sol, soltos para lhe dar a oportunidade de prendê-los discretamente

atrás das orelhas.

A impressão de suavidade e vulnerabilidade era algo que ela havia demonstrado com maestria em diversas cortes intrigantes. Sua abordagem sutil levou mais tempo do que o normal para Arin reconhecer. Ela não impunha as suas opiniões nem a sua vontade à força a uma autoridade superior. Em vez disso, Layla pressionava contra a determinação deles, repetidas vezes, como uma onda suave erodindo a rocha mais inflexível. O estilo exigia uma paciência e estabilidade de temperamento que Arin admirava.

Layla olhou para Arin outra vez, e ele se lembrou de desviar o olhar tarde demais. Seu rubor aumentou, despertando uma tensão que Arin preferiria deixar esquecida.

Arin conhecia Layla desde a infância, e qualquer interesse romântico que Arin pudesse ter nutrido desapareceu logo após o surgimento. Por mais habilmente que Layla navegasse pelos jogos distorcidos da realeza, Arin tinha a sensação de que ela nunca havia cruzado a linha para experimentar a verdadeira selvageria reprimida em seu âmago. A vida dela era uma vida de alta sociedade, com políticas perfumadas e acordos fechados durante refeições luxuosas em mansões douradas.

Se eu fosse uma mulher sensata, cortaria a sua garganta enquanto você dormisse.

Arin afastou a lembrança com impaciência. Não precisou vasculhar a própria mente para entender que um certo tipo de violência o atraía – que os oceanos de ira da Herdeira de Jasad o atraíam como uma fonte envenenada atraía um homem sedento.

Com um sorriso forçado, Faheem interrompeu a última rodada de discussões para sugerir:

— Com a permissão de Vossa Alteza, vamos nos dispersar e nos reunir mais tarde. Depois do pôr do sol, talvez, se for do agrado do

conselho.

Quando Arin assentiu brevemente, Faheem se derreteu na cadeira.

— Pôr do sol, então — disse o novo Sumo Conselheiro.

CAPÍTULO 10



Na porta, Layla se colocou no caminho de Arin.

— Vossa Alteza, posso ter uma palavra?

Não, Arin quis responder. Ele já tinha ouvido palavras demais de outras pessoas hoje.

Layla entrelaçou e desenlaçou as mãos; um tique nervoso ou uma imitação inteligente de um.

Ele expirou pelo nariz, lançando um olhar para cima, em direção à estátua do fundador de Nizahl.

Moldado para parecer que estava rompendo a parede e crescendo acima do teto, estava o primeiro Comandante e Supremo de Nizahl. Esculpido em pleno movimento, Fareed pairava sobre a porta da sala do conselho. As duas espadas que ele carregara em incontáveis batalhas estavam cruzadas acima de sua cabeça. Voando por entre as espadas em choque, um corvo abriu as asas, as penas se espalhando pelo teto.

Sob o olhar atento do fundador de Nizahl, Arin deixou de lado a impaciência e gesticulou para que Layla o acompanhasse. Ele se movia em um ritmo constante, mais do que pronto para se distanciar do conselho. Em um mês típico, ele se reunia com o conselho uma vez por semana para analisar petições e ouvir atualizações sobre as províncias que controlavam. Desde o Baile dos Vitoriosos, Arin era submetido à presença deles quase duas vezes por dia. Uma espada enferrujada atravessando as suas extremidades seria uma experiência mais agradável.

Os criados pararam para se curvar ao passar por Arin, mas ele os dispensou de volta às suas tarefas com um aceno. Na esquina, Arin

diminuiu o passo, permitindo que Layla recuperasse o fôlego. Dois guardas empurraram as portas da frente ao ver Arin se aproximar.

Assim que Arin saiu da ala de guerra, seu peito se expandiu com a primeira respiração completa do dia. Ele pressionou dois dedos na dor em sua mandíbula, causada por horas de cerrar os dentes. Ao anoitecer, a dor subiria e latejaria entre suas têmporas enquanto ele tentava dormir.

Ignorando temporariamente a presença nervosa de Layla, Arin ergueu o queixo em direção ao céu, procurando distraidamente pelo sol. Seria bom senti-lo na pele, mesmo que por apenas um minuto. Ele sentiu, estranhamente, como se tivesse esquecido o que era estar aquecido.

— Senhor?

Arin lançou uma última varredura sobre as ardósias cinzentas e inflexíveis.

— O que foi, Layla?

Talvez percebendo que o interesse de Arin na conversa estava se dissipando, Layla foi direto ao ponto.

— O Herdeiro de Omal está realizando ataques às aldeias mais baixas, Vossa Alteza. Os seus soldados mataram quatorze soldados de Nizahl em seus postos avançados em Essam, mas o palácio alega que foi obra dos aldeões mais baixos.

— Entendo. — Arin enfiou as mãos nos bolsos do casaco. — Envie uma tropa de soldados do quarto ano aos aposentos dos nobres Omalianos. Posicione-os do lado de fora de suas casas e diga que é para sua proteção.

Layla piscou.

— Estamos enviando soldados para proteger os nobres Omalianos?

Arin conteve com cuidado a faísca de irritação entre o polegar e o indicador. Se ela fosse liberada, Arin tinha a sensação de que iria explodir.

— Ver soldados de Nizahl espalhados por suas propriedades

enfurecerá os nobres. Nobres furiosos mantêm os seus bolsos fechados. Felix cessará os seus ataques às aldeias mais baixas ou encontrará a sua capital em desacordo com os seus habitantes mais ricos.

— Você já pensou nisso. — Ela riu baixinho. — É claro que sim.

O que mais Arin pensaria? Capturar a Herdeira de Jasad e impedir que a magia os lançasse em outra guerra? Não, não, seu tempo seria muito melhor aproveitado elaborando estratégias para impedir que os reinos se canibalizassem.

Layla juntou as mãos à frente do corpo, fazendo as seis delicadas pulseiras de ouro em seu pulso tilintarem com o movimento. Da última vez que a viu, ela usava cinco.

— Devo dar os parabéns? — perguntou ele, esboçando um sorriso. Normalmente, não teria perguntado. Não sabia bem por que o fez agora. Talvez uma solidariedade remanescente da miséria compartilhada na reunião do conselho.

Depois de um instante de perplexidade, Layla olhou para o pulso e suspirou.

— Desta vez não, infelizmente. Nosso namoro durou apenas um mês. Meus pais não gostavam dele; diziam que um estruturalista de Ukaz acabaria querendo uma esposa mais interessada em tarefas domésticas do que em negociar com "nobres lascivos em antros de iniquidade enfumaçados". O pobre homem negou, mas as suspeitas deles ficaram na minha cabeça. — Ela esfregou o polegar sobre a sexta pulseira. — Só mais azar para mim, suponho.

— Sinto muito — disse Arin, e falava sério. As províncias do sudoeste de Nizahl tinham um histórico de desprezo por suas contrapartes do norte. Encontravam as maneiras mais mesquinhas de se irritarem. Firras, cidade natal de Layla, seguia a antiga tradição Nizahlana de receber uma pulseira de ouro de cada pretendente que batesse à porta. Em Ukaz, eles coletavam anéis de prata. Se Firras

organizasse um festival, Ukaz inundava as ruas. Ukaz comia sardinhas para celebrar a primavera, então Firras infringiu várias leis para represar uma parte de Hirun e coletar o máximo de sardinhas possível.

— Não estou preocupado com você, Layla. — Arin não tinha o hábito de comentar sobre a vida pessoal de seus empregados, nem recebia regularmente algo sobre o que comentar. — O homem digno de ser seu par encontrará você quando chegar a hora.

— Queria que ele me encontrasse mais rápido. — Layla alisou a frente da blusa, sacudindo-se. Eles continuaram a caminhar pelo gramado da Cidadela. — Mandarei os alunos do quarto ano a cavalo até Omal ao anoitecer. Com sorte, Felix reconsiderará a sensatez de suas ações.

Os ombros de Arin relaxaram um pouco agora que estavam em pé de igualdade. Ele não compartilhou que duvidava muito que Felix tivesse a sabedoria de reconsiderar.

Uma brisa forte levantou os seus cabelos do pescoço. Arin inclinou a cabeça, deixando-se levar pela brisa, e cometeu o erro de olhar para Layla.

O olhar de sua emissária se transformou em um desejo resignado, não muito diferente de como Arin poderia ter parecido enquanto procurava um vislumbre do sol em meio às nuvens.

A tensão voltou ao maxilar de Arin. Ela costumava esconder esse... problema... melhor. Ela estava fora do normal hoje, e Arin não tinha tempo nem paciência para lidar com outra conversa.

Arin parou de andar, virando-se por completo para encará-la. Assim que ela encontrou seus olhos, o desejo em seus olhos diminuiu, recuando como Arin sabia que aconteceria.

Um líder forte aproveitava todas as vantagens que lhe eram dadas ao máximo. A aparência de Arin não passava de uma isca, e ele raramente se dava ao trabalho de usá-la. A menos que se dedicasse

totalmente ao engano, os olhos de Arin sempre o traíam.

Frios. Distantes. Inóspitos a qualquer coisa terna ou suave.

Um movimento passou pela sua visão periférica no momento em que ele abriu a boca para perguntar a Layla se ela tinha mais algum assunto a discutir.

Arin ficou imóvel como uma pedra.

Não podia ser.

À sombra da ala leste, uma mulher estava de pé na grama. Estava de costas para Arin. Cachos negros caíam em cascata sobre os seus ombros largos, soltos de um jeito que Arin sabia que ela não gostava. Ela se virou ligeiramente, de frente para a torre, e um som áspero raspou e morreu na garganta dele.

Não. Não, ela não seria tão estúpida. Ela sabia muito bem.

A mulher que não poderia ser a Herdeira de Jasad deu um passo em direção ao lado da ala leste e a cutucou.

Arin deu um passo à frente. Sua mão deslizou para dentro do bolso esquerdo do casaco, fechando-se em torno da lâmina fina e pontiaguda. Isso a imobilizaria por tempo suficiente para que as amarras e os reforços necessários chegassem.

Sua mão teve um espasmo ao redor da adaga.

Aquilo não era real. Ela jamais seria tão imprudente.

Lutando contra a secura da boca, Arin disse:

— Layla, vire-se devagar e me diga o que você vê.

A alucinação em forma da Herdeira de Jasad agachou-se e pressionou as palmas das mãos na grama. Ela batia no chão com pânico crescente.

— Hum, tem guardas patrulhando o portão. Um pássaro azul escondido nos arbustos. Uma nuvem de mosquitos perto do arco do jardim.

Layla não conseguia vê-la. Layla não conseguia vê-la, o que

significava que ela não estava ali. Ou Arin enlouquecera nos últimos dez minutos, ou alguma magia estranha estava em ação. Mas a sensibilidade de Arin à magia fazia com que nunca deixasse de ver as bordas de um glamour ou sentir sua carga no ar, e tudo, exceto a alucinação da Herdeira de Jasad, permanecia perfeitamente normal.

— Meu senhor, você está bem?

Capturar Essiya de Jasad na porta da Cidadela depois que ela conseguiu esconder sua identidade de Arin por meses desafiava todos os princípios da lógica. Fazia mais sentido supor que ele tivesse enlouquecido.

A alucinação franziu o rosto em uma frustração familiar.

— Senhor! — O grito de Layla fez o pássaro azul alçar voo. Sylvia ergueu a cabeça bruscamente. A mão de Arin ficou imóvel contra a adaga quando os olhos arregalados e escuros encontraram os dele. Olhos que ele observara brilharem de raiva e dançarem com humor, olhos que nunca eram frios ou distantes.

Olhos que antes pareciam mais quentes contra a sua pele do que o sol jamais poderia.

Uma pequena mão se fechou em volta do antebraço de Arin. Sua atenção se concentrou no ponto de contato, e qualquer que fosse sua expressão, era severa o suficiente para que Layla retirasse a mão instantaneamente.

Na fração de segundo de distração, a alucinação desapareceu. Arin examinou o pátio. Nada. Como se ela nunca tivesse estado ali.

Arin soltou um suspiro pálido e trêmulo. Depois de mais um minuto, desviou o olhar relutante da grama.

Ele não tinha tempo a perder. Tinha uma guerra para evitar.

— Perdoe-me — disse Arin a Layla. Adotou um tom suave e íntimo. Vários planos de Arin seriam inviabilizados se Layla se juntasse aos que acreditavam que seu julgamento estava prejudicado. — Dormi

pouco ontem à noite e pensei ter visto um estranho aqui. Não pretendia tratá-la com grosseria.

— Não há nada a perdoar, Vossa Alteza. Pode me tratar como quiser. — Assim que as palavras saíram da boca de Layla, um rubor intenso tomou conta de suas bochechas. Arin fingiu não notar.

O sino tocou a hora, e Arin desviou firmemente sua atenção de uma percepção perigosa.

Seu primeiro instinto ao *vê-la* não foi pegar sua lâmina ou convocar os guardas.

Era para gritar *fuja*.



Faíscas vermelhas se arquearam sobre a mesa de trabalho do ferreiro enquanto o cinzel batia contra a base da espada de aço. O mesmo som ecoava em todas as ferrarias de Nizahl, ecoando das cidades altas até a rua mais baixa da Curva de Galim.

Vaun se remexeu inquieto ao lado de Arin, observando o ferreiro trabalhar com um certo desdém. O guarda nunca se interessou em se rebaixar para aprender a mecânica da qual a sociedade trabalhadora tirava o seu sustento. Ele nunca se perguntou de onde vinha a comida em seu prato, Arin nunca se deteve no motivo pelo qual o cabo de sua espada era arredondado em vez de quadrado. Quando Arin se sentia generoso, interpretava o desinteresse de Vaun como um foco limitado, que deixava pouco espaço para a curiosidade.

Outro exemplo claro: Vaun insistira em acompanhar Arin em cada visita que ele fazia a dezenas de ferreiros em Nizahl. Vaun estava à paisana, com seu broche de guarda – símbolo de seu papel a serviço de Arin e sua posição na Cidadela – enfiado no bolso.

A missão de Arin era a de Vaun. A segurança de Arin era o único

interesse de Vaun.

— Você acha que elas serão necessárias? — Vaun observou o ferreiro correr para a boca alaranjada da fornalha.

O assistente do ferreiro ofereceu a Arin uma reverência petrificada antes de passar correndo. Ele sussurrou no ouvido do ferreiro, apontando para o desenho que Arin havia fornecido a todos os ferreiros e soldadores do reino. Eles traçaram a gravura que Arin havia pago generosamente para ser forjada em centenas de espadas em Nizahl.

— Espero que não — disse Arin.

Se essas espadas em particular fossem colocadas nas mãos dos exércitos de Nizahl, isso significaria que os Acordos de Zinish teriam sido quebrados.

Isso significaria que, pela primeira vez em mais de um século, Lukub e Nizahl estariam em guerra.

— A Sultana não arriscaria uma guerra com Nizahl agora. Não com a ameaça da magia pairando sobre as nossas cabeças. — Os lábios de Vaun se curvaram, e Arin o observou engolir outro comentário. Em um acordo tácito, nenhum dos dois discutiu sobre a Herdeira de Jasad ou o tempo que passaram nos túneis. Da mesma forma, evitaram invocar a lembrança de Vaun traindo Arin para o seu pai logo após Arin dispensá-lo.

— É perda de tempo tentar prever qual impulso Vaida pode ceder em um determinado dia — disse Arin. — Tudo o que podemos fazer é planejar cada resultado.

O ferreiro e o seu assistente se curvaram mais uma vez enquanto Arin e Vaun saíram da loja. Com pesar, Arin notou que as mãos trêmulas do ferreiro enfim se acalmaram assim que os olhos de Arin se afastaram dele. Talvez essas visitas não fossem tão produtivas para a tarefa quanto Arin esperava. Se a presença do Herdeiro deles enervasse os ferreiros, enviaria Wes em seu lugar.

Uma carroça passou ruidosamente por eles, com duas mulheres e seis crianças sentadas na carroça aberta. Pilhas de cevada as cercavam. A criança menor segurava uma galinha com força nos braços enquanto a carroça balançava pela estrada irregular.

Arin deu uma última olhada no sigilo gravado nas espadas recém-forjadas empilhadas no canto da bancada do ferreiro.

Por enquanto, eram apenas uma precaução. Uma teoria não testada.

Arin não tinha muita fé que isso continuaria assim.

CAPÍTULO 11



SYLVIA

Acordei no chão, com Maia e Namsa sentadas de pernas cruzadas ao meu lado. Elas bebiam de copos vermelhos fumegantes, casuais como um dia ensolarado.

Lutando contra a tontura, apoiei-me em um cotovelo e tentei convencer os músculos do meu estômago a se contraírem e me puxarem para cima.

— Onde... — Minha garganta se apertou, ondulando de dor. — Onde estou?

— Na Geneina — respondeu Maia. — Gostamos de trazer as crianças aqui para celebrar os feriados. Youm il Fark, Zeenat Hend, sabe? Achamos que seria menos chocante para você.

Luzes douradas e prateadas giravam em torno do teto abobadado, criando uma imitação do sol que doía olhar por mais de um segundo. Embora o sol pudesse ser falso, as fileiras de plantas verdes farfalhando ao nosso redor eram muito reais. Assim como as flores; mais cores e espécies do que eu conseguia contar, envolvendo as paredes, pendendo em trepadeiras no teto, florescendo sobre o chão.

Olhei para o sol girando com suavidade. O salão onde eu havia treinado para o Alcalah tinha um céu em movimento exatamente como este. Em vez de flores, a parede oposta exibia uma cena em loop com Usr Jasad e os meus avós.

— O que aconteceu? A última coisa que me lembro é de tentar matar Efra. — Eu me animei. — Ele está morto?

— Não — disse Namsa.

— Mas ele está com muita dor — Maia me tranquilizou, o que lhe rendeu uma rápida carranca de Namsa.

— Maia te derrubou antes que você pudesse causar danos sérios. Levou cada gota de magia dela — repreendeu Namsa.

— Me coloque no chão — repeti devagar.

— Eu tenho um... tipo específico de magia — disse ela. — Muitos de nós nos Gibal temos. Uma das minhas habilidades inclui cortar a consciência de alguém sem lhe causar dano.

— Você ia matar Efra — acrescentou Namsa. — Não tínhamos escolha.

Meu corpo finalmente se lembrou de que podia funcionar, e me esforcei para me levantar. Afastei as fileiras de flores que se estendiam a dezenas de metros do teto alto como uma cachoeira suspensa de cores. Pétalas cobriam o chão.

A Sultana Vaida afogaria cem crianças para colocar as mãos nessas flores.

— Então o sonho... foi obra sua? — perguntei. — Não foi real?

Maia e Namsa trocaram outro olhar. Mais um olhar misterioso e eu começaria a morder. Elas já tinham me derrubado como um animal selvagem duas vezes. Eu poderia muito bem colher os benefícios.

— Sonho? — Maia colocou uma mecha longa e ondulada de cabelo atrás da orelha. — Tive muito cuidado para manter a sua mente clara, Mawlati. Não queria correr o risco de fazer com que sua magia reagisse contra a minha.

— Que tipo de sonho? O que você viu? — Namsa colocou o copo de lado e me observou atentamente.

Eu o vi.

As palavras se acumularam no meu peito, contidas por uma cautela que eu não entendia por completo. Tinha sido apenas um sonho – que mal havia em compartilhar um sonho?

A Cidadela parecia tão assustadora e terrível quanto a primeira vez em que atravessei os seus portões. Com sete alas de pedra curvadas para fora de uma torre central altíssima, a arquitetura da Cidadela lembrava uma aranha de pesadelo esperando para atacar. Com exceção da ala que eu havia destruído na noite do Baile dos Vitoriosos, todos os detalhes sinistros eram exatamente os mesmos.

Meus sonhos sempre foram vívidos, mas isso... cutuquei a parede da torre central e, quando ela não se dissipou em fumaça, caí no chão, arrancando a grama. Tentando quebrar a ilusão, porque *tinha* que ser uma ilusão. Eu havia escapado da Cidadela. Eu estava em uma montanha a muitas léguas daquele lugar amaldiçoado, cercada pela floresta e pelo mar.

Então ouvi uma mulher gritar.

Uma mulher estava a uma distância nada respeitável dele, com as suas pequenas feições marcadas pela preocupação.

Ali estava ele. Olhos azuis como fogo frio, fixos em mim.

Uma ilusão poderia aperfeiçoar muitos aspectos de Arin. O corte de seu casaco preto, que descia até as botas. As luvas combinando, tão sinônimo do Herdeiro de Nizahl quanto seus brilhantes cabelos prateados. Até os minúsculos corvos violetas gravados nas mangas de seu casaco poderiam ser evocados por um toque criativo e observador de magia.

Mas os seus olhos. A firmeza do seu olhar. A frieza dele, quase impossível de penetrar ou quebrar.

Nenhuma magia poderia recriar os olhos de Arin de Nizahl.

A mulher agarrou o braço de Arin. Ele virou a cabeça, libertando-me dos grilhões da sua atenção, mas era tarde demais. Meio segundo foi o suficiente para entender que ou eu havia sofrido uma perda crítica de sanidade ou que minha magia havia dado errado.

Ver a mulher segurar o braço de Arin enquanto eu desaparecia

também inspirou uma fúria com a qual não estava familiarizada, e eu estava familiarizada com muitos, muitos tipos de fúria.

Girei os ombros, afastando o sonho como um fiapo perdido.

— O que Efra disse no penhasco. É verdade?

Namsa suspirou.

— O plano estava em andamento antes de capturarmos você no Baile dos Vitoriosos. Caso contrário, não teríamos autorizado sem a sua colaboração.

Levantei-me cambaleando, agarrando uma das cordas de flores penduradas para me equilibrar. O mundo ficou turvo, e apertei os olhos enquanto meu estômago se revirou.

— Alguém precisa avisá-lo.

— Avisar a quem? — Namsa se levantou de um salto. — A Serpente Prateada? Você está louca?

— Isso quebra as regras. — Eu podia ouvir o absurdo saindo da minha boca e, apesar da minha plena consciência de como isso soaria para os outros Jasadis, não consegui me conter. — Nós temos regras.

Maia agarrou o braço de Namsa quando ela deu um passo em minha direção. O olhar furioso de Namsa teria encolhido qualquer pessoa, e me encolhi diante da força do seu desgosto.

— Pelos Awaleen, talvez Efra esteja certo. Talvez ela não seja confiável.

— É claro que não! — explodi. — Vocês me sequestraram, me injetaram tranquilizantes e depois me nocautearam *de novo* quando eu não estava me comportando como queriam. As suas regras são claras: mantenha a Herdeira dócil, mantenha a Herdeira longe de qualquer tomada de decisão importante. Adivinhem? Eu também tenho as minhas próprias regras. Conheço o Herdeiro de Nizahl melhor do que qualquer um de vocês, e a nossa maior chance de sucesso é nos mantermos dentro dos parâmetros que ele impõe. Arin segue à risca suas leis... o que vocês

acham que vai acontecer quando usarmos magia para soltar uma leva de feras mágicas em uma vila Nizahlana inferior desavisada?

Maia estendeu os braços para os lados, tentando se colocar entre mim e Namsa.

— Efra agiu de forma imprudente, mas a estratégia é sensata. A desordem nos permite passar despercebidos.

— Não, isso permite que *eles* se movam sem controle.

Os dentes de Namsa estalaram. Se eu não estivesse tão profundamente furiosa, seu silêncio teria sido gratificante.

— Esses reinos têm decreto após decreto ditando todas as suas decisões. Centenas de acordos e convênios internos e externos. Em todos eles, vocês encontrarão uma disposição que basicamente afirma que nada disso conta se um reino enfrentar um risco iminente à sua segurança. O que vocês estão prestes a causar é anarquia. É um risco iminente.

— Como você sabe disso? — Namsa me olhou estranhamente.

— Como você *não* sabe disso? Metade do seu plano ridículo não depende de me reintegrar à linhagem Omal? Vocês deveriam ter conseguido cópias de todos os documentos importantes e memorizado de frente e verso.

O espectro de Hanim surgiu, pairando sobre mim. Ela sabia que reviver Jasad exigiria mais do que apenas magia, mais do que brandir uma espada com eficiência. Os atos mais letais em uma corte real frequentemente aconteciam sem derramar uma única gota de sangue. Palavras eram a moeda dos poderosos.

— Existe alguma maneira de impedir isso? — forcei a resposta.

Namsa balançou a cabeça.

— Acho que não.

Segurei duas das videiras com as mãos e puxei com toda a minha força. Uma chuva de pétalas caiu sobre nós, e as videiras cederam ao meu aperto enquanto arrancavam a raiz.

— Reúna a sua Aada, Namsa. — Joguei as videiras para o lado, empurrando a dupla. — Talvez possamos evitar que o nosso primeiro ataque nesta guerra seja o último.



Enquanto Namsa reunia o conselho, eu caçava Efra. Levou algum tempo, já que a arquitetura de Gibal era regida pela lógica mágica em vez da coerência estrutural. Cada camada da montanha tinha uma função distinta: o topo era reservado para os quartos e o refeitório, as três do meio para as salas de recreação e estratégia, e a base para funções básicas, como banho.

Encontrei Efra no nível mais baixo. O vapor subiu sobre mim assim que entrei no banheiro, encharcando minha túnica. As paredes se curvavam ao redor da fonte aquecida como uma gota de chuva de pedra, com um buraco perfurado na lateral para o vapor. A fonte ocupava o espaço de um lago modesto, e eu apostaria que poderia acomodar de quarenta a cinquenta pessoas ao mesmo tempo. Com o lago congelado na encosta do penhasco, Maia mencionou que as crianças adoravam nadar ali durante o inverno. Eu estava tomando banho no andar de cima, onde ninguém podia ver as cicatrizes que formavam uma segunda pele nas minhas costas.

Efra se inclinou sobre a borda da fonte, sem camisa e com os dedos enganchados na cintura das calças. Um enorme hematoma azul e roxo no formato da minha bota decorava seu torso. Seu lábio havia parado de sangrar, mas a pele esticada ao redor do olho havia escurecido e afundado.

Talvez Maia tivesse tido a ideia certa ao me nocautear.

Quando me materializei entre as nuvens de vapor, Efra pulou e deixou sua camisa cair na fonte.

— Droga — rosnou ele, tirando a roupa encharcada. — Você pode esperar? Termino em quinze minutos, e eu preferiria não passar esses quinze minutos dividindo um banho com você.

Revirei os olhos.

— Prefiro me banhar com um cadáver.

— Se você terminar o que começou antes, muito provavelmente conseguirá.

Meus lábios se contraíram. Se Efra não fosse o equivalente a uma enxaqueca ambulante, eu poderia me imaginar apreciando a sua companhia de vez em quando.

— Maia disse que você poderia ter me impedido de te matar, mas escolheu não fazer isso. — Cruzei os braços sobre o peito. — Que tipo de magia você tem?

Efra bufou.

— A melhor pergunta é por que eu preferiria morrer a usar minha magia em você.

Pisquei.

— O mesmo motivo pelo qual Namsa se recusou a lutar comigo quando acordei em Gibal. Eu sou a sua Malika.

— Não.

Esperei, mas ele não deu mais detalhes. Pensei em insistir no assunto, mas, francamente, eu estava mais interessada na magia de Efra do que em sua filosofia sobre seu uso.

— Não pode ser magia defensiva, não com o quão fracamente você luta.

Ele torceu a camisa na fonte.

— Posso te mostrar, se quiser.

Dei de ombros.

— Tudo bem. Faça o seu pior.

O ouro vazou para os olhos de Efra. Um brilho prateado surgiu em

suas íris no momento em que ele levantou a mão e disse:

— Achei que você nunca perguntaria.

Raiva.

Meus dedos se curvaram enquanto a raiva rugia para a vida dentro de mim. Ansiava por sentir Felix se debater sob as minhas mãos enquanto eu estrangulava a vida que ele não merecia viver em seu corpo mimado. Gravaria o nome de Fairel em seu cadáver e deixaria os seus restos mortais em decomposição na porta dela. Eu queria cravar a minha lâmina no Supremo Rawain. Miraria primeiro em seu rosto, abri-lo de bochecha a bochecha como carne de prêmio em um festival. Tomaria o meu tempo. Para a sua morte, eu dominaria a paciência. Prolongaria sua agonia até que as paredes ressoassem com ela. Ele...

— Uau — disse Efra. — Você está mesmo furiosa e pronta para agir, não é?

Ele sacudiu a mão.

Pesar.

Lágrimas encheram os meus olhos. Eu sentia falta de Marek e Sefa quase mais do que podia suportar. Não sabia onde eles estavam, se estavam seguros. A amizade deles me enfraquecera. Antes deles, não sabia o que significava estar sozinha. Eu apenas estava, e a vida continuou. Fairel, Rory, Raya... o que eles achavam que tinha acontecido comigo? Era como se Dawoud estivesse morrendo em meus braços outra vez.

Efra pigarreou. Uma única lágrima escorria. Minhas unhas arranhavam a palma da minha mão. Ele podia intensificar minhas emoções, mas será que conseguia ver as razões por trás delas?

Eu não sabia o nome da próxima. De repente, eu estava no topo da escada do Palácio de Marfim, colocando minha mão enluvada na de Arin enquanto descíamos. Eu o observava arrumar minhas roupas perto da porta para que eu estivesse pronta pela manhã. Ele me abraçava

enquanto eu chorava no meu quarto em chamas no palácio de Omal. *Sou apenas um homem*, e a ternura que se espalhava sobre ele enquanto pairava sobre mim, a vulnerabilidade em seus olhos quando sorriu e o puxei para outro beijo. Seu rosto quando as algemas deslizaram dos meus pulsos e a magia rompeu a Cidadela.

— Triste coraçãozinho partido. — Efra abriu a palma da mão, e eu ofeguei, libertada da tristeza sufocante de sentir a falta de um homem cujo nome eu não ousava dizer.

— Tem algo ali atrás que não reconheço. — Parecia que Efra estava falando consigo mesmo. — O que *é* isso?

A onda seguinte teve o efeito oposto das outras. Em vez de uma enxurrada de emoções intensificadas, relaxei. Os sulcos na minha testa se suavizaram e meus braços se soltaram ao lado do corpo. O gelo afugentou os resquícios de dor do meu coração.

O homem perto da fonte me observou alarmado.

— Essiya?

A veia da minha palma estava brilhando outra vez. Inclinei a cabeça, perplexa. Eu já sabia o nome daquele homem em algum momento. Também me lembrava vagamente de que ele havia tentado me machucar.

Isto é para o seu próprio bem!

Bufei. Aquela voz! Eu a conhecia tão bem quanto sabia que o nome que aquele inseto acabara de dizer não era o certo. Eu precisava encontrar a voz e acabar com ela de uma vez por todas.

Antes que eu desse um passo, o menino em pânico abriu as mãos, fios de magia brilhando no espaço entre seus dedos. A rede voou em minha direção e derreteu contra minha pele.

Eu tossi e massageei minhas costelas.

— Impressionante — eu disse, me endireitando. — Aumentar e diminuir as emoções. Um belo truque. A menos que se estenda a

sensações físicas como fome, acho que você superestima o seu valor.

Eu poderia muito bem ter falado em uma língua estrangeira, considerando a atenção que Efra deu ao meu comentário.

— O que foi isso?

— O que?

— O que eu amplifiquei... nunca experimentei nada parecido. Parecia... — Efra passou a mão trêmula pela testa. — Seja lá o que for que havia dentro de você, é completamente desprovido de qualquer humanidade. Se eu não tivesse recuperado a minha magia, acho que você teria me matado.

— Eu não teria matado você. — Mas, mesmo enquanto eu dizia isso, uma semente de dúvida se fixou em meus dentes. A lembrança da estranha frieza já estava se esvaindo. Eu queria ir a algum lugar. Encontrar... alguma coisa.

Balancei a cabeça, deixando-a de lado. Já tinha problemas reais o suficiente sem inventar novos.

— O vapor atordoou os seus sentidos limitados. Comporte-se e esteja presente no Aada para que possamos consertar a catástrofe que você criou.

Saí, com o olhar de Efra pesado em meu pescoço, e esmaguei a semente antes que ela pudesse criar raízes.

CAPÍTULO 12

MAREK

O problema de Marek ao longo da vida era este: a menos que alguém o impedisse, ele corria o risco de ser rapidamente assassinado.

Ele se virou na cama, com cuidado para não esbarrar no soldado que dormia no beliche abaixo dele. Encontrar-se do lado errado de um soldado de Nizahl privado de sono o ensinara a se esquivar de um soco melhor do que qualquer treinamento formal. Seus irmãos o atacaram mais vezes do que Marek conseguia contar antes que seus pais enfim o deixassem ter seu próprio quarto.

Anos de furtividade guiavam os movimentos de Marek enquanto descia a escada no final do beliche. O soldado – Zaid? Zain? – não se mexeu enquanto Marek recolhia os seus sapatos da pilha perto da porta e se esgueirava para o corredor.

Marek fechou a porta atrás de si e soltou o ar. Calçou os sapatos.

Enquanto caminhava entre fileiras de portas fechadas, vigilante em relação aos soldados adormecidos amontoados em quartos que não conheciam o prazer de um esfregão desde o início do Awaleen, Marek pensou em sua família.

Amira, Hani, Binyar, Darin... todos os irmãos mais velhos de Marek dormiam em um complexo aglomerado e mórbido como este.

Amira morreu aos 21 anos enquanto reprimia uma revolta nas aldeias mais baixas de Nizahl. A maioria das lembranças de Marek sobre a sua irmã eram nebulosas. Mas, ah, como se lembrava do sorriso dela. Um sorriso que nem mesmo a mãe sem humor conseguia ignorar. Apesar dos dois dentes inferiores tortos pelos quais Hani a provocava impiedosamente, Amira nunca deixava o sorriso diminuir. “Você está

com inveja porque os seus dentes são simples e sem graça", retrucava. Os dedos gordinhos de cinco anos de Marek frequentemente mergulhavam em direção à boca dela, numa tentativa infantil de endireitar os dentes e calar Hani. *Como Hani ousa zombar do sorriso dela*, Marek pensava. *Quando eu ficar grande e forte, vou deixar todos os dentes de Hani tortos para que ele nunca mais seja mau com Amira.*

Amira nunca viu Marek crescer e ficar forte. Eles a enterraram depois do sexto aniversário de Marek, e não teria feito diferença se Marek tivesse arrancado todos os dentes de Hani naquele momento, porque Hani deixou os seus sorrisos no túmulo ao lado da irmã.

Marek andava mais rápido, com o peito apertado. Os fantasmas de seus irmãos estavam por toda parte em Nizahl, especialmente naqueles malditos complexos de treinamento dos Awaleen. Ele olhou para o uniforme roubado e se sentiu mal.

Os guardas posicionados na frente do complexo acenaram para Marek enquanto ele saía para a noite fria.

— A água está quente se você estiver querendo chegar ao banho antes deles — disse um deles, gesticulando através do campo em direção ao prédio baixo e térreo cercado por varais. — O sol nasce em vinte minutos.

— Vinte minutos?! — Ele tinha dormido demais! Maldito Zaid/Zain e a sua respiração anormalmente silenciosa. Marek geralmente acordava ao som dos roncos de Sefa antes do amanhecer.

Mudança de planos. Marek andaria o suficiente para sair do campo de visão deles e *então* chegaria à cerca.

Sua paranoia se mostrou desnecessária; os guardas não o observaram enquanto ele se movia em direção aos banhos. Assim como os outros soldados, a confiança deles fora conquistada com facilidade. Marek possuía o tipo certo de confiança, seu sotaque trazia um toque da alta sociedade Nizahlana, e a sua familiaridade com os procedimentos

militares só o ajudara a se misturar. Em Omal, precisou lutar para que seu sotaque Nizahlano não fosse notado.

Cerca de uma semana antes, Marek se materializara em um armário de armazenamento nas profundezas do complexo de treinamento militar de Nizahl. Ainda estava tentando alcançar Sefa, com a intenção de derrubá-la da rocha que caía, e havia perdido uma quantidade constrangedora de minutos em pânico no armário. Sefa havia sumido, uma Sylvia de olhos dourados e prateados havia acenado com a mão e aparentemente o transportado através de Nizahl, e ele não fazia ideia do que encontraria ao abrir a porta.

Quando Marek terminou de se recompor, pegou um uniforme enorme do cesto de roupa suja e saiu. Cada olhar parecia uma acusação, e o suor de Marek poderia ter enchido Hirun duas vezes.

Felizmente, muitos novos recrutas passaram pelos complexos para que a sua chegada disparasse qualquer alarme. A entrada neste setor de Nizahl era fortemente protegida, quase impossível de ser violada, então ninguém duvidou de sua presença.

Marek ergueu a cabeça em direção à brisa, saboreando o frescor da terra. Em Mahair, teria sorte se encontrasse um único lugar na vila sem o cheiro de esterco da fazenda de Yuli. Ele havia se esquecido de como era acordar e sentir outro cheiro além de excremento.

Ninguém interceptou Marek em seu caminho para o canto mais distante do portão. Marek não tinha certeza de onde Sylvia o havia deixado em Nizahl. O reino tinha pelo menos dezesseis comunidades compostas como esta para os novos recrutas, e mais para cada nível subsequente de treinamento. Manter o exército mais habilidoso dos reinos sem dúvida consumia os hectares.

Se tivesse que chutar, Marek diria que este complexo ficava em algum lugar a leste. Remoto o suficiente para garantir privacidade, mas não a mais de quatro ou cinco dias de viagem até a vila mais próxima.

Quando chegou à cerca, o nariz de Marek estava escorrendo de frio. Ele olhou por cima do ombro pela centésima vez. Ninguém o havia seguido.

O coração de Marek saltou para a garganta enquanto se ajoelhava, as palmas das mãos deslizando contra as ranhuras da cerca. A poucos metros do fundo, um buraco do tamanho da sua unha do polegar perfurava o metal duro. Marek o encontrara depois de dias vasculhando em busca de uma saída. Três vezes por dia, Marek vinha àquele local e colava o olho na cerca.

A única coisa que o esperava do outro lado era a mesma árvore retorcida. Lágrimas de decepção brotaram dos olhos de Marek, rápidas demais para conter. Ele as deixou cair.

Racionalmente, sabia que Sefa não o encontraria ali. A magia de Sylvia estava circulando pelo Baile dos Vitoriosos sem qualquer premeditação, e ela poderia ter enviado Sefa para qualquer lugar dos reinos.

Ele se recostou sobre os calcanhares, olhando fixamente para a cerca sem enxergar. Não saía do lado de Sefa desde os doze anos de idade, e agora Sefa estava lá fora sozinha. Marek queria se jogar contra a cerca até que ela quebrasse, ou até que ele quebrasse.

A luz rastejou sob os joelhos dobrados de Marek. Estendeu-se sobre seu uniforme e começou a sua escalada constante e imparável sobre o complexo.

Seus joelhos estalaram ao se levantar. O gelo havia penetrado em suas calças, mas ele mal sentia.

Ao ver os soldados espalhados pelo campo como formigas, Marek deixou de lado sua amarga tristeza e a deixou de lado. Iria escapar daquele complexo e encontrar Sefa. No minuto em que a oportunidade de partir se apresentasse, Marek partiria, deixando para trás nada mais do que uma lembrança deslumbrante.

Se o pegassem, ele seria executado por uma série de crimes diferentes, um dos quais seria a deserção. Mas que bom plano não envolveria pelo menos algum risco de decapitação?

Os corredores se encheram com a cacofonia de gritos de descontentamento, pisos rangendo e pés molhados batendo na porta ao retornarem dos banhos. Alguém esbarrou em Marek, quase o derrubando.

— Desculpe — murmurou o soldado, com o cabelo molhado grudado nas laterais da cabeça como uma segunda pele.

Marek deu de ombros afavelmente.

— Qual é a pressa?

— Você não ouviu? Um dos guardas pessoais do Comandante está de visita. Precisamos estar em formação no Moinho Fareed em dez minutos.

O sangue sumiu do rosto de Marek.

O recruta recém-chegado correu ao redor de Marek, ansioso para conhecer um dos guardas pessoais de Arin de Nizahl. Por que não? Apenas quatro homens altamente qualificados no mundo ocupavam o cobiçado cargo.

Não, não quatro. O quieto levara uma flechada no olho durante a emboscada na Passagem Meridiana. Então, apenas três homens que olhariam para o rosto dele e o matariam na hora ou o arrastariam para a Cidadela, onde o seu Comandante faria algo muito pior.

Marek não pensou antes de começar a correr. Seu oficial superior ficaria furioso com Marek por ter perdido a visita do guarda, mas sua ira empalidecia diante do risco de encontrar um dos assassinos treinados do Herdeiro.

Ele mergulhou na primeira sala vazia que encontrou e bateu a porta. Contorcendo-se como um lençol em um varal instável, Marek procurou uma janela. Mas, sem saber por qual parte da cerca a cavalaria

dos guardas entraria, não podia arriscar se esconder do lado de fora.

Marek se jogou no chão e se espremeu debaixo do beliche. Era um bom dia para não ter os peitos musculosos e robustos dos outros soldados. Ele sorveu o ar, tentando não sacudir a estrutura da cama com o subir e descer do peito.

Por fim, a correria no corredor ficou silenciosa.

Marek respirou e esperou.



Enquanto seu corpo estava preso, a mente de Marek divagava.

A enxurrada de novos recrutas, a visita do guarda do Comandante... tinha que ser por causa de Sylvia. A criatura que ela conjurara no Baile dos Vitoriosos já aparecera nos pesadelos de Marek mais de uma vez. Se as asas douradas e os olhos negros não tivessem alertado Marek, os chifres de cada lado do enorme crânio o teriam feito (Marek talvez não tivesse prestado muita atenção na escola, mas até ele reconheceu o símbolo de Jasad).

Mal conseguia acreditar que um kitmer do tamanho de um prédio tinha sido animado pela mesma Sylvia que ele tinha visto assoar o nariz com uma túnica suja ("Vai ser lavada de qualquer jeito!"), esconder pães de aish feeno na cintura, xingar e atacar mariposas que voavam muito perto de sua cabeça e reclamar sobre os sapos até que Marek implorasse para ela parar.

No corredor, uma bota de couro rangeu.

Marek sentiu um aperto no estômago. Ele se afastou da cama, ficando de frente para a porta, encostando as costas na parede.

Pela fresta da porta, a luz se dispersou em torno de uma sombra. Permaneceu ali tempo suficiente para a saliva secar em sua boca. Antes que pudesse fazer mais do que contrair os músculos em preparação, a

sombra se moveu.

Para *longe* da porta.

Marek ficou aliviado. Graças aos Awaleen.

Marek não pretendia ficar por ali para o bis da sombra. Ele saiu de debaixo da cama e se levantou, estremecendo com a dor na lombar. Ele tinha apenas 23 anos, mas as suas costas doíam para cada um desses anos.

Encostando o ouvido na porta, Marek aguçou os ouvidos em busca de qualquer sinal de movimento. O silêncio o encontrou quando abriu a porta. Lançou um olhar rápido para a parte do corredor que conseguia enxergar. Nada ainda.

O alívio lhe fez relaxar os ombros. Apenas um recruta distraído.

Marek abriu a porta e saiu. Talvez tentasse se esconder debaixo da cama de Diran; Marek ouvira dizer que os pais de Diran lhe enviavam regularmente a melhor comida, e duvidava que a cozinha tivesse guardado um prato para ele no café da manhã.

Antes que desse mais um passo à frente, uma mão bronzeada surgiu à sua direita e agarrou seu colarinho. O mundo se turvou quando Marek voltou correndo para o quarto. Ele bateu o joelho contra a cabeceira da cama e xingou tão alto que quase abafou o clique da porta se fechando atrás de si.

Marek se virou depressa, levantando os braços para impedir que o agarrassem de novo, e ficou imóvel.

— O-ou — disse Marek. Seu coração batia forte. — O bonzinho do Comandante está longe de casa, não é?

CAPÍTULO 13

MAREK

Jeru encarou Marek como se tivesse visto um fantasma. Exceto por uma fileira de corvos violetas costurados na lapela direita e um broche com o brasão de Nizahl cuidadosamente escondido sob a aba do bolso no peito, Jeru estava vestido como os demais soldados. O broche escondido o identificava como a maior ameaça no ambiente, aquele em quem todas as flechas deveriam mirar.

— Seu idiota desgraçado! — foram as primeiras palavras que saíram da boca de Jeru, expiradas com uma torrente de descrença. — O que você está fazendo aqui?

Marek franziu a testa.

— Não me chame de idiota.

— Não me chame... — Jeru tocou o topo do cabelo cacheado, talvez para garantir que não havia sangue escorrendo da cabeça. — Marek, por que você está em Nizahl? Em um *complexo de treinamento*?

— Eu poderia te perguntar a mesma coisa. — Marek sentia-se começando a se tornar defensivo, a sua maturidade se deteriorando sob o peso do pânico. Sefa considerava isso um de seus piores hábitos. Diante da vontade de zombar do homem provavelmente encarregado de assassiná-lo, Marek não pôde discordar.

— Um guarda tem que fazer uma visita sempre que um complexo recebe mais de duzentos novos recrutas! Sua Alteza quase enviou *Vaun*. Entende o que Vaun teria feito se o encontrasse aqui? — Jeru parecia levemente enjoado. Para um guarda de Nizahl, que já vira mais derramamento de sangue e horror do que a maioria dos homens já viu em dez vidas, o desconforto não era pequeno. — E você fechou a porta.

Os recrutas são instruídos a deixar suas portas abertas durante uma visita para facilitar a inspeção.

Ah. Talvez confiar nas histórias que ouvira dos irmãos não fosse um método infalível para se misturar. O erro deixou a voz de Marek áspera e agressiva.

— Bem, não foi Vaun quem me encontrou. O que *você* vai fazer? — Marek ainda não havia tirado os braços da postura defensiva.

— O que eu vou fazer? — Jeru afundou na única cadeira do cômodo e juntou as mãos. A tensão transparecia nas rugas que marcavam o seu rosto. — Excelente pergunta.

Marek mediu a distância entre Jeru e a porta. Jeru tinha os músculos e o treinamento necessários. Nem mesmo Marek era impetuoso o suficiente para acreditar que conseguiria vencer uma luta contra o guarda do Herdeiro. Ele tinha exatamente uma opção.

Marek correu para a porta.

Ele conseguiu abri-la uns dois centímetros antes de Jeru agarrar sua gola e puxá-lo para trás. Marek, reagindo por puro instinto, desferiu um golpe sem pontaria ou destreza. Seu punho acertou com a forte resistência de uma mandíbula, arrancando um silvo de Jeru.

Sua satisfação durou pouco. Jeru, que segurava o corpo contorcido de Marek à distância de um braço, como se segura um gato raivoso, ergueu o braço e golpeou Marek com tanta força que, por um minuto, Marek se perguntou se havia engolido os próprios dentes. Se Jeru não ainda estivesse segurando seu colarinho, Marek seria um buraco do tamanho de um humano no chão.

— Pare. De. Lutar! — Jeru arrastou Marek até que estivessem quase cara a cara. — Ele quer que eu leve vocês de volta para a Cidadela! *Vivos.*

O mundo parou.

Não.

O chão do peito de Marek desapareceu, fazendo seu coração cair

direto nos pés. A luta o abandonou. Não era de se admirar que Jeru parecesse tão torturado. Por mais que Marek detestasse admitir, Jeru era um bom homem. Ele tratava Sylvia com gentileza, mesmo quando o resto dos guardas mal a reconheciam. Quando as flechas começaram a chover na Passagem Meridiana, Jeru imediatamente cavalgou até Sefa e Marek e os levou para um lugar seguro.

Ele era um bom homem, o que significava que não seria fácil para ele entregar Marek a um destino pior que a morte.

— Vou perguntar de novo. O que você está fazendo aqui?

Um novo terror tomou conta de Marek, e ele tapou a boca com a mão enquanto a bile subia em sua garganta. Jeru o soltou; uma rápida reação que o salvou por pouco do prazer do vômito de Marek jorrando sobre o seu uniforme. Marek se curvou, os braços envolvendo a cintura contraída.

— Ele não está com Sefa. Certo? Diga que ele não está com Sefa, Jeru, *diga que aquele desgraçado louco e insensível não está...*

— Ninguém está com Sefa! — Jeru olhou para Marek com uma exaustão que beirava a pena. — Mas ele está procurando por ela.

O alívio o arrasou. Marek caiu de joelhos, os ombros batendo na cadeira que Jeru havia derrubado.

— Ele quer nos usar para atrair Sylvia, não é?

Jeru não disse nada.

Lutando contra outra onda de náusea, Marek fechou os olhos.

— Se ele tentar usá-la contra Sylvia, Sefa vai deixar que ele a mate.

O guarda empalideceu.

— Ela não iria...

— Ela deixaria. Se ela sentir que escapar ou ser resgatada é impossível, se souber que o Herdeiro está planejando executar Sylvia, ela não será um peão nisso. Sefa se retirará do tabuleiro dele. — Lágrimas se acumularam atrás dos olhos fechados de Marek. Sua amiga corajosa, leal

e abnegada, uma tola.

Levantando-se, Marek pensou rápido. Se Jeru tivesse sido instruído a capturá-los, talvez tivesse uma ideia de onde Sefa poderia estar. Talvez até conseguisse tirar Marek daquele complexo.

— Acordei em um depósito neste complexo depois do Baile dos Vitoriosos. Não sei para onde Sefa foi. Não posso sair do complexo e, mesmo que pudesse, não sei por onde começar a procurar por Sefa e Sylvia.

Jeru estremeceu.

— Eu não recomendaria tentar procurar por Sylvia. A Malika de Jasad agora faz parte de um jogo completamente diferente... um jogo para o qual nenhum de nós está qualificado. Persegui-la vai te matar, e você não será útil para ninguém morto.

Parte de um jogo diferente? Se Marek ainda tivesse alguma coisa no estômago, estaria doando tudo as botas de Jeru.

— É essa a sua tentativa lamentável de me acalmar? — Marek sentou-se na beira da cama antes que as suas pernas cedessem. — Eu amo aquela garota.

Jeru parou de andar e ergueu as sobrancelhas. Marek revirou os olhos.

— Como uma irmã — disparou.

— Ótimo — murmurou Jeru. Marek não tinha certeza, mas podia jurar que ouviu o guarda resmungar: — Não precisamos dar a ele outro motivo para te matar.

— Você não pode deixar que ele encontre Sefa, Jeru. Pelo menos Sylvia tem a sua magia e a influência de seu título. Pessoas para apoiá-la. Sefa não tem ninguém além de mim.

— Eu te disse, não sabemos onde Sefa está. Eu não a encontrei. Mas te encontrei, e eu não... — Jeru passou a mão pelo rosto. — Não sei o que fazer. Sua Alteza não está... ele não está em si. A perspectiva de guerra o

assombra, e a traição de Sylvia o magoou mais do que alguém imagina. Se eu te entregar a ele, não há como saber o que ele pode fazer. E se ele te matar sabendo como isso destruiria Sylvia, podemos perdê-lo para sempre.

— Você está preocupado com o impacto emocional que me matar teria nele? — Bufando, Marek se perguntou por que estava surpreso. Os guardas sempre colocavam o seu Comandante em primeiro lugar. Francamente, Marek estava chocado por Jeru ainda estar falando e ainda não ter chamado a carruagem para levá-lo à Cidadela.

Jeru parou de andar. Ele girou sobre os calcanhares, avaliando Marek com uma expressão inescrutável.

— Você era um bandido antes de Mahair.

Marek ergueu uma sobrancelha loira.

— Procurando uma mudança de carreira?

— Cale a boca. — Jeru passou o polegar pela fileira de corvos bordados, perdido em pensamentos. — Você conseguiu se esconder em Mahair com um nome falso por sete anos.

Marek olhou para a porta com desejo, tocando o seu maxilar latejante.

— Eu vou ajudar você a encontrar Sefa.

Os fragmentos dispersos da atenção de Marek se reuniram, fundiram-se em um foco de aço e miraram sua força combinada em Jeru. Marek se levantou devagar, com uma pulsação perigosa nas veias.

— Não brinque comigo.

— Você não deveria saber como soa uma proposta, Lazur? — Jeru cruzou os braços sobre o peito. — Estou procurando uma relíquia que acredito estar escondida com uma família nobre Nizahlana. Uma insígnia que desapareceu durante o Cerco das Seis Auroras. Era usada como símbolo de favor, e suspeito que eles a tenham.

Marek vasculhou a memória em busca do Cerco das Seis Auroras.

Sua capacidade de concentração nas aulas variou de abismal a abominável.

— O cerco em que queimaram todos os campos de Omal? — Marek não se considerava um especialista nos muitos conflitos dos reinos, mas já havia passado pelas marcas de queimadura no muro que separava Mahair de Essam mil vezes. Uma longa faixa preta se estendia logo abaixo das palavras *Que possamos viver as vidas que foram negadas aos nossos ancestrais*.

Mesmo centenas de anos depois, a terra se lembrava do que havia sido feito a ela pelos invasores Orbanianos.

Orban usou uma maldição vil – e, mais importante, proibida – para transformar um regimento de soldados Omalianos em canibais vorazes. Os soldados Omalianos se voltaram uns contra os outros, deixando cadáveres eviscerados e meio comidos pendurados de Abeiyla a Mahair. Por seis dias agonizantes, Orban reinou sobre as aldeias mais baixas de Omal, com sua horda de soldados selvagens se alimentando da população indefesa.

Uma vitória tão brevemente desfrutada quanto horrivelmente conquistada.

Eles haviam violado as leis da guerra para vencer a batalha, e os árbitros da magia marcharam depressa para acabar com o crime. Soldados de Nizahl invadiram as aldeias para expulsar Orban, executando sumariamente os soldados amaldiçoados. Omal aclamou Nizahl como seu herói, apesar do fato de que Nizahl teria permitido que todos os aldeões morressem se Orban tivesse sido inteligente o suficiente para atacá-los com uma espada em vez de uma maldição.

Quando criança, Marek tinha pesadelos com aqueles malditos soldados Omalianos. Nem todos foram capturados. Vários fugiram dos soldados de Nizahl para a Floresta Essam, desaparecendo sem deixar rastros. Ninguém sabia se aqueles soldados haviam encontrado Mirayah,

ou se ele os havia encontrado.

Extremamente satisfeito consigo mesmo, Marek sorriu enquanto se encostava na cabeceira da cama.

— O que uma insígnia tem a ver com o Cerco das Seis Auroras?

— Isso não é problema seu. Quando a próxima rotação partir para se alojar nas cidades nobres, eu o enviarei para a mansão Shinawy. Encontre a insígnia para mim e eu o ajudarei a encontrar Sefa.

— Considere feito — disse Marek, dando de ombros. Roubar de uma família nobre Nizahlana mimada? Marek esperava um desafio. — Você não está preocupado em desafiar seu Comandante? Se for pego, imagino que ele receberá sua farsa com uma bela e resistente corda.

Uma parede se ergueu atrás dos olhos de Jeru. Uma barreira contra a qual Marek havia se ferido sempre que tentava falar mal do herdeiro Nizahl durante aquelas semanas nos túneis. Até mesmo Sylvia, que não considerava nada sagrado além das moedas em seu bolso e o objetivo de sua espada, havia se fortificado atrás dela.

Era a barreira que Marek reconhecia desde sua infância, quando um após o outro de seus irmãos entregaram suas vidas à Cidadela.

— Concentre-se no seu próprio pescoço — disse Jeru. — Vou organizar sua visita para acontecer na próxima oportunidade disponível, e você me relatará o que descobrir. Esconda um único detalhe, e nosso acordo termina. Entendido?

O que não foi dito entre eles era o que mais o término do acordo significaria: o fim do tempo de Marek entre os vivos.

Ele lançou um sorriso superficial e descontraído para Jeru. Viver como fugitivo por quase dez anos aumentara a tolerância de Marek para o que se qualificava como um dilema. Ele crescera como Caleb Lazur. Por muito tempo, chamara o mundo de Nizahl Superior de lar. Ele podia não ser capaz de lutar como Jeru ou usar magia como Sylvia, mas, que se danem os túmulos, ninguém conseguia encantar um sofisticado como

Marek.

— Entendido.

CAPÍTULO 14



Entre as inúmeras maneiras desagradáveis como Arin passara suas noites nos últimos dias, a perspectiva de jantar sozinho com seu pai era a pior.

O crepúsculo pintava os jardins da Cidadela em tons suaves de rosa e azul. Arin passeava pelos bosques, com as folhas secas estalando sob as suas botas. Ele estava circulando os jardins havia vinte minutos e passou duas vezes pela Fonte de Isra, o motivo de sua visita. Seus pés o levavam até a estátua de sua mãe cada vez que tentava parar.

Arin não ficava sozinho com o pai desde a noite do Baile dos Vitoriosos. Uma noite em que Arin esperava um acerto de contas do Supremo como nunca vira antes.

Mas Rawain não mencionou o pequeno problema da Herdeira de Jasad. Não naquele momento. Tudo o que disse foi:

— Você é um Comandante. Meu Herdeiro. Nenhum filho meu sucumbe aos próprios *sentimentos* na presença de visitas. Não importa o quão tentador seja matar a Sultana.

Este jantar seria o verdadeiro teste. O que Arin sabia sobre a Campeã, as circunstâncias de sua escolha, a natureza do relacionamento deles... Arin teria que se sentar diante do Supremo e decidir se revelaria a profundidade de sua própria desonra ou mentiria descaradamente.

Em sua quarta volta pelo jardim, Arin enfim parou sob a sombra da estátua de Isra. A dela era uma das dezessete em os extensos bosques da Cidadela, cada estátua erguida como um posto de guarda ao longo dos quilômetros de vegetação.

A estátua da mãe de Arin contemplava os jardins. Flores de pedra

recém-colhidas desabrochavam entre as suas mãos curvadas. Ela estava ajoelhada no pedestal, com seu vestido esvoaçando pelas laterais e tocando o chão. Uma delicada tristeza pairava em seu rosto.

Era sempre a tristeza que mais atingia Arin. Como era revelador que um escultor tivesse refletido sobre quais das características mais marcantes da falecida Isra moldariam para a eternidade, e tivessem escolhido a tristeza dela. Não o medo permanentemente à espreita em seus olhos ou a dança nervosa de seus dedos, ambos dos quais Arin se lembrava com a mesma intensidade.

— Perdoe-me por não ter vindo antes — disse Arin. Ele arrancou os galhos presos nas dobras do vestido de pedra dela. — Eu estava fora.

O vento bagunçava os cabelos de Arin. Ele deveria começar a caminhar em direção à torre se quisesse chegar à mesa de jantar antes de Rawain.

Curiosamente, a ideia de virar as costas para Isra o perturbava mais do que chegar atrasado ao jantar.

Ridículo. Um pedaço de pedra não se importava que ele não tivesse ido vê-lo em meses. Um pedaço de pedra não era sua mãe.

— Ainda estou fora, eu acho. — A confissão escapou antes que Arin pudesse impedi-la, escondendo-se na luz que se esvaía. Arin encarou Isra e tentou encontrar as palavras para explicar como o buraco de medo em seu estômago aumentava a cada dia. A guerra assombrava os seus pensamentos, pesava em seus ossos. Metade de Arin estava fixada no futuro, a outra metade no passado. Não sobrava nada para o presente.

"Havia uma garota. — O olhar de Arin desceu para a base do pedestal, e ele nunca se sentira tão criança em toda a sua vida. — Você a conheceu.

É estranho pensar que Isra conheceu Essiya antes de Arin, mas os seus pais visitaram Usr Jasad diversas vezes durante a sua infância. Arin se odiava por se perguntar se Isra gostava dela.

Não importava. Sylvia provavelmente teria aterrorizado Isra, já que tudo, exceto Arin, aterrorizava Isra. Arin às vezes achava sua mãe fraca pelo amor que tinha por ele, pela angústia que suportava por ele. Nada disso Arin apreciara na época, tendo dedicado toda a sua atenção a agradar Rawain. O amor de Isra era garantido, conquistado com facilidade, então Arin mirava no inalcançável.

Não sei se sou o homem certo para este reino, Arin queria confessar. *E se eu não conseguir fazer o que precisa ser feito?*

O último raio de sol desapareceu, dissipando os restos de cor que restavam no céu. Em segundos, as janelas da Cidadela se iluminaram com luzes recém-acesas.

Arin estava diante de Isra e não compartilhou nada do que queria dizer. Eram inúteis para uma mulher morta. Uma mulher que morrera na Cúpula, sitiada pelos Malik e Malika de Jasad.

Ele tirou um pano do bolso e passou-o pelos contornos do rosto dela, removendo a poeira acumulada nas rugas. Os jardineiros não se deram ao trabalho de cuidar da estátua durante a sua ausência.

Quando era mais jovem, Arin às vezes imaginava o rosto pétreo de Isra se suavizando quando ele tocava a sua bochecha. O calor substituía a frieza dela, e os olhos que fitavam o vazio, sem enxergar, enfim se voltavam para Arin. Aqueles momentos em que a esperança se transformava em decepção eram as únicas vezes em que Arin desejava magia.

Ele dobrou o pano e o guardou de volta no bolso.

— Não vou ficar fora por tanto tempo desta vez — disse Arin.

Arin se virou, deixando sua mãe nas sombras.

Apenas o reflexo das lamparinas da Cidadela iluminava o caminho de Arin. Roseiras ladeavam a trilha de paralelepípedos, com os galhos magnificamente nutridos em alturas magníficas de ambos os lados de Arin. Percorrer os jardins à noite não o incomodava, mas ele sabia que os

caminhos labirínticos intimidavam os servos. Raramente vagavam após o anoitecer.

Foi por isso que quando os arbustos farfalharam, Arin parou.

Outro farfalhar, desta vez mais próximo. Arin enfiou a mão no casaco e silenciosamente retirou uma pequena lâmina. Ela mal cobria o comprimento da palma da mão, mas cortaria uma garganta com a mesma eficácia de qualquer adaga.

Ele virou a esquina, com a lâmina dobrada acima do polegar.

Uma mulher se materializou a centímetros de Arin, quase colidindo com seu peito.

Arin perdeu o fôlego. Ele olhou fixamente, e depois olhou ainda mais.

Os olhos castanhos aveludados se arregalaram de admiração.

— Você de novo — disse ela.

Com o sangue pulsando nos ouvidos, Arin deu um passo para trás. A atitude prudente, a mais inteligente, era fechar os olhos e esperar até que a alucinação passasse.

— Você não é real — ele sussurrou.

— Engraçado — disse a Herdeira de Jasad. — Continuo pensando a mesma coisa de você.

Sua túnica não se agitava com o vento. O tecido iridescente de suas mangas apertava-lhe o cotovelo e caía solto em torno de seus pulsos. Contra o seu bom senso, Arin se lembrou de como havia agarrado aqueles braços enquanto a puxava para perto. Seu orgulho e admiração pela força ali.

Mais uma vez, os seus cachos caíram soltos pelas costas. Sua ilusão não parecia se importar com o fato de a versão real raramente usar o cabelo em algo além de uma trança.

— Eu enlouqueci? — perguntou Arin.

Ela sorriu.

— O mundo vai ruir muito antes da sua mente.

— Não. — A frase saiu de Arin.

— Não…?

— Você não é real. Essas alucinações são sintomas de... exaustão. Sim. Exaustão.

Arin não tinha certeza de quem queria convencer. Em um instante, Arin estava a poucos centímetros dela. Como um químico à beira da criação ou da catástrofe, Arin não conseguiu dar o passo final em direção à descoberta.

— Provavelmente — ela concordou, parecendo não se importar com o olhar atento dele. — Mas o que você me diria se eu *fosse* real? — Ofereceu a pergunta em uma bandeja de humor, e Arin ardeu sob uma onda de sua antiga frustração. Ela era uma mera invenção, mas amargamente convincente. A verdadeira Sylvia tinha a mesma tática de evasão de mesclar sinceridade com comédia, mascarar medo com agressividade, tristeza com frieza.

Se Arin era uma rocha, ela era um rio. Sempre em movimento, sempre fluindo, não importava a velocidade da maré ou a frequência com que ela quebrava contra as margens.

O vento bagunçou o cabelo dele. O dela permaneceu imóvel.

— Tão ruim assim? — ela sussurrou diante do silêncio rígido dele.

Ruim? Ruim era a saudação. Ruim seria a primeira frase de um livro que Arin planejava preencher com sangue, agonia e palavras tão pesadas de crueldade que imobilizariam qualquer língua que tentasse pronunciá-las. A página onde ele registraria o destino dela se enrugaria para escapar do horror de sua caneta, e ele a escreveria com o sangue que derramaria dela.

O olhar de Sylvia caiu sobre a adaga nas mãos de Arin, depois voltou para ele. Ela soltou uma risada curta.

Ele atacou rápido, mas ela já esperava por isso. A adaga voou pelo

ar quando Sylvia se recuou e chutou o pulso de Arin, causando uma onda de dor em seu braço. Antes que ele pudesse alcançar o casaco, ela colidiu com ele como um touro, jogando suas costas contra a estátua de Isra.

— Você ainda não acha que eu sou real — ela disse com dificuldade. Suas mãos se fecharam nas lapelas de Arin, prendendo-o à estátua. — Você não lutaria comigo com tanta facilidade se acreditasse mesmo que eu estou aqui.

Arin estudou o conjunto de sardas na parte inferior do queixo. Interessante. O padrão parecia notavelmente idêntico às suas sardas reais.

Não sardas, mas hasanas.

Era ridículo argumentar com uma alucinação, mas aquela mulher – e, aparentemente, até mesmo sua aparição – frequentemente levava Arin ao ridículo.

— Se estivesse mesmo aqui, eu teria sentido sua magia no instante em que você entrou nos terrenos da Cidadela.

Ela o prendia à estátua com tanta força, o braço como uma barra sólida contra a clavícula dele. Arin quase sorriu. Ótimo, então. Se a alucinação dele queria uma briga de verdade, Arin podia muito bem ceder.

Sylvia ofegou quando o joelho de Arin a atingiu no estômago. Ele agarrou o seu pulso e torceu o braço que ela usara para prendê-lo atrás das costas.

— Isso te satisfaz?

Ele lançou a alucinação nas roseiras.

Ela cambaleou em direção aos arbustos e caiu no chão. Batendo nos carrapichos presos na manga, levantou-se de um salto.

— Seu teimoso, maldito homem, estou tentando *te avisar*...

Passos mais adiante no bosque chamaram a atenção de Arin. A

urgência transpareceu no rosto de Sylvia, e ela falou rápido:

— Arin, você precisa me ouvir. Evacue a Curva de Galim. As gaiolas...

— Senhor? — Wes virou a esquina, com um lampião erguido para afastar as sombras que se aproximavam. — Aí está o senhor. Aconteceu alguma coisa?

Arin não desviou o olhar de Wes. Ele sabia que ela tinha ido embora.

— Eu deveria te perguntar a mesma coisa — disse Arin. Calma e suavemente, como se Wes não tivesse interrompido Arin em meio à sua fuga da realidade. — Meu pai te mandou?

— Os criados disseram que viram você entrar no bosque sem um lampião. Fiquei preocupado que pudesse se perder no caminho de volta.

Arin era a última pessoa que se perderia em qualquer lugar, muito menos nos jardins da Cidadela, e Wes sabia disso.

— Wes. — Leve, simpático. — Aconselho você a ter extremo cuidado antes de mentir para mim.

Wes se posicionou, afastando-se da multidão de galhos na qual ele começara a desaparecer sutilmente. Seu queixo se projetou para frente, a determinação substituindo sua cautela.

— Vossa Alteza. Arin. Servi como seu guarda por mais de dez anos. Minha vida sempre esteve em jogo em favor da sua, e suporto o sacrifício com orgulho. É um sacrifício que o senhor sempre respeitou. Até agora.

O número de vezes que Arin fora pego de surpresa naquela noite podia ser contado nos dedos, e Arin não se importava muito com isso.

— Se quiser fazer uma reclamação, seja claro.

A luz do lampião de Wes projetava longas sombras sobre os arbustos. Se a tocha se inclinasse dez centímetros para a direita, atingiria os galhos em segundos. O inverno ainda não havia afrouxado seu domínio sobre os jardins, então o fogo estaria contido nas áreas onde a

geada havia derretido. Mas alcançaria a sua mãe. Lamberia avidamente a base do pedestal dela, confundindo pedra com pele, até que a futilidade sufocasse as chamas. Sua glória – seu potencial – frustrada por sua própria determinação de consumir a única coisa no jardim que não podia queimar.

Rawain é cruel por natureza, mas você? Você é cruel por escolha.

— Senhor? Está ouvindo?

Arin passou a mão enluvada pelos cabelos, captando a voz da Herdeira de Jasad. Ele precisava sair daqueles bosques.

— Infelizmente.

— Você passa todas as suas noites na biblioteca. Você se levanta para encontrar o conselho ao amanhecer. As olheiras ficam mais escuras a cada dia.

Arin não queria ser rude com seu guarda. Wes era dez anos mais velho que Arin, e seu temperamento não era tão irascível quanto o de Vaun, nem seu coração tão facilmente conquistado quanto o de Jeru. Ele não estaria se dirigindo a Arin com tanta seriedade se não fosse um assunto que Wes considerava de suma importância.

Mas Arin estava cansado e precisava reservar seu autocontrole para o jantar com Rawain.

— Imagino que esteja escondendo seu ponto de vista em algum lugar nesta observação.

— Jeru acha que você precisa conversar.

Um sorriso sem humor surgiu nos lábios de Arin. Então o jovem guarda finalmente conquistou o mais velho para o seu lado. Arin começou a andar.

— Explique por que eu deveria me importar com a opinião de Jeru sobre as minhas necessidades.

Na curva, o caminho se abriu para o pátio memorial dos Awaleen.

Três figuras imponentes assomavam no centro do pátio. Videiras

verdes serpenteavam entre os galhos de madeira e vime de Baira, Dania e Kapastra.

Dania segurava um machado de ferro sobre o ombro, cujo peso contra a estrutura oca de madeira de sua dona desafiava a lógica. As mãos de Baira se curvavam em torno do rosto, as rosas vermelhas que desabrochavam em suas órbitas oculares vazias farfalhando ao vento. Trepadeiras grossas serpenteavam pelo peito musculoso de Kapastra, enrolando-se nos galhos entrelaçados como uma de suas adoradas rochelyas.

Arin sempre se esforçava para evitar este pátio. Seiscentos e quinhentos anos atrás, o Supremo achou por bem convidar arquitetos para construir um monumento aos Awaleen. Um gesto para celebrar as raízes de Nizahl na magia. Os arquitetos viveram nos jardins recém-construídos por meses a fio, entrelaçando galhos, incentivando as videiras a crescer. Sua magia havia saturado o pátio; e as criações deixadas para trás. Os galhos finos, funcionando como tendões nos Awaleen, nunca apodreceram. As videiras nunca escureceram ou murcharam.

A magia ainda vivia naquele pátio. Arin conseguia sentir o suave zumbido dela por toda parte, arrepiando os pelos da nuca.

As cabeças dos Awaleen obscureceram a lua. Uma pétala vermelha flutuou do olho direito de Baira, pousando na bota de Arin.

Quando Arin se tornasse Supremo, este pátio queimaria.

— Meu senhor?

Arin cerrou os dentes. Sem olhar para Wes, retomou a caminhada. A pétala escorregou do seu sapato.

O som dos seus passos foi o único som por longos minutos. O brilho da torre da Cidadela iluminou a noite como uma estrela cadente.

Se até mesmo seus guardas estavam com dúvidas, Arin estava em mais problemas do que imaginava.

No final do bosque, Arin se virou para seu guarda.

— Peço desculpas se lhe dei motivos para duvidar do quanto valorizo os seus serviços, Wes. Sua preocupação é apreciada, mas garanto que é infundada.

— Senhor...

— Você acha que eu ainda lideraria o nosso reino se realmente acreditasse que meu julgamento estava comprometido?

Wes hesitou. Depois de um minuto, baixou o queixo; um reconhecimento, uma aceitação.

— Eu não deveria ter falado fora de hora. Talvez tenha passado tempo demais na companhia de Jeru.

Arin se forçou a sorrir.

— Jeru cresceu com sete irmãos. Ele acha que cada pensamento, por mais benigno que seja, deve ser um motivo para discussão.

Na porta da ala leste, Wes se separou de Arin.

— Bom jantar, meu suserano.

Arin lhe lançou um olhar amargo, e Wes sorriu.

Os criados se assustaram com a entrada de Arin, interrompendo suas partidas de cartas. Ele acenou para que se acalmassem. A ala leste era normalmente reservada para as cerimônias de ascensão dos recrutas, que aconteciam apenas três ou quatro vezes por ano. Os funcionários vinham para cá para relaxar, e Arin não lhes negava seu refúgio não tão secreto.

Dada a triplicação da taxa de recrutamento, Arin arriscou que as suas oportunidades de lazer estavam diminuindo depressa.

Arin apoiou a mão no corrimão. Sempre detestara jantares com Rawain, mas nunca a esse ponto. A ideia de se sentar em frente ao pai e dizer a verdade o deixava enjoado. Mas a ideia de mentir...

Arin tinha subido exatamente um degrau quando as sirenes soaram.

As paredes tremeram, fazendo as cartas de baralho dos criados deslizarem pelo chão. A poeira choveu sobre eles enquanto a sirene gritava na torre, com as suas reverberações trovejando abaixo deles. Choque suspendeu Arin por uma fração de segundo antes que começasse a se mover.

Arin agarrou um criado exausto.

— Leve todos para os porões. Vá!

Lá fora, o caos se instalara. Enxames de recrutas saíam dos complexos e se aglomeravam ao redor da base da torre. Apenas alguns usavam uniforme adequado; os demais pareciam ter saído correndo enquanto se preparavam para dormir.

A primeira fila viu Arin e ficou em posição de sentido, e a consciência se espalhou pela multidão até que cada recruta ficou completamente imóvel, aguardando ordens.

Ordens que Arin não podia dar, já que não tinha a menor ideia do que estava acontecendo. Ele só tinha ouvido a sirene da torre uma vez na vida; no dia da Cúpula Sanguinária. O alarme foi projetado junto com as figuras de vime dos Awaleen séculos atrás, impregnado com magia para soar apenas quando Nizahl estivesse sob ataque severo. A ideia do que o alarme poderia ter considerado ameaçador o suficiente para a segurança do reino a ponto de soar pela segunda vez em duas décadas e meia revirou o estômago de Arin.

Uma multidão de guardas saiu da torre, com Rawain protegido entre eles.

— Arin! — gritou ele.

Os guardas se separaram para permitir que Arin entrasse em seu círculo de proteção e rapidamente se fecharam outra vez.

— Você está ileso? — Rawain lançou um olhar de pânico para Arin.

Arin fez uma pausa, momentaneamente desconcertado. Será que Rawain estava preocupado?

— Sim. — Ele quase acrescentou *obrigado*.

Era difícil ouvir por causa do som insistente da sirene.

— Há algum intruso na Cidadela?

A boca de Rawain se contraiu em uma linha sombria.

— Não, este alarme não soaria para um mero assassino. Algo terrível está acontecendo. Você precisa entrar no porão.

Rawain poderia muito bem ter lhe dado um tapa forte na cara. Arin deu um passo para trás.

— Quer que eu me esconda?

— Você é o Herdeiro e o Comandante, Arin. Não pode correr riscos. — Seu pai soltou uma risada indulgente. — É para isso que servem os exércitos, filho.

Além do círculo de guardas, os recrutas ainda aguardavam as instruções de Arin. Essa sirene soaria por toda Nizahl, deixando vilas e cidades em pânico frenético. E em algum lugar no caos, espreitava um perigo digno de soar um alarme secular.

A humilhação queimava em seu peito. Rawain realmente o desprezava tanto? Ele pensou que Arin se esconderia de bom grado enquanto...

Não importava. Não havia tempo.

— Existe algum mecanismo dentro do alarme que pode nos alertar sobre onde está a ameaça?

— Não, mas os soldados vão encontrá-la e exterminá-la. Você precisa...

Mas uma voz diferente interrompeu a de Rawain.

Arin, você precisa ouvir. Evacue a Curva de Galim.

Mas não podia ser. Ela era apenas uma aparição.

Arin abriu caminho entre os guardas, ignorando Rawain, que gritava o seu nome furiosamente. Os recrutas não olhavam mais para Arin. Eles haviam se virado para o leste, encarando as colinas que se

curvavam sobre o vale de aldeias. Suspiros horrorizados ecoavam no ar, juntando-se à sirene, quando uma fera alada familiar irrompeu no horizonte. Estavam longe demais para ouvir o suave tilintar de suas penas de vidro, mas as cores de suas asas – o branco e o rosa do amanhecer se afinando até o vermelho ardente do crepúsculo – brilhavam acima das chamas que rugiam ao longo do vale.

Alguém havia libertado Al Anqa'a de sua jaula. E se tivessem libertado o mais ferozmente guardado dos monstros do Alcalah...

As gaiolas...

Arin começou a correr.

— Evacuem a Curva de Galim! — ordenou aos recrutas atordoados. — Levem todos para o Wickalla!

As asas de Al Anqa'a foram cortadas para voar distâncias curtas em um raio baixo. Útil para a segunda prova de Alcalah, quando queriam testar a coragem de campeões duramente treinados em uma vila abandonada. Não tão útil em um bairro repleto de presas facilmente acessíveis.

Uma sinfonia de bufos e relinchos irrompeu do estábulo assim que Arin abriu as portas. Os cavalos não estavam gostando da sirene mais do que os outros. Arin foi direto até Ehal e destrancou a baia. O cavalo preto não se juntou aos outros para reclamar e permitiu que Arin o conduzisse para fora sem fazer alarde. Por um golpe de sorte, Ehal já estava selado.

O cavalo de guerra negro suportou o peso de Arin com facilidade. Arin segurou as rédeas com a mão e se inclinou para a frente.

Não precisei mentir para meu pai, pensou Arin, sombriamente triunfante. *Pelo menos não esta noite.*

Com um estalo das rédeas, Arin e Ehal avançaram em direção às colinas da Curva de Galim.

CAPÍTULO 15



SYLVIA

Um lago negro se estendia entre duas montanhas na borda do mundo.

À nossa direita, o penhasco desaparecia na familiar mortalha da escuridão. Se eu apertasse os olhos, conseguia distinguir a superfície do Mar Suhna ondulando com suavidade, com o brilho de centenas de estrelas brilhando sobre as suas ondas.

Os Urabi se reuniram no perímetro do lago. Três figuras saíram da multidão, pisando levemente sobre a superfície gelada do lago.

— Fiquei assustada na primeira vez que fizeram isso — murmurou Maia. — É raro encontrar um Visionista, então temos muita sorte de ter três. Quando eles armazenam magia suficiente, conseguem extrair imagens de qualquer lugar do mundo para nossa exibição.

No momento, o objetivo deles era trazer a cena na Curva de Galim. Murmúrios animados ecoavam entre metade do círculo; a outra metade aguardava em vigília silenciosa. Efra estava com o primeiro grupo, observando o gelo com alegre expectativa.

Lambi os lábios.

— Eles podem trazer... qualquer imagem?

A prostituta traidora da Serpente Prateada. Teriam nos observado na noite do Baile dos Vitoriosos?

Não podiam. Minhas algemas resistiram à magia, incluindo os mais fortes feitiços de rastreamento. Qualquer Visionista que tentasse conjurar uma imagem minha teria batido direto na barricada delas.

Esfreguei meus pulsos. Nunca pensei que a nudez deles me

deixaria tão desolada.

— Qualquer não. — Maia bocejou, as unhas aparadas batendo levemente no lábio superior. — Não é uma ciência confiável.

Ainda assim, três Visionistas? Sem mencionar a especialidade misteriosa de Maia e a irritante de Efra. Quem diria quantos outros Urabi possuíam magia única?

Arin estava errado. Ele pensava que os Urabi tinham como alvo Jasadis aleatoriamente, a menos que estivessem competindo com os Mufsids por alguém que ocupasse um cargo importante em Jasad. Ele não tinha como saber que os Urabi tinham como alvo magias raras e incomuns. Maia ainda não havia especificado exatamente qual era a sua especialidade, apenas que incluía a habilidade de cortar a consciência sem ferir o receptor.

Examinei os Urabi reunidos e me perguntei quantos outros tipos excepcionais de magia habitavam entre nós. Isso me fez sentir um orgulho estranho. Mesmo depois do cerco, mesmo depois de dez anos de perseguição, ninguém conseguiu apagar a centelha que deixou Jasadis com magia e os outros reinos estéreis. Nossa magia sobreviveu ao sacrifício de Rovial e havia se adaptado a novas maneiras de sobreviver em um ambiente hostil à sua existência.

Com o orgulho, veio uma onda de pavor. Os Mufsids estavam determinados a impedir que os Urabi chegassem ao poder. Ambos os grupos deviam estar rastreando Jasadis com magia especializada, o que explicava por que os Mufsids nunca permitiam que aqueles que recusavam o recrutamento sobrevivessem à rejeição.

— Quantos Jasadis os Mufsids mataram?

Namsa e Maia se entreolharam. Namsa massageou o canto do maxilar.

— Muitos.

— Vocês devem ter ficado aliviados quando o Comandante de

Nizahl capturou a maior parte da operação deles.

Ela me lançou um olhar penetrante.

— Eles são nossos para punir. Um inimigo em comum não torna Nizahl nosso amigo.

Maia assentiu.

— E é um péssimo presságio para nós que eles ainda não tenham sido executados.

Diante do meu olhar interrogativo, ela continuou:

— Nossos espiões nos alertaram que nenhum dos Mufsids foi morto ou levado a julgamento. Ou o Comandante e o Supremo não concordam sobre como proceder, ou querem algo dos Mufsids.

— Nossa localização, nossos espiões e nossos números — disse Namsa. — Os Mufsids são inúteis para Nizahl mortos.

Os três Visionistas deram as mãos no centro do lago. Percebi, de forma pungente, a frágil camada de gelo que sustentava o seu peso. Com um arrepio, percebi por que o cenário parecia tão familiar. Meu antigo pesadelo mostrava Niphran queimando em um lago igual a este, enquanto eu permanecia impotente.

— Onde está o seu casaco? — perguntou Maia, estremecendo de compaixão ao ver meus dentes batendo. — Achei que você tivesse ido buscá-lo.

— Eu me perdi tentando voltar para o meu quarto — suspirei, a mentira brotando com facilidade entre os meus lábios. Levantei um dedo e desenhei um zigue-zague no ar, franzindo o nariz de leve constrangimento. — Só fiquei vagando pelos corredores até conseguir sair. Tenho um péssimo senso de direção.

Maia riu baixinho e começou a contar uma história sobre a sua primeira semana nas montanhas e como ela flagrou um casal nu se perseguindo na Geneina. Eu escutei com um ouvido só, aliviada por nem ela nem Namsa terem questionado a minha história.

Em parte, era verdade. Eu havia entrado na montanha e me perdido temporariamente. Mas eu tinha um aguçado senso de direção; caso contrário, eu teria sido um constrangimento para uma bandida e uma campeã. Assim que encontrei o meu quarto, passei horas andando de um lado para o outro, o pânico me invadindo.

Sefa e Marek ainda poderiam estar em Nizahl. Eu não tinha ideia de para onde os havia enviado durante o Baile dos Vitoriosos.

Arin estava em Nizahl.

Assim que pensei em seu nome, o mundo desapareceu. Eu me vi em um caminho sombrio de jardim, cercado por roseiras de ambos os lados. Então Arin dobrou a esquina, a lâmina habilmente enfiada sob o polegar para um corte rápido.

Assim que o vi, soube que aquilo não era um sonho. Nenhuma imaginação minha poderia evocar a complexidade da reação que se distorceu em seu rosto ao me ver. O apelo áspero em sua voz quando disse "*Não*". O jeito como pareceu quase resignado quando perguntou se estava ficando louco. No final, antes de Wes chegar, ele havia se endurecido e se tornado o homem que eu lembrava da Sala das Relíquias. Dos nossos primeiros dias de treinamento. Como se tudo o que aconteceu nesse meio tempo fosse a verdadeira alucinação, e nossa única verdade remanescente fosse a promessa de violência.

Tentei avisá-lo. Se ele acreditou em mim ou não... estávamos prestes a descobrir.

Parte de mim reconheceu que os outros considerariam isso uma traição. Eu não me importava nem um pouco. Eles não se importaram nem um pouco quando Efra decidiu me deixar afogar como um teste demente de magia, deixando-me escalar a encosta de um penhasco ou me tornar um deleite matinal para os monstros que aguardavam. Eles também concordaram e executaram a libertação dos monstros do Alcalah – monstros que só *eu* havia enfrentado – para a fileira de vilas mais

pobres de Nizahl, onde estavam alojados.

— Não é problema nosso. Nizahl achou por bem abrigar essas criaturas sob aldeias ativas — dissera Efra. — Eles sabiam do risco de armazená-las ali.

— Essas jaulas foram construídas há séculos — respondi bruscamente. — Muito antes de uma vila se formar em cima delas.

Os Visionistas se separaram, com os braços estendidos para os lados. Em uma única linha uniforme, eles deram um passo para trás. Uma rachadura se formou no local onde estavam e correu em direção aos Visionistas, com o gelo desmoronando em seu rastro. Olhei para Namsa alarmada, mas nenhum dos Urabi parecia compartilhar da minha preocupação.

Quando os Visionistas voltaram ao solo firme, o resto do gelo havia desabado. O lago se agitou e um redemoinho se formou no local onde os Visionistas estavam, canalizando o lago para baixo até que ficamos olhando para um cânion seco e vazio.

O chão tremeu. Com um rugido surdo, a água jorrou para cima, formando uma coluna que se elevava acima de nossas cabeças e se desenrolava como um pergaminho sob uma palma impaciente. Em um piscar de olhos, a superfície agitada se solidificou na cena da Curva de Galim.

Minha mão voou sobre a boca enquanto um nisnas perseguia uma garota gritando pela rua, arrastando-se atrás dela com uma velocidade impressionante. A criatura que Wes certa vez descreveu encantadoramente como *o que acontece quando você esmaga um corpo como uma noz e mergulha os restos em esgoto*.

— O que *é* isso? — Maia cobriu a boca, horrorizada.

Outro nisnas passou o braço em volta dos tornozelos de um homem e abriu a sua mandíbula, revelando pontas de dentes cobrindo todo o céu da boca e o fundo. Ele as prendeu ao redor do rosto do homem que

gritava. Maia ficou verde ao ouvir o osso sendo quebrado.

Uma figura estava encostada na lateral de uma carroça, observando o caos com interesse tranquilo. Entre um piscar de olhos e outro, suas feições se transformaram, reorganizando-se para se assemelhar ao homem ensanguentado sob os nisnas.

Um arrepio de reconhecimento percorreu o meu corpo. Mas não podia ser. Eu havia cravado meu machado no pescoço dele durante o segundo teste.

— Isso é um... — Namsa parou de falar quando o homem pegou as rédeas de um cavalo em fuga e colocou uma mão reconfortante em seu focinho.

Seu pescoço pulsava. Os tendões engrossaram, projetando-se como veias no tronco de uma árvore. Ele engoliu em seco e seu pescoço se solidificou mais uma vez.

— Dulhath — sibilei. Devorador de Magia. Eles deviam ter mantido vários deles presos.

O dulhath montou no cavalo e estalou as rédeas. Ele cavalgou em direção à carnificina e desapareceu.

Eu queria correr ao redor do lago e enfiar a cabeça de Efra na água. Ele havia soltado um *dulhath*? Aquele idiota... um dulhath não tinha interesse em Nizahl ou violência aleatória. Ele só queria comer. Ele iria direto para a fonte de magia mais próxima e a drenaria até secar. Efra poderia muito bem ter soltado uma bússola sensível apontando diretamente para Jasadis.

Ao longe, um zulal irrompeu entre as fileiras de telhados em chamas. Eu nunca tinha visto o verme estendido em toda a sua altura. Quando matou Mehti, estava firmemente enrolado em volta do Campeão de Omal, absorvendo a umidade de seu cadáver ressecado. O amarelo do corpo carnudo do zulal cortava o horizonte.

Vários Jasadis pularam quando ele atingiu o alvo repentinamente,

mergulhando entre as casas em uma explosão de velocidade impossível. A terra se espalhou em longos arcos pelo ar, pousando nos telhados de palha da vila em chamas.

Perdi a conta de quantos monstros devastavam a Curva de Galim. Reconheci apenas um punhado deles, muitos dos quais pensava terem sido extintos durante o expurgo que exterminou os monstros da Floresta Essam décadas atrás.

A cena mudou, expandindo-se para fora, e vi Efra sussurrando para os Visionistas.

Acima dos escombros, as asas do nascer do sol da criatura que assombrava meus pesadelos se desdobraram no céu.

Senti um frio na barriga. Maia tocou o meu ombro, mas a empurrei. Eu ia matá-lo, e ninguém me impediria dessa vez.

— Você libertou Al Anqa'a?! — Eu rugi.

Al Anqa'a sobrevoava a Curva de Galim, com as suas asas cortadas forçando-o a dar uma volta baixa ao redor da vila. Os seus olhos brilhantes perscrutavam os aldeões aos gritos. Caçando.

O aperto de Namsa em meu cotovelo interrompeu o meu progresso ao redor do lago.

— Mawlati, os reinos recapturam Al Anqa'a em cada Alcalah. Assim que os soldados do Supremo chegarem...

— Dawoud morreu me protegendo de Al Anqa'a. — Eu puxei o meu braço para longe. — Ele quase me matou. E agora você o soltou em aldeias de pessoas sem nenhum traço de magia ou treinamento!

Namsa empalideceu ao ouvir a menção do tio. Eu esperava que ela sentisse o peso do julgamento do fantasma dele em seu pescoço.

— Olha! — gritou alguém. Virei-me e meu coração pulou na garganta ao ver a imagem na água.

No topo de uma colina baixa, descendo com um trovão em um cavalo preto, estava Arin.

Ele acreditou em mim.

Esperei que os soldados descessem a colina atrás dele. Reforços com as armas e ferramentas necessárias para derrotar Al Anqa'a e hordas de monstros, mais do que os reinos haviam enfrentado em décadas.

Ninguém apareceu. Arin era o único ponto colorido na encosta escura, e ele cavalgou em direção aos destroços da Curva de Galim sem diminuir o ritmo.

Fiquei imóvel enquanto observava Arin descer do cavalo e examinar os escombros e a fumaça. Um nisnas passou o braço em volta do seu joelho, mas ele cortou a articulação antes que pudesse fortificar o aperto. Arin havia me treinado para o Alcalah; ele havia preparado outros Campeões antes de mim. Sabia que entrar na Curva de Galim sem ajuda significaria sua morte rápida e brutal.

Arin montou em seu cavalo e o fez subir a colina outra vez.

— Covarde — ouvi Efra sibilar.

A tensão tomou conta do meu corpo. Arin não deixaria seu povo em perigo. Eu conhecia aquele olhar. Malditos sejam os túmulos, ele tinha uma teoria.

No topo da colina, Arin parou. Os Visionistas juntaram as pontas dos dedos e os separaram, aproximando a cena de Arin. Observamos, em silêncio, enquanto ele tirava as luvas e as jogava no chão. Ele tirou o casaco e desabotoou os pulsos, enrolando as mangas até os cotovelos.

Seu olhar se ergueu. Al Anqa'a o avistou. Uma figura solitária na colina; uma presa muito mais fácil do que a multidão de aldeões correndo entre o fogo e outros predadores.

Meu estômago se revirou em um poço de pavor enquanto Al Anqa'a dobrava as suas asas e voava em direção a Arin. Ele tirou uma adaga do bolso e esperou. O que ele estava *pensando*? Pelos Awaleen abaixo, eu estava prestes a assistir Arin ter sua cabeça conivente arrancada dos ombros.

— Será que ele acha que pode conquistar Al Anqa'a com essa faquinha? Ele vai ser despedaçado — comentou alguém alegremente.

— Bom trabalho, Efra.

— Espere — Namsa retrucou. — Esta é a Serpente Prateada. Ele não causaria a própria morte. Há algo... algo que não estamos vendo.

A sombra de Al Anqa'a lançou Arin na escuridão. Seu bico se abriu. Garras se abriram. E mesmo assim, ele não se mexeu.

No momento em que as garras brancas peroladas estavam prestes a se enrolar em torno de Arin, ele caiu no chão e rolou. Antes que Al Anqa'a pudesse fechar suas garras ao redor do local vazio onde estivera, Arin o esfaqueou na barriga. Ele berrou, e o bater poderoso de suas asas fez árvores se chocarem e pedras caírem morro abaixo. Ele disparou em voo, serpenteando pelos picos e depressões do vale com vista para a Curva de Galim.

— Por que está voando desse jeito? — Em algum momento, Maia se juntou a mim e Namsa na beira do lago.

Eu não tinha resposta para ela. Quando esfaqueei o Al Anqa'a, ele apenas me sacudiu como um mosquito persistente. Não mergulhou e se esquivou como um bêbado saindo de sua cadeira de taverna.

Ele passou perigosamente perto de um afloramento de pedras afiadas, e só então eu o vi.

Com cabelos prateados balançando ao vento e feições determinadas, Arin parecia um raio moldado em um homem.

Ele deve ter usado a faca para subir até o pescoço da criatura sem ser jogado para fora. Um cotovelo estava dobrado em torno da lâmina para mantê-lo no lugar, deixando ambas as mãos livres para pressionar Al Anqa'a.

Cobri a boca para esconder a risada selvagem que ameaçava explodir. Aquele homem astuto e brilhante sabia que a melhor arma contra Al Anqa'a não era uma faca; era o seu toque. A mesma maldição

que lhe permitia drenar a magia de Jasadis aparentemente lhe permitia drená-la de outras criaturas. Será que ele sabia, antes de se lançar sobre Al Anqa'a, se seu plano daria certo?

Al Anqa'a deu a volta, as asas desacelerando, como se tivesse perdido a energia para suportar o peso. Voou baixo demais para evitar o afloramento de pedra desta vez, e berrou quando as rochas estilhaçaram as penas de sua parte inferior.

Ele iria cair. Al Anqa'a iria cair com Arin ainda em cima dele.

A besta havia retornado ao local onde Arin a havia apunhalado. Ela virou à direita e voou em direção aos restos em chamas da Curva de Galim.

— Saia, saia — ouvi-me sussurrando. Namsa e Maia me olharam, mas eu não conseguia me importar.

No topo de Al Anqa'a, Arin olhou para a encosta que desaparecia depressa abaixo deles e para os destroços que se aproximavam.

Prendi a respiração.

Arin deslizou pela espinha de Al Anqa'a, ganhando velocidade enquanto passava pelas asas de vidro. Ele caiu de Al Anqa'a assim que este chegava ao pé da colina. Continuou voando, as pontas de suas asas flamejantes varrendo o chão, antes de se chocar contra uma fileira de lojas. As lojas explodiram, madeira e detritos voando em todas as direções. Al Anqa'a derrapou, derrubando pelo menos uma dúzia de estruturas antes de enfim desacelerar até parar. O caminho de sua destruição se abriu amplamente, e em seu final a grande fera estremeceu, completamente incolor, e ficou imóvel.

— Ele matou Al Anqa'a — sussurrou Maia, com a voz carregada de descrença.

Na encosta, Arin se ajoelhou. Sangue escorria de vários cortes em seus braços, escorrendo pelo uniforme. Estilhaços de Al Anqa'a havia cortado as palmas das mãos, e uma parte do seu cabelo estava

emaranhada e vermelha.

Centenas de sombras se reuniram no topo da colina, bloqueando o luar.

Os soldados de Nizahl chegaram.

Pelo túmulo contaminado de Rovial, por que demoraram tanto? Como puderam deixar seu Comandante lutar sozinho?

Atrás de Arin, um único braço arrastou um monte de carne escorrendo e ossos retalhados com uma velocidade assustadora na direção de Arin.

O nisnas se aproximou de Arin, em silêncio na grama. O Herdeiro ainda estava ajoelhado, com o olhar fixo em seus soldados, que estavam longe demais para vê-lo ou ajudá-lo.

Vire-se, eu queria gritar. O grito que engoli rasgou a minha garganta. Ele não poderia derrotar Al Anqa'a e depois cair para um nisnas. *Vire-se, vire-se!*

Arin ficou imóvel. Muito devagar, virou a cabeça, o pescoço tenso.

Olhos azuis olhavam diretamente para mim.

Suspiros soaram ao meu redor. Maia e Namsa recuaram, xingando em Resar.

De alguma forma, não fiquei surpresa por ele ter me ouvido. Que através de montanhas, colinas e árvores, minha voz o alcançasse.

Vire-se!

Assim que o nisnas estendeu o braço para frente, Arin girou.

A visão ficou escura. A água suspensa caiu no lago e espirrou em mim, Maia e Namsa. Os três Visionistas desabaram, salvos por pouco de cair no lago por seus companheiros. Eles devem ter esvaziado por completo os seus suprimentos.

Mais uma vez me vi no centro das atenções quando todos os olhos deixaram os Visionistas e se voltaram para mim.

— Como você fez isso? — Namsa exigiu.

— Fiz o quê?

— Ele olhou diretamente para você!

— Ela o invocou! — gritou outra voz. — Ela criou um portal!

Os murmúrios aumentaram, até que não consegui mais distinguir vozes individuais.

— Os Visionistas não conseguem criar portais — gritou Efra. Preparei-me para a enxurrada de acusações. — A Serpente Prateada é sensível à magia, lembra? Os Visionistas sempre se recusam a conjurar visões dele por medo de que ele sinta o traço do poder deles. Eles mantiveram essa visão com ele no centro por quase vinte minutos e, de fato, seu medo se confirmou. A Malika estava parada na frente quando ele sentiu.

Se alguém me perguntasse no início desta semana se seria mais provável eu mergulhar em um mar cheio de monstros ancestrais, assistir Arin cavalgar Al Anqa'a ou presenciar Efra me defendendo, jamais teria escolhido a última opção. Provavelmente teria pulado da janela mais próxima, mas não teria previsto isso.

— Não podemos arriscar lançar uma visão perto dele outra vez — concordou Lateef. Ele estava atrás dos Visionistas quando desabaram. — E se ele conseguir ver o que há dentro de nós?

— Aprendemos a lição — disse Efra com rispidez. — Mas o nosso objetivo foi alcançado. Os reinos se voltarão uns contra os outros. A ordem cautelosa que a Serpente Prateada buscava manter foi quebrada.

Com o ânimo melhorado, os Urabi começaram a retornar à montanha, enquanto conversas sobre comida, guerra e sono se misturavam entre eles. Efra, Namsa, Maia e eu permanecemos no lago.

Cruzei os braços sobre o peito.

— Não preciso que você me defenda.

— Não pretendo repetir isso. — Efra lançou um olhar severo para o gelo triturado flutuando sobre o lago. — Seu poder os enche de

esperança. A esperança é tudo o que nos sustentou durante anos de horror e desolação. Não permitirei que você a arranque deles revelando o lado obscuro da sua magia.

Namsa ergueu as mãos.

— Efra, considere as suas acusações. O Comandante *é* sensível à magia. É bem possível que sua história seja verdadeira.

Efra desdenhou.

— Não seja ingênua. Ela observava os nisnas se aproximarem dele como se seu coração estivesse no carrasco maldito por Awaleen. Não temos ideia do que a magia dela é capaz, porque ela *se recusa a usá-la*. Mas vamos recapitular, certo? A magia dela conjurou um kitmer no meio do Baile dos Vitoriosos, destruiu uma ala da Cidadela e convocou o Sareekh, o *Sareekh,* Namsa, para resgatá-la. Ela poderia ter começado a criar um portal sem perceber com facilidade.

Maia pigarreou.

— Portalistas estão extintos, não estão? O único conhecido era aliado dos Mufsids.

— Estou falando com uma parede? — Efra abriu os braços. — A magia dela não segue nenhuma regra maldita!

— Toda magia tem regras. Consequências. — Namsa se virou para mim, com um brilho especulativo nos olhos. — Só precisamos descobrir quais são as dela.

CAPÍTULO 16



SYLVIA

Namsa me atrasou, esperando até que os outros desaparecessem na montanha antes de falar.

— Eles estão se reunindo para o Aada lá dentro. — Ela inclinou a cabeça em direção à entrada. — Eles devem estar esperando você.

— O que mais há para discutir? — Afastei uma mecha de cabelo encrostada da boca. Eu não tinha tido a chance de me lavar desde a noite passada. Graças ao meu luxuoso banho de imersão na salmoura e sedimentos do Mar Suhna, consegui pegar um cacho e quebrá-lo entre os dedos. — Ninguém me ouviu antes. Qualquer plano que vocês possam ter tido antes não sobreviverá à Curva de Galim. Em poucas horas, Felix terá soldados postados até suas narinas peludas. Orban provavelmente decretará toque de recolher e prenderá qualquer um que passe do horário. Quem sabe o que Lukub fará? Vaida pode começar a jogar qualquer um cujo nome termine com *a* no Poço dos Traidores.

— Foi um erro autorizar o ataque sem a sua autorização. Não nos dê a oportunidade de repeti-lo. Venha ouvir o que temos a compartilhar com você, Essiya.

Eu poderia passar uma eternidade mergulhando nas profundezas de sua audácia sem chegar ao fundo.

— Repito: fui até sua Aada esta manhã. Acenei os meus braços, gritei, implorei para que encontrassem uma maneira de reverter esse desastre que Efra pôs em prática. Agora você quer que eu volte e ouça outro plano condenado?

— Não está condenado. Nós...

— Vá para a sua Aada, Namsa. — Tentei me esquivar dela. — Se decidir invadir o palácio de Omal, me avise a que horas cavalgaremos para a morte.

Um braço levemente musculoso se lançou em meu caminho.

— A liderança lhe é natural. Por que você insiste em se afastar dela?

Inclinei a cabeça para as estrelas e me aconselhei severamente a não jogar Namsa no lago. Liderança não poderia ser mais antinatural para mim. Eu era impaciente e de pavio curto, e acreditava piamente que concessões eram um consolo vazio para os derrotados involuntariamente. Acrescente as vozes na minha cabeça, a magia imprevisível e as alucinações aleatórias? Seria melhor se eles jogassem a minha coroa no mar.

— Ele vai vencer — ela disse.

As estrelas piscaram.

— Você pode antecipar problemas que nós não podemos. Sabe como esses governantes pensam. Ele lhe mostrou mapas de seus palácios, treinou você nos costumes de suas cortes. Antes do Alcalah, você já era uma força formidável, mas agora? — O riso de Namsa flutuou, desencarnado, sobre as montanhas escuras. — Arin de Nizahl criou a sua pior inimiga.

A voz suave de Sefa engoliu a de Namsa, como se sussurrada das nuvens. *A maneira como ele olha para você às vezes. Como se você fosse um penhasco com uma queda fatal e, a cada dia, você o aproximasse mais da beira.*

Um arrepio totalmente alheio ao frio percorreu a minha espinha, e forcei meu olhar de volta para as montanhas. Para Namsa.

Ele pode ter criado a sua pior inimiga, eu queria dizer, *mas eu também sou a minha pior inimiga.*

— Estarei presente na reunião — eu disse. — Mas não espere que eu faça mais do que observar.



— Ora, ora! — levantei as mãos acima da cabeça e bati palmas. — Se o objetivo é acelerar seus próprios assassinatos horríveis, devo dizer que todos vocês se empenharam ao extremo.

Os membros da Aada me olhavam com variados níveis de indignação. Almofadas grossas cobriam o chão, dispostas em um semicírculo solto ao redor da sala. O objetivo por trás da remoção da mesa e das cadeiras era supostamente remover barreiras à comunicação. Ou, nas minhas mãos, armas em potencial.

— A Rainha Hanan não se importa nem um pouco comigo. Felix poderia me pulverizar e transformar em adubo para seus jardins, e ela não pararia para cheirar as flores que crescem da minha carcaça.

Partículas de poeira se espalharam pela sala silenciosa. Depois de um minuto, Lateef pigarreou.

— Sua... vívida... objeção foi anotada, Mawlati. Entendemos sua dúvida, mas temos motivos para acreditar que a Rainha Hanan pode ser mais fácil de persuadir do que você imagina.

A vontade de sacar a faca escondida na minha bota e enfiá-la na superfície dura mais próxima quase me dominou. Passamos horas assim. *Horas*, enquanto o meu cabelo adquiria uma textura semelhante à de pão queimado e os membros da Aada se esforçavam para incinerar cada um dos meus nervos. Eu encontrava consolo no meu cheiro pútrido. Nesta sala que parecia um caixão, eles provavelmente estavam sufocando com ele.

— Razão, razão, razão. — Passei o pulso pelo nariz, limpando a camada de poeira que se acumulava acima do meu lábio. Pelos Awaleen abaixo, mas eu estava cansada. — Uma razão que você se recusa a compartilhar, mas continua a citar como refutação válida para qualquer

um dos pontos que eu levanto. Diga-me, então: por que estou aqui? Vocês não me tratam com honestidade, não ouvem os meus conselhos e esperam que eu me junte a vocês em uma morte sem sentido baseada em uma confiança que vocês não retribuirão.

Lateef e Namsa se entreolharam. Do outro lado da sala, os três membros da Aada que eu não conhecia evitavam o meu olhar.

— Ah, apenas diga a ela! — Maia explodiu. Ela se afastou da parede contra a qual estava encostada e caminhou até Lateef. Ela estendeu a mão. — Ela está certa. Como podemos pedir que confie em nós quando não fazemos o mesmo?

Namsa recostou-se com um leve sorriso irônico. Deu de ombros para Lateef.

— Você sabe qual é a minha posição.

— Por que deveríamos confiar nela? Ela...

— Fique em silêncio, Efra. — Lateef franziu a testa. — Você se tornou insuportável desde que a Malika chegou. Se pretende se afogar em petulância infantil, não nos arraste consigo.

Eu não riria. Absolutamente não riria da expressão ofendida no rosto desprezível de Efra.

Devidamente castigado, Efra bufou, mas não falou mais nada.

Um maço de pergaminho enrolado com barbante caiu na mão de Maia.

— Entregue para Malika — suspirou Lateef. Para mim, ele disse: — Dawoud trouxe isto para Namsa há seis anos. Ele o recuperou de um general de alta patente do exército de Nizahl no primeiro mês do cerco.

Arrastei um lampião para mais perto do meu colo enquanto Maia me entregava o embrulho. O estado atual da minha visão não me permitia ler com facilidade, e ela ficou duplamente embaçada com a minúscula escrita espremida nas páginas.

Já temendo a dor de cabeça que isso me traria, revirei o embrulho.

As bordas danificadas do pergaminho estalaram sob os meus dedos. Se Dawoud o tivesse pegado no primeiro mês da Guerra de Jasad, então tinha quase metade da minha idade.

— O que estou vendo?

Namsa jogou o braço sobre o encosto da almofada de Lateef, com uma perna aberta e a outra dobrada no joelho. Ela era diferente nessas reuniões. Mais arrogante. Namsa na Aada era uma mulher tranquila de trinta anos, e eu mal a reconheci.

— A razão — ela disse.

Suspirei. Relaxada ou não, ela ainda era Namsa.

Recostando-me, levantei o primeiro pergaminho e me forcei a focar nos blocos organizados de escrita.

Eu fui enganado. Todos nós fomos enganados. Caso estas páginas sejam encontradas fora da minha posse, saiba isto: eles me mataram e, eventualmente, também o matarão.

A fortaleza caiu antes do mensageiro.

Rawain sabia que a fortaleza cairia. Ele sabia o que o mensageiro diria.

Cavalgamos para Jasad dois dias antes da queda da fortaleza; antes do massacre na Cúpula.

Acredito que o Supremo Rawain de Nizahl, a quem jurei lealdade e conduzi regimentos de homens à morte, trabalhou em conjunto com a Sultana Bisai de Lukub e o Rei Murib de Orban para orquestrar os eventos que precipitaram a Guerra de Jasad.

Não, isto não é uma guerra.

Isto é um cerco.

Endireitei-me, segurando o pergaminho com muita força. Meu pulso acelerou, uma batida forte de descrença percorrendo meu corpo.

Os outros permaneceram em silêncio enquanto eu lia. Minhas mãos

tremiam mais a cada página que eu virava.

O autor descreveu como os exércitos de Orban, Lukub e Nizahl foram enviados antes que o mensageiro na Cúpula Sanguinária entregasse a notícia da morte de Niphran. *Antes* do massacre supostamente lançado por Malik Niyar e Malika Palia contra os outros governantes. Tudo havia sido planejado desde o início, desde quem morreria na Cúpula até quando o ataque contra Jasad deveria ocorrer.

O único reino que se recusou a lutar contra Jasad foi Omal.

A Rainha Hanan e o Rei Toran desprezam o trono de Jasad tanto quanto – se não mais – do que os outros governantes, mas se recusaram a atacar o reino de sua neta sem motivo grave.

O Rei Toran está morto. Seu filho, Emre, foi assassinado em Jasad há uma década. O Supremo Rawain despojou a Rainha Hanan de tudo o que ela amava e a deixou com apenas uma opção: a guerra.

O autor continuou detalhando sua confusão sobre como os reinos haviam facilitado a destruição da fortaleza; quem eles tinham dentro de Jasad que pudesse destruir uma barricada mágica centenária? Niphran era a Qayida na época; poderia sua morte ter levado à queda da fortaleza?

Olhei para os Jasadis, que observavam, e me perguntei se eles sabiam o que Hanim havia feito com eles. O que ela havia enganado Soraya e os Mufsids para fazerem.

Frase por frase, o nó no meu estômago aumentava. Ali estava a confirmação do que eu sempre soube. Meus avós não eram responsáveis pela Cúpula Sanguinária. Nisso, se não em quase nada mais, a consciência deles estava tranquila.

Mas este documento não respondia à única pergunta que importava: como poderia o Supremo Rawain, um homem sem um pingo

de magia no sangue, invocar magia suficiente para destruir a Cúpula e matar os dois Jasadis mais poderosos da terra?

A última página foi breve.

Rawain está em busca de algo. Ele não vai parar até encontrar. A magia pode ter sido a face desta guerra, mas não é o coração.

Seguiu-se uma assinatura rabiscada.

Binyar Lazur, Primeiro General do Regimento Sul de Nizahl.

Deixei cair o pergaminho. Eu conhecia aquele nome, ouvi sobre ele enquanto ele confessava por que fugiu de Nizahl aos quatorze anos, mudando de nome e cortando os laços com o que restava de sua família.

Meu último irmão, Binyar, ascendeu depressa na hierarquia sob o comando do Supremo Rawain. Ele estava entre os escolhidos para liderar o cerco à fortaleza de Jasad após a Cúpula Sanguinária. Ele nunca mais retornou.

O general de Nizahl que escreveu suas dúvidas e as guardou com Dawoud. Que descobriu as mentiras de Rawain e nunca voltou do campo de batalha.

Era o irmão de Marek.

CAPÍTULO 17



Arin esperou até ficar sozinho para vomitar.

Agarrando a borda da lixeira, ele afundou no chão. Com a testa pressionada contra a parede permanentemente gelada, Arin fez o possível para respirar apesar da dor. Os curandeiros tentaram ajudá-lo depois que os soldados finalmente chegaram à Curva de Galim, mas Arin os desviou para as aldeias. Eles ainda estavam retirando corpos dos destroços. Qualquer sobrevivente precisaria de muito mais cuidado do que Arin. Esses ferimentos não o matariam. Ele tinha quase certeza.

Mais um minuto e ele se levantaria e pegaria o seu kit médico. Só mais um minuto.

O local onde o nisnas havia chicoteado o tornozelo de Arin estava vermelho e em carne viva, queimado pelas secreções ácidas da pele da criatura. Poderia ter sido muito pior. Deveria ter sido muito pior. Arin estava de joelhos na base da colina, o ferimento na cabeça fazendo-o ver em dobro, e ele ouviu.

Vire-se.

Poucas coisas tinham o privilégio de assustar Arin. Ele era o tipo de criança mais propensa a armar uma armadilha para o monstro imaginário debaixo da cama do que a esconder os pés debaixo do cobertor em rendição passiva. Perder o controle da mente, perder a fé no próprio julgamento...

Ele sabia do que sua mente era capaz. Sabia que sombras ela guardava.

A voz era real. Tinha que ser real... o talento de Arin para a previsão não se traduzia em poder profético.

A essa altura, o conselho já teria cavalgado até a metade do caminho para Wickalla, onde os sobreviventes da Curva de Galim estariam vivendo até que novos arranjos pudessem ser feitos. Bayoum insistira em cavalgar até encontrá-los e fazer um discurso.

Arin não conseguiu reunir forças para sequer um resquício de surpresa. Um massacre e a libertação de monstros centenários em Nizahl? Era a oportunidade perfeita para Bayoum argumentar contra as proteções de recrutamento sem confrontar Arin diretamente. Os destroços se encaixavam tão perfeitamente nos planos de Bayoum que Arin poderia ter se perguntado se o conselheiro era o seu arquiteto. Felizmente para Bayoum, as únicas chaves para aquelas gaiolas estavam em posse de Arin, e ele não as tocava desde o Alcalah.

As gaiolas foram quebradas por magia.

Agarrando a mesa com força, Arin se levantou, um gemido escapou de seus lábios comprimidos. Cada passo em direção à sua cômoda lhe queimava a pele. Ele retirou os seus suprimentos de emergência e os alinhou sobre a mesa por ordem de uso. Talwith para limpar o ferimento, uma toalha para o sangue, uma lâmina fina para cortar fragmentos presos em quaisquer feridas abertas, agulha e linha, e as bandagens para cobrir qualquer coisa pequena demais ou impossível de costurar.

Arin afundou em uma cadeira. Tirou o colete e jogou fora os restos da camisa rasgada. Eles caíram em uma pilha molhada a seus pés. Em outra ocasião, a visão incomodaria Arin mais do que a dor.

O ar frio soprou um suspiro de alívio sobre os ferimentos de Arin. Ele despejou o talwith na toalha e na garganta em turnos iguais, começando a tratar os menores cortes. O tempo passou devagar, contente em saborear o desconforto de Arin. Quando Arin chegou ao ferimento maior, manchas pretas dançavam em sua visão e um gosto metálico cobria sua língua.

Arin havia calculado mal a sua façanha no topo da colina por uma

fração de segundo. Depois de atrair Al Anqa'a para longe da aldeia, ele caiu no chão tarde demais. Al Anqa'a arranhou o seu peito com suas garras e abriu três linhas paralelas em seu torso antes de Arin cravar a lâmina em sua barriga.

Levantando o talwith sobre a primeira das marcas rasgadas, Arin hesitou. Estendendo a mão em direção à cômoda, ele abriu a gaveta do meio e tirou outra toalha para colocar entre os dentes. Ele não confiava em si mesmo para não morder a língua.

Arin agarrou o talwith como um homem segurando seu último suspiro antes de despejar seu conteúdo sobre o peito.

A toalha pressionou os dentes de Arin. Ele não conseguiu conter um suspiro estrangulado. Tentou alcançar as bandagens, mas descobriu que o seu braço se recusava a cooperar.

Os pontos negros nas bordas de sua visão aumentaram. A garrafa vazia caiu dos dedos dormentes de Arin no carpete, e o baque foi o último som que Arin ouviu antes que a escuridão o envolvesse.



— Você o deixou sangrando aqui sozinho? Que tipo de guarda é você?

— Sinto muito, senhor. Pensei que ele estivesse na enfermaria, ele me ordenou que ficasse na Curva de Galim para guiar os recrutas, e não percebi que seus ferimentos eram tão...

Arin se mexeu, lutando contra o sono.

— Você trabalha para meu filho há dez anos. Como não sabia que ele não iria para a enfermaria durante uma emergência? Essa bobagem dele de tirar recursos dos outros... como se ele não fosse o Comandante! Como se a perda de cem mil vidas pudesse valer a perda da dele! E para quê? Alguns fazendeiros e vagabundos na Curva de Galim?

Arin sentiu uma pressão no peito. Alguém o estava tocando.

Arin estendeu a mão. Abriu os olhos e viu uma médica petrificada inclinada sobre ele, com o pulso preso no punho de Arin.

Atrás dela, Wes e Rawain se viraram em direção a Arin. O alívio tomou conta do guarda, e ele pressionou a mão trêmula contra o distintivo.

— Senhor. Você está acordado.

A médica puxou o pulso dele com hesitação. Arin a soltou, voltando a atenção para o resto do cômodo. Ele ainda estava na cadeira em que se enfaixara, com os suprimentos espalhados desordenadamente sobre a mesa, ao lado do cotovelo. Há quanto tempo estava inconsciente?

— Ora, se não é o meu mártir Herdeiro. — Rawain dispensou a médica e olhou para Arin. — Em seu acesso de heroísmo, você percebeu que esqueceu de enfaixar o ferimento na cabeça?

— Eu não esqueci — disse Arin. — O sangue já tinha coagulado, e o ferimento em si não era nada demais.

Rawain olhou para a curandeira em busca de confirmação. O aceno tímido dela só pareceu aumentar sua irritação.

— Preciso falar com o meu filho. A sós.

Ela pareceu abalada.

— Mas eu ainda não terminei...

Rawain a interrompeu com um olhar frio. Wes guiou a médica infeliz para fora do quarto, parando brevemente na porta para lançar um pequeno sorriso a Arin. O alívio de Wes fez com que Arin se sentisse culpado pela situação em que havia colocado o guarda. Se Arin tivesse morrido, as consequências teriam recaído pesadamente sobre Wes.

Assim que ficaram sozinhos, Arin se forçou a se levantar. Embora prever as mudanças no humor de Rawain fosse um exercício fútil ao longo da vida, Arin não precisava esticar muito a imaginação para adivinhar que Rawain estava furioso. Arin não apenas o desobedeceu ao

ir para a Curva de Galim em vez de se refugiar dentro da Cidadela, como também foi sozinho.

Rawain se acomodou na outra extremidade da mesa, colocando o cetro dentro do cotovelo enquanto apoiava o queixo na mão.

— Os Mufsids serão executados na Praça Antar ao amanhecer.

As palavras pairaram no ar, como um fósforo aceso em um quarto escuro, e implodiram.

Arin apoiou as mãos na mesa, abrindo-as. Concentrou-se nos veios da madeira sob as mãos enquanto buscava um tom comedido – Rawain seria completamente inalcançável se sentisse o mínimo de emoção ou raiva na voz de Arin.

— Achei que tínhamos decidido que ainda havia tempo.

A questão sobre o que fazer com os Mufsids havia se tornado uma forte fonte de discórdia entre Arin e o conselho. Os Mufsids não respondiam aos interrogatórios, e Arin desperdiçava um tempo precioso todos os dias visitando as prisões de alta segurança para drenar sua magia.

Mas os Mufsids também haviam conseguido escapar de Arin por anos. Conheciam os padrões e os movimentos dos Urabi. O sotaque nítido sugeria origens nobres, o que significava que poderiam ter tido acesso a Malik Niyar e Malika Palia. Os Mufsids poderiam ser a chave para encontrar a Herdeira de Jasad. Com pressão e tempo suficientes, um deles acabaria cedendo. Eles mantiveram espiões e traidores por muito mais tempo.

A pressa em executá-los não fazia sentido. A informação certa poderia ser mais poderosa do que mil exércitos.

Rawain girou a cabeça do cetro entre as mãos, recostando-se na cadeira.

— As gaiolas na Curva de Galim eram impenetráveis e fortemente guardadas. Alguém conseguiu atravessar as nossas barreiras. Alguém

familiarizado o suficiente com os nossos protocolos para saber como contorná-los. Esta era uma mensagem dos Urabi para mostrar que a sua magia pode derrotar as nossas defesas mais fortes, para anunciar sua presença ao resto dos reinos. Você passa grande parte do seu tempo procurando uma maneira de evitar essa guerra... já pensou em como vencê-la? Porque os Urabi pensaram. Você planeja se apresentar diante do seu reino e informar ao seu povo que não tem ideia de como encontrar os responsáveis por isso?

A última frase atingiu Arin com uma força comparável à de Al Anqa'a.

— Eu os encontrarei.

— Não rápido o suficiente. — O tom de decisão alertou Arin de que qualquer outra discussão não seria bem recebida.

Arin não podia deixar isso passar. Eles estariam fazendo o jogo dos Urabi se culpassem os Mufsids por um crime que não cometeram. Os Nizahlanos não eram tolos, e o resto dos reinos perceberia a distração. Como Rawain poderia concordar em perder fontes críticas de informação em uma tentativa desajeitada de salvar as aparências?

— É uma pena que não tenhamos podido sentar para jantar esta noite — continuou Rawain. — Faz muito tempo que você e eu não conversamos sem a intromissão da política. Talvez ainda pudéssemos ter salvado a situação, se tivesse decidido ouvir e ficar na Cidadela.

Apesar de todas as falhas de seu pai, a arte de suas ameaças era irrepreensível. O instinto de Arin geralmente reconhecia isso primeiro, ficando desconfortável com nada mais do que uma palavra ou um olhar passageiro. A primeira língua de Rawain era a intimidação, e Arin havia aprendido a traduzir seus símbolos ocultos há muito tempo.

Rawain se levantou, ajustando as camadas cascateantes de suas vestes, e colocou a mão na cabeça de Arin. Seu suspiro ecoou como um estrondo nas nuvens, prometendo trovões.

— Estou feliz em vê-lo de volta vivo e inteiro, Arin.

Cada músculo do corpo de Arin se contraiu. Ele desejou poder fechar os olhos e fingir que a conversa havia terminado ali.

A mão do pai se moveu para o outro lado da cabeça de Arin, parando a centímetros do ferimento.

— Você tem o hábito irritante de medir o valor da sua vida como igual ao das pessoas ao seu redor. Eles não nasceram para governar. Eu não desperdicei minha vida *preparando-os* para liderar meu reino. Você é mais inteligente, mais habilidoso e mais determinado do que qualquer um deles jamais poderia ser.

O choque da dor quando o polegar de Rawain pressionou a bandagem em sua cabeça não se refletiu no rosto impassível de Arin. Ele se certificou disso. Mesmo quando o vermelho escorreu por sua têmpora direita e pingou em sua bochecha, Arin não demonstrou nada.

— A magia jamais merecerá a sua misericórdia, filho. Repetidas vezes, tentei lhe ensinar esta lição. Tentei preparar o seu coração contra as forças que poderiam distorcê-lo a seu favor.

Arin merecia muito pior do que isso. O que ele fez, a destruição que facilitou ao permitir que os Urabi capturassem a Rainha de Jasad... Arin merecia muito pior.

— Você tem uma mente tão brilhante, Arin. Se ao menos você a dedicasse a assuntos mais importantes. Você não está feliz que sua mãe não esteja aqui para sofrer ao ver você assim? — O polegar de Rawain se cravou mais fundo, e as mãos de Arin se fecharam em punhos. — Ver o filho dela sugerindo que ofereçamos clemência aos seus assassinos?

Sangue grudou nos cílios de Arin. O mundo entrava e saía de foco. Ele concentrou a sua atenção no corvo que se erguia do cetro de seu pai, ancorando a sua consciência oscilante em suas asas erguidas. Seus olhos redondos pareciam zombar dele.

Depois de uma eternidade, Rawain retirou a mão e tirou um lenço

de dentro do manto. Limpou o polegar e jogou o pano no colo de Arin.

— Não se atrase para a execução. Espero que você se mantenha ereto na Praça Antar e mostre à decisão do conselho a mesma deferência que você desperdiça com os aldeões. Está claro?

— Sim, meu suserano.

— Ótimo. — Rawain deu um tapinha na bochecha de Arin. Seu olhar se suavizou, aquecido pela afeição. — Meu bravo rapaz. Vou mandar a curandeira para terminar de cuidar de você.

Rawain saiu dos aposentos, o turbilhão de suas vestes fazendo voar os pedaços de tecido rasgados no chão de Arin. Quando a médica voltou para terminar de tratar Arin, ele não permitiu que ela enfaixasse sua cabeça novamente ou limpasse o rastro de sangue seco no lado direito de seu rosto.

— Deixe — ordenou.

Mais tarde, sentou-se na beira da cama e tocou a cicatriz na parte inferior do queixo. Ele traçou o sulco onde a lâmina de Soraya havia se torcido.

Uma gota vermelha caiu de sua têmpora, escorrendo para o tapete.

Arin fechou os olhos. Algumas feridas eram melhores se sangrassem.

CAPÍTULO 18



SYLVIA

Uma hora atrás, eu teria mutilado alegremente todos no Aada pela chance de dormir. Depois que Lateef nos dispensou, a minha única preocupação era caminhar até os meus aposentos sem desmaiar no corredor.

Isso até eu começar a me despir para dormir.

Com o cobertor puxado até o queixo, fiquei olhando para o teto, mais acordada do que em anos.

Havia uma nova veia. Prateada desta vez, indo da parte de trás do meu joelho até o topo do meu tornozelo. Eu a vi por acidente, girando para ajustar a parte de trás da minha calça de dormir, e isso me levou a me despir freneticamente e procurar por mais veias escondidas no meu corpo. Apenas as duas, felizmente; dourada na palma da minha mão, prateada na minha perna. Se não fosse pela hora tardia, eu teria procurado Namsa e pedido que explicasse por que meu corpo parecia estar rachando como uma estátua sob um cinzel desajeitado.

Amanhã. Amanhã eu mostraria as veias para Namsa.

Virei-me e puxei um dos travesseiros para o peito. Metade das vezes em que fechei os olhos, vi Soraya e os Mufsids atacando Usr Jasad, cuja vitória foi interrompida pelo colapso da fortaleza. Na outra metade, vi o Supremo Rawain piscando para mim do outro lado da mesa, na Cúpula Sanguinária, segundos antes de os gritos começarem.

Foi quase um alívio pensar em estratégia.

Os Urabi haviam reunido uma frota impressionante de Jasadis com magia especializada. Vinte Jasadis com magia Hayagan, uma

especialidade que os meus avós desprezavam, a menos que alguém precisasse dar uma festa barulhenta com urgência. Pelo visto, os Hayagan podiam usar os seus poderes para perturbar animais a quilômetros de distância. Se precisássemos de cavalos, os Hayagan eram a nossa melhor aposta para roubá-los de qualquer patrulha em Essam. Sua capacidade de liberar pulsos de energia caótica no ar tinha o efeito duplo de alimentar uma multidão animada e, curiosamente, invocar animais.

Mais estranho ainda era o número de Sahirs entre eles. Os Sahirs eram notoriamente reclusos; muitos odiavam a estrutura hierárquica das wilayahs de Jasad e partiram para outros reinos muito antes da guerra. Os Urabi devem ter gasto todos os recursos à sua disposição para encontrar e recrutar quinze deles. Os Sahirs podiam transferir sua magia entre elementos: moldar aço a partir da terra, forjar uma lâmina a partir de meros galhos. Com eles ao lado dos Hayagan, teríamos quantas armas pudessem criar antes que sua magia se esgotasse. No entanto, precisavam de um período de recuperação três vezes maior do que as outras especialidades.

Com o tempo, até mesmo a estratégia de guerra perdeu o apelo. Puxei um travesseiro sobre o rosto e o cobri com os braços, abafando o gemido. Os móveis do meu quarto eram escassos, mas ainda assim eram o dobro dos outros. Eles me tratavam bem, me davam um conforto que lhes faltava, e eu nem tinha a decência de apreciá-lo.

A pressão no meu peito aumentou. Pressionei a mão contra o coração como uma criança ouvindo uma história que já amou.

Um, dois. Estou viva.

Três, quatro. Estou segura.

Cinco, seis. Não vou deixar que ele me pegue.

Quando o nó de medo no meu estômago só aumentou, tentei de novo.

Um, dois. Estou viva.

Três, quatro… Onde eu estava?

Meu quarto desapareceu, os seus contornos se borrando e se liquefazendo diante de mim. O pânico instantaneamente se transformou em fria compreensão. Isso não. De novo não. *Agora não*.

Quando as paredes se solidificaram, elas não eram nada parecidas com as minhas. Meus pés descalços pousaram no carpete macio.

Um quarto enorme e assustadoramente austero me cercava. Uma vela tremeluzia sobre uma mesa coberta de frascos vazios e panos ensanguentados. Fios doentios de luar atravessavam a janela manchada de chuva e refletiam em uma magnífica cama de dossel na cabeceira do quarto. Parei, um tanto idiota, para admirar as cobertas luxuosas. Nem eu conseguiria ficar acordada em uma cama dessa.

As sombras no quarto se moveram conforme o óleo do lampião estalava, e me assustei ao ver um dorso nu curvado na beira da cama. Seu dono estava de frente para a parede, com as mãos apoiadas em cada lado do corpo e os ombros largos contraídos.

Eu conhecia aquela espinha melhor do que a minha. Quantas vezes me maravilhei com a graça do seu corpo, a fluidez dos seus movimentos? Arin se movia como uma canção inacabada, respondendo a um ritmo que o resto de nós não conseguia ouvir. Nem mesmo o sangue que cobria a lateral da sua cabeça, escurecendo os fios prateados para um marrom escuro, conseguia diminuí-lo.

Queria poder desviar o olhar, mas em um quarto cheio de coisas bonitas, Arin de Nizahl ofuscava todas elas.

Ele ainda não tinha me visto ou ouvido, o que significava que ainda tinha uma chance de desaparecer. De todas as vezes e de todas as pessoas. O que minha magia estava pensando ao me trazer até aqui? Aliás, por que a minha magia estava pensando? Talvez Efra ficasse feliz em saber que eu *tinha* usado minha a magia nos últimos dias. Sem contar,

é claro, como tinha sido usada e o quão pouco eu tinha me envolvido no processo.

Ele ainda não tinha sentido a minha presença. Não tinha sentido isso no jardim também. A sintonia de Arin com a magia deveria ter me denunciado assim que me aproximei.

Se você estivesse mesmo aqui, eu teria sentido sua magia no instante em que você entrou nos terrenos da Cidadela.

Verifiquei a palma da minha mão. O veio dourado não havia desaparecido, mas o seu brilho havia diminuído. Cavei fundo em busca da minha magia, raspando cada canto e fenda, e voltei de mãos vazias.

Eu estava aqui… sem a minha magia?

Sobre a mesa à nossa direita, uma dúzia de ferramentas de prata jaziam espalhadas aleatoriamente entre as bandagens encharcadas de sangue. Ferramentas caras, ferramentas que um curandeiro teria levado consigo ao partir.

Ele tentou se tratar?

Uma risada horrorizada escapou da minha garganta.

— Seu idiota desgraçado.

As costas de Arin se endireitaram, cada músculo se retesando. Ele não se virou.

Não era um sinal tranquilizador. Na verdade, era um sinal gritando *Perigo! Perigo!*

— Al Anqa'a poderia tê-lo matado. Era assim que você queria morrer? Como um pedaço de carne para o jantar?

As bandagens enroladas em seu torso e flanco apareceram, e respirei fundo. O dano causado pelas garras de Al Anqa'a não parecia tão grave na ilusão dos Visionistas.

Arin estava ferido. Gravemente.

Um fio de sangue havia secado da linha do cabelo até o maxilar, mas o restante dos curativos estava limpo. Por que ele não havia limpado

esse pouco de sangue?

As minhas mãos se fecharam em punhos dentro da túnica. Se minha magia estivesse aqui, agora seria o momento de me levar embora. Agora, antes que a poeira assentasse sobre minha resistência em ruínas ou minha mão estendida...

... tocasse a parte de trás de seu ombro nu.

Aconteceu instantaneamente. Minha pele mal havia tocado a dele quando um aperto de ferro segurou o meu pulso. O cômodo voou quando fui jogada para trás e batida contra a parede, minha mão traidora presa acima da minha cabeça.

Arin pairava sobre mim, a centímetros de distância, com a intenção assassina estampada em suas belas feições.

— Olá para você também. — Sorri. Eu não era de cutucar leões famintos, mas, caramba, os meus instintos idiotas se convenceram de que este não me morderia.

O aperto no meu pulso aumentou. Bufei.

— Sim, você é muito intimidante. Me solta.

Eu puxei, tentando afastá-lo, mas mesmo ferido e sangrando, Arin era Arin. Eu teria mais chances de passar por uma parede.

— Você está sendo irracional.

Nada.

Respirei fundo. Antes que a faísca da minha irritação se transformasse em raiva, avistei o seu guarda-roupa, com as portas de madeira entalhada escancaradas. O caos me distraiu do Herdeiro, que me encarava com raiva a um passo do meu rosto.

A bagunça na mesa era um sintoma dos ferimentos, mas e o guarda-roupa? As gavetas tortas da cômoda? Os três copos vazios no criado-mudo?

Olhei em seus olhos, franzindo as sobrancelhas em preocupação enquanto o observava. Arin preferia deixar ratos roerem os seus dedos a

demonstrar qualquer sinal de fraqueza, mas as condições do seu quarto falavam mais alto que as suas feições implacáveis.

No guarda-roupa, as roupas de Arin estavam organizadas em fileiras simétricas e organizadas. Apenas uma peça se destacava, com o seu acabamento de má qualidade, muito diferente das mangas sob medida e bainhas intrincadas das peças vizinhas. Cercada pelas roupas impecáveis de Arin, uma capa velha, roída por traças e puída, havia sido cuidadosamente pendurada no fundo.

Meu peito inchou a ponto de doer.

Embora fosse eu quem estivesse encurralada contra a parede, de repente me senti como se tivesse trapaceado. Tinha visto o que não era para mim, roubado uma vantagem em nosso jogo.

— Me solta — eu disse com a voz rouca. — Me solta e vou embora. Eu juro.

Ele me virou em uma velocidade vertiginosa, torcendo o meu braço atrás das costas. Em vez de pressionar o meu rosto contra a parede, Arin nos empurrou um passo em direção à porta.

— Você está tentando me *prender*? — Horrorizada, não consegui conter o riso. — Arin, nós dois sabemos que meu corpo está a quilômetros de distância.

De novo, nada. Discutir com Arin quando se isolava era perda de tempo. Ele só respondia em uma língua.

Meu braço solto disparou para trás, acertando meu cotovelo no estômago de Arin.

Não foi tão doloroso quanto bater em uma parede, mas quase.

Seu aperto afrouxou um pouquinho, mas eu aproveitei, torcendo meu pulso preso para baixo e para o lado.

Minha vitória durou meros segundos, cortada ao meio pela adaga que brilhava na mão de Arin. Fiquei maravilhada com a frequência com que aquele homem escondia uma lâmina em seu corpo.

Nós nos movemos em um espelho sádico dos momentos anteriores ao Baile dos Vitoriosos, quando explodimos em movimento um em direção ao outro. Só que naquele momento, ele me puxou para perto com a boca sobre a minha, e desta vez... desta vez, ele brandiu uma adaga em meu coração com precisão mortal enquanto eu batia meu ombro em seu peito a toda velocidade.

Se Arin estivesse ferido de forma menos grave, teria usado a força da minha corrida para me derrubar e cravar a adaga no meu peito. Tínhamos praticado a estratégia juntos um milhão de vezes nos túneis. Mas o sangue começou a escorrer por suas bandagens, e nós caímos no chão.

Nós lutamos. Eu apertei meus joelhos em torno dos quadris de Arin enquanto ele se contorcia em cima de mim. Assim que ele levantou a adaga, eu cravei meus dedos nas bandagens em seu lado até que ele ofegasse. Sangue manchou minhas unhas.

— Desculpe, desculpe... — Agarrei o seu pulso, batendo-o no chão perto da minha cabeça, mas ele não largou a adaga. Seu outro punho atingiu o meu flanco, e a dor me fez ter um ataque de tosse.

Desgraçado. Agarrei um punhado de seu cabelo e o puxei para perto de mim.

Eu tinha uma cabeça dura – um detalhe útil que Hanim descobriu durante seu longo período de tortura. Arin aprendeu sobre isso nos túneis de treinamento, e eu lhe dei outro lembrete esmagando minha testa contra a dele.

Eu me recuperei depressa e usei sua desorientação momentânea para jogar meu peso para frente, virando-nos mais uma vez. Inclinei-me sobre ele e agarrei seu pulso, apertando-o contra o chão. Seus dedos não se abriam.

— Me solta, seu teimoso! Você está sangrando e eu não quero te machucar.

— Não quer me machucar? — As palavras rosnadas, as primeiras que pronunciou, me pegaram desprevenida. Mechas de cabelo prateado deslizaram sobre a sua testa, pingando no sangue que escorria de sua têmpora.

Ele arquejava com o esforço de falar comigo, sobre o peito dilacerado, o suor brilhando na clavícula. Mas ele havia parado de resistir. Não estava tentando me empurrar ou explorar nenhuma das vulnerabilidades que a minha posição acima dele lhe conferia.

Olhei para o rastro de sangue seco em sua bochecha e pensei em como o encontrei sentado. Encurvado e abatido.

— Eu não sabia sobre a Curva de Galim.

Um raio atravessou o gelo impenetrável em seus olhos, brilhando furiosamente.

— Arin, eu jamais teria libertado Al Anqa'a. Você sabe que eu não faria isso.

— Não sei nada sobre você — disse ele, ríspido e baixo. — Essiya.

Proferido com desprezo, claramente com a intenção de magoar, o meu nome em sua boca teve o efeito oposto. Ouvir isso me encheu de uma admiração indefinida. Não precisei lutar contra o instinto de corrigi-lo ou fazer uma careta ao ouvir o som. Não parecia uma roupa mal ajustada que outra pessoa tivesse escolhido para mim. Eu queria que ele dissesse mais uma vez.

Nosso véu de segredos havia caído, e nós nos conhecíamos de verdade pela primeira vez.

— Cuidado com a maneira como você se dirige a uma Rainha — sussurrei, apertando as pernas em volta de sua cintura enquanto me inclinava para frente —, Herdeirinho.

Ele ficou imóvel, e percebi meu erro ao me inclinar para frente. A mão livre de Arin – aquela que eu havia prendido contra seu corpo, entre meus joelhos – se soltou. Em segundos, fui lançada pelo ar, um empurrão

poderoso me enviando para o outro lado do cômodo.

Quando caí no chão e rolei para ficar de pé, Arin estava se aproximando de mim. Corri para trás da mesa e joguei um tinteiro em sua cabeça. Ele se esquivou, então comecei a jogar tudo que estava ao meu alcance. Bandagens, roupas, pergaminhos e livros choviam sobre Arin. Ele os desviou sem diminuir o passo.

Fisicamente, Arin era impecável. Cada músculo de seu corpo bem definido havia conquistado seu lugar através de trabalho árduo, envolvendo uma estrutura ampla e poderosa. O Comandante de Nizahl treinava desde a infância, e sua vontade de ferro fazia com que nada além da morte pudesse retardar sua espada ou alterar seu objetivo. Mesmo agora, com tanto sangue escorrendo de suas bandagens, ele continuaria avançando até que um de nós estivesse em pedaços.

Conhecer Arin de Nizahl era saber que a verdadeira força – e a verdadeira vulnerabilidade – vivia além de seu corpo.

Eu soltei as palavras que estavam girando em minha cabeça desde a reunião com Aada:

— A fortaleza caiu antes do mensageiro!

Era uma aposta. Um fósforo jogado em um poço escuro. Peguei uma garrafa e a segurei entre nós como uma espada, esperando que ele cruzasse o restante da distância.

Em vez disso, um milagre aconteceu.

Arin fez uma pausa.

Eu nunca tinha conhecido ninguém cuja mente funcionasse como a de Arin. Uma vez cortado pela curiosidade, não sarava. Qualquer incerteza apodrecia, espalhava-se como veneno e o consumia.

Ignorando a dor atrás das minhas costelas, procurei o seu ponto fraco e enfiei os meus dedos profundamente.

— Você nunca se perguntou como foi que a fortaleza de Jasad, que resistiu por séculos, caiu poucas horas após a Cúpula Sanguinária? Como

quatro exércitos já estavam posicionados para atacar assim que a fortaleza caísse? — As perguntas se atropelavam, correndo para a libertação. Essas dúvidas que eu guardava há anos, finalmente compartilhadas com a única pessoa que seria tão torturada por elas quanto eu. — Se os meus avós planejassem atacar a Cúpula Sanguinária, por que me levariam? Por que a notícia da morte de Niphran, a filha que eles jogaram para apodrecer na Torre Bakir, cujo amante eles assassinaram, os afetaria tanto a ponto de sua magia reagir e destruir toda Cúpula?

Dei um passo cauteloso em direção à sua forma imóvel, com a garrafa ainda erguida entre nós. Ele me acompanhou de perto, com o olhar severo nunca saindo do meu.

Ele estava ouvindo.

— Pense em como tudo aconteceu de forma limpa — insisti, e era imprudente falar assim, tirando conclusões precipitadas de minhas próprias suspeitas. Não ousei mencionar Binyar ou sua confissão, mas, fora isso, não sabia o que dizer a seguir. Um movimento errado, um passo em falso, e a jaula de sua curiosidade poderia se romper. — A loucura mágica tem sido uma teoria desacreditada há mais de cem anos. Seu próprio reino a descartou como uma propaganda infundada de medo. Seu próprio reino a descartou como alarmismo sem fundamento. Seu pai é paciente, isso eu admito. Ele passou décadas lentamente transformando Nizahl do reino criado pelos Awaleen para arbitrar a magia em um reino galvanizado para destruí-la.

Invocando Rawain era arriscado, e temi o pior quando Arin deu um único e preciso passo à frente. O fundo da garrafa pressionou seu esterno. Ele envolveu a mão ao redor do centro, mas não fez nenhum movimento para tirá-la do meu alcance.

Ainda em silêncio. Ainda me observando.

Meu coração batia forte. Teria sido menos assustador se ele tivesse

desembainhado uma espada.

Meu tempo estava se esgotando.

— Conheci sua mãe na Cúpula Sanguinária — eu disse. — Isra sabia que ia morrer. Ela entrou naquela Cúpula sabendo o que Rawain planejava fazer.

As garrafas de Talwith, uma das quais eu mantinha pressionada contra o peito de Arin, foram criadas para suportar khawagas turbulentos e caminhadas pelas rotas comerciais. O reino de guerreiros de Dania uniu os seus talentos e criou uma garrafa resistente o suficiente para sobreviver a longas campanhas por Essam e batalhas temíveis. Uma garrafa que, para todos os efeitos, poderia sobreviver ao próprio tempo.

Os nós dos dedos de Arin ficaram brancos ao redor da garrafa, e o vidro se estilhaçou.

Mal tive um segundo para processar – *ele quebrou uma garrafa de talwith com a mão nua* – antes que ele pisasse na poça de cacos de vidro em minha direção. Minhas costas bateram na parede e soltei o ar com um divertimento inoportuno. O repertório de habilidades de Arin deveria incluir uma habilidade singular de me encurralar contra as paredes.

Levantei o gargalo da garrafa, ainda preso em minhas mãos, e pressionei as pontas irregulares na parte inferior do queixo de Arin antes que ele pudesse dar outro passo.

Minha voz endureceu.

— Eu sei que ele é seu pai. Sei o que peço a você.

Gostaria de ter entendido menos. Eu me destruí por dentro tentando agradar o fantasma de Hanim. Para ser a Herdeira e Jasadi que ela queria. Eu recuava diante do mais simples toque; lutava contra qualquer ternura ou amizade que pudesse envolver meu pescoço e me arrastar para a lama. Passei apenas cinco anos em Essam, mas nem as cicatrizes nas minhas costas nem a influência que ela exerceu sobre mim jamais se curariam por completo.

Arin nunca conhecera um dia em sua vida sem Rawain. O Supremo desenhara as constelações do mundo de Arin, ditara os parâmetros de seu universo. Outro filho provavelmente se contentaria em viver em uma realidade predeterminada. Esse filho não permitiria que nada tão incômodo quanto a dúvida abalasse a base confortável sobre a qual repousava.

Embora Arin tivesse crescido no mundo criado por Rawain, ele tinha uma qualidade – uma força milagrosa, quase maliciosa – que era um pesadelo para aqueles cujas mãos sanguinárias construíram nossos céus e nossa terra.

Arin se perguntou.

— Bastou uma mentira para você perder a fé em mim — sussurrei. — Diga-me, Vossa Alteza: quantas serão necessárias até que perca a fé em seu pai?

Deixei a garrafa cair. Ela caiu aos nossos pés, rolando para longe da vista.

— Será antes ou depois que um de nós morrer pelas mãos do outro?

As cores do quarto começaram a desbotar, as superfícies mergulhando e girando. Nosso tempo havia acabado.

— Pergunte a ele sobre a fortaleza. — Meu estômago revirou, e eu esperava fervorosamente não ter cometido um erro fatal. Nas mãos de Arin, uma informação, por mais insignificante que fosse, poderia revelar muito mais do que o pretendido.

Ainda assim, era minha última chance. Uma flecha final através das estrelas.

Pela maioria das estimativas, foi um fracasso colossal. Arin não havia se abrandado. Ele falou apenas uma vez.

O Comandante se esvaiu, desaparecendo como uma pedra jogada em um rio, mas o sentimento que levei comigo não foi desespero.

Porque eu não menti quando disse que conhecia Arin.

E sabia como era quando a mente do Herdeiro começava a se distorcer.

CAPÍTULO 19

SEFA

Os servos corriam ao redor de Sefa, esbarrando em seus ombros e lhe lançando olhares irritados.

— Minhas desculpas — ela murmurou, encolhendo-se em um canto. O caos na cozinha a lembrava das manhãs no castelo, exceto que ali ela não sabia como lidar com o fluxo.

A gordura estalava e chiava enquanto os ovos fritos deslizavam para os pratos. Uma berinjela, com a casca amolecida em fogo baixo, era descascada e amassada. Uma pitada de óleo, sal e tahine depois, e o prato ia para as mãos de um criado correndo.

Eles se esqueceram de espremer limão sobre ele. As pessoas sempre se esqueciam do limão.

O fiteer[4] congelado foi virado em uma frigideira quente até a massa ficar dourada. Para a surpresa de Sefa, a cozinheira despejou mel e melaço diretamente sobre o fiteer. Sefa sempre colocava o mel em uma tigela separada para mergulhar.

Assim que a cozinha se esvaziou, exceto por algumas pessoas, Sefa se aproximou da funcionária de aparência mais experiente e disse, com uma confiança que não possuía:

— Queria levar o café da manhã da Sultana para os aposentos dela. Você poderia me ajudar?

A mulher olhou para ela e depois para os outros criados. Uma garota de não mais de dezessete anos abriu a boca.

— É claro — interrompeu a criada mais velha, falando por cima da

garota. — Ficaríamos muito felizes em ajudá-la a levar o café da manhã para os aposentos da Sultana.

— Mas... — tentou a garota de novo.

— Salwa, pegue uma bandeja para a criada da Sultana. Agora. — O olhar severo silenciou Salwa. A garota rapidamente pegou uma bandeja do balcão e começou a enchê-la de comida.

A criada encostou o quadril no balcão.

— Seu nome é Zahra, certo? Eu sou Birta, chefe da cozinha do sul.

O homem ao lado de Salwa inclinou a cabeça.

— Radwan.

Eles falavam com um forte sotaque Lukubi que Sefa não ouvia desde pequena. O sotaque do pai nunca desapareceu, mesmo depois que se mudaram para Nizahl. Sefa fechou os olhos contra a onda de nostalgia. Geralmente, tentava não pensar no pai, se pudesse.

Sefa nunca conseguiu descobrir como perdoá-lo por ter morrido.

O lado bom é que o lembrete saciou a fome de Sefa. Ela aceitou a bandeja de Salwa com um sorriso gentil. A garota desviou o olhar e recuou para trás de Radwan.

Sefa abriu a boca para pedir informações sobre como chegar à ala da Sultana e parou. Radwan e Birta trocavam sorrisos maliciosos; Salwa colocou as unhas entre os dentes e parecia decidida a roê-las até o osso. Eles aguardavam sua pergunta, com os narizes já virados para cima para evitar o fedor de sua ignorância.

— Obrigada pela comida — disse Sefa, e foi embora.

Felizmente, encontrar a ala da Sultana exigiu muito menos esforço do que encontrar a cozinha. As tapeçarias ficaram mais elaboradas, os tapetes mais luxuosos, o ar mais perfumado.

No final do curto corredor que levava à porta da Sultana, Sefa enfrentava o seu terceiro desafio em uma manhã cada vez mais longa. Ela não conseguia bater sem colocar a bandeja no chão, e os guardas de

ambos os lados do corredor não se mexeriam para ajudá-la. Mas e se ela colocasse a bandeja no chão e a Sultana abrisse a porta imediatamente? Ela veria Sefa parada com o café da manhã da sultana aos seus pés. Como os guardas se recusavam a se mover, talvez Sefa pudesse equilibrar a bandeja sobre suas cabeças.

Sefa limpou a garganta.

— Sultana? Eu trouxe o seu café da manhã.

O silêncio do outro lado da porta fez a bola de nervos na barriga de Sefa se transformar em uma pedra. E se, sob a fria luz do dia, a Sultana tivesse mudado de ideia sobre a necessidade de uma acompanhante? E se alguém já tivesse trazido a sua comida e os criados tivessem esquecido de mencionar isso a Sefa? Este poderia nem ser o quarto da Sultana, e a história do erro de Sefa a transformaria em motivo de chacota da noite para o dia.

Um farfalhar, seguido de uma risada baixa, surgiu de trás da porta.

— Meu café da manhã.

Agradeça aos Awaleen. Sefa se abaixou, tirando exatamente dois dedos da bandeja para empurrar a alça.

— Bom dia, Sultana! — A porta se abriu um pouco, e Sefa se alegrou ao empurrá-la com o ombro até abrir completamente. Tomada pela vitória, ela entrou em um quarto escuro como breu e imediatamente tropeçou.

Ela caiu e aterrissou com os cotovelos primeiro, ainda segurando a bandeja com as mãos em pânico. O barulho dos pratos rolando a incomodou quase tanto quanto o chá espirrando em suas mãos. Pelo menos ela pôde confirmar que não tinha esfriado.

A luz do sol invadiu os aposentos, iluminando Sefa em toda a sua gloriosa humilhação. Um homem nu piscou para ela ao lado da cortina aberta. Óleo manchava seu peito e ombros, brilhando em sua pele escura, e Sefa cometeu o erro de seguir o óleo até... *oh*. Ah, não.

Abandonando a bandeja, Sefa se levantou com um pulo. Sultana Vaida sentou-se em sua cama luxuosa, em um estado de nudez semelhante ao de seu convidado. Em vez de óleo, um vermelho vivo riscava a coluna majestosa de seu pescoço, serpenteando por seu maxilar e pela linha da maçã do rosto.

Não era sangue, concluiu Sefa após uma pausa. Era só tinta.

Vaida se virou na cama, as cobertas escorregando enquanto ela acomodava os pés no chão. O homem perto da janela voltou a sua atenção para Vaida, com uma fome lasciva crescendo em seu rosto.

Ombros mais afiados que lâminas gêmeas se dobraram para trás enquanto Vaida se espreguiçava, puxando o seu manto sobre os braços e passando o cinto preguiçosamente em volta da cintura.

Sefa estudou o teto alto, contando as cores vivas pintadas nas vigas de pedra entrelaçadas na parede. Ela não via tanta pele nua desde que vivia nas ruas com Marek. O pequeno problema da vagabundagem não impedia o adolescente de conquistar uma nova garota toda vez que Sefa saía da tenda por mais de dez minutos.

— Vossa Majestade? — murmurou o homem, ainda descaradamente excitado na janela. Sefa poderia muito bem ser uma pilha de botões conscientes.

Sultana Vaida levantou-se e se serviu da jarra de água ao lado da mesa de cabeceira. Deu um longo gole. Sem olhar para o homem, disse:

— O dia está acabando, Ajil. Amarre as calças e vá aproveitar ao máximo.

— Meu nome não é...

O pescoço da sultana girou, e o olhar cortante em seus olhos cortou o resto da frase de Não-Ajil em pedacinhos. Ele pegou suas roupas, sua pressa em sair uma réplica irônica da entrada de Sefa.

A porta se fechou atrás dele. Sefa tomou consciência da comida espalhada por todo o tapete branco como osso.

— Sultana, me desculpe. — Sefa correu ao redor da cama e engoliu um suspiro de desânimo ao ver o mel pegajoso saturando as fibras do tapete, acompanhado por flocos de fiteer derramado e chá encharcado.

— Deixa pra lá. — Vaida olhou para a bagunça com desdém. — Alguém vai cuidar disso.

Sefa piscou.

— Eu não sou esse alguém?

O canto da boca de Vaida se contraiu.

— Não para isso. Venha. Minha cabeça está latejando, e lembro claramente de ter sido avisada para não dormir com isso... — gesticulando para as manchas de tinta — na pele.

Vaida se acomodou na cadeira em frente à cômoda. Uma perna magra se moveu sob o roupão quando ela a cruzou sobre a outra. Vaida inclinou a cabeça para trás, fechou os olhos e bateu levemente com os dedos nas têmporas.

Sem vontade de cometer outro deslize em uma manhã cheia deles, Sefa entrou em ação. Mais frascos, pós, tubos e ampolas entulhavam a penteadeira do que Sefa tinha visto em toda a sua vida. O volume de produtos de beleza expostos nessa única superfície poderia destruir a autoestima de pelo menos cem meninas. Para que Vaida precisava de tudo isso? Não era como se alguém tivesse esperança de competir com ela.

Sefa abriu o frasco ao lado de uma pilha de quadrados de algodão dobrados e o levou ao nariz para cheirar com cautela. Limão e eucalipto.

— Despeje um pouco em um quadrado e passe suavemente. — Olhos letárgicos se abriram e pousaram em Sefa. — Em algum momento hoje seria excelente.

Sefa molhou uma parte do quadrado de algodão. O líquido transparente espirrou em seus dedos, o frasco tremendo sob seu aperto instável.

Aplicando o quadrado de algodão na base da garganta da sultana, Sefa fingiu não notar que a sultana a observava abertamente. Ela arrastou o pano para cima.

Um delicado aperto em seu pulso.

— Eu disse *passe*.

— Desculpas — Sefa enxugou.

A garganta de Vaida vibrou em um zumbido.

— Eu te deixo desconfortável.

Após uma breve pausa, Sefa respirou fundo. O algodão foi até o ponto onde o queixo tocava a orelha.

— É claro. Você é a Sultana.

A bochecha sob o pano se contorceu em um sorriso irônico.

— É só um respeito saudável pela minha posição, não é?

— Sim.

Antes que Sefa percebesse o que estava acontecendo, o braço da Sultana se estendeu. Uma mão forte agarrou o seu pescoço, e Sefa foi puxada para baixo, até a altura dos olhos.

— Essa foi a sua primeira mentira.

As unhas cravaram-se na nuca dela.

— Eu trouxe você aqui para servir como os meus olhos no palácio. Na minha presença, somente a verdade pode sair da sua boca, ou não terei outra escolha a não ser libertar o músculo da sua boca.

O aperto de Vaida afrouxou e ela voltou à sua postura lânguida. Sefa esfregou a garganta, com a frustração lutando contra o medo.

— Eu não menti.

— Oh?

Sefa tinha a dolorosa consciência do frágil destino de sua língua. Mas Vaida exigira honestidade, e Sefa podia se dar ao luxo de ser sincera.

— Mesmo um botânico experiente hesitaria em tocar as pétalas de uma flor venenosa sem saber quando suas toxinas poderiam explodir.

Sefa deliberadamente tocou o canto do olho da Sultana, manchando o resto do algodão de vermelho.

— Estou cautelosa, não desconfortável.

Quando Vaida permaneceu em silêncio, Sefa se preocupou por ter ultrapassado os seus limites. Mas a Sultana Vaida, Sefa percebeu depressa, raramente encontrava um limite que não rompesse com alegria.

— Que tipo de flor você acha que eu seria? — perguntou Vaida com grande interesse. — Normalmente, não são as pétalas que você deve temer quando se trata de veneno, a menos que pretenda comê-las.

Sefa passou os minutos seguintes ouvindo Vaida descrever as diferentes personalidades das plantas que cresciam em seu jardim. Ela teve que esperar que Vaida parasse de falar sobre como os lilases tinham a atitude das rosas, mas o valor de mercado dos girassóis, antes de conseguir falar.

— Tudo pronto.

— Perfeito! — Vaida jogou os braços sobre a cabeça e bocejou. — Minha pele está absolutamente revigorada. Você fez um excelente trabalho, Zahra.

Atordoada, Sefa torceu os lábios em um sorriso hesitante. O humor da Sultana mudava como chuva de primavera. O choque entre a tempestade e o sol fez Sefa desejar poder se abaixar para se proteger.

Vaida caminhou até uma cortina à esquerda de sua cama e a empurrou para o lado. Um quarto cavernoso, repleto de mais cores, tecidos e modas do que qualquer ser humano jamais deveria possuir, deixou Sefa sem palavras. Meu Deus, os guarda-roupas externos seriam apenas para sobras?

— Ah, e querida — Vaida girou no batente da porta, como se tivesse sido tomada por um pensamento repentino —, os criados estão brincando com você. Eu nunca tomo café da manhã nos meus aposentos

e só me levanto quando o sol está no auge.

Sefa se sentiu inundada de vergonha. Tentou não pressionar as costas das mãos contra as bochechas quentes. Isso explicava os sorrisos e os tons irônicos. Salwa devia estar tentando avisá-la.

— Ah.

— Zahra.

Sefa ergueu os olhos, encontrando o olhar pensativo da sultana Vaida. Era um momento sem malícia, capricho ou qualquer outra das estranhas características que Vaida exibia como um jogador com um rolo de moedas confiável.

— Meu palácio foi construído por uma Awala que criou ilusões mais perfeitas e persuasivas do que qualquer realidade. Baira... ela nunca foi uma coisa só. A imprevisibilidade a tornava perigosa. Se você deseja perdurar no Palácio de Marfim, sugiro que guarde ferozmente esse seu coração. Sua maciez é uma tentação irresistível para aqueles de nós que têm dentes.

CAPÍTULO 20

ARIN

Uma hora antes do amanhecer, Arin visitou os prisioneiros.

Mofo e suor rançoso cobriam Arin enquanto subia as escadas estreitas, uma de cada vez. Esculpidas na parede, as escadas desciam para o porão da Cidadela em um ângulo íngreme. Qualquer um com pressa cairia pela lateral e quebraria o pescoço no chão de pedra abaixo.

Um portão manchado de ferrugem rangeu quando Arin enfiou a chave na fechadura, e os fios de conversa que vinham do porão cessaram abruptamente. A fechadura rangeu, raspando o metal ao girar. Empurrando o portão contra a parede com a bota, Arin limpou as luvas no lenço e entrou na prisão.

Musgo envolvia as tochas moldadas nas paredes, cujas bases corroídas lutavam para manter a chama no espaço úmido e sem ar. Gotas da chuva do dia anterior pingavam do teto baixo, deixando as pedras escorregadias sob as botas de Arin.

— Senhor. — Bul apareceu na esquina, ladeado por dois novos recrutas. Afan e Ladar esfregaram o sono dos olhos e tentaram apressadamente arrumar seus uniformes. A visão do sangue seco na cabeça de Arin e dos hematomas que sombreavam seu rosto os fez parar no meio do caminho.

— Não deixem que eu interrompa uma boa noite de sono — disse Arin.

Afan ficou da cor de uma ameixa madura. Abriu a boca. Nada saiu.

— Alguém veio visitá-los?

Bul se endireitou.

— Não, meu suserano. Deveríamos estar esperando alguém?

Os enviados de Rawain não alertaram os guardas sobre a execução que se aproximava. Os Mufsids não tinham ideia de que estavam passando sua última noite entre os vivos.

Perfeito.

— Vão para os jardins e ajudem os recrutas a preparar o Wickalla. Levem Afan e Ladar. Encha uma carroça com o máximo de água que couber. Eles vão precisar.

Para seu crédito, Bul escondeu a surpresa diante da reviravolta abrupta.

— Devo chamar também a próxima troca de guarda, meu suserano?

Desta vez, quando Arin reprimiu a faísca de irritação, ela queimou os seus dedos.

— Você acha que minhas ordens são insuficientes, Bul?

— Não! — O guarda corou. — Eu só quis dizer...

— Eu não perguntei o que você quis dizer. Ninguém entra até eu sair.

Os soldados se puseram em movimento. Arin não se moveu até ouvir os seus passos arrastados na escada desaparecerem. Assim que o portão se fechou atrás deles, Arin apoiou a mão na parede, esperando a onda de tontura passar.

Você está sangrando e eu não quero te machucar.

Arin não sabia por onde começar a entender como a Herdeira de Jasad continuava aparecendo perto de Arin sem a sua magia. Ele se perguntou se ela sabia, lá no jardim, mas devia saber. Por menos que Arin estimasse algumas de suas escolhas gerais, não havia como negar o senso de autopreservação de Sylvia. Ela havia tocado o seu ombro nu com a mão nua; algo que ela não teria arriscado nem mesmo com a segurança de suas algemas, muito menos com toda a sua magia liberada.

Ela era real. Se o incidente na Curva de Galim não o tivesse convencido, então o quão pronta ela estivera para enfiar a ponta

quebrada da garrafa de talwith em sua garganta o teria convencido.

A fortaleza caiu antes do mensageiro!

Severo, Arin se afastou da parede.

Alguns dos Mufsids dormiam, deitados em catres puídos encostados na parede. Alguns zombavam e gritavam quando ele passava. A maioria, porém, observava com resignação taciturna. Arin entrava no porão todas as noites desde o terceiro teste para drenar a magia deles.

A seis celas do final do quarteirão, Arin parou. O Mufsid estava deitado na cama, de costas para a parede e uma perna balançando para fora. Cabelos sujos caíam sobre o seu rosto, prendendo-se na borda de uma antiga cicatriz que lhe marcava a bochecha, do nariz à orelha.

Com a chegada de Arin, o Mufsid deslizou para fora do catre. Seus pés descalços pisaram em silêncio no chão. Arin não se mexeu enquanto o Jasadi segurava as barras com as mãos. O branco dos seus olhos estava tingido de amarelo.

— Tarde para serpentes prateadas se arrastarem por aí.

Arin estudou a crosta branca ao redor dos lábios descascados do homem, as marcas de unhas espalhadas pelo queixo. Vir até ali pode muito bem ter sido uma perda de tempo. Este Mufsid estava louco há anos. Talvez décadas.

— Ao amanhecer, você e o resto dos seus conspiradores serão executados. — Arin deu a notícia sem inflexão. A piedade sairia com falsidade de sua língua. Se não fosse pela interferência de Arin, os Mufsids teriam sido executados duas semanas antes. A vida deles havia chegado ao fim no dia do terceiro teste.

O prisioneiro riu. Uma língua branca se projetou, lambendo uma longa faixa no ar.

— Você sabe o que estou sentindo no ar esta noite, meu jovem? — Ele sorriu. — O doce, doce sabor do desespero.

— Vim lhe fazer uma oferta.

O Mufsid balançou o dedo. O comprimento notável de sua própria unha roubou temporariamente o foco tênue do homem antes que ele voltasse a se concentrar em Arin.

— Você entra na nossa cova e tenta roubar segredos dos mortos? Volte para o seu covil, garoto.

— Não, acho que não voltarei — disse Arin, pensativo. — Quem destruiu a fortaleza de Jasad?

A reação foi instantânea. Uma mão com garras atravessou as grades, caindo a centímetros do rosto de Arin. O Mufsid se esforçou, agarrando o espaço em frente ao nariz de Arin.

Arin esperou.

O Mufsid rosnou.

— Como você ousa?

O sorriso de Arin era mais frio que a névoa que derretia pelas paredes.

— Está pronto para ouvir a minha oferta?

Olhos amarelos desconfiados percorreram a cela, mas o homem permaneceu em silêncio. Era o mais próximo de um "*sim*" que Arin esperava dele.

— Conte-me o que sabe sobre a queda da fortaleza. Cada detalhe. Em troca, deixarei este porão sem drenar nenhum de vocês. Quando forem levados para a forca, possuirão a escassa quantidade de magia que conseguirem acumular até o amanhecer.

O Mufsid torceu os lábios.

— Por que importa se morremos com ou sem magia?

— Não importa.

— Nossa magia não será suficiente para escapar.

— Não — Arin concordou.

— Seus soldados cairão sobre nós assim que nos libertarmos. Será

um massacre.

— De fato.

O Mufsid raspou a unha na algema, refletindo, e Arin silenciou os alarmes em sua cabeça. Por que estava ali? Ele não tinha um plano, nem uma teoria que precisasse ser confirmada.

Do outro lado da traição, Arin só tinha dúvidas.

— Entre na minha cela, jovem Rei, e eu lhe contarei a história de como uma fortaleza inexpugnável cai. — A mania pareceu se esvair do Mufsid, deixando apenas uma intenção tão silenciosa, tão singular, que firmou o próprio chão sob os seus pés. O Mufsid recuou para o espaço úmido e esperou.

O desafio era claro. Arin inclinou a cabeça, com uma risada sem alegria nos lábios. Ele supôs que era justo. A magia do Mufsid não o machucaria. Para exigir honra de um homem, a mesma deveria ser oferecida.

Girando a fechadura, Arin entrou na cela e fechou-a atrás de si.

O Mufsid afundou no chão e gesticulou para que Arin se juntasse a ele. Arin permaneceu de pé.

O Mufsid deu de ombros.

— Você deveria se sentar. Pode ser desorientador na primeira vez.

— Minha paciência com os seus joguinhos está se esgotando. Se pretende falar, fale agora.

O Mufsid inclinou a cabeça, uma imitação sinistra de Arin de momentos antes.

— Caro Comandante, quem falou em falar?

Uma inquietação percorreu o pescoço de Arin.

— Eu ficava me perguntando por que você nunca exigiu saber o que somos — disse o Mufsid. — Mas nem sabia o que perguntar, não é? Você não sabe o que é um Tecelão de Ossos. Não sabe que tivemos um Portalista, um Visionista, um Hayagan, um Sahir. Por outro lado,

suponho que ele nunca imaginou que a sua espada favorita começaria a cortar a mão que a forjou.

Arin estreitou os olhos. Ele enfiou a mão no bolso do casaco e fechou os dedos em volta da lâmina.

Ouro e prata brilharam nos olhos do Mufsid.

— Ora, ora — disse o Mufsid. — Fizemos um acordo.

A cela desapareceu.

CAPÍTULO 21

ARIN

Um cadáver estava estendido ao lado das botas de Arin.

Corpo não era o termo correto. Corpo implicava que uma aparência de estrutura ainda existisse. Um corpo era algo reconhecível; algo que outrora habitara entre os vivos.

Fragmentos de osso cristalizado rasgavam a pele translúcida como vidro. Onde poderia haver um rosto, uma tigela afundada continha órbitas oculares vazias e dentes enegrecidos, tendões finos e vermelhos envolvendo a massa do que poderia ter sido um nariz. Ossos de costelas perfuravam o seu peito, voltados para diferentes direções como as popas de veleiros. Pontas vermelhas cobriam seu estômago, gotas de sangue afiadas em espinhos perfuravam a sua barriga.

As suas pernas estavam estilhaçadas da coxa ao tornozelo, os ossos da panturrilha descascados para trás como palha de milho. Camadas de carne e osso cristalizados se sobrepunham em finas camadas, e um único fragmento de osso branco prendia os membros ao resto do corpo.

Por qualquer definição, Arin não era um homem que se abalava com facilidade. Ele passara anos construindo as fortificações necessárias para resistir aos horrores do comando superior, para se manter firme contra qualquer ataque.

Mas não havia previsto a visão de um corpo minado por magia deitado a seus pés.

Brutal, não é? Eles também sentem cada minuto. Eles não param de gritar até que a língua deles vira vidro cantarolou o Mufsid, a voz desencarnada ecoando no fundo da cabeça de Arin.

Arin expirou, desviando o olhar do corpo mutilado para a garota

chorosa agachada ao lado. A decadência havia passado por todas as superfícies do cômodo em que se encontravam. Cortinas ondulantes cor de marfim escondiam as frestas nas paredes onde as venezianas deveriam proteger do vento. Rubis brilhavam ao longo da moldura da cornija. Tapeçarias tecidas com detalhes de tirar o fôlego cobriam o lado direito do cômodo. Nelas, Arin encontrou a sua primeira resposta.

Ele estava no Palácio de Marfim.

— Como você me trouxe aqui? — Arin perguntou baixinho. A garota não lhe deu atenção. — Que magia é essa?

Prazer em conhecê-lo, Vossa Alteza. Sou Waid Entair, Tecelão de Ossos das Coroas.

Nem o nome nem o título tinham qualquer significado para Arin. Ele não sabia ao certo o que o perturbava mais: que o Mufsid tivesse destruído a compreensão de Arin sobre magia em menos de dois minutos, ou que existisse uma magia capaz de afetá-lo.

Sua falta de entusiasmo me fere. Sou o único Tecelão de Ossos em duzentos anos. Vejo as histórias dos mortos. Adivinho segredos a partir da magia deixada em seus ossos e viajo no tempo enquanto os meus pés permanecem imóveis.

Tecelão de Ossos. Arin guardou a informação para análise posterior e voltou a sua atenção para o problema em questão.

Ele estava em uma memória roubada dos mortos. De quem eram os ossos que Waid havia usado? De quem era essa memória?

A porta se abriu com um estrondo e dois guardas invadiram o cômodo. Eles avaliaram o espaço, com os olhares fixos em Arin.

Uma mulher entrou atrás deles, e qualquer dúvida sobre a sua localização desapareceu. O tipo de beleza que essa mulher possuía – uma beleza capaz de levar homens ao assassinato e interromper uma batalha – era reservada a uma linhagem, e apenas a uma linhagem.

A luz da lamparina refletia em sua coroa imponente, trabalhada na forma de um sol nascente. Rubis incrustavam a borda, que sustentava

três raios de alturas alternadas compostos de... quartzo branco? Ônix?

Cachos soltos se acumulavam em volta de sua cabeça como uma nuvem primaveril, roçando a gola de um vestido elaborado que se arrastava vários metros atrás dela. Olhos castanhos inteligentes fitavam um rosto que provocou um arrepio de reconhecimento na espinha de Arin. Era um rosto esculpido por uma suplicante no altar de Baira, capaz de arrancar corações de peitos enquanto ainda pulsava e sangrava. Ele já vira algo parecido em outra pessoa.

Sultana Nafeesa. Levei sete anos para encontrar os seus ossos. Ela tinha túmulos falsos espalhados por toda Lukub.

Impossível. Se a mulher que olhava com desdém para o cadáver fosse Sultana Nafeesa, então o Mufsid havia levado Arin a uma memória de quatrocentos anos.

Isso significava que Arin estava na presença da governante que intermediou os Acordos de Zinish, a ancestral de Vaida.

— Ela arrastou o corpo para o pátio, Vossa Majestade — murmurou um dos guardas. Ele acenou para a moça que soluçava. — Nós a prendemos antes que ela pudesse incomodar os convidados, mas alguns dos criados a viram.

— Como ela passou pelo obelisco? — Nafeesa perguntou bruscamente.

Certo. Quatrocentos anos atrás, Lukub ainda possuía a sua magia. Se Arin se lembrava corretamente, o obelisco de rubi havia sido originalmente projetado para sinalizar aos Cães Rubi se algum perigo se aproximasse do Palácio de Marfim vindo da Floresta Essam.

A era dos monstros ainda estava a todo vapor, o que significava que ninguém ousava entrar ou viajar por Essam, exceto para as necessidades mais urgentes, e os Cães Rubi ainda rondavam o perímetro do Palácio de Marfim.

Arin ficou parado, perigosamente ciente do precipício em que a sua

calma oscilava.

— Você o matou — a garota soluçante finalmente conseguiu dizer. Ela não podia ter mais de dezenove anos. Em seu vestido verde desgastado, ela parecia completamente deslocada no palácio. — Eu disse a ele para não acreditar em você. Disse a ele que não era possível drenar um pouco de magia com delicadeza. Você o destruiu. Você levou *tudo*.

Os cílios vermelhos varreram o topo das maçãs do rosto de Nafeesa em um piscar lento.

— Seu marido fez um acordo, e eu cumpri a minha parte. Sua fazenda está prosperando agora, não?

— Minha… fazenda?

— Além disso — continuou a Sultana —, a magia dele permitiu que seis dos meus Cães sobrevivessem. Seis! Você deveria se orgulhar dele.

— Que os Awaleen te amaldiçoem. — A raiva crepitou sobre ela, contorcendo as suas feições juvenis em um rosnado. — Que você encontre sua justiça, sua mentirosa...

— Ora, ora. — Nafessa levantou a mão. Ao ver o anel em seu segundo dedo, Arin deu um passo involuntário à frente.

O anel de Vaida.

— Se você quer o seu marido de volta — disse a Sultana Nafeesa. — Por favor, querida. Fique com ele.

O branco floresceu nos olhos da Sultana Nafeesa, circundado por um anel vermelho brilhante. Sua magia não se agitava como o ouro e a prata da magia Jasadi, mas se desabrochava como as pétalas de uma rosa venenosa.

Essa é minha parte favorita, disse Waid.

A raiva se dissipou da garota, desfazendo-se como a pele de um lagarto. Ela sorriu para os restos mortais do marido.

— Hani! Ah, seu bobo. Eu estava tão preocupada.

Ela agarrou os lados fraturados da cabeça do marido, e os cacos das

maçãs do rosto dele perfuraram suas mãos. O sorriso não abandonou o seu rosto enquanto se inclinava para banhar a caverna do rosto dele em beijos. A pele cristalizada rasgava os seus lábios, suas bochechas, mas seu sorriso sanguinário não desapareceu.

É um destino misericordioso. Há ilusões piores que a Sultana poderia ter criado.

A garota continuou até que tiras de sua pele grudaram no cadáver do marido. Arin não podia fazer nada além de assistir, fascinado pela repulsa, até que um fragmento de osso da costela perfurou seu olho direito. Ela caiu sobre o cadáver, finalmente exausta.

A Sultana Nafeesa cheirou os corpos com desdém.

— Vejam se designaram parentes próximos para a fazenda. Senão, matem os animais e esvaziem a casa. Precisamos de uma nova toca para os meus Cães.

Ela se virou, a ponta do vestido arrastando-se sobre o sangue que se espalhava pelo tapete.

— Tirem-nos do meu palácio.

Arin se moveu para segui-la até o corredor.

Ah ah ah, Waid resmungou.

O chão sob Arin afundou, desabando como uma casa de areia. Ele podia sentir a magia do Mufsid ao seu redor, seu resíduo oleoso espesso em sua pele.

Waid gemeu. *Você é tão obcecado por suas regras e razão, não é? Fique tranquilo, você ainda está drenando minha magia, só que muito mais lentamente do que se eu não estivesse direcionando a maior parte dela para o espaço ao seu redor, em vez de para você.*

Mas eu sou o Tecelão de Ossos das Coroas, e você ainda tem muito para ver.



O chão endureceu sob Arin. Lutando contra uma onda de náusea, ele se apoiou nas coxas.

Quando Arin se endireitou, se viu a centímetros de distância de sua mãe.

Inquieta, em direção à ponta de uma longa mesa, os dedos da Rainha Isra se retorciam em seu colo, entrelaçando-se no tecido elegante de seu vestido. O sol brilhava em sua pele marrom-amarelada. Uma delicada corrente com o brasão de Nizahl pendia de seu pescoço. Seu vestido tinha um caimento perfeito, mas, pela maneira como Isra o apertava, parecia que a estava sufocando.

Arin lutou para respirar. Não era uma estátua de pedra sem vida.

De quem era essa memória?

Sob a mesa, uma mão com anéis apertou o pulso de Isra até que seus dedos inquietos entrassem em espasmo e ficassem imóveis.

Rawain sutilmente se afastou da esposa e sorriu do outro lado da mesa. A idade ainda não havia deixado sua marca em seu pai, e um poder indomável emanava do jovem Supremo.

— Seja razoável, Niyar. O que qualquer um de nós pode fazer com cinco por cento da magia? Isso mal nos sustentaria por um único inverno. — Rawain colocou o cetro debaixo do braço, o outro apoiado sobre a mesa.

— Você não está em posição de discutir comigo sobre os termos de como dividimos a magia do nosso povo. Você recebe o que lhe damos — disse Malik Niyar. O governante de Jasad inclinou-se para a frente, erguendo as sobrancelhas para Rawain. — Se precisam de mais de cinco por cento para sobreviver a um inverno rigoroso, deveriam considerar se os seus reinos têm problemas maiores para lidar.

Não. Arin não poderia estar ouvindo isso.

A Sultana Bisai, mãe de Vaida, franziu a testa.

— Esses acordos existem há quase quinhentos anos. Por que você está mudando agora? Costumava ser uma divisão igualitária.

Quinhentos anos?

Arin deu um passo para trás, cada centímetro do seu ser recuando diante da cena à sua frente.

Risadas ecoaram pela mesa enquanto Malika Palia aplaudia.

— Sim, e quinhentos anos atrás, vocês ainda tinham magia para negociar. Hoje, vocês estão aqui sentados sem nada. Isto não é uma transação, Bisai. Vocês vêm aqui como mendigos e deveriam ter cuidado com a forma como se dirigem a nós.

— Mendigos? Sua miserável imunda — rosnou o Rei Toran. Ele se levantou de um salto, dando um tapa no ombro do jovem ao seu lado. — Emre, desembainhe a sua espada.

Emre de Omal. Pai de Sylvia.

Emre ergueu os olhos do livro em seu colo e piscou como uma coruja por trás dos óculos.

— Sente-se, Toran — ordenou bruscamente a mulher do outro lado de Emre. Arin mal reconheceu a Rainha Hanan. A governante carrancuda não se parecia em nada com a nuvem triste de uma Rainha sentada no trono de Omal.

O que ele estava testemunhando não se encaixava em nenhum plano de realidade que Arin compreendesse. Repelia a compreensão. Toda vez que Arin tentava processar aquilo, ele se chocava contra a resistência férrea de sua mente.

Arin precisava ter cuidado. Era um momento inoportuno para implodir.

Recostando-se, Arin examinou a mesa mais uma vez. Com a mão impassível, começou a analisar a cena.

Os governantes de cada reino se reuniram ali para discutir como deveriam dividir entre si os estoques de magia Jasadi extraída.

O comércio aparentemente começou há quinhentos anos, antes da vida da Sultana Nafeesa. Na época em que os reinos ainda possuíam sua própria magia, cada governante aparentemente extraía magia de seu próprio povo. Isso teria custado milhares e milhares de vidas.

A prática continuou durante a vida de Arin, e seu pai se envolveu nela. Rawain, que martelava em Arin para nunca confiar ou depender da magia, sentou-se à mesa e reclamou por receber apenas cinco por cento da magia extraída brutalmente de seus proprietários Jasadi.

Os Malik e Malika de Jasad não foram os mineradores mágicos originais. Eles foram apenas os últimos.

— De quem é essa memória? — perguntou Arin, secamente. — De quem foram os ossos que você usou?

Paciência, jovem Rei.

A Rainha Hanan ergueu a cabeça.

— Considere isso uma compensação pelos ataques de Jasad, Palia. Os trezentos soldados que vocês massacraram no mês passado não valem mais do que cinco por cento?

Palia recostou-se na cadeira, fingindo inocência.

— Tenho certeza de que não entendi o que você quer dizer, Hanan.

— Orban aceitará cinco por cento — bradou o rei Murib. Ele bateu palmas com as mãos abertas como patas. — Será o suficiente para acabar com a nossa seca, e nós podemos cuidar do resto.

Gemidos ao redor da mesa. A discussão recomeçou com força total, mas Arin parou de ouvir.

Ele sabia a quem pertencia essa memória.

Sentada ao lado de Niyar e Palia, com os olhos escuros brilhando enquanto observava Emre ler, estava Niphran, a primeira Herdeira de Jasad e mãe de Sylvia.

Depois de um ou dois instantes, Emre ergueu os olhos. Arin observou Niphran arquear uma sobrancelha para o assustado Herdeiro de Omal, que conseguia parecer fascinado e nauseado ao mesmo tempo.

Viu?, disse Waid. *Sua paciência será recompensada.*



As visões estavam vindo mais rápido. A magia do Mufsid estava diminuindo.

Minha magia é apenas parcialmente culpada, Waid murmurou. *Nem todos os ossos têm histórias. Alguns deles apenas gostam de gritar.*



Passos ecoaram pelo corredor. Arin mal teve um segundo para se afastar antes que Niphran passasse por ele em disparada, com um homem mais velho logo atrás.

Arin levou um segundo para reconhecê-lo. A última vez que ele tinha visto o homem perseguindo Niphran, Arin ordenou que cinco de seus recrutas do quinto ano mais confiáveis transportassem o corpo dele para Jasad para ser enterrado. Na vez anterior, Essiya carregou o cadáver dele para fora de Dar al Mansi e o entregou a Jeru como seu terceiro troféu.

Ela chorou pela primeira vez naquela noite.

— Niphran, pare! — Dawoud ofegou. — Isso é infantil.

— Fique longe! Não vou deixar você tocar nela. — Niphran se virou, e Arin prendeu a respiração.

A criança nos braços de Niphran riu de Dawoud, aparentemente encantada com a brincadeira. Cachos negros balançavam em volta do seu rosto redondo.

— Vai, mamãe, vai!

Dawoud ergueu as mãos em sinal de apaziguamento ao se aproximar de Niphran.

— Os Malik e Malika querem apenas que a segunda Herdeira se junte a eles para o jantar. Nenhum mal lhe acontecerá. Eu prometo.

O suor escorria da testa de Niphran. O medo havia destruído a confiança despreocupada da mulher da última visão, deixando em seu lugar uma mãe pálida e trêmula.

— Eu sei o que querem fazer com ela.

Dawoud olhou ao redor, com os lábios franzidos em desaprovação.

— Eles jamais fariam mal a uma Herdeira de Jasad.

Chutando os pés, Essiya puxou o lóbulo da orelha da mãe.

— Mamãezinhaaa.

— Eles nem a queriam, Dawoud. Ela os liga a Omal permanentemente. A existência dela anula o poder de barganha deles.

Dawoud franziu o cenho.

— Omal a deserdou.

— Só depois que o meu pai ofereceu a eles três por cento a mais de magia de nossos estoques, e porque os pais tolos de Emre ainda não entendem o quão poderosa ela é — Niphran sussurrou, e o terror em sua voz atingiu o âmago de Arin. Você está disposto a ficar aí parado, jurando que Niyar e Palia jamais pensariam em minerar uma magia tão potente quanto a dela? Que, em tempos de crise, eles não recorreriam ao recurso prontamente disponível que vive sob o teto deles?

Dawoud hesitou. Quando Niphran saiu correndo, com os gritos alegres de Essiya ecoando atrás dela, ele não a seguiu.

Um homem barbudo estava agachado sobre uma Essiya

adormecida, segurando uma algema.

— Tem certeza, Mawlati? Assim que eu colocar isso na criança, nada nem ninguém poderá acessar a sua magia... inclusive ela. — O homem passou o polegar pelas gravuras nas algemas. Letras que Arin havia memorizado na frente e no verso. — Talvez nunca saiam.

O olhar de Niphran não se desviou da filha.

— Coloque-as.

Ela era mais astuta do que as histórias lhe davam crédito, disse Waid. *Soraya e Hanim investiram uma pequena fortuna em veneno para manter a primeira Herdeira de Jasad dócil.*

Veneno?

A primeira algema fechou-se em volta do pulso de Essiya. Os olhos do soldador barbudo brilharam em tons de dourado e prateado enquanto as costuras da algema se fechavam. As gravuras brilharam com um branco intenso antes que as algemas se afinassem, fundindo-se ao pulso de Essiya como uma segunda pele.

Assim que a segunda algema foi selada, Niphran sacou uma adaga de sua bota e cortou a garganta do soldador.

O corpo dele caiu à direita de Arin. Niphran passou por cima dele e se arrastou para a cama com a filha, puxando-a para os seus braços.

Como eu disse, Waid riu baixinho. *Uma criaturinha selvagem.*

Quando Arin pousou desta vez, sabia que a magia do Mufsid estava chegando ao fim. Ele conseguia ver o cinza da cela atrás da visão, aparecendo e desaparecendo.

Um riacho lamacento corria ao redor das árvores da Floresta Essam, com os seus galhos viçosos de folhas de verão. A textura da visão era

estranha, não tão vívida ou pesada quanto a de Niphran.

Eu só tinha um osso de um dedo para extrair. É uma prova do meu talento conseguir extrair qualquer coisa de um osso tão pequeno, quanto mais de uma memória inteira, Waid fungou. *Infelizmente, Essiya é tão esperta quanto a mãe. Nunca conseguimos recuperar mais do que um dedo dos ossos de Qayida Hanim. Onde quer que Essiya tenha enterrado aquela traidora miserável, era longe de onde Hanim a aprisionara.*

Um chicote cortou o ar e Arin se virou.

Uma menina estava ajoelhada na lama, com uma linha vermelha dividindo suas costas nuas. Uma mulher estava em pé atrás dela. Uma mão segurava o chicote e a outra prendia habilmente seus cabelos ondulados em um coque na base do pescoço.

Os braços da menina abraçavam a árvore, seus pulsos amarrados do outro lado. Uma faixa de tecido preto cobria os seus olhos.

Arin havia resistido a incêndios e facadas, venenos e espancamentos. Havia começado o treinamento para se tornar um soldado em uma idade em que a maioria das crianças estava aprendendo a pronunciar as letras. Sua própria existência como Comandante exigia uma compreensão próxima e familiar das muitas maneiras pelas quais ele poderia ser ferido.

Resumindo, Arin achava que conhecia a dor.

Achava que conhecia a raiva.

O chicote caiu outra vez, Sylvia se contorcendo em silêncio sob ele, e ficou claro que Arin não sabia de nada sobre nenhum dos dois. Sua verdadeira educação veio naquele momento, eviscerando a estabilidade hesitante que conseguira manter ao longo dessas visões.

Arin encontraria o corpo de Qayida Hanim e a mataria outra vez. Caçaria cada um dos seus ossos e os esmagaria entre as próprias mãos.

As chicotadas nas costas de Sylvia se multiplicaram até que uma cortina vermelha se espalhou do pescoço até a cintura.

Ela não emitiu um único som.

Foi por essa lembrança que soubemos que ela ainda estava viva, murmurou Waid. *Foi assim que encontramos a Herdeira de Jasad.*

Arin não o ouviu. Todo o seu ser se concentrou no movimento do chicote contra as costas de Sylvia. Ele pensou em um quarto em Orban, uma toalha se abrindo para revelar camadas e mais camadas de cicatrizes brutais.

Eu tenho um legado de decepcionar as pessoas, entende?

A bile subiu pela garganta de Arin a ponto de ele achar que ia vomitar. Depois de uma eternidade, Qayida Hanim se moveu para trás da árvore e cortou as cordas que prendiam os pulsos de Sylvia. A Herdeira de Jasad caiu para a frente, curvando-se sobre si mesma.

— Você pode tirá-la — disse Hanim.

Sylvia tirou a venda dos olhos, os olhos vermelhos e fixos nos de Hanim. Baixinho, ela sussurrou:

— Você me perdoa?

Seus dentes batiam. Arin não conseguia entender por que não estavam correndo para limpar seus ferimentos, para estancar a perda de sangue.

— Você foi uma boa menina. — Hanim estendeu o chicote. — Limpe-o no rio. Quando terminar, podemos fazer um curativo perto da fogueira.

— Obrigada. — Sylvia pegou o chicote ensanguentado.

A cela da Cidadela se materializou ao redor deles, e Arin enfim viu o Mufsid. Ele estava largado na cama, com a pele pálida de cansaço.

— Será possível? — Waid riu baixinho. — É um brilho que vejo nos

olhos da Serpente Prateada? Ora, ora. Essa foi apenas a história de um único dedo. Como você choraria se tivéssemos recuperado o resto dos ossos de Hanim?

Arin se permitiu apenas um minuto. Um minuto para recolher o máximo possível das peças que havia deixado espalhadas pelo fazendeiro com poderes mágicos, pela mesa de negociações dos governantes e na floresta perto de Sylvia. Ele não queria nada além de sair daquela cela, ir para qualquer outro lugar.

Mas em menos de uma hora, Arin veria o amanhecer com a morte de Waid Entair, o Tecelão de Ossos das Coroas. Ele deixaria Arin com mais perguntas e morreria com as respostas dentro de si.

Mesmo agora, a lucidez temporária do Mufsid estava desaparecendo; os olhos errantes haviam retornado, assim como os espasmos inquietos.

— O que você queria da magia da Herdeira de Jasad? — A voz de Arin endureceu. — Esperava minerá-la?

O Mufsid havia se acomodado outra vez em sua cama, escondendo-se na penumbra das paredes sem janelas. Apenas o amarelo de seu olhar era visível, perfurando Arin com uma inteligência arrepiante.

— Comandante travesso. — O sussurro flutuou por trás de uma risada cáustica. — Minerando a magia, drenando-a. O mesmo ladrão com um chapéu diferente. O que importa não é o que é levado, mas para onde vai.

O Mufsid deu as costas a Arin e não falou mais nada.

CAPÍTULO 22



SYLVIA

— Se você não tentar usar sua magia antes de partirmos, podemos muito bem ordenar que todos nas montanhas se alinhem neste penhasco e comecem a pular no Mar Suhna — disse Efra.

— Ideia interessante. — Apontei para as ondas quebrando contra a encosta da montanha. — Talvez você devesse fazer uma demonstração.

— Vocês dois brigam como crianças — suspirou Namsa. Ela ajeitou o cobertor embaixo do corpo, cercada pelas roupas que eu a ajudara a recolher do varal mais cedo naquela manhã. — Achei que tinha conseguido evitar a criação de filhos.

Efra caminhou em círculos ao redor do cânion entre a nossa montanha e a próxima, indo até a base do lago recongelado e voltando.

— A informante chegará em questão de horas. Se ela nos der as notícias que esperamos, precisaremos mobilizar a nossa equipe em direção a Omal imediatamente. Não podemos nos dar ao luxo de ficar sentados e convencê-la com gentileza.

Minhas unhas cravaram-se nas palmas das mãos. Pelos túmulos abaixo, mas eu detestava quando Efra falava como se eu fosse um bichinho de estimação desagradável, a menos de três metros e um insulto de distância de incinerá-lo.

O pior é que ele tinha razão. Eles estavam esperando um relatório de um de seus espiões sobre as reações dos reinos à Curva de Galim. Fazia pouco mais de três semanas desde que as gaiolas foram abertas. Como nossas opções para nos infiltrarmos no palácio de Omal dependiam de rotas comerciais abertas e poucas sentinelas ao longo da

fronteira, todos estavam nervosos, esperando para ver se a Rainha Hanan seguiria o exemplo da Sultana Vaida e fecharia o acesso ao seu reino.

Efra nos colocou em uma situação impossível e então teve a ousadia de me acusar de tentar sabotar os planos dos Urabi ao reter a minha magia.

— Você escolheu anunciar a nossa presença aos reinos libertando monstros centenários e destruindo uma vila inteira, e está surpreso que os outros governantes tenham assumido posições defensivas? — Uma raiva amarga e selvagem se agitava em meu estômago. — Eu sigo tolos nesta montanha, não é?

Efra se irritou.

— Quantas outras opções você nos deixou?

Minhas mãos se fecharam ao lado do corpo. A irritação causada pelas exigências dos Urabi me deixou sangrando, como uma pedra persistente lixando minha pele, e era apenas uma questão de tempo até que eu reagisse.

Depois de um minuto, meus punhos se abriram. A fúria se dissipou, abafada pela resignação que se instalava em meus ombros.

Eu não tinha sido ensinada a liderar. Não entendia quase nada sobre a maneira certa de governar.

O que eu sabia melhor do que ninguém era como obedecer.

— O que você gostaria que minha mágica fizesse, Efra? — perguntei, sem emoção. — Escolha o seu truque.

Namsa franziu a testa e se levantou para me encarar com preocupação. Efra nem piscou.

— Invoque o kitmer outra vez.

— Você não precisa fazer nada que não queira — insistiu Namsa.

Meu sorriso, frio e sem expressão, fez a Jasadi recuar um passo. Às vezes, as suas bobagens bem-intencionadas me incomodavam mais do que as farpas de Efra. Pelo menos ele não mergulhava a lâmina em mel

antes de brandi-la na minha cabeça.

— Um kitmer — repeti. Seu interesse em me fazer invocar um kitmer beirava a obsessão. Eu já tinha feito isso exatamente uma vez, e não foi por vontade própria.

Encarei o mar, inspirando profundamente o seu ar pungente em meu peito. Com as algemas, a minha magia reagia às ameaças contra as pessoas com quem eu me importava. Às ameaças contra Jasad.

Não é um ponto de partida perfeito, mas tão bom quanto qualquer outro.

Abaixando o queixo, com a trança pesada entre os ombros, pensei no kitmer furioso no Baile dos Vitoriosos. O raio prateado e dourado que se projetava sobre a Cidadela, um farol no céu noturno.

Sefa e Marek poderiam estar em qualquer lugar. Eu não tinha ideia se estavam vivos, se estavam seguros. Eles estavam perfeitamente satisfeitos em Mahair antes de eu virar as suas vidas de cabeça para baixo. Eu deveria tê-los impedido quando decidiram me seguir até Nizahl. Deveria tê-los forçado a ir embora.

Um calor preguiçoso correu pelas minhas veias, descongelando as pontas dos meus dedos gelados.

Dawoud teria deixado Dar al Mansi se não fosse por mim. Ele estaria aqui com a sobrinha, provavelmente liderando o Aada. Tomando chá à noite com um pedaço de kunafa[5] cremoso ou basboosa[6], apesar de eu repreendê-lo sobre sua saúde.

O calor subiu pelos meus braços.

Foi por minha causa que...

A mulher gritou, agarrando a mão que eu tinha em volta do seu pescoço.

Mesmo que eu pudesse virar o queixo e matá-la ali mesmo, sem nunca ter me sujado com a pulsação lenta sob minha palma ou o cheiro de sua respiração sufocada, eu gostava da sensação dela lutando sob meu aperto. A visão íntima e

pessoal da vida escapando de seus olhos mudos.

Ela caiu em um monte na lama. Limpei minha mão na cintura.

Hmm. Essa visão entristeceria seu marido, mas não o destruiria. Não o reduziria aos componentes mais básicos de um homem vivo.

Inclinei a cabeça e rachaduras se formaram ao longo da pele bronzeada e jovem. Sua carne começou a descascar em tiras grossas e largas. Camada após camada, enrolando-se em espirais ao cair na terra, até que a carne mal se agarrava às costelas expostas e os pedaços de pele estavam abertos como persianas viradas.

Deixei o rosto dela intacto. Afinal, o efeito seria perdido se ele não conseguisse reconhecer a pilha de carne e osso em sua fazenda.

Lavei as minhas mãos no riacho e sorri para as veias douradas e prateadas saindo dos cantos dos meus olhos.

Tarde demais, percebi que o calor da minha magia me envolvera, aprisionando-me em um selo ardente. Contê-lo era sufocar-me nele.

O rosto refletido no riacho... não era o meu rosto, mas o reconheci. Tinha sido uma das alucinações da cachoeira. A mulher de olhos verdes.

O chão tremeu. Pedaços da encosta caíram no mar. Ouvi Efra e Namsa gritarem como se estivessem a uma grande distância.

Fios de prata e ouro giravam entre os meus dedos, crepitando com poder. Caí de joelhos, as minhas mãos deslizando na terra. Em segundos, as cores fluíram da minha pele e se derramaram na terra. A névoa se ergueu do chão como vapor de uma panela fervente, fundindo-se em uma nuvem mágica em rápido redemoinho.

— Afastem-se! — gritei para Namsa e Efra.

Protegi a cabeça enquanto a névoa girava mais rápido. Pelos Awaleen abaixo, o meu primeiro ato significativo de magia como Malika, e ela iria explodir a montanha. O que eu estava pensando, ouvindo Efra? Ele não era melhor do que um menino chutando os calcanhares para ver um animal feroz. Ele não considerou as consequências...

A névoa explodiu.



Namsa ofegava, curvada sobre si mesma enquanto tremia de tanto rir. Ela não havia parado nos últimos vinte minutos, e eu estava começando a me preocupar que tivesse sofrido um colapso mental. Toda vez que olhava para Efra, começava a uivar de novo.

Em defesa de Namsa, a expressão de Efra depois que o bebê kitmer saltou da nuvem de magia levaria até o mais disciplinado dos estoicos à histeria. Um kitmer pouco mais alto que o meu joelho, cambaleando sob o peso das próprias asas, não era a fera majestosa que ele imaginara.

Ele me pediu para tentar outra vez, e eu obedeci. Tentei mais dez vezes, e cada tentativa trazia outro kitmer miniatura. Dois com asas douradas e fofas e bicos prateados; um com penas assustadoramente afiadas; vários outros com chifres deformados curvando-se em diferentes direções atrás de suas cabeças.

Todos eles tinham os meus olhos.

Seus lindos olhos de kitmer, Niphran sempre dizia. *Escuros e profundos como o mais vasto mar.*

Um arrepio percorreu o meu corpo. Será que eu tinha dado os meus olhos a esses kitmers, ou a semelhança sempre fora tão estranha?

O sol se pôs, lançando sobre a superfície do Mar Suhna tons vermelhos e dourados brilhantes.

— Você acha que eles morderiam as crianças? — perguntou Maia à minha direita, e sua aparição repentina me assustou com um grito indigno. — Elas ficariam tão animadas para brincar com eles.

Os kitmers pulavam pela encosta do penhasco, sem mostrar nenhum sinal de que iriam desaparecer como o seu antecessor. Um deles

bicou o tornozelo de Maia, e ela acariciou a sua cabeça escamosa.

— Acho que é melhor dar um tempo — disse Maia. — Yara está aqui — acrescentou Maia, quase como se tivesse pensado nisso depois. — A informante.

Inspirei fundo.

— Ela disse alguma coisa?

Maia balançou a cabeça.

— Vim te buscar primeiro. O resto da Aada vai se reunir. Namsa está bem?

Um dos kitmers vagou em direção a Efra, e ele se afastou depressa quando ele pulou para mais perto. Para alguém com medo de um pássaro com metade do seu tamanho, ele conseguiu demonstrar uma indignação chocante.

— É isso? — ele perguntou, apontando o dedo para o bando de pequenos kitmers. — Este é o limite da sua tão aclamada magia?

Efra quase morreu naquele momento.

O momento chegou e passou. O sol mal havia se posto. Namsa ainda não havia terminado de enxugar as lágrimas do rosto. Maia havia se abaixado para esfregar o bico de um kitmer com penas mortais.

Mas o momento se prolongou, os laços da minha magia se tensionando. Minha magia queria que ele morresse. Se eu tivesse ordenado, o coração de Efra teria batido pela última vez e ele teria caído morto no chão.

Como a mulher na visão.

O que eu tinha visto era impossível. Era *eu*, mas não eu. O rosto refletido no riacho pertencia a uma estranha, mas as coisas que ela tinha feito pareciam tão reais. A maneira como aquela pobre garota tinha sido dissecada, deixada exposta como uma pele de animal para secar ao sol... Eu não poderia ter feito isso, nem nos meus piores momentos. Eu podia ser brutal e cruel, mas era ingênua quanto a isso. Minha raiva assumia a

forma de uma força bruta raivosa, focada demais em simplesmente causar impacto para perceber ou se importar com como chegava ao seu destino. O tipo de selvageria distante e pensativa que senti na visão estava além da minha capacidade.

Pelo menos foi o que pensei.

Sua mente é um labirinto de espelhos, refletindo apenas as memórias que você escolhe salvar.

As minhas unhas cravaram nos cotovelos e eu empurrei meu alarme crescente para o fundo do meu peito. Minha magia era estranha – sempre fora estranha, mesmo antes das algemas. As visões, as figuras que eu tinha visto na cachoeira? Nada disso significava nada. Nada disso era possível.

Efra ainda estava fazendo objeções aos kitmers, à minha magia e a tudo sobre a minha existência em geral. O impulso de matá-lo havia passado, mas isso não significava que Efra não tivesse ultrapassado os limites da minha paciência.

O pulso da magia veio mais suave desta vez. Girei o meu pulso e quatro dos kitmers mergulharam em direção a Efra. Gritos confusos ecoaram pelo ar enquanto as garras dos kitmers agarravam os membros de Efra e eles alçavam voo. Acenei com alegria enquanto o carregavam para fora do penhasco.

— Bem. — Namsa se juntou a mim na beira, observando os kitmers tecendo e balançando sobre o mar, com Efra preso sob eles como um tronco particularmente pesado. A melhor vista do pôr do sol, na minha opinião.

— Eu tentei o meu melhor — disse eu, com rigidez. Se ela planejava fazer um monólogo sobre meus fracassos, eu não mandaria jogá-la na superfície do Mar Suhna como Efra, mas não ficaria para ouvir. — É tudo o que posso fazer. É tudo o que posso oferecer. Vou continuar tentando, mas ainda não entendo minha magia. Pode levar tempo.

Um leve toque no meu cotovelo provocou ondas de choque pelo meu braço, e eu mal me lembrei de não me encolher. Minha aversão ao toque pode ter diminuído, mas o contato inesperado ainda me abalava.

Olhos castanhos aflitos me estudaram.

— Fizemos tudo errado, não foi? Pedimos que você liderasse e depois a tratamos como uma criminosa. Exigimos a sua magia e depois a julgamos por ela. Não é de se admirar que você tenha uma opinião tão baixa de nós. Pelos Awaleen abaixo, você poderia ter encontrado mais misericórdia do próprio Comandante de Nizahl.

Estupefata, só consegui piscar.

— Você tem vinte e um anos, Essiya — Namsa ofereceu com gentileza. — O que você sabe sobre Jasad é uma mera impressão, mas foi destinada a carregar esse fardo desde o momento do seu nascimento. O resto de nós, o propósito de termos um *nós*, deveria facilitar as coisas. O dever é um peso que devemos carregar entre nós, não uma arma que usamos para esmagar uns aos outros. — Ela empurrou uma mecha de cabelo para trás da orelha, baixando o olhar para o chão. — Eu deveria ter feito mais para facilitar o seu caminho, mas...

Abracei o meu corpo, lutando contra uma onda inesperada de emoção.

— Dawoud.

— Condenar você pela morte dele foi algo pequeno e fraco da minha parte. Você o amava tanto quanto eu. — A mão no meu cotovelo foi até o meu ombro. — Sinto muito por termos falhado com você, Essiya.

Preparada como estava para a repreensão, a gentileza me deixou desnorteada e insuportavelmente ferida. Tentei nos levar de volta a um terreno familiar.

— Eu falhei com vocês também. Com muito mais frequência.

Ela apertou o meu ombro uma vez antes de me soltar. A marca cálida de sua mão permaneceu.

— Eu concordo em me perdoar, se você concordar em fazer o mesmo.

À distância, Efra gritou quando um dos kitmers deixou cair a perna, submergindo brevemente o membro no mar.

Movi a mandíbula de um lado para o outro, tentando formular as palavras que queria dizer. Por mais à vontade que me sentisse com Namsa, eu ainda era sua Malika. Eu era alguém de quem ela esperava que exalasse força interior e firmeza.

A solidão se tornou uma corda em volta do meu pescoço, e o laço se apertava cada vez que eu colocava a máscara de Malika. Não importava o quanto eu me sentisse à vontade com os Urabi, eles não eram Sefa e Marek. Eles não eram Rory, Fairel, Raya.

Eles não eram Arin.

Expirei devagar, já me sentindo culpada com o pensamento. Apesar do abismo de segredos entre mim e o Herdeiro de Nizahl, ele havia inspirado em mim uma rara honestidade. Perto dele, eu podia ser taciturna e quieta, cruel e barulhenta, cautelosa e astuta. Qualquer máscara que usasse se desintegrava sob o seu escrutínio, então qual era o sentido de tentar me esconder?

— Estou ressentida — disse eu, e essas *não eram* as palavras que eu havia elaborado com tanto cuidado na minha cabeça. Elas jorraram antes que eu pudesse represar o rio. — Estou ressentida com a minha coroa. Estou ressentida com vocês por me pedirem para invadir o palácio de Omal sabendo que a Rainha Hanan vai me rejeitar. Estou ressentida comigo mesma por sentir falta da minha antiga vida.

— É perfeitamente natural...

— Eu me ressinto de você por me pedir para queimar viva por Jasad.

Um silêncio estupefato substituiu qualquer banalidade que Namsa estivesse pronta para oferecer.

— Estamos em guerra. Se... quando... a Rainha Hanan se recusar a me reintegrar à linha de herança, teremos jogado nossa última carta. Vocês vão me pedir para levantar a fortaleza, para dar a Jasad sua única chance de lutar. Nós duas sabemos o que acontecerá quando eu levantar a fortaleza, Namsa. O que aconteceu com Qayida Hend é lenda por um motivo.

O grito de Maia chegou até nós da porta.

— Mawlati! Você vem?

O semblante severo de Namsa se suavizou. Culpa, talvez, ou pena.

— Não sabemos o que vai acontecer, Essiya. Qayida Hend se tornou uma lenda por ser queimada, mas eu acredito de verdade que você não terá o mesmo destino.

Afastei-me de Efra e dos kitmers que se aproximavam, olhando fixamente para as silhuetas das montanhas, com os seus picos recortados rasgando o céu estrelado.

— Ah, é?

— Você, Essiya de Jasad, não será conhecida por queimar. — Um arrepio percorreu meu corpo diante da força da convicção de Namsa. — Sempre será conhecida por sobreviver.

CAPÍTULO 23



Diante de notícias catastróficas, a montanha decidiu dar uma festa.

Observei, perplexa, o marido de Maia – um título que, ao ser apresentado, me deixou sem palavras – rodá-la no meio do refeitório. As mesas baixas haviam sido empurradas para os lados do aposento, deixando bastante espaço vazio no centro para dançar.

Lateef estava reclinado no chão, com as costas apoiadas no longo balcão de pedra em frente à cozinha. Ele havia circulado pelo ambiente recolhendo as almofadas atiradas às pressas e as empilhado em seu canto, onde se espreguiçava como um pássaro guardando seu ninho. Um bando de crianças estava sentado de pernas cruzadas à sua frente, ouvindo com atenção enquanto ele as entretinha com as histórias de Goha e o seu burro bobo. No chão da cozinha, uma fileira de meninas tirava arroz quente das enormes panelas que haviam trazido das fogueiras lá fora e o enrolava em folhas de uva finamente cortadas e cozidas no vapor. No balcão, seis meninos trocavam insultos enquanto picavam montes de salsa e cebola. Estremeci com compaixão ao ver seus olhos lacrimejantes.

— Guardamos mahshy[7] para ocasiões especiais — compartilhou Namsa com um tom de grande magnanimidade. Estávamos amontoadas na única almofada que Lateef não conseguira roubar, observando a folia e a agitação do nosso próprio canto tranquilo.

— A morte provável é uma ocasião especial? — Dobrei as pernas a tempo de evitar uma debandada de garotos correndo, gargalhando a plenos pulmões, pré-adolescentes e estridentes.

— Bem, sim. — Namsa me lançou um sorriso malicioso. — Quando a morte está logo ali na esquina, você aprende a ignorar a sombra dela. Além disso, enfim temos um plano. Uma meta para colocar em prática. Em breve, a mudança virá. De um jeito ou de outro.

No centro do aposento, Efra tocava o tubluh com uma habilidade impressionante, tocando como se não tivesse passado a maior parte de uma hora gritando até ficar rouco enquanto era arremessado pela superfície do mar.

— Não entendo por que todos estão tão calmos — eu disse. — O informante estava quase chorando. As aldeias mais baixas de Omal estão lotadas de soldados, e Felix tem patrulhas posicionadas além das fronteiras. Vaida está expandindo o seu território por quilômetros em todas as direções dentro de Essam, e ela inunda cada acre conquistado com os seus soldados. Orban fechou suas rotas comerciais... suas rotas comerciais, que eu deveria lembrar, são a única maneira pela qual Jasadis em outros reinos conseguem cruzar para Jasad. — Massageei minha testa, ignorando o leve eco de Raya reclamando sobre as rugas. — E Nizahl...

— Não sabemos o que a Serpente Prateada está encomendando. Pode não ser nada.

— Nada, Namsa? Yara disse que cada ferreiro de Nizahl estava encarregado de criar um tipo especial de arma. Rawain passou metade do seu reinado inicial acumulando um arsenal além de qualquer outro com o qual os reinos pudessem competir. De que tipo de arma nova o Herdeiro precisaria de milhares?

Namsa cutucou a sujeira sob as unhas com uma evidente falta de nervosismo.

— Sabe o que o Nizahl não pode encomendar?

Estreitei os olhos.

— O quê?

— Magia.

Resmunguei.

— Estou falando sério. Os Jasadis estão presos. Se conseguirem sobreviver ao deixar seus reinos, serão mortos no caminho para Jasad. Se não for pelos soldados, então pelas criaturas que soltamos na Curva de Galim.

— As criaturas apenas desaparecerão no Mirayah.

Um prato apareceu na minha frente, abarrotado com uma montanha de mahshy, missaka e um tomate grelhado. Minha boca salivou rapidamente, o que foi um pouco constrangedor. Maia confundiu minha pausa com consternação e imediatamente começou a balançar nos calcanhares.

— Costumamos usar carne moída com o missaka, mas carne bovina é difícil de transportar ou conservar nas montanhas. Batatas são uma alternativa decente, e eu sempre achei que o prato principal era o molho de tomate temperado, do qual você encontrará bastante...

Peguei o prato da Maia, interrompendo o que sem dúvida seria o início de sua longa saga sobre molho.

— Obrigada — eu disse. — Parece delicioso.

Ela sorriu radiante, deslizando pela parede para se juntar a mim e Namsa no chão.

— Do que vocês estavam falando?

— Namsa parece acreditar que o Mirayah é um lugar real — eu disse, com o tipo de tom condescendente e indulgente que se reserva para falar na frente de crianças ou senis. — Em seguida, discutiremos se ela vê os Awaleen parados aos pés da cama enquanto dorme. Eles se inclinam e sussurram doces profecias em seu ouvido, ou...

Uma cotovelada me acertou na lateral, me jogando na direção de Maia. Aproximei meu prato e encarei Namsa.

— Meu mahshy!

— O Mirayah é real, Essiya — disse Maia, cortando um círculo de batata assada embebida em seu molho favorito.

Fiquei olhando. Uma era engraçada, mas a segunda era preocupante.

— Você, sem dúvida, não acredita que há bolsões de magia antiga espalhados pela Floresta Essam? Reinos reais de magia renegada?

— Como você chamaria a Floresta de Ayume? Você esteve lá. Deve ter sentido a perversão da magia de Dania, remanescente da Batalha de Ayume. Essa batalha aconteceu há vários milênios, mas até hoje, o próprio ar em Ayume pode te matar. — Namsa arrancou um dedo de mahshy do meu prato antes que eu pudesse afastá-la. — Não acredito que existam reinos inteiros de magia renegada em Essam, não. Mas a magia nasceu naquelas florestas. Está no próprio solo de Essam, nas raízes que se estendem por nossos reinos, no rio do qual dependemos para viver. Quem sabe que outros mundos ele sustenta?

— Morei em Essam por cinco anos — respondi, laconicamente. — A floresta é perturbadora e inquietante, mas não tem poder próprio. Se houvesse um reino de magia renegada vagando por aí, sem dúvidas, eu teria tropeçado nele.

— Como? — Óleo brilhou no canto da boca de Maia. Ela o limpou na parte interna do pulso. — Você ficou escondida da magia de rastreamento mais forte por uma década. O Mirayah é tão antigo quanto Essam. Se você não pudesse ser encontrada e ele não quisesse ser encontrado, vocês poderiam ter passado um pelo outro sem serem notados.

Abri a boca para argumentar e reconsiderei. Por mais frágil que fosse, ela tinha razão. As algemas me protegeram da maioria das magias, repelindo-as com a mesma força com que aprisionavam a minha. Não era totalmente impossível que uma força semelhante existisse para esconder algum bolsão de flutuação mágica em Essam.

Era quase impossível.

Mudei de assunto antes que elas pudessem se aproveitar da minha hesitação.

— Quando partimos?

Namsa me lançou um sorriso malicioso. Eu apertei os olhos, não totalmente convencida de que a mulher que eu havia trazido de volta do penhasco era a mesma mulher que havia chutado meu fígado até meu crânio no primeiro dia em que nos conhecemos. Quem diria que ela tinha tamanha amplitude emocional? Até esta manhã, eu diria que ela era capaz de duas expressões: carrancuda e levemente carrancuda.

— Dez horas. A jornada até o palácio de Omal levará cerca de cinco dias, se levarmos a nossa magia ao limite.

Nossa. Um pressentimento apertou a minha garganta.

— Quem mais vem conosco?

— Eu! — Maia sorriu. — Lateef, é claro, e Medhat. Efra, Namsa, Kenzie...

Levantei um dedo.

— É isso.

Maia fez uma pausa.

— O que é?

Cada vez mais, eu me maravilhava com a forma como os Urabi conseguiram escapar da captura por anos.

— O limite de quantas pessoas podem se mover juntas na Floresta Essam sem alertar uma patrulha. Na verdade, eu ficaria mais confortável se tivéssemos eliminado dois, mas posso ser convencida do contrário.

O olhar de Maia passou de mim para Namsa, e os meus lábios se comprimiram em uma linha reta. Mais um olhar silencioso. Malika isso, Mawlati aquilo, todos os ares e nenhuma autoridade real.

— Concordo com a Malika — disse Namsa, com despreocupação. — Os reinos estão em alerta. Precisamos nos mover discretamente.

— Por falar em nos movermos. — Fiquei de pé, de olho nas travessas de comida que circulavam pelo aposento. — Como exatamente vamos chegar ao palácio de Omal? Você disse cinco dias, mas Omal não fica nem perto das montanhas. Levaria duas semanas para atravessar as Planícies do Deserto, contornar Ayume e atravessar Essam. Se levarmos em conta as patrulhas e sentinelas de fronteira adicionais... — Balancei a mão de um lado para o outro enquanto estimava quanto tempo sete pessoas levariam para superar os novos obstáculos. — Quase três semanas.

Pela primeira vez, um toque de nervosismo transpareceu nos dedos inquietos de Namsa, que desgrudavam um fio solto do bolso.

— Certo. Em circunstâncias normais, você estaria certa. Nosso método de transporte para Omal pode ser um pouco... desconcertante. É difícil de explicar, mas chegaremos a Omal muito antes de três semanas.

Ela puxou o fio como se ele tivesse cuspido no rosto da sua mãe, tão determinada a evitar o meu olhar que não pude deixar de confortá-la.

— Contanto que não seja a espinha dorsal do Sareekh, não ficarei desconcertada por muito tempo.

Maia riu alto demais e colocou a mão sobre a boca.

— Não é bem o Sareekh. — Namsa arrancou o fio e gesticulou para a multidão de Jasadis entrando no refeitório. — Se você quiser mais abóbora recheada, é melhor se apressar.



Sentada nua no chão do meu quarto, olhei para o espelho e contei as veias pela terceira vez.

Demorou um tempo para encontrar todas. Uma era uma mera faixa de ouro sob meu seio direito; outra curvava-se discretamente ao longo da

articulação do meu quadril. Minha barriga, minha perna, a parte interna da minha coxa. Todos visitados por uma veia nova.

Uma veia para cada vez que usei minha magia.

Arrastei o cobertor da cama e me enrolei nele, incapaz de me mover do chão, petrificada de deixar o espelho e ascender a uma nova realidade onde a minha paranoia se tornasse realidade.

Ninguém conseguia ver as veias, exceto eu. Eu já tinha testado três vezes desde que a última veia apareceu. Quando estendi a mão para pegar o prato da Maia, mantive a palma aberta e exposta. Era impossível não notar a veia.

Tracei as linhas na minha pele. Uma veia para cada vez que apareci para Arin. Uma veia para a magia que lancei enquanto me afogava, antes da chegada do Sareekh. Uma veia para cada kitmer que criei na encosta do penhasco. Uma veia para a magia que usei para catapultar Efra pelo Mar Suhna.

Eu tinha visto as veias se multiplicarem e as ignorei. Senti a estranha presença da minha magia pressionando a parte de trás da minha cabeça e a ignorei.

Minha respiração estremeceu, ficando mais superficial. A preocupação que eu havia sufocado até a submissão ao longo do último mês se libertou de seu cativeiro, submergindo-me no pânico que tanto lutara para evitar.

As figuras da cachoeira. A lembrança da mulher morrendo pelas minhas mãos. As visões que minha magia produzia cada vez que eu pedia mais dela.

Havia algo errado comigo.

Inclinei-me para a frente, pressionando a testa contra o chão frio de pedra. O hábito de uma vida surgiu por instinto, e a minha palma cobriu o meu coração descompassado.

Um, dois. Estou viva.

Três, quatro. Estou segura.

Cinco, seis. Não estou perdendo a cabeça.

Meus dentes batiam, tremendo junto com o resto do meu corpo. Afastei-me do chão, ofegante. A última vez que o pânico me consumiu tão completamente foi no dia seguinte ao primeiro teste, quando o Supremo Rawain entrou em meus aposentos para parabenizar a sua Campeã e me chamar de mérito para Nizahl. Levei horas para me recompor depois, e eu não tinha horas. Partiríamos para Omal em uma hora. Eu deveria fazer as malas.

Se não conseguíssemos convencer a Rainha Hanan a me reintegrar como Herdeira de Omal, não teríamos escolha a não ser reerguer a fortaleza. Eu teria que ler o encantamento que queimou Qayida Hend viva. A quantidade de magia que isso exigiria... a quantidade de magia que eu precisaria gastar...

Inclinei a cabeça para trás, desviando o olhar do espelho, e me concentrei em respirar fundo.

A loucura mágica não era real.

Eu expirei trêmula.

Eu não estava perdendo a minha humanidade como Rovial.

O medo, uma vez aceso, começou a pingar no fundo da minha mente. Manchando cada pensamento, colorindo o meu mundo de vermelho.

As faixas em volta dos meus pulmões se apertaram. Tentei me lembrar de que havia uma série de explicações possíveis para as veias. Eu mal entendia alguma coisa sobre magia, muito menos uma magia que estivera presa sob as minhas algemas durante a maior parte de sua existência. Pelo o que sabia, eu não estava com medo de nada mais do que uma peculiaridade cosmética.

Enrolei-me no chão, puxando o cobertor sobre a cabeça. Minha respiração, já desacelerada, parou.

A loucura mágica não era uma opção que eu pudesse considerar e planejar com calma. Não era uma realidade com a qual pudesse lidar, mesmo em teoria.

Na escuridão, era muito mais fácil perceber a pontada de magia no fundo do meu crânio.

Coloquei a cabeça para fora do cobertor a tempo de ver o quarto desaparecer.

CAPÍTULO 24

SEFA

Nada de bom poderia resultar de se juntar à Sultana em uma excursão à meia-noite pelas ruas de Lukub, mas lá estava Sefa; vestida por completo e incrivelmente perturbada.

O frio percorreu as bochechas nuas de Sefa. As histórias sobre as inclinações noturnas de Lukub haviam sido claramente exageradas. A rua se estendia vazia diante deles, sem qualquer sinal de movimento além da luz das lamparinas que lançava as suas sombras sobre as ruas de pedra clara. Prédios abobadados de dois andares ladeavam as laterais da rua, lembrando Sefa de ovos dispostos em uma cesta. Passaram por uma cúpula com listras vermelhas, cuja base estava desbotada em tiras de tinta descascando na grama. Azulejos esmeralda serpenteavam pelas laterais da cúpula ao lado.

Vaida caminhava pela estrada vazia, vestindo um vestido justo de algodão, com os dedos envoltos nas laterais da capa branca. O capuz estava puxado sobre as tranças e puxado para baixo, sobre a testa. Sem o batom vermelho-rubi e o kohl, sua marca registrada, a Sultana parecia surpreendentemente jovem.

Ela havia tirado todos os anéis, exceto um. *O* único. O anel pelo qual Sefa começara a se fixar com uma regularidade preocupante, o anel que nunca saía do dedo de Vaida, não importava quantas vezes Sefa o verificasse.

O conjunto da Sultana foi claramente escolhido com o anonimato em mente, e Sefa lutou para conter a sua diversão. Um leão teria mais sorte se disfarçando de joaninha. Se alguém desse uma boa olhada no

rosto de Vaida, a farsa acabaria em um instante.

— Você nunca mencionou que era costureira — disse Vaida, falando pela primeira vez desde que um criado acordou Sefa no meio da noite e a chamou para a carruagem.

Sefa quase tropeçou nas próprias botas. O medo incendiou a sua pele, e ela ansiava por pressionar as costas das mãos contra as bochechas para conter o sangue que subia ao seu rosto.

— Vossa Majestade? — foi tudo o que Sefa conseguiu pensar em dizer.

— Meus servos falam dos vestidos que você tem trabalhado em seus aposentos. São para mim?

Os vestidos inacabados em seu quarto. O alívio relaxou os músculos do estômago de Sefa.

— Eles não são dignos de você, Sultana — disse Sefa. — Só uma tarefa boba com a qual me ocupo quando o sono me falta. Uma distração.

— Entendo. Servir-me tem sido tão horrível que você precisa de uma distração diária? — O lábio inferior da Sultana tremeu.

— É claro que não!

— Ótimo. — Como a maré varrendo letras soletradas na areia, seu beicinho se transformou em tédio. — Do que precisa se distrair, então?

Pela beleza abençoada de Baira. Todos os pelos do corpo de Sefa se arrepiaram.

Emoções não deveriam ser tão... fugazes. Não tinham linhas retas e contornos perceptíveis. Mas a Sultana experimentava as emoções como chapéus, modelando-as para a ocasião, e as descartava com uma facilidade que arrepiou Sefa até os ossos.

— Minha própria cabeça — respondeu Sefa. Ela mal conseguia revelar o quanto os criados a detestavam. Como ficavam em silêncio quando ela entrava no cômodo ou colocava a sua comida em pratos sujos. Considerando que todo o papel de Sefa no Palácio de Marfim era

coletar informações para a Sultana, a animosidade da equipe não era um sinal a favor de Sefa.

— Hmm — disse Vaida. O som evasivo interrompeu qualquer discussão, e Sefa mergulhou no silêncio, agradecida.

Nas últimas semanas, Sefa achava que estava melhorando em prever Vaida. Rir podia significar que a destruição iminente de alguém estava próxima, ou que ela tinha acabado de fazer uma piada que só uma criança de dez anos acharia engraçada. Se o seu suspiro durasse mais de cinco segundos, qualquer pessoa próxima a ela precisava evacuar.

O hábito mais constante era a fixação da Sultana com a própria aparência. Ela passava várias horas por dia sob a atenção de especialistas; Sefa já havia testemunhado de tudo, desde sanguessugas até cera quente, entrando nos aposentos da Sultana.

À primeira vista, parecia uma vaidade extrema. Mas Sefa observou Vaida enquanto ela se olhava no espelho. A intensidade daquele gesto foi uma lembrança desagradável dos dias que se seguiram ao esfaqueamento de Sylvia no Palácio de Marfim. Depois que Sylvia acordou, ela pediu a Wes a adaga que eles haviam retirado de seu peito. Quando o guarda relutante a entregou, Sylvia limpou a lâmina nas calças e passou o polegar pela ponta afiada antes de guardá-la na bota.

Vaida olhou para o seu reflexo com a mesma determinação fria que Sylvia tinha pela adaga que quase a matou.

Sefa se apressou para acompanhar os passos largos de Vaida.

— Sultana, você tem certeza de que é seguro? Posso chamar o condutor e pedir para ele chamar os seus guardas.

O olhar estreito que Vaida lançou a ela convidou Sefa a calar a boca.

Elas dobraram a esquina, e Sefa engasgou quando a Sultana agarrou seu braço.

— Olhe por onde anda — sibilou Vaida.

Sefa quase pisou no gramado de uma das casas em forma de

cúpula, onde vários arbustos altos com... eram braços?

Vaida, mais uma vez demonstrando uma afinidade perturbadora por ler a mente de Sefa, explicou:

— Lafa Souda. Está vendo aquelas videiras? Cada uma tem a sua própria espinha, mantendo-a ereta. Elas capturam qualquer invasor que esteja ao seu alcance e o seguram até que o dono chegue.

— Como eles sabem que não devem prender o dono? — Sefa estudou as videiras inchadas com cautela.

— O jardineiro mistura um litro do sangue do dono no regador enquanto a Lafa Souda cresce. Ela não captura o que reconhece.

Sefa estremeceu. As plantas no jardim de Raya podiam ser comuns e regadas em excesso, mas eram uma fonte de alegria. Sefa não conseguia imaginar cultivar algo vivo a partir de outra coisa que não fosse amor.

Elas caminharam até que Sefa pôde sentir o pulso em suas pernas.

— Você gostaria que eu interviesse?

Vaida fez a pergunta como se estivessem no meio de uma conversa da qual Sefa havia esquecido de participar.

— Intervir?

Vaida gesticulou acima do pescoço.

— Sua cabeça. As *distrações*... Quer que eu intervenha?

Uma sobrancelha arqueada confirmou a suspeita de Sefa. Vaida sabia a verdade. De alguma forma, ela havia descoberto que a equipe a estava deixando miserável. Não deveria ser uma surpresa. A simples presença de Sefa no Palácio de Marfim era evidência da vigilância implacável de Vaida.

Sefa imaginou o que aconteceria se respondesse *sim*. Se os funcionários não gostavam dela agora, sem dúvida, a desprezariam por delatar a Sultana. As palhaçadas não parariam; só ficariam mais discretas e criativas.

Sefa balançou a cabeça.

— Eu mesma cuido disso.

— Ótimo. — Um sorriso pálido surgiu nos lábios da governante de Lukub. — Um conselho, querida. Você não tem talento para enganar, e a minha equipe não tolera fraquezas.

O olhar de Vaida percorreu a tapeçaria de estrelas costurada no céu noturno.

— Sabia que antes de Rovial desencadear a sua loucura sobre os reinos, era Baira a mais odiada dos Awaleen? Suas ilusões os aterrorizavam. Ela podia criar mundos dentro de nossas mentes, e seus inimigos ficavam presos à realidade que ela criava para eles. O que eles amavam, o que temiam, o que odiavam... ela entrelaçava tudo isso através do olho de sua magia. Alguns até acham que sua própria beleza era uma ilusão, mudando para agradar aos olhos que a contemplavam.

Sefa encarou Vaida. Uma alegação tão flagrante poderia levar alguém à morte em certas partes dos reinos. Ouvir isso vindo da própria descendente de Baira...

— Você acha? — Sefa se ouviu perguntar. — Acha que a beleza dela era uma ilusão, quero dizer.

A luz da fileira de lamparinas balançando entre as cúpulas tremeluzia nos olhos escuros de Vaida como chamas aprisionadas.

— Acho que saber o que é real está além do alcance dos mortais e dos Awaleen.

Elas entraram em um beco estreito, forçando Sefa a ficar um passo atrás da Sultana. As paredes se alongaram, curvando-se ao redor delas como uma mandíbula que se fechava constantemente. Rochas rolaram para a frente enquanto as pedras brancas e limpas davam lugar a cascalho.

No final do beco, uma figura encapuzada surgiu das sombras. Assustada, Sefa agarrou a manga de Vaida, puxando-a para trás. Vaida soltou os dedos.

— Não *agarre*, Zahra. É grosseiro. Venha, você pode conhecer um amigo meu.

Tentada a adotar um comportamento ainda mais grosseiro e sair correndo do beco, Sefa se forçou a seguir a Sultana até a figura encapuzada.

O homem esguio curvou-se profundamente, abaixando o capuz. Uma mecha de cabelo castanho-avermelhado cobria um rosto anguloso. Olhos verde-acinzentados percorreram Sefa por um instante antes de se voltarem para a Sultana.

— Vossa Majestade.

— Você encontrou?

— Ainda não. Vim pedir sua permissão para expandir a busca para o leste.

— Eu já lhe dei permissão para reivindicar o que quiser. — A impaciência pontuou a frase. — Essam é um território incontestado.

— Há uma propriedade de Nizahl no cruzamento destas coordenadas, Vossa Majestade. Se Lukub reivindicar o território, isso significará reivindicar a propriedade também.

Vaida passou a língua pelo interior do lábio inferior.

— Certamente chamaria a atenção de Arin. A questão é: agora é o melhor momento para isso?

Sefa ouvira os rumores sobre isso antes mesmo de chegar a Lukub. Vaida vinha se expandindo em Essam havia anos, reivindicando cada vez mais território para Lukub. Ninguém a impedira – quem desperdiçaria soldados para proteger a floresta? –, mas isso não passara despercebido. Contanto que não obstruísse uma rota comercial ou comprometesse o acesso a Hirun, os governantes não pareciam dispostos a conter a expansão imprudente da Sultana.

Por que Vaida a trouxe para isso?

— Você está confiante nessas coordenadas, Bausit? — Vaida

estreitou os olhos. — Ou terei que descer aqui em mais três semanas para lhe dar mais permissão para desperdiçar o meu tempo e reivindicar mais terras inúteis para o meu reino?

Bausit torceu as mãos.

— Kera rastreou dezessete desaparecimentos até aquele local em Essam, Vossa Majestade. Ele viu os elos da cadeia vital deles se entrelaçarem por Essam e se romperem a dezesseis quilômetros da propriedade.

O coração de Sefa, que não havia desfrutado de um momento de trégua durante toda a noite, disparou a galopar. Sem dúvidas não podia estar ouvindo o que pensava estar ouvindo.

— Você tem a minha permissão para reivindicar o território que Kera deseja — disse Vaida. — Tente ficar o mais longe possível da propriedade, mas se precisar reivindicá-la sob a nossa bandeira, faça-o sem violência. Capturar as terras ao redor de uma propriedade de Nizahl é uma coisa, mas Arin não ignorará o massacre de seus soldados.

— Entendido, Vossa Majestade. — Bausit fez uma reverência e, tão repentinamente quanto apareceu, o homem alto desapareceu nas sombras mais uma vez.

Vaida mordeu o lábio por um segundo, imersa em pensamentos. Então, perguntou:

— Devemos pedir ao cocheiro para nos trazer halawa? Eu prefiro com pistache, mas podemos pedir um quadrado simples para você, se preferir.

Talvez Sefa devesse ter entrado em um Lafa Souda, só para confirmar que não era um pesadelo. Certamente parecia um, com a Sultana meditando sobre um café da manhã em um beco escuro enquanto um homem encapuzado fugia para potencialmente desencadear um ato de guerra.

— O homem que ele mencionou, Kera... — A imaginação de Sefa

nunca fora nada impressionante, e ela apenas não tinha criatividade para sonhar naquela noite. O que significava que era horrível e assustadoramente real. — Ele é Jasadi?

— Metade. — Vaida apertou a capa em volta do corpo e caminhou na direção por onde haviam entrado. — Pai Jasadi, mãe Lukubi. Magia fascinante. Péssimo gosto para chapéus.

— Ele usa sua magia para você? — Sefa correu para alcançá-la, cautelosa com a escuridão que se formava do outro lado do beco.

— Para quem mais ele usaria isso?

— Não entendo. Magia é proibida.

— Então você provavelmente deveria parar de falar sobre isso, querida. Não gostaria que alguém ficasse com a impressão errada.

As palavras seguintes morreram na boca de Sefa. O tom de Vaida havia mudado um pouco. Sefa estava rompendo a frágil barreira entre o bom humor de Vaida e a ira responsável por jogar pessoas em poços.

Depois de um trecho de escalada, Sefa pigarreou.

— Eu gosto de pistaches.

CAPÍTULO 25



Meus joelhos bateram no chão. Eu me inclinei para a frente, o cobertor resistindo aos piores arranhões da árvore em que me escorei.

Fiz uma verificação rápida. Dez dedos nas mãos, um nariz, todos os dedos dos pés.

Suave como uma lâmina aquecida na manteiga, o instinto cortou a névoa do meu pânico; usei a árvore para me levantar, ouvindo com atenção qualquer movimento.

Para onde a minha magia me trouxe?

Examinei o conjunto de árvores e raspei o calcanhar no solo. Terra rachada e esfarelada, sem sinais de mosquitos, então eu não estava perto de Hirun. O aglomerado de árvores me colocava em algum lugar ao norte, provavelmente no setor da Floresta Essam, entre Nizahl e Lukub.

Procurei marcas negras de corvo nas árvores ou em qualquer vegetação do norte que pudesse me ajudar a identificar o meu paradeiro. Não fazia sentido eu ser largada em algum canto qualquer de Essam. O que eu estava perdendo?

Fiquei rígida ao ouvir as vozes e me escondi atrás da árvore.

Eles se aproximaram e o meu estômago revirou.

Ah, mas minha magia tinha um senso de humor *doentio*.

— Tem certeza de que não vai levar um regimento adicional? — perguntou Rawain, e a minha náusea de antes voltou à tona. — Preocupa-me que você esteja se expondo.

— Já estou trazendo mais homens do que gostaria — disse uma voz calma e melodiosa. Encostei a testa na casca, as fibras ásperas cravando-

se na minha pele. É claro. — Corremos o risco de enviar a mensagem errada se chegarmos em grande número. O Rei Murib está perigosamente nervoso.

— Todos estão. Seus acessos de raiva estão se tornando insuportáveis. — Rawain suspirou. As vozes pararam por perto, e me mantive completamente imóvel. Eu não havia me esquecido da audição aguçada do Herdeiro.

— Insustentável era há duas semanas, quando fechar as rotas comerciais era uma ameaça vã. Desde a Curva de Galim, eles vêm prendendo e executando qualquer um suspeito de usar magia, e a situação só está piorando — disse Arin. — Talvez não tenhamos estabelecido um precedente ideal executando os Mufsids.

O leve tom de censura no tom de Arin passaria despercebido pela maioria, mas as minhas sobrancelhas se ergueram em surpresa. A decisão de executar os Mufsids claramente não fora unânime.

Uma pausa gélida, então:

— Que informações adicionais você esperava obter dos Mufsids, Arin? Se soubessem onde estava a Herdeira de Jasad, a teriam encontrado primeiro. Quando uma ferramenta não serve mais ao seu propósito, você a descarta ou a usa para outro propósito. De uma só vez, nos livramos dos Mufsids e acalmamos a dor daqueles que clamavam para ver alguém punido pela Curva de Galim.

Mudei o meu peso apenas o suficiente para ajustar a minha visão ao redor da árvore.

Vi o cetro primeiro. Os olhos redondos do corvo de vidro encontraram os meus, a cabeça hedionda parcialmente obscurecida pelos dedos anelados de Rawain. O Supremo parecia o mesmo da última vez que tive o azar de vê-lo. Um homem largo e fisicamente forte, apenas a mecha grisalha em seu cabelo preto e ondulado marcava sua idade. Ele exalava charme como pus de uma ferida, capturando os incautos em seu

rastro viscoso.

O outro interlocutor estava de costas para mim, mas mesmo que eu não tivesse ouvido sua voz, mesmo que não pudesse ver as ondas de cabelos prateados e espessos, eu o teria reconhecido apenas pelas costas. Eu havia passado horas estudando a largura daqueles ombros; contado os sulcos daquela espinha enquanto ela se curvava sobre um mapa. Invejava a maneira como ela se movimentava com graça, livre dos rangidos e estalos da minha.

Com um toque de diversão, percebi que estava mais acostumada a encontrar Arin pelas costas do que pela frente.

— Além disso — continuou Rawain —, pensei que a sua última visita às celas teria respondido a quaisquer perguntas persistentes.

Se eu já não estivesse olhando para as costas de Arin, não teria percebido a tensão percorrendo os seus músculos. Rawain inclinou a cabeça para Arin, e contive um tremor. Cada ação que eu admirava no filho se refletia de forma tão monstruosa no pai.

— Achei estranho que os Mufsids tivessem retido magia suficiente para se libertarem de suas amarras antes de chegarem à forca. Imagine a minha surpresa quando um guarda mencionou a sua visita à prisão poucas horas antes da execução. Impossível, pensei. Por que você visitaria as celas sem drenar a magia deles? Não é do seu feitio deixar tal detalhe escapar da sua mente.

— É difícil lembrar dos detalhes com um ferimento na cabeça — disse Arin, secamente. A frase ficou no ar, estranhamente carregada, e eu me lembrei do rastro de sangue escorrendo da têmpora de Arin na noite do ataque à Curva de Galim.

— É verdade — refletiu Rawain. — Imagino que você esperava que os prisioneiros fossem mais abertos com os seus segredos na véspera de suas mortes. Como sempre, você os honra mais do que merecem. Descobriu algo útil?

A batida que se seguiu reverberou em meu próprio peito, o segundo de hesitação de Arin desencadeou um brilho de descrença ao meu redor.

Poderia ser apenas o jeito comedido de Arin falar, pensei. Não significava necessariamente que ele estivesse escondendo algo do pai.

— Um deles me contou uma história — disse Arin. — Você estava certo, é claro, não havia nada de valor a ganhar.

Fiquei completamente imóvel, rivalizando com a árvore na qual me apoiava. Mais uma vez, Arin soou perfeitamente normal, mas a cadência de sua voz... a ausência de uma pausa pensativa entre as frases. Como se tivesse memorizado as palavras, ensaiado para aquela apresentação. Posso não ter nascida mentirosa, mas com certeza me tornei uma excelente. Sabia a maneira certa de moldar uma boa mentira, o melhor momento para contá-la. Nunca ouvira algo parecido do Comandante.

Belisquei o meu braço. Nada aconteceu.

Pelo túmulo contaminado de Rovial.

Arin estava *mentindo*.

— Acho que eu deveria ter considerado mais as suas preocupações — suspirou Rawain. — Sei que você só estava tentando encontrar respostas sobre aquela rata Jasadi.

Ha! Rata, eu? Eu esperava ter corrido pelo sótão dos seus pesadelos.

— O Mufsid levantou uma questão interessante — disse Arin, de forma equilibrada e imparcial.

— Ah é?

— Nós nunca recuperamos os estoques de magia que Palia e Niyar extraíram de seu povo, não é?

Tanto Rawain quanto eu paramos.

As rugas na testa de Rawain se suavizaram, os seus ombros se curvaram descontraidamente. O relaxamento fingido de um artista se alongando diante do palco. Se eu estivesse menos enojada, teria me

inclinado a tomar notas. Era *assim* que se contava uma mentira.

— Não, não recuperamos. Como poderíamos? Nenhum de nós sabia que os Malik e Malika estavam minerando magia até pouco antes da Cúpula Sanguinária. Eles vinham conduzindo a prática com o máximo sigilo, escondendo-a como acidentes de trabalho nas wilayahs do sul. Assim que o resto de nós soube de seus atos hediondos, convocamos a Cúpula.

— É claro.

— Quanto à magia extraída, ninguém sabe onde a esconderam. Pode ainda estar em algum lugar em Jasad. Magia extraída, na verdade, qualquer magia removida de sua fonte, não dura muito tempo sem uma força externa para ancorá-la. Nossos ancestrais lutaram arduamente para conter a profanidade dessa prática, Arin. Eu não procurei descobrir a magia extraída para que os outros governantes não sucumbissem à avareza.

— Entendo.

Rawain deu um passo em direção a Arin, e a base do cetro deixou uma marca perfeitamente redonda na terra.

— Espero que o Mufsid não tenha te perturbado.

— Não me perturbo com facilidade — disse Arin.

— Não, não se perturba — concordou Rawain, ainda observando o filho. — É isso o que me preocupa.

O momento se prolongou, tornando-se tão tenso que eu queria tremer. Eu sentia como se pudesse estender a mão e tocar Hanim, tamanha era a força com que a ameaça silenciosa de Rawain a invocava.

Uma terceira voz se inseriu na clareira.

— Desculpe interromper.

Wes! Sorri, tonta ao ver o guarda mais velho e sombrio. Quem diria que eu sentiria falta daquela carranca e daquela careca brilhante?

— Os suprimentos foram carregados e os cavalos estão prontos. Os

soldados aguardam suas instruções, meu suserano.

Rawain deu um tapinha no braço de Arin, e a ameaça desapareceu como a névoa em um dia quente de verão.

— Então, vá. Volte com as rotas comerciais abertas ou com a cabeça de Murib enfiada em um saco, não importa. — Rawain riu. — Quero que retorne são e salvo, Arin. Seus conceitos de honra não têm lugar em um momento como este. Se os seus soldados retornarem a Nizahl sem você, se cometer algum ato estúpido de bravura às suas próprias custas, enforcarei todos os homens, crianças e cavalos que permitiram que você fizesse isso.

Wes encarou Rawain, perplexo, mas a expressão de Arin não mudou. Um discurso que ele já tinha ouvido antes, deduzi.

O Supremo despediu-se do filho mais uma vez antes de atravessar as árvores a passos largos. Eu esperava que a carruagem que o aguardava do outro lado quebrasse e o jogasse de cara no leito pedregoso de um rio. A ira martelava as paredes do meu coração, e implorei ao meu corpo para relaxar antes que o resto do meu equilíbrio se desfizesse. O pânico finalmente havia diminuído, e eu preferia não dar à minha mente nenhum motivo para recomeçar.

— Senhor, devo...

— Espere.

Contei três longos minutos antes que Arin soltasse o ar, afastando-se do ponto onde seu pai havia desaparecido.

— Tenho um favor a lhe pedir, Wes.

— Meu senhor, não há favores entre nós. Sua vontade é uma ordem.

Arin ergueu a mão, interrompendo o guarda. A ânsia de Wes pareceu doer.

A obediência deve ser consciente, não instintiva. Mas por que Arin se preocuparia que a obediência de Wes pudesse ser instintiva? Ele fora o

guarda de Arin por metade da vida do Herdeiro. Se alguém conhecia Arin, se alguém o seguiria pela força de sua liderança em vez da força de seu sangue, esse alguém era Wes.

— Não, não. O que lhe peço ultrapassa os limites do seu dever para comigo. Coloca em risco sua vida e liberdade. Se não quiser atender a este pedido, não o terei em menor estima.

Eu provavelmente parecia tão perplexa quanto Wes. O guarda se mexeu, os nós dos dedos deslizando sobre o colarinho. Nos túneis de treinamento, eu havia notado como os guardas de Nizahl usavam as suas insígnias exclusivas em diferentes partes do uniforme. Jeru mantinha a sua escondida sob a aba do bolso do peito. Wes, na gola da camisa. Ren usava a sua na parte interna da manga. Vaun usava o broche no peito; lembrei-me de o ter arrancado do seu uniforme quando lutamos.

— Pergunte, meu suserano. Minha resposta será minha.

Senti um arrepio no estômago ao ver a rigidez do perfil de Arin. Seja qual for a tarefa, ele se recusava veementemente a pedir a Wes.

— Não consigo descobrir onde eles estão — disse Arin apressadamente, meio derrotado, meio irritado. — Passei dias vasculhando os meus mapas, mas eu os teria sentido. Deveria tê-los sentido.

Eu me inclinei para frente, esforçando-me para ouvir.

— Suspeito que, após nossa conversa, meu pai possa fazer um desvio para as minas antes de retornar à Cidadela. Espero estar errado. Espero mesmo. — Arin ficou em silêncio, sua luta palpável.

— Não tenho tempo para explicar a mineração mágica, nem acredito que seja do seu interesse saber os detalhes. Basta que entenda que essas minas eram usadas por Malika Palia e Malik Niyar para armazenar a magia que eles drenavam do povo Jasadi... a magia que meu pai e o resto dos reinos dividiram secretamente entre si, em uma prática quase tão antiga quanto as florestas em que vivemos.

Se eu tivesse dúvidas sobre a ausência da minha magia durante essas aparições para Arin, esse momento teria confirmado isso. Se eu tivesse minha magia, a árvore que suportava meu peso estaria em chamas. Na verdade, todas as árvores ao meu redor estariam em chamas, e eu espalharia o inferno até que ele alcançasse o Supremo Rawain e o carbonizasse vivo.

Tentei lutar contra o rugido em meus ouvidos. O Supremo Rawain, a Rainha Hanan, o Rei Murib, a Sultana Bisai... todos eles haviam negociado a magia que meus avós extraíam das wilayahs inferiores? Haviam participado da mesma prática pela qual incendiaram o nosso reino?

Quaisquer ilusões que eu tivesse sobre os meus avós foram efetivamente destruídas ao longo do Alcalah, mas este era um nível completamente diferente. Gedo Niyar e Teta Palia não apenas assassinaram o nosso próprio povo e redistribuíram a sua magia para as já ricas wilayahs superiores, como também a entregaram a Omal, Orban, Lukub e Nizahl? Para negociá-la como joias ou terras?

E o que Arin quis dizer com "essa era uma prática antiga"? Uma prática antiga de Jasad ou de todos os reinos? Doce Sirauk, há quanto tempo isso acontecia?

Eu não estava em condições de refletir sobre essa revelação, e já sentia as minhas entranhas se contraindo, o vazio sem fundo do meu pânico se agitando. A calmaria anterior devia ser uma falsa calma. Pressionei os nós dos dedos contra a boca antes que Arin me ouvisse ofegando como um peixe encalhado.

Arin olhou para seu guarda por um longo momento.

— Quando meu pai partir, quero que você o siga.

O motivo da solenidade de Arin me escapou por um minuto a mais do que o de Wes. A compreensão tomou conta do homem mais velho. As rugas em sua testa se suavizaram.

Calmo demais para alguém que tinha acabado de ser condenado à morte.

Se Wes tivesse sorte, espionar o Supremo o levaria à prisão e à execução como traidor. Se tivesse menos sorte – se Arin estivesse certo e Rawain planejasse deixar os terrenos da Cidadela para verificar a segurança de minas mágicas altamente ilegais –, ser pego significava que Wes nunca mais retornaria a Nizahl. O guarda não teria permissão para viver o suficiente para enviar uma mensagem ao seu Comandante.

Wes ajoelhou-se diante de Arin e cruzou as mãos sobre o joelho dobrado.

— Eu sirvo você, Arin de Nizahl, livremente e por minha própria vontade. É minha honra e meu dever, seja qual for o resultado.

Arin segurou o braço de Wes, puxando-o de volta para se levantar. Ficaram assim, de braços dados, com uma vida inteira pairando entre eles.

— Não seja pego — disse Arin.

Wes sorriu brevemente.

— Não serei.

— Obrigado, Wes.

Eles se separaram, e Wes lembrou Arin da prontidão de seu regimento para partir antes de se despedir. Nós o observamos partir.

Eu descansei minha testa contra a árvore, fazendo uma careta ao sentir a seiva seca na casca. Parte de mim queria seguir Arin até o acampamento dos soldados, mas de que adiantaria? Eu sabia para onde eles estavam indo e podia arriscar um palpite sobre quantos o acompanhavam. De muitas maneiras, essa visita foi uma grande bênção – se Arin estava indo para Orban para persuadir Murib a abrir as rotas comerciais, então eu poderia prever seu caminho e garantir que o nosso não se cruzasse com o dele.

Eu deveria me sentir feliz. Deveria sentir qualquer coisa além do

aperto horrível no estômago. O pânico derretido no meu peito, queimando-me sem parar.

Eu precisava me recompor antes que Namsa viesse me buscar para a jornada. Eles não podiam me ver assim. Eu mal tinha começado a encontrar meu lugar entre eles, a me sentir como uma verdadeira líder. Desmoronar por causa de algumas veias? Porque havia uma pequena, *minúscula* chance de que, quando as algemas fossem removidas, o súbito ressurgimento da magia em meu corpo, após uma vida inteira de supressão, tivesse acelerado os sintomas da loucura mágica?

Em um segundo eu estava sozinha e no outro, os meus ombros enrijeceram sob a ponta afiada de uma espada.

CAPÍTULO 26



SYLVIA

Não vacilei, a árvore e a sua seiva seca eram as únicas testemunhas do meu sorriso cansado.

— O que me denunciou?

— Vire-se.

Revirei os olhos. Pelo menos ele me agraciou com a fala desta vez. Eu não tinha certeza se conseguiria tolerar outra interação maldosa e sem palavras.

— Se importa em tirar sua espada? Não vou girar na ponta dela como um porco no espeto.

Depois de um segundo, a pressão entre os meus ombros desapareceu. Respirei fundo, com a intenção de me fortalecer, mas a sensação caiu desajeitadamente atrás das minhas costelas, recusando-se a se dissipar. Eu ainda estava no auge do pânico que me trouxera até ali, e qualquer ar que tentasse inspirar flutuava no meu peito como óleo derramado sobre a água.

Apertando o cobertor mais perto de mim, encarei o Comandante sombrio, erguendo uma sobrancelha irônica.

— Não te ensinaram etiqueta de cumprimentos na escola de Herdeirinho? Talvez, em vez de me prender à parede ou me apresentar à sua infinidade de lâminas, você pudesse tentar dizer olá.

Eu teria tido resultados mais satisfatórios provocando uma rocha. Com a espada ainda erguida entre nós, Arin me estudou, com os olhos percorrendo as minhas pernas expostas e o cobertor de lã vermelho e preto enrolado em meu corpo nu. Olhos azuis invernais encontraram os

meus e os mantiveram firmes. Meu coração, já em ritmo acelerado, começou a bater forte. Arin sempre possuiu uma capacidade extraordinária de enxergar através de mim. Não importa o quão ensaiada fosse a mentira ou refinada a performance, eu não estava com vontade de ser conhecida hoje.

Retribuí a atenção na mesma moeda. Cabelos prateados estavam presos atrás da cabeça, os fios finos escapando do cativeiro e se curvando como luas crescentes ao redor das maçãs do rosto. O hematoma em sua têmpora havia passado de azul e preto para um amarelo suave, e meu olhar vagou pela coluna perfeitamente rendada de seu colete até onde os cortes que eu havia feito com meus dedos haviam sangrado. Eles haviam cicatrizado o suficiente para ele cavalgar até Orban?

Ele usava seu famoso casaco preto, com pequenos corvos bordados em violeta nas mangas e a bainha chegando perto do topo de suas botas.

A própria imagem de poder e autoconfiança. Cada detalhe criado com perfeição imaculada. O tipo de líder que vivia em lendas.

Minhas mãos se curvaram no cobertor. Talvez a minha magia não tivesse me trazido ali para ouvir a conversa de Arin com Rawain. Talvez quisesse me provar o quão baixo eu era em comparação ao Herdeiro de Nizahl; sua vida inteira de submissão às suas responsabilidades, erguida como um espelho para refletir as minhas próprias costas curvadas.

Ocupada em mergulhar no turbilhão da minha cabeça, levei um segundo para perceber que Arin estava falando.

— O quê. Aconteceu. — A pergunta, se é que se podia ser chamada assim, saiu arrancada de entre os dentes.

— O que aconteceu com o quê? — Ele provavelmente queria saber o quanto eu tinha ouvido ou como o encontrei. Ele acharia irritante se eu dissesse: *Minha magia decidiu me trazer aqui* ou acharia tão assustador quanto eu?

A espada mergulhou na terra ao meu lado. O golpe foi tão rápido

que levei vinte segundos inteiros para perceber o cabo vibrando a centímetros da minha direita.

Um arrepio percorreu o meu pescoço. Todo o meu treinamento, todos os meus anos com Hanim. Inúteis.

Se Arin e eu lutássemos – lutássemos de verdade –, eu não sairia vitoriosa. Ele nunca me mostrou toda a extensão de sua habilidade, nunca exerceu os limites de sua força na minha presença.

Eu provavelmente teria tentado matá-lo com mais afinco se ele tivesse feito isso.

Ficou claro por que Arin havia se desarmado quando deu um passo à frente.

— Seus olhos estão vermelhos e sua respiração está curta. Você consegue acompanhar o que eu digo, mas a sua mente está divagando. — Seus lábios se apertaram. — Já vi você assim antes.

Impossível. Eu jamais o teria deixado testemunhar o meu momento mais vulnerável, principalmente naqueles primeiros dias. Talvez depois, mas durante...

O olhar do Herdeiro de Nizahl me encontrou através da penumbra do corredor. Há quanto tempo ele estava ali?

— Você voltou? — ele perguntou.

— Eu nunca fui embora. — Rouca, como se eu estivesse gritando em vez de ficar sentada em silêncio no chão.

— Sim, você foi.

Certo. Soltei um riso amargo. Eu tinha me esquecido do meu ataque no corredor depois de descobrir que um dos testes aconteceria em Nizahl. Arin já tinha me visto quebrar tantas vezes, de tantas maneiras diferentes. Se quisesse, o Herdeiro de Nizahl poderia puxar um único ponto e me desfazer. Eu havia dado ao meu inimigo os planos para a minha destruição.

— Vai passar — respondi. — Sempre passa. — Mesmo que a cada

vez isso exigisse mais de mim.

Os meus ombros ficaram tensos, preparados para que ele perguntasse o que havia causado aquilo. Preparados para mentir, prevaricar e nos expulsar da primeira conversa que tivemos sem as brasas da raiva entre os nossos pés, ameaçando arder.

Eu tinha ficado ausente por tempo demais. A singularidade da atenção de Arin, seu foco inabalável, me desconcertou quase tanto quanto naquelas primeiras semanas nos túneis.

— Por que você está nua?

Olhei para o cobertor, perplexa. De repente, o absurdo da situação me atingiu, e tive que morder o lábio para conter o riso. Minha magia me jogou mesmo, nua e a caminho de um verdadeiro colapso, na Floresta Essam. No caminho de Arin.

— Alguém... — Arin fez uma pausa, e o meu lampejo de humor se dissipou. Eu raramente me lembrava de ver o Herdeiro de Nizahl lutando para encontrar as palavras. Ele fechou os olhos. Quando os reabriu, fragmentos gélidos de intenção mortal me atravessaram. — Você está nua por vontade própria ou por vontade de outra pessoa?

Levei mais tempo do que deveria para entender. Arin havia se apoderado da minha nudez e do meu estado mental e chegado a uma conclusão horrível. Tirei a mão do cobertor e a acenei em veemente negação.

— Não, não! Ninguém tentou me forçar a fazer nada. Estou nua por vontade própria.

O alívio derreteu os contornos rígidos do seu rosto. Ele soltou um suspiro pesado, enquanto eu corava com o potencial duplo sentido das minhas palavras.

— Para esclarecer — acrescentei, sentindo-me incrivelmente absurda —, eu não estava envolvida em nenhuma atividade onde a nudez seja esperada ou costumeira. Não que você *precise* estar nu para

participar dessas, hum, atividades. De qualquer forma, eu não estava. Participando, quero dizer. De nenhuma atividade.

— Mas *havia* atividades? — perguntou Arin, com uma expressão séria.

— Não, nada de atividades! Eu estava sozinha e com a intenção de continuar assim. Eu... por que você está sorrindo?

Os cantos da boca de Arin se curvaram para cima. O humor em seu sorriso, embora invocado às minhas custas, se espalhou por mim como mel quente. Eu não achava que veria isso outa vez.

— Você mentiu para seu pai — eu deixei escapar.

Por que aproveitar um momento quando eu era tão boa em arruiná-los?

Por mais que eu odiasse o ressurgimento da cautela que apagava as feições de Arin, eu teria odiado ainda mais se minha magia me levasse de volta sem a oportunidade de entender o que eu havia testemunhado entre o Herdeiro e o Supremo.

— O que o Mufsid lhe disse? — insisti. — Eles foram executados no dia seguinte à Curva de Galim, então, se você o viu na noite anterior à execução, deve tê-lo visitado logo depois que eu o vi. Você perguntou a ele sobre a fortaleza?

Arin não recuou, mesmo quando me aproximei. Tão perto, a sua beleza me atingiu como um soco no estômago. O choque posterior se transformou em uma percepção desagradável da minha própria aparência desgrenhada.

Isso tornou meu tom mais áspero do que o necessário.

— Diga-me, Arin de Nizahl. Como é a sensação de duvidar?

A fúria tomou conta de Arin, cortando suas feições cuidadosamente plácidas como um relâmpago no céu azul claro.

— Você acha que a dúvida é novidade para mim?

Abri a boca e não consegui encontrar nada. A resposta devia estar

estampada no meu rosto, pois um músculo da mandíbula de Arin se contraiu.

— Apesar de todos os horrores que viveu, *Essiya de Jasad*, você não entende nada do que significa liderar. Tudo o que eu faço é duvidar. De mim mesmo, dos outros, da própria realidade que ocupamos. Todos os dias, encaro os fatos como os entendo e faço uma escolha. Quando esses fatos mudam, faço uma escolha diferente. A dúvida me força a confrontar o que sei e reavaliá-lo conforme as circunstâncias exigirem. No dia em que eu parar de duvidar, no *momento* em que me submeter à conveniência em vez da clareza, rezo para que a minha coroa enferruje em minhas mãos.

Foi a segunda vez que ouvi Arin falar tanto de uma só vez. Nossos olhares se encontraram e se mantiveram firmes. Duas espadas travadas no campo de batalha, nenhuma delas disposta a ceder.

— Você diz "fatos" como se a palavra significasse alguma coisa. Eu já lhe disse antes, meu suserano: a vida não é uma equação que se pode calcular repetidas vezes. Nem toda escolha será perfeita, mas você ainda precisa fazê-la. — Balancei a cabeça. — Se você permitiu que a dúvida se transformasse em indecisão, a sua coroa já enferrujou.

Os olhos de Arin se estreitaram, mas me mantive firme. Tínhamos atirado as nossas adagas, e não restava nada a fazer a não ser ficar ali, sangrando.

Infelizmente, eu tinha esquecido que nenhum ferimento poderia imobilizar Arin.

— Quem é Hanim?

Pisquei, com a respiração presa nos pulmões. Ah, mas quase funcionou. O nome de Hanim foi *quase* o suficiente para destruir a trajetória dos meus pensamentos, para me deixar desorientada e perplexa.

Teria funcionado se eu não o tivesse visto usar a mesma tática

contra o seu pai.

— Que Mufsid tagarela você achou. — Recostei-me na árvore, o cobertor apertando o meu corpo enquanto cruzava os braços sobre o peito. — Duvido que ele se lembrasse dela com muito carinho. Hanim foi a líder deles por um tempo, sabe. Antes do exílio dela por conspirar com o seu pai contra a coroa Jasad, embora eu imagine que você não tenha encontrado esses registros. O Supremo Munqual fez de tudo para encobrir os delitos de Rawain quando ele era o Comandante.

Seu silêncio se prolongou. Era mais uma de suas táticas, convidar a outra pessoa a continuar falando até que ele tivesse o que precisava ou ela se incriminasse. Historicamente, isso funcionava com um sucesso vergonhoso contra mim.

Vários fios escaparam da minha trança, cachos esvoaçando perto das minhas orelhas e fazendo cócegas no meu pescoço. Tentei prendê-los e quase deixei o cobertor cair.

Maldito seja.

— Aposto que o Mufsid culpou Hanim pela queda da fortaleza. Uma ironia, se quer saber. Hanim não saqueou Usr Jasad. Ela pode ter escrito o falso encantamento, mas quem o leu? — Eu me perguntei o quanto Arin sabia sobre o que havia acontecido do outro lado da fortaleza no dia em que ela caiu. Foi só com a visão de Soraya que descobri que Usr Jasad havia caído diante da fortaleza, devastada pelas mãos de seu próprio povo. — Soraya estava trabalhando para Hanim, aliás. Elas estavam envenenando minha mãe na Torre Bakir e fazendo parecer que era um problema mental dela.

Ao ouvir o nome de Soraya, o rosto de Arin ficou curiosamente imóvel. Minha antiga criada era a mesma mulher que lhe dera o cicatriz em seu pescoço. Ela havia conseguido o impossível e se infiltrado na Cidadela sob uma identidade falsa, mas em vez de atacar Rawain, tentou matar o seu filho adolescente. Eu ainda não entendia o porquê; se

estivesse no lugar dela, teria enfiado o cetro de Rawain no outro lado do crânio dele enquanto podia.

Apesar da suntuosa tentação que eu lhe propus, Arin não mordeu a isca. Parecia que ele havia atingido seu limite de conversa humana naquele dia.

— O que eu sei com certeza é que seu pai esperava que ela caísse. A Cúpula Sanguinária, a marcha sobre Jasad, a fortaleza... ele planejou cada momento, levou em conta cada detalhe. Aquele homem era um artista da destruição. Eu quase admiro isso.

— É assim que você se diverte? — Meu triunfo em tirá-lo do seu círculo de silêncio desapareceu depressa. Sua voz permaneceu nítida e irritantemente neutra, como se os meus insultos fossem tão insubstanciais quanto uma gota de chuva batendo na superfície de um rio. — Você fica acordada à noite e corre nos mesmos círculos de suspeita até se cansar?

A mesma estratégia, mas aplicada com muito mais sucesso. Ele queria provocar, perturbar. Nesse ritmo, provavelmente conseguiria muito mais rápido do que eu, então pressionei a língua contra o fundo dos dentes e reavaliei a minha abordagem.

Havia um método que ele não esperava. Uma frente onde as nossas armas ainda não haviam cruzado, onde os nossos movimentos ainda não haviam sido mapeados.

Anos de proximidade com Marek me atingiram em um instante. Deixei a minha cabeça pender contra a árvore enquanto o cobertor deslizava sobre os meus ombros nus, e torci os lábios em um sorriso provocador.

— Não tenho nada melhor para me cansar à noite. Como sugere que eu me divirta, Vossa Alteza? — A pergunta surgiu baixa e convidativa.

Quando Arin me encarou, momentaneamente pasmo, minha risada

soprou um hálito frio sobre as últimas brasas de pânico que ainda tremulavam em meu peito. Cruzei as pernas na altura dos tornozelos, e o cobertor se abriu ao redor dos meus joelhos. O olhar de Arin se voltou para minhas panturrilhas, e eu me lembrei tardiamente das veias. Felizmente, a da minha perna direita subia pela parte de trás da panturrilha. Fora de vista.

O lembrete me jogou um balde de água fria. Seria um desastre absoluto se Arin descobrisse as veias. Se a conversa que presenciei entre Rawain e Arin fosse alguma indicação, o Herdeiro de Nizahl havia ultrapassado os limites e entrado em um território de perigo indizível.

Arin começou a questionar o Supremo.

Descobrir que minha magia estava manipulando as minhas memórias, suplantando a minha vontade e deixando rastros por todo o meu corpo? Só havia uma conclusão a que Arin chegaria, e por que não? Eu não tinha outra conclusão a oferecer. Nenhuma outra explicação para o porquê de minha magia e eu interagirmos como estranhas que ainda não haviam decidido se a outra lhe queria mal.

— Você passou tanto tempo se preocupando com o lugar onde estamos escondidos — eu disse. — Talvez você devesse ter passado um pouco se preocupando com o que seu pai está escondendo bem debaixo do seu nariz.

Um grito distante ecoou por entre as árvores.

— Vossa Alteza!

Inclinei a cabeça em direção ao som.

— Seus homens o aguardam, meu senhor.

Arin não olhou na direção de seu acampamento. Com um de seus passos longos, a distância entre nós de repente diminuiu. Assustada, tropecei na árvore e caí sobre a espada que ele havia cravado no chão.

Duas coisas aconteceram ao mesmo tempo. O cobertor, que escorregou quando tentei pegar o punho da espada, foi agarrado por

uma mão enluvada. Antes que eu pudesse cair no chão, o outro braço de Arin envolveu minha cintura, puxando-me para seu peito.

Pressionada contra ele dos ombros aos joelhos, contei as subidas e descidas de seu peito como se fosse minha própria respiração passando por ele. Por fim, inclinei o queixo para trás, encontrando o olhar paciente acima de mim.

— Aí está você. — Sua risada roçou a minha testa, enviando calor correndo pela minha pele. — Quer as minhas sugestões sobre como se divertir?

Agarrei as suas lapelas, visceralmente ciente do roçar do couro na minha clavícula, onde ele segurava o meu cobertor no alto.

— Tenho algumas ideias sobre o assunto. — O tom sedoso me fez arrepiar.

Eu não deveria ter oferecido esse novo ângulo ao nosso jogo, não quando eu tinha tantas chances de perder. Só de ficar pressionada contra Arin, meu coração aparentemente decidiu que o interior do meu peito não era mais sua residência preferida e estava tentando escapar batendo forte contra minhas costelas.

Como se pudesse ler todos os pensamentos que se agitavam na minha cabeça, um sorriso lento se formou nos lábios de Arin. Eu podia sentir cada alça do colete dele contra o meu peito. Tive a sensação de que, se deixasse o cobertor cair, poderia encontrar suas marcas costuradas na minha pele.

Ele achava que estava ganhando.

O pensamento me fez voltar a mim mesma, me irritando. A sedução podia não ser tão natural para mim, mas, afinal, sedução raramente funcionava com Arin. Quantas histórias eu já tinha ouvido em Mahair sobre a rejeição do Comandante de Nizahl a membros da realeza perfeitamente adequados ou às mulheres mais cobiçadas da temporada? O controle de Arin sobre si mesmo era implacável. Ele não se dava

espaço para erros. Enquanto permanecesse tenso, ninguém jamais conseguiria encontrar um fio que o desvendasse.

Lembrei-me dos comentários sarcásticos que fiz a Jeru e Wes enquanto eles me escoltavam até os túneis de treinamento.

Ai, meu Deus, você achou que a luxúria *venceu o seu Herdeiro?* Minha risada cáustica. *Você está chamando o seu Comandante de frígido?*

Apesar da firmeza dos nossos corpos, estendi meu braço para agarrar seu queixo e puxar seu rosto em minha direção.

Ele não ofereceu resistência. Deixou-me prender seu queixo na minha mão, com os olhos absortos nos meus.

O que eu entendia de desejo não encheria o olho de um dedal, mas sabia que o meu não era como o que Marek descreveu ou o que as garotas do castelo elogiavam. Eu queria sentir o gosto do seu pulso e traçar a curva acentuada do seu quadril. Queria a sua língua com ponta de veneno e seu cabelo banhado pela lua, as minhas unhas em suas coxas e meus lábios em seu pescoço.

Mas eu também queria me aninhar em seu peito até que o resto do mundo ficasse escuro e silencioso. Estava perdendo a batalha contra o meu medo, murchando sob a força da minha incerteza. Eu lutava sozinha desde os dez anos de idade, e a ideia de confiar em outra pessoa para lutar por mim, para lutar ao meu lado... a força do meu desejo me despedaçou, expôs cada rachadura e cicatriz onde o mundo havia dado um golpe.

— Volte, Suraira. — Arin inclinou o queixo em minhas mãos. Algo percorreu minha espinha quando o canto de sua boca roçou meu polegar, seus lábios macios demais para um homem que raramente os usava para outra coisa além de esculpir punhais em todas as conversas. — Você está se escondendo de novo.

Suraira. Eu tinha dois nomes, mas Arin escolheu me batizar com o nome de um demônio Nizahlano do azar que, segundo dizem, assombra

a ponte Sirauk e atrai os incautos para a morte.

Dei uma risada rouca e, com uma força considerável, me recompus. Talvez um dia eu pudesse descansar atrás da armadura de outra pessoa e confiar que ela me manteria longe do mundo, mas não seria hoje.

— Me esconder é o que eu faço de melhor. — Dei um sorriso. — Você e o seu oceano de mapas ainda não me encontraram.

Ele me lançou um olhar malicioso.

— É isso o que você pensa?

— É o que sei. Você pode tentar me rastrear até que o meu cabelo fique tão prateado quanto o seu, mas se pudesse me encontrar, já teria me encontrado. — Deslizei a mão do seu queixo até a nuca.

Arin engoliu em seco e, por um segundo, me perguntei se ele alguma vez quis descansar atrás da armadura de outra pessoa. Se algum dia confiaria em mim para manter o mundo à distância.

— Por que eu deveria me dar ao trabalho de te rastrear quando só preciso esperar? — Ele pressionou as palavras contra minha têmpora. — No momento em que deixar as montanhas, você será minha.

CAPÍTULO 27



MAREK

Coberto de fuligem e restos de um zulal destroçado, Marek ganhou um novo respeito por Sylvia.

Mesmo com centenas de soldados ao seu lado, lutar contra as criaturas que infestavam a Curva de Galim havia exigido cada gota de suas forças. O fato de Sylvia ter lutado sozinha em Dar al Mansi, carregando apenas um machado e uma adaga? Ah, e Al Anqa'a também não havia sido convenientemente incapacitado por ela.

Graças aos Awaleen, ele e aquela garota estavam do mesmo lado.

A carroça bateu em um buraco, empurrando o grupo que estava na traseira. Marek gemeu quando seu braço machucado atingiu a lateral da carroça. A Curva de Galim o havia destruído. Buracos crivavam as suas botas, o couro corroído pelo sangue corrosivo do nisnas. Seu cabelo estava pingando com uma variedade de órgãos estripados.

Não demoraria muito para que ele caísse em um banho quente e em uma cama quentinha. As cidades altas haviam aberto as suas casas para alguns dos recrutas enquanto a recuperação na Curva de Galim continuava. Vários dos recrutas mais experientes ficaram irritados ao saber que Marek fora designado para o mesmo quarteirão de casas nobres que eles.

— Quem te mandou para *esta* vizinhança depois de você ter sujado as botas de lama apenas uma vez? Sua mãe deve ter deixado uma pena perto da ponte para você — resmungou Zane, dando-lhe um tapinha um pouco forte demais no ombro. Marek não entendeu a referência, mas compreendeu o sentimento geral.

A estrada se aplainou sob eles. A conversa cessou quando o luar

desapareceu atrás de casas mais imponentes do que Marek vira em muito tempo. Jardins verdejantes cresciam ao lado de entradas imaculadas, cada degrau atrás de seus portões de ferro forjado brilhando com pastilhas de vidro incandescentes. Lamparinas a óleo queimavam sobre imponentes muros de pedra, iluminando as placas douradas na frente de cada portão que declaravam o nome da casa, muitos dos quais Marek reconheceu como dignitários famosos da Cidadela.

Os soldados foram embora um a um. Marek permaneceu na carroça enquanto passavam por propriedades decadentes que ocupavam a mesma área de uma vila Omaliana de tamanho considerável.

Por mais desconfortável que se sentisse com tais demonstrações ostensivas de riqueza após o massacre na aldeia mais pobre do reino, uma pequena parte de Marek... relaxou. Por muito tempo, este fora o seu mundo. Embora preferisse passar o resto da vida em uma tenda com Sefa a passar uma única hora em sua antiga casa, às vezes sentia falta daqueles dias de luxo.

Até que se lembrou do custo.

Aqueles nomes esculpidos em cada portão? Os Lazur também tinham um. Eles haviam envernizado os seus com o sangue dos irmãos de Marek: Amira, Hani, Binyar, Darin. A pá do coveiro não teve a chance de sair do chão antes que o próximo corpo Lazur chegasse.

Que tragédia para os pais deles que o filho mimado, covarde e vaidoso tenha sido o único sobrevivente. Não deveriam ter se precipitado em transformar os outros filhos em heróis. Talvez tivessem percebido que o caçula nascera com um déficit de bravura. Se fosse para morrer como herói ou viver como covarde, Marek faria o que fosse preciso para se manter na superfície.

A carroça parou bruscamente.

— Fora — gritou o cocheiro.

Marek se desvencilhou do devaneio. A casa em frente à qual o

cocheiro parou não podia ser a certa. Era a última do bairro e, de longe, a mais magnífica.

— Fora! — Uma sacola de lona bateu em seu peito.

— Calma! — Marek agarrou a bolsa com as suas escassas fortificações noturnas e saltou da carroça. O cocheiro mal esperou que as botas de Marek tocassem o chão antes de estalar as rédeas.

Marek olhou incerto para o longo caminho até a frente da mansão. Havia mais vísceras cobrindo-o do que os baldes nos fundos de um açougue.

O nervosismo tomou conta de seu estômago enquanto batia na porta. E se quem esperasse do outro lado reconhecesse Caleb Lazur? Ele deveria ter parado para olhar a placa de identificação no portão... haveria tempo suficiente para voltar correndo e verificar?

Uma mulher, aproximadamente um ou dois anos mais nova que Marek, abriu a porta. Cabelos ruivos flamejantes caíam em cascata sobre os ombros, envolvendo o seu corpo esguio como o sol brilhando no horizonte. Sardas beijavam as suas bochechas. Uma boca sobre a qual Marek poderia escrever poemas se abriu em um sorriso.

O nervosismo de Marek se dissipou em um sorriso lento. Uma bela mulher o encarava com olhos arregalados de curiosidade. Território familiar, finalmente.

— Olá, soldado. Bem-vindo à nossa casa.

Ela se afastou, e Marek não tirou os olhos dela ao cruzar a soleira.

— E que casa linda — disse Marek. Ele se importava, pois eles poderiam estar no meio de uma fossa séptica.

Uma multidão de criados surgiu do nada, limpando-lhe o casaco imundo e limpando a lama grudada no cabelo. Um acesso de timidez abafou a confiança momentânea da moça, que apontou para a escada sem levantar o olhar para Marek.

— Os criados o acompanharão até os seus aposentos. Assim que

tiver a chance de se refrescar, por favor, junte-se a mim e à minha mãe na sala de estar. Temos um bolo delicioso preparado para você.

Antes que Marek pudesse dizer o nome da moça, ele a perdeu de vista no meio da multidão de criados. Eles o levaram pela mansão até um quarto vazio, onde foi despido e esfregado quase até os ossos.

Depois que Marek ficou completamente limpo, abotoou a sua camisa branca em uma calça preta de cintura alta e amarrou as pontas de couro de seus suspensórios nas presilhas do cinto.

Marek sorriu ironicamente para o espelho. Sulor, o líder de seção do complexo, ordenara que Marek cortasse o cabelo no comprimento ideal, mas Marek convencera o barbeiro a deixar um pouco mais. Fios dourados caíam sobre a sua testa. Sua pele brilhava, tendo sobrevivido milagrosamente ao tecido da cama do complexo. O hematoma em seu queixo, embora não fosse a lesão mais atraente de sua nova coleção, lembraria aos anfitriões os esforços nobres e corajosos de Marek em nome deles. (Não importava que ele tivesse ficado com o hematoma ao tropeçar em uma cesta e bater o queixo na fivela de uma sela.)

O criado do lado de fora da porta de Marek o conduziu até a sala de estar. A decadência cobria cada faceta das acomodações temporárias de Marek, desde as centenas de luminárias bruxuleando em cômodos vazios até os tapetes e cortinas tingidos em mais tons de violeta e preto do que jamais deveria existir em um só lugar. Marek passou por uma porta de aço com a insígnia de Nizahl e fez uma careta ao ver o corvo dourado voando entre as duas espadas em choque.

Duas pessoas estavam à sua entrada. Uma era a moça que o recebera na porta. A outra mulher tinha feições semelhantes às da primeira, mas trazia consigo o toque carinhoso da idade. Mechas grisalhas marcavam o seu curto cabelo ruivo, emoldurando o queixo afilado e o arco dos lábios.

Marek não conseguia acreditar na sua sorte. *Passei pela morte e a*

eternidade me recebeu com felicidade.

Ele pegou a mão da anfitriã e se curvou, tocando levemente os lábios na aliança de casamento dela.

— Minha senhora. Eu me maravilhei com o privilégio de ser hospedado na casa mais linda de Nizahl e agora você me concede sua companhia? O sangue que derramei no campo de batalha não vale metade dessa honra.

— Deixe a formalidade na porta, soldado. Pode me chamar de Mira. — As ordens saíram com naturalidade, tão cerimoniosas quanto o resto de sua propriedade. — Você já conheceu a minha filha. Gigi, você disse olá?

— Olá. — Gigi corou. Adorável.

Marek também beijou a mão dela e se endireitou com um sorriso.

— É um prazer.

Já houve algum dilema mais delicioso? Se Marek fosse um homem mais inteligente, seu olhar permaneceria na filha. Ele a persuadiria sutilmente a sair de sua concha com uma mistura de humor e atenção absorta e, quando chegasse a hora de se retirar, se limitaria a um beijo em sua bochecha e um gentil boa noite.

Mas Mira ergueu uma sobrancelha para Marek, apontando para a cadeira em uma ordem silenciosa, e Marek ficou perdido.

Ele quase podia ouvir Sefa persuadindo-o. Ela o chamaria de um obsessivo de joelhos bambos que não conseguia resistir a um sorriso bonito. Ela perguntaria se ele havia desenvolvido um gosto pelos punhos de maridos traídos. *A única característica que todas essas mulheres compartilham é sua indisponibilidade*, Sefa repreenderia. *Quando você encontrará alguém que possa amá-lo da maneira que você merece?*

A resposta era nunca. Enquanto Marek respirasse, ele pertencia a Sefa. Que mulher aceitaria ficar em segundo lugar? Marek nunca tratou suas amantes com crueldade. Ele não fingia oferecer seu coração ou

fingia interesse em um futuro em que não estivesse ao lado de Sefa.

Uma xícara fumegante de chá esverdeado passou para as suas mãos. Marek tomou um gole e, corajosamente, conseguiu não cuspir. O chá tinha gosto de grama picada e da semente pungente que Raya colocava no ensopado para temperar e esquecia de tirar antes de servir.

— Zangabeel — disse Gigi. — Acalma os nervos.

Marek se forçou a engolir.

— Então talvez eu precise de uma segunda xícara para relaxar e aproveitar a noite em tão adorável companhia.

A conversa com Gigi fluiu com facilidade. A garota era mais tagarela do que Marek imaginava, e ele concordava com mais frequência do que contribuía. À direita de Marek, o olhar de Mira permanecia fixo nele desde que ele se sentou. Um arrepio percorreu sua espinha. A caçada era sempre mais gratificante quando Marek se sentia caçado por sua vez.

Jeru não tinha ideia do favor que havia feito a Marek ao designá-lo para esse bairro.

O pensamento momentaneamente desviou a atenção de Marek. Ele perdeu o que Gigi disse sobre seu método favorito de esfregar para restaurar uma lâmina curta enferrujada.

Jeru não faria um favor a Marek. Ele o enviou para este bairro – esta *casa* – por um motivo.

— Minha senhora, se me permite a ousadia — disse Marek. — A qual nome familiar devo agradecer por minhas excelentes acomodações?

Mira arqueou uma sobrancelha.

— Você não verificou o portão? — Ela estalou a língua. — Suponho que o descuido seja perdoável nessas circunstâncias.

— Nosso nome familiar é Shinawy — Gigi respondeu, olhando feio para a mãe.

Quando a próxima rotação partir para se alojar nas cidades nobres, eu o

enviarei para a mansão Shinawy. Encontre a insígnia para mim e eu o ajudarei a encontrar Sefa.

Ao encarar o olhar inabalável de Mira, o sorriso de Marek assumiu um tom predatório. Apesar de toda a virgindade de Jeru, um aldeão abotoado, ele não hesitara em usar os talentos particulares de Marek para conquistar os corações – e as confidências – das nobres. Se Mira tivesse informações sobre a insígnia desaparecida do Cerco das Seis Auroras, Marek trabalharia incansavelmente até obtê-la. Ficaria acordado a noite toda se fosse preciso.

Assim que Gigi se retirou para dormir, a verdadeira diversão começou. Mira pegou a xícara de Marek, colocou-a com delicadeza na bandeja e sentou-se em seu colo.

— Temos uma grande dívida com você pelos seus esforços esta noite, soldado — murmurou Mira em seu ouvido.

Marek passou a mão pelos cabelos dela e apertou com mais força. Ele esboçou um sorriso na testa dela.

— Como você gostaria que eu cobrasse essa dívida? — Sua voz se transformou em um sussurro baixo.

Mira estremeceu. Com uma risada discreta, Marek beijou o canto da boca dela e murmurou:

— Prepare seus joelhos para mim, minha senhora.

Marek se levantou, com Mira agarrada aos ombros dele, os joelhos presos em seus quadris. Seguindo as instruções que ela dava entre mordidas em sua orelha e pescoço, ele se dirigiu aos aposentos dela no terceiro andar. Os criados que apagavam as velas desviaram o olhar educadamente.

Marek riu. Era sempre um prazer oferecer um boato suculento para a equipe.

A porta mal havia se fechado atrás deles quando Mira empurrou Marek contra ela. Ela arrancou os suspensórios de seus ombros e

desabotoou a camisa dele com a vingança de quem cumprimenta um velho inimigo.

— Paciência. — Marek segurou as mãos dela e as apertou contra o peito. — O tempo está do nosso lado. — Ele abriu um botão na parte de baixo, expondo uma parte da barriga.

— Ou... — Mira prontamente rasgou a camisa de Marek. Ela olhou para seu torso nu com uma fome que Marek achou profundamente lisonjeira e um pouco assustadora.

Marek não mantinha relações íntimas com ninguém desde o segundo teste do Alcalah. Foi o período mais longo de abstinência em anos.

Ele sentia tanta falta disso. A tensão em seus músculos derretendo sob um toque quente. As ondas de prazer, subindo e chegando ao topo, arrastando-o para as profundezas requintadas. A felicidade arrebatadora no rosto de sua parceira entusiasmada.

Mira tirou as alças do vestido e começou a desfazer a renda sobre os seios. Que grosseria da parte de Marek. Ele a interrompeu com um beijo de boca aberta.

— Permita-me.

Em minutos, as suas roupas estavam reunidas em uma pilha perto da porta, e Marek apertou as mãos de Mira enquanto a puxava para a cama.

Ele caiu em travesseiros infinitamente mais macios do que as atrocidades no complexo, que teriam quebrado o seu pescoço com o impacto se ele tivesse caído sobre eles com tanta força. A luz das velas projetava as suas sombras dançantes sobre as paredes. À luz delas, os cabelos flamejantes de Mira brilhavam.

Ela prendeu os pulsos dele acima da cabeça, com um sorriso malicioso nos lábios rosados. E Marek, que sempre soubera que seria um péssimo soldado, rendeu-se com facilidade.

CAPÍTULO 28

SYLVIA

Não havia nada que eu amasse mais nesta vida do que estar certa.

Gotas de água nos atingiam da cachoeira rugindo. Encharcado e com água até os joelhos na parte mais ao oeste do Rio Hirun, permiti que a vingança me aquecesse através das roupas úmidas.

— Eu *sabia* que era assim que vocês entravam e saíam das montanhas!

Lateef franziu a testa.

— Quando você esteve aqui?

— Quando ela tentou escapar — disse Efra.

— Quando Efra decidiu me ver afogar em vez de pedir socorro — eu disse ao mesmo tempo. A correnteza puxava suavemente as minhas pernas enquanto transbordava pela borda da abertura, juntando-se aos riachos que desciam em cascata em direção ao Mar Suhna.

— Quando o Sareekh a resgatou — Maia interrompeu, evitando os olhares furiosos que Efra e eu lançamos a ela.

A cachoeira jorrava atrás de nós, um dilúvio poderoso nos isolando da queda íngreme em direção ao mar. À frente, o rio serpenteava sob a montanha, subindo mais alto à medida que avançava. Em cerca de um quilômetro e meio, o nosso suprimento de ar provavelmente se reduziria a alguns centímetros acima de nossas cabeças.

Se as lendas sobre Hirun correndo sob as Planícies do Deserto fossem verdadeiras, a outra parte da história seria verdadeira? Esconder Hirun teria sido a punição de Rovial pelo ataque de Dania contra o seu reino? Os Orbanianos estariam sempre em seca, sempre dependentes de

riachos e córregos, porque o rio que nutria o resto da terra havia sido escondido deles.

— Vocês usam barco? — perguntei, olhando ao redor. — Ou algum de vocês sabe como ajudar o resto da gente a respirar debaixo d'água?

Uma das Urabi com quem eu não tinha interagido muito se adiantou e pigarreou. O rio ondulou ao redor dela, seis formas longas emergindo à superfície.

— Sobre isso — disse Kenzie.



— Pare de gritar! — implorou Maia. — Efra, você não pode acalmá-la?

Efra estremeceu.

— Eu te disse... não vou usar a minha magia nela. Quase a deixei me espancar até a morte no penhasco em vez de deixar a minha magia colidir com o tanque tóxico de poder que fervilhava dentro dela.

— Me *deixou* — sibilei. — Uma mariposa com as asas amarradas pode te espancar até a morte.

— Ela está histérica. Eu cuido disso — anunciou Medhat, levantando a mão para, presumivelmente, me bater.

Dois segundos depois, ele chiou, agarrando a garganta que eu acabara de socar.

— Essiya! — Namsa agarrou os meus cotovelos. Eu me opus a uma resistência simbólica, mas, falando sério, os meus gritos já tinham se transformado em xingamentos estridentemente há algum tempo, e eu não tinha a mínima vontade de acertar Namsa na garganta. — Não vai te machucar. Kenzie consegue controlar as feras do rio... é por isso que o trouxemos conosco, apesar de suas péssimas habilidades de luta.

Kenzie ofegou.

— Vou lutar com você agora mesmo, Namsa!

Os olhos de Namsa, tão parecidos com os de Dawoud, fixaram-se nos meus.

— Respire. Recomponha-se. Jamais colocaríamos você em uma posição em que pudesse se machucar.

O frenesi foi se dissipando aos poucos, deixando-me sem forças e envergonhada. Não me soltei de Namsa imediatamente.

— Ela nunca perdeu o controle sobre eles?

— Nunca.

Kenzie assentiu. Cruzou os braços finos como fusos sobre o peito, empertigando-se.

— Quero que saiba que eu fui a primeira domadora do rio na minha...

Falei por cima dela:

— E a magia dela durará até chegarmos ao palácio de Omal?

Kenzie bufou indignada, mas Namsa assentiu.

— Ela vem guardando a sua magia há semanas, então está cheia.

Isso teria que bastar. Finalmente me livrei de Namsa e recuei, me preparando antes de olhar para baixo.

Olhos bulbosos e fendidos me encaravam, pertencentes a sete crocodilos monstruosos com o dobro da largura do meu corpo e o triplo do seu comprimento. Fileiras de escamas duras cobriam suas costas, culminando nas ameaçadoras caudas. Cristas pontiagudas corriam em linhas paralelas entre os azulejos cinza e marrom de sua pele resistente. Tentei não estremecer ao ver os dentes que se projetavam de suas mandíbulas fechadas, longos demais para o espaço limitado de seus focinhos.

Expirei, enfiando a mão no casaco para pegar o diário de Binyar. A peça crucial daquela jornada, a evidência na qual os Urabi depositavam

as suas esperanças.

— Chegaremos a Omal em três dias. Ao palácio em cinco — disse Efra. Eu me irritei com seu tom sarcástico, desejando não ter deixado os meus pequenos kitmers pulando pela encosta do penhasco. — A menos que você queira passar semanas vagando pela Floresta Essam, é claro.

Não tínhamos semanas de sobra. Mesmo que tivéssemos, dividiríamos Essam com Arin. Cedo ou tarde, ele me encontraria. Ele sempre encontrava.

Ele me disse que viria me buscar assim que eu deixasse as montanhas, e acreditei. Nem fiquei surpresa ao saber que ele sabia onde eu estava. Arin era metódico, destrinchando um problema como Rory abria um sapo com a sua faca. Ele passara anos procurando pelos Urabi e Mufsids pelos reinos, pelas florestas. Só restava uma opção.

— Você tem um mapa das montanhas? — perguntei baixinho. — Um mapa detalhado?

— Tenho vários, mas estão longe de estarem prontos.

Ele sabia onde eu estava, só não sabia como chegar até mim.

Respirei fundo, forçando-me a estudar as criaturas mais uma vez. Um crocodilo chicoteou a ponta da cauda, lançando água em arco aos meus pés. Estremeci. Eu havia montado no Sareekh. Aqueles crocodilos mal tinham o tamanho de uma das escamas do Sareekh. E, no entanto...

Estremeci e me virei para Medhat. Conheci o homem por um momento no meu primeiro dia na montanha e imediatamente quis cortar a sua língua. Nos seus piores dias, Marek conseguia falar por várias horas seguidas, mas Medhat – o Jasadi – possuía uma fonte inesgotável de energia e uma ânsia de usá-la contra qualquer tolo desavisado em seu caminho. Enganada por seu comportamento juvenil e membros desengonçados, eu lhe dei dezessete anos de idade, até que Namsa revelou que ele era oito anos mais velho que eu.

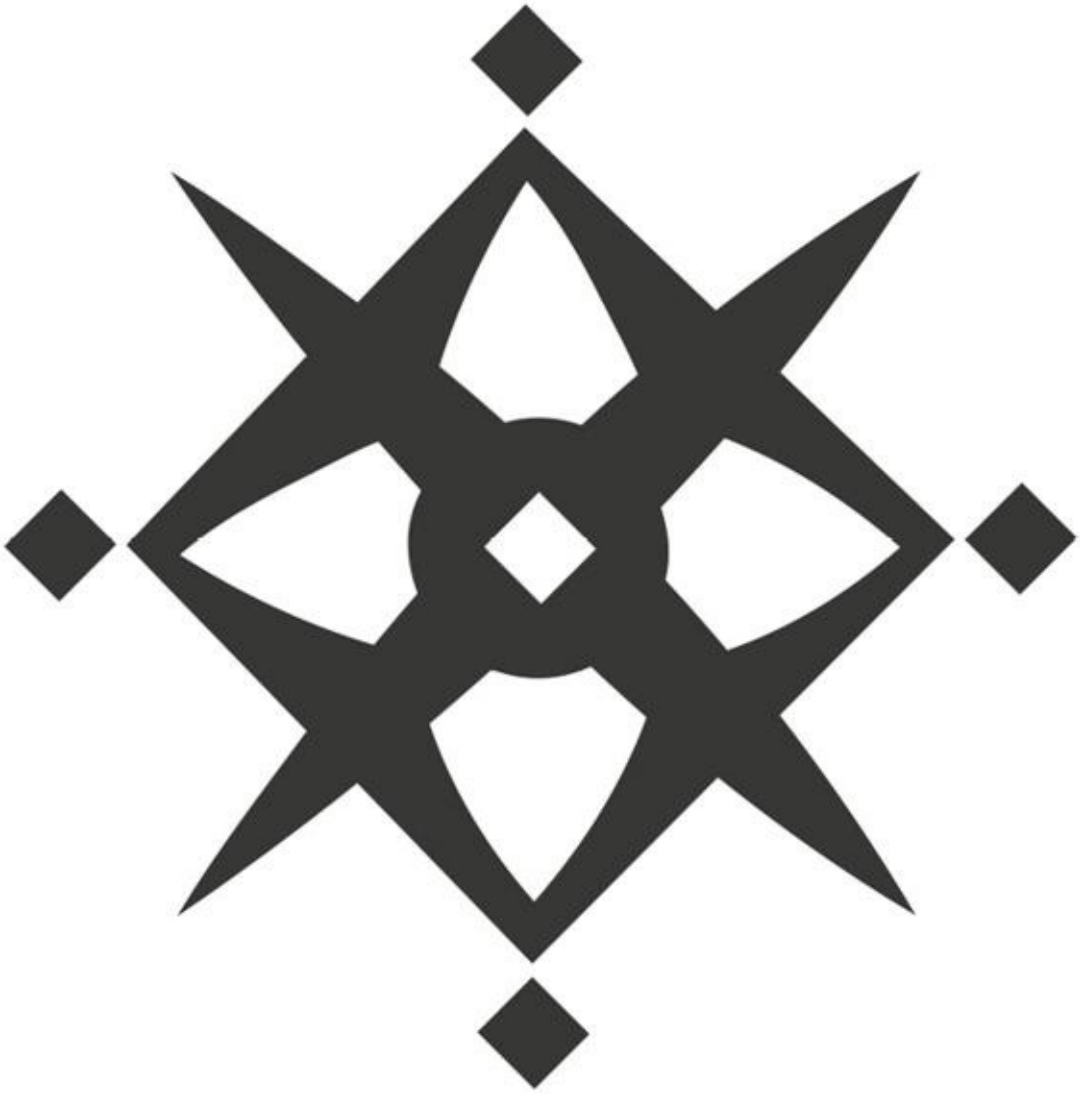
Poucos minutos em sua presença avassaladoramente alegre, e eu já

queria ficar deitada por uma semana. Apontei para ele.

— Se você tentar me dar outro tapa, vou libertar sua mão do seu corpo e dá-la como petisco para meus kitmers.

O grupo fez uma cara de desgosto. Continuei, estufando o peito.

— Dito isso, receio que vocês precisem me amarrar ao crocodilo.



Foram necessárias dezesseis horas para chegar à terra firme. Dezesseis horas viajando pela água sob as Planícies do Deserto, entrando e saindo do rio enquanto os crocodilos nadavam a toda velocidade.

Marek e Sefa *nunca* iriam acreditar em mim.

No fundo da minha cabeça, eu guardava uma coleção de todas as histórias que queria compartilhar com eles quando os visse de novo. Histórias da montanha, sem dúvida, mas também de antes. Histórias da minha infância e de Usr Jasad. Sobre a Cúpula Sanguinária e Rawain e Hanim. Eles descobriram que eu era Essiya minutos antes da minha magia destruir a ala da Cidadela.

O minuto em que me conheceram por completo foi também o minuto em que os perdi. Que consistência.

Torci os cabelos pela terceira vez, fazendo uma careta por causa da pontada nos braços doloridos. Tínhamos montado acampamento para passar a noite nos arredores da Floresta Essam. As árvores naquele extremo noroeste estavam mais dispersas do que eu estava acostumada, e os grandes espaços entre elas formavam portais de escuridão ao redor.

Nós sete nos aconchegamos perto da fogueira crepitante. Maia distribuiu sanduíches de feeno encharcados, o pão fofinho cortado ao meio e recheado com gibna rumi[8]. Eu não comia gibna rumi há *anos*. Não foi uma grande perda, já que o sabor excessivamente salgado e a textura quebradiça do queijo sempre me deixavam com a boca seca. Mas comida era comida, e eu estava faminta.

Alguém se aproximou, apoiando um braço no tronco atrás de mim.

— Acho que vi você tremer mais cedo. Se precisar de alguém para te aquecer, me disseram que os meus serviços são mais do que adequados — disse Medhat. A malícia brilhava em olhos mais azuis que um céu de primavera.

Apertei os olhos, desconfiada.

Prata e ouro rodopiavam em suas íris. Chamas dançavam nas pontas dos dedos e se fundiam em seus calos, fluindo como rios vermelhos pelas linhas da palma da mão.

— Pense nisso.

O outro motivo pelo qual conhecer Medhat me deixou exausta: ele era mais um Urabi com uma magia rara. Eles chamavam aqueles com a habilidade de extrair fogo e manipulá-lo de wakeel el-nar. Seus serviços eram altamente cobiçados no exército Jasad, mas, entre aqueles abençoados com esse poder aterrorizante, a maioria tinha a personalidade de uma borboleta. Eles preferiam voar pela vida usando o seu fogo para truques festivos e entretenimento real em vez de empregá-lo para a batalha.

— Medhat — gemeu Namsa, esparramada perto do fogo. Ela se enrolou como uma bola assim que saímos do rio e não se desdobrou. — Deixe a Malika em paz.

— Estamos só nos divertindo — Medhat fez beicinho. — Como regra, não irrito mulheres que ameaçam dar partes do meu corpo para os seus bichinhos de estimação.

Ele passou a mão pelos cabelos ondulados, castanho-claros, e me lançou um sorriso.

— Apesar do insulto à minha honra, ainda tento garantir que essas mulheres não morram congeladas.

— Que tal você verificar o resto de nós primeiro? — reclamou Efra. Ele tinha sido o mais ativo do grupo, juntando lenha e improvisando uma cama com folhas, musgo e ervas daninhas espalhadas. Um esforço admirável, ainda que em vão. Os mais íntegros entre nós certamente não conseguiriam relaxar os membros congelados por tempo suficiente para nos deitarmos.

— Você terá que perdoar Efra — Medhat compartilhou em um sussurro conspiratório. — Ele costuma ser muito mais educado.

As minhas narinas estavam congeladas demais para emitir um bufo respeitável.

— Se você diz.

A vitória brilhou em seu sorriso largo, e contive meu gemido. Ele havia me enganado e me tirado do meu silêncio estoico, e agora tinha uma noção melhor de quais botões apertar.

— Apenas durma, Essiya — murmurou Namsa. — Ele não vai calar a boca até você dormir.

Rolei para o chão, apoiando a cabeça na curva do braço. Estava nervosa demais para dormir, mas conseguia fingir.

Depois de um longo silêncio petulante, Medhat caminhou na direção de Efra, e eu o ouvi refletir:

— Você acha que meu queixo tem o formato certo para uma barba?

Curiosamente, não precisei fingir por muito tempo. Respirei o cheiro reconfortante de ovos podres e musgo que emanava de Hirun; ouvi o chilrear dos grilos enterrados em troncos de árvores consumidos pelo inverno e dos sapos autoconfiantes que não tinham mais motivo para temer que uma aprendiz de químico encapuzada arruinasse sua noite. As canções de ninar da minha juventude.

Logo, minha atuação se tornou realidade, e eu caí no melhor sono que tive em semanas.



Acordei ao som de vozes abafadas.

— Não adianta contar a ela. — Ainda atolada na névoa do sono, fiz uma careta diante da intrusão indesejada da voz de Efra. — Não temos tempo nem condições de fazer nada a respeito.

— O que você acha que ela fará se descobrir que sabíamos e escondemos dela? — sibilou Namsa. Abri os olhos sem mover um membro, mapeando o som de suas vozes. O fogo havia se reduzido a brasas crepitantes e cinzas. Medhat e Kenzie dormiam encolhidos um

perto do outro, mãos e joelhos quase se tocando.

Apoiei-me nos cotovelos e silenciosamente rastejei para longe do acampamento.

— Namsa tem razão. — Maia. Eles estavam do outro lado do perímetro, onde a orla da floresta se aplainava no deserto. — Já é ruim o suficiente não termos contado a ela na montanha.

Um suspiro triste que só poderia pertencer a Lateef.

— Não contamos a ela porque é muito perigoso. Você sabe o que ela vai fazer.

— O que eu vou fazer, Lateef? — Contornei as árvores, apreciando a onda de choque que percorria o círculo secreto deles. — Me esclareça.

Talvez sentindo a agressão que pairava sob a minha pele, Namsa avançou, com a sua túnica esticando-se com firmeza em volta de seus braços definidos enquanto ela empurrava os homens para o lado com os cotovelos.

— Mawlati...

— Você está cometendo um erro — suspirou Efra.

— *Mawlati* — insistiu Namsa, mais alto. — Quando a informante veio até nós em Gibal, ela nos contou sobre os ataques do Herdeiro de Omal às aldeias mais baixas. Nas últimas duas semanas, os soldados de Felix destruíram Gahre e Alyub em retaliação às revoltas nas aldeias mais baixas.

— Sim, eu sei — eu disse com impaciência.

— Acreditamos que a ofensiva Omaliana terá como próximo alvo Mahair.

O mundo parou, oscilando à beira de uma grande queda.

Lateef torceu as mãos.

— Mawlati, você precisa entender a nossa posição. Não podemos permitir que você se coloque em perigo por uma batalha que não nos diz respeito. — Uma palma angustiada passou pela coroa da sua cabeça

calva. — Esta não é a primeira vez que o trono de Omal reprime a dissidência com violência.

— *Me permitir*? — A raiva vibrava entre cada letra como os acordes de um oud. Minha magia respondeu, surgindo com uma ânsia que eu teria achado assustadora em qualquer outra circunstância. Mal reconheci o som rouco da minha voz. Sefa e Marek poderiam estar em Mahair. Fairel, Rory, Raya. As garotas na fortaleza. — Então estou aqui à força? Isso foi uma armadilha elaborada desde o início?

— Essiya... — Maia estendeu a mão para mim. Afastei a mão dela com um tapa. Se ela me tocasse, eu a incineraria ali mesmo.

— Malika Essiya — rosnei. Virei-me para eles, a pressão da minha magia se tornando dolorosa. — Se esse título tivesse algum valor, vocês não teriam escondido isso de mim. Eu não sou uma ferramenta que vocês podem pegar e apontar quando lhes convém. Vocês podem tirar o que quiserem de mim, mas não isso. Não eles. O que eu quero *importa*. — Para meu horror, senti um soluço preso na garganta.

— É claro que sim! — Maia parecia à beira das lágrimas.

— Mahair é minha. É minha, Felix sabe que é minha... — Levei o punho cerrado ao esterno. O medo percorreu o meu interior com os dedos gelados. — Esta é a vingança dele. Arin o impediu de me matar repetidas vezes, e agora ele planeja reivindicar o sangue que sente que lhe é devido através de Mahair.

— Seja como for, não podemos perder esta oportunidade de alcançar a Rainha Hanan. Estamos ficando sem tempo, Essiya. Se falharmos, não teremos outro recurso a não ser erguer a fortaleza durante o Nuzret Kamel. — A compaixão no olhar de Lateef, como se a sua verdade fosse absoluta e irrepreensível, me enfureceu quase mais do que seu tom de pena.

— Não existe "nós". — Corri para o acampamento, arrancando meu casaco do galho onde o havia pendurado para secar. — Quanto tempo

até os soldados Omalianos chegarem à aldeia?

— Não achamos que você se importaria — disse Efra, e eu fiquei imóvel. — Você não tem a reputação de ser alguém que *corre* para brigar.

Ouro e prata inundaram os meus olhos. A contenção necessária para não empalar Efra contra o galho mais alto de uma árvore foi mais do que eu imaginava ser capaz. A veia dourada na minha palma brilhou, lembrando-me do que aconteceria se eu usasse a minha magia.

O que eu poderia ver.

— Saia da minha frente — Lateef gritou, empurrando Efra para longe do acampamento. — Vá buscar as nossas bolsas enquanto você reflete sobre as dificuldades de ser um imbecil.

Medhat se mexeu, apoiando-se em um cotovelo.

— O que está acontecendo?

Enfiei os braços no casaco e peguei as minhas botas.

— Aparentemente, vocês não têm escrúpulos em me pedir para implorar por um exército da mulher que rejeitou a mim e à minha mãe, enviou os seus soldados para destruir Jasad e vive em constante súplica ao seu sobrinho inútil. Se ela me rejeitar mais uma vez, ora, a única outra opção razoável é que eu lance um encantamento para erguer a fortaleza que, se tiver sorte, vai me queimar viva antes que eu termine a primeira recitação!

Namsa, que já tinha ouvido isso de mim, desviou o olhar. O restante dos Urabi empalideceu, e a surpresa deles pareceu um insulto.

— Vocês são piores atores do que mentirosos. Cada um de vocês sabe o que acontecerá se eu erguer a fortaleza em Nuzret Kamel. Sabiam o que significava me pedir para erguer a fortaleza. Vocês não têm problema em me pedir para morrer. Não têm problema em exigir a minha magia e a minha mente. No entanto, se eu pedisse para lutarem por mim...

— Peça-nos. — Namsa abriu caminho entre a multidão, com os

ombros eretos e queixo erguido. — Peça-nos, Essiya.

Meu peito arfava com o esforço de reprimir minha magia. Procurei nela sinais de duplicidade. Namsa era meu ponto fraco; a sobrinha de Dawoud conseguiu me convencer da qualidade de seu caráter, e agora eu tinha que me esforçar o dobro para pensar mal dela.

Atrás de mim, Kenzie e Medhat se levantaram, olhando um para o outro com perplexidade mútua. Efra suspirou, claramente contra Namsa, mas resignado com a sua decisão.

Eu fiz a pergunta antes que ela pudesse coagular na minha língua.

— Eu vou para Mahair. Vocês virão lutar comigo?

Namsa sorriu, revelando três de seus dentes lascados.

— Melhor ainda. — Ela estendeu a mão para meu braço, e desta vez eu fiquei parada. Ela apertou meu cotovelo uma vez. — Nós iremos e venceremos por você.

Assim que a decisão foi tomada, o acampamento foi limpo e os nossos pertences recolhidos. Medhat e Kenzie se agacharam ao redor de um mapa de Hirun, com Medhat apontando para onde o nosso caminho original precisaria desviar para Mahair.

Lateef apareceu ao meu lado, vestido com um pesado sobretudo bege que provavelmente o afogaria em segundos se ele caísse do seu crocodilo.

Olhamos para os outros em silêncio.

— A rota dele até Orban não é longe — disse Lateef. O vento aumentou, e ele cruzou as mãos sob as axilas. — Ele deve ter ouvido falar de Mahair. Ele virá atrás de você.

As veias pulsavam.

— Sim.

— Se ele capturar você, estaremos perdidos.

Sorri.

— Ele não vai.

Que Arin traga os seus homens mais fortes. Os seus melhores mapas.

Que ele venha, e eu mostrarei a ele o que significa caçar o monstro favorito de Essam.

CAPÍTULO 29



SYLVIA

Tracei as palavras desbotadas esculpidas na parede que separava Mahair da Floresta Essam.

Que possamos viver as vidas que foram negadas aos nossos ancestrais.

Eu estava em casa.

Ou pelo menos uma impressão disso.

Ao meio-dia, as ruas deveriam estar fervilhando de movimento. O alvoroço dos preparativos do mercado deveria ecoar até as árvores marcadas pelos corvos.

Olhei ao redor, o medo aumentando à medida que nos aprofundávamos na vila deserta. As venezianas estavam fechadas. Os ganchos de metal do lado de fora do açougue balançavam ao vento. Observei o chão abaixo deles. A terra ainda estava molhada com o sangue do animal que Nader havia enforcado.

— Onde estão todos? — sussurrou Medhat em voz alta. Kenzie tapou a boca dele com a mão e me lançou um olhar de desculpas.

Eu não gostei disso.

Até a botica de Rory estava trancada, com o sino pendurado frouxamente no arame acima da porta. Cascas de sementes vazias cobriam a varanda, e eu lutava contra a onda de nostalgia que ameaçava me dominar.

— Talvez os soldados Omalianos já tenham chegado? — perguntou Kenzie.

A pontada de medo foi uma reação instintiva, mas não permiti que atingisse nada vital. Lancei um olhar severo para Kenzie, reavaliando-a.

Uma aldeia saqueada por soldados não ficaria quieta e abandonada. Seria dilacerada entre duas forças opostas; casas destruídas, carruagens roubadas, cavalos massacrados. Corpos e sangue, no mínimo. A violência gritava em um milhão de vozes diferentes... até mesmo seu silêncio era alto.

Balancei a cabeça para Kenzie uma vez. Fiz uma anotação para ficar de olho nela durante a luta.

— Tem gente por perto — disse Efra de repente. Ouro e prata brilharam em seus olhos. — Eu consigo senti-los. Estão nervosos, inseguros. Furiosos.

Uma combinação reconfortante. Examinei os prédios adormecidos à minha frente. Estávamos no centro da praça principal e eu ainda não havia avistado nenhum sinal de vida. Até os animais de rua que vagavam permanentemente por Mahair pareciam ter desaparecido.

— Onde?

Efra girou devagar, com a cabeça inclinada.

— Perto.

Poeira flutuava sobre Medhat. Ele espirrou, e o som ecoou no silêncio.

— Omal é muito mais empoeirado do que eu esperava — resmungou. — Não deve ser bom para a minha pele.

Eu não estava prestando atenção. Meu olhar voou para cima, seguindo a fonte da poeira instável, e pousou em uma figura encapuzada, agachada desajeitadamente na beira de um telhado.

Encaixada em um arco e apontada diretamente para nós, uma flecha tremeu, se reajustou e voou.

Diretamente para Medhat.

Por mais aleatória e conflituosa que a minha magia pudesse ser, nunca me falhou quando precisei dela em benefício de outra pessoa. A magia fluiu através de mim, e a flecha se enterrou no chão aos meus pés,

em vez de no peito de Medhat.

A figura se virou, como se fosse correr, e seu capuz se moveu. Vislumbrei tranças arrepiadas e um queixo familiar.

Parei de respirar.

— Fairel?

Ela fez uma pausa. Tirou o capuz do rosto e olhou para baixo.

— Sylvia? — gritou ela.

Fairel girou na beirada do telhado, disparando um alarme direto na minha cabeça.

— É a Sylvia! — ela gritou.

Efra gemeu, apertando a cabeça com as pontas dos dedos.

— As pessoas estão vindo. Muitas. Elas estão... animadas.

As persianas da loja de Halawany tremeram ao serem enroladas e a corda amarrada em um fecho. Rostos pressionados contra o vidro.

Eles vieram em grupos. Raya, Yuli, Odette, Rory, Daleel, Zeinab, até a mãe rebelde de Zeinab. Enxurradas de cidadãos de Mahair. Olhei para trás, mas ninguém mais apareceu. Onde estavam Sefa e Marek?

— Fairel demora um pouco mais para se mexer — disse Raya, interpretando mal a minha carranca. Mãos pesadas pousaram em meus ombros. Mechas brancas atravessavam seus cabelos castanho-claros, soltos em volta dos ombros curvados. Rugas marcavam os seus olhos castanhos cansados, acrescentando anos aos seus cinquenta anos.

Ocorreu-me que eles deviam ter ouvido a notícia sobre o Baile dos Vitoriosos. Eu tinha acabado de usar a magia bem na frente deles. Essas pessoas tinham sido a coisa mais próxima de uma família que eu tive em cinco anos, e eu menti para elas durante todos esses anos.

No entanto, Raya me avaliava com a mesma profunda preocupação maternal que tanto me irritava quando eu morava sob o seu teto. Ver isso agora me dava um nó na garganta.

Ela deu um peteleco na minha têmpora.

— Você tinha magia à disposição e ainda assim não conseguiu lavar a própria louça?

Uma risada assustada escapou dos meus lábios.

— Eu lavo a louça!

— Ela não tocou em nenhuma — disse Namsa atrás de mim. Fiz uma careta.

O carinho suavizou as rugas na testa de Raya. Ela beliscou minha bochecha.

— Sempre uma mentirosa descarada.

Uma bengala apareceu do nada, cutucando Raya nas costelas. Ela a afastou com um olhar severo.

— Pare de nos pastorear, químico. Não somos cabras.

— Cabras teriam mais senso de sobrevivência — rosnou Rory. — Por que estamos aqui, em campo aberto? Deveríamos nos deitar e nos tornar alvos mais fáceis para os soldados? Entrem!

O sol pode se pôr, a terra pode afundar e a lua pode escurecer, mas Rory nunca conheceria um dia de bom humor em sua vida.

Uma risada borbulhou no meu peito.

— Pare de mandar em todo mundo, velhote. Eles não são seus aprendizes.

— Como se eu tivesse uma aprendiz capaz de seguir as minhas ordens. — Ele me lançou um olhar crítico. — A vida como a fugitiva mais procurada em quatro reinos combina com você.

Pelos Awaleen abaixo, mas eu tinha sentido saudades da mula rabugenta. Peguei a mão dele, surpreendendo a nós dois. Ele se recuperou depressa, apertando os meus dedos com um pequeno sorriso.

— Senti sua falta, Essiya.

— Essiya? — repetiu Raya. Suas sobrancelhas se franziram, provavelmente tentando lembrar-se do nome. Isso se espalhou pela multidão, ficando cada vez mais alto. — Pelo cabelo abençoado de Baira,

os rumores são verdadeiros.

A segunda Herdeira de Jasad. Filha de Niphran.

Rory me puxou para perto, longe dos outros.

— Preciso falar com você. — Urgente, com um toque de preocupação.

Antes que eu pudesse responder, uma voz hostil cortou o barulho.

— Por que você está aqui?

Com uma bengala debaixo do braço direito e um arco pendurado no esquerdo, Fairel olhou feio para mim.

Nos quatro meses desde que vi pela última vez a minha pupila favorita de Raya, ela havia crescido até a altura de Maia. Suas tranças gêmeas repousavam docilmente sobre os ombros, os fios longos muito mais fáceis de trançar do que seu cabelo curto havia sido.

Lembrei-me de um beicinho, de um chute petulante no chão. *Doze anos é uma idade avançada, sabia?*

— Fay. Você cresceu. — A admissão doeu. Nunca me importei particularmente quando uma das pupilas deixava a fortaleza ou me maravilhava com a sua transição para a feminilidade, como Raya e Sefa. A juventude tinha um valor nominal para mim. O que havia para comemorar ao entrar em uma nova era de dor, de começar a aprender sobre si mesmo e odiar o que descobria? Ver as escolhas diante de você mais claras do que nunca e perceber que não tinha nenhuma escolha real?

Mas foi aos quinze anos que escolhi sobreviver e cortar a garganta de Hanim. Aos vinte, quebrei o pescoço de um soldado de Nizahl e quebrei a sua espinha.

Aos vinte e um, vim para Mahair sabendo o que isso poderia custar.

Olhei para as tranças lisas de Fairel, o novo comprimento de seus membros e, em cada mudança, vi um universo de futuros diferentes.

— Você não cresceu nada — disse Fairel. Ela se manteve com uma

indiferença incomum, olhando para um ponto em algum lugar atrás do meu ombro. Se não fosse pelo pequeno tremor em seu lábio inferior, eu poderia ter acreditado que ela queria cravar uma nova flecha na minha cabeça.

— Parece que preciso começar — comentei com leveza. — Principalmente se você pretende ser mais alta do que eu. Seria péssimo para a minha reputação.

Sua boca se contraiu.

— Sylvia, sua reputação não poderia ser pior, mesmo se você tentasse.

— Isso é um desafio?

Ela balançou a bengala em minha direção, acertando o meu joelho. Kenzie engasgou, mas eu só tinha olhos para Fairel.

Ela fungou, e sua voz ficou dolorosamente baixa.

— Você vai embora de novo?

Abaixei-me, esperando até que Fairel encontrasse o meu olhar e percebesse a verdade nele.

— Não vou a lugar nenhum até que você esteja segura.

A postura teimosa do queixo de Fairel enfim se acalmou, e eu a agarrei pela nuca e a puxei para os meus braços quando ela começou a chorar. Ela estremeceu e se agarrou à minha cintura, a bengala e o arco caindo no chão. Não prestei atenção em Lateef recolhendo-os em silêncio.

Quando se acalmou, Fairel se afastou, passando a manga pelo nariz.

— Eu replantei as suas sementes de figo. Sabia que você voltaria.

Apesar de um novo conjunto de flechas e intenções assassinas, Fairel ainda brilhava com um otimismo que eu quase invejava. Pensava que ela teria superado isso. Com alguém como Fairel, talvez a esperança precisasse ser tirada dela à força.

Eu quebraria todos os ossos da mão de quem tentasse fazer isso.

Olhei para a vila aparentemente abandonada e entendi o último

esforço que uma Mahair desesperada havia feito para se proteger da ira de seu próprio governante.

Fingir-se de morta, deixar o predador cutucar o cadáver até ficar satisfeito. Rezar para que ele não veja você respirar.

— Guarde as suas lágrimas para amanhã, Fairel. — Peguei o arco e a bengala dela com Lateef e os devolvi. — Hoje, deixe-me lhe ensinar como fazer os seus inimigos chorarem.



A estrada principal fervilhava de movimento. Eles aceitaram as minhas ordens com uma surpreendente ausência de protestos. Supus que o plano de se esconder não tivesse agradado muito a Mahair, especialmente depois de tudo o que Felix lhes infligiu ao longo dos anos.

Os Jasadis trabalhavam lado a lado com os Omalianos; Namsa ao lado de Raya, Kenzie ao lado de Zeinab, um Medhat tagarela ao lado de uma Fairel risonha. Efra não parava de esfregar as têmporas e se encolher desde que o resto da aldeia emergiu. O ataque de novas pessoas e as emoções que o acompanhavam deviam estar causando estragos nele. Eu comemorava cada vez que ele se encolhia.

Meu plano era simples. Mahair poderia não ter as vantagens de uma aldeia mais preparada para a guerra, mas não estávamos sem nossos pontos fortes. Graças à muralha que cercava Mahair, a aldeia já estava fortificada contra a entrada de Essam.

Se os soldados viessem do oeste, estaríamos em mais apuros.

Observava Maia se esforçar para esvaziar um saco de areia e me perguntava se ela havia usado a sua magia para outra coisa além de me deixar inconsciente no penhasco quando a ponta da bengala de Rory cutucou o meu quadril.

— Pare de enrolar e venha comigo — ele ordenou. — Eu disse que precisávamos conversar.

Revirei os olhos e segui Rory até a botica. Ele entrou sob o toldo e observou os arredores. Quando se certificou de que estávamos sozinhos, bateu a bengala no vidro da vitrine da loja.

A madeira estalou e Rory bateu nela outra vez.

— O que você está *fazendo*? — exclamei. Os produtos químicos devem ter enfim queimado a cabeça dele.

Rory enfiou a mão no buraco e retirou um pacote coberto de poeira e partículas de argila endurecida.

O suor brilhava na testa do químico.

— Encontrei isto enquanto nos preparávamos para evacuar. Se eu soubesse que ainda o tinha... se tivesse sequer suspeitado... — Rory se interrompeu e me empurrou o pacote. — Aqui.

Avaliei Rory enquanto rasgava o embrulho. E se ele estivesse mesmo doente? Ele desconfiava de curandeiros – uma ironia que passou despercebida – e apostei que preferiria definhar na morte a permitir que aqueles "vigaristas incompetentes" o tratassem.

O embrulho finalmente caiu.

— Um livro? — Encadernado em couro e grosso, parecia um diário escrito por um político obcecado pela sonoridade das próprias opiniões ou por um poeta com mais capricho do que talento.

Eu tinha lido muito do primeiro sob a tutela de Hanim.

— Pode ser um conceito desconhecido para você, mas há um truque incrível com livros quando os *abre*.

Bufei. Ele estava com a saúde perfeita. Eu provavelmente morreria antes dele.

Abri a capa. A escrita era inclinada, feita com uma mão equilibrada.

Depois de muitos anos de pesquisa e reflexão, encontrei apenas uma

verdade absoluta para compartilhar: o tempo é inimigo do conhecimento.

Um poeta, então. Ótimo. Fiz uma pausa para erguer uma sobrancelha para Rory.

— Acho que deveríamos discutir preferências de leitura.

Rory implorou aos céus por paciência.

É importante entender que, quando comecei a estudar magia, o meu interesse era de natureza puramente acadêmica. Eu tinha pouca inclinação para a sua relevância política, nem possuía qualquer opinião dominante quanto ao mérito de sua existência. Tudo o que queria era aprender.

Mas a busca pelo conhecimento nunca segue o caminho reto, e eu não poderia ter previsto o que me esperava na curva.

Leitor, peço que leia estes registros com atenção e com a mente aberta. Descarte os seus preconceitos. Lute contra os seus instintos de negar uma narrativa que não se adequa ao mundo que você conhece.

Pois os verdadeiramente iluminados entre nós são aqueles que entendem que as realidades que construímos já foram construídas para nós.

Larguei o livro com um suspiro estrangulado. Ele caiu aos meus pés, ainda aberto na mesma página. A mesma frase. A frase *impossível*.

Calafrios percorreram os meus braços, atingindo o topo da minha espinha rígida.

Essas palavras eram quase idênticas às que eu dissera a Arin nos túneis de treinamento. Eram muito específicas, muito exatas.

Uma pressão cresceu em minhas têmporas. De quem eu havia roubado aquelas palavras? Que lembrança eu havia suprimido desta vez?

Agachei-me diante do livro e tentei concentrar o meu olhar ardente na página.

Na parte inferior, em letras minúsculas, estava o nome do autor.

Emre Faluk, Herdeiro de Omal.

Meu pai.

Levantei a cabeça. Olhei para Rory como se o visse pela primeira vez.

— Você nunca me respondeu — sussurrei. — Quando perguntei como me reconheceu. Você não disse.

— Eu queria encontrar o momento certo. Uma desculpa esfarrapada, eu sei. O momento é sempre certo, e somos nós que estamos errados. — O suspiro que Rory soltou o encolheu ao meio, parecendo sacudir os seus ossos. — O nome que eu tinha antes de Mahair era Rusheed Osman. Curandeiro real e médico pessoal da família Faluk.

Minha cabeça girava. Médico da família real Omal? *Rory?*

Limpei as minhas feições. Ele podia estar mentindo. Eu não tinha como verificar o relato.

— Você conheceu o meu pai?

— Conhecia? — Rory olhou para um ponto além do meu ombro, a cicatriz de uma antiga dor sangrando atrás dos olhos. — Eu segurei seu pai no dia em que ele nasceu e o segurei no dia em que morreu. Eu amava aquele menino. — Uma risada sufocada. — Ele estava permanentemente confinado aos seus livros, determinado a perseguir as informações mais obscuras e inúteis que o mundo tinha a oferecer. Seu pai se desesperava com ele, mas sua mãe o adorava. A Rainha Hanan ficava feliz quando Emre estava feliz, e não era preciso muito para fazer seu pai feliz.

Eu tinha medo de respirar e perder uma palavra. Se ele estivesse mentindo... se Rory estivesse me enganando com alguma história engraçada...

Meus avós nunca tinham falado do meu pai. Niphran também não, além de uma ou duas frases incoerentes durante os seus ataques. Emre era um mistério que eu tinha aceitado deixar sem solução, e durante todo esse tempo... durante todo esse tempo, Rory o conhecia melhor do que ninguém.

— Quando ele se apaixonou por sua mãe, tornou-se como um homem possuído. Teria dado a vida para agradá-la. Mas a sua mãe não era como ele. Ela *era* uma guerreira, uma Herdeira, destinada a ser a futura Qayida. Emre pouco lhe podia oferecer no mundo da guerra e do combate, e ele não tinha magia. Então, se dedicou à única maneira de sustentar sua mãe: o estudo da magia. Como ela poderia ser fortalecida, manipulada, transformada. Não sei se ele queria encontrar uma maneira de atrair a magia para si ou apenas aprimorar a de Niphran.

Expirei devagar para esconder minha compreensão crescente. Emre não estava apenas pesquisando magia; se quisesse ajudar a minha mãe, estaria pesquisando mineração mágica.

Niphran podia rugir montada no maior cavalo do reino, brandir uma espada três vezes maior que ela e matar alguém sem arrancar um fio de cabelo do coque elegante na nuca. Era mais provável que ela usasse um livro como lenha do que abrisse um. Emre teria que saber bobagens pretensiosas sobre história mágica e artefatos há muito esquecidos não lhe renderiam respeito.

Mas uma solução para as práticas profanas dos pais? Uma maneira de corrigir o mal que eles causaram e evitar que se repetisse?

— Quando ele soube que ela estava grávida de você, tudo mudou — continuou Rory, alheio aos meus pensamentos acelerados. — Niphran podia sentir o seu poder, e isso a aterrorizava além da conta. Emre aplicou o que aprendera sobre magia para tentar entender o seu, mas isso desafiava a razão. Seus pais planejavam levá-la e fugir de Jasad assim que você nascesse.

— Mas os meus avós o mataram — eu disse sem emoção. Essa parte da história nunca mudou. — E Niphran enlouqueceu. — Rory não precisava saber que a loucura de Niphran fora resultado do envenenamento de Hanim e Soraya, que durou anos. O fuso dessa história continuava girando, e os fios já estavam muito emaranhados.

Rory assentiu.

— Aposentei-me do meu posto após a morte do Herdeiro de Omal e vim para cá. Mas eu ainda me importava com a Rainha Hanan, e as longas viagens afetavam a sua saúde. Antes da Cúpula Sanguinária, eu a acompanhava nessas viagens. Várias delas foram para Usr Jasad, onde tive o prazer duvidoso de observar uma garotinha peculiar subindo em árvores no pátio e deixando os funcionários do palácio em histeria. — Rory inclinou a cabeça. — Dez anos depois, ela apareceu na minha porta, coberta de sangue.

Apertei o diário contra o peito. Eu conhecia essa história – a havia vivido de forma vívida e brutal –, mas ouvi-la junto com a verdade sobre a identidade de Rory me abalou. De todos os lugares que eu poderia ter ido, todas as portas que eu poderia ter batido, por que a de Rory? Não poderia ter sido uma coincidência.

Depois de matar Hanim, eu mesma mal tinha sobrevivido. Andei sem enxergar, concentrada apenas em colocar um pé na frente do outro. Poderia ter ido parar em qualquer lugar. Mahair não era a vila mais próxima, nem de longe.

Pensei no Sareekh. Minha magia havia destruído a bolha protetora porque sabia que a minha melhor chance de sobrevivência estava do outro lado. Será que ela poderia ter me trazido até Rory? Teria exercido algum controle mesmo por trás das algemas e me guiado até a única pessoa capaz de me manter segura?

Meu coração despencou no estômago. As aparições para Arin sempre aconteciam perto do auge do meu pânico. Minha magia estava

me levando para a única pessoa que poderia me salvar do abismo.

O terror tomou conta de mim.

Você fala como se sua magia tivesse vontade própria.

Apertei o diário com mais força.

— Obrigada por isso — eu disse. Não possuía nada que pertencesse aos meus pais. Escapei da Cúpula Sanguinária com as roupas do corpo, e a guerra havia queimado o resto. — Rushed.

— O prazer é meu, Essiya. — Ele bateu na ponta do livro. — Ele ficaria orgulhoso de você, sabia? Você é como ele. Apaixonada. Comprometida. Imprudente pelas pessoas que ama.

Dei um sorriso irônico para o químico. Que bobagem doce.

— Nós dois sabemos que Emre ficaria horrorizado comigo. Ele era um nobre estudioso, incapaz de matar uma mosca. Ele esperaria uma filha que lesse poesia em um jardim e brincasse com sapos em vez de servi-los para você em baldes. — Tracei a borda do diário com os dedos sujos de terra. — Sou do seu sangue, mas não sou filha de ninguém.

CAPÍTULO 30



SYLVIA

Raya esvaziou dois quartos para os Urabi, acomodando os seus convidados com uma impressionante demonstração de hospitalidade. A recepção calorosa claramente deixou Efra nervoso, e ele ficava olhando para Raya como se ela pudesse jogá-lo na fornalha se ele relaxasse um único músculo.

Encontrei Lateef no meu antigo quarto, lendo na cadeira ao lado. Como eu não era hóspede, Raya gentilmente me colocou em um quarto com as outras quatro meninas, então eu dormiria no tapete em frente à lareira esta noite.

— Essiya — disse Lateef, surpreso. Ele fechou o livro e o colocou no colo. — Os preparativos já terminaram?

— Quase tudo. — Arrastei a ponta da minha sandália no carpete. — Medhat e Namsa saíram para terminar o resto.

— Ótimo, ótimo. Os soldados Omalianos terão uma luta de verdade esperando por eles.

Enquanto eu continuava parada na porta, Lateef gesticulou para o diário pendurado ao meu lado.

— É seu?

— Do meu pai. — Dei de ombros. — Eu estava pensando se poderia ler aqui. Não seria um incômodo. É que as meninas ficam me fazendo perguntas, e preciso de um momento de silêncio.

— É claro. Fico magoado por você ter sentido a necessidade de perguntar. — Com toda a calma, Lateef pegou o seu livro e retomou a leitura.

Sentei-me na cabeceira da cama como se nunca tivesse saído. Apoiei as costas na parede, os joelhos contra o peito e os pés debaixo das cobertas.

Hora de ver o que meu pai tinha a dizer.



Francamente, foi um milagre meus avós não terem tentado matar Emre antes.

Até então, o diário do meu pai consistia em incontáveis páginas de bobagens poéticas sobre a magia nos olhos da minha mãe, os mosquitos sobre Hirun nas noites quentes de verão, a névoa sobre Sirauk. Se ele pretendia falar em algum tipo de enigma, não entendi. Mexer com a forma e a estrutura das palavras para desvendar um significado mais profundo nunca foi o meu ponto forte. Poderia mentir para abrir caminho por um covil de ladrões e estripar uma fera três vezes maior que eu, mas me pedir para ficar sentado cutucando linhas em uma página? Eu preferiria fazer um colar para mim com sanguessugas vivas.

Namsa se juntou a mim e a Lateef três páginas antes, jogando-se do outro lado da cama e fechando os olhos.

— Estou esperando Kenzie e Medhat dormirem — disse ela. — Se eu tiver que ouvi-los fingindo brigar por mais uma hora, arranco a língua dos dois.

Lateef murmurou algo sobre falta de inteligência emocional enquanto Namsa enterrou o rosto no travesseiro.

Virei o diário de Emre até a contracapa e abri na última página. É sempre mais fácil entender uma história quando se sabe como ela vai terminar.

Frases aglomeradas, espremidas na página. Ele deve ter percebido que estava ficando sem espaço para registrar um pensamento que valesse

a pena depois de desperdiçar tanta tinta em tolices. Folheei, com uma perna balançando preguiçosamente para fora da cama enquanto lia.

No centro da página, a visão do meu nome me deixou paralisada.

Essiya não está segura. Niphran, Dawoud, Rusheed, por favor. Se eu for morto, quem encontrar este diário deve expulsar a minha filha de Usr Jasad antes que seja tarde demais.

A magia Jasadi está se esgotando. Em duas gerações ou menos, desaparecerá. Como o resto dos reinos, eles ainda terão a habilidade de manejar magia, mas a fonte terá desaparecido. Palia e Niyar sabem disso e estão drenando as wilayahs do sul impunemente para se fortalecerem contra o futuro inevitável. Não se trata apenas de fortalecer os nobres ou negociar a magia roubada com os outros reinos.

Quando a magia desaparece de Jasad para sempre, o que acontece com a fortaleza?

Palia e Niyar não acreditam em mim. Eu lhes contei o que o Herdeiro de Nizahl é de verdade. Implorei que me ouvissem, mas eles não vão contrariar Rawain. O garoto não é uma ameaça para eles agora, não enquanto a fortaleza estiver de pé. Se drenarem magia suficiente para proteger a fortaleza pelas próximas gerações, o Herdeiro de Nizahl eventualmente morrerá, e a fortaleza poderá cair sem o horror do que a aguarda. De certa forma, é reconfortante saber que a brutalidade deles com as wilayahs do sul não é mera ganância. Eles querem proteger o seu reino... mesmo que seja às custas de seu povo.

O garoto não pode ser salvo. O que lhe foi feito não pode ser desfeito por meios mortais. Matá-lo é a única escolha que resta.

Rawain criou a arma definitiva contra a magia. São tolos se pensam que ele não usará a criança contra nós. A única questão é quando.

Recostei-me. Ele tinha enfiado tudo aquilo na *última página*?

Minha unha do polegar raspou as linhas apertadas de tinta enquanto minha mente disparava. Então Palia e Niyar não estavam

apenas drenando a magia das wilayahs do sul para enriquecer os nobres das wilayahs do norte. Uma ameaça do outro lado da fortaleza os assustou tanto que acumularam a magia que mineraram para garantir que a fortaleza resistisse ao enfraquecimento da nossa magia.

Uma ameaça tão aterrorizante para o meu pai gentil e estudioso que exigiu que a matassem... matassem um Arin de seis anos.

O que ele disse aos meus avós que eles ignoraram? Devia ser sobre a capacidade de Arin de drenar magia. Mas a capacidade de Arin era limitada pelo toque, e ninguém cuja magia ele drenasse acabava morto. Comparado à mineração de magia, que perigo um efeito colateral inoportuno da maldição de uma musrira poderia representar para o trono de Jasad?

Mordi o lábio, com uma enxaqueca latejando no fundo da minha cabeça. Folheei o resto do diário, mas, se não era uma poesia agonizantemente piegas, era uma página cheia de números e cálculos matemáticos completamente alheios à passagem anterior.

Droga, por que ninguém nesta terra conseguia falar em linha reta? Eu não podia apenas receber notícias terríveis, não, tinha que passar horas decifrando-as primeiro.

Sem saber o que fazer, corri até Lateef e estendi o diário de Emre, aberto na última página.

— Leia isto.

Sem hesitar, Namsa rolou para fora da cama e foi ler por cima do ombro de Lateef. A curiosidade devia estar matando-a.

— Não entendo. O Herdeiro de Nizahl teria seis anos na época em que isso foi escrito, talvez até menos — disse Namsa, com uma aspereza na voz que eu não ouvia há semanas. Ela enxugou o canto do olho com raiva, e uma pontada de culpa me percorreu. É claro que ler sobre os meus avós drenando as wilayahs do sul a atingiria com mais força. Quase todos os membros dos Urabi vinham das wilayahs que Palia e

Niyar tratavam como o seu tesouro pessoal. — Do que seu pai tinha tanto medo?

— É verdade, não é? — Lateef fechou o diário, devolvendo-o às pressas para mim como se estivesse contaminado. — Sobre a habilidade do Comandante de drenar a magia com um toque. Ouvimos rumores, mas pensei... mesmo depois de ver isso com Al Anqa'a, uma parte de mim ainda não acreditava.

— Não deveria ser possível — murmurou Namsa. — A única pessoa capaz de sentir a magia tão intensamente, de drená-la, era Fareed.

— Fareed, o fundador de Nizahl? — Minhas sobrancelhas quase desapareceram na linha do cabelo. Fareed viveu na época dos Awaleen.

— Sim, mas ele só conseguia drenar e sentir magia porque Dania, Baira e Kapastra precisavam dele para se proteger contra os abusos de magia entre os reinos. Como um Herdeiro, centenas de gerações depois, teria a mesma habilidade?

— Uma musrira tentou matá-lo. Ele disse que era efeito colateral da maldição fracassada dela — eu disse, estupefata.

Namsa e Lateef se entreolharam.

— É... possível — disse Lateef.

— Seja honesto. — Namsa lhe deu uma cotovelada. — Mawlati, a quantidade de poder que uma musrira precisaria não só para se infiltrar na Cidadela, mas também para criar uma maldição tão mortal a ponto de imbuir o Herdeiro de Nizahl com um efeito colateral vitalício... se tal musrira existisse, ela não teria falhado. Ele teria morrido.

Um arrepio percorreu a minha espinha.

— Não entendo. Você está dizendo que as habilidades de Arin e a mineração mágica estão conectadas?

Lateef claramente sentia falta de suas noites entretendo as crianças com suas longas e sinuosas histórias, porque ele agarrou a pergunta com entusiasmo.

— Para entender a diferença, é preciso primeiro entender a composição básica da nossa biologia. Todos nós: Lukubis, Orbanianos, Omalianos, Jasadis, a maioria dos Nizahlanos... nascemos com uma fonte de magia embutida em nós. Um poço, por assim dizer.

Dei um sorriso. Imaginei como Lateef se sentiria se soubesse que compartilhava metáforas com o Herdeiro de Nizahl.

O líder dos Urabi gesticulava com animação enquanto falava.

— Nós, o indivíduo, carregamos em nosso sangue o suprimento de magia para uma vida inteira, mas o poço produz uma quantidade limitada dela por vez. A velocidade com que o poço se reabastece depende inteiramente do indivíduo. Por exemplo, a magia de Namsa é única; neste momento, ela poderia emitir um som capaz de sangrar os ouvidos de todos a um quilômetro de distância de nós. A quantidade de poder necessária para isso provavelmente drenaria cerca de metade do poço, e ela poderia levar um dia para se recuperar. Se expandisse seu raio para três quilômetros, drenaria o poço por completo e precisaria de dois dias para se recuperar. Eu tenho magia generalizada e, dada a minha idade, minha magia leva o dobro do tempo para se recuperar quando meu poço fica baixo. Cada um de nós possui este poço... este espaço onde a magia pode ser carregada dentro de si... incluindo os reinos cujos poços secaram ao longo dos séculos.

Cruzei os braços sobre o peito.

— Conheço a anatomia básica da nossa magia. Minha pergunta é como a magia *se move*. Se ela pode ser drenada, pode ser transferida?

— Transferir magia de pessoa para pessoa é impossível — disse Namsa.

— Faça algum exercício intelectual, Namsa — repreendeu Lateef. — Transferir magia é diferente de drenar ou minerar magia, entende? A magia chegou a esta terra por transferência. Quando os Awaleen tentaram transmitir magia diretamente aos seus descendentes, muitos

foram mortos... com brutalidade. A magia deles era poderosa demais para os nossos corpos conterem sozinhos, então criaram um espaço separado para ela.

— Os poços — disse Namsa.

— Isso. Os poços armazenam a nossa magia e têm limites. Limites para a quantidade de magia que podemos gastar e usar a qualquer momento. Depois que os Awaleen nos deram essa função, o próximo passo foi semear magia no sangue de sua população.

Eu me sentei na beira da cama, puxando as pontas dos dedos, um velho hábito que Soraya tentara me tirar.

— A magia é transportada no sangue, e é por isso que pode ser passada de geração em geração. O poço funciona como um limite para impedir que alguém retire muita magia do sangue de uma só vez. Transferir magia requer magia no sangue *e* no poço para canalizar a magia com segurança?

Lateef sorriu.

— Sim. Todos nós temos o poço, mas apenas os Jasadis ainda têm magia no sangue. Como pode imaginar, ninguém é capaz de infundir magia no sangue de alguém. Se alguém tentasse transferir a sua magia para um poço seco, correria o risco de se matar, assim como ao seu alvo.

Interessante, mas não totalmente relacionado à minha pergunta original.

— Por que a mineração mágica mata as suas vítimas enquanto Arin pode drená-las sem causar nenhum dano físico?

— Quando se extrai a magia de alguém, não apenas drena o poço... você o remove por completo. Imagine o seguinte: você está com água até a cintura em Hirun, do outro lado de uma represa. Assim que a represa se rompe e a água irrompe em sua direção, precisa coletar o máximo de água possível antes de ser arrastado pela correnteza. Mineração mágica é uma arte. No instante em que removem os poços, os espaços em nossos

corpos destinados a nos proteger contra a magia que nos destrói, eles precisam drenar o máximo possível da magia antes que o jorro de magia aniquile o corpo da vítima e a mate.

Lembrei-me dos ossos de vidro do pai de Soraya, da caverna oca de seu rosto e de seus membros mutilados. Pensar que ele havia sobrevivido a um *momento sequer* daquele processo... vivenciado a agonia de sua magia se libertando dentro dele só para que alguém pudesse pegar punhados antes que o matasse por completo...

Cerrei os dentes. Meus avós estavam mortos. Eu não podia fazer nada a respeito de suas ações passadas, exceto mitigar o mal que deixaram para trás.

— Acho que o que o Herdeiro faz é diferente — disse Namsa. — O que ele drena é a reserva de magia. Então, quando toca em alguém, ele está apenas drenando o que temos em nosso poço naquele momento. Agora, estou com meu poder total... ele poderia me drenar até não sobrar nada, e eu precisaria de dois dias para me recuperar por completo. Quando me recuperasse, ele poderia drenar outra vez. De certa forma, a mineração mágica destrói a base dos nossos poderes, enquanto o Herdeiro apenas retira o resultado.

— Você não acha que uma musrira poderia ter dado essa habilidade a ele? — Eu verifiquei.

Os Urabi balançaram a cabeça em uníssono.

Inútil. Se não foi uma musrira ou o Awaleen, o que causou a habilidade de Arin? Na visão que tive depois que Soraya me esfaqueou, Isra segurava um bebê de cabelos negros enquanto implorava a Rawain que esperasse até que ele crescesse. Esperar até que crescesse para fazer o quê? Rawain não tinha magia. Os talentos de Arin eram perfeitamente adequados ao plano de Rawain contra Jasad, mas como Rawain poderia ter causado aquilo?

— Acho que estamos esquecendo a pergunta mais importante —

disse Lateef. Ele levou a mão à ponta do nariz, empurrando para cima os óculos invisíveis. — Depois que a magia é drenada, seja por mineração ou de outra forma, para onde ela vai?

A pergunta floresceu como uma nuvem tóxica entre nós, manchando os nossos dedos quando estendemos a mão para tocá-la.

Para onde vai a magia?

— Não sei — respondi com honestidade. Naquele momento, Wes estava seguindo o Supremo para determinar a resposta àquela pergunta. — Mas não vai demorar muito para descobrirmos.



Sentei-me no chão observando as chamas tremeluzirem na lareira, com a palma da mão pesada sobre o coração, e me perguntei que tipo de loucura era pior.

Seria a erosão? A pressão lenta e constante de uma onda quebrando contra uma pedra, ambos presos um ao outro por forças além do seu controle. Sentindo cada arranhão, cada pedaço de você que a maré levou.

Talvez fosse a morte instantânea. Uma mente perdida com um único golpe, arrancando-a de sua ligação com a realidade. Você não saberia que enlouqueceu, porque não se lembraria de uma existência antes disso.

Esfreguei a veia na palma da minha mão. Uma pequena teia prateada serpenteava do centro. Ela apareceu depois que detive a flecha apontada para Medhat, estendendo-se até a ponta do meu polegar.

— Se você franzir mais a testa, vai cortar o queixo — disse Raya. Não me virei enquanto ela se acomodava no carpete ao meu lado, com as costas apoiadas na poltrona. — Estranho te ver sem Marek ou Sefa. Quando o Herdeiro de Nizahl te declarou Campeã e te tirou de Mahair,

eu sabia que era só uma questão de tempo até que aqueles dois te seguissem. Juro pelas névoas de Sirauk, eles partiram antes do jantar.

Apertei os olhos com força. Eles ardiam, lembrando-me de quanto tempo fazia desde a última vez que os descansei dormindo. A escuridão me envolveu e, em seus confins, encontrei minha voz.

— Você deveria dormir — murmurei. — A batalha pode começar a qualquer momento.

— O mesmo poderia ser dito de você.

— Não preciso de descanso para lutar com competência, especialmente contra alguns soldados Omalianos patéticos. Farei o que for necessário, não importa como me sinta para isso.

— Túmulos abaixo, essa sua língua só cresceu — bufou Raya. — Você acha que entendeu o mundo agora porque alguém lhe deu um título real e uma joia brilhante? Uma coroa pode ficar em uma cabeça vazia tão facilmente quanto qualquer outra, garota.

Pisquei, enfim olhando para Raya. Ela arqueou as sobrancelhas curtas em uma inclinação de desaprovação.

— Eu nem recebi as joias — eu disse. — Você está falando com a primeira Rainha sem coroa.

Ficamos nos encarando por um longo minuto.

Eu ri primeiro, e então Raya estava passando o braço por cima dos meus ombros e me aconchegando contra a sua lateral. Encolhi-me contra ela, rindo tanto que levei um tempo para perceber que também estava soluçando, e ainda mais tempo para perceber que não estava rindo.

Raya me embalou como se eu fosse um dos novos órfãos resgatados para o forte, chorando incontrolavelmente com a lembrança de uma vida perdida.

— Eu não quero morrer.

O braço em volta de mim se apertou.

— Você não vai morrer, Sylvia.

— Eu não sou a Sylvia. — Eu queria ser. Queria tanto ser ela.

— Seja Essiya com os seus Jasadis, seja poderosa e destemida por eles. Esta noite você é Sylvia, e está em casa, e você tem o direito de ter medo.

Raya não entendeu.

Se a Rainha Hanan não me reintegrar como a sua Herdeira, terei que erguer a fortaleza.

Se eu erguer a fortaleza, ou serei queimada viva ou a magia me consumirá. Se for a última opção, enlouquecerei, e todos os Jasadi que se uniram a mim ficarão presos atrás da fortaleza com uma Malika enlouquecida.

Minha magia tem uma memória própria que eu não entendo.

E se Arin estivesse certo sobre a loucura mágica?

— Quando eu tinha dezessete anos, implorei à minha mãe que me deixasse casar com o filho do açougueiro — disse Raya de repente. Ela esticou as sandálias em direção à lareira, e eu levantei a cabeça do seu ombro úmido para olhá-la. Pelo que qualquer um de nós sabia, Raya nunca havia se casado. — Eu já tinha me tornado conhecida como a melhor costureira da nossa aldeia e não via necessidade de esperar por um pretendente mais rico quando eu embolsava mais dinheiro do que a maioria dos homens ao meu redor. Queria me casar por amor e amava Baheeg. Ele era... doce, entende?, de um jeito que garotos tão grandes e fortes como ele raramente são. Ele falava sobre me ajudar a abrir a minha própria loja, como eu poderia trabalhar ao lado dele depois que herdasse a loja do pai. Por fim, quando ficou claro para todos na nossa aldeia onde meu coração estava, minha mãe cedeu. Ela disse que eu poderia me casar com Baheeg, mas que nunca viesse chorar para ela se o anel no dedo dele o transformasse de um homem em uma fera.

Fascinada, observei o fogo com ela, como se o resto da história pudesse se manifestar nas chamas.

— Aconteceu?

— Não sei. Nunca me casei com ele. Uma semana antes de nos unirmos como marido e mulher, fui entregar um vestido para uma das minhas clientes e encontrei a casa dela vazia. Roupas desaparecidas, móveis desmontados, cozinha vazia. A única coisa que restou foi um embrulho no carpete, sacudindo os seus punhos minúsculos e gritando em prantos.

— Ela abandonou o bebê? — Embora eu não imaginasse que todas as garotas da fortaleza tivessem acabado ali por terem pais mortos, ainda assim fiquei chocada ao pensar em alguém abandonando voluntariamente o seu filho, quanto mais um bebê.

Raya cantarolou.

— Acontecia o tempo todo, e não só aqui na nossa região. Meninas grávidas chegam a uma aldeia, inventam uma história sobre um marido morto e ficam tempo suficiente para se livrar da criança antes de voltarem para onde vieram. É uma situação triste. De qualquer forma, levei a criança para casa... o que mais eu poderia fazer? Deixá-la para os vagabundos? Baheeg e a minha mãe ficaram furiosos, tentando me forçar a entregá-la à patrulha Omaliana, mas eu recusei. Gostava daquela coisinha chorosa e de rosto vermelho. Eu teria um lar e comida para comer em breve, por que não deveria compartilhar com esta criança? Quando ficou claro que eu não me separaria dela, Baheeg terminou o nosso noivado e me disse para aproveitar a vida de solteirona. Nenhum homem chegaria perto de uma mulher "carregada com a prole descartada de prostitutas".

— Espero que você tenha dito a ele que não cuspiria em seu rosto se ele estivesse pegando fogo — eu disse enfaticamente.

— Eu não tinha o seu jeito com as palavras. — Ela riu. — Esse é o problema quando se é jovem. Às vezes, você confunde bobagem com gentileza.

— O que aconteceu com o bebê?

— Ah, ela era a luz da minha vida. Eu usava vestidos na loja para poder colocá-la no meu colo enquanto trabalhava. Quando ela tinha três anos, eu a levei ao seu primeiro festival do Alcalah. — Raya acariciou meu braço distraidamente. — A doença surgiu do nada. Um dia ela estava escrevendo as suas cartas na mesa da cozinha, e no outro eu a estava colocando para descansar ao lado da minha mãe.

Meu coração apertou.

— Ah, Raya...

— Faz muito tempo — disse Raya. — Deixei a nossa aldeia e vim para Mahair, e abri a fortaleza. Fiz da criação de vocês, meninas, o trabalho da minha vida, e é a melhor vida que eu poderia ter desejado. Eu poderia ter sido feliz com Baheeg e a vida que imaginamos para nós? Talvez. Talvez. Mas nunca saberei. A vida não nos dá a oportunidade de percorrer todos os caminhos, de ver o resultado de cada escolha. Você pode passar toda a sua existência paralisada em um lugar, olhando para o futuro, ou pode decidir seguir em frente. Escolha um caminho e nunca olhe para trás.

Limpei o nariz escorrendo.

— E se eu soubesse para onde cada caminho leva?

— Você é uma profetisa, menina?

— Não, mas...

— Então tudo o que você tem são suspeitas e preocupações, assim como todo mundo.

Dei uma risada abafada. Deixei para Raya insinuar que uma possível descida à loucura e uma guerra capaz de destruir os quatro reinos restantes eram *chatas*.

Por fim, enquanto absorvia o calor da lareira e a presença constante de Raya, minha respiração se acalmou. Eu me recostei em seu colo.

Ela acariciou os meus cachos, afastando-os do meu rosto. Quando o sono finalmente me pegou, me rendi com facilidade.

CAPÍTULO 31



SEFA

A equipe finalmente se acostumou com Sefa, e isso aconteceu por uma única razão: ninguém mais estava disposto a se aproximar da Sultana durante um de seus momentos de mau humor.

Às vezes, era uma saraivada de insultos e ameaças. Em outros dias, pairava sobre Sefa enquanto ela limpava ou consertava uma peça de roupa, como se Sefa fosse uma aranha fascinante que ela temia perder de sua vista.

Mas o humor espontâneo de Vaida que Sefa mais gostava era o aventureiro.

— Pegue o seu casaco e me encontre na carruagem — ela dizia a Sefa em mais de uma ocasião. — Tenho negócios a tratar na cidade.

Sefa não se esquecera do Jasadi a serviço de Vaida, nem do homem assustadoramente alto de chapéu. Toda vez que saíam do Palácio de Marfim, Sefa se perguntava se aquele seria o dia em que Bausit relataria que Kera havia encontrado o Mirayah. Pelo que Sefa entendia, o Jasadi era capaz de seguir rastros de magia; ver as suas marcas no ar como Sefa veria pegadas na lama. O objetivo, Vaida explicara, era seguir os rastros de magia até o Mirayah.

— O Mirayah está em constante movimento — ela suspirou, recostada na cama com uma tigela de cerejas equilibrada sobre os seios, estudando uma pintura sua cuja moldura cerimonial seria colocada no final da semana. — A magia não funciona de forma normal no Mirayah. Quando alguém desaparece nele, o rastro de sua magia se corta. Kera segue essas linhas para ver onde elas desaparecem, mas geralmente elas

já se tornaram obsoletas quando ele chega ao outro extremo.

A conversa terminou quando Vaida jogou abruptamente a tigela de cerejas na pintura, respingando sua imagem em vermelho.

Sefa ainda não entendia *por que* Vaida queria encontrar o Mirayah. O que um reino de magia sem lei poderia oferecer à Sultana de Lukub? O que havia no Mirayah que poderia convencer Vaida de que venceria uma guerra contra Nizahl?

Seja qual for a resposta, Sefa tinha quase certeza de que envolvia o anel. Por mais segredos que Sefa tivesse descoberto, Vaida ainda guardava um cofre deles.

Nem tudo era ruim. Sefa gostava de explorar Lukub na carruagem de sua governante.

Não as reverências por toda parte que ela e Vaida recebiam - ela nunca sabia para onde olhar quando as pessoas se prostravam diante da mulher que caminhava à sua frente. Mas os edifícios que visitavam, resplandecentes com espelhos pintados envoltos em véus dourados, paredes cobertas por tapeçarias elaboradas e coloridas, as mesas repletas de iguarias e comidas que Sefa juraria já terem passado da época da colheita. Até mesmo as pessoas que conheciam – excêntricas, vestidas de forma fabulosa e polidas a um ponto letal – deixavam uma marca em Sefa.

Todas às vezes, Vaida apresentava Sefa como sua assistente pessoal. Sefa achava estranho forçar tantos membros do conselho e da nobreza a reconhecer alguém muito abaixo de sua posição.

Não se passava um dia sem que uma saudade despertasse na base de cada nova experiência que Sefa colecionava. Sefa sentia falta das noites no quarto de Sylvia, suspirando enquanto Marek queimava os dedos ao remexer as brasas em busca das sementes que tentara torrar. Sentia falta do cheiro da fortaleza; um turbilhão de chá e bergamota que se tornara mais familiar do que o seu próprio aroma. Sefa sentia falta de

saber que, se fosse atingida pela morte, alguém se importaria. Vaida provavelmente passaria por cima do corpo dela e o atropelaria com a sua carruagem.

A carruagem deu um solavanco, jogando Sefa contra a janela. Provavelmente em retaliação por seu pensamento pouco caridoso. Vaida tinha os seus momentos de bondade bizarra. Eram em número muito menor que seus momentos caprichosos e irrefletidos, mas ainda assim... Vaida sabia ser doce. Durante a última viagem, ela parou a carruagem de repente e ordenou ao cocheiro que corresse até a cidade e comprasse um par de calçados de lã. Calçados que entregou abruptamente a Sefa sem olhá-la, comentando que estava cansada de ver os pés de Sefa atravessando os seus sapatos baratos.

O outro caso mais notável ocorreu na mansão de Ashraf Abira, antigo chefe do conselho de Lukub e amigo íntimo da mãe de Vaida. Seu bigode gigante deveria ser uma contradição gritante com a sua cabeça calva e brilhante, mas ele carregava um ar de sabedoria em que Sefa confiava implicitamente. Talvez mais homens devessem ser calvos e bigodudos.

Eles estavam em seus jardins, e Vaida se afastou momentaneamente com Ashraf para conversar em voz baixa, deixando Sefa desajeitadamente parada perto da fonte, ao lado do próprio assistente de Ashraf. Uma estátua de Baira pairava atrás deles, com água com aroma de rosas escorrendo de suas mãos e espirrando na ampla piscina abaixo dela.

O assistente aproximou-se aos poucos de Sefa, sem perceber seu desconforto ou optando por ignorá-lo, e inclinou-se para propor que brincassem no jardim enquanto esperavam. Ela ficou rígida de vergonha enquanto o assistente descrevia em detalhes gráficos o que gostaria de fazer com Sefa ali, relutante em se afastar e encorajá-lo a segui-la, incapaz de lembrar como levantar a língua para sussurrar palavras ácidas para

ele.

Sefa ainda não tinha certeza de como Vaida havia contornado a fonte e chegado por trás sem que nenhuma dos dois percebesse. Tudo o que Sefa lembrava era de querer afundar na terra e, em seguida, ofegar quando Vaida agarrou um punhado de cabelo do assistente e empurrou seu rosto na fonte. Apesar de seu corpo esguio, Vaida manteve um controle fácil sobre o homem que se debatia, cantarolando baixinho enquanto ele lutava. A água espirrou, encharcando as mangas de Vaida e a frente de seu vestido.

Ashraf retornou e lançou um olhar curioso para o seu acompanhante que se afogava.

— Você se importaria muito se eu o dispensasse de um acompanhante? — perguntou Vaida.

Depois de coçar o bigode pensativamente, Ashraf assentiu.

— Receio que sim. Minha mãe vem me visitar na semana que vem.

Vaida fez beicinho e soltou o assistente. Tossindo e espirrando, o idiota encharcado caiu na grama, rastejando para longe de Vaida com os cotovelos.

Sefa e Vaida não comentaram o incidente até estarem em segurança na carruagem. Sefa tentou agradecer pelo resgate, mas Vaida respondeu bruscamente:

— Se alguém falar com você assim de novo, tem toda a minha permissão para serrar a língua dessa pessoa com a sua lâmina mais cega. Não espere que eu ou outra pessoa intervenha em seu lugar. Por mais que pareça desprezá-la, às vezes a violência *é* a resposta. Às vezes, é a única maneira de se salvar.

Ninguém poderia chamar Vaida de calorosa.

Mas Sefa insistiria até o último suspiro que sim, a Sultana de Lukub poderia ser gentil.

CAPÍTULO 32

SYLVIA

A morte chegou ao amanhecer, vestida com o azul e o branco da bandeira Omaliana.

O chão estremecia com o trote de centenas de cavalos. A luz se dispersava em frente à floresta enquanto uma horda de soldados Omalianos cavalgava em direção à muralha a toda velocidade.

Na estrada principal, os moradores estavam aglomerados, com as suas armas perigosamente pressionadas perto das costas dos que estavam na frente deles.

O próprio terror não poderia ter encontrado uma homenagem mais adequada ao seu nome; do homem mais velho ao filho mais novo, ele devastou os Omalianos. Eles estavam parados sob a pintura desbotada dos Awaleen, os irmãos observando os acontecimentos da lateral do prédio com a sua indiferença habitual. Os aldeões mais velhos pressionaram as mãos contra a pintura de Kapastra, a Awala de Omal, em busca de força.

Como se Kapastra fosse capaz de levantar um dedo para ajudar alguém nesta vila. Dei-lhe as costas.

— Você acha que vai funcionar? — murmurou Namsa. Percebi tardiamente o aperto que ela tinha na minha manga, a brancura dos seus lábios franzidos. Namsa podia ter matado antes, mas duvidava que tivesse visto combates sérios. Havia um motivo para Arin persegui-los pelos reinos há anos: os Urabi eram especialistas em evitar a captura, e a dependência dessas habilidades de sobrevivência os impedia de cultivar outras.

Do meu outro lado, Efra fez uma careta. Ao contrário dos outros, eu não lhe dera nenhuma instrução sobre quando usar sua magia. Observei as suas mãos tremerem com a urgência de aliviar a pressão emocional crescente dos Omalianos sobre ele.

Eu precisava da magia de Efra em plena força. Não conseguia expressar que, se o que eu temia acontecesse, seu poder poderia ser a única coisa capaz de nos salvar.

Como um só, prendemos a respiração enquanto os primeiros cavaleiros atravessavam a brecha na muralha. Era isso. O destino de Mahair, dependendo de um único minuto.

Gritos ecoaram enquanto os soldados desciam de seus cavalos. Cascos se esforçavam para se soltar da rede escondida sob montes de lama na entrada da muralha. O estalar frenético das rédeas nos trouxe alívio, música para os ouvidos.

Troquei um sorriso triunfante com Namsa. Tínhamos tempo e redes suficientes para colocar um pequeno banco de lama ao redor do perímetro da muralha. Eu havia assegurado à aldeia que a lama esconderia a rede, e derrubar os cavaleiros da frente nos daria uma vantagem preciosa. Eu não precisava que a investida recuasse.

Só precisava que diminuíssem o ritmo.

Enquanto os soldados caídos tentavam empurrar seus cavalos para fora da rede, a próxima dúzia cavalgava a toda velocidade e colidia com os soldados presos. Eles voavam de suas selas, derrubando uns aos outros com o impacto. Os cavalos bufavam, pisoteando os homens debaixo deles.

— Passem por cima do muro! — gritou um dos soldados. — Um de cada vez!

Cavalos começaram a pular o muro, passando por cima dele em um único salto. A vila tremeu quando pousaram.

— Medhat, agora! — eu gritei.

Medhat afastou-se da multidão. Ele tocou o interior de seu pulso no outro, as pontas dos dedos se tocando enquanto chamas se acumulavam no espaço entre as palmas das mãos.

Os Omalianos o observavam, fascinados, enquanto eu os observava. Um Jasad revivido não duraria muito sem aliados. Um dia, precisaríamos deles, assim como hoje eles precisavam de nós.

Medhat agachou-se, com os cordões de fogo unindo as suas mãos, que se separavam, pulsando entre elas. Ele virou as palmas para fora e *arremessou*...

Uivos saturaram o ar enquanto o fogo irrompia no topo da muralha, percorrendo o perímetro. Um cavalo relinchou ao passar pela muralha e encontrar a parte inferior queimada, caindo de joelhos e lançando o seu cavaleiro para a frente. O estalo de seu crânio contra o chão ecoou sobre os gritos dos soldados em chamas.

Levantei a minha espada e fiz sinal para Fairel, que havia se abrigado no topo do edifício com a pintura dos Awaleen. Uma flecha cortou o ar, e um soldado, cambaleando, caiu ao se enterrar no coração.

Ao sinal, a multidão enfim se agitou. Eles avançaram contra os soldados, erguendo bem alto todas as armas que havíamos encontrado, junto com algumas panelas e espanadores de vime.

— Medhat, você consegue segurar? — perguntei. Riachos de vermelho derretido fluíam pelas rachaduras de suas mãos. Enquanto Medhat os impedisse de pular o muro, eles só poderiam entrar pela abertura da frente. No máximo, cabiam cinco cavaleiros por vez. Sem a vantagem do número, poderíamos eliminá-los à medida que chegassem.

Ele me mandou um beijo.

— Tudo por você, Malika. Sou apenas o seu humilde súdito.

— Vou dizer à Kenzie que você disse isso.

— Espere, espere...

Com a lança erguida, disparei em direção à luta. Os outros tinham

as suas instruções, e eu tinha que ter fé de que não escolheriam um momento tão precário para me desafiar. Até mesmo Efra.

Mais soldados surgiram pela abertura, e espadas colidiram em um uivo metálico ensurdecedor atrás de mim.

Gritos ecoaram do nosso lado do muro. Meu estômago revirou quando derrubei um soldado que corria em direção à fortaleza. Se eu tivesse calculado mal... se fosse melhor para todos se esconderem...

Eu não conseguia pensar nisso.

Um soldado cavalgou direto para mim, com a sua espada balançando em direção ao meu pescoço. Eu me abaixei, a ponta da minha espada cortando as cordas da sela. Ele caiu para o lado, traído pelo próprio impulso, e o arrastei pelo resto do caminho até o chão e enfiei minha adaga em sua garganta. Eu havia deixado os machados e as lanças – qualquer coisa com maior alcance – para os menos experientes entre os aldeões, o que significava que as mortes que eu causaria hoje seriam bem próximas.

Arranquei a espada da mão frouxa do soldado e passei por cima dele. Agarrei um punhado da crina do cavalo e me puxei para cima dele. Pela tumba contaminada de Rovial, mas eu sentia falta de cavalgar um animal sem escamas.

A maior parte da luta se concentrava perto da entrada. A lama se agitava sob os pés velozes. Gritos ecoavam pela luta, com as suas origens perdidas no barulho de espadas e cavalos. Meu coração batia forte e verifiquei se Fairel não havia deixado o seu posto no prédio. Ela queria se juntar a nós no chão, mas eu lhe disse que precisávamos de alguém para dar o alarme e atirar se os soldados encontrassem a outra entrada para Mahair, já que eles viriam por trás de nós.

Conduzi o cavalo em direção à luta e segurei firme as rédeas com uma das mãos enquanto ele galopava. O vento roçava o meu pescoço, congelava os meus cílios, mas eu não sentia frio. Bloqueei golpes com a

minha espada roubada e cortei os tolos que se aproximavam. A euforia levou embora as minhas preocupações terrenas, afogando-as sob as batidas do meu coração e do meu sangue correndo.

Sem Emre, sem Palia ou Niyar, sem magia distorcida. Apenas a dor nos meus músculos, a dor nas minhas coxas agarrando o flanco escorregadio do cavalo, a viscosidade do sangue encharcando minhas roupas.

Minha magia me aqueceu por dentro, ansiosa para entrar na luta, mas eu não precisava dela. Não para isso.

Minha espada colidiu com a que se aproximava da cabeça de Lateef. Avancei, puxando o soldado do cavalo para o meu e cravando a adaga presa à minha cintura em seu peito.

Joguei o corpo no chão enquanto Raya chamava o meu nome, mas enquanto eu cortava e gritava avisos, eu era Essiya e era Sylvia. Era ambas e nenhuma, a Herdeira perfeita e a órfã brutal, a viva e a morta. Eu era duas totalidades imperfeitas fundidas em uma.

Encharcada de sangue, transbordando de magia, a gravidade do desserviço que eu havia causado a mim mesma se fez sentir. Quão terrivelmente havia minimizado a enormidade de tudo o que eu continha. O quanto temia tudo o que poderia me tornar.

Você tem o potencial e o poder de ser pior do que qualquer um que veio antes de você.

Eu não estava destinada a ser a pessoa que Soraya temia. Seus medos não seriam o meu destino. E se esse potencial e poder significassem que eu poderia ser *melhor* do que aqueles que vieram antes de mim?

Um grito de gelar o sangue rasgou o ar, arrepiando os cabelos da minha nuca.

Virei o cavalo, com os nós dos dedos brancos em volta das rédeas. Daleel e outras três moças da fortaleza estavam abaixando Raya até o

chão enquanto ela ofegava, apertando o peito. Saltei do cavalo, jogando a minha espada para o lado enquanto corria.

Por que ela estava do lado de fora da fortaleza? Eu tinha dito para ela ficar onde estava!

Caí de joelhos ao lado de Raya, empurrando as outras meninas para o lado. A pele da costureira adquirira um tom acinzentado. Linhas brancas traçavam os sulcos de seus lábios sem cor, entreabertos por sua respiração superficial. Seus olhos estavam semicerrados, piscando com o movimento.

— Ela vai morrer? — lamentou uma das meninas. Eu não conhecia essa. Ela devia ter chegado recentemente.

— Chame o Rory — ordenei. — Vá!

Um corte largo se estendia sobre o ombro direito de Raya, estendendo-se sobre a clavícula e o peito. Sangue havia encharcado a sua camiseta.

Meu corpo ficou frio. Eu já tinha visto esse tipo de ferimento.

Eu sabia o que queriam dizer.

— Você não pode morrer — ofeguei. — Quem vai acolher essas garotas se você morrer? Ninguém mais vai tolerá-las. Ninguém mais sabe amar garotas difíceis. Elas serão vagabundas. Todas vão virar vagabundas porque você não conseguiu me ouvir pelo menos *uma vez* e ficar dentro da fortaleza!

Eu estava em Dar al Mansi, e Dawoud estava morrendo em meus braços.

Uma bengala bateu no meu ombro.

— Afaste-se, criança — murmurou Rory. — Deixe-me ver.

Daleel ajudou Rory a se ajoelhar ao lado de Raya. Ele examinou o ferimento, apalpando as bordas inchadas. Dois dedos passaram sob o queixo dela, verificando o seu pulso.

Durante todos os anos em que o conheci, as mãos de Rory sempre

se mantiveram ocupadas. Balançando a sua bengala, sacudindo o punho ou assassinando os sapos que eu lhe trazia para as suas poções e unguentos. Mesmo quando adormecia sobre a mesa, seus dedos se contraíam em direção a um alvo invisível.

Quando ele se afastou de Raya, com as mãos imóveis no colo, balancei a cabeça antes que ele pudesse dizer uma palavra.

— Não.

— Essiya...

— Não! — Com quem ele pensava que estava falando? Eu poderia consertá-la...

... Eu não consegui salvá-los...

Eu poderia curá-la.

... eles fizeram isso...

Quando a magia me invadiu desta vez, eu a acolhi. Cumprimentei uma velha amiga de braços abertos.

Ajoelho-me na lama, com a chuva escorrendo pelo meu cabelo e ombros. Eu falhei. Eu falhei. Eu falhei.

As figuras da cachoeira apareceram ao meu lado. Não a deixaríamos morrer. Nós a salvaríamos. Não a perderíamos da mesma forma que perdemos Dawoud. Eles se ajoelharam em círculo ao redor de Raya, com os ombros se tocando.

— Essiya — repetiu Rory, baixinho. — Minha filha, a magia não pode reverter a morte.

— Ela está viva, químico — dissemos. — A morte ainda não fez sua aparição.

Uma mão envolveu o ferimento de Raya. Pressionamos a outra no centro do seu peito. Juntos, contamos as batidas.

Um, dois. Ela viverá.

Três, quatro. Ela estará segura.

Cinco, seis. Ela é nossa.

A luz floresceu no centro do peito de Raya. Cresceu, um sol queimando através de sua pele mortal. Ondas douradas se sobrepunham enquanto crescia, queimando os olhos das garotas agachadas ao redor de Raya. Elas gritaram, virando-se, mas os meus olhos permaneceram firmes.

Pressionei o seu peito, com o seu coração preso entre a espinha e a palma da minha mão, e seu ferimento começou a sangrar. Sangue prateado jorrou do peito de Raya e escorreu para o chão. Litros e litros de prata, acumulando-se ao nosso redor. Encharcando nossos joelhos e espadas.

Uma vez dado, não pode ser devolvido, sussurraram as outras. Ondas de ouro se abriram como uma boca voraz, saindo de Raya. *Se você a tornar nossa, não poderemos voltar atrás.*

Eu não queria nada em troca. Não haveria Mahair sem Raya. Essas meninas não se tornariam vagabundas por minha causa. A história de Raya não terminaria hoje, não assim.

Nós pressionamos até que um osso se partisse no peito de Raya.

Uma gota prateada escorreu de volta para o ferimento de Raya. Depois outra, e mais outra. Deslizando por sua pele, iluminando as suas veias enquanto observávamos. A luz dourada brilhava em ondas que poderiam alcançar os confins do mundo, elevando-se tão altas quanto as montanhas à beira do mar.

Nós pressionamos nossos pulsos juntos, a lembrança das algemas de prata que nos prendiam nunca muito longe, e abrimos nossos braços.

O rosto no balde d'água sorri. Atrás dela, os corpos mutilados dos gatos que se recusaram a brincar balançam nos galhos de suas árvores favoritas. O dourado e o prateado em seus olhos permanecem perfeitamente imóveis, e ela está ocupada demais admirando-os para notar a sombra que se estendendo sobre a água, nem a pá avançando em direção à sua nuca.

Tão depressa quanto surgiram, as marés de ouro recuaram,

encolhendo até se tornarem uma única brasa brilhante flutuando no ar.

Macio como uma pena, ele derreteu no centro da testa de Raya.

Arfei enquanto a minha magia se esvaía. As figuras desapareceram ao meu redor, deixando um rastro de vazio. Eu queria chorar com a perda.

— O que você fez? — sussurrou Rory, e o seu medo finalmente me afastou daquele vazio doloroso. Rory estendeu um braço como se quisesse proteger as meninas de mim. Elas se encolheram atrás dele, e dois pensamentos se fundiram em um só.

Por que ele pensaria que eu as machucaria?

Ele acha que poderia me impedir? Eu posso arrancar os ossos delas no mesmo tempo que ele leva para pronunciar meu nome com os lábios.

Um arrepio percorreu o meu corpo. Eu me levantei de cima de Raya, assustando meu cavalo. Rory e eu nos encaramos, com os olhos arregalados, e eu abri a boca.

Só que eu não confiava na minha voz. Se falasse, não tinha certeza de quem moldaria as palavras.

Eu ou *aquilo*.

A resposta permaneceria desconhecida para nós dois, porque Raya gemeu. Rastejei em sua direção, pairando sem tocá-la. Aterrorizada com o que as minhas mãos fariam se a alcançassem.

— Raya? — perguntei, hesitante. — Você consegue me ouvir?

Um gemido gutural.

— Quem me dera não poder.

As meninas se abraçaram, os joelhos fraquejando de alívio enquanto nos reuníamos em torno de nossa guardiã caída. Todos, exceto Rory. Ele observava Raya como se ela pudesse criar garras e arrancar sua cabeça.

— O ferimento dela desapareceu — murmurou Daleel, maravilhada. — Pelo machado ensanguentado de Dania, Sylvia, você a

curou.

— Nada de palavrões — Raya advertiu.

Quando ela abriu os olhos com listras prateadas e douradas, algo dentro de mim relaxou.

Nossa, dizia.



Para evitar uma espiral descendente, fiz o que sabia fazer de melhor: me joguei na batalha.

Girei na sela e cortei a espinha de um soldado no momento em que ele arrancava a espada do peito de um aldeão. O soldado desabou sobre o aldeão que havia matado, e esperei um segundo para que alguém o resgatasse.

Raya e Rory estavam seguros na fortaleza com as outras garotas. Rory tentara falar comigo, mas a batalha continuava. Eu não conseguia ouvir o que ele tinha a dizer. Não tinha respostas para ele. Nenhuma explicação para o fato de Raya não ser um dos muitos cadáveres espalhados sobre Mahair.

Os olhos dela…

Senti um arrepio na nuca. Fiquei paralisada quando um soldado veio em minha direção e me deu um corte profundo no braço.

— Ihzary! — Namsa. Maia, talvez. Eu não sabia. Não me importava. O aviso significava uma coisa.

Virei-me para a entrada.

Uniformes pretos e violetas lotavam a orla de Mahair e formavam fileiras uniformes ao longo da fronteira. Contei quarenta e seis soldados Nizahl – menos do que a força Omaliana que ainda lutava dentro de Mahair, mas dez vezes mais mortíferos.

Na frente, com o braço estendido para o lado para impedir que avançassem mais, estava Arin.

O mundo se estreitou, remodelando-se em torno do Comandante de Nizahl.

Incrivelmente tola, perder o contato com o ambiente ao meu redor quando ali havia soldados tentando bravamente me atravessar. Mais do que estúpida, agarrar as rédeas do meu cavalo com tanta força que o couro cortou as minhas palmas. Não consegui convencer o meu peito a descongelar por tempo suficiente para respirar.

Ele me encontrou.

Cabelos prateados roçavam a sua gola, mais longos do que da última vez que o vi em carne e osso. A ponta do casaco se erguia ao vento, fazendo voar os corvos bordados na bainha. Cada laço do colete estava perfeitamente amarrado, cada ponto da calça preta impecavelmente aparado.

Nenhum caos ousou tocar Arin de Nizahl. O Herdeiro gélido, o Comandante intocável, tão imaculado no campo de batalha quanto na corte real.

Mas quando olhei em seus olhos, não havia nada de frio neles. Arin me encarou como se estivéssemos a centímetros de distância, como se o mar de lutas não merecesse um segundo de atenção. Eu me senti exposta e vulnerável, mais consciente de mim mesma do que há muito tempo.

Meu pulso batia forte, o zumbido frenético abafando qualquer som concorrente. Eu precisava sair daquela situação. Se ele me alcançasse, tudo estaria acabado. A Rainha Hanan, a fortaleza, Nuzret Kamel. Todas as opções estariam perdidas.

Mesmo que Arin tivesse começado a questionar o seu pai e as verdades nas quais se baseou durante toda a vida, isso não o impediria de me prender enquanto procurava por respostas.

Arin observava as chamas saltando sobre o muro, o deslizamento

de terra, os soldados encurralados na entrada principal. Montando a minha estratégia.

Quando o seu olhar encontrou o meu outra vez, brilhou com orgulho.

Alguém agarrou a minha manga. Só consegui diminuir a velocidade a tempo de não arrancar o braço de Efra do lugar.

— Você sabe o que está fazendo? — sibilou ele. Olhou para a frente, fixando-se em Arin com uma expressão entre o medo profundo e o ódio ardente.

Minha paciência já estava no fundo, mas reuni forças suficientes para apertar a mão que ele segurava em meu braço e dizer:

— Ele não entrará a menos que passemos pela parede ou usemos magia. Perseguir-nos agora exigiria matar os aldeões ou os soldados em seu caminho, e isso seria visto como uma declaração de apoio de Nizahl à coroa de Omal. Nizahl proíbe terminantemente o envolvimento em conflitos não mágicos dentro e entre reinos.

Olhei para Arin. Ele não se moveu, mas os seus olhos se fixaram no ponto onde a minha mão cobria a de Efra e ficaram curiosamente inexpressivos.

— Arin nos permitiria escapar antes de quebrar as leis de seu reino. A menos que lhe demos uma abertura, estamos seguros.

Uma explosão atrás de nós sacudiu os nossos ossos, fazendo a terra tremer. Efra me derrubou do cavalo, usando o seu corpo como escudo enquanto destroços em chamas choviam ao nosso redor.

Empurrei-o para longe, limpando as lascas de madeira que queimavam as minhas roupas.

— Túmulos amaldiçoados — xinguei. — Só uma vez, eu gostaria de estar *errada.*

Mais soldados Omalianos haviam chegado, entrando pelas fronteiras ao oeste desprotegidas da vila. Eles vinham em massa do

fundo da estrada principal, com a bandeira de Omal hasteada à frente. Estávamos prestes a ser cercados por soldados Omalianos de ambos os lados.

— Você precisa usar a sua magia se quiser salvar sua preciosa vila! — disparou Efra. — Caso contrário, precisamos evacuar os sobreviventes e sair daqui. Não podemos arriscar a sua captura.

Não me peça para usar a minha magia, eu queria implorar. *Você não tem ideia do quanto isso pode custar.*

Eu não podia pedir que fossem embora. Eles não iriam. Ficariam e lutariam até que os seus corpos se empilhassem uns sobre os outros.

— Escute! — A terra incrustou o cabelo de Efra, enlameando as suas roupas. — Não podemos derrotar todos eles.

Eu sabia que Efra não se importava com Mahair. Ele via isso como um conflito Omaliano infeliz, sem qualquer relação com Jasad ou magia.

Mas este era o meu lar. Mahair e todos ali eram *meus*. Um pedaço de mim permaneceria para sempre aqui, e eu não deixaria Felix levá-lo.

— Não por conta própria. — Levantei a cabeça, encontrando o olhar firme de Arin. Eu precisaria correr de volta para a fortaleza e buscar as luvas que havia trazido. — Diga-me, quantas pessoas sua magia pode influenciar ao mesmo tempo?

CAPÍTULO 33

ARIN

Vidas se esvaíam a poucos passos dele. No horizonte, chamas crepitavam sobre telhados de palha. Fumaça cinzenta subia em direção ao céu plácido. O cheiro acre de palha queimada os sufocava.

Esses eventos exigiam a atenção total e exclusiva de Arin. Ele deveria estar elaborando métodos para contornar as leis que o impediam de marchar em direção ao caos e resgatar a Rainha de Jasad. Deveria estar atento a qualquer oportunidade que lhe dessem para cruzar a fronteira com Omal.

Mas Arin não conseguia se concentrar além da maneira como o homem havia colocado a mão em seu braço. Como ela o havia coberto com a sua.

Uma garota com menos de vinte anos gritou quando um soldado a cavalo agarrou um punhado de seus cabelos. Ele empunhou sua espada, e o som foi interrompido abruptamente. Seu corpo caiu, juntando-se ao número crescente no chão.

— Senhor... — Um dos alunos do terceiro ano, Riddah, deu um passo à frente, apenas para encontrar a resistência do braço de Arin.

— Espere — Arin gritou. Ele detestava ficar parado assistindo tanto quanto eles. Era um massacre. Felix havia sancionado a execução de aldeias inteiras, extinguindo meios de subsistência e famílias em minutos. Eles não haviam cometido nenhum crime. O único perigo que representavam era para a imagem de Felix, que já havia sido jogada na lama. Um massacre dessa magnitude era uma crueldade sem propósito, com o único objetivo de massagear o seu ego e enviar uma mensagem.

Mas Nizahl não podia intervir. Esta linha *não podia* ser cruzada.

Quanto mais Arin observava Sylvia, mais difícil ficava lembrar o porquê.

Sua espada cortou o pescoço de um soldado, decepando-o com um golpe certeiro. Ela se recostou na sela, evitando por pouco a espada de outro soldado. Ela perfurou o ar vazio onde seu torso estivera, e agarrou o cabo, prendendo o braço do soldado enquanto levava a espada até ele. Ele gritou quando sua mão caiu no colo dela, o punho se contorcendo em seus dedos órfãos. Ela silenciou seus gritos com sua própria arma, enfiando a espada no peito dele e chutando-o para fora da sela. Sua trança balançava de um ombro para o outro enquanto ela se movia com eficiência implacável para seu próximo alvo.

Arin poderia observá-la lutar até que ervas daninhas crescessem ao redor de suas botas, e ele tinha a sensação de que ela nunca se cansaria.

— Ahn…

O som abafado vindo de Riddah forçou a atenção de Arin de volta para a entrada da vila, onde uma fileira de soldados Omalianos havia ficado imóvel como pedra. Rosnados se espalharam por seus rostos. Dedos se fechavam e se abriam em torno dos cabos das espadas.

Como um só, eles se voltaram para onde Arin e os soldados Nizahl estavam.

Uma corrente de magia vibrou no ar, colocando os sentidos de Arin em alerta máximo.

Os soldados Omalianos incitaram os seus cavalos a se moverem, espadas erguidas e apontadas em sua direção. Atacar soldados de Nizahl em território neutro enquanto eles aguardavam, sem fazer nada?

Um pequeno sorriso tocou os cantos dos lábios de Arin.

Por que... isso parecia um pandemônio político. Tão delicioso que Arin queria mais.

— Esperem! — Arin gritou. Risos borbulharam em seu peito. Inteligente, inteligente Suraira. — Se eles atacarem, vocês têm a minha

autorização para entrar na aldeia e expulsar os soldados Omalianos. Não joguem as suas lanças a menos que seja em contato próximo... se algum de vocês matar um aldeão por descuido, deixarei os seus destinos para a família dele.

Os soldados Omalianos irromperam pela entrada e saltaram por cima dos corpos semienterrados no deslizamento de lama. Em segundos, estariam sobre eles. Uma onda de expectativa fluiu entre seus homens.

Arin baixou o braço.

— Agora!

Seus soldados o cercavam, aço colidindo com aço, cavalos empinando enquanto os seus cavaleiros caíam de suas montarias. Arin abriu caminho pela confusão, enfiando as mãos nos bolsos do casaco, e entrou em Mahair.

Outra vibração mágica precedeu uma onda de gritos vindos da estrada principal. Arin lançou um olhar para as pessoas curvadas ao meio, com as mãos tapando os ouvidos. A magia o atingiu e se dispersou, tão insubstancial quanto fumaça se projetando contra uma parede. Uma tática interessante de um dos Jasadis.

Cinzas cobriam o céu, manchas cinzentas choviam suavemente sobre os corpos dos caídos.

Onde ela estava?

Uma espada cortou a manga de Arin. Ele se esquivou do golpe seguinte e desferiu um, puxando o soldado preso ao braço para fora do cavalo e jogando-o no chão. O soldado se debateu, mas Arin o segurou firme. Suas mãos emolduraram a cabeça do soldado Omaliano e a torceram. Um forte estalo, e o corpo do soldado, que se debatia, ficou imóvel.

Arin o jogou de lado e franziu a testa ao ver o rasgo em sua manga.

Quando chegou ao meio da estrada principal, já havia eliminado outros quatro soldados sem avistá-la.

— Kenzie! — O grito de gelar os ossos rasgou a confusão. Um homem loiro correu até o corpo de uma mulher em colapso. Um brilho vermelho jorrava de suas mãos em concha, e Arin parou de repente diante das esferas gêmeas de fogo que disparavam pelo ar. Pousaram em um soldado Omaliano, envolvendo-o em fogo. O cavalo empinou, derrubando o cavaleiro em chamas, e galopou na direção oposta.

Três magias únicas que Arin havia encontrado apenas nos últimos dez minutos. Quantas delas os Urabi possuíam?

Ele caminhou em direção a Jasadi, agachada, que soluçava enquanto tentava estancar o sangue que escorria do estômago da jovem. Arin não precisou se aproximar muito para deduzir que ela já havia falecido. Outra Jasadi?

— Medhat, cuidado!

Arin se virou. Ali estava ela; saltando sobre os corpos caídos, com as roupas esfarrapadas e ensanguentadas. Um soldado Omaliano passou por Arin, erguendo a sua espada larga para decepar a cabeça da Jasadi, que chorava.

Sem nenhuma urgência real, Arin pegou a lança que estava ao lado do soldado incendiado e limpou os pedaços de carne carbonizada. Ele se encostou na parede, observando-a correr em direção aos dois no chão.

Arin levantou o braço, transferindo o peso para a parte de trás do pé. Esperou até que a espada do soldado Omaliano se curvasse para baixo, com o impulso garantido para cortar a cabeça da chorosa Jasadi de seus ombros.

Arin lançou.

Com três pontas e cabo curto, a lança fora projetada para imobilizar javalis a curta distância. Arin a arremessou para o alto, protegendo o peso da lança contra a distância. Um uivo irrompeu do soldado Omaliano quando a lança o atravessou no ombro, cortando carne e osso. A espada caiu a centímetros da chorosa Jasadi enquanto o soldado caía

do cavalo.

O tornozelo do soldado empalado ficou preso no estribo, e os seus gritos roucos ecoaram atrás dele enquanto o cavalo disparava, arrastando seu corpo sobre os destroços em chamas e cadáveres espalhados pelo terreno da vila.

Arin mal havia baixado o braço após o arremesso quando o levantou mais uma vez, desta vez para desviar da lâmina que voava em sua direção. Arin agarrou o pulso dela, segurando-o com firmeza enquanto ela tentava se soltar, e a puxou de volta contra seu peito. Ele torceu o braço dela para que a própria lâmina ficasse equilibrada na parte de baixo da garganta dela.

— Encontrei você — murmurou Arin em seu ouvido. Ela ergueu o queixo para encará-lo, ignorando a lâmina em sua garganta. Tão perto, Arin conseguia ver cada pontinho castanho em seus olhos escuros aveludados, ler cada emoção como se estivesse escrita em uma língua que ele havia nascido para falar. — Eu te avisei o que aconteceria se deixasse as montanhas.

— Teria sido constrangedor se você não tivesse me encontrado — disse ela. — Fiquei preocupada que talvez tivesse que começar a desenhar placas.

A diversão cresceu em seu peito.

— É este o meu agradecimento por salvar a sua amiga chorosa?

— Eu estava cuidando disso. Não precisava da sua ajuda.

Arin não tinha a mínima esperança de conter o sorriso, assim como não conseguia impedir os seus pulmões de inalar o cheiro dela. Ela cheirava mal – como lama e mofo de rio –, mas por baixo disso havia a doçura inconfundível de Sylvia. Ela estava ali. Não um fantasma em sua cabeça ou uma aparição mágica em seus aposentos.

— Suponho que você também não precisasse da minha ajuda para expulsar os soldados Omalianos que vinham do oeste. Foi pura sorte que

eles atacaram os meus homens sob a influência da magia, facilitando a nossa intervenção.

Um cotovelo atingiu o meio do corpo de Arin no mesmo instante em que um conjunto de dentes se fechou em torno de seu pulso enluvado. Ele recuou antes de acidentalmente atingi-la, permitindo que Sylvia se soltasse de seus braços e o encarasse com segurança, a poucos metros de distância. Ele esfregou as marcas de dentes em sua luva, seu sorriso ridículo se ampliando.

Malika de Jasad ou não, ela ainda tinha o temperamento de um ganso enlouquecido.

— Não vou deixar você me levar — ela avisou. Ergueu uma espada e ajustou o punho. Usava luvas douradas quase idênticas às que usara durante os testes. — Não me force, Arin.

Arin deu um passo leve em sua direção.

— Achei que já tivesse te ensinado melhor do que isso. — Mais um passo. — Nunca desafie um oponente que você não pode derrotar.

— Pelo cabelo abençoado de Baira, você se considera tão importante. — Sylvia se aproximou dele. Eles se circulavam. — Não estamos mais lutando nos túneis. Não sou a mesma garota que você preparou para o Alcalah.

— Ótimo. — Arin pensou e descartou a lança, pegando a espada larga do soldado morto. Não era uma arma ideal para combate corpo a corpo, mas ele poderia muito bem dar a ela uma vantagem. Arin estendeu a mão convidativamente no espaço entre eles. — Já era hora de você me mostrar quem você é de verdade.

Para o seu crédito, seu primeiro golpe quase o pegou de surpresa. Baixo e na diagonal, uma mira certeira o cortaria do ombro direito ao quadril esquerdo. Arin se esquivou e, no mesmo movimento, sacou do casaco uma adaga do tamanho do seu dedo mais longo e a arremessou.

Ela se cravou a um fio de distância do pé dela. Ela congelou, e Arin

disse:

— Seu primeiro e único aviso. Você dobra os joelhos antes de golpear; isso te denuncia e me indica a direção que você pretende seguir.

Sylvia puxou a adaga da terra sem tirar os olhos dele e a guardou na bota.

— Ainda gosta de atirar adagas?

— Só quando meu alvo é muito bom em pegá-las.

Arin sacudiu a espada para bloquear o golpe, e o som metálico ecoou entre eles. Usando força suficiente contra a espada dela para mantê-la erguida, ele a empurrou contra a parede e prendeu a espada dela sob a sua. Presa entre a parede e o peso da espada larga de Arin, ela se esforçou para escapar da armadilha.

— Quantas vezes eu te ensinei a evitar esse golpe? — A voz de Arin esfriou como o inverno mais rigoroso. — Acha que só porque os seus olhos brilham um pouco agora, não tem motivo para continuar com o seu treinamento?

Com os braços erguidos acima da cabeça, a centímetros de distância, eles se encaravam.

— Até o final disso, você me chamará de Mawlati com um sorriso — prometeu Sylvia.

Um arrepio percorreu Arin. Ele havia se esquecido desse sentimento, desse abandono imprudente que só ela gerava; como se o resto do mundo não passasse de um ruído no fundo de sua cabeça e a verdadeira realidade começasse e terminasse no espaço que ela ocupava.

— Prove — ele enunciou, com os lábios a menos de um sopro do topo dos cabelos dela.

De repente, as espadas bateram na parede quando Sylvia deslizou para baixo e jogou seu peso contra a cintura de Arin, levando os dois ao chão. Antes de caírem, ela deu um soco no estômago dele e tentou pegar a espada.

Nada mal.

Mas também não foi bom o suficiente.

Arin desferiu um golpe, batendo o cabo de metal da espada larga contra sua têmpora. Ela se virou a tempo de evitar o impacto do golpe, mas ainda assim ficou tonta por tempo suficiente para Arin jogá-la para longe de si.

Um cavalo passou galopando por eles, seu cavaleiro curvado para a frente com um machado entre as omoplatas.

Sylvia enxugou a testa com as costas do pulso.

— É só isso o que você tem a me oferecer, Serpente Prateada?

Ela rolou para longe da espada dele. Nos dois segundos que Arin levou para se virar, ela atirou um punhado de pedrinhas e terra diretamente nos olhos dele e investiu.

Eles lutavam no chão sem qualquer tipo de sutileza. Golpes voavam, sangue escorria entre eles até que se tornou difícil dizer a quem pertencia. Se Arin tivesse visto os seus recrutas lutando assim, os teria chamado de crianças indisciplinadas e ordenado que passassem uma semana cavando em Wickalla. Arin nunca colocava as mãos em nada sem um plano claro, sem estratégia. Ela o arrastou para algo cru e brutal, e se Arin não estivesse visceralmente ciente do que poderia acontecer se qualquer parte da pele nua dela acidentalmente tocasse a dele, ele teria apreciado cada minuto disso.

Mas um deslize das luvas, um rasgo errado nas roupas dela... Arin não podia arriscar.

Ela bateu com o punho em seu queixo, jogando sua cabeça com tanta força no chão que ecoou nos joelhos de Arin.

Ele cuspiu sangue.

— Não sou de ficar pensando sem sentido, Suraira, mas estou começando a me perguntar se quem construiu o meu crânio o fez com o propósito expresso de sobreviver a você.

Os olhos de Arin se arregalaram quando dedos enluvados passaram por seu cabelo, prendendo-o na nuca. Sylvia se agachou acima dele, e ele teria se arrependido do corte em seus lábios carnudos ou do sangue escorrendo de seu nariz se ela não tivesse feito o mesmo com ele. Se eles não podiam realmente se tocar, essa aproximação... a intimidade dessa violência entre eles quase era suficiente. Isso quase satisfazia a fome que se acendeu na base da espinha de Arin quando ela afastou uma mecha de cabelo da ferida que sangrava perto de sua maçã do rosto e murmurou:

— Só o seu crânio? — Seu cabelo se soltou ao redor dela, cachos negros espalhando-se por seus ombros fortes, e ela apontou uma adaga contra o coração de Arin. — Não o resto de você?

Arin cravou os dedos na terra e se lembrou do que aconteceria se ele se contorcesse e a prendesse no chão. Se beijasse o sorriso irritante dela e a deixasse atacá-lo de uma forma diferente, desfazendo-o em prazer em vez de dor.

Tudo em mim está escrito em seu nome, ele queria dizer.

A terra tremeu sob Arin, e uma sombra bloqueou o sol.

Ele viu o brilho do metal antes de ver o soldado empunhando-o.

Arin saltou do chão, jogando Sylvia para trás de si no momento em que um soldado Omaliano atirou uma adaga diretamente nela.

A adaga rasgou a coxa de Arin e caiu, molhada com seu sangue, ao lado de uma Sylvia assustada.

Arin não sentiu o corte. Ele nem mesmo olhou para baixo para ver a profundidade do corte.

Se tivesse atingido o alvo, a teria matado.

Uma névoa estranha desceu sobre ele, resfriando seus ferimentos até uma agradável dormência. Pegando a adaga do soldado, Arin a limpou em seu colete e se levantou. Ele caminhou em direção ao soldado sem pressa, evitando os golpes frenéticos da espada do tolo

incompetente. Imagine; um soldado Omaliano imundo derrubando Sylvia de Jasad. Matando-a enquanto ela estava distraída. Matando-a enquanto estava literalmente nos braços de Arin.

Essiya, não Sylvia. Essiya, que nunca esteve segura... nunca estará segura... porque é a Malika de Jasad. Sylvia teria fugido no momento em que você esbarrou em Mahair, mas Essiya ficou. Essiya lutou, e continuará lutando até que não reste nada dela.

A garota que sorria para ele com sangue manchando as rachaduras dos dentes e a governante que destruía reinos por seu povo. A mesma pessoa.

Sem pensar, Arin cravou a adaga na garganta do soldado e a arrastou para baixo: sobre a crista do esterno, através da gordura macia da barriga e até a esponja da pélvis. O cabo tremeu em sua pegada enquanto separava músculo do osso. Entranhas se espalharam pelas luvas de Arin, sujando as suas mangas, mas ele não se importou.

Eles não podem tirá-la de mim.

Repetia-se na cabeça de Arin, um mantra que soava mais alto a cada segundo. Estripou o soldado e, por um breve momento, foi a mulher quem ergueu o chicote contra Essiya, vendada, na outra ponta de sua adaga. Qayida Hanim, cujos os gritos de gelar o sangue rasgavam o ar, Qayida Hanim, cujos os olhos se turvaram com a primeira geada da morte.

O soldado caiu de joelhos. Quando o corpo caiu para a frente, com a cabeça batendo na bota de Arin, percebeu que mais uma vez pertencia a um soldado Omaliano.

Rios vermelhos jorraram do cadáver, irrigando a fina camada de ervas daninhas abaixo dele. A adaga caiu do aperto de Arin, aterrissando na poça.

Quando se virou, ela estava imóvel no chão. Pela primeira vez desde o início da batalha, ela pareceu assustada.

— *Ah.*

— Ele poderia ter matado você.

Sem desviar o olhar do dele, Essiya se levantou. Uma mudança fundamental havia ocorrido, mas Arin ainda não se acalmara o suficiente para identificá-la.

— E? — Em vez de raiva, a voz de Essiya ficou rouca de frustração e algo parecido com tristeza. — Você ficou chateado por perder a oportunidade de fazer isso sozinho?

— Você não morrerá nas mãos de um soldado covarde que a ataca pelas costas.

— Então você o estripou por causa da natureza do ataque? — Ela esfregou a testa com a base das mãos. — Você me ensinou que a única honra verdadeira no mundo está com os mortos, porque os sobreviventes atacam primeiro e se arrependem depois.

Arin enrijeceu-se. Atrás dela, a maré havia se voltado contra os soldados Omalianos. Arin não duvidava disso; uma horda de açougueiros uniformizados não era páreo para um punhado de soldados disciplinados e bem treinados. Animados pela perspectiva da vitória, os aldeões pararam de recuar. Enquanto Arin observava, soldados de Nizahl, rebeldes Jasadi e aldeões Omalianos marcharam em direção à frota de Felix, que começava a se aproximar da muralha externa de Mahair.

Quando foi a última vez que os reinos se uniram, alinhados por uma causa comum?

Essiya ergueu as mãos trêmulas, com as palmas abertas apontadas para Arin.

— O Supremo está mentindo para você.

Arin cerrou os dentes e precisou de um esforço concentrado para destravar sua mandíbula.

— Como você vive dizendo.

— Você continua sem ouvir. Arin, ele está mentindo sobre...

— Meu pai mente desde o dia em que aprendeu a soletrar as letras — disse Arin. — Se ficássemos aqui e as revisássemos do começo ao fim, nos desintegraríamos junto com a sua aldeia.

— Excelente! Se você sabe que ele está mentindo, *por que* ainda está lutando comigo? — ela exigiu.

Arin passou a mão pelos cabelos, indiferente ao sangue seco nas ranhuras da luva. Indiferente a qualquer outra coisa além da dor de cabeça, da irritação roendo os seus ossos com dentes afiados. Ele nunca deveria ter aberto a porta para esse tipo de conversa com ela... nunca deveria ter permitido que as suas acusações vagas cruzassem o limiar de sua mente. Ela era uma chama acendendo o fogo de sua dúvida e soprando pequenas suspeitas em uma chama incoerente.

— O Supremo pode ter mentido sobre a Cúpula Sanguinária. Pode ter mentido sobre quem estava envolvido na mineração mágica de Malik e Malika. — Arin inspirou, um gelo tranquilizante se instalando sobre o inferno em seu peito. O jeito dela não era o dele: Arin não precisava se incendiar para enxergar através da escuridão. Ele se moveria por ela, passo a passo, certo de onde seu pé pisaria antes de levantá-lo. — Mas ele não mentiu sobre a loucura mágica. Cada atrocidade, cada perda massiva de vidas... tudo isso foi nas mãos da loucura mágica.

— Quantos casos houve em toda a história? — ela retrucou. — Cerca de cem ou duzentos desde o sepultamento?

— Um caso a cada século desde o sepultamento.

Essiya o encarou, em choque.

— Isso é... o quê, um pouco mais de setenta? Você está me dizendo que setenta pessoas enlouqueceram com magia, e você decidiu que a culpa era de toda a magia?

— Pergunte-me quantas mortes cada caso causou. Quanta carnificina.

Essiya não reagiu, o seu olhar estava desfocado além do ombro dele.

— A loucura mágica é a sua verdade fundamental, não é? — murmurou ela, quase inaudível. Qualquer um sem o privilégio da audição de Arin não teria percebido. — É sobre ela que Rawain construiu todo o resto?

A pele de Arin formigou no momento em que nuvens douradas e prateadas atravessaram os seus olhos. Elas se transformaram em uma poça mortal.

Ele inclinou a cabeça. Ela sabia que sua magia o atravessaria. Mesmo que usasse o suficiente para machucá-lo no caminho, seria um desperdício de energia. Ela precisaria de toda a sua força para evitá-lo.

Como se lesse a sua mente, ela disse:

— Você pode ser imune à magia. — Pedrinhas batiam na bota de Arin enquanto o chão tremia. Ouro e prata giravam mais rápido. — Mas o mundo ao seu redor não é.

CAPÍTULO 34

ARIN

A terra tremeu. O pedaço de terra sob Arin foi arremessado para trás. Caiu de joelhos, com as pontas dos dedos apoiadas no chão, que se movia sob ele como se tivesse asas invisíveis. Arin deslizou pela terra e atingiu a varanda de pedra sob o toldo da botica. A inércia repentina lançou Arin arremessado pela porta, com a madeira estilhaçando e explodindo contra ele. Potes de vidro se estilhaçaram, cacos voando pela loja como faíscas de uma lareira recém-acesa. A cabeça de Arin bateu em um banco, e ele piscou para afastar pontos pretos.

Ela apareceu na porta, recortada pela fumaça da vila em chamas. Antes que Arin pudesse se mexer, as almofadas do banco se agitaram. Duas delas achataram e se retorceram, ganhando vida. Elas se enrolaram em seus antebraços e o prenderam à prateleira atrás dele. Arin puxou, e a prateleira estremeceu em sinal de alerta. Um puxão forte faria com que a fileira inteira caísse sobre ele.

Ele girou os pulsos, testando as amarras, enquanto Essiya se aproximava. Na penumbra da loja, ela poderia ser Suraira, chegando para atraí-lo para as brumas de Sirauk.

— Você está pensando em maneiras de se soltar, e eu recomendo fortemente que se poupe desse esforço. Você não pode superar minha magia em estratégia, e eu odiaria vê-lo se exaurir. — Seus joelhos se acomodaram em cada lado de Arin enquanto ela montava em seu peito.

— Os outros têm todos esses planos. Planos que eles acham que salvarão Jasad, salvarão a magia — ela refletiu. — Eles acham que nossa maior força está nos números. Mas o tipo de Rainha que permitiria que seu sobrinho cometesse essas atrocidades e desestabilizasse metade do

reino... de que adiantaria ela para nós? Se ela não consegue nem defender seu próprio reino, por que se daria ao trabalho de fazer um esforço por outro?

Arin refletiu sobre as informações, girando as peças até que formassem uma imagem que compreendesse. Os Urabi queriam que a Rainha Hanan apoiasse Jasad? Por que eles pensariam...

Ah.

— Você também percebeu, não é? — perguntou Essiya, estudando o rosto dele. Se Arin sangrasse menos, ele poderia achar alarmante a rapidez com que ela conseguia vislumbrar as rotações de sua mente. — Apelar para ela é inútil.

Arin ergueu uma sobrancelha. Ela não compartilharia os grandes desígnios dos Urabi com ele se acreditasse que essa seria a melhor chance de sucesso.

— Imagino que você tenha uma ideia melhor.

— Eu? Não, não. Eu não sou a planejadora — ela suspirou. — Sempre sou o plano. Mas veja bem, tenho uma teoria.

Essiya se inclinou em sua direção, perto o suficiente para Arin contar os pontos castanhos ainda visíveis em seu olhar imbuído de magia.

— Acho que a única maneira de vencermos é se vencermos você, Vossa Alteza.

A segunda sobrancelha de Arin juntou-se à primeira, arqueando-se em duas pontas de escárnio.

— Vencer-me — repetiu ele devagar, saboreando cada palavra absurda. — E como exatamente você pretende fazer isso?

A parede externa da loja estremeceu. O chão tremeu sob o ritmo de dezenas de cavalos cavalgando pela estrada principal. Ouviram-se gritos de alegria, uma cacofonia de sons animados que desfez o sulco tenso na testa de Essiya.

— Eles venceram — murmurou Essiya. Seu olhar se suavizou. — Nós vencemos.

— Parabéns — disse Arin. — Me solte.

Ela o ignorou, mordendo o lábio.

— Imagino que não vai demorar muito para que os seus soldados venham te procurar. — Ela inclinou a cabeça para trás, franzindo o nariz em pensamento, e Arin se recusou enfaticamente a achar isso encantador. — Lembra quando tentei te esfaquear na cabana e você quebrou o meu pulso? — Seu olhar viajou sem ver para a próxima fileira de prateleiras. — Eu sabia que se eu te imobilizasse, os seus guardas não conseguiriam me perseguir. A primeira ordem deles é proteger o Comandante. Garantir a segurança dele acima de tudo.

Por fim, sua atenção voltou-se para o rosto cuidadosamente impassível dele.

— Seus soldados começarão a prender os Urabi. Eu os trouxe aqui, Arin. Pedi que salvassem Mahair, e agora preciso salvá-los também.

O desespero em sua voz fez Arin hesitar. Será que ela achava que os seus soldados começariam a matar os Urabi? Com a magia drenada pela luta, eles não representavam perigo algum. Ficariam presos até a chegada de Arin.

Antes que ele pudesse expressar qualquer coisa, Essiya pareceu se recompor.

— Sinto *muito* por isso.

Ela o golpeou, seu punho atingindo seu queixo com uma força impressionante.

O primeiro golpe o deixou sem fôlego. O segundo trouxe consigo um zumbido desagradável nos ouvidos. No quinto, todo o lado direito do rosto de Arin estava rachado ou inchado, e ele tossiu um respingo vermelho vivo no chão.

— Doce Sirauk — ela praguejou. — Como você ainda está

consciente?

— Eu te disse.... — Arin tinha plena consciência de que logo sucumbiria à perda de sangue. — Eu fui feito... para sobreviver a você.

— Sobreviva com um pouco menos de eficiência, por favor.

Os golpes começaram de novo.

— Durma, durma, durma — ela implorou, um mantra torturado a cada golpe.

Apesar da pulsação atrás dos olhos, do grito de cada pedaço de pele em seu rosto, Arin ergueu a cabeça. Enquanto a fitava através do único olho que não havia inchado e fechado, planejou dizer: *Você vai se cansar antes de mim, pois parece que nosso treinamento não foi suficiente para lhe ensinar a deixar um homem acorrentado inconsciente.*

Mas a provocação secou em sua língua. O armário balançou perigosamente atrás dele quando Arin se lançou para frente. A dor, os aldeões torcendo, a pele ferida de seus pulsos - tudo desapareceu em um escuro enquanto todo o ser de Arin se concentrava no ponto da clavícula de Essiya onde sua túnica rasgada havia escorregado.

— *O que é isso?* — perguntou Arin, com voz rouca de horror.

Essiya seguiu seu olhar e empalideceu.

Uma veia dourada se enrolava ao redor da saliência da clavícula de Essiya. Não estava lá quando eles estavam lutando lá fora. Não estava lá.

— Droga — gemeu Essiya.

Desta vez, seu punho bateu a cabeça de Arin em um balde de metal que estava na beira da prateleira.

Agonia, e então...

Silêncio.

CAPÍTULO 35

SYLVIA

Levei uma mão trêmula e manchada de sangue ao nariz de Arin.

Respirando. Ainda respirando. Pelo jeito que sua cabeça bateu na prateleira, eu...

Calcei a minha luva de volta. Não havia tempo para me afogar em culpa ou arrependimento. Tinha que ser feito. Me afastando do corpo caído de Arin, corri para o buraco gigante que havia feito na lateral da loja de Rory e examinei a cena lá fora.

Os soldados Omalianos que não haviam sido mortos se renderam imediatamente, e observei os aldeões amarrarem as mãos atrás das costas enquanto os soldados de Nizahl presumivelmente saíam em busca de seu Comandante. Avistei Namsa e Maia agachadas ao lado de Medhat, esfregando as suas costas enquanto Lateef recolhia o cadáver de Kenzie do chão.

A única pessoa que pareceu notar a minha ausência imediatamente foi Efra, que se esgueirava em volta dos soldados de Nizahl como um gato com o rabo em pé. Graças aos túmulos ele se recusou a usar sua magia em mim; a angústia e a indecisão que emanavam de mim o teriam atraído direto para a loja de Rory.

Assim que os mortos de Nizahl fossem contabilizados e a última ameaça da coroa Omaliana fosse subjugada, eles prenderiam os Urabi. Todos, exceto Maia, haviam usado magia durante a batalha, identificando-se claramente como Jasadi. Se eu conhecesse Mahair, eles não permitiriam que os soldados prendessem os Jasadis que lutaram ao seu lado. Seria um banho de sangue – outro grupo de soldados, outra

rodada de carnificina. Exceto que os Jasadis provavelmente estavam sem magia e os aldeões estavam cansados.

Expirei devagar, forçando os meus pensamentos turbulentos a desacelerarem.

Havia uma ordem que superava todas as outras; uma ordem que todo soldado de Nizahl era obrigado a obedecer e colocar acima da magia.

A segurança do seu Herdeiro.

Se eles me vissem partindo com Arin, abandonariam a aldeia imediatamente. Sua única prioridade seria rastrear seu Comandante. Eu poderia levar Arin para longe o suficiente para que fosse inútil para os soldados tentarem retornar a Mahair, já que os Jasadis já teriam ido embora há muito tempo.

Girei a palma da minha mão. A veia dourada havia ganhado novos amigos, finas rachaduras prateadas atravessando a minha palma e o espaço entre os meus dedos. Eu nem queria pensar em quais outras veias haviam aparecido depois que salvei Raya.

Uma última vez. Eu usaria a minha magia uma última vez, e depois nunca mais. Não para nenhuma situação, nem para ninguém.

A poeira subiu do chão da botica. Minha magia pulsava, animada para se juntar à diversão outra vez, e vislumbrei olhos brilhantes em uma garrafa quebrada. Desviei o olhar instantaneamente, com o coração disparado, o medo tão forte na língua que temi me engasgar.

Não era meu rosto na garrafa.

Antes que eu pudesse reunir coragem para uma segunda olhada, a minha magia transbordou. A poeira girou mais rápido, e faixas coloridas brilharam através das nuvens rodopiantes. Veias iridescentes percorreram as minhas mãos. Elas se moldaram nas linhas da asa de um kitmer; prateadas à minha direita, douradas à esquerda.

Quando a poeira baixou, dois kitmers estavam no centro da loja de

Rory. Ao contrário dos kitmers do penhasco, esta dupla ocupava metade da botica e não apresentavam as anormalidades dos antigos irmãos. Chifres brilhantes curvavam-se vários centímetros acima de suas cabeças. Patas com garras raspavam avidamente o chão.

Como os outros, eles tinham os meus olhos.

— Olá — eu disse. — Como seremos parceiros na minha mais recente façanha de idiotice, parece apropriado que vocês me deem nomes.

Apontei para o kitmer maior, cujas minúsculas penas prateadas no peito se abriam em forma de V a partir do pescoço grosso.

— Você se ofenderia se eu o chamasse de Niseeba?

Ele olhou para mim.

— Ótimo!

Levei um minuto a mais para o outro kitmer. Suas asas eram do ouro mais brilhante que eu já tinha visto, e as longas penas nas pontas dos membros salpicadas de prata.

— Ingaz — decidi.

Niseeba bateu as asas, fazendo com que uma prateleira de frascos se espatifasse no chão. O silêncio lá fora me perturbou, e corri para levantar Arin antes que alguém encontrasse a loja, ou pior, os soldados de Nizahl voltassem sua atenção para os Jasadis entre eles.

Qualquer sentimento de ego elevado que eu pudesse ter adquirido com o meu desempenho na batalha evaporou-se depressa quando tentei levantar Arin.

— Pelos Awaleen abaixo — grasnei. Meus músculos ardiam enquanto eu me retirava e rastejava para trás da cabeça dele. Coloquei meus braços sob os ombros dele e empurrei com força.

Meu joelho escorregou em uma pomada viscosa e eu deslizei para a esquerda, batendo em um banco com Arin encostado em mim. A frustração gritava dentro de mim, ansiosa por ser expressada.

Algo macio roçou meu queixo. Eu me afastei bruscamente, o que pareceu irritar Niseeba. Ela rosnou e tentou de novo deslizar sua asa entre mim e Arin. Atordoada, observei a kitmer enquanto ela balançava toda a extensão de sua asa sob o Herdeiro de Nizahl e inclinava os ombros para baixo.

Pelo túmulo contaminado de Rovial, ela estava levantando o peso de Arin para que eu pudesse rolá-lo para as costas dela.

Olhos negros encontraram os meus e se estreitaram. *Mexa-se, seu saco de pânico*, eles pareciam dizer.

Eu entrei em ação, levantando Arin com toda a minha força. Niseeba se ajoelhou, as pontas de suas asas curvando-se para impedir que Arin escorregasse. Arin deslizou entre os ombros da kitmer, sua cabeça repousando abaixo dos chifres curvados de Niseeba.

Gritos irromperam na vila. Seria questão de minutos até que revistassem a loja de Rory. Arranquei o cobertor das almofadas e o enrolei em volta de Arin e Niseeba, prendendo-o às costas do kitmer. Também verifiquei se cada centímetro de sua pele estava coberto. Que desastre seria se ele acidentalmente drenasse a magia de Niseeba e despencasse do céu.

Sem dúvida, os Urabi interpretariam a minha partida como abandono. Encontrar um deles para explicar o meu plano seria arriscado demais. Vasculhei as gavetas de Rory e retirei tinta e pergaminho.

Estou concretizando nosso primeiro plano. Encontrem-me onde deveríamos ir.

– Essiya

Depois de verificar se Arin estava seguro nas costas de Niseeba, subi em Ingaz, que suportou o meu peso sem dificuldade. Apertei as pernas em volta do kitmer, os dedos cravando-se nas penas douradas e

coriáceas de sua espinha. O medo se cristalizou na boca do meu estômago, cortando as minhas entranhas a cada respiração. Eu nunca havia voado antes.

Montar um kitmer não precisava ser mais assustador do que andar a cavalo. Pelo menos seria uma morte memorável, no mínimo.

Ingaz e Niseeba encolheram os ombros, e o bater de suas asas fez com que todos os objetos móveis da botica se chocassem contra as paredes. Pensei nas pobres almas que Rory recrutaria para limpar aquela bagunça.

— Por favor, que isso dê certo — murmurei, envolvendo as minhas mãos em volta dos chifres de Ingaz.

Juntos, os kitmers alçaram voo. Engoli em seco, fingindo que o gosto amargo na minha língua não era de vômito, e enrijeci os joelhos.

Ingaz mergulhou pela brecha que eu abri na parede e entrou na confusão. Agarrei suas penas e olhei por cima do ombro, relaxando quando vi Niseeba e Arin logo atrás de nós.

Hora da próxima parte da apresentação.

Atravessamos a vila, voando acima de manchas escuras de terra e piras fumegantes. A cinza atingiu meu nariz e cobriu meus olhos com uma névoa lacrimejante.

Como eu temia, os aldeões estavam aglomerados ao redor de Namsa, Lateef, Maia, Efra e Medhat, enfrentando os soldados de Nizahl. Gritos ecoavam entre os dois grupos.

As asas de Ingaz lançavam uma longa sombra sobre os Jasadis enquanto navegávamos em direção aos soldados de Nizahl. Alguns aldeões começaram a gritar; outros se juntaram a eles com vivas. Avistei Lateef encarando Niseeba atrás de mim, com Arin encolhido nas suas costas, e torci para que ele tivesse nos visto saindo da loja. Torci para que Rory, com seu típico zelo exagerado, fosse direto ao boticário para avaliar os danos, onde encontraria o bilhete imediatamente.

Os soldados de Nizahl tinham visto o seu Comandante inconsciente e gravemente ferido nas costas de Niseeba. Observei o horror tomar conta deles coletivamente e sorri.

— Venham resgatar o seu precioso Herdeiro — gritei, o convite rolando sobre os destroços com facilidade. — Antes que não haja mais nada dele para encontrar.

Uma saraivada de insultos me perseguiu pelo ar. Sorri para os soldados no chão e apertei Ingaz com mais força. Corremos em direção ao centro deles, e eles se dispersaram a tempo de escapar das garras de Ingaz. Rajadas de terra e cinzas chicoteavam as asas de Ingaz, fazendo os soldados voarem.

— Patético — eu fervi. — Uma vergonha para o seu Comandante.

Inclinei-me para a frente, achatando o meu torso contra a coluna de Ingaz enquanto disparamos para cima. Niseeba nos seguiu de perto. Saímos de Mahair, a distância entre nós e a vila devastada aumentando. Verifiquei Arin outra vez, mas ele ainda estava seguro nas costas de Niseeba.

Assim que chegamos ao topo de Essam, deixei-me respirar. O ponto de apoio Nizahl mais próximo que eu conhecia era aquele para onde Arin me transportara depois do waleema, a mesma cabana onde ele me oferecera a liberdade de competir como a sua Campeã. Se eu o deixasse lá, os soldados levariam um dia para encontrá-lo; tempo suficiente para eu e os Urabi chegarmos ao palácio Omal.

Ignorando a parte cínica de mim que se recusava a confiar em uma vitória tão fácil, deixei a tensão sair dos meus músculos e relaxei nas costas do meu kitmer.

Havia perdido a esperança na vastidão de Essam quando Hanim a tornou minha prisão, mas agora, o horizonte verdejante e infinito me enchia de admiração. Hirun serpenteava pela floresta, parecendo nos perseguir pelos hectares. Em algum lugar ao norte, o rio abaixo de mim

corria pela foz da montanha, despencando por um penhasco e se reunindo com o Mar Suhna, onde recomeçaria sua jornada. Regenerando-se repetidas vezes, com as suas memórias eram levadas pela maré.

Um rosnado baixo ecoou na garganta de Niseeba. De costas, Arin se mexeu, contorcendo-se grogue contra as amarras. Eu havia amarrado o casaco dele em volta do pescoço de Niseeba para evitar que seu rosto roçasse no dela, amarrando as mangas sob seu queixo.

Olhos azuis desfocados piscaram do rosto ensanguentado de Arin. Eles encontraram os meus e se clarearam, permanecendo assim por um longo segundo antes de se moverem para o kitmer abaixo de mim. Eles se arregalaram ao ver a floresta passando abaixo de nós.

— Eu esperava que você acordasse — eu disse, elevando a voz sobre o vento. — Quantas vezes você ficou em pé sobre seus mapas e olhou para o mundo de cima, assim como agora?

Arin tirou um braço das amarras e agarrou o chifre de Niseeba. Seu maxilar se moveu, a coluna pálida de sua garganta ondulando. Com... o quê? Raiva, confusão? Espanto? Interpretar Arin era difícil em qualquer dia, e sem dúvidas não ajudava o fato de metade do seu rosto estar coberto de hematomas latejantes.

— Deixe as pernas presas — aconselhei. — Você ainda está gravemente ferido e pode perder a consciência de novo.

Soltando o outro braço, Arin parou para me lançar um olhar furioso. Revirei os olhos, lembrando-me da luta que ele havia travado naquela mesma floresta quando tentei enfaixar os seus ferimentos causados pelo Cão Rubi.

Eu não desmaiaria.

— Como o poderoso homem imortal deseja — murmurei.

Antes que Arin pudesse terminar de desvencilhar a perna esquerda, seu corpo inteiro ficou tenso. Seu olhar voou para as árvores, depois

voltou para mim, e não precisei tentar adivinhar que emoção continham dessa vez.

Alarme puro e inalterado.

Ingaz mergulhou, e um grito aterrorizado irrompeu do kitmer. Suas asas se curvaram no meio, como se tentassem se erguer contra a areia espessa. Niseeba balançou a cabeça de um lado para o outro, serpenteando embriagada pelo ar.

— O que foi? — gritei, inclinando-me para a frente enquanto Ingaz disparava em direção às árvores. — O que está acontecendo?

E, por fim, enquanto os kitmers corriam em direção à floresta, Arin falou.

— Espere! — Firme e agressivo, sem admitir argumentos; a voz do Comandante Nizahl. — O Mirayah está atraindo a magia dos kitmers.

O *Mirayah*?!

Nós despencamos.

CAPÍTULO 36



SYLVIA

Acordei tossindo, rolando para o lado enquanto a água saía pela minha garganta. A dor latejava entre as minhas têmporas. Meu corpo inteiro vibrava, tremendo como um sino recém-tocado.

Assim que consegui respirar, rastejei para longe das ondas que batiam nas minhas pernas. Levantei um braço e olhei para o sol.

Espera aí. O sol? Eu estava voando pelas nuvens com Arin e os kitmers, sem perceber nenhum vestígio do sol. Além disso, o céu estava claro demais, forte demais, para a estação.

— Arin! — gritei, cambaleando para fora da água. Por que eu estava na praia? A praia mais próxima do Mar Suhna ficava em Jasad, a centenas de quilômetros de distância. Perguntas batiam impacientemente dentro do meu crânio. — Niseeba, Ingaz!

Girei em direção ao mar, com o coração disparado enquanto buscava a extensão infinita de azul. Ondas batiam nas minhas pernas, anormalmente quentes. Sua perna ainda estava presa quando caímos. E se ele não tivesse conseguido se soltar a tempo?

— Arin! — gritei seu nome, afastando mechas do meu cabelo encharcado do rosto. Procurei a minha magia, mas ela não estava em lugar nenhum. Não ausente porque estava me ignorando ou esperando a oportunidade certa, mas *desaparecida*. Eu não conseguia senti-la de jeito nenhum.

— Seu companheiro foi embora.

Fiquei imóvel. Sem me virar, deslizei os meus dedos em minha cintura e retirei minha adaga.

— Ora, ora. Se você me matar, quem vai te ajudar a escapar? — perguntou uma voz cantante. — Você não quer saber como sair do Mirayah?

Eu me virei, com a lâmina erguida e o joelho dobrado para atacar.

Cerrei os dentes com força. A criatura assumira a forma geral de um homem, mas era a coisa mais distante de um ser humano. Traços criados por uma mão sem inspiração pairavam sobre seu pescoço grosso; um par de olhos sem cor, um nariz arrebitado, uma boca fina. Preguiça ou fraqueza o fizeram abrir mão dos detalhes mais complexos – as sobrancelhas, as olheiras, a crista entre a testa e o nariz.

De que importavam os detalhes quando se podia trocar de pele entre uma respiração e outra?

— Dulhath. — Apertei a adaga com mais força. — Você é quem escapou da Curva de Galim.

— Jasadi — retrucou o dulhath. — Presumo que seja a mesma Jasadi sobre quem todos andam falando tanto.

— Você disse que viu meu companheiro sair. Para onde?

O dulhath deu de ombros, gesticulando mais adiante na costa.

— Ele caiu na água em algum lugar lá embaixo e ficou andando de um lado para o outro, gritando um nome e procurando na água. Eu não tinha certeza do que era até ver você rolar na areia. Essiya, presumo? Ele parece muito ferido, coitado... não vejo como ele vai conseguir voltar sem que outra coisa o encontre primeiro.

O nó no meu peito se desfez. Arin estava vivo. Ele estava vivo e forte o suficiente para me procurar, o que significava que não estava ferido o suficiente para destruir qualquer coisa neste reino amaldiçoado por tumbas que tentasse machucá-lo.

— Não tenho minha magia aqui — avisei. — Não tem nada para você comer.

— Ah, mas você está enganada, doce Essiya. O Mirayah não tira a

sua magia... apenas a torna... — O dulhath inclinou a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse experimentando palavras diferentes. — Ineficaz.

O dulhath deu um passo em minha direção, com os lábios brancos e contorcidos em um sorriso sinistro.

— Eu poderia me dar ao luxo agora e sugar a magia da sua medula. Não será nem de longe tão saborosa ou nutritiva, mas saciaria a minha fome. O que estou lhe oferecendo é uma luta justa. Eu a guiarei para fora do Mirayah, e você lutará comigo com isso... — ele gesticulou suavemente em direção à minha adaga — em vez da sua magia.

Quão idiota ele achava que eu era? Os dulhath eram mentirosos notórios, determinados em sua busca pela próxima refeição. Ele mentiria até o último suspiro se isso significasse ter uma chance com a minha magia.

— Assim que deixarmos o Mirayah, você poderá se transformar. — Minhas botas encharcadas chapinhavam enquanto eu avançava mais alto na margem, com a adaga erguida. — O último de vocês que matei se transformou em uma aranha gigante de três cabeças e tentou me empalar em uma de suas pernas.

O dulhath me seguiu com os seus olhos incolores. Disfarçados de humanos ou não, os dulhath eram predadores ancestrais e aterrorizantes. Devoravam a magia dos reis, banqueteavam-se com vilas e escolas inteiras. Com a magia perdida de todos, exceto Jasadis, os dulhath viviam à beira da fome há mais de um século. Faziam qualquer coisa, diziam qualquer coisa, para comer.

— Isso é um não?

— Um não retumbante.

— Que pena — suspirou o dulhath. — Imagine o quão deliciosa sua magia seria fora do Mirayah.

Um movimento com o canto do olho atraiu a minha atenção para o

alto da praia, onde encostas escarpadas de areia se achatavam no solo na orla da mata. Figuras emergiram de entre as árvores. Cinco, dez, quinze homens saíram como moscas de uma fruta podre. Uniformes esfarrapados grudavam em seus corpos volumosos. Uniformes de soldados, as cores de Omal... mas não eram o uniforme padrão Omaliano. Eu sabia disso, pois acabara de ver uma horda de homens com aqueles uniformes entrando em Mahair.

Olhares vagos se fixaram em mim. Eles se aproximavam sem muita pressa, E por que deveriam? Eu estava presa entre eles, a água e o dulhath.

Presa sem a minha magia.

À medida que se aproximavam, fiquei imóvel ao ver três círculos na gola daqueles uniformes estranhos e antiquados.

Dois círculos na parte superior, um círculo na parte inferior, as bordas de cada um se sobrepondo para formar uma cabeça de carneiro. No espaço onde os círculos se conectavam, havia três pontos horizontais claros.

Esses uniformes não estavam apenas fora de moda. Eles não eram usados há centenas de anos.

— Pobres criaturas — cacarejou o dulhath. — Estão no Mirayah desde o Cerco das Seis Auroras. Não faço ideia de quem eram ou do que lhes aconteceu.

Os soldados Omalianos que suportaram o impacto do feitiço ofensivo de Orban... aqueles que se voltaram contra os seus irmãos e começaram a comê-los vivos como resultado da tática de guerra proibida de Orban.

Pelos Awaleen abaixo, que tipo de magia governava este reino? Quão antigas eram as criaturas que o habitavam?

Ponderei depressa as minhas opções. Usar a adaga para abater o máximo de soldados Omalianos que pudesse antes que me atacassem, ou

atirar a adaga no dulhath e abrir mão da única arma à minha disposição pela pequena chance de matar aquele sapo nojento.

A adaga cortou o ar e mergulhou no ombro do dulhath.

Já fui muitas coisas nesta vida, mas sábia geralmente não é uma delas.

O dulhath cambaleou nos calcanhares. Um rosnado rasgou o seu rosto e, antes que eu pudesse me mover, os soldados Omalianos convergiram para cima de mim.

Eu me debatia enquanto inúmeros braços me prendiam ao chão, arranhando e mordendo qualquer extremidade que estivesse ao meu alcance. Tentei pegar areia para jogar nos olhos do dulhath enquanto ele se agachava sobre mim, mas um soldado espetou o joelho no meu pulso e pressionou o antebraço na minha garganta.

O dulhath arrancou uma mecha de cabelo da minha bochecha e a enrolou no dedo.

— Não se preocupe. Você não sentirá dor alguma. Quando chegar a vez deles de comer o que sobrou de você, estará morta há muito tempo.

Tentei cuspir em sua tentativa lamentável de rosto, mas o braço do soldado era uma pedra sobre minha traqueia. O dulhath passou uma unha curva pela parte interna do meu braço e levantou minha mão até seu rosto. Ele passou o nariz pela minha palma, inalando profundamente.

— Que verdadeiro deleite você é, Essiya.

Seus lábios se curvaram, revelando a ponta afiada de sua língua negra. Com um barulho pegajoso, ela se dividiu em sete lascas úmidas, cada ponta mais afiada do que uma flecha e provavelmente capaz de perfurar pele e osso.

Pelo machado ensanguentado de Dania, eu seria devorada. Cinco anos vivendo em Essam e matando todas as feras que Hanim conseguia conjurar, apenas para morrer no Mirayah. Jasad cairia porque a sua

Malika havia sido digerida em um lugar que não deveria existir.

As línguas saltaram em direção ao meu braço e fechei os olhos, me preparando para a agonia.

Ela não veio.

Abri os olhos rapidamente e vi o dulhath gorgolejando, arranhando o pescoço enquanto a lâmina de Arin deslizava por sua garganta. Com um punho no cabelo ralo do dulhath, Arin enfiou a lâmina em cada um dos olhos do dulhath antes de cortar suas línguas pela raiz, silenciando os gritos da criatura.

Sangue quente espirrou sobre mim e os soldados. Eles atiraram em Arin enquanto o corpo do dulhath caía na areia, finalmente morto.

O Herdeiro de Nizahl colocou distância entre nós, afastando os soldados mutantes de mim. Seus cabelos haviam secado em ondas prateadas escuras, caindo sobre os hematomas que cobriam o seu rosto. Arin pegou a adaga que eu havia jogado no dulhath e a limpou com a barra de seu casaco.

Levante-se e ajude-o, gritei para os meus membros caídos. Os soldados correram em direção a Arin, deixando-me para trás como um animal de estimação esquecido, mas não consegui fazer mais do que sentar na areia.

Eu queria vê-lo lutar. Queria ver como era quando Arin de Nizahl não se continha.

A princípio, não tive certeza do que estava vendo. Os soldados pareciam cair ao redor dele, ilesos, batendo no chão sem se levantar. Ele mal se mexia, mas eles estavam caindo.

Até que a próxima onda de soldados o cercou, e percebi que eles não estavam se rendendo sozinhos. Arin atacou com uma velocidade sobrenatural, uma lâmina em cada mão, cortando os soldados em pontos críticos; o pulso no pescoço, a garganta, a parte inferior direita da barriga. Um deles se lançou contra Arin, fazendo-o recuar um passo e

desalojando uma de suas adagas. Levantei-me com dificuldade, mas Arin já havia arremessado o soldado como um dardo, lançando-o contra outros três.

Meu erro foi pensar que um Arin sem restrições lutaria da mesma forma que eu. Enquanto eu mergulhava em uma névoa de instinto, reagindo conforme minha espada exigia e me rendendo à habilidade do meu corpo, Arin liderava com sua mente. Ele era um raio, não uma tempestade. Preciso, fatal e aterrorizante de se ver. Seu corpo fluía com uma graça e um foco que eu nunca dominaria, nem em mil vidas.

Era inspirador. Irritante. Incrivelmente atraente.

Limpei um pouco da areia da minha bochecha e me sacudi. Pensamentos indecentes sobre o homem que estava massacrando os meus supostos assassinos eram uma reação normal a quase ser devorada.

Não havia motivo para deixar Arin se divertir sozinho. Entrei na luta, saltando nas costas de um soldado que corria em direção a Arin e o derrubando no chão.

— Você gostou do show? — rosnou Arin, forçando um soldado a se ajoelhar e quebrando seu pescoço. O corpo tombou, espalhando areia ao cair no chão. Em seus últimos segundos, eu poderia jurar que vi alívio em seus olhos.

Peguei a lâmina que Arin me jogou e sorri.

— Imensamente.

Entre nós dois, acabamos com os soldados restantes em tempo recorde. Quando o último soldado caiu, limpei a testa com as costas da mão e observei os cadáveres espalhados pela praia. Quantos? Cinquenta? Cem?

Meu coração batia forte, a minha respiração irregular devido ao esforço e ao calor implacável do sol. Arin tirou o casaco e o jogou por cima do ombro. De alguma forma, seu colete havia permanecido ileso na confusão, os fechos pretos sobre o peito estavam bem presos. Sem olhar

para mim, ele passou por cima dos corpos e rumou para a floresta.

Muito maduro. Eu o segui, apreciando a flexibilidade de suas costas largas enquanto ele manobrava pelo cemitério que havia criado.

— Tarde demais para fingir — gritei em tom cantado. — O dulhath disse que você foi me procurar.

A tensão tomou conta dos ombros de Arin. Ele estava mais tenso agora do que enquanto enfrentava um pequeno exército.

— Para onde estamos indo?

Ele continuou andando em um ritmo arrogantemente rápido, e eu me esforcei para seguir a trilha na areia. Me ignorar era a sua grande estratégia, sério?

— Não tenho a minha magia aqui! E imagino que você descobriu que não consegue drenar magia, ou não precisaria matar o dulhath com a sua espada. Precisamos trabalhar juntos para sair do Mirayah, e a sua encenação não está ajudando ninguém.

Arin parou para pegar uma pedra e limpá-la na manga de um soldado morto antes de guardá-la no bolso. Nem um olhar ou uma sílaba em minha direção enquanto ele se afastava mais uma vez.

Soltando um suspiro de frustração, abaixei-me e peguei um punhado de areia molhada. Amassei-a formando uma bola, puxei o braço para trás e joguei.

A bola de areia atingiu a nuca de Arin e explodiu. Tive o raro prazer de ver o Herdeiro de Nizahl parar de repente enquanto a areia caía em pedaços na gola de sua camisa.

— Você quer que eu fique em dívida com você? É por isso que continua me salvando? — retruquei. — Fique com seus favores. Eu posso cuidar de mim mesma.

Por fim, ele se virou.

— Dívida? — A descrença aguçou a palavra até a morte.

A fúria tomou conta dele, e a onda repentina me fez recuar um

passo. A cicatriz branca em seu maxilar pareceu brilhar com a sua raiva.

— Como você espera que eu cobre essa dívida?

Arin avançou, caminhando em minha direção com a determinação de um lobo encurralando sua presa.

— Você me amarra a uma parede e me espanca até sangrar, você me sequestra, seus kitmers me jogam em um reino amaldiçoado que consegui evitar durante toda a minha vida e, então, permite que um dulhath que *você* libertou quase te devore! — Ao final de seu discurso, a voz de Arin se elevou a um rugido. — Queria *ter* um bom motivo para te salvar. Gostaria que fosse lógico ou racional, baseado em alguma aparência de razão. Gostaria mais do que tudo que meu primeiro pensamento ao sair da água não tivesse sido sobre você, que eu não estivesse preparado para vasculhar cada grão de areia e queimar cada árvore neste lugar maldito até te encontrar.

Eu o encarei, completamente sem palavras pela primeira vez na vida. O sangue subiu à minha cabeça, embaçando minha visão. Tomada pela mesma sensação que senti ao ver Arin destruir o soldado em Mahair que tentou me matar, duas forças opostas lutavam para se encontrar na minha cabeça.

— Eu não *deixei* o dulhath nem perto de me comer — murmurei, abaixando os olhos para a areia. — Tentei mordê-lo primeiro.

A catástrofe pairava entre nós. Um passo à frente e nos dissolveríamos nela.

— Você não tem a sua magia aqui — repetiu Arin, como se as minhas palavras tivessem acabado de penetrar.

Minha garganta parecia frágil demais para conter as forças que lutavam para se libertar do meu peito.

— Você parece aliviado. Ficou com medo de perder de novo? — perguntei, trêmula.

Arin invadiu o meu espaço, forçando-me a olhar para cima.

— Você, tormento da minha alma — rosnou Arin. — Tenho medo de vencer.

Sem a pressão da minha magia contra a nuca, consegui me ouvir pensando pela primeira vez em muito tempo. Consegui identificar a dor se espalhando por mim, queimando as camadas de armadura que havia cuidadosamente construído ao meu redor desde o minuto em que vi a minha mãe ser arrastada para a Torre Bakir. Sua honestidade me desfez; o que restava era insuportavelmente frágil. Algo cru e arruinado que doía se eu tentasse pegá-lo. O último pedaço real de mim, protegido por mais tempo do que eu sabia que ainda existia para proteger.

Um polegar roçou a minha bochecha, e os meus olhos úmidos se abriram depressa para encontrar Arin a poucos centímetros de distância, com a sua mão curvada em volta do meu rosto. Com um sobressalto, percebi que ele estava me tocando, pele nua com pele nua.

— Risco estúpido — consegui dizer. — Mesmo no Mirayah, minha magia ainda poderia ter matado você.

— Sim. — Arin passou o polegar sobre a lágrima que se formava no canto do meu olho. — Poderia ter acontecido.

A água gelada batia nos meus tornozelos enquanto a maré avançava pela costa.

— Não brinque comigo. Este... este é o último pedaço do meu coração que me resta, entende? Não sei como protegê-lo depois que estiver fora do meu corpo. Se eu confiar em você e você o jogar na terra, será a morte de nós dois. O que sobrar de mim matará o que sobrar de você.

— Estou me tornando estranhamente adepto às suas ameaças de morte — refletiu Arin. — Parece que ouço nelas palavras completamente diferentes.

— Então você deveria verificar seus ouvidos — murmurei.

— Essiya — suspirou Arin. — Olhe para mim.

Funguei, limpando o nariz com a manga suja de areia e voltando o meu olhar para ele.

Arin desabotoou o botão superior da camisa, revelando um triângulo de pele lisa. Enquanto eu observava, Arin envolveu a mão em torno de algo sob a gola. Seu olhar passou por cima da minha cabeça, como se inspecionasse um problema que se manifestava no horizonte. Esperei, perplexa, até que suas feições se acalmassem em uma resolução cansada e ele baixasse a mão.

Um pequeno colar de figo violeta e preto repousava contra a pele pálida abaixo de sua garganta.

O colar que eu havia comprado do comerciante Omaliano durante o segundo teste. O colar que eu havia dado a Arin na noite do Baile dos Vitoriosos.

Ele o guardou.

Arin de Nizahl, que não tolerava um ponto solto ou uma gola torta, que inspecionava cada grão de poeira que ousasse se depositar sobre ele, usava uma joia Omaliana barata sob as suas pesadas camadas de roupas. Nenhuma palavra eloquente, teoria ou estratégia complexa poderia explicar isso.

Nunca tive chance.

Agarrei as laterais do seu colete ridiculamente perfeito e puxei Arin para frente, diminuindo a distância que nos separava. Uma risada ecoou pelo peito pressionado contra o meu, me aquecendo até os dedos dos pés.

Calculei as minhas chances de alcançar a sua boca e estava pensando seriamente em subir em seu peito como uma nisnas quando Arin exerceu um pingo de misericórdia e abaixou sua boca traiçoeira e linda para sussurrar:

— Diga-me o que você quer, Suraira.

Corei e apertei ainda mais o colete dele.

— Quero arrancar sua cabeça arrogante dos seus ombros presunçosos...

Ele me beijou.

Um silêncio tomou conta da minha mente. O mundo encolheu até que só Arin permaneceu. Apenas Arin e o braço que ele passou pela minha cintura, me puxando para perto dele. O calor da sua boca, me reduzindo a cinzas tão depressa quanto uma pena caindo na lareira.

Engasguei quando mãos largas agarraram a parte de trás das minhas coxas e me levantaram. Eu me permiti ficar flexível, envolvendo as minhas pernas em volta de sua cintura. Quando o ar se tornou um pouco mais importante do que explorar a curva do lábio inferior de Arin, encostei a minha testa em sua bochecha enquanto recuperava o fôlego.

Arin começou a caminhar com passo decidido em direção à floresta. O sol já havia se posto no meio do céu, e o seu brilho penetrante se suavizava ao descer, tingindo o céu com listras azuis e rosa. A espuma branca subia cada vez mais alto na praia à medida que a maré subia, e a água se espalhava cada vez mais perto da floresta a cada onda. À medida que a maré recuava, ela devorava. Os cadáveres desapareciam em seu abraço, afundando sob as ondas azuis cristalinas.

— Você não pode me carregar pela areia — protestei. — Me solte antes que você nos deixe cair.

Arin me lançou um olhar de desprezo, e eu revirei os olhos.

— Faça do seu jeito — resmunguei, e comecei a pressionar meus lábios contra a sua garganta.

Ele segurou as minhas pernas com mais força e Arin andou mais rápido.

Assim que entramos na floresta, a escuridão nos envolveu. A temperatura caiu vertiginosamente, e de repente fiquei feliz com a abundância de roupas de Arin. O vento trazia o cheiro acre de madeira recém-queimada e um cheiro mais suave e doce.

Meus joelhos cederam quando deslizei para o chão. Sem trocar uma única palavra, Arin e eu nos movemos em conjunto, girando um em torno do outro enquanto avaliávamos a cena. O chão tremeu sob nós. Um grito agudo perfurou o silêncio, abrindo um corte profundo para que o silêncio que se seguiu vazasse.

A praia havia desaparecido. A mata se fechava ao nosso redor em todas as direções, com árvores se estendendo até onde eu conseguia enxergar.

— Aqui não é Essam. — Uma declaração óbvia para Arin, mas eu não podia deixar que aquela floresta pensasse que tinha me enganado. A Floresta Essam foi meu lar por um quarto da minha vida; ela me abrigou, me caçou, me moldou. Dentro dela, tinha sido presa e predador.

Nessas florestas, eu era apenas uma presa.

— A magia não governa o Mirayah — murmurou Arin. Ele pressionou o cabo de uma adaga na mão pendurada ao meu lado, e eu fechei os meus dedos em volta dela enquanto Arin e eu nos movíamos um ao redor do outro mais uma vez. Todas as histórias que ouvira sobre o Mirayah se desenrolavam nas sombras entre as árvores, todos os monstros e assassinos que, segundo rumores, haviam fugido para o refúgio lendário. — O Mirayah governa a magia. Não toque nas árvores e não saia do meu lado.

Supus que merecia a provocação; da última vez que Arin me disse para não tocar nas árvores, eu tinha batido a minha mão diretamente sobre a seiva envenenada na Floresta de Ayume.

— O Mirayah se move de um lugar para outro na Floresta Essam — continuou Arin, com as costas pressionadas contra as minhas. — Se conseguirmos encontrar o limite, podemos atravessar antes que ele se mova outra vez.

Como encontraríamos o limite? Não tínhamos noção de nossa localização, nem pontos de referência para guiar o nosso caminho.

— Eu poderia subir no topo de uma dessas árvores. Talvez conseguisse ver onde termina o Mirayah.

— Não.

— Arin...

— No minuto em que você sair do meu lado, ele vai te levar embora — Arin disparou. — Eu posso... posso *sentir*. Ele quer você só para ele, e a minha presença é um obstáculo.

Estremeci, envolvendo a adaga com as duas mãos. O que o Mirayah queria comigo?

Um rosnado gutural ecoou das sombras. Fiquei paralisada quando outro se juntou a ele, depois outro.

Dez pares de olhos azuis semicerrados apareceram na escuridão.

Antes que eu pudesse considerar a sensatez de soltar o meu grito, Arin agarrou a minha mão e puxou, arrastando-me atrás de si enquanto corríamos.

— Rochelyas!

Rochelyas? Os lagartos venenosos de estimação de Kapastra? Pensei que Rovial tivesse matado todos quando travou guerra contra Omal. Pelos túmulos amaldiçoados, há quanto tempo o Mirayah estava ali, sugando a magia da floresta?

Corremos por entre as árvores, ziguezagueando entre galhos baixos e o chão instável abaixo de nós. O aperto firme de Arin na minha mão me puxava para frente cada vez que eu vacilava.

Meu peito arfava com o esforço de me manter em pé enquanto fugíamos pela floresta, os ferimentos que eu havia ignorado em Mahair gritando de dor. Primeiro um dulhath, depois soldados mutantes, depois rochelyas? O que viria a seguir, Cães Rubi?

Dei um encontrão em Arin quando ele parou abruptamente. Ele me segurou com um braço em volta da minha cintura antes que eu pudesse cair no chão, me puxando para perto de si.

— Está vendo o mesmo que eu? — ele perguntou.

Estávamos no topo de uma colina suavemente inclinada, com vista para um prado verdejante. Não precisei olhar por cima do ombro para saber que as árvores haviam desaparecido. A temperatura havia mudado outra vez, e a leve neblina rolava sobre as planícies verdes, quente e pegajosa contra minha pele. Se meu cabelo já não tivesse passado por todos os níveis de tortura conhecidos por um couro cabeludo, dez minutos naquele tempo o dobrariam de tamanho. O sol havia se posto recentemente naquele prado, deixando o céu com um azul sombrio, e a noite começara a sua invasão constante.

— Eu conheço este lugar — disse de repente, e não inteiramente por minha própria vontade. Distraída, puxei Arin para frente, concentrando-me na única árvore na extensão infinita de verde ao nosso redor.

Arin permitiu que eu o conduzisse pela colina. A grama estalava sob meus pés, fresca demais. Mesmo nas melhores estações, nenhum dos reinos tinha tantos hectares de terra saudável e intocada. Ela teria sido cultivada ou construída.

Um pequeno lago surgiu do outro lado das colinas, com as estrelas cintilando sobre a sua superfície plácida. Tão bonito quanto o lago em Ayume, que havia se tornado mais espesso ao meu redor quando mergulhei em suas profundezas tóxicas, esmagando-me aos poucos.

Não iríamos nadar à noite.

Parei ao lado da árvore, todos os pensamentos sobre Mirayah desaparecendo sob a maré de reconhecimento que crescia no fundo da minha mente.

— Já estive aqui antes — ofeguei. Antes que Arin pudesse me impedir, colei a palma da mão na casca. Conhecia essas estrias como conhecia as linhas da minha palma. As camadas pontiagudas do tronco, cada espinho de madeira curvando-se para cima como uma palha de milho. No topo, das raízes vermelhas brotavam longos galhos, com finas

penas verdes ao redor do caule.

— Esta era uma tamareira — eu disse, como uma vez me agachei em uma sala em chamas e disse: *O Malik e a Malika de Jasad eram mineradores mágicos.* Absoluto. Inequívoco. — Ela queimou.

Olhei para Arin, que me observava com uma preocupação evidente.

— Estamos em Jasad.

Ou, pelo menos, no que acabaria se tornando Jasad.

— Estamos seguros aqui — insisti, puxando Arin para o chão ao meu lado. — O Mirayah não ousaria.

Arin me observou com estranheza, como se eu tivesse começado a arrastar a fala ou a falar em línguas. Era o mesmo olhar que Efra exibia quando a minha magia me invadia, embaralhando os meus pensamentos sob a sua corrente. Mas a minha magia não estava ali agora. Era só eu.

Estremeci, envolvendo os meus braços em volta de mim mesma enquanto me encostava na árvore.

Apenas eu.

CAPÍTULO 37



O Herdeiro de Nizahl era muito mais trabalhador do que qualquer pessoa com a sua aparência teria o direito de ser. Ele começou a coletar as folhas caídas para acender o fogo, quebrando as camadas superiores em pedaços para capturar a chama. Assim que a faísca pegou, estendeu o casaco e as luvas ao lado do fogo.

— Você vai me perguntar sobre isso?

Arin parou enquanto desamarrava as alças do colete. Depois de um instante, continuou, com o olhar fixo nas chamas.

Abracei os joelhos. Os galhos balançavam sob uma brisa leve, espalhando sombras que dançavam no rosto sombrio de Arin.

— A primeira estava lá quando acordei. — Tracei a veia na palma da minha mão. Sem o leve brilho dourado, parecia uma cicatriz elevada. — As outras começaram a aparecer depois. Cada vez que uso a minha magia, encontro uma nova veia.

— Por que você está me contando isso?

— Os outros esperam que esta guerra possa ser vencida sem a minha magia, mas não estou tão otimista — eu disse. — Temo que terei que escolher: minha mente ou meu povo.

O espanto coloriu o olhar de Arin para mim.

— Você passou esse tempo todo criticando a ideia de loucura mágica. Você me disse repetidas vezes que era uma farsa.

— Em Mahair, salvei a vida de Raya transferindo um pouco da minha magia para ela. Não através dela, mas *para* ela. Ela acordou com olhos prateados e dourados.

As chamas crepitantes lançavam faíscas no ar entre nós. Neste prado, nos limites do tempo e da realidade, o Herdeiro de Nizahl permanecia mortalmente imóvel.

— Isso não é possível.

— Você mesmo disse, Arin. — Exalei, fios de névoa saindo dos meus lábios. — Minha magia não se comporta como deveria.

— Não se pode *transferir* magia. Isso não é feito desde os Awaleen.

— Foi o que ouvi.

— Essiya, a loucura mágica... — Arin hesitou, uma visão rara o suficiente para que eu arqueasse as sobrancelhas. — O que eu disse antes, sobre a recorrência de um caso a cada século. Cada um era um Jasadi. Não importava qual reino ainda tivesse magia ou quão forte fosse. A cada século, um massacre ocorria nas mãos de um Jasadi louco por magia, geralmente uma criança ou adolescente. Loucura mágica não é novidade; os casos só eram raros e esporádicos demais para os reinos rastrearem de maneira adequada.

Eu não sabia se ria ou chorava. Deve ter levado uma eternidade para ele filtrar os incontáveis textos de engano acadêmico e encontrar um relato confiável da loucura mágica. Ele não estaria compartilhando a informação comigo se não tivesse decidido acreditar nela.

— Você disse que isso acontece uma vez por século. Quando foi o último caso?

O Herdeiro ficou quieto, e era tudo o que eu precisava saber.

— Sou eu, não é? — Soltei uma risada rouca, apoiando a testa nos joelhos dobrados. — Sou a próxima Jasadi louca por magia.

— Não.

A negação, oferecida sem qualquer margem de negociação, só serviu para arrancar ainda mais as camadas protetoras entre mim e um colapso total. Ele deve ter chegado à mesma conclusão quando viu a minha veia aparecer, quando viu os kitmers. Ele *sabia*...

— A magia consumiu os outros na infância e na adolescência, mas e alguém cuja magia ficou presa durante metade da vida? Ela poderia sobreviver até a idade adulta antes que isso a destruísse.

Eu me desvaneci, o passado e o futuro se desenrolando em espirais densas ao meu redor. Apenas o núcleo permaneceu, e nele eu vi a verdade que havia enterrado no momento em que vi a veia na palma da minha mão. A verdade que eu havia jogado no canto junto com os fragmentos das minhas memórias, os espelhos da minha mente esperando para serem vistos.

— Essiya...

— Se os outros estiverem errados sobre a Rainha Hanan... — Minha voz se manteve firme. — Não conseguirei evitar o uso da minha magia, e o ato me consumirá. O que restará não é alguém que possa ser mantida viva. Será alguém governada pelo poder, e qualquer um em seu caminho queimará. Essiya, Sylvia... elas não existirão mais. Você entende?

— Diga em voz alta. — Eu me enrijeci ao ver a fúria contida em seus olhos. — Diga.

— Se a minha magia tomar conta da minha mente, você será o único que poderá me impedir.

Em um instante, as mãos de Arin estavam em volta dos meus pulsos, puxando-me em sua direção. Eu me inclinei para a frente, juntando-me a ele de joelhos enquanto o fogo crepitava ao nosso lado.

Uma tempestade assolava o Herdeiro de Nizahl. Nunca tinha visto nada parecido antes, não em Arin. Nada jamais havia rompido de verdade o gelo dele. Talvez o tivesse rachado, talvez aberto uma cratera oca aqui e ali...

Paralisada, quase não percebi o movimento dos seus lábios.

— Você quer que eu te mate? — sibilou ele. — É isso o que me pede?

— Eu não *quero* morrer. — Diante de sua raiva, a minha própria

raiva despertou, reduzindo a cinzas minha resignação conquistada com tanto esforço. Eu me consolei em seu abraço familiar. — Se você se lembra, a única razão pela qual Jasadis precisam da minha magia é porque seu pai queimou nosso reino até o chão, e *você* dedicou sua vida a destruir a magia.

— Eu não declarei a guerra — Arin disse bruscamente. — Estou cuidando dos outros reinos, impedindo a mobilização de quaisquer exércitos, e eu...

Quando seu silêncio se prolongou, sacudi os meus pulsos presos.

— O quê?

— Procurei outras soluções — disse Arin. Aos poucos, quase cautelosamente. — Outros mecanismos para lidar com os perigos da magia sem recorrer à guerra.

Meu pulso direito caiu quando Arin estendeu a mão para trás, procurando no bolso interno do casaco que secava. Quando retirou uma placa de prata brilhante e achatada, eu me desvencilhei dele, caindo para trás na pressa de recuar.

Rolei, pegando a adaga de onde a havia deixado, perto da árvore. Procurei por alguma saída daquele prado, mas as colinas inclinadas se estendiam infinitamente ao meu redor. Estávamos presos até que Mirayah decidiu que não estávamos.

Usei aquelas algemas a vida toda. Eu as via todas as noites antes de dormir e todas as manhãs antes de me vestir; as coçava até a minha pele se romper; traçava as runas esculpidas em sua superfície até conseguir desenhá-las dormindo.

— Essa é a sua solução? — Meus lábios se curvaram. A raiva vibrava por cada centímetro do meu corpo. — Criar mais algemas? Suprimir a magia de cada Jasadi?

Arin se levantou sem sacar a própria adaga. Lutei para não encarar a algema, sentindo a náusea revirar o meu estômago.

— Os Jasadis já estão perdendo sua magia. Em poucas gerações, desaparecerá, assim como os outros reinos perderam a deles. Qual o problema em cortá-la agora? Você não precisaria se esconder. Não precisaria temer a mineração de magia ou perder a razão.

— Você mesmo disse que a verdadeira loucura mágica só acontece uma vez por século. — Apontei para mim mesma com a adaga. — Eu sou a última! Quando eu morrer, tudo acabará. A magia de Jasad desaparecerá no próximo século e levará a loucura mágica consigo.

Arin jogou a algema no chão, usando as duas mãos para agarrar através dos cabelos.

— Você diz que não quer morrer, mas não aceita nenhuma solução além da morte. Acha que se render à sua magia é coragem? Acha que isso expiará o seu passado?

Avancei em sua direção, a ponta da minha adaga pressionando seu colete meio atado. Arin não se deu ao trabalho de arrancá-la da minha mão, e o insulto incinerou os últimos resquícios da minha razão.

— Em vez de me preocupar com o meu passado, vamos discutir o de Nizahl. Você diz que adere às leis fundadoras do seu reino... quando os Awaleen nomearam Fareed para supervisionar a magia, foi para impedir que a magia existisse? Ou foi para proteger contra o seu abuso?

Apreciei a carranca de Arin por apenas um segundo antes de prosseguir.

— Seu pai e o resto dos reinos se beneficiaram da mineração mágica dos meus avós. Quando Rawain decidiu que o poder de Jasad havia crescido além dos seus parâmetros, ele incendiou o nosso reino. É esse o decreto de Nizahl? Quando foi que proteger-se contra os perigos da magia se tornou sinônimo de destruir a própria magia?

Joguei a adaga no chão. Ela mergulhou na grama ao lado da algema.

— Nossa magia é parte de nós. Suprimi-la não é melhor do que

minerá-la.

— O que você quer que eu faça? — Arin perguntou entre dentes. — Fingir que a magia de Jasad não tem a capacidade de dizimar milhares e milhares de vidas até que esteja enfraquecida o suficiente para não representar mais um perigo? Arriscar mais um século de mineração mágica? Mais um século de reinos perdendo recursos e terras para Jasad por não terem como revidar?

— Quero que faça o que lhe foi designado para fazer, Comandante. Não pode me criticar por me render à minha magia quando você se rendeu aos seus medos. — A exaustão me invadiu, como um balde de água apagando meu pânico ao ver a algema. — Se deixar, o medo destruirá o futuro. Você construirá o resto da sua vida sobre o túmulo de todas as coisas boas que poderia ter tido, se apenas tivesse se permitido tentar.

Apoiei o salto da minha bota no cabo da adaga e a empurrei ainda mais fundo na terra.

— Se o próximo Malik ou Malika abusar de sua magia, intervenha. Honre os princípios de Nizahl, dos nossos Awaleen. Use isso... — cutuquei o punho com um dedo irônico — se a sua teoria se provar incorreta e outro caso de loucura mágica surgir depois de mim. Se algum governante que vier depois de mim tentar minerar a magia Jasadi, corte a sua garganta ou jogue-o aos Urabi.

— Depois de você. — Seu tom amargo estalou como um chicote na minha pele. — Você ainda espera morrer.

— Não se eu puder evitar — respondi. — Não se tudo correr conforme o planejado. — Não precisava mencionar o quão pouca fé eu tinha naquele plano.

— E se não der, você quer que eu te mate. É isso?

Eu me endireitei.

— Seria o seu dever. É o seu juramento me proteger contra os

abusos da magia, e se eu enlouquecer...

— Você não ficará louca.

— Mas *se*...

Em um piscar de olhos, a sua mão tapou a minha boca. Arin rosnou como se fosse pura força de vontade impedindo-o de me jogar no lago até que eu parasse de falar.

— Não há nenhum *se* você sobreviver. Não há futuro em que seja minha mão que acabe com sua vida. — Tão perto, eu conseguia distinguir as linhas austeras de angústia entrelaçando-se em sua raiva. — Se sua magia te levar, eu vou te trazer de volta. Ela não pode te ter.

Prendi a respiração. A voz de Vaida me encontrou na campina, sua profecia um sussurro silencioso na escuridão.

Arin é consumido pelo o que ama. Se lhe pedissem, ele se ajoelharia e deixaria que isso o matasse.

Uma onda de culpa apertou os meus dedos na manga de Arin. Minha vida inteira havia sido medida pelos lugares para onde fugi. Nunca me acomodei o suficiente para refletir sobre as pessoas que deixei para trás; as vidas que destruí.

Sinto muito, eu queria sussurrar. *Sinto muito por ter feito isso com você. Nunca quis te arrastar para os meus destroços. Nunca esperei que você ficasse.*

Retirei com delicadeza a mão de Arin da minha boca, com o olhar firme.

— Então, me tenha você.

Qualquer que fosse o conceito de tempo que marchava fora do Mirayah, ele não chegava até nós aqui, neste prado onde Arin traçava as linhas do meu rosto com as pontas dos dedos, percorrendo cada detalhe como se estivesse examinando os vales e cânions de seu mapa mais precioso.

Minha boca ficou seca quando Arin me colocou sobre o seu casaco, seu corpo cuidadosamente apoiado sobre o meu. Ele me beijou até eu

mal me lembrar do meu nome; de qualquer um deles. Sua boca revisitou os lugares por onde os seus dedos haviam passado, pressionando a cavidade da minha garganta, o pulso no meu pescoço, as hasanas sob meu queixo. O calor me perfurou como uma lâmina implacável, deixando-me trêmula com uma necessidade inominável e devoradora.

Agarrei a barra da minha túnica e tentei tirá-la pela cabeça, mas a pilha inútil de botões prendeu-se em um cacho no meio. Antes que pudesse soltá-la, Arin riu, afastando as minhas mãos para desembaraçar o fio preso com uma paciência de ferver o sangue. Quando chegou a minha vez, sentei-me e desfiz cada laço do seu colete com uma contenção que meu corpo trêmulo não compartilhava, deslizando-a pelos seus braços até a minha túnica descartada.

Lutei contra os botões da camisa preta de Arin, o meu estômago se contraindo cada vez mais. Uma mão pesada pousou na minha nuca, me fazendo levantar a cabeça.

— Devo colocar uma adaga na sua mão para acalmá-la? — ele murmurou, o estrondo divertido reverberando no peito largo sob as minhas palmas.

Franzi o cenho.

— Para alguém que gosta tanto de insultar meu senso de humor, você, sem dúvidas, parece ter desenvolvido um péssimo senso de humor.

Um sorriso surgiu no rosto de Arin, o que não ajudou em nada a acalmar os meus nervos. Apoiei-me em suas coxas, flexionando inconscientemente os meus dedos em volta dos mesmos músculos que tinha visto chutar um soldado do outro lado da praia.

Ele era a coisa mais linda que eu já tinha visto, e eu não era boa em tratar as coisas bonitas da minha vida com delicadeza.

Quando terminei de desabotoar a sua camisa, ajoelhando-me para tirá-la dos ombros largos, tive que desviar o olhar de sua parte superior nua para o fogo para me dar uma chance de respirar. Não era de se

admirar que aquele homem estivesse de colete, casaco e luvas. Sem essas camadas, o mundo poderia cair em desordem sempre que Arin entrasse no local.

Evitei encarar Arin. Ele estava me dando uma rara oportunidade de enxergar os seus pensamentos simples, de espiar dentro da mente que tanto lutou para proteger. Se expondo de várias maneiras, e eu...

Abaixei as mãos no colo, incapaz de fazer qualquer coisa além de encarar, estupidamente, a constituição física de um homem que, com certeza, nunca havia comido um doce de gergelim na vida. O colar de figo repousava sob o oco de sua garganta, emoldurado por clavículas nas quais eu poderia bater o crânio.

Eu reprimi a vontade repentina de rir enquanto me deitava na grama, pressionando os nós dos dedos nos olhos. Arin se inclinou sobre mim, apoiando os braços em ambos os lados da minha cabeça, enquanto seus lábios roçavam as rugas na minha testa. Sua risada baixa aqueceu minha pele, e eu não resisti quando ele afastou minhas mãos do meu rosto. Ele riu mais no último dia do que eu o tinha ouvido rir em todo o tempo em que nos conhecíamos.

— Acho que este é o maior tempo que você já ficou em silêncio. Acho isso bastante perturbador.

Antes que eu pudesse quebrar o meu voto acidental de silêncio com uma resposta mal-humorada, o mundo girou. Arin inverteu as nossas posições, os meus joelhos batendo no chão em ambos os lados de seus quadris e montando em sua cintura. Suas mãos percorreram minhas pernas, curvando-se ao redor da parte de trás dos meus joelhos.

Olhei para Arin e tentei não me sentir como uma discípula da carnificina prendendo sua vítima ao altar.

— Você pode me tocar, Suraira.

Desfiz os dedos do emaranhado nervoso. *Não tremam*, avisei as minhas mãos. *Mantenham-se firmes.* Se Arin pensasse por meio segundo

que eu tinha medo dele, seu colete abandonado por Awaleen estaria de volta antes que eu pudesse piscar. Ele não acreditaria se tentasse explicar que o meu medo era por ele. Pelo que as profundezas da minha fome poderiam causar nele. Se eu descobrisse como era tocar o Herdeiro intocável, como poderia retornar a um mundo onde esse conhecimento só serviria para me assombrar?

Talvez a tentação fosse o grande truque do Mirayah. Se as ameaças não me obrigassem a ficar, a promessa de uma vida inteira assim poderia muito bem fazê-lo.

Mapeei com cuidado as cicatrizes que se curvavam ao longo de seu flanco, resultantes do encontro com o Cão Rubi. Convencida de que Arin interferiria e acabaria morto, usei a minha magia para prendê-lo enquanto me livrava da fera de Urabi. Os ferimentos da Curva de Galim estavam escondidos sob as suas bandagens, e afastei a lembrança de cravar os meus dedos em seus ferimentos enquanto ele sangrava. As suas cicatrizes eram um lembrete de uma lição aprendida; as minhas eram uma assombrosa tapeçaria de fracasso.

Mas quando ele acariciou a pele danificada das minhas costas, me perguntei se ele leu outra história nas minhas cicatrizes.

Antes que o nervosismo me dominasse outra vez, deslizei para me sentar entre os joelhos de Arin e beijei a curva acentuada de seu quadril. Ele ofegou, seu estômago se contraindo sob a minha palma. As mãos cerradas ao lado do corpo voaram para os meus ombros.

Eu já vira os olhos de Arin de Nizahl, gélidos e inflexíveis, estrondosos e aterrorizantes, suaves e afetuosos. Mas nunca assim: desfocados, nebulosos, perdidos em sensações. Um homem existindo em seu corpo, e não apenas em sua mente.

Sua mão se abriu entre as minhas omoplatas, a mordida de seus dedos era uma marca quente e possessiva, e me puxou de volta para sua boca.

No prado do reino antigo, sabia que os meus dias de fuga estavam chegando ao fim. Eu poderia ir a qualquer lugar que quisesse, mas o meu destino sempre seria ele. Ele havia se tornado o portal para um mundo onde enfim seria seguro pousar. Para ficar.

Arin nos virou, seu corpo um poderoso arco sobre o meu, e formei promessas silenciosas contra o seu ombro.

Não posso prometer ficar para sempre, disse eu à sua pele. *Mas posso prometer nunca parar de tentar voltar.*



Um sapo me observava da borda de Hirun.

A consciência irrompeu através da névoa do sono. Sentei-me imediatamente, pegando a minha túnica da pilha ao meu lado. A campina havia desaparecido, levando consigo o lago e a tamareira solitária.

Árvores nos cercavam por todos os lados. Uma sinfonia de grilos cricrilava em troncos podres espalhados pela terra, e pedaços de terra congelada derretiam sob a luz cansativa da manhã.

Estávamos de volta a Essam. O Mirayah havia se afastado enquanto dormíamos e nos deixado para trás.

O alívio tomou conta de mim, e coloquei a cabeça entre as mãos antes de me envergonhar na frente do sapo e começar a beijar as folhas mortas.

Por que o Mirayah nos deixou ir? Tínhamos adormecido entre as suas mandíbulas, e me arrepiou pensar que ele poderia ter decidido nos agarrar com os dentes com a mesma facilidade com que decidiu nos cuspir de volta.

Mas talvez soltar a sua presa na selva cruel tenha sido o castigo

maior. Uma lição para nunca mais sacudir as grades da sua jaula.

Ao meu lado, Arin dormia profundamente. Seu peito subia e descia com sua respiração regular, e passei tempo demais observando a curva suave dos músculos de seus braços. Eu possuía tanta habilidade artística quanto uma tábua de madeira, mas nunca me incomodara com isso até me deparar com o quadro de um Herdeiro de Nizahl adormecido e de peito nu.

Ao examiná-lo mais de perto, fiquei vermelha até a ponta das orelhas ao ver as marcas de unhas em forma de crescente espalhadas por seu pescoço e ombros. Eu sentira cada onda de tensão naqueles braços enquanto ele se abria sobre mim; agarrava sua nuca e abaixava sua cabeça em direção à minha como uma mulher em estado de seca buscando chuva. Eu tinha medo de verificar se havia marcas de mordidas em sua barriga.

Não importava o desejo, Arin me satisfazia. Ele me tocou como se o meu prazer fosse um decreto sagrado; me desvendou como se tivesse feito um voto de não fazer mais nada a vida toda. Eu doía com a prova de sua atenção singular.

Virei as palmas das mãos para o céu. As teias entrelaçadas em cada um dos meus pulsos brilhavam fracamente, confirmando o que já sabia. O que eu já sabia assim que a consciência se insinuou, trazendo consigo a pressão tão familiar contra o fundo da minha mente.

Eu tinha minha magia outra vez.

Tentei engolir o nó na garganta. Sabia que não duraria. Como poderia? Eu tinha um reino para salvar, e ele tinha uma guerra no horizonte. Nossos caminhos se cruzariam outra vez, e cabia a Arin decidir de que lado da linha estaria quando chegasse a hora.

O sapo pulou para mais perto, e meu nariz se enrugou ao sentir o cheiro de podridão e ovo cozido de Hirun.

Eu ia me levantar. Só mais um minuto e lançaria o mesmo

encantamento que usara sobre Arin na Passagem Meridiana. Isso o protegeria de qualquer perigo até que acordasse. Tínhamos pousado perto de árvores marcadas por corvos, o que significava que havia uma fortaleza Nizahl por perto. Arin a encontraria e, quando se reunisse com os seus soldados, eu estaria no palácio Omal.

Só mais um minuto e eu iria embora.

O sapo coaxou. Antes que pudesse atirar uma pedra na praga, um bico prateado perfurou a terra e o engoliu inteira.

Fiquei boquiaberta enquanto o kitmer se endireitava. Quando o outro apareceu ao seu lado, sorri de alegria. Pensei que o Mirayah tivesse destruído aqueles dois depois de capturar a magia deles em sua rede.

Niseeba batia as asas, batendo os pés de um lado para o outro. Ao lado dela, Ingaz vasculhava um tronco em decomposição em busca de grilos.

— Só um minuto — tranquilizei-os baixinho. Apalpei o meu casaco e retirei um maço de papéis. Respirando fundo, dobrei-os e guardei-os no bolso interno do casaco de Arin. Os registros sobreviveram à minha queda no mar com o mínimo de manchas.

Os Urabi me matariam por isso. Efra iria se gabar dos telhados sobre como ele *sabia disso o tempo todo*.

Talvez ele estivesse certo. Talvez as sementes da dúvida plantadas no Herdeiro de Nizahl nunca florescessem por completo. Talvez as mentiras do Supremo Rawain estivessem enraizadas demais na mente de Arin para que qualquer outra coisa pudesse crescer.

Na medida do monstro ou do homem, o que pesa na balança?

— Fique fora de vista, mas certifique-se de que ele retorne ileso ao seu domínio — murmurei para Niseeba. Entre os dois, o severo kitmer parecia ter se afeiçoado a Arin. — Mantenha-o em segurança.

Deslizei para as costas de Ingaz e envolvi os seus chifres com as mãos. Dei uma última olhada no colar de figo cravado na garganta de

Arin.

O Comandante de Nizahl tinha uma escolha a fazer.

CAPÍTULO 38

MAREK

Centenas de recrutas invadiram o complexo, um silêncio exausto abafando qualquer conversa que não fosse sobre quais quartos teriam prioridade para tomar banho. Animado com a ideia de cair na cama para uma longa noite de sono ininterrupto, Marek soltou um gemido capaz de sacudir todas as janelas do complexo dos Corvos quando abriu a porta e encontrou alguém sentado na beira da cama, com a mão congelada no meio do estoque de quadradinhos de pistache açucarados de Marek.

Indignado, Marek esqueceu por um instante que estava se dirigindo a um guarda do Herdeiro.

— Levei duas semanas para juntar dinheiro para isso! Quantos você pegou?

Jeru fez uma pausa, depois abaixou a bolsa até o chão e a colocou debaixo da cama de Marek.

— Não muitas. — Uma voz culpada. — Vou repor.

— Certo. — E depois disso Marek criaria asas e voaria.

Desabando na cadeira frágil perto da porta, Marek chutou as botas e se esparramou.

— Você não está preocupado que o seu Comandante possa notar as suas visitas repetidas ao complexo dos Corvos?

Jeru afastou alguns cachos rebeldes da testa. Sulcos de preocupação se formaram na testa do jovem guarda.

— O Herdeiro tem muito o que fazer para notar meus movimentos.

Marek bufou, abrindo o fecho do casaco manchado de sujeira.

— Seu suserano notaria um mosquito em uma tempestade. A menos que ele tenha perdido o jeito?

O rosto de Jeru endureceu.

— O que você encontrou na casa dos Shinawy?

Pelos ossos empoeirados de Dania, o que *havia* de tão especial naquele Herdeiro maldito? Os guardas, Sefa e até Sylvia haviam caído sob seu domínio. Marek não entendia. Quando Arin de Nizahl olhou para ele, as entranhas de Marek tentaram escapar através de seus sapatos.

— Você encontrou Sefa? — Marek respondeu à pergunta de Jeru com uma pergunta sua.

Seria justo da parte de Jeru ignorar Marek, mas Jeru foi amaldiçoado com a trágica característica de ser gentil demais.

— Tenho motivos para acreditar que ela está em Lukub.

Marek sentou-se ereto, o seu casaco caindo em uma pilha esquecida no chão. Cada grama de exaustão em seu corpo evaporou.

— Onde? — Se ele pegasse um cavalo naquela noite, poderia cruzar a fronteira leste de Lukub em três dias. O complexo estava lotado de novos recrutas; Sulor não tinha percebido a chegada de Marek enquanto contava as carroças, então o líder da seção não deveria notar sua fuga. Se ele percebesse... bem, não seria a primeira vez que Marek escapava dos soldados Nizahl.

— Sua última localização conhecida foi o Palácio de Marfim.

— O... — Marek parou de repente. — O quê? Sefa jamais chegaria perto do Palácio de Marfim. Sultana Vaida é mais pervertida que o Herdeiro de Nizahl. Ela arrancaria a língua de Sefa para usar como escova de cabelo se fosse conveniente.

Marek inclinou-se para a frente na cadeira, cruzando as mãos entre os joelhos abertos. O interior de sua boca tinha um gosto vago do bosomat que os soldados estavam passando na parte de trás da carruagem.

— Que razão você tem para acreditar que ela está em Lukub?

Jeru se jogou para trás na cama e apoiou as costas na parede, com os braços cruzados sobre o peito. Suas botas balançavam sobre a lateral de uma forma que Marek normalmente acharia divertida.

— Isso importa?

A onda de excitação de Marek diminuiu, e sua retirada foi acompanhada por um medo profundo.

— Depende. O quanto você quer ver o que eu encontrei na casa dos Shinawy?

Em outro contexto, Marek poderia sentir um pingo de culpa por causar tanta tensão no rosto do guarda. Por Sefa, Marek colocaria o túmulo de Rovial sobre o homem.

— Há um... homem. Heilan Huz. Ele passou o último mês lamentando como a Sultana roubou a sua acompanhante. A garota que ele descreveu corresponde a Sefa, até mesmo em seus trejeitos.

O sangue desapareceu do rosto de Marek. Ele encarou Jeru, incapaz de articular uma resposta. Com medo, na verdade, de abrir a boca e vomitar diretamente no guarda uniformizado.

— Acompanhante? — foi o melhor que ele conseguiu dizer.

— Mantenha a calma. O homem é mais velho que as montanhas. Os nobres de Lukub gostam de se exibir com belas moças nos braços, principalmente durante os festivais realizados no Palácio de Marfim. Parece provável que ele tenha levado Sefa para o Palácio de Marfim, que a Sultana a tenha mantido, e que Huz esteja zangado porque a Sultana roubou algo que ele considerava seu.

Doce Sirauk. Marek não sabia o que era pior: a ideia de Sefa depender da generosidade de nobres lascivos para sobreviver ou a ideia de Vaida aprisioná-la no Palácio de Marfim.

— Mas ela está viva. — Ele não conseguia fazer disso uma pergunta. Não podia *ser* uma pergunta.

— Pelo o que eu sei — disse Jeru. Ele observou a postura rígida de

Marek. — Respire, Lazur. São boas notícias.

Pegando a pilha rançosa de tecido disfarçado de casaco, Marek vasculhou os bolsos. Jogou uma abotoadura para Jeru.

— Encontrei isso no guarda-roupa da matriarca Shinawy, enterrado atrás de seu massacre de vestidos de penas de ganso. O símbolo no centro... é isso que você está procurando? Os Orbanianos ostentavam esse símbolo em seus estandartes durante o Cerco das Seis Auroras, certo?

Vasculhar os pertences de Mira depois de dormir com ela não foi um dos momentos de maior orgulho de Marek, mas também não estava entre os piores. A abotoadura era o único item inconsistente no guarda-roupa abarrotado de Mira. A abotoadura de couro ostentava três sóis, as esferas sobrepostas no formato da cabeça de um carneiro. Três sóis menores se reuniam no nexo onde as esferas se conectavam, como se dessem ao carneiro três olhos na testa.

— Sim. — Havia uma expressão dura nos olhos de Jeru enquanto ele traçava o símbolo. — Você deveria se banhar e se preparar para a viagem. Mil e quinhentos recrutas partirão para a fronteira sul de Lukub ao amanhecer. — Jeru enfiou a abotoadura no bolso, pousando a mão distraída na espada. — Devo avisá-lo: Sefa pode não estar no Palácio de Marfim. Ela pode ter escapado de Huz enquanto estava no palácio e fugido para outro lugar.

— Pela ponte amaldiçoada pela névoa, espero que sim — disse Marek com fervor. — Ela estaria mais segura nas ruas do que no Palácio de Marfim. Ela sabe como sobreviver como uma vagabunda, mas em uma corte real? A corte da Sultana Vaida?

Um arrepio percorreu-o.

— Pela ponte amaldiçoada pela névoa? — repetiu Jeru, com um leve sorriso atravessando o semblante sombrio. — Você parece Nizahlano.

Houve um tempo em que ouvir isso teria deixado Marek em pânico. Isso evocava os sussurros de sua família, ecoando suas vozes vis em seus ouvidos. Em Nizahl, ele era um fracasso. O filho que fugiu. Jogou o legado dos Lazur na lama no minuto em que pôs as mãos violentas no Sumo Conselheiro, e para quê? Por *uma garota que não se casará com você, Caleb, que não tem pai nem nome para mencionar. Seus irmãos e irmã morreram para que você tivesse essa chance. Para que você pudesse caminhar rumo à grandeza da mesma forma que caminha por tudo na vida, mesmo que essa grandeza seja desperdiçada em mãos mais familiarizadas com a forma de uma mulher do que com o peso de uma espada. É isso que Amira, Binyar e Hani deixaram para trás? É...*

Marek levantou-se abruptamente. Fazia muito tempo que não permitia que os pais se demorassem em seus pensamentos.

Um corvo violeta encarava Marek da lapela de Jeru. As espadas que se chocavam abaixo dele eram costuradas com um fio prateado brilhante que Marek nunca tinha visto em nenhum outro lugar além das roupas feitas por Nizahlanos.

— Eu pareço Nizahlano porque sou Nizahlano — disse Marek. — Mesmo que às vezes eu desejasse que fosse diferente.

Seus pais talvez não estivessem felizes por terem perdido mais um filho herói para enterrar, mas seus irmãos – a única família com a qual ele se importava – nunca teriam desejado que Marek os seguisse até a morte.

Ele não era o Lazur que fugiu; era o Lazur que viveu.

— Entendo — disse Jeru, e parecia estar falando sério. — Vá se preparar, Marek. Partiremos para Lukub ao amanhecer.

Marek fora jogado naquele complexo com as roupas do corpo. Ele tinha aproximadamente três pertences, a maioria comestíveis. "Preparar-se" consistiria em tomar banho e tentar não pensar no que Sefa poderia ter sofrido no Palácio de Marfim.

— Para que você precisa dessa abotoadura? Para dar um toque

especial ao uniforme de Sua Alteza? — perguntou Marek. Com sua iminente – e, pela graça dos Awaleen, permanente – saída da guarda se aproximando, Marek podia se dar ao luxo de um pouco de curiosidade.

A abotoadura foi amassada sob o punho cerrado de Jeru.

— Não exatamente.



Várias centenas de homens, metade dos quais teriam enfiado uma espada na sua orelha se você tentasse tirá-los da cama tão logo após o retorno deles de Curva de Galim, reuniram-se no Moinho Fareed para assistir a um guarda do Comandante se preparar para um combate mortal com Sulor, seu líder de seção menos favorito.

— Alguém sabe o que está acontecendo? — murmurou Zane, esfregando os olhos com os nós dos dedos gigantes. Com cerca de 1,93 m de altura, Zane era o maior recruta do complexo e também a razão pela qual Marek escapara da Curva de Galim sem se tornar o deleite do meio-dia de um nisna. Zane erguera Marek do chão como se ele pesasse menos que um saco de farinha e chutara os nisna para o outro lado da rua com a bota. Se Marek fosse um homem diferente, seu ego poderia ter sofrido um golpe, mas aqueles homens diferentes provavelmente estavam ocupados se dissolvendo em toxinas de nisna.

Não foi Marek quem respondeu, mas o recruta ao lado, um nobre magro como um caniço de Almerour. Marek só falara com ele algumas vezes – Almerour ficava a duas cidades de onde os seus pais moravam, e embora as chances de um garoto quatro anos mais novo reconhecer um Lazur fossem mínimas, Marek manteve distância.

— O guarda de Sua Alteza emitiu uma ordem de prisão para que Sulor seja julgado por seu crime nas cortes superiores da Cidadela. Pelo

visto, nosso destemido Sulor tem aceitado propina de famílias nobres do bairro leste para redirecionar patrulhas em Nazeef, na Alameda da Torre e em Mandara.

Zane e Marek encararam Almerour com olhares confusos.

— Redirecionar patrulhas? Por quê?

Mais importante, por que um guarda do Herdeiro se importaria tanto com alguns negócios paralelos nos aposentos nobres a ponto de mentir para o seu Herdeiro e pedir ajuda a Marek?

Almerour parecia muito feliz em explicar.

— A proibição do alistamento. Quando a Cidadela a suspendeu, as famílias nobres começaram a fazer acordos com os líderes de seção para esconder seus filhos elegíveis. Imagine que Zane é filho de um rico comerciante do bairro leste. As patrulhas batem à porta para levar Zane embora, então o que o papai comerciante faz? Ele oferece ao líder da seção responsável pelo recrutamento em seu bairro uma quantia generosa para arrastar uma criança não elegível das aldeias mais baixas, chamá-la de Zane e jogá-la no complexo. O nome de Zane é registrado como recruta, enquanto o verdadeiro Zane fica em casa e se esconde debaixo dos travesseiros da mamãe e do papai até que o outro Zane termine seu serviço.

Marek e Zane trocaram um olhar atordoado. Forçar um aldeão inferior não elegível – alguém vulnerável como uma criança, o único responsável por uma família ou uma pessoa sofrendo de uma lesão desqualificante – a entrar em um complexo militar com um nome falso para encher os próprios bolsos?

— Isso é desprezível — rosnou Zane, a própria repulsa de Marek ecoando no gigante. — Como você sabe tanto sobre isso?

Almerour deu de ombros.

— Porque Sulor ofereceu o acordo aos meus pais, e eles recusaram.

Marek estremeceu em relutante compaixão. Se ainda estivesse na

casa dos Lazur, seus pais o teriam jogado na carroça eles mesmos.

Enquanto o complexo dos Corvos observava, Jeru caminhou até o centro do campo vestindo um uniforme padrão de recruta. Marek procurou o broche do guarda, mas ele devia tê-lo removido ao se trocar. Se Marek tivesse alguma dúvida sobre se Jeru pretendia lutar contra Sulor, teria desaparecido imediatamente. Os guardas do Herdeiro nunca tiravam o broche – mesmo na morte, o mantinham consigo. Tirá-lo indicava uma traição aos seus votos. Fazia deles traidores.

A compreensão atingiu Marek como um tapa na cara.

Você não tem medo de desafiar seu Comandante? Se for pego, imagino que ele receberá sua traição com um belo e resistente laço.

Jeru havia sido resgatado das vilas mais baixas, não é? A história que Sylvia lhes contara nos túneis embaçava a mente de Marek, e ele lutava para evocar a lembrança. O Herdeiro de Nizahl salvara Jeru antes que um carrasco pudesse decepar a sua cabeça por supostamente roubar um saco de aveia. A aveia havia sido roubada por um garoto de doze anos, mas Jeru assumira a culpa.

Marek fechou os olhos, uma admiração exasperada pintando o interior de suas pálpebras. Jeru estivera disposto a morrer para proteger uma única criança nas aldeias inferiores. Trair o seu Herdeiro – um ato que Jeru provavelmente via como pior que a morte – pela chance de capturar o líder da seção responsável por aceitar subornos de todo o quadrante leste e condenar inúmeros aldeões inferiores?

Era algo tão repugnantemente honroso que fez os dentes de Marek doerem.

O garoto Almerour continuou, ansioso para reconquistar a atenção de Zane.

— Antes que os homens de Jeru pudessem levar Sulor, ele começou a gritar sobre invocar seu direito à Fortuna por Quatro. Dá para acreditar na coragem dele?

Zane inclinou a cabeça.

— Fortuna por Quatro? Nunca ouvi falar.

No campo, quatro espadas estavam cravadas na terra como placas de sinalização, formando uma borda quadrada ao redor de Jeru e Sulor. Sulor tirou as botas, saltando com os pés surpreendentemente ágeis, e pegou uma espada quase do tamanho de Zane.

Totalmente despreocupado, Jeru contornou as botas de Sulor e arregaçou as mangas até o cotovelo.

— É um rito antigo — começou Almerour, e Marek entendeu por que os pais desse garoto estudioso estavam tão ansiosos para colocá-lo em um complexo —, usado para decidir conflitos entre pessoas de reinos diferentes que não confiavam nas leis da corte de nenhum dos reinos para aplicar a sua justiça de forma justa. Remonta a cerca de 400 d.S.

As sobrancelhas de Zane se transformaram em uma bola peluda de perplexidade no centro da testa, então o Nizahlano se apressou em esclarecer:

— A.E.: depois do sepultamento. Naquela época, cada reino ainda tinha sua magia, então a ideia era invocar os Awaleen através da Fortuna por Quatro e evitar uma provação real lutando para chegar à liberdade. Teoricamente, essas espadas poderiam atuar como condutores da magia dos Awaleen. Um Orbaniano poderia implorar pela magia de Dania, um Lukubi pela de Baira, um Jasadi pela de Rovial, um Omaliano pela de Kapastra, um Nizahlan por qualquer um dos quatro. — Almerour apontou para cada uma das espadas entalhadas, para o campo. — Não que tenha funcionado. Os Awaleen estão dormindo em seus túmulos e nós estamos sozinhos aqui em cima, quer alguns aceitem ou não.

Marek cruzou os braços sobre o peito, observando o guarda pousar a mão relaxada no cabo da espada presa à sua cintura. Sulor podia ser um traidor e um covarde, mas era um lutador de primeira. Não fora nomeado líder do complexo por causa de seu temperamento doce. Jeru

parecia ter a audácia de alguém se preparando para um passeio tranquilo por uma campina.

— Por que Jeru aceitaria um teste da Fortuna por Quatro? Nizahl não reza para nenhum Awal ou Awala.

Almerour deu de ombros, perdendo o ânimo agora que a atenção de Zane havia retornado ao campo.

— Você se esquece de que foi apenas nos últimos setenta anos, mais ou menos, antes da Cúpula Sanguinária, que Nizahl começou a apertar seu cerco ao uso de magia em qualquer forma. O povo de Nizahl vinha de cada um dos quatro reinos; as ruas estavam repletas da magia dos Orbanianos, Omalianos, Jasadis e Lukubis. Observamos essas tradições como todo mundo, por um tempo. Hoje, a única tradição dos Awaleen da qual Nizahl participa é o Alcalah.

Com um grito de javali ferido, Sulor brandiu a sua espada contra Jeru com uma força capaz de cortar dez homens. Os soldados que se aglomeravam se puseram em posição de sentido, e Marek prendeu a respiração.

Jeru se desviou do caminho da espada. Ele ainda não havia sacado a sua própria arma. Estaria ele planejando ter a sua maldita cabeça decepada?

Continuou no mesmo padrão, com Sulor atacando Jeru e Jeru dançando para se desviar. Eles giravam entre as bordas definidas pelas quatro espadas e, enquanto continuavam, com Sulor se arrastando devido ao cansaço de empunhar o peso da espada, Marek poderia ter acreditado que Jeru estava sendo abençoado pelos Awaleen.

Até que Sulor berrou e mudou a direção do golpe, cortando o uniforme de Jeru e deixando uma faixa ensanguentada em seu peito. Jeru caiu sobre um joelho. Gritos e aplausos se misturaram dos observadores, com alguns insistindo para que Jeru se levantasse.

Braços empurraram Marek para trás enquanto ele dava um passo à

frente.

Puxe a sua espada, seu idiota arrogante!, Marek queria gritar.

Sulor levantou os braços com um grito triunfante, virando-se para encarar os espectadores com um sorriso vitorioso que Marek desejou apagar com a unha do polegar.

Os nós dos dedos do líder da seção embranqueceram ao redor da espada enquanto ele a erguia. A cabeça de Jeru permaneceu curvada, e Marek nunca estivera tão atento à fragilidade de um pescoço humano.

Enquanto Marek se preparava para ver a cabeça cacheada do guarda rolar pelo Moinho Fareed, com as suas chances de encontrar Sefa rolando junto, uma explosão de movimento fez Sulor parar.

Jeru saltou de sua posição agachada e enfiou uma adaga na garganta desprotegida de Sulor. A espada pesada caiu no chão, e Jeru cruzou os braços sob os de Sulor enquanto sussurrava no ouvido do líder de seção, que estava sufocado.

Jeru jogou Sulor, de olhos vazios, no chão. O corpo do líder da seção rolou, com os olhos sem vida fitando o campo. Um silêncio atordoante pairava além das quatro espadas enquanto Jeru recuperava a sua adaga.

Jeru olhou ao redor. Quando o seu olhar pousou em Marek, ele ergueu a adaga encharcada até a têmpora em uma saudação.

A única torcida de Marek ecoou pela multidão atônita. Ela se acalmou, suave como a primeira neve, e provocou uma erupção. Todo o complexo vibrou, com o nome de Jeru ecoando pelos campos.

Mas quando Jeru olhou para o corpo de Sulor, não havia vitória em seus olhos.

Apenas pavor.

CAPÍTULO 39



Tudo havia acabado.

Sefa se inclinou sobre a sacada e observou um cavaleiro parar o seu cavalo ao lado do obelisco rubi.

Mesmo com o sorriso torto da lua crescente tingindo o céu, Sefa teve dificuldade em identificar as feições do cavaleiro. Mas, se tivesse que chutar, diria que era um homem ridiculamente alto, com cabelos castanho-avermelhados e olhos cinzentos, um chapéu peculiar equilibrado acima da cabeça.

Alguém caminhou em direção ao cavaleiro, e Sefa não precisou adivinhar a identidade do recém-chegado. O andar vagaroso, as manchas coloridas onde pétalas de flores haviam sido tecidas em suas tranças. Vaida caminhou em direção a Bausit, as pontas de sua capa de cetim arrastando-se em seu rastro como um rio de sangue.

Ela vestia um dos vestidos que Sefa havia feito. Ele lhe caía muito melhor do que Sefa poderia esperar, aderindo à Sultana como uma segunda pele e enfatizando cada centímetro de seu corpo imponente e altíssimo.

Claro, se a Sultana tivesse escolhido qualquer outro vestido da pilha de Sefa, Sefa já estaria morta. Vaida viraria o vestido do avesso e veria as palavras que Sefa havia costurado meticulosamente, linha por linha. Tudo o que Sefa havia testemunhado, cada sussurro que havia coletado, cada suspeita; Sefa havia registrado dentro dos vestidos.

Vaida disse a ela para usar os seus instintos, para ser perceptiva, e Sefa tinha escutado. Ela não era Marek; não era charmosa, nem

deslumbrante, nem particularmente cativante. Mas Sefa era firme. Paciente. Costurando em silêncio no canto dos aposentos dos criados, Sefa enfim deixou de chamar a atenção. Um tempo depois, a equipe começou a falar livremente, sua saraivada de reclamações todas as noites tão divertida quanto informativa. Sefa descobrira quando a Sultana se reunia com os seus conselheiros; quais cidades recebiam recursos além de sua cota em troca de sediar mais celebrações em homenagem à Sultana; quais famílias estavam sob suspeita de espionagem Nizahlana; quantos jardineiros Vaida havia jogado nos Poços dos Traidores por danificarem suas flores.

Sefa descobriu sobre o anel.

Não era muita coisa. Rumores, principalmente. Histórias costuradas de geração em geração de servos que serviram às Sultanas de Lukub. O anel pertencera a Baira, passado de Sultana para a Herdeira por milhares de anos. Quando Lukub ainda possuía magia, o anel podia convocar Cães Rubi de qualquer lugar da terra para o lado da Sultana. À medida que a magia de Lukub enfraquecia, mais Cães Rubi morriam, e o anel se tornou uma relíquia. Ornamental. Impotente, mas belo.

Sefa pensou em Vaida sentada diante do espelho, com os olhos frios fixos em seu próprio reflexo. As cerejas atiradas em seu retrato. As celebrações intermináveis e a tirania arrogante.

Uma relíquia de uma governante.

Bausit ajoelhou-se diante de Vaida, e Sefa olhou para além deles, para a vastidão de Essam, que se estendia até onde a vista alcançava. Ela desejou ter tido a chance de escalar os Ombros de Baira e ver os reinos que se estendiam além das árvores.

Ela desejou ter visto Marek e Sylvia apenas uma última vez.

Havia apenas uma razão para Bausit correr para o palácio em vez de pedir para Vaida encontrá-lo em outro lugar.

A vela de Sefa se apagou. A cera pingou sobre as elaboradas letras

esculpidas na pedra de alabastro, esfriando por dentro os nomes de cada uma das sultanas que sucederam Baira.

Sultana Vaida caminharia pelas brumas do próprio Sirauk se o poder a aguardasse do outro lado. Ela possuía um anel fundido com a magia de Baira, um desejo implacável de começar uma guerra com Nizahl e, agora, a localização de um reino repleto de magia ancestral e indomável.

Sefa recolheu o vestido que havia terminado naquela manhã, dobrando-o com cuidado. Na costura inferior, traçou as últimas palavras que havia escrito.

Encontre o anel de Vaida.

Diga a Marek e Sylvia que eu lutei.

CAPÍTULO 40



Arin estava sendo observado.

Ele se afastou da janela, deixando a cortina se fechar atrás de si. O arrepio mágico em sua nuca não havia desaparecido desde que acordara doze horas antes. Acordou *sozinho*, com a mão deslizando pelo espaço onde deveria estar um corpo quente.

— E esta é a fortaleza que Vaida engoliu sob sua fronteira? — Arin apalpou dois dedos na parte inferior do maxilar, testando os nós. O único benefício de perder quatro dias para o Mirayah era evitar o tédio da cura.

O lado direito do seu rosto estava coberto por um hematoma roxo e preto, e seus olhos ardiam se ele piscasse com muita força, mas o dano poderia ter sido pior. O efeito mais incômodo era a confusão em sua cabeça, desfazendo as costuras de seus pensamentos antes que pudessem ser reunidos.

Ele não ficaria surpreso se a desorientação não tivesse nada a ver com seus ferimentos, e o Mirayah simplesmente o tivessem drogado com magia na tentativa de alterar suas memórias de tê-la encontrado.

Mas Arin se lembrava dela. Ele se lembrava de cada detalhe.

— É sim, senhor. — Jeru fez uma pausa enquanto Arin tirava o casaco e o colocava sobre a mesa. — Vaida pediu para ser informada quando o senhor acordasse.

— Ela pediu? — Arin avaliou seu peito no espelho. Os cortes da Curva de Galim já havia se fechado. Em uma ou duas semanas, seriam apenas mais uma cicatriz. Os hematomas de Mahair, por sua vez, latejavam em seus ombros e peito.

Outras marcas, obtidas de forma muito mais agradável, estavam

espalhadas pelo corpo de Arin. Ele roçou a marca da mordida na barriga, com um pequeno sorriso nos lábios.

Arin conhecia a sua reputação na corte e nos reinos. Chamavam-no de reservado. Sem coração. Frio.

Frígido, em seus dias mais ousados.

Por um tempo, ele acreditou neles. Além de Soraya, Arin dedicava o mínimo de atenção à satisfação dos caprichos do seu corpo. Quando Arin decidia por um curso de ação, era premeditado. Comedido e cuidadosamente considerado. Planejar era o antídoto para a paixão, e Arin se racionalizava, afastando-se de todas as camas que tentavam convidá-lo para entrar.

Arin se inclinou para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos enquanto catalogava as marcas em seu peito.

O que eles fizeram no Mirayah não foi premeditado, medido ou cuidadosamente considerado, e foi a melhor noite da vida de Arin.

Vaun se materializou ao lado de Arin, com uma expressão de fúria enquanto gesticulava para o rosto machucado de Arin.

— Vou retribuir a ela cada ferimento que ela causou a você em dobro, meu senhor. Ela vai se arrepender de ter colocado as mãos em você. Você ajudou a manter vivos aqueles aldeões ingratos e insípidos e, em troca, ela quase *o matou*!

Arin fez um gesto de desdém.

— Ferimentos superficiais. Ela estava tentando salvar a minha vida.

A atenção de Arin se voltou para a lapela de Vaun, onde ele costumava exibir seu broche de guarda em flagrante desrespeito à própria segurança.

— Você perdeu seu broche?

A mão de Vaun voou para a lapela. Pareceu perplexo ao encontrá-la nua.

— Devo tê-la deixado cair. Peço desculpas, meu suserano... vou

providenciar um novo. — Vaun balançou a cabeça. — Como amarrar Vossa Alteza a uma parede e brutalizá-lo salvaria sua vida?

Jeru afastou uma das cortinas excessivamente longas para espiar pela janela.

Arin tirou uma camisa preta de mangas compridas e a deixou de lado enquanto procurava um colete novo.

— Enquanto estivesse consciente, eu seria um risco para nós dois. Os Urabi tentariam me matar para me impedir de capturar a Malika, e os meus soldados prenderiam todos os Jasadi da aldeia assim que a ameaça Omaliana fosse subjugada. Mas se eu estiver gravemente ferido...

— Os seus soldados precisam garantir a sua segurança imediatamente. — A carranca de Vaun cortava o aço. — Ela trapaceou.

— Não. — Arin pressionou a língua contra os dentes, tentando não sorrir. — Ela jogou o jogo.

— Disseram que ela voou para fora da aldeia nas costas de um kitmer. — Jeru encostou-se no guarda-roupa. — Riddah e alguns dos outros soldados relataram ter visto raios de ouro e prata voando de suas mãos.

O colete que Arin havia encontrado triunfalmente escorregou de seus dedos. A névoa sobre seus pensamentos finalmente se dissipou, e Arin ficou frio.

Cada vez que uso minha magia, encontro uma nova veia.

Receio que terei que escolher: minha mente ou meu povo.

— Meu senhor? — Jeru pegou o colete caído com cautela. — Você tem visitas. Layla e Bayoum estão ansiosos para confirmar a sua boa saúde, mas posso dizer a eles que retornem mais tarde.

Jeru tentou entregar o colete a Arin, mas Arin o empurrou. Ele puxou a camisa sobre os braços e ficou parado, olhando para os cadarços esperando para serem atados.

— Preciso de um momento a sós — Arin falou sem inflexão. —

Diga a Layla e Bayoum que sairei para vê-los em breve.

Quando os seus guardas se retiraram, Arin pegou seu casaco. Ele não conseguia se lembrar se havia devolvido os pedaços do cordão dela ao bolso depois de mostrá-los a ela.

Uma ruga no bolso interno esquerdo interrompeu a busca de Arin. Ele parou, percebendo a pequena protuberância pela primeira vez.

Arin extraiu um maço de páginas rasgadas, dobradas com firmeza dentro do bolso forrado. As páginas estavam gastas no centro por inúmeras dobras, e a superfície desbotada pela pressão de muitos dedos negligentes. A escrita não era dela, então Arin foi imediatamente para a última página e procurou o signatário.

Binyar Lazur, Primeiro General do Regimento Sul de Nizahl.

Binyar Lazur? As sobrancelhas de Arin se franziram. Quando Essiya teria cruzado o caminho de um general Nizahlano falecido? Arin conhecera Binyar durante a sua breve estadia na Cidadela. Um homem valente e prático, com noções rígidas de honra e legado familiar. Nada como o seu irmão mais novo, cujo único compromisso na vida era com uma garota dez vezes mais corajosa que ele. Talvez o irmão mais novo, Lazur, tivesse dado aquelas páginas a Essiya.

Arin sentou-se na poltrona perto da janela e começou a ler.



A fortaleza caiu antes do mensageiro.

Arin releu as páginas quatro vezes, reorganizando os pedaços da história diversas vezes, e não conseguiu encontrar um encaixe.

Arin passou o polegar pela escrita cada vez mais frenética de Binyar. Alinhou as páginas em uma pilha organizada.

A fortaleza caiu após a Cúpula Sanguinária. Por *causa* da Cúpula

Sanguinária. Ninguém entendeu por completo como isso aconteceu, mas a teoria mais citada era que a perda de toda a linhagem real de Jasad enfraqueceu a fortaleza e a deixou vulnerável ao colapso.

O que poderia ter sido perfeitamente plausível se não fosse por Essiya de Jasad. A segunda Herdeira de Jasad sobreviveu à Cúpula Sanguinária. Sua magia e linhagem ainda existiam quando a fortaleza caiu.

Arin respirou fundo. Precisava olhar mais além... juntar as novas peças ao seu tabuleiro.

Custou caro a Arin descartar a teoria da morte da linhagem real. Foi como se um martelo tivesse batido no chão sob seus pés e, através das rachaduras, Arin viu lampejos do perigoso buraco que esperava logo abaixo da superfície.

Se não foi a morte da família real que causou o colapso da fortaleza, então o encantamento deve ter falhado.

O encantamento que sustentava a fortaleza ao redor de Jasad era o segredo mais bem guardado do reino. A única informação que conseguira encontrar mencionava vagamente a cerimônia para renovar a fortaleza todos os anos. O Qayid ou Qayida recitava o encantamento para renovar a magia original lançada por Qayida Hend milhares de anos antes.

Arin voltou a investigar.

Niphran era Qayida quando a fortaleza caiu. Ela já havia sido Qayida uma vez, mas os seus pais a haviam destituído dessa honra ao exilá-la na Torre Bakir. Niyar e Palia a reintegraram por volta do décimo quarto aniversário de Arin. Ele se lembrava da data porque seu pai aceitara um convite para o festival e partira para Jasad na semana anterior. Isra insistira em ficar para o aniversário de Arin e o tirara da Cidadela às escondidas para visitar as ruínas preservadas em Ukaz. Ela enfiara o cabelo dele sob um gorro de tricô e esperara pacientemente

sempre que a atenção de Arin se concentrava em um padrão estranho nas esculturas ou em uma coleção de pedras sobre as quais ele lera histórias.

Dois anos depois, ela partiu para a Cúpula Sanguinária, e Arin passou seu aniversário sozinho em seus aposentos, projetando a estátua que ficaria acima do túmulo de sua mãe nos jardins da Cidadela.

Os dedos de Arin se curvaram. Ele queria se levantar e lançar aquelas páginas às chamas. Nem toda pergunta precisava de uma resposta satisfatória. Muitas pessoas se contentavam com a incerteza; viviam e morriam sem se esforçar para compreender qualquer coisa além do canto do mundo que ocupavam.

Elas não ficariam diretamente sobre o buraco e empurrariam para *baixo*.

Mas Arin não conseguia deter o movimento de sua própria mente, assim como Essiya não conseguia deter o chamado de sua magia.

Aposto que os Mufsid culparam Hanim pela queda da fortaleza. Uma ironia, se quer saber. Hanim não destruiu Usr Jasad. Ela pode ter escrito o encantamento falso, mas quem o leu?

Arin se levantou e jogou o pergaminho na poltrona. As páginas caíram no chão enquanto ele andava de um lado para o outro.

Mesmo que Arin afirmasse que ler o encantamento errado poderia destruir uma fortaleza com milhares de anos, isso não explicava como Nizahl saberia de antemão. Segundo Binyar, os exércitos de Nizahl já marchavam em direção a Jasad. Milhares de soldados aguardavam atrás da fortaleza quando caiu. Como seu pai poderia saber que o encantamento errado seria lido pela primeira vez na história de Jasad?

Hanim foi a líder deles por um tempo, sabia? Antes do exílio dela por conspirar com seu pai contra a coroa de Jasad.

As rachaduras acima do buraco se alargaram. Um aviso para parar, para se afastar do precipício.

Mas as peças começaram a se mover por vontade própria, correndo para o lugar.

Como você pode sentir magia?

Por que Hanim contaria a Rawain que ela havia dado aos Mufsids o encantamento errado? Supondo que Rawain e Hanim tivessem conspirado juntos quando Rawain era o Herdeiro de Nizahl, Rawain já havia traído Hanim de forma retumbante quando se tornou Supremo. A Qayida pode ter sido monstruosa, mas não era tola. Ela jamais arriscaria a fortaleza a menos que pudesse ganhar algo imensurável. Algo que tentara reivindicar através de Essiya, a última Herdeira viva.

O trono de Jasad.

O que a tranquilizou na palavra do Supremo depois que ele a ajudou em seu exílio e lhe deu as costas uma vez antes?

Uma peça tremeu no centro da moldura. Nela, Arin viu o rosto de Isra. Ele viu a garota da aldeia mais baixa tirada da obscuridade para se casar com o Comandante de Nizahl, o filho nascido logo após o casamento.

Seu cabelo era preto antes da maldição?

Arin se apoiou na parede enquanto o cômodo girava.

Hanim devia acreditar que Rawain pretendia reivindicar o trono de Jasad em vez de destruí-lo. Algo a convencera de que Rawain a colocaria no trono recém-conquistado.

Conheci a sua mãe na Cúpula Sanguinária. Isra sabia que ia morrer. Ela entrou naquela Cúpula sabendo o que Rawain planejava fazer.

Arriscar a fortaleza exigiria mais do que uma mera aliança. Mais do que promessas. Precisaria ser a mesma reivindicação que ela buscara por meio de Essiya.

A reivindicação mais forte à coroa era o sangue. O filho de Rawain se tornaria Herdeiro de Jasad e Nizahl.

Filho de Rawain… e de Hanim.

O buraco se abriu e Arin desapareceu.

CAPÍTULO 41

SYLVIA

Aparentemente, tudo o que era preciso para se infiltrar no palácio de Omal era um bom glamour e uma compreensão competente de sua disposição.

Ninguém olhou duas vezes para a criada que entrava pela porta da cozinha ao anoitecer, com a cabeça baixa sobre um balde de ração para galinhas. Ela tinha cabelos castanhos cacheados, os olhos verdes opacos e uma pequena pinta no queixo.

Assim que saí da vista dos guardas, deixei o balde cair perto de duas crianças que, entusiasmadas, rasgavam pedaços de pão em um prato comprido. Um menino passou cambaleando por mim com uma tigela gigante de leite, com grãos de açúcar grudados na borda. Ele derramou o leite sobre o pão. Risadas ecoavam entre as crianças enquanto gotas quentes de leite espirravam em seus rostinhos curiosos.

Peguei uma bandeja vazia do balcão e pisei na poça. Eu adorava om Ali[9] quando era mais nova. Esperava que as crianças se lembrassem de adicionar nozes.

Os únicos soldados que eu tinha visto até então estavam espalhados pelas cidades altas. Soldados de Omal *e* Nizahl, o que me divertiu bastante. Arin não desperdiçaria soldados de Nizahl nas cidades altas de Omal sem pensar duas vezes. Felix deve ter irritado Arin o suficiente para que ele desferisse seu golpe sem derramamento de sangue.

Um guarda olhou para mim quando entrei no saguão principal, com a bandeja equilibrada no ombro. Ele estendeu a mão quando tentei contorná-lo.

— Fique de olho nos homens — disse ele. — A corte bebeu bastante cerveja no jantar. Qualquer coisa que conseguirem arrastar para o colo, eles arrastarão.

Típico. Acenei com a cabeça, esperando que ele não esperasse mais do que isso. Sefa e Marek já tinham dito uma vez que eu falava sem sotaque, mas como eles saberiam? Pelo visto, eles tinham um sotaque Nizahlano o tempo todo. Éramos apenas três galinhas bobas cacarejando em círculo.

O guarda se afastou e segui meu caminho. A corte estava mesmo bêbada, e os sons de risos e vozes alteradas me irritavam. Os aldeões mais pobres estavam morrendo nas mãos do Herdeiro de Omal enquanto a sua corte celebrava.

Por mais que quisesse ver quantos deles eu conseguiria mutilar antes que os guardas percebessem, o tempo não me permitiria esse prazer. Cada minuto que eu desperdiçava era mais uma morte. Mais uma oportunidade para os Urabi perderem a esperança de que eu os encontraria.

O aroma irresistível de eucalipto e canela perfumava os salões. Em uma câmara auxiliar reservada às jovens damas da corte, espirais oníricas haviam sido pintadas em um padrão que lembrava folhas dançando ao vento. Móveis almofadados, responsáveis pela morte de pelo menos mil patos por almofada, enchiam o ambiente. Cortinas de seda transparentes, retorcidas como nuvens brancas e azuis, balançavam no teto.

Notavelmente ausentes estavam as jovens damas, que provavelmente receberam o mesmo aviso que eu sobre os patifes. Outro golpe de sorte.

Todos os dias, durante o nosso treinamento, Arin mandava um guarda trazer um novo mapa para os meus aposentos. Minha preparação para o Alcalah incluía memorizar cada salão, casebre e buraco nos

palácios que visitaríamos. Meu sucesso nas provas, ele dizia, só importava se eu sobrevivesse para competir.

Contei as espirais azuis de tinta no canto direito da sala até chegar ao número sete. Bem onde a tinta se curvava, uma depressão do tamanho do meu polegar quebrou o padrão. No local exato em que os mapas de Arin haviam indicado.

Enfiei o polegar na reentrância e puxei. Ouvi um clique do outro lado da parede. Com um gemido, o contorno de uma porta surgiu na tinta. Limpando a poeira do nariz, empurrei-a com o ombro.

Ah, que lindo! Mais uma escadaria desumanamente estreita projetada por alguém com uma vingança contra espinhas funcionais. Joguei a bandeja no chão, o estrondo abafado pelo grosso carpete branco.

Fechei a porta atrás de mim, mergulhando a escada na escuridão. Subi, contando cada degrau. Cento e cinquenta e quatro era o quanto levaria para chegar à ala da Rainha Hanan. Cento e cinquenta e três para encontrar a minha avó.

Cento e cinquenta e dois até que eu ganhasse o exército dela ou perdesse o meu.

Perdi a conta depois de oitenta. Meus ombros ardiam de tanto raspar na superfície pontiaguda das paredes de pedra. Eu tropeçava a cada passo. A escuridão total da escadaria conspirava com o ar limitado para desgastar os nervos que eu vinha mantendo firmes desde que saí do Mirayah. Racionei a minha respiração, tomando cuidado para não puxar tanto a poeira a ponto de provocar um ataque de tosse.

Minha magia zumbia, mas eu não ousava ouvir. Quando os outros usavam a sua magia, a maior preocupação era quanto tempo levaria para repor. Quanto poderiam usar antes de ficarem temporariamente indefesos.

Eu não tinha esse problema. Nunca havia raspado o fundo do meu poço. Apesar de todos os seus problemas, minha magia atendia ao meu

chamado, mesmo que nem sempre da maneira que eu pretendia.

Se pensasse muito nisso, a ironia me derrubaria. Eu tinha acesso a uma quantidade aparentemente ilimitada de magia, mas não conseguia usá-la. Mesmo um ato tão pequeno quanto iluminar meu caminho por aquele corredor horrível produziria outra veia. Quebraria outro espelho na sombra da minha mente, me perfuraria com o fragmento de uma memória inexplicável.

Toda magia tem regras. Consequências. Só precisamos descobrir quais são as dela.

Fiz uma pausa, apoiando meu braço contra a parede e descansando minha testa suada no recanto do meu cotovelo. Namsa e o resto dos Aada não abandonaram sua investigação sobre minha magia. Eles não eram um grupo de pessoas dissuadidas com facilidade, os Urabi.

Eles tomaram a decisão consciente de ignorá-la.

Toda vez que a minha magia me dominava, Efra sentia. Ele sentia a dormência me percorrendo como uma toxina, mesmo sem saber o que a havia provocado. Mesmo sem conseguir ouvir a voz por trás dela.

Eles sabiam o que significava para a minha magia me desconectar de mim mesma, mesmo que temporariamente.

Era uma corrida: minha mente contra a minha magia. Eles precisavam demais da minha magia para me aconselharem a não a usar. Mesmo assim, sabia que não queriam me ver destruída – caso contrário, teriam sugerido a reconstrução da fortaleza durante Nuzret Kamel como a nossa primeira e única opção. Em vez disso, estávamos arriscando tudo para apelar à Rainha Hanan.

Um esforço fadado ao fracasso antes mesmo de eu guardar a confissão de Binyar Lazur no casaco de Arin.

Continuei a minha caminhada, com a palma da mão levemente apoiada na parede para acompanhar a escadaria curva. Com que veemência Efra teria me combatido se soubesse que eu havia entregue

uma de nossas ferramentas mais importantes para Arin de Nizahl? Não apenas Efra; todos ficariam furiosos. O Comandante de Nizahl, o inimigo da magia. Uma causa perdida. Um desperdício de recursos apelar para alguém que via a magia como o flagelo da Terra.

E talvez eles estivessem certos. Eu estava fazendo a minha própria aposta. O compromisso inabalável de Arin com a lógica e a verdade versus sua aversão à magia.

Não, eu não chamaria isso de aposta. Uma aposta implicava probabilidades iguais. Sugeria que um resultado era tão provável quanto o outro.

Você mentiu para seu pai.

Isso era uma teoria.



Quando finalmente saí da escada cambaleando, uma fina camada de sujeira me cobria do pescoço ao joelho.

Não me dei ao trabalho de tirar o pó. A sujeira combinava perfeitamente com o meu novo papel de órfã desgrenhada rastejando até o colo da avó em busca de um pouco de misericórdia.

Antes que eu desse mais um passo para a frente, a borda de uma moldura bateu na minha manga. Olhei para o retrato e recuei.

Depois de vários minutos recuperando o queixo que caiu na cozinha do palácio, dei um passo mais perto da monstruosidade.

Este retrato não estava lá da última vez que visitei. Não só seria impossível não o ver, como também teria garantido que Arin descobrisse a minha verdadeira identidade.

No retrato, a Rainha Hanan e o falecido Rei Toran estavam lado a lado, de mãos dadas. Ondas brilhantes de cabelo preto caíam até a cintura da Rainha Hanan, e a alegria dançava nos olhos castanhos há

muito tempo opacos. O Rei Toran, meu avô, elevava-se sobre ela. Pisquei diante de sua barba fofa com mechas prateadas e sobrancelhas grossas, uma das quais arqueada em contemplação severa.

Pelo menos eu sabia de onde vinha a minha altura.

Sentado no trono, com um joelho dobrado para o lado e o outro esticado para a frente, estava Emre. Ele tinha os mesmos cabelos negros e ondulados da mãe, caindo sobre a testa e ao redor das orelhas em uma moita desgrenhada. Óculos pousados no topo do nariz largo, e agarrava o braço do trono como se pudesse ejetá-lo a qualquer momento.

Equilibrada sobre um joelho, com um braço em volta da cintura, a versão infantil de mim mesma lançou um sorriso maroto para a artista.

Aproximei-me, estudando as minúsculas pinceladas de tinta como se pudesse ignorá-las. Eles me desenharam por volta dos seis ou sete anos, balançando as pernas alegremente no colo do meu pai. Meus cachos estavam soltos e volumosos, bem enrolados como só eram quando eu era pequena.

Meu pai no trono, sua filha no colo. Um quadro impossível. Uma obra de ficção. Meu pai me viu quando eu era recém-nascida e depois morreu na floresta. Não visitei Omal uma única vez até fugir para lá depois de matar Hanim; Gedo Niyar e Teta Palia me proibiram de acompanhá-los em quaisquer viagens diplomáticas ao reino.

Teria a Rainha Hanan encomendado isso para realizar alguma fantasia doentia? Para criar um universo onde ela e o marido não tivessem me deserdado alegremente após a morte de Emre?

Um pressentimento doentio percorreu o meu estômago. Este retrato teria deixado Felix furioso. Sugeria uma reivindicação. Legitimidade.

Foi um ato de desafio contra o seu sobrinho.

Uma sombra caiu sobre mim. Um aperto forte agarrou meu ombro, me fazendo girar.

— Quem...

Minha adaga atravessou a lateral de sua garganta, cortando tudo, exceto a sua medula espinhal. O sangue espirrou em um amplo arco pela pintura.

Passei por cima do seu corpo trêmulo e continuei andando. Felizmente alheios à minha aproximação, os outros dois guardas jogavam cartas em frente às portas da sala do trono, com uma caixa de madeira virada servindo de mesa.

O segundo guarda ergueu os olhos quando o sangue respingou nas cartas. Seu companheiro ofegou, agarrando a garganta cortada enquanto eu me aproximava atrás dele.

As cartas voaram na minha cabeça. O segundo guarda rolou para o chão enquanto a minha adaga se cravava na parede atrás dele.

Não foi uma luta justa. O guarda deu um soco no meu queixo, inclinando-se para a frente. Absorvi o golpe e cravei a minha adaga em seu coração antes que pudesse recuperar o equilíbrio.

Limpando a minha lâmina, observei os corpos espalhados nos tapetes brancos e limpos. Só três guardas?

Felix sabia que estávamos chegando. Será que estava tão confiante de que não penetraríamos nas cidades altas a ponto de deixar o palácio desprotegido? Fairel teria conseguido acabar com aquele bando com uma única flecha.

Agarrei as maçanetas curvas das portas da sala do trono. Meu sangue pulsava em meus ouvidos.

Durante o último mês, imaginei as consequências daquele momento. A rejeição da Rainha Hanan, a ira de Felix, a inevitabilidade de erguer a fortaleza e morrer em um clarão de magia.

Eu não havia pensado muito na possibilidade de sucesso. O retrato no salão... mudou a conversa. Talvez a Rainha Hanan pudesse ser persuadida. Talvez Nuzret Kamel e a fortaleza pudessem ser evitadas.

Levantei a minha adaga para cortar mais guardas e bati contra as

portas da sala do trono. Elas rangeram, as dobradiças de aço se chocando contra a madeira antiga, e se abriram.

O gemido ecoou, ricocheteando do topo do teto abobadado até o canto mais distante da cavernosa sala do trono.

Nenhum guarda correu para me encontrar. Além do barulho das minhas botas contra os ladrilhos azuis e brancos brilhantes, não havia som algum.

Safiras de tirar o fôlego brilhavam em espirais concêntricas ao redor da cúpula de vidro no topo do teto alto.

Na outra extremidade da sala do trono, uma plataforma erguia-se como uma ilha no meio de um mar espumante. No centro, o trono de Omal.

Se eu fosse uma mulher mais inclinada à geologia, talvez me perguntasse de que tipo de pedra era composta a enorme rochelya que envolvia o trono. O azul etéreo de suas escamas me lembrou o Mar Suhna pouco antes do anoitecer. Sua longa cauda estava enrolada na perna do trono, com a cabeça do réptil pairando acima do encosto do assento. Olhos vazios fitavam a sala, e uma mandíbula assustadora se abria em um rugido silencioso.

A rainha Hanan me observava de baixo de sua sombra.

Guardei minha adaga e dei um passo hesitante à frente.

— Vossa Majestade. — Pigarreei. Deveria tê-la chamado de avó ou Teta Hanan? Eu havia passado a última parte da minha juventude em uma fortaleza cheia de órfãos da aldeia, não fazia ideia de como netos nobres se dirigiam aos mais velhos em Omal.

Aproximei-me devagar, com as mãos levantadas. Havia três saídas na sala do trono; três lugares por onde os guardas poderiam entrar e me cercar por completo se ela chamasse.

— Eu queria uma audiência com você, Rainha Hanan. Quando nos encontramos pela última vez, eu era a Campeã de Nizahl. Hoje, venho

diante de você como Malika de Jasad, e eu... — Engoli em seco. — Espero partir como Herdeira de Omal.

Um pequeno som quebrou o silêncio sepulcral do quarto. Parecia água vazando de um telhado.

Plink. Plink. Plink.

A luz do sol atravessava a cúpula e se espalhava pelas safiras, lançando arcos de luz azul brilhante dançando pelas paredes. Eles iluminavam o sangue que pingava dos pés do trono, e o brilho vermelho se espalhava pelos azulejos iridescentes. Segui o sangue até a plataforma, onde uma poça se formara ao redor da cauda da rochelya.

Subi os degraus até a plataforma.

Ela o provocou.

Minhas botas deixaram pegadas vermelhas no rio de sangue.

Encomendar aquele retrato fora uma mensagem. A primeira ação decisiva de uma rainha que havia se deteriorado por décadas.

A primeiro e última.

A Rainha Hanan olhava fixamente do trono, sem enxergar. Usava um vestido rosa-avermelhado que contrastava com a sua tez azulada. Facas prendiam as suas mãos aos braços da cadeira. Um corte profundo em sua garganta expunha a lasca de sua espinha onde seu pescoço fora serrado até o osso. A ponta de uma espada perfurou a sua testa. Ela havia sido enfiada na parte de trás do trono e em seu crânio para mantê-lo erguido.

Algo brilhou na mandíbula aberta da rochelya.

Chegando perto do cadáver da minha avó, levantei o objeto de entre os dentes da rochelya.

Uma coroa de vidro.

A plataforma rugiu. Ah... *ali* estavam os guardas. Um exército deles, pelo que parecia.

Fechei os olhos da Rainha Hanan. Com a ponta da manga, limpei o

sangue no canto da sua boca.

— Não tenho uma opinião muito favorável a seu respeito, Teta — murmurei. O estrondo de centenas de passos se aproximando ecoou na sala do trono. — Não posso mudar o passado, mas posso lhe oferecer uma coisa: escolherei acreditar que você teria dito sim.

Três conjuntos de portas se abriram de repente. Fileiras de soldados Omalianos uniformizados marchavam em frente à plataforma, lanças em riste enquanto preenchiam a sala em fileiras organizadas. Botas rangiam no piso de mármore brilhante. Os lustres pendurados em longas correntes no teto balançavam. Uma estátua do Rei Toran no canto tombou para a frente, batendo contra um pilar.

Virei as costas para minha avó e contemplei o mar de uniformes Omalianos. Muitos; muitos mesmo. Eles se separaram no centro enquanto uma figura solitária caminhava em direção à plataforma. Uma coroa de verdade pairava sobre os seus cabelos negros e emplumados. Olhos castanhos alegres brilhavam em seu rosto repugnante, pousados sobre um nariz idêntico ao meu.

— Olá, prima — disse Felix.

CAPÍTULO 42



SYLVIA

Olhei para a imensidão de uniformes Omalianos e me perguntei quantos mais aguardavam do lado de fora da sala do trono. Felix devia ter enviado pelo menos quatro ou cinco mil homens para atacar os exércitos de aldeões que se acumulavam no perímetro da cidade alta. Quantos soldados restariam na reserva? Dezenas de milhares?

Apontei para o cadáver da Rainha Hanan.

— Você foi travesso de novo, Felix?

— Eu? — O novo Rei de Omal franziu os lábios em um gesto de preocupação irônico. — Minha querida Essiya, foi você quem executou a Rainha de Omal. Sua própria avó.

Quando a compreensão me atingiu, trouxe consigo uma onda de respeito relutante. Ora, ora, ora... meu primo finalmente deixou de lado as suas birras de menino e jogou como todos nós.

Os ataques às aldeias mais baixas foram a sua cerimônia de abertura. O anúncio de seu novo reinado, estabelecendo o destino daqueles que se opunham a ele. Mahair foi a última aldeia mais baixa que havia atacado. Ele queria me dar tempo suficiente para ver o que aconteceria à cidade se eu não viesse correndo para salvá-los.

Não havia muitos guardas protegendo o palácio porque Felix *queria* que eu me infiltrasse na sala do trono. Eu precisava ser pega ao lado do corpo morto da Rainha para que ele pudesse reivindicar o trono e a minha cabeça de uma só vez.

Até as mentes mais obtusas podiam ser aguçadas contra um rancor poderoso. Felix jamais se recuperara de Arin tê-lo negado o direito de me

matar naquele dia no waleema. Eu o esfaqueei na perna, o insultei, frustrei o seu plano com a ghaiba e então tive a audácia de me tornar uma ameaça à sua coroa. Arin deve ter dito a eles que eu deveria ser capturada viva, mas quem culparia Felix por executar a Jasadi responsável pelo assassinato da rainha? Sua vingança lhe deu mais direito sobre minha vida.

— Pode ficar com a coroa — disse Felix magnanimamente. — Mandei fazer sob medida para você.

Girei a coroa falsa entre os dedos.

— Você acredita na morte, Felix?

O Rei cruzou os braços sobre o peito. Agradando-me em meus últimos momentos, ao que parecia.

— Tem certeza de que deseja que as suas últimas palavras sejam tão estúpidas? Em vez disso, tente implorar por sua vida.

— Nunca fui particularmente avessa à morte — refleti. — Não a acolhi. Resisti a ela com todas as minhas forças. Mas, no final das contas, sempre foi uma questão de escala. Preferia ser uma fugitiva impotente a estar morta. Preferia estar morta a estar presa. Lutei tanto contra qualquer coisa que pudesse me prender a esta terra... qualquer coisa que pudesse pesar na balança contra a morte, caso eu fosse presa outra vez. Deixei de lado a minha identidade, a minha magia, os meus afetos. Disse a mim mesma que não passavam de pedras no meu bolso.

"Não posso abrir caminho através dos seus soldados e não posso morrer diante de Nuzret Kamel — eu disse. — Tenho que escolher viver, e a única maneira de sobreviver ao presente é se eu quebrar a balança. Se eu me render à minha magia e cair em uma armadilha da qual não há escapatória.

A Rainha Hanan estava morta. Mesmo que eu matasse Felix agora mesmo, se ignorasse o conselho dela para me reintegrar à linhagem e reivindicar este reino com sangue, não seria o suficiente. Minha

reivindicação forçaria Omal a entrar em guerra com Nizahl em nome de Jasad e, com dois governantes mortos supostamente pelas minhas mãos, os exércitos se amotinariam.

Sabia que as chances de vitória hoje eram mínimas, mas uma parte tola de mim se apegou à esperança. *Há uma chance*, sussurrava. *Ainda há uma chance.*

Mas uma chance era misericórdia, e misericórdia não era para aqueles com sangue nas mãos. Para nós, só havia escolhas.

Apenas a escala.

Um verdadeiro governante é aquele que coloca o seu povo antes de si mesmo. Não importa o custo.

Deixei a coroa cair no chão. O vidro estalou sob a minha bota.

— Eu te prometo, Felix de Omal: seu nome não será lembrado. Quando a sua história for contada para as gerações futuras, será um acessório da minha. Até mesmo o ódio que seu povo nutre por você diminuirá, levando consigo a última semente que plantou neste mundo. Quando você finalmente desaparecer, querido primo, experimentará a verdadeira morte muito depois de ter apodrecido em seu túmulo.

Um rubor de fúria percorreu o pescoço de Felix, que ergueu um braço. Uma fileira de arqueiros no fundo da sala ergueu os seus arcos. Na frente, centenas de lanças se ergueram em direção à plataforma. Os soldados no centro sacaram as suas espadas e as apontaram para o chão, aguardando. Ele havia tomado várias precauções contra a minha magia.

Se ao menos isso importasse.

Quão fundo você consegue cavar, Essiya?

Os arcos esticavam-se enquanto os arqueiros preparavam as suas flechas, e Felix sorriu ao se colocar atrás de uma multidão de seus guardas.

Eu não conseguia mais sussurrar quando clamava por minha magia. O que eu exigia dela respondia apenas ao meu grito.

Uma névoa se apoderou da minha pele. Quando eu invocava minha magia antes, geralmente era um comando sem forma. *Proteger. Lutar. Salvar.* Os meios pelos quais alcançava esses objetivos não importavam.

Gritos ecoaram na sala do trono enquanto redemoinhos de fumaça irrompiam entre os guardas. Eles se contorciam como nuvens de tempestade caídas.

Não havia nada disforme no que eu queria da minha magia dessa vez.

Asas prateadas cortavam a fumaça. Os gritos evoluíram para uivos quando centenas de kitmers se materializaram entre as fileiras de soldados. Com o dobro do tamanho de qualquer um que eu já havia criado, eram réplicas quase perfeitas dos kitmers de Rovial. Olhos negros e ferozes piscavam sob os chifres curvos. Penas mais afiadas do que qualquer lâmina se desenrolaram enquanto os kitmers se erguiam em toda a sua altura.

Como um só, eles rugiram.

Garras compridas cravaram-se em peitos uniformizados, eviscerando soldados onde estavam. A anarquia tomou conta da sala do trono enquanto a atenção se voltava para os kitmers e se afastava de sua criadora. Flechas voavam pelo ar, ricocheteando inutilmente contra as criaturas. Uma das flechas atravessou o olho do soldado que corria em minha direção, e ele caiu como um saco aos pés da plataforma.

— Abram caminho para o Rei! — veio a ordem. — Tirem-no daqui!

— Não! — berrou Felix. — Matem-na! Alguém a mate!

Veias douradas e prateadas floresciam sobre os meus braços, efervescentes sob a minha pele. Ele ainda não entendia, não é? Eu já estava morta. Sylvia, Essiya, quem quer que fossem os outros rostos... por Nuzret Kamel, eles teriam sumido.

A magia era uma conquistadora gananciosa. Quando enfim reivindicou o resto da minha mente, não quis compartilhar.

— Por Fairel — murmurei. — Por tudo o que seu povo perdeu em suas mãos.

Um dos kitmers voou por cima do meu ombro, obedecendo ao meu comando silencioso. Felix gritou quando as garras do kitmer se abriram. Elas cravaram-se no pescoço do meu primo e rasgaram músculos e ossos. Seus gritos foram sufocados enquanto o sangue enchia sua boca, espirrando espesso e pegajoso em seus guardas.

— Por nossa avó.

Quando o cadáver sem cabeça de Felix caiu no chão, juntando-se à massa de outras carcaças, não senti alegria alguma. Não senti absolutamente nada.

Sangue respingava nas paredes serenas da sala do trono. Os últimos resquícios do crepúsculo que atravessavam a cúpula de vidro lançavam sua luz sobre corpos mutilados e eviscerados, amontoados como oferendas no altar da Rainha morta. Entre eles, movendo-se sob o véu de centenas de asas batendo, caminhava o único sobrevivente de olhos dourados e prateados.

— Voem para todos os cantos desta terra e digam a eles que o trono de Omal caiu — ordenei. — Peguem a minha voz e digam ao meu povo que a Malika de Jasad os está chamando para casa.

Protegi a cabeça enquanto os kitmers atravessavam a cúpula, fazendo chover cacos de vidro sobre o cemitério que deixaram para trás. Um manto prateado e dourado fervilhava sobre o céu que escurecia enquanto os kitmers se aglomeravam acima do palácio.

Observei através da abertura quebrada da cúpula enquanto o símbolo de Jasad se erguia acima do palácio de Omal como fumaça de uma pira em chamas.

Os kitmers se dispersaram, sombras se projetando no horizonte. Levando a minha voz, a minha mensagem, a todos os cantos destes reinos. Quando Nuzret Kamel chegasse e a fortaleza se erguesse, todos os

Jasadi precisavam estar do outro lado. A guerra estava chegando, e a hora de escolher havia chegado.

Parei ao lado do corpo de Felix. Sua cabeça havia voado para uma poça de sangue mais distante, e eu a peguei pelos cabelos. Os aldeões iriam querer provas. Iriam querer uma lembrança para levar de volta para suas casas devastadas.

Recuperei sua coroa caída, limpando-a na barra da minha calça. Coloquei-a de volta em seus cabelos.

— Você pode ficar com a coroa — eu disse.

Um rosto refletia nos olhos fixos do meu primo, movendo-se quando eu me movia. Pertencia a um estranho. Desta vez, uma criança, talvez com onze ou doze anos.

Meu coração batia forte. Uma onda de medo se espalhou pelo meu peito, invadindo os recônditos mais sombrios da minha mente. Olhei para o rosto e não gritei quando ouvi a voz.

Você nos vê, sussurrou a minha magia. *Sabemos que você nos vê.*

Rangendo os dentes, fechei os olhos de Felix. Se a loucura fosse o meu destino, eu não facilitaria o seu caminho.

Passei pelas colunas desmoronadas da sala do trono. Arranquei a tocha da parede e toquei a chama na perna destroçada de um soldado morto. Ela lambeu avidamente seu uniforme e saltou para o corpo seguinte. Chegaria à Rainha Hanan por último, mas acabaria chegando a ela. Ninguém seria poupado.

Ninguém, exceto eu. Felix não tinha entendido... ninguém entendia.

Quando a poeira baixasse, eu sempre seria a única que ficaria de pé.

A sobrevivência não era a história do meu sucesso.

Era o meu castigo eterno.

CAPÍTULO 43



— Sai da frente, sua garota estúpida! — Uma cotovelada atingiu Sefa no ombro, empurrando-a para fora do caminho.

A cozinha se movia a uma velocidade estonteante, bandejas zunindo sobre as cabeças enquanto a pilha de pratos sujos que se acumulava no balcão crescia a alturas impressionantes. Manchas secas cobriam Birta, endurecendo-a com a evidência de seu longo e ardente trabalho.

— Há quase mil soldados de Nizahl do lado de fora dos nossos portões para Sedain. Seja útil e comece a carregar as tigelas de bissara enquanto eu preparo o goulash.

Sefa obedeceu sem pensar, pegando a primeira tigela de sopa verde que viu.

— É o molokhia, sua imbecil! — uivou Birta. — Saia!

— Desculpe! — Sefa pegou a faca que estava ao lado de uma pilha de batatas em cubos – a única razão pela qual ela tinha parado na cozinha em primeiro lugar – e saiu.

Criados corriam pelos corredores, bandejas de prata empilhadas com pratos vazios equilibrados nos ombros. Reclamações voavam entre eles com a mesma frequência que ordens.

Sefa deslizou pelo pandemônio sem diminuir o ritmo.

— Zahra! — Salwa apareceu ao seu lado, com manchas de sujeira na testa e nas bochechas redondas. — Você não vai sair? O regimento de Nizahl está aqui. Alguns dos soldados são *tão* bonitos, mas eles não falam muito. Ouvimos dizer que o Comandante também está aqui... pelo visto,

ele está em Lukub há dias!

Arin de Nizahl estava em Lukub? Ele esteve *aqui*?

— Ótimo — murmurou Sefa, mais para si mesma. — Ele vai impedi-la se eu falhar.

Se. Ainda tão tolamente otimista.

Não havia um mundo onde Sefa conseguisse roubar o anel de Vaida e escapar ilesa de Lukub. O melhor que ela podia esperar era destruir o anel antes que a capturassem e a matassem.

— Já vou sair, Salwa. — Sefa segurou a bochecha da menina mais nova e deu um beijo rápido em sua testa. — Obrigada por sempre ser tão gentil comigo.

A jovem serva piscou, mas Sefa já estava andando.

Os guardas posicionados em ambos os lados do pequeno corredor não reagiram quando Sefa passou por eles. Ela era a assistente pessoal da Sultana; quem questionaria a sua presença nos aposentos da Sultana? Quem pensaria em revistá-la em busca de uma arma?

Sefa fechou a porta atrás de si e encostou-se pesadamente nela. Quando conseguiu recuperar o fôlego, sentou-se na cadeira do camarim de Vaida.

Sefa não queria fazer isso.

Meu palácio foi construído por uma Awala que criou ilusões mais perfeitas e persuasivas do que qualquer realidade... se deseja perdurar no Palácio de Marfim, sugiro que guarde ferozmente esse seu coração. Sua suavidade é uma tentação irresistível para aqueles de nós com dentes.

Vaida aprendera o que era preciso para perdurar no Palácio de Marfim. Talvez tenha havido uma era antes que a Sultana se considerasse uma daquelas com dentes, em que ela era apenas mais uma garota de coração mole.

Sefa pegou a cadeira e a colocou atrás da porta. Se ela se movesse rápido, poderia nocautear a Sultana assim que entrasse. Ela removeria o

anel e correria, mesmo que a maldita coisa queimasse sua pele e seus ossos. Vigilância era a chave para sair daquela câmara com vida.

Ignorando o peso da faca, Sefa esperou.



O aroma das flores acordou Sefa de seu cochilo.

A centímetros de distância, olhos escuros de cílios fartos estudavam Sefa com lânguida curiosidade.

— Você não deveria estar aqui, Zahra — disse Vaida. — Os outros criados não se sentam há horas. Vão pensar que estou lhe dando tratamento preferencial outra vez.

A luz de velas tremeluzia pelo cômodo, sombras dançando alegremente pelas paredes. Velas que Sefa certamente não acendera. Quando Vaida entrou no cômodo?

Sefa *adormecera.* Pelos Awaleen abaixo, era quase uma bênção saber que nunca mais veria Sylvia. Sua amiga era a Vitoriosa do Alcalah, uma sobrevivente da Cúpula Sanguinária, uma Rainha fugitiva. Enquanto isso, Sefa ficou tão nervosa ao tentar acertar Vaida com uma cadeira que seu corpo simplesmente desligou.

— Eu... — Sefa não esperava ter que falar. Ela não tinha uma boa explicação para sua presença. — Birta me queria fora da cozinha. Eu não conseguia acompanhar o ritmo dos outros.

Os olhos de Vaida se estreitaram.

— O que ela disse?

— Nada de importante. — Por mais frustrante que o comportamento de Birta tivesse sido durante a estadia de Sefa, Sefa não estava disposta a liberar a ira de Vaida contra a mulher mais velha. — Ela estava exausta, só isso.

— Hmm. — Vaida caminhou até a sua cômoda e tirou um xale de

seda do alto da gaveta. — Por um momento, pensei que você pudesse estar se escondendo dos soldados de Nizahl.

— Os soldados? Não, só hoje descobri que eles estavam aqui. — Distraída, Sefa se levantou da cadeira e se afastou da porta. Se houvesse uma briga, ela não queria que os guardas ouvissem. Dada a forma como desastrosamente essa tentativa de roubo já havia progredido, Sefa não iria correr riscos.

Quando o comentário de Vaida a alcançou, Sefa parou.

— Por que eu me esconderia dos soldados de Nizahl? Eles estão planejando alguma coisa?

Talvez Sefa não precisasse levar o anel, afinal. Se o Herdeiro de Nizahl tivesse vindo discutir com Vaida sobre a propriedade que ela havia varrido para dentro da fronteira de Lukub, Sefa poderia encontrá-lo e avisá-lo sobre o Mirayah. Arin ouviria. Ele também a mandaria prender, mas a prisão seria um destino abençoado comparado ao que Vaida faria se a pegasse com o anel.

Ele brilhava em seu dedo enquanto ela se aproximava de Sefa, o xale pendurado em suas mãos frouxas. Sefa enrijeceu quando Vaida enrolou as pontas do xale em torno de Sefa, colocando-o em seus ombros. Isso restringiu seus braços quando Vaida puxou as pontas, empurrando Sefa um passo à frente.

— Você confia em mim, querida?

Sefa teve que se esforçar para olhar para a Sultana. Visceralmente consciente da proximidade do anel, se esforçou para não demonstrar o seu nervosismo. Vaida estava com um humor estranho; um humor que Sefa não conseguia identificar, apesar dos padrões que aprendera a observar.

— A última vez que mencionei confiança, você disse: “Se você vai dizer algo tão bobo, guarde para um palco.”

— Sim, eu disse. — Os lábios pintados de vermelho-morango se

abriram em um sorriso. — Você tem uma memória excelente. Eu também.

Vaida apertou o xale com mais força, puxando Sefa mais um passo para perto.

— Eu fiquei esperando você me trair. Que mentisse, trapaceasse ou até reclamasse dos outros servos. Mas você não podia facilitar para mim, podia?

A confusão de Sefa transformou-se em pura perplexidade.

— Facilitar o quê, Sultana?

Um leve perfume tomou conta de Sefa quando Vaida puxou o xale outra vez, trazendo Sefa para perto enquanto ela se inclinava para murmurar em seu ouvido.

— Eu te reconheci desde o primeiro minuto em que você entrou neste quarto, Sefa. Ou você prefere Sayali?

O sangue de Sefa gelou. Ela tentou recuar, mas Vaida segurava as pontas do xale com força, prendendo Sefa contra si.

— Os outros governantes não a reconheceriam. Felix e Sorn mal conseguem reconhecer o formato do nariz na ponta do rosto. Seu glamour no Baile dos Vitoriosos foi excelente. Escondeu bem a sua verdadeira forma. — A respiração de Vaida passou por cima do cabelo de Sefa, e Sefa tremeu quando a Sultana encostou a testa na dela. — Não se culpe. Se Arin achasse que havia uma chance de você cruzar o meu caminho com esse glamour, ele poderia ter avisado que eu consigo enxergar através deles tão bem quanto ele. Sou descendente de Baira. Achou que havia alguma ilusão poderosa o suficiente para me enganar?

Vaida sabia. Ela sabia quem era Sefa o tempo todo.

No momento em que o terror ameaçava parar seu coração, uma onda surpreendente de paz tomou conta de Sefa. Por que ela estava surpresa? Deveria ter pensado melhor antes de se tornar um peão naquele tabuleiro real distorcido. Os planos deles não eram dela, e nunca

seriam.

— Você não me matou, mas nunca planejou me deixar ir — percebeu Sefa. Vaida a levara para a reunião no beco porque sabia que Sefa jamais sairia viva do Palácio de Marfim. Seu segredo estaria a salvo e a sua própria vaidade seria alimentada. — Você fez um acordo falso para me manter por perto como contingência caso não encontrasse o Mirayah.

Vaida riu.

— Eu esperava tanto que você entendesse. Ah, o Mirayah. Estou procurando há anos, Sefa. Expandindo as minhas fronteiras para Essam quilômetro por quilômetro, recrutando e executando tantos homens Jasadi incompetentes que me fizeram falsas promessas de encontrá-lo. E então Bausit encontrou Kera, e Kera me encontrou o Mirayah. Ele encontrou uma trilha perto de Mahair, de todos os lugares. Ele perseguiu o Mirayah até seu próximo local.

Alguém em Mahair foi arrastado para o Mirayah?

Um ombro esguio se ergueu sob o vestido rendado de Vaida.

— Se Kera tivesse falhado, eu precisaria de uma maneira de provar que Nizahl violou os Acordos de Zinish. A filha do falecido Sumo Conselheiro de Nizahl se infiltrando em meu palácio e se passando por minha assistente? Me espionando sob as ordens do Comandante? Talvez tivesse sido o suficiente.

— Enteada.

— Perdão?

— Eu não era filha dele — disse Sefa, baixinho. Vaida lhe lançou um olhar como se Sefa tivesse dado uma cambalhota no meio de um funeral.

— A distinção não teria importância. Fingir uma identidade falsa para entrar ao meu serviço enquanto você tinha laços com o Supremo? Isso teria galvanizado a maioria dos meus nobres a abrir aquelas bolsas

espalhafatosas deles — disse Vaida. — Os outros reinos não teriam escolha a não ser me apoiar.

Outra questão se resolveu na névoa da compreensão crescente de Sefa. As visitas aos nobres, as viagens por Lukub; Vaida a exibia para garantir que todos vissem o quão próxima Sefa estava da Sultana. Quando chegasse a hora de gritar "*espiã*" haveria inúmeras testemunhas nobres.

— Arin de Nizahl é um homem frustrante — disse Vaida, dando as costas a Sefa enquanto caminhava até a janela. — Quando tínhamos sete anos, destruí os seus aposentos de brincadeira: joguei suas roupas, derramei tinta em seus mapas, incendiei os seus desenhos. Nada sério. Precisa entender, ele era *impossível* de quebrar. Não se enfurecia se Sorn o insultasse, não reagia quando Felix o seguia como um gato de rua. Eu queria saber o que seria necessário para enfim quebrar o gelo em torno daquele garoto lindo e desconcertante, mas, infelizmente, ele entrou, deu uma olhada no que eu tinha feito e disse: "Tenho mais mapas na antecâmara, caso fique sem coisas para queimar", antes de ir embora. Pelos Awaleen abaixo, eu queria *gritar*.

Vaida encostou-se à janela, observando o frenesi de atividade além do obelisco.

— Então, um dia, uma garota Jasadi destrói uma ala da Cidadela. E quando o provoco por causa dela, Arin de Nizahl quase me mata. Ele também teria feito isso... eu vi em seus olhos. Ele teria largado o meu corpo a seus pés e passado por cima dele sem pensar duas vezes.

Ela traçou uma forma na fina camada de gelo que cobria a janela. As velas projetavam formas retorcidas sobre o seu corpo.

— Era euforia. Depois de todos esses anos, eu estava certa. O Comandante calmo e calculista é tão cruel quanto eu... tão destrutivo quanto o que lhe pertence.

Com toda a sua força, Sefa levantou a cadeira e bateu-a contra a

lateral da cabeça de Vaida.

CAPÍTULO 44



A cabeça de Sultana bateu na janela com um estrondo nauseante. Ela desabou, a longa cauda do vestido amortecendo a queda.

Graças aos Awaleen pela incrível egocentricidade de Vaida.

Sefa se abaixou e verificou o pulso de Vaida. A Sultana gemeu, contraindo-se, e Sefa soltou um suspiro de alívio. Ela pegou a mão de Vaida e, com o lenço mais grosso que conseguira costurar, puxou o anel.

Uma onda de agonia percorreu os dedos de Sefa, tão forte quanto a primeira vez que ela tentou pegar aquele anel maldito. Tirou o segundo lenço do bolso e o enfiou entre os dentes.

O anel não saía. Os dedos de Sefa se contraíram, e ela momentaneamente interrompeu os seus esforços para abafar os gritos com o cotovelo enquanto um fogo invisível a consumia.

Tudo o que precisava fazer era jogar o anel pela janela e sair do palácio por tempo suficiente para enterrá-lo nos jardins antes que Vaida acordasse e alertasse os guardas. Mesmo que conseguisse atirar o anel pela janela, isso poderia ser o suficiente para atrasar a Sultana até que Arin a impedisse ou descobrisse a natureza exata de seus planos para o Mirayah.

Só que, pelos túmulos amaldiçoados, o anel *não saía*.

Com cada pedaço de sua atenção no anel, Sefa não viu o sapato até que o salto a atingiu no rosto. Uma avalanche de renda caiu sobre Sefa quando Vaida a derrubou no chão. Sangue escorria de um corte na bochecha de Vaida e pingava no queixo de Sefa. Um sorriso macabro se abriu no rosto de Vaida.

— Até que enfim — ela sibilou. — Eu estava esperando você sair para brincar.

Sefa sentiu um aperto no estômago. Seu tempo se esgotara. Se Vaida gritasse, os guardas a prenderiam imediatamente. Com um anel relíquia no Mirayah, as possibilidades do que ela poderia liberar da magia desonesta do reino eram infinitas. A guerra destruiria Nizahl e Lukub, assim como havia devastado Jasad, e Vaida não se importaria nem um pouco com as vidas que pisoteasse em seu caminho.

— Sinto muito — disse ela. Lágrimas queimaram em seus olhos enquanto a sua mão alcançava as dobras da saia. No bolso que rezava para não precisar abrir. — Sinto muito.

Em um movimento que Sylvia havia ajudado Sefa a praticar uma dúzia de vezes nos túneis, Sefa prendeu a mão em volta do pescoço de Vaida e a empurrou para o lado.

A Sultana se debateu, cravando as unhas no braço e no peito de Sefa, mas Sefa era mais pesada e forte. Ela não conseguia dar ar suficiente para Vaida gritar.

E uma pequena parte estratégica dela nunca se esqueceu do aperto fraco de Vaida em seu pulso no guarda-roupa; o terror em seus olhos quando ela pensou que poderia morrer.

Com a mão livre, Sefa prendeu o pulso direito de Vaida sob o joelho e puxou a faca.

Assim que Vaida viu, ela se debateu como um peixe fora d'água.

— Por favor, não se mexa — soluçou Sefa. Sua visão estava turva. — Por favor.

Sefa cutucou os dedos de Vaida com a faca para afastá-los o máximo possível e não hesitou em abaixar a faca com toda a força.

O tremor de um grito ecoou silenciosamente sob a palma da mão de Sefa. Os olhos de Vaida reviraram-se para trás. Por fim, *finalmente*, ela ficou misericordiosamente imóvel.

Enxugando as lágrimas com impaciência que desciam pelo rosto, Sefa soltou a garganta de Vaida e, com cuidado, pegou o seu dedo anelar decepado pela unha.

Sefa vomitou, agarrando-se à perna de uma cômoda em busca de apoio. Era toda a repulsa que lhe restava. Enfiou o dedo no bolso escondido entre as abas da saia e usou a faca ensanguentada para arrancar tiras da colcha. Já havia remendado Marek e as meninas na fortaleza vezes suficientes para saber que nunca se deixa o sangue correr livremente.

Depois de terminar de enfaixar o ferimento, ela arrastou Vaida para trás da cama, caso os guardas olhassem por cima do ombro de Sefa quando ela saísse e avistassem a Sultana caída.

Ela verificou o torniquete para garantir que não tivesse afrouxado. Vaida ficaria bem. Seu ferimento sararia, e Sefa conseguira evitar cortar qualquer um dos outros dedos.

Alisando as saias e respirando fundo, Sefa forçou seu coração acelerado a desacelerar. Ela não podia agir como se algo estivesse errado.

Sair de mãos vazias seria suspeito, então Sefa pegou o cesto de roupa suja perto da porta. Equilibrando-o no quadril, Sefa enxugou os cachos suados da testa e contou até dez antes de alcançar a maçaneta.

Um arrepio percorreu o pescoço de Sefa. Entorpeceu as suas orelhas enquanto penetrava em suas roupas e em sua pele.

Antes que pudesse atingir a sua espinha, Sefa se virou.

Vaida estava do outro lado da cama, com os olhos brancos leitosos fixos em Sefa.

Não é Vaida, algo dentro dela sussurrou.

Um instinto primordial bloqueou cada músculo do corpo de Sefa. O seu coração despencou em algum lugar perto dos sapatos, mas ela se manteve imóvel. A reação de uma presa na natureza; ou de um humano diante de algo tão claramente desumano.

— Está tudo bem, florzinha. — Os lábios de Vaida se moveram, mas não era a voz dela. Era um som profundo, como uma tempestade se aproximando de um horizonte claro. — Estou encarregada de defender o selo de Baira para os seus legítimos herdeiros, mas ela escolheu você. — Vaida acenou com a mão sangrando em direção à porta. — Mas é melhor se apressar antes que ela acorde.

Os orbes brancos brilhando entre os cílios de Vaida rolaram para trás, e Vaida desabou mais uma vez.

Sefa levou um minuto precioso para se recompor. Quando teve certeza de que a criatura não se levantaria mais uma vez, reprimiu a vontade de se enrolar como uma bolinha e gritar pelo resto da vida.

Se ainda tivesse alguma dúvida sobre o poder mágico deste anel, uma antiga sentinela que o guardava em nome de Baira as havia efetivamente eliminado.

Os guardas Lukubi não se moveram enquanto Sefa se movia entre eles. Ninguém correu para os aposentos de Vaida nem enfiou uma adaga na lateral de Sefa. Cada passo para longe do quarto aliviava o peso de seus pulmões. Nada importava além de colocar um pé na frente do outro. Quando a porta da escada dos criados se fechou atrás de Sefa, ela jogou a cesta e correu.

Os criados, ainda incomodados pelos recém-chegados Nizahlanos, prestaram pouca atenção em Sefa enquanto ela corria pela cozinha e entrava pela porta dos fundos.

Os vastos jardins do pavilhão norte do Palácio de Marfim fervilhavam de uniformes pretos e violetas. A visão distraiu Sefa por um momento, e ela procurou por qualquer sinal de cabelos prateados.

O Comandante não estava ali. Não importava – Sefa precisava enterrar aquele anel abandonado pelos Awaleen antes de tentar encontrá-lo.

Abrindo caminho entre os soldados, Sefa dirigiu-se ao obelisco rubi.

Os guardas nos portões já a tinham visto sair com Vaida muitas vezes; eles não prestariam atenção nela, especialmente com o influxo de estranhos inundando o Palácio de Marfim.

— Sefa!

O mundo congelou.

Sefa conhecia aquela voz. Seu dono estava gravado na tapeçaria de sua alma.

Quando se virou, quase se convenceu de que era um truque. Uma ilusão do Palácio de Marfim para brincar com ela.

Cabelos dourados esvoaçavam ao redor do rosto petrificado de Marek. Ele vestia um uniforme de soldado de Nizahl. A visão dele invocou os espíritos de seus irmãos com tanta força que Sefa teve *certeza* de que era uma ilusão e que ela estava de volta a Nizahl, de volta à casa dos Lazur, observando Marek abraçar seus irmãos mais velhos com força na porta.

— Você me encontrou — ela murmurou.

Ele cumpriu sua promessa.

O olhar de Marek passou rapidamente por Sefa, e a rapidez com que ele se pôs em movimento surpreendeu vários de seus companheiros.

— Corra! — berrou ele, tentando abrir caminho pela multidão. — Sefa, corra!

Braços como barris envolveram Sefa. Seus pés deixaram o chão enquanto seu corpo, que se debatia, era erguido com total facilidade.

Eles a viraram, e Sefa confrontou uma dúzia de guardas Lukubi armados.

O que estava na frente a olhou impassivelmente.

— Leve-a para o Poço dos Traidores — disse ele. — Mas primeiro, corte o anel da Sultana da saia dela.

CAPÍTULO 45

MAREK

Vários soldados pesados sentaram-se nas costas de Marek, mantendo-o no chão enquanto ele se debatia.

— Você está tentando se matar? — Zane virou Marek, revelando um círculo de soldados de Nizahl perplexos pairando sobre ele. O tronco de uma árvore recrutada mantinha Marek preso como se ele fosse pouco mais que um gatinho desagradável. — Atacando guardas Lukubi onde todos podem ver! O comandante está em sua propriedade a apenas um quilômetro e meio de distância... se ele souber disso, vai te jogar numa cela!

— Me larga! — rosnou Marek. Não tinham visto os guardas pegando Sefa? Cortando as suas saias até um *dedo* cair? Marek não fazia ideia no que ela tinha se metido, mas sabia para onde a levariam. — Preciso ir para o Poço dos Traidores!

— Se libertar um dos prisioneiros da Sultana, será executado! — Um recruta magricela agachou-se ao lado de Marek, o garoto de Almerour. — O Comandante não terá escolha a não ser entregá-lo à Sultana para puni-lo como bem entender.

— Eu não *me importo*! Não me importo com a Sultana, nem com o Comandante, nem com nenhum desses malditos membros da realeza! Sai de cima de mim, Zane, ou juro por Sirauk...

O gigante rolou para longe dele imediatamente. Usar um uniforme Nizahlano não havia eliminado o supersticioso aldeão inferior em Zane.

— Vá buscar ajuda — Zane disse bruscamente para Almerour, mas Marek já estava correndo na direção em que vira os guardas carregarem Sefa.

O que Sefa estava pensando ao pegar o anel da Sultana? Quanto ao dedo decepado, não podia ser Sefa. Não a sua Sefa, que havia seguido gatos vadios até celeiros para alimentá-los, apesar de ser uma vagabunda, e que vomitou na primeira vez que viu um açougueiro cortar o pescoço de uma galinha e jogar o corpo se debatendo em um barril.

Nenhum dos guardas Lukubi prestou muita atenção a Marek enquanto ele abria caminho pelos portões, mas os outros soldados de Nizahl lhe lançaram olhares irritados e questionadores. Como convidados de Lukub, eles deveriam se comportar da melhor maneira possível. Sedain era amanhã e, apesar do fechamento das rotas comerciais de Orban, milhares e milhares de visitantes de outros reinos haviam chegado para comemorar. A última coisa que alguém queria era um recruta de Nizahl fazendo papel de bobo.

Marek agarrou o punho da espada presa à cintura e desejou poder descartá-la. Correr com ela presa ao quadril só o atrasaria, mas ele poderia precisar dela contra quaisquer guardas encarregados de supervisionar os Poços dos Traidores.

O barulho das festividades desapareceu atrás de Marek enquanto corria para longe do olho ofuscante do obelisco rubi. Ele se dirigiu para Essam para evitar correr ao lado da estrada com tráfego intenso.

Pouco mais de um quilômetro depois, Marek ouviu. A sinfonia especial do reinado de Vaida.

Gemidos vindos dos Poços dos Traidores.

Marek desviou em direção ao som e imediatamente tropeçou em um tronco podre. A floresta se tornou turva enquanto ele rolava morro abaixo, com os arbustos espinhosos e raízes finas estalando sob ele.

Um gemido de dor escapou dele quando enfim parou. Antes que Marek pudesse se convencer a se levantar, um joelho pressionou o centro de suas costas.

— Não se mexa — murmurou Jeru. — Espere.

Duas vozes ecoaram pela colina, acompanhadas pelo inconfundível barulho de cascos.

— Ela não avisou ninguém quando voltaria?

O outro cavaleiro desdenhou.

— Não, mas quanto tempo ela pode ficar fora? O Sedain é amanhã. Ela voltará antes do amanhecer.

— E a *horda* de soldados de Nizahl abandonados por Awaleen acampados em nosso pescoço?

Os resmungos desapareceram entre as árvores, e a pressão na espinha de Marek diminuiu. Marek se virou, limpando com raiva a terra acumulada na lateral do rosto. Ao ver a carranca de Jeru acima dele, Marek conteve a sua irritação antes que ela pudesse gritar.

— Como você me encontrou? — ele perguntou bruscamente.

Jeru lançou um olhar furioso, levantando-se e agarrando o ombro de Marek, ajudando-o a se levantar.

— Você deveria ser grato por ter sido eu quem os seus colegas recrutas decidiram encontrar em vez de outra pessoa. O que acha que vai acontecer se tentar tirar Sefa dos Poços dos Traidores, Marek? Há guardas Lukubi rastejando por todo esse terreno.

Que Zane e Almerour sejam amaldiçoados pelos túmulos. Marek se livrou do aperto de Jeru e empurrou o guarda.

— Eu não me importo.

— Claro! Com você mesmo *ou* com Sefa.

Marek diminuiu o passo, hesitou.

— Posso tirá-la de lá antes que os guardas me peguem.

— Você não pode. Mesmo se tivesse uma corda, não teria tempo. Todos os guardas em um raio de 800 metros o cercarão assim que chegar aos poços.

Marek se virou.

— Então vou matar o máximo que puder! O que você quer que eu

faça, Jeru? Deixe ela apodrecer lá embaixo enquanto a gente fica sentado trocando ideias?

Jeru franziu os lábios e desviou o olhar.

— É complicado. Ela é metade Nizahlana, mas não podemos reivindicá-la sem também reivindicar o que ela fez à Sultana. O ataque seria uma violação dos Acordos de Zinish. O Herdeiro tem todos os motivos para não a salvar.

— Você achou que eu pediria ajuda ao Herdeiro? — zombou Marek. Ele recomeçou a andar. — Eu teria mais sorte apelando para o poço.

— Marek, espere. — A voz de Jeru mudou, tornou-se urgente. — Você está ouvindo...

A ponta de uma espada pousou no peito de Marek. Uma fileira de soldados de Nizahl surgiu das árvores, com espadas apontadas para ele e Jeru. Mais soldados chegaram, fechando-se em torno de Marek e Jeru em um grande círculo. Nenhum deles era do complexo dos Corvos; eram soldados de verdade, não recrutas recém-chegados.

— Você estava certo, Vaun.

Marek se virou.

Parado no topo da colina, com as mãos enluvadas atrás das costas, estava Arin de Nizahl.



A luz queimou os olhos de Marek quando o saco foi arrancado de sua cabeça.

Ele estava de joelhos em uma cabana, com as mãos firmemente amarradas à frente. À sua esquerda, Jeru mantinha a cabeça baixa enquanto o saco era arrancado, os olhos fechados como se não

conseguisse abri-los.

No outro extremo da cabana, Vaun observava Jeru com tanta malícia que Marek impulsivamente tentou se aproximar do guarda amarrado. O Herdeiro estava ao lado da lareira, uma jovem bonita à sua direita e um homem carrancudo com cabelo penteado para trás à sua esquerda.

O Comandante não olhava para nenhum deles. Observava as chamas crepitarem na lareira com um olhar vago, um distanciamento tão completo que gelou Marek mais do que o gelo que se infiltrava pelas tábuas do assoalho.

— ... colaborando com um fugitivo procurado e arriscando um tratado centenário! — O homem de cabelo penteado parecido com uma banana fez uma pausa para respirar enquanto enumerava os crimes de Jeru. — Você compreende o que teria acontecido se tivesse sido capturado pelas forças de Lukub? Se os guardas da Sultana tivessem flagrado um dos guardas pessoais do Herdeiro tentando resgatar a agressora de Vaida dos poços?

A mulher de olhos arregalados agachou-se ao lado de Jeru, pressionando a mão hesitante em seu ombro.

— Você foi ameaçado, Jeru? Foi forçado a ajudá-lo sob algum tipo de coação?

— Chega de enrolação, Layla. Que tipo de ameaça *ele* poderia... — o homem-banana apontou o polegar na direção de Marek — ter usado contra o guarda do Herdeiro? Jeru poderia tê-lo cortado em tiras a qualquer momento.

— Eu o ameacei. — A mentira saiu dele, rouca, sua voz áspera por causa de uma série de palavrões durante a última meia hora. Marek duvidava que saísse vivo daquela cabana, mas Jeru talvez. Jeru manteria Sefa segura... ele dera sua palavra a Marek. — Ele não traiu seu Herdeiro. Eu o forcei a me ajudar. Ele não teve escolha.

Jeru finalmente levantou a cabeça, lançando a Marek um olhar perplexo.

— Ele está mentindo.

— Eu *não estou*. — Marek franziu a testa. Mesmo a poucos minutos de se despedir da união entre sua cabeça e pescoço, Jeru queria tentar a honra.

— O traidor visitou o complexo dos Corvoshá um mês e não fez nenhum relatório sobre ter encontrado o fugitivo disfarçado como um recruta Nizahl. Durante sua última visita, ele assassinou o líder da seção e, mais uma vez, não fez nenhum relatório sobre o fugitivo — disse Vaun.

— Sulor escolheu um julgamento da Fortuna por Quatro em vez da prisão — protestou Marek. — Ele perdeu. Pelas leis de Nizahl, isso não é assassinato.

— O Herdeiro proibiu a Fortuna há quatro anos — disparou o Homem Banana, parecendo revoltado com a necessidade de se dirigir a Marek. — O guarda não tinha o direito de privar as cortes de fazer justiça.

Proibido? Não era de se admirar que Jeru parecesse doente depois de matar Sulor.

Marek não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Eles jamais teriam considerado Sulor culpado! Ele estava aceitando propina de famílias reais, famílias que pagam membros das cortes! Desviando patrulhas, falsificando registros e recrutando crianças inelegíveis das aldeias mais baixas...

— Não estamos aqui para litigar a questão da morte do líder da seção — disse Layla com gentileza. Ela foi até Arin, que ainda não havia se afastado da lareira. — Meu suserano, gostaria que os dois fossem enviados de volta a Nizahl para aguardar o julgamento?

O coração de Marek parou. Se jogassem os dois em uma carroça

com destino a Nizahl, Sefa morreria. Ela morreria sozinha na terra, com os lamentos dos outros prisioneiros sendo o último som em seus ouvidos.

— Vocês não podem. Não, por favor, *por favor*...

— Desamarre o garoto — disse o Herdeiro, a ordem tão incoerente quanto o resto dele. — Deixe-o tentar resgatar a amiga.

A expressão do Homem Banana se contraiu de indignação, mas ele conseguiu se conter. Vaun parecia ter engolido um ninho de vespas, mas enfiou sua adaga nas cordas de Marek.

Marek se levantou, esfregando os pulsos.

— E Jeru?

— Você deveria ir — disse Layla, e seu tom condescendente irritou Marek mais do que o olhar furioso de Vaun e os comentários maldosos do Homem Banana. — O Herdeiro lhe concedeu a liberdade. Não a desperdice.

Marek a ignorou.

— Você está me ouvindo, seu bastardo de cabelos prateados? E Jeru?

O punho de Vaun acertando o queixo de Marek... esperado. As explosões de fúria dos conselheiros e bajuladores do Herdeiro... também esperadas.

A repentina explosão de riso do Herdeiro? Sem dúvida, não era esperada.

A cabana ficou em silêncio. Unidos em sua confusão, prisioneiros e conselheiros observaram o Comandante se curvar em gargalhadas, como se Marek tivesse proferido uma piada de dar água na boca em vez de um insulto.

— Bastardo de cabelos prateados — repetiu Arin, enxugando os olhos com as mãos enluvadas. — Vocês, Lazur, são mais astutos do que pensam.

Logo hoje, Marek precisava que Arin de Nizahl fosse Arin de Nizahl, e não este... impostor desajustado.

— Se Sefa morrer, a culpa é sua — disse Marek. — Não sei por que ela cortou o dedo da Sultana, mas ela jamais teria roubado aquele anel se não tivesse um bom motivo. Ela é meio-Nizahlana... ela merece sua proteção.

Um vago interesse passou pelo rosto de Arin.

— Anel?

— A criada foi presa por agredir a Sultana e roubar o seu dedo e o anel — disse o Homem Banana.

O Herdeiro assentiu para si mesmo, como se aquilo fizesse todo o sentido. Marek desejou poder rasgar o crânio do Herdeiro e extrair uma explicação. O que ele viu nas ações de Sefa que Marek não viu? Marek a conhecia melhor do que qualquer pessoa viva.

Antes que pudesse falar e receber outro golpe de Vaun, a cabana começou a tremer.

Um espelho se inclinou para a frente e se espatifou contra um banco de madeira, espalhando cacos de vidro em todas as direções. O guarda-roupa balançou, as suas portas se abrindo. Layla estendeu a mão para o braço do Herdeiro enquanto o Homem Banana se encolhia atrás de Vaun.

Distraído, Marek tentou levantar Jeru pelo cotovelo, mas o homem teimoso e condenado não se levantava.

— Eu traí um juramento, Marek — Jeru retrucou em resposta à ordem rosnada de Marek. — Você entende isso? Sei que você nunca se preocupou em cumprir um juramento na vida, mas eles significam alguma coisa. Para alguns de nós, vale a pena morrer por eles.

Magoado, Marek se afastou do guarda. Não importa o que fizesse, Marek seria sempre apenas o covarde Lazur, não é mesmo?

— Você quebrou um juramento, e o preço é a morte. Meus irmãos cumpriram os seus juramentos, e o preço deles foi a morte — disse

Marek baixinho. — Julgue-me como quiser, Jeru, mas nunca vou me desculpar por querer viver. Nunca vou me desculpar por escolher Sefa. Meus juramentos podem parecer diferentes dos seus, mas não são menos importantes.

Jeru baixou os olhos, e Marek se permitiu acreditar que viu um pedido de desculpas neles.

O Comandante não estava prestando atenção em nenhum deles. Ele se livrou de Layla sem olhar duas vezes e caminhou em direção à porta.

— Vossa Alteza, não é seguro! — Vaun perseguiu Arin, e os outros o seguiram relutantemente. Marek lançou um último olhar para o guarda curvado.

Do lado de fora da cabana, o vento chicoteava os cabelos de Marek contra os olhos. Ele ergueu o braço para proteger o rosto dos destroços que voavam. As árvores ao redor da cabana balançavam, encostando-se umas nas outras como se estivessem se amontoando em busca de abrigo. O chão tremia, pedrinhas quicando sob os seus pés.

O Comandante parecia completamente despreocupado com a perspectiva de ser esmagado até a morte por uma árvore em queda. Ele ficou estranhamente imóvel, seu olhar percorrendo a escuridão da floresta.

— Senhor, o que foi? — Vaun exigiu saber.

Layla gritou quando o céu se abriu acima deles. Bayoum caiu no chão e cobriu a cabeça.

Centenas de kitmers sobrevoavam Essam, com a curva crescente de seus bicos dourados brilhando mais que a própria lua. Quando aqueles bicos se abriram e a voz de Sylvia se propagou, Marek quase se juntou ao Homem Banana no chão.

— Povo de Jasad, ouçam-me agora. Eu sou Malika Essiya, filha de Niphran. Este é um chamado aos filhos de Rovial, a nós, do último reino da magia: voltem para casa. O inimigo não poderá nos derrotar se

permanecermos unidos. Juntos, somos uma fortaleza que eles não podem destruir.

Boquiaberto, Marek só conseguia olhar, maravilhado. Ele era uma formiga, um pontinho esquecível diante de um poder avassalador.

O chamado se repetiu enquanto os kitmers passavam voando por eles, e Marek não pôde deixar de olhar para o Herdeiro de Nizahl. Certamente, nem *ele* poderia se sentir frio e distante diante de tal visão.

O vento havia soprado os cabelos prateados do Herdeiro para fora do laço, deixando-os flutuando em seu rosto virado para cima. Seus olhos estavam distantes outra vez, mas Marek já vira aquela distância específica antes; era a mente do Herdeiro em ação. Tecendo teias como uma aranha agachada em um canto, trabalhando nas sombras até que a sua teia estivesse pronta para a presa.

Quando o último dos kitmers desapareceu, levando consigo a voz de Sylvia, o Herdeiro pareceu... eufórico. O tipo de euforia que Marek sentia quando uma garota bonita enrolava um fio de seu cabelo em seu dedo ou quando ele ganhava uma aposta arriscada na taverna. A última vez que Marek viu aquele olhar, ele estava fingindo um sorriso em Omal enquanto Sylvia falava sem parar sobre como Arin colocou Vaida para dormir e roubou um molde do anel dela sem alertar os guardas.

Marek ficou completamente imóvel.

— Você tem um molde do anel que Sefa tentou roubar! — Marek não conseguia acreditar que tinha esquecido. — Você o pegou durante o segundo teste!

Ele poderia muito bem ter gritado baixinho, considerando toda a atenção que Arin lhe dedicava. O Herdeiro girou na direção do Palácio de Marfim. O topo do obelisco rubi perfurava o céu, quase invisível além das árvores. Arin ficou olhando para ele por um longo momento, com um brilho nos olhos que lembrava Marek de forma inquietante um fósforo aceso em um quarto escuro.

Quando Arin se virou, seus olhos estavam claros pela primeira vez desde que Marek chegou à cabana.

— Vaun, vá desamarrar Jeru e diga a ele para tirar Sefa dos poços — ordenou Arin. — O garoto pode ir com ele. Leve quantos recrutas precisar e contenha os guardas que estiverem no seu caminho. Bayoum, envie o sinal para os regimentos do terceiro e quinto quartel para avançarem sobre o Palácio de Marfim. Layla, pegue um cavalo e cavalgue até Orban o mais rápido que puder.

— Senhor, o quê... — Layla se moveu hesitante, com os olhos arregalados. — Isso quebraria os Acordos de Zinish. Seria guerra!

— Já é guerra. — Arin passou por eles. — Tomem o Palácio de Marfim.

CAPÍTULO 46



ESSIYA

Quando o primeiro khawaga me avistou, já era tarde demais.

Minha adaga voadora encontrou seu destino na garganta do khawaga que havia dado o grito de alerta. O segundo, seu cão selvagem.

— O cão! — Maia engasgou, agarrando a sua adaga com as duas mãos.

— Você queria tentar acariciá-lo antes que ele comesse seu rosto? — Efra retrucou.

Uma torrente de khawaga irrompeu do castelo de Orban. Espadas curvas brilhavam nas mãos ávidas dos khawaga, e o derramamento de sangue amadureceu no ar como uma fruta podre na videira.

— Afastem-se! — ordenei aos Jasadis.

Juntei as palmas das mãos e lentamente as afastei, formando uma rede de ouro e prata entre as minhas mãos, com fios finos. Minha magia pulsava dentro de mim, entusiasmada, desesperada para obedecer. Mal precisei pensar no que queria antes que ela agisse.

— Você matou a minha esposa! — ele gritou, com lágrimas escorrendo do queixo sujo de lama.

Suspirei.

— Qual delas era sua esposa?

Não precisei olhar para Efra para ver que ele havia parado. Cada vez que as imagens retornavam, Efra sentia. O que ele sentia emanando de mim? A que a magia dele estava reagindo a minha?

Não que isso importasse. Eu tinha parado de tentar entender as visões.

Se isso era loucura mágica, eu preferia não encarar quando ela viesse para mim.

Puxei meus braços para trás e arremessei a rede gigante. No ar, ela se fragmentou em dezenas de pequenas redes voando em direção aos khawaga. Uivos atingiram meus ouvidos, a doce música das redes com lâminas envolvendo os khawaga e seus cães. Continuei andando, rindo ao passar por cada khawaga preso e xingando. Mel cobria minha língua, o sabor doce da minha magia me deixando tonta de alegria. Não percebi se os outros me seguiram.

Um touro enorme me encarava das portas do castelo.

Eu sorri, e uma linha apareceu no nariz do touro. Com um estrondo trovejante, a fratura se alargou, estilhaçando a porta. Chutei as dobradiças e protegi meu rosto enquanto a porta desabava para dentro, explodindo em pedaços de madeira e metal.

— SORN! — gritei. — Seus modos te abandonaram? Venha me cumprimentar, sua doninha bêbada! Vim acordar a sua Campeã!

Mais khawaga jorrava do coração do castelo. Chutei o mais próximo na barriga e acertei seu pescoço com o punho, desarmando-o com um giro violento do pulso.

— Chega! Chega! Abaixem as suas espadas! — rugiu uma voz familiar. — SORN DE ORBAN CONCEDE ENTRADA PARA A MALIKA ESSIYA!

A última frase deve ter contido alguma magia própria, porque o khawaga ficou imóvel imediatamente. Parei no meio de um golpe mortal, com a ponta da espada apontada para o ponto de impacto do pescoço do khawaga.

O Herdeiro de Orban inclinou-se sobre a escada. Ele encontrou o meu olhar por cima das lâminas erguidas de seu khawaga. Um sorriso irônico contorceu a boca do bruto real.

— Ora, se não são os mortos que vêm bater à minha porta — disse

Sorn devagar. — Entre, Essiya de Jasad.



Cabeças de animais nos observavam das muralhas. Um garanhão negro, um lobo, uma criatura extinta de três cabeças com quem lutei em Essam. Maia estremeceu diante das montarias macabras, agarrando-se ao braço de Lateef. Namsa as inspecionou com um pouco mais de interesse do que o necessário.

A serva parou diante de uma porta esculpida com a imagem de dois touros empinados.

— O Herdeiro a receberá lá dentro.

Ela desapareceu, deixando-me com um sorriso um tanto envergonhado para os Jasadis.

Eu não havia contado aos Urabi sobre a voz que ouvira, nem sobre os rostos que não conseguia parar de ver. Quando me encontraram nos limites das cidades altas de Omal, entreguei-lhes a cabeça de Felix e me recusei a responder a quaisquer perguntas.

Eles não queriam vir a Orban, mas insisti que fizéssemos uma visita a Sorn. Orban havia bloqueado a maioria das principais rotas comerciais depois da Curva de Galim. Qual era o sentido de dizer aos Jasadis para se juntarem a mim em Jasad se eles nem conseguiam pegar as estradas que levavam ao reino? Eles teriam que percorrer os caminhos em Essam, repletos de magia residual, deixando-os expostos a todo tipo de perigo.

Enfiei as mãos nos bolsos da capa.

— Quando estivermos diante de Sorn, não me contradigam. Ele pode parecer mais um Herdeiro mimado e bêbado, mas Sorn vai estripar vocês como um porco premiado ao primeiro sinal de fraqueza.

Satisfeita com o silêncio nervoso deles, entrei no cômodo.

Ou *cômodos*, como se viu.

Os aposentos privados de Sorn eram um altar ao excesso. Arandelas esculpidas em osso branco e austero sustentavam tochas bruxuleantes, cujo brilho alaranjado conferia aos aposentos uma atmosfera de masmorra. Tapetes macios de pele de urso acolchoavam nossos passos enquanto atravessávamos para uma cama luxuosa, capaz de acomodar sessenta pessoas.

— Pelos Awaleen abaixo — Maia sussurrou, e segui o seu olhar até a cabeceira da cama de Sorn.

Centenas de fragmentos de ossos foram soldados para formar a cabeceira pálida e medonha que se erguia vários metros acima da cama de Sorn. Os ossos se entrelaçavam como raízes retorcidas de árvores, erguendo-se atrás dos travesseiros como uma névoa esquelética vigiando os mortos.

— Sua cabeceira é feita de crânios? — estalei a língua. — Você tende mesmo ao literal.

— Você gostou? — O sorriso que Sorn me lançou beirava o selvagem. — Posso mandar fazer uma parecida para você. Você já matou khawaga o suficiente para começar a base.

Rude e lunático como sempre. Eu poderia ter caído nessa se a exaustão não tivesse invadido Sorn como mofo em queijo molhado. Seus cabelos castanhos haviam perdido o brilho, caindo frouxos sobre a testa. Rugas se espalhavam ao redor da boca e das têmporas, erodidas pela onda de tensão que fluía por seu rosto. Embora ainda fosse forte, as suas roupas pendiam um pouco mais folgadas em seu corpo. A energia efervescente, o tédio depravado... desapareceram.

Concentrei-me na origem do seu problema e no motivo da nossa visita.

A figura imóvel sob os lençóis parecia ainda menor naquela sala de troféus bestiais. Eu não via Diya desde o terceiro teste. Seu cabelo havia crescido, os fios ondulados fazendo cócegas no topo de suas orelhas.

Uma tonalidade cerosa cobria a sua pele marrom, em um tom que Hanim chamaria de hálito da morte, e vi os outros Jasadis estremecerem.

Minha tentativa de alcançar o ombro de Diya parou quando Sorn agarrou meu pulso e rosnou:

— O que você pensa que está fazendo?

Quebrar seu aperto exigiu menos de um quarto do esforço que foi necessário para quebrar o de Arin. Optei por considerar isso um elogio à minha própria habilidade, em vez de um reflexo do estado mental de Sorn.

— Vim aqui para ajudá-la. Pare de atrapalhar.

As narinas de Sorn se dilataram, mas ele não me impediu de verificar o pulso de Diya.

Fraca e frágil. Ela não tinha muito mais tempo.

Qualquer incerteza sobre os sentimentos de Sorn por sua Campeã desapareceu ao ver os lábios de Diya. Alguém que dormisse por tanto tempo teria os lábios mais rachados do que as planícies do deserto. Em vez disso, eles pareciam mais macios do que os meus.

— O que você quer? — Sorn retrucou. Minha avaliação prolongada de sua Campeã caída pareceu irritá-lo.

Sentei-me aos pés da cama de Diya e cruzei as pernas.

— Tenho certeza de que você tem um palpite. Me impressione.

Sorn recostou-se, com os joelhos estendidos em um gesto claramente masculino, um braço pendurado na ponta da cadeira.

— Você quer que eu abra as rotas comerciais para que os Jasadis possam ser mortos em Jasad.

Lateef e Namsa se mexeram. Lancei a eles um olhar de repreensão.

— É mesmo? — Inclinei a cabeça.

— Eu vi seus kitmers... ouvi o seu chamado. Milhares de Jasadis precisariam de estradas abertas para viajar, não?

— Estradas abertas. — Não hesitei. — Estradas protegidas.

— Protegidas — repetiu Sorn. As chamas das tochas conferiam às suas belas feições um tom um tanto sinistro. — Você quer que eu envie khawaga para proteger as rotas comerciais dos seus Jasadis?

— Quando Jasad ressuscitar...

— Não, não. — Sorn levantou a mão. — Guarde os seus belos discursos para ouvidos mais receptivos. Quero as suas palavras simples ou nenhuma.

Apertei os lábios, brevemente impressionada. Então Sorn *tinha* um cérebro, e não era governado inteiramente por bebida e derramamento de sangue.

— Nizahl não virá atrás de você. Proteger os viajantes em suas rotas comerciais é prerrogativa de Orban.

— Conte-me mais sobre as prerrogativas de Orban. — Sorn estendeu cada palavra além dos seus limites, carregada de sarcasmo.

— Nizahl não agirá contra você a menos que tenha motivos para saber que aqueles em suas rotas comerciais possuem magia. Como você saberia? Como os khawaga serão encarregados de proteger qualquer um que viaje pelas rotas comerciais, sejam Jasadi ou Orbanianos, você não estará violando nenhum decreto. O Comandante não violará as suas próprias leis.

Sorn riu. Ele passou a mão pelo rosto. Quando chegou ao queixo, o riso se transformou em um suspiro.

— Presumo que você não saiba das novidades.

Seu tom de voz desencadeou uma série de alarmes.

— Novidades?

— Arin violou os Acordos de Zinish. Ele e Vaida estão em guerra. Teoricamente, é claro, já que ninguém sabe para onde Vaida desapareceu depois que a sua criada cortou o seu dedo e tentou roubar o seu anel. — Sorn balançou a cabeça com admiração relutante. — A pequena malandra conseguiu chegar aos jardins antes que a pegassem.

O silêncio ressonante do resto de nós pareceu encantar Sorn.

— Vejo que te chateei.

Meus olhos se estreitaram.

— O anel de Vaida não pode ser roubado. Está imbuído da magia de Baira... provavelmente tão antiga quanto a magia de relíquias pode ser. É impossível removê-lo da presença de Vaida. — Tentei com afinco não pensar na criatura que havia tomado conta do corpo de Vaida e sorria para mim com olhos brancos e puros na noite em que tentei roubar o anel. A maneira alegre – e desconcertante – com que ela me provocava.

Está quase lá. Eles tentaram várias vezes, mas suas escolhas nunca mudaram. Quem diria que essa vez seria bem-sucedida?

— Bem, a criada encontrou um jeito. Ela também conseguiu escapar dos Poços dos Traidores com um soldado de Nizahl. Arin e Vaida no norte, você e Felix no sul; meu entretenimento foi fartamente providenciado. Diga-me, você ainda tem a cabeça dele?

— O Herdeiro de Nizahl não quebraria os Acordos de Zinish a menos que tivesse um motivo — insisti. — Para onde Vaida foi?

Sorn deu de ombros. Seu entusiasmo por me dar notícias surpreendentes havia diminuído, e o tédio começou a voltar à sua expressão.

— Como eu poderia saber?

Alisei a ponta da colcha de Diya.

— Abra as suas rotas comerciais e proteja os seus viajantes pelos próximos doze dias. Depois disso, pode relaxar e assistir a todos nós nos despedaçando, se quiser. — Abri as mãos. — Sei que você não gosta de discursos bonitos, Sorn. Não tenho nenhum para te dar. Cada passo disso será horrível. Será brutal, macabro e sanguinário.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Agora você só está tentando me excitar.

— Mas nossa magia não vai a lugar nenhum — continuei,

expirando a minha irritação —, e nós também não. A hora de Jasad chegou. Quando o derramamento de sangue terminar, você poderá se encontrar com um novo aliado poderoso ou quatro inimigos.

— O que acontece em doze dias?

Eu levanto a fortaleza e morro, ou eu levanto a fortaleza e enlouqueço.

— Nada com que você precise se preocupar.

Sorn coçou a cabeça, enrolando distraidamente uma mecha curta.

— Eu posso mudar de ideia depois que você reviver Diya. Você não tem nada que garanta que eu cumpra minha palavra.

Lancei a ele um olhar repreensivo e dei um tapinha na perna de Diya sob o cobertor.

— Acredito que a chave para manter sua duplicidade sob controle está bem aqui. Tão facilmente quanto podemos curá-la desse sono, podemos facilmente mandá-la de volta. Ou pior.

Eu não tinha ideia se poderíamos mandar Diya de volta ao seu sono sem fim. Nem queria *matar* a única Campeã com quem fiz amizade durante o Alcalah. A viabilidade da minha ameaça era irrelevante. Para um homem tão desesperado quanto Sorn, a ameaça por si só bastava.

Sorn me encarou por um longo tempo. Por fim, olhou para Diya. Eu lutei contra uma pontada de pena relutante pelo Herdeiro. O desejo e a devastação o haviam devastado, claro como o dia em sua expressão abatida.

Sorn riu baixinho.

— Graças aos Awaleen, você e Arin estão em lados opostos disso. A força combinada de vocês pode nos levar à ruína.

— Isso é um sim?

— Sim, maldita seja. Sim. Acorde-a, e Orban abrirá as rotas comerciais.

— Apenas abrir?

O maxilar de Sorn se moveu.

— Abrir e proteger as rotas comerciais.

Finalmente, uma vitória. Uma vitória quase sem derramamento de sangue. Lutei para não sorrir para os Jasadis.

Ainda não é uma vitória, lembrei a mim mesma. Primeiro, tínhamos que acordar Diya.

— Lateef. — Inclinei a cabeça em direção à figura adormecida, convidando-a.

Lateef contornou a cama, movendo-se para o lado oposto de Sorn. Respirou fundo e colocou a mão na testa de Diya. Os ombros de Sorn se enrijeceram. Pareceu ser preciso um esforço considerável para não afastar Lateef de sua Campeã.

— A magia dele é generalizada — expliquei. — Ele pode usá-la para curá-la.

Momentos se passaram. Os olhos de Lateef se moveram rapidamente por trás das pálpebras fechadas. Namsa mudou de posição, a tensão estampada em sua testa.

Nem um único movimento de Diya.

Com um suspiro pesado, Lateef abriu os olhos e se afastou de Diya.

— Examinei cada órgão, cada vaso do corpo dela. Nenhuma doença a impede de acordar. Fisicamente, ela está em perfeitas condições.

Decepção, frágil e volátil, perpassou o rosto de Sorn.

— Graças aos túmulos que vocês vieram. Não sei o que teria feito sem informações ainda mais inúteis! — Com um xingamento baixo, ele empurrou a cadeira para trás e se levantou. — Saiam, todos vocês. Vocês não cumpriram a sua parte do acordo. Saiam daqui antes que eu permita que meus khawaga acabe com vocês.

Levantei-me, com a língua carregada de insultos, prontos para serem proferidos. Antes que eu pudesse proferir qualquer um deles, uma voz baixa falou entre nós.

— Talvez eu possa tentar.

Maia deu um passo à frente, com as mãos trêmulas presas na túnica.

— Se não for uma doença física, a causa do seu mal-estar pode ser um tipo diferente de bloqueio.

— Mental, você quer dizer? — perguntou Namsa.

Maia assentiu.

— Com a sua permissão, Vossa Alteza.

— Você quer usar sua magia para vasculhar a *mente dela*? De jeito nenhum.

Pensei rápido. Nossa oportunidade de conquistar Orban estava se esvaindo a cada segundo.

— Pode ser esse o motivo, Sorn. O elixir que bebemos no terceiro teste tinha a intenção de nos atrair para uma ilusão. O veneno de Soraya usou magia para redirecionar a ilusão, mas como Diya não tem magia, ela não conseguiu segui-la. Ela pode ter se perdido.

Sorn engoliu em seco.

— Então, se ela estiver perdida... se estiver divagando em sua própria mente, essa garota pode tirá-la de lá?

Uma excelente pergunta, e uma que eu não tinha parado para considerar. A única vez que eu soube que Maia usou a sua magia foi para cortar a minha consciência antes que eu machucasse Efra no penhasco.

— Ela é nossa executora — disse Efra. Diante do recuo de Sorn, ele acrescentou: — Não que o poder dela se limite a execuções, é claro.

Se Efra abrisse a boca mais uma vez, eu puxaria seu lábio inferior sobre a cabeça e o chutaria pela janela mais próxima. Por que ele mentiria? Maia, a carrasca dos Urabi. Imagine! Pelos ossos abençoados de Baira, era um milagre que Sorn não tivesse caído na gargalhada.

Maia ergueu o queixo.

— Minha magia me permite entrar na mente e expor os seus medos e segredos mais profundos e arraigados. Posso alterar sua realidade e

convencer a mente de que ela morreu. O corpo geralmente segue logo em seguida. Minha magia mata sem derramamento de sangue e com misericórdia. É mesmo uma das maiores maravilhas da vida, os poderes desconhecidos que nossas mentes exercem sobre os nossos corpos.

— Maravilhas — disse Sorn, um pouco estupidamente.

Não me preocupei em esconder o meu choque evidente. Ela era uma lahwa. Não havia uma lahwa havia duzentos anos, e ninguém ficara triste demais ao ver a magia rara se extinguir.

Os Urabi e os Mufsids devem ter dedicado todos os recursos para perseguir Maia quando descobriram a sua existência. Uma lahwa não só podia ler pensamentos, como, se quisesse, podia ler todos os meus pensamentos. Torcê-los e remodelá-los para se adequarem aos seus objetivos, reestruturar o interior da minha cabeça como um pai entediado mudando móveis de lugar.

Lambi os lábios subitamente secos. Eu tinha segredos demais para ter uma lahwa por perto. Quantas outras vezes ela já tinha usado sua magia em mim?

— Eu nunca uso minha magia a menos que esteja sob ordens estritas.

Olhei para Maia bruscamente. Ela teria lido os meus pensamentos ou apenas meu rosto?

A tristeza gentilmente resignada da garota quase dissipou a minha repulsa. Quase. Mas seu tipo de poder já havia sido desprezado antes mesmo que os outros reinos perdessem sua magia.

— Tudo bem. — Sorn soou como se tivesse ingerido uma colmeia de vespas. — Faça isso. Mas se você a machucar...

— Não farei mal algum a Campeã.

Maia ocupou o lugar de Lateef ao lado da cama. Sua incerteza desapareceu, e o dedo delicado que colocou entre as sobrancelhas de Diya permaneceu firme. Percebi que ela estava confiante com sua magia.

Segura.

O olhar de Maia se estreitou, distanciando-se enquanto ouro e prata rodopiavam em seus olhos. Sorn piscou ao ver aquilo, perplexo, e me perguntei quando ele vira a magia Jasadi em plena exibição pela última vez.

— Ela está sozinha em um cemitério — murmurou Maia. — Esculpindo um nome em uma lápide de madeira. LUBNA.

— Lubna — disse Sorn, rouco. — A irmãzinha dela. Pelos Awaleen abaixo, você está na cabeça dela.

De repente, Maia estremeceu.

— Ela está assassinando os pais. Com bastante entusiasmo.

Sorn sorriu.

— Essa é a minha garota.

— Ela os cortou em pedaços por venderem sua irmã para os khawaga — expliquei a Namsa. A mulher mais velha observava Maia com preocupação.

— Ela está prestes a ser enforcada. Uma corda está sendo colocada em seu pescoço e apertada. — As cores nos olhos vazios de Maia se intensificaram. — O Herdeiro de Orban está subindo à plataforma do carrasco.

— Ela massacrou vários dos meus khawaga antes que a capturassem — disse Sorn, orgulhoso. — A audiência para a execução dela era considerável, então meu pai me ordenou que garantisse que a tarefa fosse bem feita. Mas eu não esperava que uma mulher do tamanho de um dedal tivesse derrubado alguns dos meus melhores homens. Algo nela... a ira em seus olhos... eu respeitava isso. Eu entendia isso.

— O Herdeiro de Orban ordena que a corda seja removida. "Não haverá enforcamento hoje." A multidão está em alvoroço. — Maia inclinou a cabeça. — Ela fica revivendo esse momento. A corda se soltando. O Herdeiro estendendo a mão para ela. A multidão gritando.

Repetidas vezes.

Maia deu um pulo.

— Doce Sirauk, ela está olhando diretamente para mim.

— *Quem é você?*

Todos nós nos sobressaltamos com as palavras rosnadas. Elas vinham de Diya, embora seu corpo permanecesse imóvel e os seus olhos fechados.

— Seu Herdeiro me enviou para curá-la. Um elixir envenenado distorceu a sua mente. Parece que a forçou a reviver os seus piores momentos repetidas vezes.

— *Esses não são meus piores momentos.* — Mais uma vez, seus lábios se moveram enquanto o resto dela permaneceu imóvel.

— Entendo. — Maia franziu as sobrancelhas. Reavaliando a cena. — Ah. — Maia se mexeu, desconfortável. — Ela sentia uma animosidade intensa pelo Herdeiro na plataforma. Ela planejou matá-lo assim que eles saíssem.

Sorn continuou sorrindo como um lunático.

— Mas ele era... charmoso. Compreensivo. Condenou à morte o khawaga que matou a irmã e importunou o pai para que mudasse a lei para que um guardião responsável por vender uma criança enfrentasse o Garha.

Os Garha? Procurei o termo na memória. Sorn me poupou do esforço.

— Açougue para os acusados de traição. Nós os esfolamos vivos e enviamos as peles de volta para as suas famílias. Depois, são desmembrados e pendurados em ganchos na estrada principal. Os cães comem as partes que conseguem alcançar, e o resto apodrece ao sol.

A voz irônica de Arin. *Você devia ver o que Orban faz com os traidores.*

Maia continuou, alheia à nossa conversa.

— Ele a faz se sentir capaz. Forte. Ela treina com o khawaga dele e

vence a todos. Ele lhe dá um lugar no palácio. Mas suas atenções são sempre amigáveis. Como um "orgulhoso dono de um cavalo de guerra premiado" — recitou Maia. — Ela se pergunta por que a atração dele abrange tantas mulheres, mas não ela.

Sorn estremeceu como se tivesse sido atingido.

— O quê?

— Mas ela é de origem humilde, e as dificuldades de sua vida corroeram qualquer beleza que pudesse ter. Ela decide que os seus sentimentos pelo Herdeiro devem ser mantidos em segredo, onde não o envergonharão ou sobrecarregarão.

— Isso é... por que ela não *disse*... — Sorn gaguejou.

Sentei-me e apoiei o queixo no punho, extremamente entretida.

— Estamos no terceiro teste — sussurrou Maia. — Estão entregando o elixir para ela e Sylvia.

Pisquei ao ouvir o nome. Mas Maia estava recitando os pensamentos de Diya, e a outra Campeã me conhecia como Sylvia.

Maia ficou em silêncio.

— O que está acontecendo? — perguntou Sorn. — O que aconteceu?

O ouro e a prata sumiram dos olhos de Maia segundos antes de rolarem para a nuca. Ela desabou, aterrissando no tapete, amontoada. Namsa e Lateef correram até ela.

Sorn virou-se para mim.

— Funcionou? A incompetência de vocês é irritante!

— O esforço de vasculhar a mente da sua Campeã vai deixá-la fatigada por *semanas* — sibilou Namsa. — Seja grato.

— Gratidão? Ficarei grato quando um de vocês, palhaços atrapalhados e cheios de magia, *acordar a minha Campeã*!

— Quer ficar todo mundo quieto? — rosnou Diya. — Minha cabeça está doendo.

A visão de cinco cabeças se virando para olhar a cama era quase cômica. A raiva de Sorn se dissipou. A alegria tomou conta de seu rosto como um sol nascente.

— Diya? Você está... você é você mesma?

Ela lançou um olhar furioso.

— Que tipo de pergunta idiota é essa? Quem mais eu poderia ser?

Eu ri.

— Ela está bem.

Quando ela olhou na minha direção, eu casualmente lhe mandei um beijo.

— Imaginei que a atual Vitoriosa do Alcalah deveria fazer uma visita aos doentes.

— Maldito Alcalah. Que vá para o inferno. — Uma carranca a invadiu. — Eu teria vencido se você não tivesse trapaceado.

— A inveja pode ser tão feia.

— Como o seu rosto.

Dei um tapinha no pé coberto dela.

— Estou ansiosa para quando você estiver com saúde plena e tiver recuperado a razão. Nunca foi grande coisa, para começar, mas isso é simplesmente constrangedor.

— Meu senhor — disse Diya a Sorn, sério. — Pode me passar aquela espada?

Mas Sorn não parecia estar ouvindo nenhum de nós. Ele estava apenas observando Diya.

Diya sentou-se, olhando para ele.

— O que ele ofereceu para você me consertar? Imagino que tenha a ver com o motivo de você estar com um vestido enorme, espalhafatoso e manchado de sangue.

Arranquei algumas das manchas de sangue maiores.

— Orban prometeu reabrir e proteger as rotas comerciais.

— O quê? — Diya esfregou a testa. — Orban não fecha as rotas comerciais há cinquenta anos. O que aconteceu?

Minha palma esquentou e um copo d'água apareceu na minha mão. Entreguei-o para Diya. Ela observou o brilho dourado e prateado nos meus olhos e suspirou.

— Uma Jasadi. Eu devia ter imaginado. Você foi tola demais para ter sobrevivido até o terceiro teste. — Ela esvaziou o copo. — Boa sorte na guerra. Você vai precisar.

— Diya. — O nome saiu de Sorn como a súplica de um pecador em busca de bênção, dolorido e meio sussurrado. — Diya, por que você não me disse como se sentia?

A Campeã de Orban olhou de soslaio para Sorn.

— Sentia o quê? Meu senhor, você está doente?

Eu gemi. Talvez ela e Sorn fossem um casal perfeito, afinal.

— Sorn. — Acenei com a mão na frente do seu rosto. Nunca pensei que sentiria falta das montanhas, mas só me restavam doze dias para desfrutar de banhos quentes e camas macias. Não queria desperdiçar mais nenhum. — Você não vai esquecer o nosso acordo nem ceder à pressão de Nizahl.

Ele virou o queixo por um momento, encontrando o meu olhar impaciente com um olhar irado.

— Eu já prometi. Você conseguiu o que queria... agora vá. Os khawaga não irão incomodar.

Namsa ergueu Maia, carregando o seu peso sem dificuldade. Ela franziu a testa para a dupla Orbaniana, seguindo Efra e Lateef até a porta.

Sorn segurou a mão de Diya entre as suas. Ela me olhou com um aceno de cabeça confuso, e eu lhe lancei um sorriso rápido.

Pelo bem de ambos, eu esperava que Sorn tomasse cuidado com o coração de Diya. Se brincasse com ele, ela o estriparia, junto com

qualquer mulher que estivesse por perto. Que Awaleen ajudasse o tolo que interferisse.

Com uma risada pesarosa, fechei a porta atrás de mim.

CAPÍTULO 47



ESSIYA

Segurei firme em Ingaz enquanto sobrevoávamos a Passagem Meridiana. Os penhascos cor de ferrugem erguiam-se no centro do deserto, curvando-se como presas da boca amarela e rachada das Planícies. Fiquei tentada a empurrar Ingaz para o meio deles e percorrer o caminho que havíamos percorrido a caminho de Orban para o primeiro teste. A magia relíquia que atacou Arin ainda estaria lá? Será que eu veria as flechas espalhadas dos Urabi cravadas na terra?

Pensar em Arin foi um erro. Fechei os olhos contra a vontade brutal de virar Ingaz para a direita, voar em direção a Nizahl e atravessar a janela de Arin para poder exigir saber exatamente o que ele estava pensando ao violar os Acordos de Zinish. Arin desafiava as previsões em todos os sentidos, exceto um: ele sempre operava dentro dos limites de suas próprias regras.

Algo desastroso deve ter acontecido. Eu senti nos ossos.

Os reinos estavam se desintegrando. Com a proteção Orbaniana instalada, milhares de Jasadis se moveriam para as rotas comerciais em direção a Jasad. Tínhamos sobrevoado milhares de soldados de Nizahl e Lukubi lutando por toda a Floresta Essam. Omal estaria em ruínas à medida que as rebeliões nas aldeias mais baixas aumentavam, enquanto aguardava que o conselho nomeasse um novo governante nos próximos vinte dias... um procedimento formal para o qual não tinham precedentes.

Olhei para Efra. A primeira vez que nos encontramos foi no topo daqueles penhascos.

Efra estava deitado de bruços, com os dois braços em volta do pescoço do seu kitmer. Ele escondeu bem, mas eu não precisava do seu sabor mágico para sentir o terror que emanava dele. Considerando que eu havia ordenado ao meu primeiro grupo de kitmers que o arremessassem pelo Mar Suhna, não podia culpar a sua desconfiança.

Guiei Ingaz em direção a Efra e disse:

— Ele não vai te derrubar.

Efra abriu um olho à força para me encarar.

— Perdoe-me se não confio em suas promessas.

Fiquei quieta. Por que tentei com ele? A opinião dele sobre mim havia se formado naqueles penhascos, e nada que eu fizesse mudaria isso.

— Desculpe — Efra rosnou. — Eu não quis dizer isso. Você cumpriu todas as promessas que nos fez, e Lateef tem razão... estou agindo como uma criança petulante.

Quase desmaiei em Ingaz. Seria real ou a loucura mágica finalmente me matou?

Liberando seu aperto de ferro sobre o kitmer, Efra sentou-se devagar nas costas da criatura e envolveu seus chifres com as mãos.

— Eu odeio a sua família. Sua mãe, os pais dela, os pais deles. Você vem de uma linhagem que lentamente desfez o nosso reino, e é... difícil para mim separá-la dessa história. Continuo pensando: a qualquer momento, o sangue dela vai aparecer. A qualquer momento, ela vai rir na nossa cara e nos deixar morrer, finalmente cumprindo o legado de sua família.

— Você ainda acredita nisso?

Ele olhou para mim, com o conflito evidente na expressão.

— Não acredito que você vá nos deixar.

— Mas você ainda acredita que eu possa cumprir o legado da minha família?

— Essiya — disse Efra, e apertei os chifres de Ingaz com mais força. Não só Efra nunca tinha usado meu nome de batismo antes, como eu nunca o ouvira adotar um tom tão hesitante. — Nós dois sabemos que eu consigo sentir o que acontece quando a sua magia te consome. Você... você desaparece. A única parte de você que permanece nesses momentos é sua mágica, e... é tão raivosa. Não se importa com Jasad. Não se importa com nada além da destruição.

Eu sou o que resta.

Um arrepio percorreu o meu corpo, e lutei para impedir que meu coração afundasse no estômago. Apesar da irritação que Efra me causara, ele era o mais corajoso dos Urabi. Pelo menos ele reconhecia isso. Pelo menos dizia isso em voz alta.

Passamos pela Passagem Meridiana. Namsa e Maia estavam atrás de nós, mas Lateef tinha disparado à frente para mergulhar e serpentear sobre as planícies rachadas das Planícies do Deserto. O homem mais velho se deleitava com o ato de voar nas costas de um kitmer, e se eu estivesse de bom humor, suas risadas infantis teriam me divertido.

— Eles têm um plano sobre o que farão se eu sobreviver à construção da fortaleza? — perguntei baixinho.

Não expliquei o que queria dizer, e Efra não perguntou. Nós dois sabíamos que, se eu sobrevivesse a Nuzret Kamel, o que restaria de mim seria muito mais perigoso do que qualquer coisa que aguardasse os Jasadis do outro lado da fortaleza.

Eles precisavam ter um plano de como me matar antes que eu os matasse.

Ele hesitou.

— Não.

Dei um sorriso sombrio.

— Quem é o mentiroso agora?

Puxei os chifres de Ingaz e mergulhamos.

Vistas do céu, as Planícies do Deserto apresentavam uma semelhança impressionante com a superfície rachada e rançosa de um aish baladi[10] de um mês de idade; a fina camada de areia e poeira sobre as planícies era uma réplica quase perfeita da farinha espalhada sobre o pão antes de o padeiro empilhá-lo em nossas bandejas de vime. Sobrevoávamos a vastidão sem vida havia um dia inteiro, e eu ainda não tinha visto nenhum tipo de vida. Quaisquer criaturas que antes chamavam as planícies de lar há muito haviam secado, e até mesmo os urubus haviam desaparecido por falta de carne fresca.

Foi por isso que fiz Ingaz parar quando duas pequenas sombras se moveram, interrompendo os quilômetros e quilômetros de nada que havíamos deixado para trás.

— Está tudo bem? — Namsa bocejou, manobrando seu kitmer até que parasse ao meu lado. Lateef, Maia e Efra lutavam para controlar os seus kitmers, girando em círculos indefesos ao nosso redor.

Apontei para as sombras.

— Acho que tem gente lá embaixo.

Namsa seguiu meu dedo.

— Provavelmente só algumas formações rochosas.

— As formações rochosas não se movem. — Minha magia tremia como uma roda presa na lama, fixando-se nas figuras. Havia algo ali.

Desci mais, procurando no chão. Nenhuma formação rochosa. As sombras pertenciam a um homem e uma mulher. Cabelos loiros e pretos que, mesmo que eu não os reconhecesse separadamente, eram inconfundíveis quando unidos.

Pressionei os chifres de Ingaz para baixo e disparamos em direção

ao chão. Ouvi Namsa e os outros gritarem atrás de mim, mas não diminuí o ritmo. Podia ser uma alucinação. Outra visão.

As figuras se viraram ao som repentino das asas de Ingaz, e o ruído abafado que eu emitia mal era registrado como humano. Cortei o céu como uma estrela cadente, sem me importar com a minha trajetória.

Ingaz caiu com força e, em meu estupor, esqueci de apertar mais forte. Caí de suas costas de forma deselegante, com os membros espalhados na terra dura.

Dois rostos apareceram acima de mim, obscurecendo o céu escuro.

— Até você pousar, essa foi a coisa mais impressionante que eu já vi — disse Marek sem fôlego.

— É você mesmo? — Os olhos castanhos e marejados de Sefa, quentes como um cobertor em um dia de inverno, vagaram por mim.

O sorriso que se espalhava pelo meu rosto não poderia ter sido contido por nenhum meio terreno. Talvez eu *tivesse* adormecido nas costas de Ingaz, e isso fosse apenas um sonho. Um sonho maravilhoso, incrível.

Pelos Awaleen abaixo, eu esperava nunca acordar.

Um soluço seco percorreu Sefa.

— Nunca pensei que te veria outra vez. — Ela se moveu para segurar meu rosto e parou. — Posso te tocar?

Foi essa pergunta – tão benigna, tão gentil, tão *Sefa* – que finalmente me convenceu.

Sentei-me rápido demais, derrubando-a no chão com a força do meu abraço. Sefa começou a chorar imediatamente, agarrando-se a mim como se eu pudesse mudar de ideia e jogá-la para longe.

Um par de braços levemente musculosos nos envolveu. Marek encostou a bochecha no meu cabelo. Ficamos no chão, envoltos em um abraço que esticava a coluna, até que alguém pigarreou.

Olhei ao redor de Marek e vi Lateef, Namsa, Maia e Efra nos

observando de uma distância segura. Efra parecia vagamente constipado, o que não seria digno de nota dado seu comportamento geral, exceto pelo fato de a expressão ser a mesma de Lateef e Namsa.

Afastei-me de Marek e Sefa. Dei uma primeira olhada de verdade para a dupla.

— Marek… por que você está com um uniforme de soldado de Nizahl?

Antes que ele pudesse responder, Sefa empurrou o cabelo dela para trás do ombro, expondo uma fileira de botões de rubi ao longo dos ombros de suas roupas.

Não, não eram roupas. Era um *uniforme.*

Ninguém sabe para onde Vaida desapareceu depois que sua criada cortou seu dedo e tentou roubar seu anel... Ela também conseguiu escapar do Poço dos Traidores com um soldado de Nizahl.

Ao ver minha expressão, Sefa estremeceu.

— Temos muito o que discutir.

Lateef deu um passo à frente, lançando um olhar nervoso para a escuridão que se espalhava pelas Planícies do Deserto como tinta derramada.

— Talvez seja melhor conduzir essas discussões em outro lugar.

— Não podemos levá-los conosco. — Efra lançou um olhar hostil para Marek e recebeu um largo sorriso em troca. — Eles não são Jasadi. Um deles é um *soldado de Nizahl*.

— Soldado falso — corrigiu Marek bem-humorado, não parecendo nem um pouco incomodado pela atitude de Efra.

— Eles estão vindo — eu disse. — Namsa, Maia, vocês se importam de dividir seus kitmers? Eles são um pouco maiores que os outros e devem suportar o peso extra. Levaremos mais algumas horas para chegar à montanha, mas devemos pousar ao amanhecer.

Efra tentou outra vez.

— Não podemos...

Cinco kitmers viraram as suas cabeças em direção a Efra, com olhos negros como breu fixos nele na penumbra.

— Para deixar claro, Erfa — eu disse afavelmente —, eu não estava propondo um debate. Se você tiver problemas com a ordem, sinta-se à vontade para entregar seu kitmer e caminhar pelas Planícies do Deserto a pé.

Os dentes de Efra estalaram, seu maxilar se movendo com uma fúria mal disfarçada. Ele desviou o olhar.

— Amigos da Malika são muito bem-vindos — disse Maia. Ela sorriu para Marek, que a encarou com um entusiasmo que beirava a loucura.

Assim que Maia ajudou Marek a subir na garupa de seu kitmer, ele soltou uma risada amarga e disse, com uma certa devastação:

— Ninguém nunca vai acreditar em mim.

Juntos, subimos no ar e voamos para casa.

CAPÍTULO 48



ESSIYA

Sefa e eu sentamos no chão da cozinha, observando Marek girar pelo refeitório transformado em salão de dança como se conhecesse aquelas pessoas a vida inteira, em vez de seis horas.

Eu estava preparada para retornar a uma montanha repleta de Jasadis decepcionados. Não só não consegui garantir o exército Omaliano, como a minha decisão de nos desviar para Mahair nos custou Kenzie e Medhat. Medhat pode ter sobrevivido à batalha, mas se recusou a partir com os Urabi. Eles enterraram Kenzie em Mahair, e Medhat escolheu ficar e ajudar a reconstruir a aldeia em vez de retornar a Gibal sem ela.

Eu esperava que chovessem mangual sobre mim, não beijos. Mas mal tive a chance de tomar banho antes de sermos arrastados para uma noite de comemoração e com o dobro de comida da última vez.

— Muitos deles queriam a fortaleza em vez do exército — explicou Namsa. — Nuzret Kamel está chegando, e eles podem sentir a mudança no ar.

Descasquei metade da amêndoa fatiada do meu quadrado de basboosa e passei para Sefa, que lambeu a calda antes de colocá-la na boca.

— Ele disse mesmo para vocês irem para as Planícies do Deserto?

— *Através* das Planícies — corrigiu Sefa. Já tínhamos conversado sobre isso duas vezes, mas ela não demonstrou a mesma impaciência que eu demonstraria em sua posição. — Acho que ele só tem uma ideia geral da sua localização, e imaginou que você nos encontraria no caminho de

volta do palácio de Omal se passássemos pelas Planícies. Além disso, era a única maneira de evitar as batalhas que aconteciam em Essam.

Mordendo o lábio, raspei a parte superior dourada da basboosa com a lateral do garfo. Não olhei para Sefa.

— Como ele está?

O silêncio que se seguiu foi de alguma forma mais alto do que as risadas e a competição de tubluh do outro lado da sala.

— Nada bem — disse ela por fim. — Não conte ao Marek que eu te contei, mas ele tinha certeza de que ele e Jeru morreriam naquela cabana. O Herdeiro está... diferente. Algo se desfez dentro dele.

A confissão de Binyar Lazur. Arin sabia a verdade sobre a fortaleza.

Deixei o prato de lado e puxei os joelhos contra o peito. O lado de mim que havia arranhado os dedos dela tentando soltar um único fio do Herdeiro perfeitamente ferido se alegrou. O outro lado, o lado que sabia como era sentir os pilares que sustentavam seu mundo ruírem repentinamente, lamentou por Arin.

— Você sabia que ele te ama? — perguntou Sefa, com a leveza de quem pergunta sobre a cor do céu. — De forma bastante irreparável, ao que parece.

Virei a cabeça, certa de que tinha ouvido errado.

— O quê?

Ela se ajoelhou para pegar uma tigela de kabab halla[11], derramando acidentalmente um pouco do caldo na saia. Virou os pedaços de carne cozida devagar para verificar se havia gordura.

— Depois que Jeru e os soldados de Nizahl me tiraram dos Poços dos Traidores, Arin cavalgou até nós. Acho que os soldados não o esperavam, dada a pequena questão da insurgência em andamento, mas ele desceu do cavalo e me entregou um de seus mapas. Ele nos disse quais rotas evitar em nosso caminho para as Planícies do Deserto, e então

disse: “Se ela morrer por eles, eles morrerão com ela”, e foi embora.

Satisfeita com a ausência de fios brancos em seu kabab halla, Sefa o serviu com uma colherada sobre o arroz. O Palácio de Marfim aparentemente lhe dera nervos de aço, pois meu olhar fixo na lateral de sua cabeça mal pareceu perturbá-la.

— Ele quer dizer que eles precisam de mim para sobreviver, só isso — consegui dizer.

— Você sabe o que ele quer dizer.

— Arin não iria...

— Matar todos os que estiverem por perto se você morrer? Buscar vingança contra todos que permitiram que isso acontecesse? Talvez ele não tivesse feito isso antes. Mas eu já disse: ele está se desintegrando. Quando o mundo deixa de fazer sentido, você se agarra à única coisa que faz sentido.

— E você acha que ele... acha que o que ele sente por mim faz sentido? — Minha risada foi estrangulada. — Mesmo se deixássemos de lado os nossos títulos e nossas histórias, não faria sentido. Alguém tão preciso e calculista como Arin... que despreza um fio solto no colete e perde o sono se tiver um dia ineficiente... se desesperaria comigo no final da semana. Não consigo contar o número de vezes que saí do meu quarto com roupas manchadas ou levei alguém às lágrimas porque estava de mau humor e a pessoa estava no meu caminho. Eu prospero no caos; Arin sufoca nele. — Ela mesma me ofereceu a prova. Em que mundo Arin de Nizahl escolheria a vingança em vez da razão? Minha morte o machucaria; eu não era delirante o suficiente para pensar que não. Mas Arin teria que estar completamente desvinculado de si mesmo para mergulhar no tipo de raiva necessária para sustentar a vingança.

— Não se você o ajudar a respirar — disse Sefa. — Não se você for o ar dele no caos.

Pelos Awaleen abaixo, eu havia esquecido o quanto a percepção

particular de Sefa podia ser impactante. Eu expirei ruidosamente, colocando a testa nos joelhos para bloquear a festa que acontecia do outro lado da bancada da cozinha.

— Como você consegue, Sefa? — abafei a pergunta contra os joelhos. — Você suportou dois meses absolutamente angustiantes. Se Marek não a tivesse encontrado a tempo, você poderia ter morrido no Poço dos Traidores. Como consegue se manter tão calma durante tudo isso?

Do outro lado do ambiente, Marek gritou nossos nomes suplicante. O suor brilhava em sua testa, e seu cabelo estava despenteado, formando um ninho dourado e fofo no topo de sua cabeça. Nosso isolamento satisfeito o deixava perplexo.

Sefa franziu o nariz para Marek.

— Você se lembra do que Raya diria quando eu reclamava sobre se meus vestidos venderiam no mercado?

— "Guarde algumas bobagens para amanhã" — dissemos Sefa e eu em uníssono. Trocamos um sorriso.

— Hoje, todos que amo estão juntos e vivos. Amanhã, pode não ser o caso. Eu entendo como é fácil remoer as consequências de todos os seus piores medos. Passar todos os dias se preparando para a dor de amanhã. Mas, Essiya, você não pode sobreviver no futuro. Você ainda não existe lá — disse Sefa. — Como posso manter a calma? Simples. Reconheço que tenho medo porque ainda tenho algo a perder, e se tenho medo, então ainda não foi perdido. Significa que tenho uma chance de mudar o resultado. — A mão de Sefa pousou sobre a minha e, como eu não a puxei, apertou-a ainda mais. Ela ergueu as nossas mãos unidas. — Sylvia alguma vez imaginou que estaria sentada aqui, me deixando segurar sua mão sem recuar?

Bufei, evitando o seu olhar cúmplice.

— Não estou convencida de que vou deixar você fazer isso agora.

— Obrigada por fazer o presente valer a pena temer o futuro.

A sinceridade dela me mataria antes do fim da noite.

— Guarde os seus agradecimentos para si mesma.

O riso de Sefa se transformou em uma sobriedade silenciosa. Ela cobriu minha mão com a outra.

— Não deixe o futuro te alcançar aqui. Não deixe que ele te torture antes do tempo.

Observamos as crianças rindo enquanto brincavam de perseguição entre a multidão de dançarinos; as pontas dos dedos dos bateristas, alaranjadas com alho e óleo, deixavam marcas gordurosas na superfície de seus tubluh; Lateef pegava Namsa pelos cotovelos e a girava pela pista de dança enquanto suas pernas curtas miravam seus joelhos; Efra olhava para Marek como se todos os males do mundo tivessem nascido junto com ele.

E, por uma noite maravilhosa, o futuro não nos alcançou.

CAPÍTULO 49



O gelo tilintou ao redor do copo vazio de Arin enquanto ele observava a porta.

Fazia aproximadamente duas horas e dezessete minutos desde que ele retornara de Lukub. Vinte desses minutos haviam sido passados sentado dentro da carruagem vazia, contemplando a Cidadela. A torre que abrigara gerações dos mais poderosos de Nizahl, aqueles agraciados com o dever sagrado de proteger os reinos dos horrores da magia mal utilizada. Supremos e os seus Comandantes, pais e filhos, linhagem após linhagem que remontava ao próprio Fareed.

Tudo mentira. Uma degradação elaborada de cada valor, cada mandamento, cada princípio que Arin aprendera a defender.

Na escuridão de seus aposentos, Arin encheu o seu copo e esperou. Não faltava muito mais.

A batida veio quando a última gota de talwith deslizou pela garganta de Arin.

— Entre — ele disse.

Do lado de fora da janela, as nuvens se moviam. O luar invadia o quarto, seu tom azulado iluminando os guardas abatidos que entravam nos aposentos de Arin.

— Doce Sirauk — sussurrou Jeru, observando os destroços do quarto de Arin com os olhos arregalados. A parte de cima da cama de Arin estava reduzida a lascas. Longas marcas de queimadura corroíam o tapete. O armário estava virado, armas antigas e vidros espalhados pelo parapeito da janela e pelo chão.

Se Arin não tivesse optado por abrir o talwith, ele poderia ter

começado a testar suas armas nos móveis dos cômodos auxiliares.

Vaun ficou paralisado ao notar o objeto no centro da mesa de mapas de Arin. O sangue sumiu do seu rosto.

Jeru seguiu o rastro de destruição até a mesa de mapas e empalideceu imediatamente.

— Isso é... — Jeru engasgou, levando o punho à cavidade sob a garganta. Ele poderia muito bem vomitar no tapete; não era como se Arin se importasse mais.

A cabeça de Wes os encarava do centro da mesa de mapas. Olhos cinzentos e nublados fitavam a distância, fixos em um ponto que nenhum deles conseguia acompanhar.

— Eu o encontrei ali — disse Arin. Ele cruzou as pernas, equilibrando o copo vazio sobre o joelho. — Uma mensagem do meu pai, imagino.

— Por que... por que o Supremo mataria Wes? — Jeru adquiriu um tom fascinante de amarelo.

Uma pergunta boba, mas Arin a respondeu mesmo assim.

— Pedi ao Wes para seguir meu pai. — Arin rolou o copo entre as palmas das mãos. — Quão familiar você é com mineração mágica, Jeru?

— Não muito, meu senhor. — O guarda estava visivelmente lutando para falar, com a sua atenção dividida entre Arin e a cabeça decepada de seu colega.

Jeru era um bom homem. Um homem decente que Arin deveria ter deixado em paz, longe do alcance da Cidadela. Longe do alcance de Arin.

— A maioria dos textos dirá que a mineração mágica é uma prática profana e a razão pela qual a Cúpula Sanguinária foi convocada. O que não dirão é que a mineração mágica remonta a centenas de anos. Eles se esquecerão de mencionar que os governantes... todos eles... estavam minerando a magia de seu povo para uso próprio muito antes de seu

recurso favorito começar a declinar, e então decidiram negociá-la. Nossos ancestrais eram um povo empreendedor.

Os olhos de Arin estavam secos e rígidos, mas ele não conseguia fechá-los. Cada vez que piscava, e o mundo ficava abençoadamente escuro, Arin se esquecia do que o esperava do outro lado. E cada vez que abria os olhos e se lembrava, ficava cada vez mais difícil se convencer a fazer aquilo de novo.

Restavam apenas mais três tarefas. Mais três tarefas, e ele poderia ficar no escuro o tempo que quisesse.

— Por fim, os outros reinos perderam sua magia, e Jasad se tornou o único minerador restante. Uma vantagem perfeita para o trono agir com impunidade... quem os impediria? Quem se levantaria da mesa de negociações quando se tornaram dependentes da magia extraída para sustentá-los durante invernos rigorosos e rebeliões intermináveis? — Os lábios de Arin se contorceram em um sorriso pesaroso. — Mas a magia de Jasad enfraquecia a cada geração, e era apenas uma questão de tempo até que Jasad parasse de ir à mesa de negociações e começasse a acumular. Eles voltaram seus pensamentos para sua própria fronteira. O que aconteceria com a fortaleza quando a magia finalmente deixasse Jasad? A fortaleza era o único obstáculo entre eles e os reinos com os quais passaram todo o seu reinado brincando.

Arin jogou a garrafa no chão e se levantou, contornando a mesa de mapas até ficar de costas para a janela. Uma gosma espessa e opaca havia encharcado os mapas sob a cabeça de Wes. Os nomes das províncias de Nizahl haviam se misturado uns aos outros, formando uma mancha de tinta sem sentido.

— Vocês terão que me perdoar por algumas especulações — disse Arin, apoiando os antebraços na borda elevada da mesa. — Os detalhes... são confusos. Meu pai é um homem trabalhador, como todos sabemos, e viu uma oportunidade na Qayida de Jasad. Uma mulher chamada

Hanim Werda, famosa por sua brutalidade em batalha e o seu desdém pela Coroa de Jasad. Hanim também era a líder dos Mufsids. Sim, os mesmos rebeldes que meu pai executou antes que eu pudesse extrair algo útil deles. Reza a história que ela e meu pai conspiraram durante anos para derrubar os Malik e Malika, mas Hanim foi capturada e exilada.

Jeru se aproximou da mesa de mapas, olhando para a cabeça de Wes como se ela pudesse ganhar vida se Jeru tivesse muita esperança. Vaun não se moveu um centímetro desde que entrou.

Caminhar pela ruína de toda a sua existência era estranhamente relaxante para Arin. Ele não estava mais vagando na névoa, cada nova informação inexplicável atingindo-o como um soco no escuro. O sol finalmente havia nascido, limpando o céu, e Arin podia enxergar outra vez. Ele podia ver tudo.

— Depois de matarem Niphran, os Mufsids saquearam Usr Jasad e tentaram reforçar o encantamento na fortaleza. Suponho que estivessem preocupados com a possibilidade de alguém se opor à invasão de Jasad e à morte da Herdeira. De qualquer forma, o encantamento teve o efeito oposto. A fortaleza ruiu. Do outro lado, aguardando o ataque, estavam nossos exércitos. Dois dias antes da Cúpula Sanguinária. Duas semanas antes de o restante dos reinos enviar os seus exércitos para marchar contra Jasad junto com os nossos.

— Como? — Jeru resmungou. — Como o Supremo sabia?

Arin estalou os dedos, assustando os guardas.

"Excelente pergunta, Jeru! Como o meu pai sabia? Ele estava na Cúpula Sanguinária, lutando tragicamente pela vida enquanto Malik e Malika massacravam centenas de membros da realeza.

— Traidores são um tipo fascinante — continuou Arin. Fixou o olhar em seu guarda imóvel. — Hanim traiu o seu próprio reino por acreditar erroneamente que meu pai, o mesmo homem que permitiu seu

exílio e a abandonou em Essam, a colocaria no trono de Jasad. Afinal, ela lhe dera um Herdeiro meio-Jasadi que poderia reivindicar tanto a coroa de Nizahl quanto a de Jasad... não havia necessidade de guerra, havia? Não havia necessidade de decidir que a magia era a essência de todo o mal enquanto você a coletava para si nas sombras.

Distraído, Arin passou o polegar pela ponta curva do mapa. Como não se endireitava, Arin o arrancou. Adeus, Dar al Mansi!

— Meio-Jasadi... — Vaun falou pela primeira vez, e Arin se lembrou de que ele estava ali. — Senhor, não pode estar falando sério... mas o senhor não tem magia.

— Não, não tenho — refletiu Arin. — Posso drená-la. Posso senti-la. Mas não tenho nada disso. Estranho, não é? A maldição de uma musrira falha e, em vez de me matar, convenientemente permite que o Comandante de Nizahl detecte e extraia a mesma coisa que ele foi treinado para destruir. Para onde foi a minha magia? Como foi levada? Eu me atormentei com as perguntas até perceber que estava fazendo as erradas.

Minerando magia, drenando-a. O mesmo ladrão com um chapéu diferente. O que importa não é o que é levado, mas para onde vai.

— Como eu disse, meu pai é um homem ambicioso. Assim como os Malik e Malika, ele também previu o fim da magia. A destruição de um recurso do qual todos os reinos dependiam há muito tempo. Minerar magia era uma solução de curto prazo. O procedimento é catastroficamente fatal, e só se pode extrair a magia de alguém uma vez. Mas e se você tivesse uma ferramenta capaz de drenar a magia devagar, drenando-a por toda a vida de uma pessoa? Uma torneira que você pudesse enfiar em um rio

Arin tirou as luvas. A luz do lampião lançou cores quentes sobre a tela pálida de sua pele.

— Drená-la com um único toque.

— Senhor, não é possível — disse Vaun, ignorando a tentativa de Jeru de afastá-lo da mesa de mapas. — Seu pai jamais exporia seu Herdeiro aos horrores da loucura mágica.

Arin fixou o olhar em Vaun.

— Você sabe tanto sobre o que meu pai faria ou não, Vaun. Foi graças a você que a última peça deste quebra-cabeça se apresentou a mim.

Colocando a mão no bolso do colete, Arin cruzou os ombros sob o peso esmagador de cada passo em falso que o trouxera até ali. Se tivesse expulsado Vaun da Cidadela após o Alcalah. Se ele não tivesse dito a Wes para perseguir seu pai.

Se tivesse levantado os olhos de seus mapas cuidadosamente traçados por tempo suficiente para ver que o mundo no papel não era nada parecido com o mundo ao seu redor.

— Você foi guarda por tanto tempo que se esqueceu de como ser um soldado. Esqueceu de uma regra que ensinamos aos recrutas na primeira semana. — A mesma regra que Arin revelara a Sylvia enquanto estavam em uma cabana com um soldado de Nizahl morto entre eles. Para ela, fora um punhado de cachos negros no bolso do soldado. Wes fora muito mais prestativo.

Arin estendeu a palma da mão. No centro, uma cabeça de corvo havia sido gravada em relevo em um alfinete com a letra *V*. Jeru tinha um alfinete idêntico enfiado sob a lapela do uniforme com a primeira letra do seu nome.

— Quando a derrota se torna uma possibilidade, o que os nossos soldados são treinados para fazer?

Foi Jeru quem respondeu, a dor lentamente se transformando em raiva.

— Coletar evidências do assassino.

— Encontrei isso sob a língua de Wes. — Arin girou o alfinete entre

os dois dedos. — Foi um esforço em vão, Vaun. Ele já tinha enviado a carta. Tudo o que você fez foi me custar o único guarda leal que me restava.

Vaun ergueu o queixo, encontrando o olhar de Arin sem pestanejar.

— Não vou me desculpar por proteger você e este reino como sempre fiz. Como sempre farei. O Supremo me deu uma ordem, e eu obedeci.

Protegendo-o. Seria ridículo se não fosse perto da verdade. Os dois cresceram juntos. Vaun era a sombra de Arin desde crianças, uma presença constante e confiável em uma corte de rostos inconstantes. Nos últimos momentos da vida de Vaun, Arin percebeu que mal se lembrava se Vaun tinha família antes de vir para a Cidadela. A existência de Vaun sempre fora um apêndice da de Arin.

— Seu traidor imundo! — Jeru cuspiu. — Você matou o guarda do Herdeiro! Seu... ele era seu superior!

Um apêndice infectado colocava todo o corpo em risco. Arin deveria ter reconhecido os primeiros sinais de decomposição nos túneis. Ele deveria ter sido forte o suficiente para pegar a faca e cortá-la pela raiz.

— Como você sabe, não há procedimento formal da corte para guardas reais. Você está sob meu poder para punir como eu achar adequado, incluindo a perda de sua vida. — Arin gentilmente colocou o alfinete perto da cabeça de Wes. — Pegue sua espada, Vaun.

O guarda endireitou os ombros, cruzando as mãos atrás das costas.

— Não lutarei com você, meu suserano.

— Senhor, fico feliz em substituí-lo. — A fúria vibrava por todos os poros de Jeru. Ele estava enlouquecido de raiva e devastação, o que significava que Vaun não precisaria de muito esforço para pegá-lo em um erro e matá-lo. Habilidade era apenas metade do componente do sucesso. O outro era foco, e Jeru não tinha nenhum no momento.

Arin contornou a mesa e empurrou Jeru para o lado.

— Sua espada, Vaun. Não vou me repetir uma terceira vez.

Vaun não se moveu, e Jeru praguejou.

— Lute com ele, seu covarde — sibilou Jeru. — Ou você só machuca aqueles que não conseguem te ver chegando?

O aço sussurrou contra o couro quando a espada de Arin deslizou para fora da bainha.

Bastou uma mentira para você perder a fé em mim. Diga-me, Vossa Alteza: quantas serão necessárias até você perder a fé em seu pai?

Ela fez a pergunta errada.

Vaun engoliu em seco.

— Senhor...

A espada de Arin atravessou o peito de Vaun antes que ele pudesse inspirar mais ar para desperdiçar na próxima palavra. A próxima mentira. A espada atravessou as costas de Vaun e penetrou no armário atrás dele. Arin empurrou o punho através da resistência dos ossos e do carvalho. Quando o punho raspou a frente do uniforme de Vaun, Arin não o soltou de imediato. Vaun desabou sobre a espada em seu peito, presa à lateral do guarda-roupa como um pássaro atingido por uma flecha poderosa. Lágrimas brotaram dos olhos de Vaun enquanto ele erguia a cabeça.

Ela deveria ter perguntado quantas mentiras seriam necessárias para Arin perder a fé em si mesmo.

Por vinte anos, Vaun ficou ao lado de Arin. Até o fim, ele pensou que estava servindo em nome de Nizahl. Em nome de seus governantes. A coroa consumiu Vaun, então Arin lhe concedeu a misericórdia de segurar seus olhos enquanto a última gota de vida de Vaun se esvaía deles.

Arin soltou a espada e deu as costas ao guarda morto.

— Diga ao meu pai para me encontrar no escritório dele — disse

Arin a Jeru.

Restam duas tarefas.

CAPÍTULO 50



Havia uma mancha de sangue na manga de Arin quando Rawain o encontrou no escritório.

Isso o incomodava. Todo o resto estava no lugar. Todo o resto havia sido arranjado com precisão.

Tudo, exceto o local.

— Arin! — Rawain cruzou em sua direção em cinco passos rápidos. O aperto do pai em seus ombros assustou Arin, tanto que ele se esqueceu de resistir quando Rawain o puxou para seus braços. O Supremo apertou Arin com força, a mão que segurava o cetro cravando-se nas costas de Arin. — Graças aos Awaleen. Você não imagina como fiquei preocupado. Quando você voltou de Lukub?

Enrijecido no abraço do Supremo, Arin conteve uma risada amarga. Rawain sabia que algo estava errado, então escolheu a postura de um pai preocupado e amoroso. Essa abordagem já havia desarmado Arin muitas vezes antes.

Há quanto tempo o pai de Arin estava aprendendo a lutar com ele?

Uma parte considerável de Arin queria relaxar nos braços do pai. Esse mesmo instinto fez com que o braço de Arin se levantasse e parasse, quase retribuindo o abraço.

O futuro se dividiu em dois caminhos limpos diante dele.

Em um deles, ele envolve Rawain com o braço e aceita o abraço do pai. Ele se lembra dos muitos momentos de sua vida em que uma conquista não era real a menos que Rawain a declarasse como tal. Como ele se esforçou dia e noite para ser um filho digno de ser o Comandante do Supremo de Rawain.

Nesse caminho, Arin realinha o seu mundo para corresponder à versão do pai. Ele nunca precisa confrontar o que fez, porque não se importa mais com um mundo onde isso importa.

No outro caminho, Arin abaixa o braço e só há escuridão.

Só conseguia enxergar até o primeiro degrau, antes de mergulhar em milhões de possibilidades. Arin ficou aterrorizado, com a profundidade do desconhecido que o aguardava por trás daquele primeiro degrau.

Mas nesse caminho espera uma garota, e talvez um homem que a mereça.

Eu já lhe disse antes, meu suserano: a vida não é uma equação que você pode calcular repetidas vezes. Nem todas as escolhas serão perfeitas, mas você ainda precisa tomá-las.

Arin se afastou do pai e mergulhou na escuridão.

— O que aconteceu? — perguntou Rawain. — Quando soubemos que Nizahl havia tomado o Palácio de Marfim, tive certeza de que Vaida lhe causara um dano terrível. Eu temia o pior, Arin.

Arin inclinou a cabeça com interesse educado. No bolso, rolou a borda do retrato sob o polegar.

— O pior?

Rawain franziu a testa, observando Arin atentamente.

— Você parece indisposto. Já foi aos curandeiros? Por que demorou tanto para voltar de Lukub?

— Eu tinha negócios a tratar — disse Arin, e achatou o retrato contra a mesa.

Rawain olhou para o retrato por um longo momento.

— Devo saber quem é?

A mulher no retrato tinha maçãs do rosto salientes, cortadas na mesma inclinação que as de Arin. Cabelos escuros como a meia-noite caíam sobre os ombros. Ela não sorria no retrato, como se o próprio ato

de ficar sentada, imóvel, a convidasse à violência. Seus olhos... eram de um tom diferente de azul, mas eram inconfundivelmente os de Arin.

— Imagino que você reconheceria a minha mãe — disse Arin.

Fora um retrato extremamente difícil de encontrar. Era compreensível; por que qualquer biblioteca ou arquivo guardaria o retrato de uma Qayida desonrada e exilada das Terras Arrasadas? Felizmente, a mãe de Vaida odiava Rawain e, em sua busca incessante para irritar Nizahl, guardou um retrato da mulher com quem ele fora pego conspirando, como um lembrete de sua desonra.

O Supremo suspirou, o som carregado de decepção.

— Vejo que a sua intervenção malfadada em Mahair deu aos Jasadis tempo suficiente para cravarem as garras em você. Eu diria que, de todos, você seria o mais bem equipado para não cair nas mentiras deles. Se não fosse imune à magia deles, eu poderia temer que tivessem estendido a sua influência sobre você.

Arin não conseguiu conter um pequeno sorriso. Uma ameaça tão elegante. Qualquer coisa que Arin alegasse ao conselho, ao resto de Nizahl, poderia ser imediatamente questionada sob a sugestão de manipulação mágica. Afinal, para o mundo, a resistência do Herdeiro de Nizahl à magia permanecia enraizada em rumores e ilusões.

— Se você me der a gentileza — disse Arin —, ainda estou acertando as últimas peças.

O pai adotou uma expressão paciente e divertida, como se Arin fosse uma criança pequena exibindo as suas tarefas escolares.

— O que foi, filho?

Arin sentou-se na mesa, apoiando as mãos em cada lado do corpo.

— Eu entendo a maior parte, sabe? O jovem e ambicioso Herdeiro esperando anunciar o seu reinado com a destruição da tão odiada fortaleza de Jasad e o suposto extermínio da magia. Não de imediato, é claro... algo que Hanim Werda não entendeu quando se ofereceu para

ajudar. Ela não tinha ideia de quão paciente você é; de quão disposto você espera que as sementes que planta floresçam. Dezoito anos, neste caso... desde o momento em que conheceu Hanim até o momento em que orquestrou a Cúpula Sanguinária.

Na última parte, a expressão de Rawain finalmente vacilou.

— Arin, você não pode achar que eu tive algo a ver com Isra...

— Fique comigo, meu suserano — disse Arin agradavelmente. — O que eu tinha dificuldade em entender era como. Você não poderia ter usado magia extraída para causar a carnificina na Cúpula Sanguinária... estavam todos lá para implorar por mais magia de Palia e Niyar, e mesmo que tivessem guardado alguma, não teria sido o suficiente para infligir uma devastação em tamanha escala. Além disso, você jamais teria eliminado Palia e Niyar se ainda precisassem deles. Mas você não precisava mais deles, precisava? Tinha criado a sua própria fonte de magia.

Rawain arqueou uma sobrancelha grossa.

— Por favor, não pare. Faz muito tempo que não ouço ficção de verdade. Qual era minha nova fonte de magia?

A mesma pergunta que Arin quase o deixou louco ao tentar responder: como Arin, nascido meio-Jasadi, poderia não possuir um traço sequer de magia?

A resposta não estava em Lukub desta vez, mas na biblioteca da Cidadela. Arin passara pela resposta milhares de vezes, admirando abertamente a sua estátua esculpida sobre a sala do conselho.

— Eu. — Arin inclinou a cabeça, correspondendo à paciência condescendente do pai com um sorriso. — Você fez comigo o que os Awaleen fizeram com Fareed. Usou cada gota de magia extraída que Nizahl havia negociado ao longo dos anos para me tornar o seu condutor. Imagino que Hanim tenha ajudado... transformar uma criança em condutor é um procedimento que requer uma magia incrivelmente

delicada, afinal. Pelo menos, se você não quiser matar a criança de imediato.

Se Arin soubesse o que procurava antes, teria sido dolorosamente óbvio. O único condutor registrado na história era Fareed: sua magia fora arrancada pelos Awaleen e ancorada em suas duas espadas favoritas, que mais tarde se tornaram parte do símbolo de Nizahl. Ironicamente, era impossível *ser* um condutor sem nascer com magia. Seu corpo nunca parava de buscar o que lhe era tirado; ele drenava toda a magia que tocava na esperança de preencher o vazio que restava.

E para cada conduíte, havia uma âncora. O lugar onde a magia de Arin estava presa, onde a magia que ele drenava fluía.

— O que me leva à minha primeira pergunta. Você pretendia engravidá-la ou foi um acidente?

Arin fez a pergunta com apenas um leve interesse, como se ela não o assombrasse todas as noites desde que descobrira a verdade. Muitas horas sem dormir depois, Arin ainda não sabia o que era pior: que seu pai havia planejado gerar uma criança meio-Jasadi com a intenção de submetê-la a um procedimento quase fatal para retirar a sua magia e transformá-la em um condutor, ou a alternativa... Rawain tivesse visto Arin, o abraçado e decidido que preferia vê-lo morrer a criar esse filho meio-Jasadi.

A máscara de confusão e preocupação de Rawain se desfez. Um vazio de gelar os ossos a substituiu, e Arin sabia que seu tempo estava se esgotando.

A descoberta ocorreu como a revelação de uma pintura primorosa. Atenção não apenas para o todo, mas também para as pinceladas individuais que davam vida a cada detalhe. Detalhes como as prisões de Nizahl, sempre lotadas de Jasadis aguardando julgamento. Prisões que Arin visitava rotineiramente para drenar a magia dos detidos. Arin considerava seu pai misericordioso por prolongar o destino dos Jasadis

condenados. Por permitir que vivessem por anos após a captura.

Você já considerou, nessa sua mente infinita, que as pessoas verdadeiramente brilhantes são aquelas que entendem que as realidades que construímos já foram construídas para nós?

— Eu me esforcei tanto com você, Arin. — Rawain transferiu o peso do corpo para o cetro, apoiando-se pesadamente nele. — Mesmo quando questionava, quando revidava, eu me lembrava de que você era uma criança. Estava aprendendo. Quando você se tornou Comandante e desfez metade das minhas políticas, eu disse a mim mesmo que era um sinal de grande liderança. Você tinha uma estratégia, e enquanto eu mantivesse a certeza de que compartilhávamos uma visão para o nosso mundo, não importava para mim como você buscava para alcançá-lo. A cada passo, confiei em você. E a cada passo, você duvidou de mim.

O Supremo o atacou tão rápido que Arin só viu o borrão do cetro antes que colidisse com a lateral de sua cabeça. A força o derrubou da mesa. Ele se apoiou na parede, cerrando os dentes a tempo de impedir que um chiado escapasse.

— Eu te criei melhor do que isso.

As faíscas não haviam desaparecido da visão de Arin quando o próximo golpe atingiu a parte de trás de sua cabeça, fazendo-o cair de joelhos.

— Você zomba do presente que fui até os confins da Terra para lhe dar. A magia que você drena desses pobres Jasadis, acha que eu a guardo para meu próprio prazer? Acha que eu *desejo* possuí-la? — A ponta do cetro pressionou o pescoço de Arin, mantendo-o subjugado. — Ao contrário dos Jasadis dos quais você a extrai, a magia que empunho não corre em minhas veias. Ela não tem chance de me corromper, e eu posso impedir que outros a usem para o mal. Posso usá-la para fortalecer Nizahl... para fortalecer esta *família*. Se não fosse por mim, você teria morrido aos dezesseis anos, massacrado pelas mãos daquela assassina

Jasadi que você permitiu que entrasse em seu quarto.

O discurso de Rawain, proferido com ira e frustração, mal conseguiu penetrar o zumbido nos ouvidos de Arin. Sangue cobria a lateral de sua cabeça. A dor latejava entre as suas têmporas, mas pelo menos ele não sentia nenhuma fratura.

Com um toque de humor que achava que Essiya poderia apreciar, Arin observou que, naquele momento, ele provavelmente tinha mais caroços e crateras no crânio do que as estradas de Mahair.

O queixo de Arin estalou quando ele abriu a boca para falar, melífluo e calmo.

— Massacrar quase todos na Cúpula Sanguinária com a magia que roubei para você, culpando Niyar e Palia, e depois usar o derramamento de sangue como ímpeto para reunir os outros reinos na destruição de Jasad? Meu senhor, perdoe meu ceticismo, mas que corrupção a magia pode oferecer a uma alma que nunca conheceu outra coisa?

O peso do cetro desapareceu da nuca de Arin. Ele ergueu a cabeça. Rawain ergueu o cetro bem alto enquanto encarava Arin com uma frieza que Arin jamais conseguiria reproduzir, mesmo que vivesse mil anos.

— Sempre temi que você se tornasse como a sua verdadeira mãe — disse Rawain. — Fiquei vigilante quanto ao que você poderia ter herdado de Hanim. Nem nos meus piores pesadelos, imaginei que você fosse puxar Isra. Tão fraca e...

— Fraca não é uma mãe que se coloca entre um menino que não tem seu sangue e a ira do homem que o criou. — Arin enxugou o sangue que pingava em seus cílios. — Fraco é um governante que segura um fósforo contra o mundo e depois o culpa por ter queimado.

O cetro balançou. Com a altura e a velocidade do golpe, o golpe certamente deixaria Arin inconsciente.

Então, dessa vez, Arin o pegou.

Rawain respirou fundo, tentando, sem sucesso, arrancar o cetro de

suas mãos enquanto Arin se levantava.

— Eu poderia ter te impedido a qualquer momento. Eu poderia ter te impedido uma década atrás — disse Arin. Era vazio. Exausto. — Eu deveria saber que você nunca iria parar.

Passos soaram antes que Rawain pudesse responder. Uma sombra uniformizada surgiu do corredor, entrando no pequeno escritório.

— Prendam o Herdeiro — ordenou Rawain. — A magia o tomou.

— Está pronto? — Arin perguntou a Jeru.

Jeru assentiu.

— Segure-o.

Assim que agarraram Rawain, ele começou a se debater. Uma mordaça foi colocada entre os dentes de Rawain, e Jeru envolveu seus braços em torno de Rawain por trás, prendendo os cotovelos de seu pai ao lado do corpo.

— Meu guarda — disse Arin. — Aquele que você gentilmente depositou na minha mesa de mapas. Ele me enviou uma mensagem antes de você ordenar que Vaun o executasse.

Arin tirou um pedaço de pergaminho não maior do que sua palma e o ergueu para que Rawain visse.

Sem minas. O cetro.

— Ele te descobriu, não é? — murmurou Arin. — Ele te viu usar a magia do cetro.

Os olhos odiosos e brilhantes do corvo fitavam Arin. Por duas décadas, o cetro simbolizou o poder de Rawain, mas sempre foi a magia de Arin por trás dele. A magia de Arin ancorava tudo o que ele drenava no cetro de seu pai. A magia de Arin facilitava todos os horrores que eles juraram impedir.

O aperto de Rawain no cetro se recusava a ceder, não importava o quanto Arin puxasse ou o quanto Jeru segurasse com força.

— Espere. — Arin gesticulou para a capa de Rawain. — Levante a

manga dele.

Parecendo um pouco doente, Jeru puxou a manga esvoaçante de Rawain.

Ao ver uma grossa algema de metal em volta do pulso de Rawain, prendendo-o ao cetro, Arin riu.

— Inteligente.

— Não há fecho ou trinco de nenhum tipo — disse Jeru, angustiado. — Não pode ser removido.

— Claro que pode — disse Arin. — Pegue sua espada.

O cetro ficou tenso quando Rawain começou a lutar com afinco. Jeru se esforçou para segurar o Supremo.

Arin arrastou o cetro para a frente, puxando a mão do pai para a mesa. A algema em seu pulso raspou a madeira.

No momento em que Rawain registrou a intenção de Arin, aconteceu.

Uma faísca se acendeu no orbe de vidro atrás do corvo. A brasa girou mais rápido, formando listras douradas e prateadas. Anéis de luz giraram ao redor da ponta do cetro, e o brilho forçou Jeru a desviar o olhar.

Arin ficou paralisado. Ali estava ela; a verdade. A raiz de toda a escuridão que havia assolado os reinos nos últimos vinte e três anos.

A magia de Arin.

Arin colocou a mão sobre o braço do pai, que Jeru apertava com dificuldade, prendendo-o. À medida que a magia do cetro se expandia até atingir um pico abrasador, Arin o brandiu.

Sangue caiu sobre Jeru em grossas gotas, espalhando-se pela mesa. Seu pai gritou por trás da mordaça. Um pouco dramático, na opinião de Arin. Era um corte conservador; ele só havia pegado na mão de Rawain.

Arin firmou os dedos trêmulos sobre o cetro. Era seu pai quem perdera uma mão, mas o coração de Arin reagiu como se ele também

tivesse desistido de algo.

O Supremo cambaleou para trás, agarrando-se à mesa para se equilibrar. Ele havia perdido toda a cor, e os seus olhos arregalados não estavam fixos no membro amputado, mas no cetro. Ele arrancou a mordaça da boca.

— Não tem como reverter — Rawain disparou. — Você nunca recuperará sua magia.

Arin ergueu o cetro, a mão do Supremo ainda presa na algema.

— Recuperar? — Quão dolorosamente previsível era para seu pai presumir que Arin queria o cetro para reforçar o seu próprio poder. — Não tenho utilidade para esta magia, meu suserano. Mas conheço alguém que tem.

Um punho bateu na mesa assim que Arin se virou.

— Você acha que a sua preciosa Herdeira de Jasad é diferente daquelas que vieram antes dela? — rosnou Rawain. — Acredita mesmo que ela não retomará a mineração mágica *assim* que restabelecer seu reino? E o que acontecerá conosco se o restabelecer, Arin? Ela não negociará conosco, e sem o meu cetro, sem a magia que você atrai, não teremos nada!

Arin pensou na garota que conhecera agachada sobre o corpo Jasadi, murmurando ritos fúnebres com uma expressão irritada. A garota que lhe revelara sua magia, atirando uma adaga na coxa de Felix depois que ele ferira a pequena órfã. A magia que ela derramara toda vez que Sefa ou o menino estavam em perigo. A mesma garota e a mesma magia que detivera o Cão Rubi antes que ele pudesse despedaçar Arin.

— Ela não é nada parecida com eles. — Arin olhou para o sangue que cobria as suas luvas. Ele não sabia dizer se pertenciam a Vaun ou ao seu pai. — Nada como nós.

— Você a escolheria em vez do seu próprio reino? Em vez da sua própria família? — Rawain parecia atordoado.

Jeru abriu a porta e Arin lançou um último olhar ao pai antes de atravessá-la. O sangue escorria pela superfície da mesa, pingando no carpete. Rawain havia enrolado a ponta da capa em volta do membro ensanguentado, mas os seus olhos estavam vidrados e sua pele, da cor de cera.

— Sim — disse Arin. — Eu a escolho.

Uma última tarefa.



Os remos deslizaram para dentro d'água. A noite havia se aprofundado e a lua escondia o rosto atrás das árvores. A Floresta Essam margeava o rio, com galhos rastejantes deslizando pela superfície de Hirun enquanto as árvores tremiam com o vento crescente. Hirun serpenteava pela floresta como uma fita escura, com a correnteza balançando suavemente o barco.

Eles estavam remando por quase três horas antes que Jeru enfim falasse.

— O que acontece agora, meu senhor?

Arin separou os joelhos enquanto se inclinava para a frente, com as pontas dos remos enfiadas sob os braços. O longo pacote entre os seus pés e os de Jeru parecia mais ameaçador do que as sombras que se esvoaçavam entre as árvores.

— Não sou mais seu senhor — disse Arin. — Serei destituído dos meus títulos sob a culpa de traição. Meus exércitos se tornarão do meu pai.

Jeru empalideceu. O barco diminuiu a velocidade quando o guarda afrouxou o aperto nos remos.

— Mas... mas seu pai enviará os seus exércitos para Jasad. Será um

massacre.

— Não — disse Arin. — Ele precisa de magia para manter seu próprio poder, e os Jasadis têm o que resta dela. Mas mesmo que ele queira, sua atenção logo será desviada para o ataque de Lukub. Isso nos dará tempo.

— Ataque de Lukub? — Jeru parecia perplexo e envergonhado, como se Arin o tivesse pego no meio de uma reprovação em uma prova para a qual deveria ter estudado.

— O Mirayah nunca fica no mesmo lugar por muito tempo. Todos os relatos que nossos soldados trouxeram indicam que ele se alterna entre cinco lugares em Essam. Dependendo da localização mais recente, Vaida levaria de doze a vinte dias para alcançá-lo. Ela está desaparecida há sete.

Os olhos de Jeru estavam arregalados.

— Achei que os boatos sobre o Mirayah fossem só superstição. Há quanto tempo você sabe que é real?

— Tempo suficiente — disse Arin secamente. — Vaida jamais teria cedido o Palácio de Marfim a menos que soubesse que era temporário. A menos que tivesse um plano maior em andamento.

Entre a guerra com Lukub, as rebeliões que devastavam Omal e os khawaga de Orban protegendo os Jasadis nas rotas comerciais, os exércitos de seu pai não teriam escolha a não ser se separar. Mesmo que enviasse regimentos para o sul, não teria recursos suficientes para combater o volume de Jasadis que os kitmers de Essiya provavelmente haviam mobilizado em direção ao seu reino.

Arin pegou os remos e empurrou, mal sentindo a dor nos braços. Ele tinha a vaga noção de que não comia nem dormia havia dias.

Entorpecido não era a palavra certa para descrever. Arin apenas se sentia... distante. Como se a maior parte dele tivesse entrado em outro cômodo, e os sons vindos de trás da porta estivessem abafados demais

para serem ouvidos.

— Vossa Alteza... — Jeru murmurou.

— Eu não sou o seu Herdeiro. — Arin virou o remo. Sua última tarefa levaria apenas três dias, se os ventos fossem favoráveis. Três dias até chegar às montanhas. Três dias até chegar até ela. — Eu não sou nada.

CAPÍTULO 51



ESSIYA

Sonhos passaram por mim em ondas suaves.

Estou em Sirauk, com a minha velha capa esvoaçando ao meu redor.

— Você voltou — diz a névoa.

Balanço as pernas para o lado da ponte, observando o grande vazio lá embaixo. No fundo da escuridão, eles me observam. Esperando.

— Eu não deveria ter voltado.

Arranco um arbusto vermelho do chão e passo o polegar sobre sua cauda curva. Será bom ter companhia outra vez.

Niphran acaricia os meus cachos com um suspiro de satisfação. Sento-me em seu colo, brincando com as bonecas que Dawoud tentou confiscar.

— Como foi seu dia, ya umri?

— Soraya não me levou para a cidade. Tentei entrar na carruagem

dela, mas ela me pegou — reclamo. Enrolo o cabelo da boneca em um série de tranças em miniatura. — Ela sempre me pega.

— Você deveria ouvir Soraya.

Faço uma pausa e cravo as minhas unhas na barriga da boneca.

Isso não estava certo. Não tinha acontecido assim.

Viro a cabeça para encarar Niphran.

— Soraya veio depois que o veneno te deixou louca. Você deveria estar na Torre Bakir.

Niphran sorri, mas não é mais Niphran. Sua pele se revira, seus olhos se liquefazem em poças de rubi; ela sussurra:

— É hora de voltar para casa, querida.

Duas sombras surgem atrás dela, com os braços estendidos.

Eu grito.



A água espirrou pela lateral do balde quando Efra forçou minha cabeça mais fundo na água.

Agarrei as bordas do balde e me esforcei para me livrar dele até minha visão escurecer. Quando ele me soltou, caí de volta no carpete, cuspindo água. Água escorria do meu nariz e boca, e eu a tossia com uma força que poderia ter quebrado uma costela.

Quando a minha morte já não parecia tão iminente, sentei-me e enxuguei o rosto com as partes secas das mangas. Efra cruzou os braços sobre o peito.

— Obrigada — murmurei.

— Não me agradeça — disse Efra. — Segurar sua cabeça debaixo d'água três vezes por dia? O privilégio em si é um presente.

— Então, de nada, e saia. — A água ainda balançava dentro do

balde. Eu precisava enchê-lo outra vez.

Já era tarde, e eu não queria arriscar que alguém visse Efra saindo dos meus aposentos àquela hora. Já era ruim o suficiente ter que expulsar Marek e Sefa para o quarto deles, mas como eu poderia explicar as idas e vindas de Efra? Não podia dar uma desculpa sem explicar que os sintomas da minha loucura mágica começaram a surgir com uma regularidade alarmante, e somente Efra pôde senti-los a tempo de invadir meu quarto e mergulhar a minha cabeça na água.

— São só as visões? — perguntou Efra, agachando-se à minha frente. Havia um interesse genuíno, ainda que relutante, estampado em seus olhos verdes. — Isso interfere de alguma outra forma?

— Eu já te contei sobre as veias. — O abutre me pegou em um momento difícil, abalada por outra visão inexplicável. Além disso, a única razão para esconder as veias era esconder a loucura que se aproximava, e Efra já tinha plena consciência disso.

Efra apenas esperou, observando-me pingar água no carpete e tentando não tremer. Ele era notavelmente ousado para alguém que estava tão perto de uma mulher com uma magia aparentemente sem fundo e um controle tênue sobre a sua mente.

— Há impulsos — respondi secamente. Que importância tinha? Talvez, depois que eu morresse, eles pudessem usar os meus sintomas como guia para lidar com essa condição, caso Arin estivesse errado e ela se repetisse. — Eles não parecem meus.

— Eles parecem ser de quem?

— Da sua mãe — respondi bruscamente. — Como eu poderia saber?

Para minha surpresa, Efra permaneceu sombrio, com os lábios pressionados com firmeza.

— Se sua loucura consumir você antes de Nuzret Kamel, estaremos perdidos.

— Não vai — assim eu esperava. — Aguento mais dez dias.

— Não seremos fortes o suficiente para te matar se você sucumbir — ele me lembrou, como se eu precisasse de um lembrete. Como se metade das visões não fossem dedicadas às inúmeras maneiras como as minhas mãos mutilaram e assassinaram em realidades nas quais eu não deveria existir.

— Saia, Efra — eu disse, cansada. — Ou talvez eu não espere até ficar louca por magia para te matar.

Ainda pensativo, Efra saiu. Apertei a túnica em volta as pontas do meu cabelo e usei o resto da minha energia para voltar para a cama.



Eu estava esperando que o mundo acabasse. Na verdade, estava me preparando para isso.

Eu apenas não esperava que terminasse na manhã seguinte.

Maia irrompeu na sala Aada, para onde eu havia fugido depois do café da manhã, com o rabo de cavalo torto e as bochechas coradas.

— Mawlati — Maia engasgou. — Tem, ahn... Nawar cavalgou na frente para nos avisar... isto é, precisamos nos preparar para uma chegada. Duas chegadas, na verdade.

Lateef e eu nos entreolhamos, igualmente perplexos.

— Chegadas. — Endireitei-me, deixando cair a missiva que estava lendo sobre os mapas abertos sobre a mesa. Um medo nebuloso formou um nó na base da minha espinha.

— Que chegadas, Maia? — Lateef perguntou.

Olhos cheios de culpa e incerteza encontraram os meus, e fiquei tensa.

Não. Não era possível. Eu tinha dito centenas de vezes que eles nunca deveriam trazê-lo para as montanhas. Maia e Lateef se assustaram

quando a borda da mesa rachou sob minhas mãos. Minhas veias estavam rígidas sob minha pele, brilhando com minha fúria.

Eu poderia matá-los. Eu poderia realmente matá-los.

— Ele está aqui? — forcei a voz, com a garganta dolorida pelo esforço de engolir o grito que eu queria soltar. — Eles o trouxeram para cá.

— Nawar só nos disse que ele havia sido capturado na borda da montanha com um de seus guardas. Não sei mais nada — disse Maia, parecendo genuinamente arrependida. — Vim lhe contar imediatamente.

Eu estava furiosa demais para agradecer. Maia saiu do meu caminho quando saí furiosa da sala, e corri pelos corredores.

Ele estava aqui. Ele estava aqui, ele estava aqui, *ele estava aqui*.

Minha abaya azul esvoaçava atrás de mim, abrindo-se em volta da minha calça preta. Um gargalo de corpos se aglomerava na entrada do enclave, ombros se chocando enquanto as pessoas se esticavam para espiar a porta.

Inacreditável. Desobedecer à minha ordem mais importante não bastava; eles precisavam estar ali para obter as provas.

— Todos vocês... fora! — rugi. Cabeças se viraram, encontrando-me no fundo da multidão. Meus punhos tremiam ao lado do corpo, com as unhas cravando-se nas palmas das mãos para conter a minha magia. — Vão para os seus quartos e fechem as portas. Ninguém sai sem minha permissão.

Por um longo minuto, nada aconteceu. Eu não estava apoiada por Lateef nem cercada por Namsa e Maia. Desta vez, era a minha palavra – a minha autoridade – por si só.

Você poderia forçá-los a ouvir. O sussurro se enroscou como vapor de uma chaleira em volta da minha raiva, esfriando-a em cristais afiados e me destruindo por dentro. *Poderíamos fazê-los se arrepender do dia em que zombaram de você.*

A náusea tomou conta de mim enquanto a minha magia me mostrava precisamente o que poderia ser feito com os Urabi reunidos no enclave. Como eu poderia fazer o teto desabar sobre eles com um único movimento da mão. Como poderia pressionar as palmas das mãos contra a parede e envolvê-los em chamas, observando-os gritar e se chocar uns contra os outros como formigas em um buraco.

Pressionei as minhas costas contra a parede. A pedra fria penetrou na minha pele superaquecida e, com grande esforço, afastei as imagens para o fundo da minha cabeça.

— Com a sua permissão, Mawlati — disse a Visionista chefe, fazendo uma breve reverência. Ela passou por mim, com o resto de sua comitiva se esgueirando logo atrás.

Um por um, o corredor foi se esvaziando, até que apenas Maia, Sefa, Marek e Lateef permaneceram.

Duas mãos grandes agarraram os meus ombros. Marek me segurou com os braços estendidos, uma expressão indecifrável.

— Este é o seu domínio, Malika Essiya. O que você desejar que aconteça, acontecerá.

— Eu... — Eu ia vomitar. Não sabia o que fazer. Por que, *por que* Arin tinha vindo aqui?

A porta chacoalhou, silenciando-nos. A batida veio: três batidas fortes, seguidas de duas rápidas.

— Essiya? — Maia perguntou. — Você quer atender?

Eu não conseguia me mexer. Meu coração acelerava febrilmente, batendo contra as minhas costelas.

Quando meu silêncio petrificado continuou, Lateef abriu a porta com violência, protegendo o rosto enquanto uma frente fria e violenta se aproximava.

Namsa chegou primeiro, esfregando as mãos. O vento havia deixado suas bochechas vermelhas, e eu queria poder dar outro tapa

nelas. Eu o faria, se pudesse recuperar o controle sobre meus membros.

Olhos cheios de culpa imediatamente se voltaram para mim, e Namsa falou depressa:

— Mawlati, entendo que você queria manter o Comandante longe dos Gibal. Pretendíamos honrar os seus desejos, mas... ele tinha provas convincentes de que deveríamos trazê-lo vivo até você. Ele não foi seguido. Nós verificamos. Deixamos Asim e George em Essam para garantir que ninguém tente rastreá-lo até nós.

Ela se encolheu com a minha risada amarga.

— Sim, porque o Herdeiro de Nizahl, um homem que conhece cada árvore, esquilo e poça d'água em Essam, de repente apareceu bem na frente do nosso perímetro sem nenhum reforço. Que evidência seria convincente o suficiente para você trazê-lo aqui contra as minhas ordens? — Abri os dentes com dificuldade. — Você o chama de Serpente Prateada, pelo amor de Sirauk. Com que frequência uma serpente se esgueira direto para a rede de um caçador?

A boca de Namsa abriu e fechou. Meu pescoço se arrepiou. O ar na sala mudou, e eu o senti antes de ouvi-lo. O mundo se estreitou na sombra alta que se deslocava para o enclave.

— Não acredito que serpentes sejam muito de se esgueirar — disse uma voz suave e dolorosamente familiar atrás de Namsa. — Nós preferimos deslizar.

CAPÍTULO 52



ESSIYA

A chuva escureceu os seus cabelos. A água pingava sobre a linha larga de seus ombros, encharcando a sua capa. Uma venda preta cobria os olhos de Arin, mais uma prova de quão pouco os seus captores o conheciam. A boca de Arin era o verdadeiro perigo. Ele poderia persuadir um pássaro careca a entregar sua última pena, e eles o deixaram sem uma mordaça.

Sua cicatriz parecia mais grave, cortando a sua garganta e mandíbula e desaparecendo nos leves hematomas que coloriam a lateral do seu rosto. Os hematomas que eu havia causado nele na loja do Rory.

Arin entrelaçou os dedos, completamente despreocupado com as cordas que prendiam os seus pulsos. O corredor, tão espaçoso segundos antes, mal parecia capaz de contê-lo.

O poderoso Herdeiro de Nizahl, finalmente capturado.

Efra bateu as botas para tirar a chuva atrás de Arin, espremendo-se em volta de Lateef para me olhar com cautela.

— Ela está com muita raiva? — perguntou ele com o canto da boca.

Namsa balançou a cabeça. Outra figura vendada apareceu atrás de Arin. Eu já tinha visto uma cabeleira tão robusta em um homem, e apenas em um homem.

— Jeru! — exclamou Sefa. Ela correu em direção ao guarda, mas Efra estendeu o braço.

— Ele é um prisioneiro da Malika. — Efra lançou um olhar de desgosto a Jeru. — Mantenha distância.

Ouvi Marek chamar meu nome, mas não me virei. Não conseguia

me concentrar em nada além de Arin, que permanecia imóvel como a própria montanha. Arin, que não conseguia entrar em uma sala sem visualizar todos os métodos potenciais de assassinato, fora deixado vendado e amarrado em um corredor com Jasadis. Eu esperava ver tensão. O franzir de sua testa enquanto ouvia as vozes e contava quantas pessoas estavam na sala. O arrastar cuidadoso de sua bota no chão, testando se havia terra ou cimento.

Ele não fez nada disso. Arin apenas ficou ali, e foi uma das coisas mais assustadoras que eu já tinha visto.

— Chega de discussão — exigiu Lateef, e meu olhar se voltou para ele quando se moveu para trás de Arin. — Precisamos conter os recém-chegados e convocar uma Aada para decidir o que fazer com eles. Eles foram revistados?

Namsa balançou a cabeça.

— Não tivemos tempo.

Lateef foi até Jeru.

— Eu o levo.

Antes que Efra pudesse sequer respirar na direção de Arin, dei um passo à frente, interrompendo-o.

— Vou revistar o Comandante.

— Sua magia...

Apontei para as minhas luvas e abaya, depois para o uniforme de Arin.

— Não vou entrar em contato com a pele nua dele. — Eu havia pedido à costureira para criar um bolso em cada peça da minha roupa, projetado especificamente para guardar um par de luvas.

Acho que ouvi Efra murmurar: “Vamos manter assim”, antes de se afastar.

O mundo ficou em silêncio quando me aproximei de Arin.

— Levante os braços para o lado — murmurei.

O que ele estava pensando? O que poderia tê-lo levado a vir às montanhas em minha busca agora? Ele sabia que eu estava ali há meses. Poderia facilmente ter me encontrado em Jasad, com os seus exércitos a reboque. Era imprudente. Tolo. Tudo o que Arin não era.

Arin levantou os braços.

Tentei tocá-lo de forma brusca e eficiente. Efra estaria examinando minhas emoções com um pente fino, procurando qualquer evidência de meus sentimentos pelo Herdeiro. Os Aada me acusariam de parcialidade. Decidiriam o que fazer com Arin sem a minha intervenção, se achassem que eu havia sido comprometida.

Minhas mãos se moveram para os ombros dele. Passei-as pelo seu peito, pelas superfícies firmes da sua barriga, circulando até a parte inferior das suas costas. Ficamos quase peito a peito, perto o suficiente para que sua expiração suave arrepiasse os pelos da minha orelha.

Sem me forçar a dizer isso em voz alta, Arin abriu os pés. Um calor percorreu o meu pescoço, e eu não me demorei enquanto passava pelas suas coxas e panturrilhas.

Endireitei-me e me afastei, olhando para o chão.

— Sem armas.

Lateef assentiu, liberando Jeru.

— Qual era a evidência convincente que o Herdeiro trouxe consigo, Namsa? — Cruzei os braços sobre o peito, apontando o queixo para o Comandante desarmado. — Ou seria outra desculpa?

— Não foi, Mawlati! Ele trouxe...

Efra a interrompeu.

— Podemos discutir o que ele trouxe com o Aada. Fique tranquila, Namsa está dizendo a verdade.

Pela tumba contaminada de Rovial, como eu queria estrangular Efra. Me contentei com uma risada ácida.

— Devo ficar tranquila, não é? O Comandante e seus guardas

chegando sem uma única arma entre eles. Quase como se quisessem garantir que seriam levados vivos para a montanha.

Namsa passou a mão cansada pelos cabelos.

— A decisão de levar os homens foi conjunta.

— Então vocês são todos tolos.

Dei dois tapinhas no ombro de Arin em sinal de aviso antes de colocar as minhas mãos em sua venda.

Efra agarrou meu pulso e me puxou para longe.

— O que você pensa que está fazendo?

Não tive a chance de responder. Ao som do meu chiado de dor, Arin – que permanecera perfeitamente imóvel e sereno até então – se moveu. Antes que eu pudesse soltar meu pulso da mão de Efra, Arin chutou a parte de trás do joelho de Efra e bateu com as mãos amarradas na lateral da cabeça do outro homem.

Demorou segundos. Efra caiu no chão, e eu me lancei na frente de Arin, jogando os meus braços à sua frente enquanto Lateef e Namsa avançavam em direção ao Herdeiro.

— Ele consegue ver! — gritou Efra, agarrando o joelho.

— Ele não pode, tenho certeza — protestou Namsa, mordendo o lábio. — Enrolei a venda em três voltas.

Ainda gemendo, Efra rolou para o lado.

Eu queria chorar de frustração. Era exatamente por isso que eu não queria que trouxessem Arin para cá. Todos me ignoraram, convencidos por Efra de que as minhas emoções haviam obscurecido o meu julgamento, mas as minhas *emoções* queriam o contrário do que eu recomendava. Sabia do que o homem atrás de mim era capaz.

— Ele é o Comandante do reino mais poderoso da terra. Acha que cortar um dos sentidos dele o privará dos outros? Sua audição é melhor do que a de todos nós juntos. Ele ouviu Efra se mover, observou a posição, estimou onde chutar com base na altura de Efra. É por isso que

eu queria tirar a venda dele. Ela não serve para nada. No momento em que você o trouxe para esta montanha, você comprometeu tudo para sempre.

— Então é um alívio não termos a intenção de libertá-lo vivo desta montanha — disparou Efra, rolando para se levantar. Ele caminhou em direção a Arin, e eu me virei em sua direção. Minha magia me inundou mais rápido do que desde a batalha em Mahair. Minha pele se esticou sob as minhas veias rígidas, e o fundo do meu estômago desapareceu.

Atrás de mim, Arin enfim ficou tenso.

— Você vai atacar um homem enquanto ele não pode revidar? — Eu rosnei. Ridículo, considerando que Arin havia esmagado Efra há menos de um minuto, mas o *princípio*...

— Afaste-se, Suraira.

O comando suave roçou o topo do meu cabelo. Inclinei a cabeça para trás para olhar para Arin.

— Não é você quem dá ordens aqui, Comandante — sussurrei de volta.

Jeru deu um passo à frente.

— Achei que os Urabi tivessem regras sobre como tratar os seus reféns — disse ele, razoável diante da tensão crescente.

— Sim. — Olhando Efra com cautela, abaixei os braços. — Namsa e eu os levaremos para as celas.

— Vamos reunir o Aada — disse Lateef, segurando com firmeza o cotovelo de Efra. O homem mais velho conduziu Efra, carrancudo, para o corredor.

Assim que Efra e Lateef desapareceram, um peso saiu de cima de mim.

— Vou tirar a venda dele — disse a Namsa. — Faça o mesmo com Jeru, por favor.

Namsa, sabiamente reprimindo os seus comentários, ficou na ponta

dos pés para alcançar a cabeça de Jeru.

Com os polegares gentis nas maçãs do rosto de Arin, fui tirando a venda apertada centímetro por centímetro. Ela escorregou por cima do cabelo dele, caindo no chão atrás dele.

Cílios prateados se ergueram. Olhos azuis-claros envoltos em sombras encontraram os meus.

— Olá de novo — eu disse.

Seu olhar me percorreu, avaliando-me, e então passou distraidamente por cima da minha cabeça.

Franzi as sobrancelhas. Algo estava errado. Terrivelmente errado. Quando ele não franziu a testa ao ver a venda amontoada no chão ou o rasgo gigante em seu casaco, minha preocupação triplicou.

O que aconteceu depois do Mirayah?

Namsa limpou a garganta.

— Essiya, é melhor irmos. O Aada estará esperando.

Certo. Eu tinha um pouquinho de tempo antes de precisar explicar ao Aada por que sequestrar Arin de Nizahl dias antes de irmos para Jasad para o Nuzret Kamel poderia ser destacado na história como o auge da estupidez humana. Mas se eu fizesse isso, eles iriam argumentar para executar Arin na hora.

Eu não segurei Arin como Namsa segurou Jeru enquanto caminhávamos. Ele não tentaria fugir. Já tínhamos dado a ele o que ele queria.

Mas eu estava começando a pensar que o que ele queria talvez não fosse exatamente o que eu pensava.

A escuridão nos envolveu no topo da escada. Partículas de poeira faziam cócegas no meu nariz, e parei com a mão na parede para espirrar. Balancei a cabeça, amaldiçoando o sedimento geral das montanhas, e esfreguei os olhos lacrimejantes.

Naturalmente, fiz isso enquanto descia o próximo degrau, e meu

calcanhar escorregou direto na borda do degrau.

Bati contra uma parede sólida de músculos, salvando-me de cair da beirada da escada sem corrimão. O cheiro de tinta e chuva inundou o meu nariz. Inclinei a cabeça para trás; para agradecê-lo, ou talvez para avaliar os seus pensamentos sobre a ineficiência da arquitetura das montanhas.

Mas assim que me firmou, Arin deu um passo para trás, colocando distância entre nós. Mais uma vez, ele olhou fixamente por cima da minha cabeça.

A centelha de preocupação se transformou em chama. Olhei para Jeru, esperando uma resposta, mas o guarda manteve a cabeça baixa.

Seguimos para as celas sem maiores incidentes. Colocamos Jeru em uma cela normal, e Namsa insistiu em colocar Arin na cela da extrema direita.

— As grades são protegidas. É a nossa cela mais segura.

— Tire as algemas de Jeru. Eu levarei o Herdeiro para sua cela.

Namsa olhou para Jeru, incerta. Suspirei.

— Jeru, você atacará Namsa se ela te soltar?

Ele piscou.

— Não.

— Pronto. Namsa, você tem magia, e ele está espancado e exausto. Se ele conseguir vencê-la, então você merece perder.

Com uma risada, Namsa acenou para mim e sacou uma faca para cortar as cordas de Jeru.

Arin e eu contornamos a esquina. Assim que desaparecemos da vista de Namsa, eu me virei, agarrei seu casaco e o puxei contra a parede. Ele não resistiu, ficando completamente mole contra mim.

— O que você está fazendo aqui? — sibilei. — Tenho que entrar em uma sala e passar boa parte do meu dia convencendo-os a não te matar. Sabe quanto tempo leva para persuadir uma montanha cheia de Jasadis

de que seu pior inimigo deve ser poupado?

Arin deu de ombros. Por um segundo, achei que seu ombro estava caindo, de tão desprevenida que fiquei com aquele movimento preguiçoso.

— Então poupe-se do trabalho e deixe-os fazer o que bem entenderem.

Examinei o seu rosto, completamente perplexa. O que ele estava fazendo? Achei que entendia as regras do nosso jogo, mas isso... eu não via o propósito, o objetivo.

Meu tom mudou para um tom lamentoso.

— Arin, o que houve?

Era a pergunta errada. Uma dor de tirar o fôlego se rompeu nos olhos que ele fechou rapidamente. Ele se desvencilhou do meu aperto como um tigre espanta uma mosca.

— Só me leve para a cela. Por favor.

Olhei para ele, com a dor crescendo no meu peito. Namsa apareceu no instante seguinte, impedindo-me de formular perguntas mais sensatas do que "*o que aconteceu com você?*", "*quem fez isso?*" e "*onde posso encontrá-los?*".

— A cela é logo ali em cima — disse ela, mais uma vez exercendo a sabedoria ao ignorar a tensão óbvia. — Vamos?

Arin a seguiu sem sequer olhar em minha direção. Enquanto eu franzia o cenho para as suas costas largas, a minha atenção se voltou para o chão. Um retângulo dobrado jazia onde eu havia jogado Arin contra a parede. Deve ter escorregado do casaco dele.

Pelos Awaleen abaixo, eu tinha feito um péssimo trabalho ao revistá-lo.

Eu o peguei, desenrolando-o com cuidado enquanto alcançava Namsa e Arin. Assim que ele entrou entre as três paredes, barras alternadas de prata e ouro se fecharam, e as proteções começaram a

irradiar calor.

— Excelente. — Namsa esfregou as mãos nos quadris. — Deveríamos nos apressar.

Eu não a ouvi. Eu não teria ouvido se ela tivesse me puxado para baixo e gritado diretamente no meu ouvido. O barulho encheu minha cabeça, um zumbido alto ficando cada vez mais alto quanto mais eu olhava para o retrato.

— Namsa — eu disse, surpreendentemente serena. — Já esgotei a sua boa vontade. Saiba que aprecio a sua paciência. Vou fazer uma última exigência e pedir que me espere no topo da escada. Só um minutinho.

— Por favor, apresse-se — suspirou Namsa. — Um minuto, Essiya.

Ela olhou desinteressadamente para o retrato em minhas mãos e foi embora.

Os olhos eram exatamente como eu me lembrava. De um azul arrepiante, a cor da geada se espalhando sobre a água corrente. Seus cabelos negros estavam longos e sedosos nesta foto, ondulados em vez de curtos e desfiados. Ela parecia majestosa. Realeza. A mulher que ela poderia ter se tornado se eu não a tivesse arruinado.

Amassei o retrato, lutando contra a vontade de rasgá-lo em pedaços. Uma soma de pinceladas e respingos de água. Tudo o que era preciso para dar vida a um pesadelo.

Respirei fundo, tentando acalmar as minhas mãos trêmulas. Talvez ele tivesse uma explicação racional. O que eu estava pensando? É claro que tinha. Elas eram a especialidade dele.

— Por que você tem uma pintura de Hanim no seu casaco?

CAPÍTULO 53

ARIN

Tudo estava indo conforme o planejado até que ele a viu.

O medo transparecia em suas feições ao tirar a venda da cabeça dele. Ele podia contar nos dedos de uma mão o número de vezes que vira Suraira com medo, e a consternação por ter causado isso foi a primeira coisa que o atingiu desde que ele caiu no vazio, doze dias atrás.

Ele não deveria ter trazido o retrato. Deveria tê-lo queimado ou jogado em Hirun a caminho daqui. Se tivesse feito isso, o retrato jamais teria tido a chance de lhe dar aquela expressão de sofrimento. Antes que pudesse se defender, a lembrança forçou passagem pelas defesas de Arin. Essiya de joelhos, com os pulsos amarrados do outro lado da árvore, enquanto Hanim erguia um chicote em suas costas nuas.

Hanim, mãe de Arin. Hanim, algoz de Essiya.

Afundando no chão, Arin encostou a cabeça na parede.

— As cartas que você deixou comigo foram úteis. Talvez mais úteis do que você esperava.

— Você está falando da confissão de Binyar Lazur? — Essiya caminhou em direção às grades, envolvendo a mão em uma de prata. — O que isso tem a ver com o retrato de Hanim?

— Uma vez você me perguntou se meu cabelo era preto quando eu era criança.

Essiya esfregou a palma da mão no olho.

— Sim, você disse que era preto até o musrira te amaldiçoar.

— Não, não por causa da musrira. — O frio que vinha do chão o invadiu. Ele mal o sentia. Contanto que não olhasse para ela, não sentia quase nada. — Porque eu não teria sobrevivido se ele tivesse esperado

até eu completar quatro anos.

Ela permaneceu em silêncio, claramente esperando que ele explicasse. Como não o fez, ela soltou um suspiro irritado.

— Arin, às vezes gosto do seu jeito enrolado de falar, mas hoje não é um desses dias.

Ele se encolheu ao som do próprio nome. Era um poder terrível que ela possuía; o poder de tornar Arin real. Arrancá-lo da cabeça e ancorá-lo à existência, pele e ossos, e os horrores entre eles.

Ele podia vê-la formulando o seu nome mais uma vez. Não podia deixar que saísse dos seus lábios.

— Não me pareço muito com ela agora, mas fui parecido com minha mãe até os dois anos de idade. Minha mãe verdadeira. — O olhar de Arin se voltou para o retrato amassado.

Ela não reagiu – não a princípio. A Malika de Jasad olhou para Arin com os olhos semicerrados, como se esperasse por algo. Como isso não aconteceu, Essiya cambaleou para longe das grades. Observar a verdade detonar através dela, despedaçando-a ao longo do caminho, ameaçava o vazio mais uma vez.

Ele não estava em condições de falar com ela. Qualquer coisa que dissesse só lhe traria dor.

— Hanim não poderia ter sido sua mãe. Ela era uma Jasadi. Rawain não teria... ele odiava... — A poeira inundou o ar quando ela caiu de joelhos, as pernas dobrando-se sob o corpo. As peças que ele havia juntado estavam se encaixando para ela também.

Ela balançou a cabeça, falando atordoada.

— No terceiro teste, Soraya me mostrou uma visão da queda da fortaleza. Soraya perguntou a um dos Mufsids por que Hanim pensaria que Rawain permitiria que ela assumisse o trono de Jasad. Por que ela arriscaria destruir a fortaleza para os exércitos de Nizahl.

Ela pressionou as mãos contra a barriga, com lágrimas nos olhos.

— Era você. O filho dela. Ela acreditava que Rawain lhe daria o trono de Jasad porque eles compartilhavam um Herdeiro. Ela deu a Soraya o encantamento errado de propósito.

Essiya ergueu a cabeça para encarar Arin, e ele se forçou a não desviar o olhar. Ela merecia mais do que o vazio. Ela poderia ter o que quisesse de Arin enquanto ele ainda tivesse para dar, e ele não a negaria.

— O filho de Hanim. — Ela emitiu um som entre um suspiro e uma risadinha. — Não é de se espantar que ela me odiasse tanto. Rawain levou *você*, e ela ficou presa a mim. Ela estava vendo você ascender ao comando de dezenas de homens por dezesseis anos, e eu era uma Herdeira sem trono, sem magia e com a mente quebrada. Eu jamais poderia agradá-la, porque ela estava me comparando a você. Rawain levou o filho dela. Ele tinha o futuro dela, e ela só tinha o seu monstro.

Ela colocou o cabelo atrás da orelha. Finas veias douradas e prateadas serpenteavam pela lateral do pescoço, desaparecendo na túnica.

— Vou morrer reerguendo a fortaleza que Hanim derrubou. Eu a matei, e ela vai me matar. Ela queria a nossa linhagem fora do trono, e a linhagem queima comigo.

O olhar de Arin desviou-se das veias do pescoço dela.

— Erguer a fortaleza?

— Mawlati! — O chamado ecoou do outro lado das celas.

— Não se preocupe. — Essiya se levantou, a metade inferior de sua abaya coberta por uma camada de pó bege. — É um bom plano. Você vai gostar da simetria dele. Eu vou morrer, mas minha magia também.

Ela riu mais uma vez, com os dedos apoiados na parede enquanto caminhava em direção à voz da outra mulher.

Tenho medo de ter que escolher: minha mente ou meu povo.

Arin a encarou, imóvel. Sem rumo.

E quando sete homens zombeteiros entraram em sua cela algum

tempo depois, Arin não resistiu.

CAPÍTULO 54



ESSIYA

A visão do cetro de Rawain jogado sobre uma almofada no meio do chão, com a mão decepada de Rawain ainda presa, fez maravilhas para melhorar o meu humor.

Bufei, sombriamente divertida. Bem, pelo menos eu entendia como Arin conseguira persuadi-los a levá-lo para a montanha. Roubar o cetro do Supremo era um argumento convincente por si só, mas junto com a mão ainda algemada?

— Ele mente sobre ter sangue Jasadi. Nós saberíamos. Alguém o teria visto fazer mágica quando criança — argumentou Efra. Eles estavam andando em círculos há horas. Eu lhes contei o que Arin disse sobre Hanim e assisti à implosão de longe.

— Quando o teríamos visto usar magia, Efra? A Malika disse que ela foi arrancada dele aos dois anos de idade. — Maia havia se posicionado firmemente ao lado de Arin.

Namsa mordeu o lábio.

— E a sensibilidade dele à magia? Não é natural, e sabemos que não poderia ter sido uma musrira.

— Maldições eram mais uma especialidade dos Lukubi — concordou Lateef. — Sustentá-las é um trabalho árduo e exige que o conjurador gaste magia durante toda a duração da maldição. Uma maldição fracassada teria matado o musrira *e* sua vítima.

Eles continuaram a girar. Eu deveria ter participado da conversa, analisando teorias junto com eles. Não deveria estar sentada no canto como uma criança, segurando meu estômago enquanto afundava nas

areias de uma crise diferente.

O filho de Hanim. *O filho dela*.

Tentei ver as semelhanças e, para a minha tristeza, elas surgiram prontamente. A queda sedosa dos cabelos dela, o formato afilado do maxilar dele. Sua tendência a concentrar-se. Sua mente estratégica.

Pensei nos sonhos que tive depois que Soraya me esfaqueou no Palácio de Marfim. Isra bloqueava o caminho de Rawain no quarto do bebê, onde um bebê de cabelos negros dormia em seu berço.

Ele não vai sobreviver. Por favor, Rawain, você tem que esperar.

O que te importa o que acontece com meu filho?

Ele é meu assim como é seu.

Apertei os nós dos dedos contra o queixo, forçando-me a não emitir os sons que se formavam dentro de mim. A histeria não ajudaria ninguém.

Eu matei a mãe de Arin.

Lateef pigarreou.

— Mawlati, você se lembra de quando me perguntou a diferença entre drenar magia e transferi-la?

Foco. Eu precisava me concentrar. A vida de Arin dependia do meu sucesso nesta sala. Se eu me desintegrasse, a minha autoridade iria junto.

Obriguei-me a pensar através da névoa.

— Você disse que a única pessoa capaz de sentir e drenar magia era Fareed. Você disse que os Awaleen lhe deram essa habilidade de proteger os reinos contra abusos de magia.

— Isso mesmo! — disse Lateef, e eu não pude evitar um pequeno sorriso diante do tom de satisfação em sua voz. — Lamento a minha formulação... não foi totalmente precisa. Veja bem, os Awaleen não *deram* a Fareed uma habilidade, mas sim a retiraram. Eles retiraram a sua magia e a ancoraram em suas armas, para que qualquer magia que ele drenasse fluísse para as duas espadas que sabemos serem o símbolo de Nizahl.

Resumindo, transformaram Fareed em um canal.

Olhei para Lateef.

— Você está querendo dizer que Rawain retirou a magia de Arin e a usou como um funil para puxar magia para alguma espada?

— Não é uma espada.

Todas as cabeças se voltaram para o cetro.

— Como? — Namsa perguntou com a voz rouca. — Só os Awaleen conseguem criar um canal sem matar o alvo pretendido.

A confissão irritada de Arin a Wes no dia em que me manifestei em Essam. Ele devia estar falando sobre as minas mágicas.

Não consigo descobrir onde estão. Passei dias vasculhando os meus mapas, mas eu os teria sentido. Eu deveria tê-los sentido.

— Se Rawain tivesse trocado a magia extraída de Jasad, e se Nizahl tivesse armazenado o suficiente dela de seus séculos de comércio... — Olhei para Lateef. — Seria poder suficiente para criar um canal sem matá-lo?

Lateef empalideceu.

— Eu... é possível. Só se o sujeito for muito jovem.

Eu não teria sobrevivido se ele tivesse esperado até eu completar quatro anos.

Arin era um canal. O que significava que ele não só nos trouxera o cetro de seu pai, como também nos trouxera a fonte de sua magia.

— A linhagem da Serpente Prateada não tem importância — interrompeu Efra. — Temos quatro dias até partirmos para Jasad. Sua presença garante que a nossa rota ficará comprometida, já que todos os soldados de Nizahl sob o sol estarão à sua procura. Ele não só é perigoso demais para que o seu destino seja deixado ao acaso, como também cortou a mão do Supremo e roubou o cetro. Será tachado de traidor da coroa. Vão querer executá-lo.

Respirei fundo. Executá-lo? Sem dúvida, Arin conseguiria fazer o

conselho de Nizahl entender por que ele agira contra o Supremo. O que Rawain fizera violava todos os princípios das leis de Nizahl.

Respirei fundo. Era ali que o teste aconteceria. Onde eu descobriria se os últimos dois meses me haviam rendido alguma boa vontade entre o meu povo, ou se eu seria para sempre a Herdeira que os decepcionou.

— Acho que o Herdeiro de Nizahl nos ajudará.

Várias cabeças se voltaram em minha direção, nem todas amigáveis.

— Nos últimos dez anos, Arin de Nizahl tem sido nosso inimigo — eu disse. — Desde o momento em que assumiu o título, aos dezesseis anos, ele lutou contra a magia. Com cada fibra do seu ser, acreditava que a magia levava à destruição e à morte. *Loucura mágica*, nos diziam. A magia custava a sanidade. Estávamos destinados a repetir a carnificina que Rovial infligiu à Terra. A maldição do nosso Awal era a nossa maldição. — Levantei a mão para afastar o protesto que eu já podia ver se formando no rosto de Efra. — Não digo isso para defender o Herdeiro de Nizahl. O que ele fez, carregará pelo resto da vida. Vivemos aterrorizados por seu poder, por sua mente. Mas aqui, temos a oportunidade de usar esses mesmos terrores contra os nossos inimigos. O Comandante nos trouxe o cetro do Supremo. A mão de seu próprio pai. Efra acabou de dizer: se ele for capturado por Nizahl, será considerado culpado de traição e executado. Ele não tinha nada a ganhar e tudo a perder vindo para cá, e mesmo assim veio. E se veio para recuperar sua magia? Para se juntar a nós? Ninguém conhece a geografia desses reinos melhor do que ele. Os pontos fracos nas rotas comerciais sobre os quais discutimos há dias? Ele provavelmente os encontraria dormindo.

Eu acreditava no que estava dizendo, mas mesmo enquanto falava, uma parte de mim se mantinha firme, em dúvida. Quando Arin fez um movimento, significava que já havia mapeado doze movimentos à frente. Qual era o plano dele para vir até aqui?

— E se decidirmos que ele é uma ameaça grande demais para ser

mantido vivo? — Efra recostou-se na cadeira, de braços cruzados. — Você acataria nossa decisão de executá-lo?

Você errou ao dar a eles uma decisão no início, sussurrou a minha magia. *Este é o seu reino. Seu trono.*

Ela me mostrou uma visão de Efra voando de volta para a parede. Seus ossos quebrando na colisão, a forma anormal como os seus braços e pernas se dobravam sob ele enquanto caía.

Efra pressionou dois dedos na têmpora, o escárnio se transformando em desconforto. Ele sentira aquilo; a presença da voz. Se ao menos pudesse ouvir o que ela dizia, o que queria. Talvez pensasse duas vezes antes de sugerir a execução de Arin de Nizahl.

— Claro — eu disse.

Se o matassem, eu enterraria esta montanha no mar.

— E se ele te enganar? — perguntou Maia, me encarando com olhos castanhos sinceros. — E se tudo isso for parte de um plano maior?

Desta vez, respondi honestamente:

— Então eu mesma o matarei.



Quando a reunião finalmente terminou, não fui para o refeitório com os outros.

Por mais que eu quisesse trocar de roupa, não podia arriscar passar no meu quarto. Marek e Sefa, sem dúvida, estavam de vigília lá, esperando para me atacar com perguntas que eu tinha passado as últimas quatro horas respondendo.

No corredor vazio, tirei as luvas e limpei as palmas das mãos nas coxas antes de calçá-las de novo. Como Arin suportava usar luvas o tempo todo?

Acenei para Shawky, o guarda que eles designaram para as celas.

— Mawlati? — Shawky se mexeu sem jeito, sem sair da frente da porta. — Você não vai jantar?

Levantei uma sobrancelha. Shawky não tinha falado comigo nenhuma vez desde a minha chegada. Era um amigo próximo de Efra, pelo que percebi.

— Ainda não. Estou verificando os prisioneiros.

Shawky permaneceu no mesmo lugar, coçando a gola com uma indiferença estudada.

— Talvez seja melhor comer primeiro.

Apertei os olhos.

— Saia da frente.

O guarda demorou muito para se mover, então o empurrei para o lado e forcei meu caminho até a escada mal iluminada, descendo dois degraus de cada vez. Nenhuma piscada dissipou o manto de escuridão que cobria o corredor, e me chutei por ter esquecido de pegar um lampião. Com um impaciente giro de pulso, uma chama surgiu na minha palma.

Meu peito doeu; Medhat tinha me mostrado como fazer isso.

Cheguei primeiro à cela de Jeru. O guarda tinha a cabeça entre as mãos e os ombros encolhidos. Joguei a chama em uma das tochas que ladeavam o corredor sombrio, mas ele não reagiu ao clarão da nova luz.

— Jeru. Você está ferido? — Falei baixinho, para não assustá-lo.

Ele ergueu a cabeça. Lágrimas haviam deixado marcas claras em suas bochechas cobertas de poeira.

— Eles não entraram na minha cela. Acho que queriam que eu ouvisse.

Eu cambaleei para trás. Eles?

Desci correndo pelo resto das celas vazias e virei à direita. No final do corredor, ouvi:

— Alguém verifique o pulso.

Não conseguia me lembrar da última vez que corri tão rápido. Talvez na noite em que matei o soldado de Nizahl, quando corri de volta para Mahair e trouxe Sefa e Marek para me ajudar a enterrar o corpo. Possivelmente nem naquela ocasião.

Eu parei derrapando em frente à cela de Arin. Sete homens se aglomeravam no pequeno espaço, inclinados sobre a figura imóvel no chão. Havia sangue espirrado em seus sapatos e roupas. Nada era deles; nenhum homem tinha um único arranhão.

No chão, Arin permanecia imóvel.

O vermelho nublou a minha visão. Entre um piscar de olhos e outro, cada veia do meu corpo se incendiou em chamas. Mas os homens só viram a magia rodopiando em meus olhos antes de se verem arremessados de volta contra a parede, seus corpos presos por uma força invisível contra a pedra cinzenta.

Caí de joelhos ao lado dele. Minhas mãos pairavam inutilmente, tentando avaliar os danos. Eles haviam quebrado seu braço direito. Sem dúvidas rachado suas costelas, a julgar pela respiração ofegante. Seu rosto – seu lindo rosto mal curado – estava completamente destruído.

Eu gentilmente tirei uma mecha de cabelo de um corte em sua testa. Arin poderia ter desmontado todos os homens nesta cela com os olhos vendados e uma mão amarrada nas costas. Eu o vi cortar um enxame de soldados Omalianos podres pela magia como se estivesse escovando o cabelo.

— Ele não reagiu — sussurrei. Aquilo ecoou na minha cabeça, reverberando através do meu choque até se transformar em um rugido. Minha magia ansiava por libertação, e eu não resisti. A onda de poder acalmou a dor que uivava em meu peito.

Ele não reagiu.

Levantei-me devagar, com as palmas das mãos abertas ao lado do

corpo. Os homens imobilizados se contorciam contra a parede. Indefesos. Patéticos.

— Vocês atacaram um refém em sua cela. Sete contra um. Quando viram que ele não estava revidando, o que pensaram? Que teriam uma bela história sobre encurralar o Herdeiro de Nizahl para contar às suas esposas? Reconheço como deve ser difícil para vocês excitarem suas mulheres na cama, mas essa história não termina bem para vocês. Na verdade, essa história acaba com vocês.

Coloquei dois dedos na garganta do primeiro homem. Seus olhos se arregalaram, os seus membros se contraíram de forma anormal.

— Hmm. — Inclinei a cabeça, o brilho dos meus olhos iluminando as suas feições pálidas. — Quanto tempo leva para uma língua derreter? Vamos descobrir juntos.

Os gritos do ruivo ecoaram pela cela até se transformarem em um gemido gutural. Sua cabeça pendeu para a frente enquanto ele desmaiava, com sangue escorrendo por entre os lábios entreabertos.

O próximo homem começou a gritar antes mesmo que eu o tocasse. Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Ora, ora. Não precisa de drama. — Bati em seu nariz. Sua pele começou a ondular, sua carne se esticando em bolhas grotescas sob a pele.

As bolhas estouraram e formigas saíram das feridas que vazavam e atingiram os olhos, o nariz e os ouvidos do homem. Ele se engasgou com elas enquanto tentava gritar.

— Quantas formigas são necessárias para roer da pele ao osso? São tantas perguntas que estamos respondendo hoje.

Eu tinha acabado de me mover na frente do terceiro quando um braço forte envolveu a minha barriga. Arin se levantou do chão, seu peito pesado contra minhas costas. Ele me puxou para longe do homem.

— Pare com isso. — Abatido, quase inaudível.

— Mas estamos nos divertindo muito — insisti. — Não é mesmo, senhores?

O segundo homem gritou outra vez, e as formigas aproveitaram a oportunidade para inundar a sua boca pela segunda vez. Tsk. O que eu disse a ele sobre teatralidade?

— Suraira. Chega.

Arin cambaleou, o braço em volta da minha barriga apertando por um motivo diferente. Segurei a sua cintura, esquecendo imediatamente de qualquer coisa além do Herdeiro ferido em meus braços.

— Arin?

Eu o segurei com força para impedir que sua cabeça batesse na parede enquanto caíamos no chão. O braço em volta de mim nunca relaxou, mantendo-me firmemente pressionada ao seu lado. Nós caímos em uma pilha.

— Você não revidou — eu disse, e a resposta saiu curta e infantil. — Por quê?

— A magia deles foi drenada... assim que a pele deles entrou em contato... com a minha. — Ele engoliu em seco, com a garganta se esforçando para reunir as palavras. — A magia deles foi para o cetro.

"Deixe-os... — Ele parou para respirar, o mesmo som horrível de chocalho acompanhando a ação. — Ir.

Eu fervia de raiva. Eles não mereciam sair daquela cela inteiros e intactos.

— Eles drenaram a magia quando te atingiram... tudo bem. Que diferença faz? — Recuei quando um pensamento repentino me ocorreu. — Por favor, não diga que você permitiu que eles te atacassem por um senso de *justiça*. Arin, eles estariam em desvantagem com ou sem a magia amaldiçoada pelos túmulos!

Arin ergueu as sobrancelhas em silêncio, sem ceder.

— Deixe-os ir.

Olhamos um para o outro com raiva. Por fim, virei a cabeça em direção aos homens imobilizados, meu olhar fixo neles.

— Lembrem-se disso. Esta é a misericórdia do homem que vocês brutalizaram. É por causa dele que as suas vidas não acabarão nesta cela.

Acenei, liberando-os de suas imobilizações. Eles saíram correndo, empurrando uns aos outros na pressa. Um deles parou para carregar o primeiro homem inconsciente sobre os ombros.

— Pelo menos aquele com as formigas perdeu uma camada decente de pele — eu disse, mal-humorada.

Arin tossiu, mas talvez estivesse tentando rir.

— Quanto resta da língua do primeiro?

Eu funguei.

— Só a raiz, espero.

Minutos agonizantes se passaram enquanto Arin recuperava o fôlego.

— Você não pode fazer mal a um Jasadi por mim. Eles vão perder a fé... — Mais um longo momento. Doía vê-lo tentar respirar. — Na sua imparcialidade. Na sua liderança.

Ele havia me impedido de cortar os homens que fizeram isso para *me* proteger?

Isso foi o suficiente. Lágrimas que eu não havia percebido escorreram pelo meu rosto. Cobri o rosto, envergonhada por ser eu quem chorava, enquanto Arin tinha apenas um centímetro de pele intacta.

— Você não deveria gastar as suas lágrimas comigo.

— Elas são suas de qualquer maneira, seu idiota — solucei. Meses de medo e solidão transbordaram de mim, rompidos pela visão de Arin deitado imóvel em poças do próprio sangue. — Por que veio aqui? Eu estava pronta para morrer. Estava pronta para ser honrada, corajosa e abnegada pela primeira vez na minha vida miserável. Eu tinha feito as pazes. Restauraria Jasad, explodiria em chamas e entraria para a história

como uma salvadora em vez de uma covarde. Simples.

— Você não vai morrer.

— É claro que vou! Eu sempre estive destinada a morrer... meu tempo foi emprestado desde a Cúpula Sanguinária. Tenho tentado ser corajosa. Ser como *você*... mas aí você chega aqui e me faz querer ser egoísta. Me faz querer ser covarde. — Limpei o nariz na manga. — Você me faz pensar que tenho escolha.

— Olhe para mim, Suraira.

Levantei os meus olhos inchados. Seu olhar me percorria, focado e intenso. Finalmente, *Arin*, e não qualquer criatura apática que Efra havia trazido.

— Eu poderia passar o resto da minha existência me desculpando com você, mas nunca lamentarei que você tenha sobrevivido. Nem por um único… segundo.

Assim que ele terminou a última frase, seus olhos se reviraram. Segurei-o enquanto ele caía para o lado. Com o mínimo de perturbação possível em seus ferimentos, puxei-o para perto de mim. Seu sangue havia encharcado a minha túnica e coberto os meus braços. As poças de sangue no chão da cela não haviam secado.

— O que é preciso para fazer o Herdeiro de Nizahl finalmente desmaiar? — Tracei a ponta do seu nariz, seguindo-a até uma sobrancelha prateada. — Só perdendo quatro vezes mais sangue do que um homem comum.

Inspirei o máximo que seu peso contra meu peito permitiu e então gritei por Namsa.



Cruzei as pernas na cama, observando o seu peito subir e descer. A

magia do curandeiro o atravessara, então tivemos que incluir remédios não mágicos. A visão de Arin com o braço preso ao peito, hematomas roxos cobrindo-o da têmpora ao queixo, uma infinidade de bandagens sobre o corpo... aquilo me dilacerou. Eu queria voltar no tempo e terminar o que comecei com os seus agressores.

Os agressores, que, em uma deliciosa ironia, agora estavam nas próprias celas. Efra, a contragosto, concordou em colocá-los lá como punição. Eu, pessoalmente, achei que foi um acordo generoso. Eles ficariam nas celas até partirmos para Jasad, e eu me absteria de esfolá-los com uma faca de batata.

Também ganhei Jeru na barganha. O guarda de Nizahl foi transferido para um quarto ao lado do de Marek e Sefa. Mais fácil para os sentinelas, argumentei.

Minhas mãos se contorciam inquietas no colo. As bandagens que o curandeiro colocara nele estavam impregnadas de magia suficiente para curar um exército. A esperança era que, em sua condição atual, ele a drenasse devagar o suficiente para que a magia tivesse a chance de curá-lo antes que desaparecesse.

Eu não faria bem a nenhum de nós dois ficando sentada e me preocupando. Atravessei o quarto em silêncio, colocando uma abaya preta e esvoaçante sobre os ombros. Fechei a porta atrás de mim e afaguei a cabeça de Niseeba. Eles a encontraram gritando do lado de fora da montanha, pulando pela porta por onde Arin havia entrado, e ela não se acalmou até que eu a trouxe até ele.

— Mantenha-o seguro para mim — murmurei.

O guarda na porta de Jeru se afastou assim que me viu, o que foi um excelente lembrete de que eu precisava encontrar Shawky e jogá-lo nas celas com os seus amigos inúteis.

Abri a porta, aliviada ao encontrar Jeru completamente acordado. Ele estava sentado na cama, com as costas apoiadas na parede, uma

perna esticada e a outra encostada no peito. Sua bandeja de jantar permanecia intocada perto da porta, e eu a peguei ao entrar.

O resto do cômodo apareceu, e soltei um suspiro largo quando vi Marek e Sefa me observando timidamente.

— Vocês dois não podem sair do quarto! Como passaram pelo guarda?

Sefa apontou para Marek imediatamente.

— Ele disse a eles que você nos enviou para ficar de olho em Jeru.

Ignorando a carranca traída que Marek lançou a Sefa, aproximei-me de um Jeru silencioso.

— A agonia existencial é muito mais eficaz com o estômago cheio — aconselhei, deslizando a bandeja para perto dele. Sentei-me na beira da cama. — Além disso, você tem uns vinte segundos antes que Marek tente roubá-la.

— Diga dez — disse Marek.

Jeru não disse uma palavra. Meu Deus, eu já estava no meu limite com homens taciturnos e mal-humorados.

— Ele teve que ouvir os homens espancando Arin até deixá-lo em pedaços — contei a Sefa e Marek. — Eles foram punidos, mas aparentemente Jeru ainda não terminou de se punir.

Jeru soltou o ar, e a ponta do suspiro se curvou em uma risada derrotada. Isso arrepiou os cabelos da minha nuca.

— Ele não revidou.

Franzi a testa.

— Eu sei.

— Você não sabe. Não sabe de nada. — Jeru puxou as pontas dos cachos, que já estavam emaranhados e frisados. — Ele veio aqui planejando não revidar. Ele veio aqui *pronto* para não revidar.

Olhei para Jeru, com algo perigoso estremecendo no fundo da minha cabeça. Ele não podia estar falando sério, como eu pensava.

— Ele veio aqui para restaurar sua magia — eu disse, e enquanto dizia isso, percebi o quão tolo aquilo soava.

Arin não apenas desconfiava da magia – ele a desprezava. Ele levava uma vida baseada na magia, criando horrores indizíveis por onde passava.

Eu queria tapar os ouvidos quando Jeru abriu a boca. Queria enfiar os dentes na garganta dele. Queria fazer qualquer coisa, menos ficar parada, congelada, atormentada pelo horror.

— O Herdeiro veio aqui para morrer.

CAPÍTULO 55

ARIN

Ele abriu os olhos para a escuridão.

Se não fosse pela dor que irradiava por seu corpo, poderia ter confundido a serenidade com a morte.

Arin flexionou os dedos, testando a extensão do dano. Ele se lembrava vagamente de um curandeiro tentando curá-lo mergulhando bandagens em sua magia em vez de despejá-la diretamente nele. Até certo ponto, funcionou; seu braço quebrado estava curado, dolorido, mas não agonizante. Inspirou fundo e as suas costelas mal reclamaram. O curandeiro devia ter usado cada gota de magia à sua disposição.

Que *desperdício*.

A maior parte da magia do curandeiro foi direto para o cetro de Rawain.

Um leve ronco veio do lado direito de Arin. Ele não estava sozinho na cama.

Com os cabelos presos em um coque acima da cabeça e as mãos sob o rosto, Essiya dormia de frente para Arin. Seu robe de dormir largo estava franzido em volta dos joelhos, revelando calças brancas transparentes. Ela havia ido dormir de luvas e um cachecol amarrado no pescoço, o que Arin não imaginava ser confortável.

As lágrimas furiosas dela foram a última coisa da qual se lembrava. Ela não entendia por que ele não revidava. Por que, quando Arin poderia ter desmembrado cada um daqueles homens e empilhado os seus membros em um canto como lenha.

Ele havia considerado. Quando os golpes continuaram vindo, quando as provocações começaram a abrir caminho através do vazio,

Arin quis reagir. Mas a única vantagem deles foi roubada, sua magia desapareceu assim que tocaram a pele de Arin, e Arin era o Comandante. Não era justo. Não era *justo*... sua magia havia desequilibrado a balança.

Essiya se mexeu, os cílios tremulando com um movimento inquieto. Parte dele queria estrangular os tolos que a haviam deixado sozinha em um quarto com ele. Mesmo que ela acreditasse que ele não a machucaria, os outros não tinham motivo para compartilhar o mesmo sentimento. Deixá-la aqui, sem proteção... como eles tratavam com descuido a mulher disposta a arriscar tudo por eles.

Com que descuido *ela* se tratava, dormindo ao lado dele. Total e ridiculamente confiante em sua segurança.

Nenhum pesadelo jamais aterrorizaria Arin tanto quanto a visão dela parada no meio da cela, banhada pela luz dourada e prateada de centenas de veias que cruzavam seu corpo, com os olhos brilhantes salpicados de fúria. Essiya já havia matado antes. Mais de uma vez. Mas nunca o fizera sem se importar com o peso da ação. Se ele não tivesse intercedido, ela poderia muito bem ter ordenado ao terceiro homem que comesse seu amigo e assistido, exultante, enquanto isso acontecia.

Se a minha magia tomar conta da minha mente, você será o único que poderá me impedir.

Em fatias lentas e constantes, a magia de Essiya consumia a sua humanidade.

Arin observou-a dormir por um longo tempo. Contou os cílios negros que repousavam sobre as suas bochechas. Desenhou um mapa entre as hasanas que pontilhavam seu pescoço e queixo. Nos túneis, ele a memorizara como se memorizasse a mecânica de uma arma particularmente perigosa: entendê-la apenas no caso de se voltar contra você. Não se detivera na pulsação que latejava em sua garganta. Na leve irregularidade de suas sobrancelhas onde se arqueavam nas pontas. No modo como os seis fios de seu cabelo pendiam um pouco mais curtos que

os demais.

Naquele momento, sem fósforos e sem se mover, Arin ateou fogo a todos os mapas que já havia criado. Viu o mundo que havia construído – o mundo em que acreditava – virar cinzas, e um novo surgir para tomar o seu lugar. Um mundo que começou com uma garota dormindo ao seu lado e terminaria com ela viva. Era o único mundo do qual se importava em participar. O único mundo pelo qual morreria para garantir.

Arin deslizou as pernas para fora da cama. O tapete roçou em seus pés, assustando-o.

Por mais estranho que parecesse admitir, mesmo na privacidade de sua própria mente, ele havia se esquecido de como era sentir. O calor da cama, a sensação de formigamento no carpete. A pontada dolorosa nos músculos do estômago. Desde a cabana em Lukub, tudo estava em silêncio. Ele se movimentara durante as horas apenas por absoluta necessidade, e se não fosse por essa necessidade, Arin não tinha certeza se ainda estaria ali.

Arin permitiu-se um momento para apreciar a ironia. Ele viera às montanhas para entregar o cetro aos Jasadis e fazer o mesmo que Essiya pretendia ao erguer a fortaleza: usar sua morte para desfazer parte do dano que causara em vida. Matá-lo a absolveria aos olhos de seu povo. Fortaleceria os Jasadis em todos os reinos. Sua Malika perdida, matando o inimigo da magia. Desferindo um golpe debilitante em Nizahl. A morte o encontraria de qualquer maneira, em um cálice envenenado ou em uma cela de prisão, e Arin queria que a sua valesse mais.

Então, na opinião de Arin, foi cruel da parte dele decidir que poderia sentir os tapetes outra vez.

A cama se moveu. Essiya se aconchegou no lugar onde ele estava deitado, relaxando no calor que sobrou.

Arin se esticou no tapete, olhando para as sombras mutáveis no teto.

Esta guerra não acabaria com a vida dela. Não custaria a sua sanidade.

Um peso foi tirado de seu peito quando Arin começou a planejar. Se a sua morte não a salvasse, então o que lhe restava de vida o faria. Ela não ergueria a fortaleza. Rawain não arruinaria Nizahl em sua suposta guerra contra a magia, mesmo sabendo que, se Essiya erguesse a fortaleza, Nizahl não teria esperança de vencê-la. Rawain deixaria de bom grado os Jasadis presos em seu reino enquanto Nizahl perdia cada vez mais filhos para as garras das guerras de Rawain.

Por fim, Arin caiu em um sono agitado. Em dado momento, acordou e encontrou Essiya encolhida ao seu lado no tapete, com a cabeça apoiada na manga dele. Dormindo profundamente outra vez.

Ela o seguiu até o chão. Arin olhou para o teto, dividido entre a exasperação e a diversão. Ele desafiava qualquer um a encontrar uma mulher mais teimosa na Terra. Ele poderia bater os nós dos dedos naquela cabeça dura dela e se afastar com cinco dedos quebrados.

Ele fechou os olhos de novo, a faca cravando-se mais fundo enquanto Arin sangrava e sangrava, e nunca um homem havia encontrado tanta paz na sombra de sua morte.



Quando Arin acordou outra vez, ele estava sufocando.

Erguendo-se com um braço, Arin avaliou o ambiente enquanto lutava para respirar. Um lampião queimava no canto do cômodo. Na penumbra, Arin viu Essiya curvada sobre um balde, com o irritante homem Urabi pressionando sua cabeça sob a água.

Um homem que gritou como um recém-nascido quando Arin rolou e cravou uma adaga em seu ombro.

Arin empurrou o homem para longe e agachou-se ao lado de Essiya, puxando-a para fora da água. Seus olhos estavam semicerrados, luas crescentes prateadas e douradas brilhando descontroladamente sob eles. As veias em seu pescoço se expandiram até o maxilar, curvando-se atrás da orelha e desaparecendo em seus cabelos molhados. Ele levantou a manga dela, lembrando-se apenas de evitar que as suas mãos nuas roçassem sua pele.

Veias. Elas pulsavam por todo o braço dela, formando uma rede brilhante.

— Você precisa colocá-la de volta na água — rosnou o garoto bobo atrás dele. — Ela precisa acordar. A magia dela a controla quando ela sonha.

Ela estava se afogando em sua magia. Tanta magia que Arin – do outro lado do quarto, dormindo – sufocou sob sua corrente.

— Tire a adaga do seu ombro e prepare-se para usá-la. Se eu demorar mais de um segundo ou se meus olhos ficarem pretos, corte minha garganta.

— Corte sua...

— Você não é forte o suficiente para me impedir se a magia dela me dominar — rosnou Arin com o que lhe restava de ar. Só ela seria forte o suficiente para detê-lo, e talvez não tivesse a chance.

Foi uma decadência agridoce, essa escolha. No fim, Arin escolheu a bochecha dela.

Seu polegar nu deslizou sobre a saliência da maçã do rosto dela, e o fogo o envolveu.

CAPÍTULO 56



ESSIYA

Abri meus olhos e vi Efra apontando uma adaga para Arin, que tremia violentamente enquanto tossia sangue no carpete.

Correndo em direção a Arin, mal notei o impacto molhado do meu cabelo ou a água encharcando a gola da minha túnica.

— O que aconteceu? — perguntei. Abracei Arin enquanto as suas costas se curvavam em uma nova crise de tosse. Pelo menos, dessa vez, havia menos sangue.

— Ele... tocou em você. — Efra parecia perplexo demais para se lembrar da hostilidade dele. — Nem mesmo um toque... ele mal roçou sua bochecha com o polegar. Senti sua magia diminuir e então ele só... — Efra gesticulou. — Ele me disse para cortar sua garganta se seus olhos ficassem pretos ou se ele demorasse mais de um segundo, mas ele se jogou para longe de você antes que eu pudesse.

Horrorizada, pressionei a minha testa no centro das costas trêmulas de Arin.

— Ele também me esfaqueou, se você considera isso importante — resmungou Efra. — Você poderia tê-lo avisado sobre as minhas visitas.

Eu ri contra a asa do ombro de Arin. Como ele conseguiu esconder uma adaga durante várias revistas?

Só conseguia imaginar o que Arin teria pensado ao acordar e encontrar Efra enfiando a minha cabeça em um balde d'água. Fechei os olhos, mortificada.

— Quando eu teria tido essa chance? — gemi.

— Seja lá qual for a magia que ele extraiu de você, parece ter

acelerado a magia do curandeiro — disse Efra. — Os hematomas dele sumiram.

Era verdade. Ele não estava com dificuldade para tossir, o que significava que as suas costelas também estavam curadas.

— O corpo dele provavelmente parou de drenar a magia contida nas bandagens porque estava ocupado tentando não se afogar na magia que drenou de mim. Como você pôde deixá-lo arriscar a própria vida desse jeito?

Efra me olhou como se eu tivesse começado a balir como uma cabra.

— Que me importa o que a Serpente Prateada faz com a própria vida? — E então, com um certo desgosto, acrescentou: — A estratégia dele funcionou. Adiou sua magia por tempo suficiente para você retomar o controle.

— Não importa. Há outras maneiras de repelir a minha magia. Esta não será uma delas. Nunca mais. — Não fazia sentido discutir isso com Efra, logo com ele. — Vá cuidar do seu ombro, Efra.

Na porta, parei-o com um lembrete:

— Confio na sua discrição. Esteja ciente de que não aceitarei com bons olhos se minha fé for colocada em dúvida.

Ele revirou os olhos.

— Eles estão esperando que você me esfaqueie desde que chegou. Ninguém vai fazer perguntas.

A porta se fechou atrás dele. A tosse havia diminuído, mas o corpo de Arin estava gelado contra o meu. O que teria acontecido se ele não estivesse usando as bandagens do curandeiro? Se não houvesse magia para curá-lo? Teria sido preciso apenas aquele único toque para que minha magia o matasse?

Por fim, seu corpo relaxou contra o meu. Recostei-me, acomodando a sua cabeça no meu colo. Dobrei a manga da camisa, segurando meu

braço sob seu nariz até que uma lufada de ar quente roçou a minha pele.

Ele me salvou – de novo. Eu quase o matei – de novo.

O Herdeiro veio aqui para morrer.

Tínhamos nove dias até Nuzret Kamel. Nove dias para eu desfazer vinte e seis anos do veneno do Supremo Rawain e provar a Arin que ter magia não era o fim do seu mundo. Tudo o que ele já havia experimentado foi dor e angústia.

Eu tinha nove dias para mostrar a ele que poderia ser muito mais do que isso.



— Para reiterar: você quer que eu pule? — Arin olhou das ondas quebrando contra o penhasco para mim, arqueando uma sobrancelha prateada.

— Não pular. Deslizar. — Gesticulei impacientemente. — Só segure firme.

Esfreguei as têmporas, sentindo-me uma completa idiota. Eu vinha tentando invocar o Sareekh há quinze minutos. Tanto para *você pode me chamar a qualquer hora que precisar*. Até os peixes estavam mentindo nos últimos tempos.

Arin não sabia por que eu o trouxera até ali, só que eu queria que ele visse o resto da montanha. Não havíamos conversado sobre isso ontem à noite.

— Se você está tentando descobrir como me empurrar para o lago, acho que ninguém vai te impedir — disse Arin.

Uma piada. Ele está brincando. Não reaja. Não...

— Inclusive você? — perguntei.

A segunda sobrancelha saltou para se juntar à primeira, no alto da

testa.

Passei a mão pelo rosto e me virei. Não conseguia parar de pensar no que Jeru tinha insinuado: o risco que Arin correra ao me tocar.

Arin segurou o meu braço, me girando de volta. Ele me encarou com crescente descrença, segurando firme quando tentei me esquivar.

— Essiya, eu não vou me jogar deste penhasco.

— Não, você quer que eu faça isso por você. — Eu me soltei. — É tão horrível assim ser Jasadi? Você prefere *morrer* a ter magia?

Os olhos de Arin se arregalaram. Seus lábios se abriram, mas antes que pudesse falar, o chão tremeu sob nós. Água salgada embaçava o ar, ondas enormes batendo contra a encosta da montanha.

— Demorou bastante — reclamei. O mar ondulava enquanto a água escorria ao largo da ilha em ascensão, as escamas do Sareekh brilhando vermelho-sangue sob os raios de sol.

Você convocou. Em voz alta.

Apontei para o Herdeiro de Nizahl e pensei: *Quero mostrar a ele que a magia pode ser bela. Ele sabe pouco do que ela pode fazer além de matar e causar o caos. Me ajude.*

Eu não sou a sua diversão pessoal.

Por favor? Eu canalizei isso da forma mais patética possível. *Não te chamei de forma frívola. Ele é importante para mim.*

Uma vibração longa e sombria. Olhei para Arin. O Herdeiro de Nizahl havia se agachado, observando o Sareekh com admiração e espanto.

— Este é Sareekh il Ma'a — disse ele. A admiração coloriu a sua voz. — Eu li sobre ele quando era criança. As histórias... não lhe faziam justiça. — Ele olhou para mim, e eu teria lidado com a atitude do Sareekh um milhão de vezes se isso significasse ver mais do puro espanto em seus olhos. — Você o invocou?

Eu me balancei, estranhamente tímida de repente.

— Ele gosta de mim. Teoricamente, tenho permissão para recorrer a ele quando preciso, mas estamos discutindo sobre as circunstâncias dessa necessidade.

Ah, tudo bem.

Dois fusos dispararam pelo ar. As gaiolas se fecharam em volta da minha cintura e da de Arin como espartilhos ossudos, nos içando no ar.

Um crédito ao controle férreo de Arin: ele não gritou. Ele não lutou. O Sareekh nos jogou para o lado do penhasco, e a única admissão de estresse de Arin foi ranger os dentes.

Meu cabelo balançava ao vento e eu chutava as pernas com alegria infantil. A coluna vertebral dividida do Sareekh revelava os feixes de ossos pontiagudos, enrolados em botões sob uma camada gelatinosa. Eles se fecharam enquanto puxavam Arin e eu para baixo, deixando apenas os dois conjuntos estendidos de gaiolas ósseas.

— Não tenha medo! — gritei por cima do vento assobiando.

O olhar de Arin se intensificou sob o meu sorriso maníaco. Seu cabelo esvoaçava ao redor dele como uma nuvem irada, e isso só me divertiu ainda mais.

O Sareekh afundou sob as ondas. O primeiro vislumbre de inquietação percorreu Arin enquanto corríamos em direção às águas agitadas. Eu deveria tê-lo avisado do que pretendia fazer. Surpresas não eram a maneira de cativar Arin com magia.

Inclinei-me para a direita e agarrei sua mão, ressentida com as luvas mais do que nunca. Queria sentir a sua pele. Percorrer as veias finas de sua mão com o polegar, acariciando-a suavemente. Ele entrelaçou os dedos nos meus e segurou firme.

Preparem-se.

Caímos na água. Nossas mãos se separaram enquanto submergíamos, afundando a uma velocidade vertiginosa. O choque do frio passou mais rápido que a desorientação, e me esforcei para me

adaptar à escuridão.

Sua magia. O propósito desta excursão encantadora, não é?

Certo. As veias se iluminaram uma a uma enquanto a magia inundava meu corpo. Abri a boca. Bolhas douradas e prateadas flutuavam dos meus lábios. A primeira delas encontrou Arin e quadruplicou de tamanho, fundindo-se para formar uma barreira translúcida ao seu redor. As demais fizeram o mesmo comigo. Nossos peitos se encheram de ar ao mesmo tempo, e eu ri, o som abafado pela água parada ao nosso redor.

Mas Arin não parecia animado. Pelo contrário.

Por reflexo, olhei para mim mesma. Veias prateadas e douradas brilhavam pelo meu corpo, envolvendo cada centímetro de pele exposta. Eu estava tão acostumada com a visão que mal percebi o quanto elas haviam se espalhado.

Ele só precisava ver. Se entendesse o que a magia era capaz de fazer, a maravilha que ela poderia criar, não ficaria tão perturbado com as veias. Não teria as palavras *magia-loucura* nadando em círculos em sua mente.

Ele só precisava ver.

Envolvi meus braços em volta de mim. Moldei a intenção silenciosa, visceralmente consciente da atenção de Arin. Minha magia esquentou, faminta por mais. Sempre faminta.

Abri os braços. A luz se derramava sobre nós, abrasadora como uma implosão solar. Os raios atravessavam a água, iluminando distâncias e profundidades que eu não conseguia nem imaginar. Giravam ao nosso redor, iluminando, expondo a vida que nos aguardava a poucos centímetros de distância. Cardumes de peixes nadavam sob as nossas pernas, suas escamas projetando sombras brilhantes ao passarem. Uma criatura prateada com uma barbatana nas costas perseguia o peixe menor, sua cauda cortando naturalmente a água.

Não apontei para os monstros que pairavam atrás de Arin.

Eram os mesmos que apareceram na minha primeira vez debaixo d'água, curiosamente amontoados atrás da cabeça do Sareekh.

Eles não se aproximarão.

Eles já estão muito próximos.

Como uma única força, as criaturas se contorceram para trás, abrindo espaço entre elas e Arin.

Eles me obedecem, e eu te obedeço. Eles não farão mal ao que é teu.

A perplexidade interrompeu o meu alívio. Eu não havia pensado muito nisso da primeira vez, mas agora, a proclamação do Sareekh me intrigava. Parecia tão certa, tão segura.

Mas por quê? Por que uma criatura como você me obedeceria?

É para isso que fui criado.

Você não foi criado para obedecer a algum herdeiro aleatório de um trono que não existe mais.

O Sareekh cantarolou, mas não respondeu.

Aproximei-me de Arin, tomando cuidado para não o alcançar rápido demais. Não queria imaginar como seria se ele recuasse diante da minha magia.

— Olhe para trás — murmurei.

Um músculo saltou no maxilar de Arin.

— Uma frase muito reconfortante — murmurou. Agarrando-se com firmeza às costelas do Sareekh, virou-se. — Você sabe os nomes deles? Imagino que não gostem que eu os chame de "os monstros".

Arin parecia completamente imperturbável diante das criaturas primordiais flutuando à nossa frente.

— Você já deixou sua opinião clara, Essiya.

— Eu não tinha uma opinião. Eu tinha uma pergunta. — Apontei com a cabeça para a criatura esférica rosa perto da frente, sua carne

brilhante enrugada com vagens azuis brilhantes. — Isso é um Arnabeet?

O Sareekh provocou outra risada na minha cabeça.

Arin me lançou um olhar nada divertido.

— Chama-se Khawfa.

— Khawfa? — Arregalei os olhos, a própria manifestação da inocência. — É novo?

O fato de Arin saber exatamente o que eu estava fazendo não o impediu de sucumbir à tentação de me corrigir.

— Claro que não. Sua existência remonta a 350 d.S., quando um grupo de marinheiros Lukubi arrastou um para a praia. O Khawfa exalava um gás que matou todos nas proximidades. Ele deixou a areia rosa enquanto morria.

Ele balançou a cabeça, a curiosidade flamejando intensamente antes que a cautela a apagasse.

— Nunca pensei que pudesse ver um em carne e osso.

— Magia — eu disse com leveza. Apontei para o próximo peixe. — E aquele preto brilhante, com as barbatanas giratórias?

E assim foi: Arin cedendo à pressão de sua curiosidade, relaxando na magia que o envolvia, enquanto as minhas unhas cravavam-se na pele para combater uma pressão diferente em minhas veias, que batiam cada vez mais forte.



Marek tagarelava, a única voz no refeitório silencioso.

Parecia uma boa ideia trazer Arin, Jeru, Sefa e Marek para o jantar. Eu queria que os outros se acostumassem com a presença dos Nizahlanos, e seria melhor fazer isso antes de... começar a jornada para Jasad. Arin já havia recebido um choque no organismo hoje; o que era

mais um?

Mas os *olhares*... haveria menos atenção na nossa mesa se eu tivesse me despido e tentado fazer malabarismos com bananas com o nariz.

A estratégia ofensiva mais confiável de Marek era se transformar em um raio de charme e cabelos dourados, e ele escolhera Lateef como alvo primeiro. O idoso ficou visivelmente surpreso com a onda de conversas incessantes que se desencadeou sobre ele, mas eles acabaram entrando em um debate acalorado sobre os melhores métodos para tosquiar ovelhas.

No centro, Arin estava sentado, rígido e ereto, entre Maia e Namsa. As mulheres haviam comido três garfadas em toda a refeição. O marido de Maia estava sentado do outro lado, lançando olhares para Arin por cima da cabeça da esposa.

Eu não o culpei. Duvidava que tivessem sido poupados do único pensamento persistente que pairava na cabeça de todos, trocado em olhares abafados.

A Serpente Prateada encontrou o caminho para o ninho.

— Namsa, recebemos alguma notícia de Yara sobre as rotas comerciais?

Namsa se assustou com o nome dela, deixando cair a colher com estrondo. Uma ervilha voou do prato e pousou no colete de Arin.

— Oh, maldito Sirauk, eu estou tão... que posso limpar... — Namsa gesticulou com as mãos desamparadamente ao redor da ervilha, claramente em pânico demais para se lembrar de qualquer coisa além de não tocar no Herdeiro de Nizahl.

Arin pegou-o entre dois dedos e o depositou sobre a mesa.

— Está tudo bem. — A cadência comedida de sua voz, a mais alta que eu ouvira dela em horas, imediatamente acalmou os meus nervos.

Pareceu ter o efeito oposto em Namsa. Ela lhe deu um sorriso triste antes de voltar apressadamente para mim.

— Sobre as rotas — disse Namsa delicadamente. Lateef pousou o garfo e beliscou a barba.

Abaixei minha colher, desejando momentaneamente ter minha própria barba para beliscar. Talvez eu pudesse encontrar alguns pelos longos no queixo.

— O quê? — Se Sorn tivesse quebrado a promessa, eu cavaria a cabeça do desgraçado e a pregaria em sua parede de troféus. Estávamos contando com aquelas estradas. Milhares de Jasadis já haviam começado as suas jornadas.

— As rebeliões nas aldeias baixas de Omalia e as mortes da Rainha Hanan e Felix parecem ter inspirado agitação semelhante em Orban — disse ela. — Sorn não retirou todas as proteções das rotas comerciais, mas o Rei Murib o forçou a desviar uma quantidade significativa de khawaga para combater a agitação.

Coloquei o rosto nas mãos.

— Murib vai lutar contra os rebeldes?

— Parece que ele espera negociar — disse Namsa. — Imagino que queira evitar o mesmo destino da coroa Omaliana.

— Posso direcionar os meus kitmers para as rotas comerciais — eu disse. — Eles não farão muito contra exércitos, mas podem ser suficientes para suprir o que estamos perdendo de Orban.

— Se Nizahl se mover em direção às rotas comerciais... — Maia olhou para um Arin impassível. — Devemos começar a enviar nossos grupos? A montanha ainda está cheia e, se nos movemos imediatamente, nossa presença será muito mais visível nas estradas.

— Nizahl está ocupado com Lukub — murmurei. — Ninguém sabe onde Vaida está, mas imagino que Rawain esteja revirando todas as pedras para encontrá-la.

— Temo que Lukub não seja um impedimento suficiente. O Supremo sabe que os Jasadis estão se movimentando. Ele enviará forças

para o sul para proteger a fronteira — disse Lateef.

— Não — disse Arin.

Levantei a cabeça. Com dois dedos, Arin empurrou o prato para o lado como se fosse um convidado que tivesse se demorado demais. Ele cruzou as mãos no espaço vazio.

— Rawain não arriscará seu domínio sobre a Cidadela dispersando seus exércitos. — Firme e absoluto, o tom de Arin não deixou espaço para discussão. — Não sem o cetro.

— Você acha que ele está usando o cetro para fortalecer os seus exércitos?

— Sei que nunca perdemos uma batalha durante o seu reinado. Sei que Essam nunca se mostrou inóspito conosco, mesmo durante os invernos mais rigorosos. Alimentamos, vestimos e abrigamos os nossos soldados sem aumentar os impostos sobre os nossos nobres. — A expressão de Arin era inescrutável. — Sei que sobrevivi a um ferimento aos dezesseis anos que deveria ter sido fatal.

— Pode haver outras explicações — eu disse.

— Pode haver.

A ideia de Rawain drenando a magia Jasadi para fortalecer seus próprios exércitos – um exército que existia para proteger contra pessoas exatamente como Rawain – era repugnante demais para se contemplar.

— Por que você acha que ele estará relutante em diminuir as proteções ao redor da Cidadela sem o cetro? — Lateef perguntou quando meu silêncio se prolongou.

— Meu pai acredita em um certo equilíbrio na vida quando se trata de líderes e seus súditos — disse Arin. — Ele dedicará uma parte significativa de suas forças restantes à proteção da Cidadela. Se enviar tropas para o sul, elas provavelmente serão compostas por novos recrutas.

— Recrutas? — A explosão de Marek quase assustou Sefa, que

quase deixou cair a sopa. Ela endireitou a tigela no último minuto. — A maioria desses recrutas nunca esteve em uma luta!

— Eu sei muito bem — disse Arin, secamente. — O objetivo é distrair. O grande número deles irá atrasá-lo até que ele ganhe vantagem suficiente sobre Lukub para enviar seu exército real em direção a Jasad.

— Distração. — O escárnio de Marek era palpável. — Descartáveis, você quer dizer.

— Como eu disse. — O gelo cristalizou-se em torno das feições de Arin. — Ele acredita em um certo equilíbrio.

Aparentemente, o tempo que Marek passou escondido em um complexo Nizahl lhe dera uma visão mais afetuosa da situação dos pobres recrutas de Nizahl. Eu tinha muitos Jasadis para manter vivos para me preocupar com as origens infelizes dos homens que Rawain enviaria para a batalha. Não importava se a mão que empunhava a espada queria isso ou não – ela me mataria da mesma forma.

Sefa pousou a colher com um estrondo, finalmente erguendo os olhos das profundezas da sopa.

— O que Vaida planejou não se cumprirá em oito dias. Ela passou anos procurando o Mirayah. Seja qual for a relíquia mágica que Baira lhe deixou, ela nos destruirá instantaneamente ou durará muito mais que esta guerra em particular.

Encontrei o olhar de Marek em um momento de perplexidade compartilhada. Sefa não falava muito sobre o seu tempo no Palácio de Marfim. Não sabia como abordar o assunto além de perguntas superficiais. O que eu sabia com certeza era que Sefa jamais teria infligido um ato de violência contra ninguém – nem mesmo contra a Sultana – a menos que não tivesse outra escolha. A menos que soubesse, sem sombra de dúvida, que deixar o anel com Vaida traria consequências fatais.

— Não há guerra. Não ainda — disse Lateef. — Só o Comandante

pode declarar guerra.

Arin cerrou os dentes.

— Não necessariamente. Há... circunstâncias urgentes que exigem minha autoridade.

Ele poderia muito bem ter me jogado para o outro lado do corredor. O fantasma de Hanim surgiu com mais força do que em meses, e de repente eu estava em Essam, estripando o peixe para o nosso jantar enquanto Hanim folheava as minhas anotações.

— O Governo dos Governantes — ela refletiu. — Imagino que você poderia ter escolhido um título pior.

Reprimi o sorriso.

— Obrigada.

— O que você aprendeu?

Terminei de limpar o peixe de Hanim e o espetei no fogo enquanto considerava a minha resposta ensaiada.

— A Regra dos Governantes é que para cada suposto absoluto, há uma exceção. Encontrei 29 ocorrências da expressão "risco iminente" e 76 de "circunstâncias urgentes" nas leis de todos os cinco reinos.

— Conte-me sobre cada uma delas — disse Hanim, pegando o espeto que lhe ofereci. Ela tirou a pele escamada do peixe. — Aí você pode comer.

— A Votação Nitraus — eu ofeguei. — Você cometeu traição quando pegou o cetro. O conselho realizará uma Votação Nitraus para instigar a guerra sem a sua autorização.

A expressão sombria de Arin se dissipou por um momento, substituída por uma centelha de apreciação. Ele sempre ficava desproporcionalmente impressionado com o conhecimento de informações obscuras.

— Sim. Muito provavelmente, eles já a realizaram.

— Votação Nitraus? — repetiu Lateef, franzindo a testa. — Não estou familiarizado.

Expliquei depressa, lutando para evitar que a minha inquietação se transformasse em pânico. Milhares de Jasadis estavam se dirigindo ao nosso reino sob o *meu* comando. Eu havia prometido a eles uma fortaleza, proteção. Se Nizahl tivesse se mobilizado para a guerra, Orban poderia renegar a sua promessa de proteger as rotas comerciais.

Se chegássemos à Ponte Sirauk e encontrássemos exércitos nos esperando, Jasad se afogaria em mais sangue nosso.

Soltei um suspiro. Do outro lado da mesa, cansaço e trepidação marcavam todos os rostos, ombros curvados como pássaros dobrando as asas contra a tempestade.

Arin encontrou o meu olhar perturbado. O primeiro sinal de uma batalha perdida era a *crença* de que ela estava perdida.

Bati palmas, assustando Sefa mais uma vez e fazendo-a derramar sua sopa.

— Quem quer lutar contra o Herdeiro de Nizahl?



Arin se pôs de pé, esperando.

Mesmo depois de limpar as mesas, o refeitório não havia acomodado o fluxo de pessoas que se apressavam para se revezar na luta contra o Herdeiro de Nizahl, então nos mudamos para a encosta do penhasco. Meu primeiro grupo de kitmers circulou acima, perseguindo a luz do sol que se punha sobre a superfície cintilante do Mar Suhna. Todos estavam sentados de pernas cruzadas no vale entre a nossa montanha e a vizinha, o lago congelado onde os Visionistas conjuraram o ataque na Curva de Galim, não muito longe de nós.

O marido de Maia pegou a espada que Lateef lhe entregou e engoliu em seco. Ele olhou para a espada descartada de Arin e depois

para Maia, que balançava nos calcanhares com uma velocidade vertiginosa.

O marido de Maia colocou a espada no chão.

— Comandante ou não, não usarei uma arma contra um homem desarmado.

Arin ainda não havia usado a espada que eu lhe entregara. Ele a havia deixado atrás de si e não a havia pegado nos últimos sete desafios. Sem o casaco e com as mangas arregaçadas até os cotovelos, não havia diferença entre ele e um homem desfrutando de um passeio ao luar.

— Admiro sua honra. — A sugestão de um sorriso surgiu nos lábios de Arin. — Talvez a lembrança disso mantenha a sua esposa aquecida depois que você morrer.

Arin atacou com a mesma rapidez com que havia feito com os outros. O marido de Maia mal teve tempo de reagir antes que Arin lhe derrubasse com uma rasteira. Em vez de rolar para longe das botas de Arin, o marido rolou para cima dele, lançando seu peso contra as pernas de Arin. A multidão se agitou, curiosa para ver se o Herdeiro de Nizahl finalmente perderia o equilíbrio. Até então, ninguém conseguira derrubá-lo. O marido de Maia era um homem de altura e constituição impressionantes – se alguém pudesse derrubar Arin, seria ele.

Foi o que pensaram. Encostei-me no ombro de Sefa, tirando uma colherada de sementes de romã açucaradas da tigela dela. Do outro lado, Marek e Jeru observavam os acontecimentos com olhares de consternação.

— Com quantos mais ele vai lutar? — suspirou Sefa. O marido de Maia já havia se reerguido. Nós o vimos tentar acertar a cabeça de Arin e errar.

— Com todos os que forem burros o suficiente para desafiá-lo.

Sem colete, apenas a fina barreira da camisa de Arin obstruía a minha visão do seu peito enquanto ele se flexionava. Admirei seu torso

contorcido, a faixa de suas costas onde o marido de Maia havia agarrado o colarinho de Arin e levantado a sua camisa. Pelo túmulo contaminado de Rovial, Arin sem suas camadas era obsceno.

— Por favor, tire essa cara — disse Sefa, e o pedido forçado me tirou do meu devaneio. — Sinto uma necessidade urgente de jogar você no lago.

— O lago está congelado.

— E ainda assim duvido que esteja frio o suficiente. — Sefa estremeceu. — Achei que Marek tinha me exposto a toda a extensão da depravação humana, mas, pelos Awaleen abaixo, Essiya... a menos que você queira que todos saibam que gostaria de comer o Herdeiro vivo, controle melhor sua luxúria.

Eu lhe lancei um sorriso malicioso.

— Vou lhe dizer com quem eu gostaria de controlar melhor minha luxúria.

Comecei a rir muito quando Sefa começou a me empurrar em direção ao lago.

O marido de Maia caiu no chão pela terceira vez e ergueu as mãos em sinal de derrota.

— Eu me rendo. Preciso que a minha coluna esteja em boas condições para sobreviver à jornada até Jasad.

Arin estendeu a mão para o marido de Maia. Eu me enrijeci, afastando-me de Sefa. Não me lembrava de Arin ter estendido a mão para ninguém além de mim. Os Urabi já estavam paranóicos com suas habilidades, com a ideia de se aproximarem demais dele. Se o marido de Maia rejeitasse o gesto, toda a boa vontade que Arin havia conquistado na última hora seria destruída.

Ele havia assumido um risco calculado, e isso valeu a pena quando o marido de Maia apertou a mão de Arin.

Expirei, percebendo tardiamente que havia esmagado as sementes

de romã com a mão fechada. Argh. Estendi a mão por trás de Jeru para limpar a sujeira vermelha e pegajosa nas costas da camisa de Marek.

— Você está nervosa — murmurou Sefa, com os seus olhos castanhos suaves percorrendo meu rosto como se as minhas emoções estivessem escritas com uma tinta especial que só ela conseguia ler. — Você quer que confiem nele. Acha que ele não consegue cuidar de si mesmo?

— Não se trata de capacidade. — Vimos Lateef passar na frente de Arin, entregar-lhe um copo d'água e imediatamente se afastar o máximo possível do Herdeiro. Lateef não era um lutador. — Arin não está disposto a se defender. Se tentarem matá-lo, ele vai... — Minha garganta se fechou, a lembrança de encontrá-lo em uma poça de seu próprio sangue no chão da cela ainda fresca. — Ele vai deixar.

— Ele certamente não parece estar permitindo isso agora.

Ela tinha razão. Quando Arin entrou nas montanhas, o vazio havia sugado a vida de cada olhar, de cada palavra. Toda a identidade de Arin fora lançada às chamas; a ordem do seu mundo obliterada em um caos informe. Eu sabia que não devia pensar que minha demonstração com o Sareekh havia convencido o Comandante de Nizahl das maravilhas da magia, mas estava claro que uma mudança havia ocorrido.

— Ele está escondendo alguma coisa. — Eu o observei e não vacilei quando ele olhou por cima do ombro, encontrando o meu olhar penetrante. — Ele tem um plano.

— Ele não faz isso sempre?

Quando Arin derrubou dezessete Jasadis no chão, dei um passo à frente.

A diversão aqueceu os olhos fixos em meu rosto.

— Você nunca se cansa de tentar derramar meu sangue, Suraira?

Arqueei uma sobrancelha.

— Todo mundo precisa de um hobby.

Pegando a espada, lancei um rápido olhar para a multidão. Eles se levantaram, as conversas se dissipando em um silêncio denso do outro lado do penhasco.

— Espero que você se saia melhor do que em Mahair — eu disse.

— Jogue sem trapacear e talvez eu me saia. — Arin finalmente pegou a espada que havia deixado acumulando poeira, e eu sorri.

— Não vou precisar da minha magia para te derrubar.

Ao perceber o olhar cúmplice de Sefa por cima do ombro de Arin, fiquei com um tom semelhante ao da romã nas costas da camisa de Marek. Arin poderia ter respondido com facilidade que *não* precisara de magia para me derrubar, mas, por outro lado, ele provavelmente sabia como controlar melhor o seu desejo.

Arin girou sua espada uma vez e acenou para mim. Ah. Ele queria dar um show para eles.

Fingi me agachar para amarrar minha bota e peguei um monte de terra e pedras. Saltando de pé, joguei tudo nele e aproveitei sua distração momentânea para bater nele com toda a força.

No entanto, eu já tinha feito isso duas vezes antes, e Arin estava preparado. O bastardo conseguiu nos virar no último segundo. Em um piscar de olhos, nossas posições se inverteram, minhas costas contra o peito dele, a espada pressionando a pele sob meu queixo.

O cheiro de chuva e tinta fez cócegas no meu nariz, dolorosamente Arin, antes que sua respiração roçasse a lateral da minha cabeça.

— É só isso que você tem a me oferecer? — Presa contra ele, eu podia contar cada batida do seu coração, pulsando dentro do seu peito.

Beijei a ponta da espada, leve como uma pena, enquanto ouro e prata brilhavam nos meus olhos. A segunda coisa mais perigosa que eu já havia beijado. A primeira apertou seu abraço atrás de mim.

O chão sob Arin tremeu.

O Comandante caiu para a frente, momentaneamente instável

enquanto a encosta do penhasco tremia. Deslizei por baixo da espada e agarrei o colarinho de Arin, puxando-o para mim.

— Trapaça de novo — murmurou Arin, mas havia riso em sua voz. Eu estava usando minha magia e, pela primeira vez, isso não lançou um véu de pavor sobre ele.

Lutamos por anos. Séculos. A realidade nos rodeava, mas não conseguia penetrar. Em um espaço separado do tempo, nossas espadas se chocavam ao som de uma balada. Nossos corpos se moviam um ao redor do outro como estrelas viajando pela noite, permanentemente alinhados. Nem uma única gota de sangue foi derramada, porque a verdade era a força mais poderosa entre nós: da próxima vez que tentássemos ferir um ao outro, seria real. Seria a espada dele no meu pescoço se a loucura mágica me levasse para onde ninguém pudesse alcançar; seria minha adaga em seu coração se ele me traísse.

Arin me manobrou contra a encosta da montanha, sua espada a centímetros do lado macio da minha barriga. Ele apoiou o cotovelo na minha cabeça, a curva do braço escondendo meu rosto dos outros Jasadis.

— Você está fora de treinamento — disse ele. — Use sua magia.

Tentei recuperar o fôlego, determinada a vomitar uma variedade de negações indignadas. Talvez eu não tivesse conseguido treinar nas montanhas, mas não precisava. Eu era uma lutadora melhor do que todos ali e, de acordo com o Alcalah, melhor do que os melhores dos outros reinos.

Meu peito esvaziou. Com o treinamento, eu ainda podia ser melhor que todos, mas não era melhor que ele.

Ele não queria que eu perdesse na frente dos Urabi, mas eles saberiam se ele jogasse a luta. Ambos os cenários refletiam mal em sua Malika.

— Isso não conta como trapaça — avisei. Lancei o meu olhar

dourado e prateado para ele, exultante ao ver que Arin não se mexia. Na verdade, ele se aproximou, como se estivesse preso na onda de cores que girava em meus olhos.

Preso demais para notar o peso do meu punho – triplicado pela minha magia – batendo na lateral da sua cabeça.

Arin sacudiu o cabelo, arqueando uma sobrancelha provocante enquanto brandia a espada. Escondi o sorriso, atenta à atenção que nos era dada. Eu ainda tinha um alcance limitado do que podia fazer com a minha magia; faltava-me a conexão intuitiva que a maioria dos Jasadis desenvolveu na adolescência. Eu não havia aprendido nenhum truque nas aulas nem estudado estratégias mágicas com os meus tutores. O foco de Hanim era inteiramente liberar minha magia, não me ensinar como usá-la depois de liberada.

Ainda assim, aprendi rápido, e meu tempo em Gibal não foi isento de lições.

Pressionei a ponta do meu dedo indicador em uma rachadura no chão. O fogo irrompeu como um rio caudaloso e correu em direção às botas de Arin. Os Jasadis aplaudiram enquanto Arin se desviava do caminho do fogo. Ele saltou, saltando nas rachaduras do chão seco, veias derretidas se fechando ao redor dele.

Um grito fez os Jasadis caírem no chão enquanto Niseeba mergulhava baixo, o bater de suas asas extinguindo metade das chamas. Sua sombra cruzou Arin como uma carícia protetora, e eu fiz uma careta para a kitmer enquanto ela se juntava aos seus irmãos mais novos no céu. Talvez favorecer Arin fosse a sua vingança por ter sido chamada de *desastre*.

Com a magia no comando, a luta avançava em direção ao seu fim inevitável. Eu poderia ter quebrado os ossos de Arin como se fosse um pedaço de bosomat. Poderia ter derretido sua língua até virar um xarope espesso em sua garganta.

Pela primeira vez, entendi como ele conseguia enxergar a magia e enxergar mais do que qualquer outra ferramenta. Que espada poderia ter me parado? Que arma mortal poderia ter me retardado?

Pressionei a ponta da minha espada em sua garganta.

— Não se mova.

O fogo serpenteava em linhas fluidas ao nosso redor. Mesmo com o queixo inclinado para trás e uma faca cravada na pele delicada da garganta, a compostura de Arin não vacilou.

Olhos azuis e frios encontraram os meus em desafio. Este era o Arin que conheci em Essam, o Arin que me caçou em Mahair. O famoso Comandante de Nizahl, preso contra a minha lâmina.

— De joelhos.

Nenhuma pessoa ousou respirar.

— Fique de joelhos, Comandante — repeti asperamente.

Por um segundo terrível, pensei que ele não se mexeria. Pensei que arrancaria a espada da minha mão e me derrubaria diante dos Jasadis, que me observavam, sem a fachada. Seria ali que ele traçaria a linha: a última fronteira que não entregaria. Efra estava certo e Arin estivera brincando comigo o tempo todo. A Serpente Prateada havia infundido seu veneno em mim, e eu não passava de mais uma vítima em uma longa lista de presas...

Em um movimento sinuoso, Arin se ajoelhou.

O choque reverberou entre nossa audiência, tão forte que ameaçou abalar a própria montanha. Não ousei me mover além de manter a espada apontada. Um tremor começou a percorrer meu braço.

Todo o poder de Nizahl se ajoelhou diante de mim. Toda a força e poder de Rawain. O Comandante mais forte em séculos, olhando para mim com absoluta tranquilidade.

— Arin de Nizahl. Por dez anos, você foi o inimigo da magia. Você nos caçou. Nos prejudicou. Fez o possível para nos destruir. A serviço do

Supremo, você perpetuou a mentira que ele inventou há dez anos para justificar nossa aniquilação. Loucura mágica, diziam eles. Uma doença. Uma inevitabilidade. Uma sentença de morte.

O ar mudou, impregnado por uma pulsação perigosa. Se eu não tomasse cuidado, a raiva justificada daria lugar à vingança.

Que ironia secreta era Arin estar certo. Parcialmente certo, assim como eu estava parcialmente errada. A loucura mágica *existia*, e ele a observava. Vira as minhas veias, sufocadas pela minha magia, mas ninguém sabia da voz da minha magia. Das alucinações, das figuras em movimento.

As figuras que agora formavam um círculo ao meu redor e ao de Arin, zelando pela verdade. Dezenas delas, alguns rostos que eu já tinha visto antes e outros que não, invisíveis a todos os olhos, exceto o meu.

— O sangue inocente em suas mãos não se importa com a causa pela qual você o derramou, Comandante. Pelo que você fez, a morte seria uma consequência justa.

Não ousei olhar para Jeru.

— Mas você carrega a magia de Jasad em suas veias. Você é um de nós, e nós somos um de você. Hoje, mostramos misericórdia. Oferecemos uma escolha.

As palavras de Arin ditas na cabana, ditas há tanto tempo, ganharam vida entre nós.

Eu lhe ofereço uma nova vida.

— Jure lealdade ao trono de Jasad. Jure lealdade à magia e àqueles que nasceram com ela. Jure lealdade a nós, e você poderá viver.

Por favor, queira viver, não adicionei. *Por favor, queira ficar.*

— Não.

Meus pulmões entraram em colapso.

Murmúrios surgiram imediatamente, seguidos pelo arrastar de terra enquanto todos se aproximavam para olhar mais de perto.

— Tronos caem. Magia se esvai. — A voz calma de Arin cortou o barulho. — Juro a minha lealdade, mas não ao trono de Jasad, nem à sua magia. — Uma mão enluvada de preto pressionou a ponta da espada, abaixando-a para mirar em seu coração. — Juro a minha lealdade à Malika de Jasad.

Eu não conseguia respirar.

— Tudo o que tenho está sob o comando dela. O que ela deseja, eu criarei. O que ela odeia, destruirei. Sou a arma da Malika, e é somente a ela que me comprometo.

Sem palavras, olhei para Arin.

Eu tinha um plano – um bom plano, maldito seja. Não sabia o que fazer com isso. Que jogo ele estava jogando, sugerindo algo tão ridículo? Eu lhe ofereci uma promessa que todos considerariam razoável, mas quem acreditaria que Arin de Nizahl havia se comprometido com a Malika de Jasad?

A menos que não fosse um jogo.

Eu dei um passo para trás. Arin simplesmente me observou. Espada apontada para o coração, de joelhos e terrivelmente sincero.

O que ele estava pensando? Arin de Nizahl, sujeito à *minha* vontade? Meus caprichos? Era estupidamente perigoso. Ele sabia sobre as veias. Ele sabia o que aconteceria se eu sobrevivesse ao levantar a fortaleza.

— Você aceita? — perguntou Arin.

— Eu...eu...

As figuras se moveram ao nosso redor, com as suas silhuetas se misturando em um manto de escuridão que girava ao redor de mim e Arin, separando-nos dos Jasadis. Eles queriam isso. Eles queriam reivindicar o Herdeiro como haviam reivindicado Raya.

Abaixei a espada e expirei.

— Aceito.

CAPÍTULO 57



ESSIYA

Os três dias seguintes foram os melhores que passei em Gibal.

Sefa me mimava de um jeito que eu jamais permitiria de mais ninguém. O quanto eu comia, o que vestia, quanto tempo dormia. A atenção de Namsa ou Maia teria sido falsa, mesmo que as suas raízes fossem verdadeiras. Meu propósito para os Urabi era, antes de tudo, ser uma arma. Você pode limpar sua lâmina e embainhá-la com carinho por anos, mas uma vez que ela se quebrar, você seria um tolo em fazer outra coisa além de derretê-la e forjar uma nova.

Sefa perguntou porque carregava o infeliz defeito de se importar comigo. Rachaduras e tudo mais.

À noite, Marek e Sefa se juntavam a mim no penhasco enquanto os Urabi se preparavam para nossa partida de Gibal. Gostava de observar meus kitmers circundando o sol enquanto ele se punha sobre o Mar Suhna, suas asas prateadas salpicando o horizonte com as cores ígneas de Jasad. Marek nos regalava com histórias de sua época no complexo dos Corvos de Nizahl. Zane, o gigante bondoso que resgatou Marek de um nisnas, possuía um amor por feijões que resultara em quantidades gratuitas de flatulência; ele também impediu Marek de se jogar sobre os guardas Lukubi que prenderam Sefa. Almerour, cujo nome verdadeiro ele havia esquecido, não saberia como mirar uma lança mesmo que você colocasse o alvo na ponta do seu nariz, mas aparentemente ele conseguia falar sobre a história dos reinos até que todos nos beliches adormecessem.

Sefa falou sobre Lukub apenas uma vez. Calada e contida, ela nos

contou sobre salvar a Sultana, sobre perceber que as suas opções eram morrer nos procurando ou terminar o que ela e eu havíamos começado durante o Alcalah. Quando falou de Vaida, seu tom se contraiu de desconforto, como se soubesse o que Marek e eu estávamos pensando. Como se pudéssemos julgá-la por demonstrar gentileza com uma mulher que a manipulou; menosprezá-la por desfrutar de uma aventura com alguém que ameaçou cortar sua língua e mandá-la para o Poço dos Traidores.

Quando chegou a minha vez de preencher as lacunas do meu tempo desde o Baile dos Vitoriosos, as costuras da minha história estavam soltas e irregulares. Não consegui contar a eles sobre ficar na cachoeira enquanto alucinações dançavam ao meu redor. Nem sobre os olhos brilhantes de Raya, girando com a magia Jasadi. Matar Felix e assinar minha sentença de morte no mesmo movimento. A cacofonia constante da minha magia, uma pressão cada vez maior dentro das minhas veias.

Nem eu nem Arin tínhamos esquecido o que me esperava quando deixasse essas montanhas.

Desde o momento em que se declarou a meu serviço, Arin tinha sido uma força de ação implacável e imparável. Todos os Jasadi com magia incomum foram contabilizados, e Arin dividiu os Urabi em grupos. Metade deles se dedicou a tarefas destinadas a impedir a guerra, e a outra metade se preparou para vencê-la. A única tarefa que ele atribuiu a ambos os lados foi o cetro.

— Ele acha que usá-lo para erguer a fortaleza vai me impedir de usar minha magia — expliquei a Sefa e Marek.

— Você discorda? — Marek me observou atentamente.

— Tenho menos fé no senso de moderação de Rawain. Suspeito que ele usava a magia que possuía com frequência e generosidade, e não haverá muita coisa nos esperando dentro de seu cetro feio.

Cada ordem que Arin dava, ele a fazia em meu nome. Ele ensinava os Urabi a brandir uma espada ou a despachar um oponente armado. Aconselhou que tipos de comida sobreviveriam a uma longa campanha em direção a Jasad e quais pereceriam. Nenhum detalhe escapava à sua inspeção, e nenhuma pergunta o irritava. Estávamos mais organizados, mais determinados, do que desde o meu primeiro dia no Gibal, e ele atribuiu tudo a mim.

Uma mentira descarada, é claro. Liderança me esgotava. Eu era uma artista no palco e tinha memorizado os meus passos, mas não sentia prazer com os movimentos. O ritmo não fluía naturalmente em mim. E, cada vez com mais frequência, só queria sentar e recuperar o fôlego. Limpar o suor da testa e esfregar os pés doloridos.

O que me esgotava, o revitalizava.

Nos meus piores dias, eu me perguntava se Arin estava certo, e eu me resignara à morte para esconder o fato de que ainda era Sylvia. Eu ainda era a garota que queria fugir, que assistiria a montanha queimar e daria as costas às chamas. A morte significava que eu expiaria o meu passado, mas também significava que eu nunca poderia falhar no futuro. Não precisaria me sentar em um trono que odiava ou me quebrar sob uma coroa que não podia carregar. Essa fuga – essa fuga permanente – era o único lugar para onde eu poderia correr, onde o fracasso não me arrastaria como uma corrente em volta do meu tornozelo.

Houve momentos em que achei que Arin sabia. Quando ele entrou em nossos aposentos depois que eu tinha acabado de adormecer, o toque do couro quando ele afastou meu cabelo da minha bochecha. Ele se sentava ao meu lado, imóvel pela primeira vez desde sua explosão de atividade pela manhã, e eu me perguntava se, mesmo no escuro, ele conseguia ver através de mim.

Você acha que se render à sua magia é coragem? Acha que isso vai expiar o seu passado?

Mas ele nunca mais mencionou expiação, e evitei discutir qualquer coisa que pudesse trazer aquele vazio oco de volta aos seus olhos. Ele havia desaparecido depois da primeira noite em Gibal, mas eu duvidava que tivesse desaparecido por completo.

A mente de Arin era um labirinto sem começo nem fim. O cetro, os preparativos... eram apenas passagens para o seu plano final. O cetro não seria suficiente para erguer a fortaleza. Os Urabi jamais seriam treinados ao mesmo nível de um exército de soldados de Nizahl, nem mesmo novos recrutas. Ele tinha um destino no fim daquele labirinto e, por algum motivo, não queria que eu soubesse aonde ele levava.

Mas ele guardou o meu segredo, então guardei o dele.



Arin andava de um lado para o outro ao redor da mesa, com a testa franzida quase até o nariz. Ele empurrou quatro documentos para a direita. Uma pausa. Dois documentos voltaram para a esquerda.

— Ele vai falar em breve? — murmurou Namsa, bebendo o resto do seu yansoon[12]. — Eu gostaria de dormir antes do nascer do sol.

— Ninguém está te segurando aqui — eu disse, sem maldade. — Já somos mais do que o suficiente. — Lateef havia se sentado após vinte minutos de hesitação perto dos mapas, e agora se juntava a nós, mordiscando seu atayef[13] e observando o Herdeiro de Nizahl circular pela mesa.

Com as pernas estendidas ao lado das minhas no chão, Maia me ofereceu um punhado de sementes de girassol. Balancei a cabeça, e ela hesitou antes de estender o braço e entregar as sementes para Marek.

Marek sorriu radiante.

— Ah, que coisa linda e maravilhosa — disse ele, pegando metade das sementes da palma da mão de Maia. Seus dedos se demoraram nos

dela por um instante a mais, examinando casualmente a mulher do outro lado das sementes. — Obrigado.

— Posso ir buscar mais, se quiser — disse Maia, felizmente sem perceber que havia caído na mira de Marek.

— Essas estão perfeitas, Maia. Simplesmente... perfeitas. — A última parte saiu tão lasciva e acalorada que foi uma surpresa que as sementes não tenham torrado na hora. Também passou despercebido por Maia, que lhe lançou um sorriso e se virou.

Suspirei. A incapacidade de Marek de aceitar gentileza sem tentar oferecer seu corpo em troca precisava ser parte de uma conversa mais longa – idealmente, uma conversa que ele tivesse com Sefa e não comigo. Apontar o status marital atual de Maia não ajudaria. Marek havia convidado muitas mulheres casadas para sua cama, independentemente de quantas vezes seus maridos tentassem matá-lo.

Coloquei o meu queixo no ombro de Marek como se fosse beijá-lo na bochecha.

— Ela é uma lahwa. A executora do Urabi.

Marek piscou, virando-se ligeiramente para me encarar. Sua atenção se voltou para minha boca.

— Hmm?

Pelos Awaleen abaixo. Ele era um caso perdido.

Uma ideia maldosa me ocorreu. Uma que eu normalmente teria descartado como pura mesquinharia, se já não estivesse farta de homens Nizahlanos teimosos para o resto da vida.

Aproximei minha boca da de Marek e sussurrei:

— Uma lahwa mata sem derramamento de sangue. Com elegância. Tudo o que ela precisa fazer é entrar na sua mente e extrair o seu maior pesadelo. Mergulhar você no seu terror até que ele pare seu coração e acabe com a sua vida.

Duvido que ele tenha ouvido uma palavra. A intriga havia

desaparecido das feições de Marek, substituída por uma mistura de inquietação e confusão. Ele olhou para meus lábios como se estivessem cobertos de veneno.

Minha tentativa de me aproximar encontrou resistência. Marek colocou a mão sobre meu rosto e empurrou minha cabeça para trás.

— Não tem graça.

Afastei sua mão suada, franzindo o nariz.

— Evite apostar em um prêmio que você não quer ganhar.

Revirando os olhos, ele quebrou uma semente entre os dentes da frente.

— Muita coisa aconteceu entre nós. Muitas ocasiões em que eu te vi cheirando a ponta da sua trança e tirando sujeira das unhas com uma faca. Meus pesadelos ecoam o som de você limpando o catarro da garganta pela manhã.

Fiquei de queixo caído. Como ousava... ah, ele era um homem morto. Veríamos quais sons matinais seriam mais repugnantes quando eu raspasse todo o seu cabelo bonito e brilhante e o enfiasse *goela abaixo*.

— Além disso — disse Marek ironicamente, inclinando a cabeça em direção à mesa —, eu posso me arriscar com maridos comuns, mas nem eu sou tolo o suficiente para dormir com a do Comandante... seja lá o que você for.

Segui o olhar divertido de Marek até a mesa, onde Arin havia parado de examinar os mapas para nos encarar. Ao meu sorriso envergonhado, ele balançou a cabeça e voltou ao seu trabalho.

— Viu? — disse Marek, muito satisfeito consigo mesmo.

— Não vejo nada. Coma as suas sementes de girassol.

— Ele ainda me chama de "garoto" — reclamou Marek.

— É carinhoso.

— É condescendente. Devo lembrar que ele e eu temos apenas três anos de diferença.

— Errado. Você é uma criança — Jeru retrucou. — Preste atenção.

Nós nos assustamos. Eu tinha esquecido que Jeru estava do outro lado de Marek. O guarda não dissera uma palavra o dia todo.

À mesa, Arin parou de andar de um lado para o outro. Abriu as palmas das mãos sobre a mesa e curvou-se sobre os mapas. Marek e eu trocamos olhares significativos, e me levantei.

Estar ao lado de Arin, enquanto ele se aproximava de uma mesa coberta de mapas, despertava uma nostalgia agridoce. A primeira vez que estivemos naquela posição, foi sobre um mapa com as palavras *Terras Arrasadas,* sobre o antigo território de Jasad. Nunca me passou pela cabeça que, meses depois, Arin de Nizahl estaria curvado sobre outro mapa – só que, desta vez, em nome dos rebeldes que ele havia perseguido durante anos.

— Olá — eu disse, ficando muito perto.

Ele ergueu o queixo e me observou por uma fração de segundo, como se esperasse más notícias. Quando continuei sorrindo como uma idiota bêbada, seu rosto se suavizou.

— Olá.

— O que você acha dos nossos mapas?

Ele gesticulou para os pontos que havia marcado.

— Não é nem de longe o suficiente para o que estamos tentando. Eu poderia desenhar mapas melhores do zero.

Nós. Eu sorri. Nem mesmo o revirar de olhos de Marek conseguiu arruinar o efeito que aquela palavra teve sobre mim.

Arin levantou a mão antes que Lateef pudesse falar, antecipando a indignação do ancião.

— Não quero dizer isso como um insulto. Na verdade, você deveria considerar isso um elogio. Eu tinha mapas muito mais sofisticados do que esses e, mesmo assim, falhei continuamente em capturá-lo.

— Hmm. — Tranquilizado, Lateef reclinou-se na cadeira mais uma

vez, com as pernas cruzadas e uma tigela de tirmis amarelo no colo. Espremeu uma rodela de limão sobre o feijão. — Então, vou considerar como tal.

Arin havia bloqueado três das principais rotas que havíamos planejado originalmente para chegar a Jasad.

— Sem a proteção de Orban, essas estradas ficarão comprometidas em todos os principais cruzamentos.

— E quanto a Tareek il Hadi? — dei uma batidinha na pequena estrada nas colinas da Cúpula Sanguinária, cujo caminho cortava Orban, ao sul de Lukub, e serpenteava por Essam até Jasad. — Meus avós pegaram essa estrada quando fomos para a Cúpula.

— Seus avós também levaram uma comitiva de soldados Jasadi treinados. Tareek il Hadi não é seguro para ninguém desde 1500 d.S. Está saturado de magia antiga.

— Então é só magia fresca que você prefere extrair? — Efra perguntou, encostando-se na outra parede.

Ouro e prata brilharam nos meus olhos.

Por baixo da mesa, Arin pisou no meu pé. Com força.

Desviei meu olhar furioso de Efra. Arin baixou o olhar intencionalmente para as veias que brilhavam sobre a minha pele, pulsando em sintonia com meu coração.

A capacidade de Arin de ver as veias não poderia ser mais inconveniente. A única pessoa capaz de explicar a minha raiva, mesmo quando eu não queria que me explicassem.

— Como eu ia dizendo — continuou Arin, como se não tivesse acabado de salvar Efra de uma noite tossindo as unhas —, Tareek il Hadi não é o ideal, mas pode ser a única opção. Nenhum dos reinos pode dispor de recursos para enviar mais do que um punhado de soldados para patrulhá-lo.

— Obrigado pela compreensão, Vossa Alteza. — Com um olhar

severo para Efra, Lateef deixou cair outra casca de tirmis translúcida na pilha pelo pé. — Podemos nos reunir amanhã e finalizar um plano de ação. Foi um longo dia, e qualquer trabalho que fizermos esta noite não será o nosso melhor.

Assim que Lateef deu a despedida, todos correram para as portas. Marek agarrou o braço de Jeru e o arrastou para fora da sala, murmurando alguma piada sobre os Herdeiros serem deixados com os seus próprios assuntos.

Lateef levantou-se devagar, mastigando um pedaço de tirmis entre os dentes. O grão voou e acertou Namsa bem no meio da testa.

— Pode ir — disse ele, passando a tigela para ela.

Ela limpou a testa com uma careta.

— Você poderia ter usado as suas palavras.

— Eu usei — disse ele. — Na segunda vez, usei meu tirmis.

Ela saiu batendo os pés, deixando a mim, Lateef e Arin à mesa.

A aura de cordialidade de Lateef desapareceu assim que Namsa saiu.

— Essiya, você está *tentando* desacreditar a si mesma?

Eu hesitei.

— O quê?

Lateef esfregou a testa.

— Esqueci que você tem apenas vinte e um anos. E você... — acenou para Arin — vinte e seis. O destino do nosso futuro repousa sobre os ombros das crianças. — Lateef suspirou. — Crianças quebradas e corajosas.

Arin e eu trocamos olhares, mutuamente perplexos.

— Vocês devem ter mais cuidado ao interagir um com o outro — disse Lateef. — Não tornem impossível ignorar o que já é evidente.

Cruzei os braços.

— Não interajo com o Herdeiro de maneira diferente dos outros. Se

você quer dizer que eles vão achar que sou muito amigável, que eu deveria chamá-lo de Serpente Prateada ou andar por aí como Efra...

— Amigável? Pelos Awaleen abaixo, eu daria a minha perna esquerda por amigável. Eu até aceitaria carinhoso. Essiya, é impossível olhar para vocês dois e não reconhecer o quanto estão apaixonados.

CAPÍTULO 58



Ah, não.

Um calor percorreu meu corpo, reduzindo meu comentário cáustico a um som seco. Tornei-me visceralmente consciente da proximidade de Arin.

O olhar de Lateef oscilava entre nós. Ele deu outro suspiro.

— Crianças.

Nenhum de nós falou enquanto a porta se fechava atrás do velho Jasadi. Tentei negociar com o meu maxilar. Se ele se movesse e falasse – qualquer palavra –, eu lhe daria tudo o que quisesse. Pararia de cerrar os dentes antes de dormir. Pararia de sugar a medula dos ossos de boi. Usaria o meu miswak antes e depois de cada refeição.

— No penhasco, você perguntou se eu preferia morrer a ter magia. Se existir como um Jasadi era abominável demais para eu suportar.

Arin encarou a frente, as linhas de seu corpo tensas com uma pressão que devia beirar a dor.

— O que era abominável demais para suportar era a hipocrisia — disse Arin, estranhamente inexpressivo. — As mentiras. — Sua risada me arrepiou. — Quantas vezes eu te considerei uma mentirosa, quando eu não era nada mais do que a espada personalizada que meu pai forjou com magia para lutar contra o método de sua própria criação.

Obriguei-me a desacelerar e a escolher as palavras com cuidado.

— Você se lembra do que eu te disse nos túneis? Na noite em que Vaun me arrastou para seus aposentos e você me perguntou como eu conseguia ler a língua antiga de Nizahl?

— Vividamente. — Arin lançou um olhar irônico em minha direção. — Passei um bom tempo depois do Baile dos Vitoriosos revendo as muitas oportunidades perdidas de descobrir sua identidade.

Revirei os olhos.

— Então se lembra do que eu disse. Do que ainda acredito. Construímos nossa realidade sobre os alicerces que nosso mundo estabelece para nós. Você não tem culpa por ter sido plantado em solo venenoso, Arin. Nossas escolhas surgem quando percebemos no que nos tornamos; quando olhamos para o mundo ao nosso redor e reconhecemos nosso papel nele. Só então, quando você decide se vai criar raízes ou se libertar, é que você pode ser responsabilizado de verdade.

Arin passou os dedos pelos cabelos, com as feições impenetráveis como pedra.

— Uma perspectiva bastante indulgente. Acha que os Jasadis que eu drenei, aprisionei e executei concordariam?

— Sua morte não é uma penitência. Ela não equilibra a balança — eu disse.

— Se eu te dissesse a mesma coisa, você me ouviria?

Surpresa, levei um segundo para me recompor.

— Isso é diferente.

— Você também não se perdoou.

— Pelo o quê? Virar as costas para Jasad?

— Não. — Ele olhou para mim, e me vi presa na ponta afiada do seu olhar. — Por sobreviver.

O ar escapou do meu peito. A honestidade crua de Arin era sempre uma flecha na garganta. Uma morte limpa e rápida, sem deixar sombras para se esconder.

Soltei uma risada trêmula.

— Que dupla nós somos. A Malika, louca por magia, e o Herdeiro, desprovido de magia.

— Você não está louca.

Ainda. Isso permaneceu entre nós, outra flecha que nenhum de nós estava pronto para atirar.

— Mesmo que eu sobreviva, o que acontece depois? O que acha que vai acontecer depois que a fortaleza for erguida? A maldita fortaleza dos Awaleen. Os outros estão tão preocupados em restaurá-la que duvido que tenham pensado muito no que acontecerá depois. Como reconstruiremos Jasad sem a ajuda dos outros reinos? Como negociaremos se nossa fortaleza mantém os mercadores afastados? Existem Jasadis como Adel, que viveram em outros reinos a vida inteira. Formaram famílias em Omal, Lukub, Orban ou Nizahl. Jasadis cujos tataravós deixaram o reino séculos antes da Guerra de Jasad, que quase não têm magia e ainda menos interesse em retornar a uma terra arrasada onde não nasceram. Serão forçados a continuar vivendo escondidos, com medo de perder a vida por qualquer ato inocente de magia?

Balancei a cabeça.

— Precisamos de você. *Eu* preciso de você. Esta manhã, Namsa me perguntou sobre a quantidade de poços ao redor de Usr Jasad e se precisaríamos cavar mais.

— Vinte e sete, e sim.

Gemi, cobrindo o rosto.

— Se você fez da sua nova missão de vida me superar em todos os aspectos, considere-se satisfeito.

Os lábios de Arin se contorceram.

— Você me dá crédito demais.

— Eu te dou exatamente o que você merece — apontei. — Se quiser que eu liste os seus defeitos, terei prazer em listar. Podemos começar com o seu senso de moda. Você tem casacos sem corvos? Poderia escolher ter um casaco novo feito sob medida para você todos os dias, pelo resto da vida, e isso dificilmente arranharia a superfície da sua riqueza ridícula.

Todos eles *precisam* ter corvos?

Arin se inclinou, apoiando-se na mesa e me prendendo entre os braços.

— Não sabia que você dava tanta atenção ao meu guarda-roupa.

O olhar de Arin percorreu-me com uma lentidão dolorosa, deixando um rastro de calor por onde passava.

— O que mais tem na sua lista?

Engoli em seco. Não o via assim desde o Mirayah.

— Seu cabelo. Se eu fosse dormir com o cabelo solto, acordaria com metade dele grudado e passaria o banho seguinte tentando separar cada cacho. Você dorme com o cabelo solto e basta passar os dedos preguiçosamente para domá-lo outra vez.

— Entendo. — Minha boca ficou seca quando ele enrolou um dos meus cachos no dedo, formando uma espiral. — Posso raspar a cabeça, se você quiser.

— Não!

A risada baixa de Arin roçou a lateral do meu pescoço, me arrepiando. Engoli em seco quando ele agarrou os meus quadris e me ergueu até a beirada da mesa, posicionando-se entre os meus joelhos.

— Isso faz parte do jogo? — perguntei, trêmula. — Se faz, é completamente injusto. Estou em desvantagem em termos de experiência.

Arin arqueou uma sobrancelha.

— Sua experiência anterior deixou algo a desejar?

Empurrei o seu ombro, com as bochechas em brasa.

— Você sabe o que quero dizer. Eu não quero... — Prefiro me estrangular com uma corrente serrilhada a revelar a extensão dessa insegurança corrosiva. — Não quero te decepcionar.

Eu poderia muito bem ter lhe dado um tapa na cara. Arin recuou, cílios prateados cintilando em olhos azuis estrondosos.

— Como assim?

A coerência me escapou, escorrendo como água entre os meus dedos.

— Só quero dizer, eu sei que você teve outras. Eu... eu me diverti, ahn, muito, mas para você pode não ter sido tão... o que eu quero dizer é...

O sorriso nos lábios de Arin selou os meus. A alegria iluminou-o como estrelas em um céu escuro. Escondi o rosto em seu ombro, gemendo baixinho.

Uma mão pesada pousou em meu pescoço. Seu polegar deslizou para dentro da gola da minha túnica, acariciando suavemente a base da minha espinha.

— Qualquer vantagem de experiência que eu possa ter evapora no minuto em que você me toca, Suraira. — Sua voz era firme. — Já que parece que não fui muito claro: a vantagem é sua. Você me desfaz por completo.

Um fogo derretido me inundou, mais do que se ele tivesse proferido uma imundície de bar. Eu poderia ter lidado melhor com isso. Mil pequenos tremores percorreram o meu corpo.

— Que crueldade sua dizer tais coisas a uma mulher morta.

Seu aperto em meu pescoço aumentou dolorosamente por uma fração de segundo, depois relaxou.

— Se você viver... se nós dois vivermos... que vida você vê para si?

— Não imaginei nada — eu disse. Estranho o quanto eu havia lutado arduamente para garantir que pudesse existir por mais um dia, mais uma semana, mais um ano. Raramente olhava para o futuro, porque não precisava. Os detalhes poderiam mudar, mas eu não mudaria. Eu estaria lá.

Agora, o futuro explodia de cores e potencial, mas nenhuma das possibilidades me incluía.

— Preguiçosa — ele repreendeu.

Pisquei, lutando para me concentrar em algo além do rastro de seus dedos em meus quadris.

— Não vejo sentido em me entregar a devaneios fantasiosos sobre um futuro que não viverei.

Mais uma vez, Arin reagiu com uma calma inquietante.

— Então, satisfaça-me. — Seus olhos ficaram turvos enquanto eu passava meus dedos enluvados pelos seus cabelos, sucumbindo ao impulso que vinha adiando há dias.

Arin passou um braço por baixo das minhas pernas e outro pelas minhas costas. Ele me carregou até os catres de dormir do outro lado do cômodo, sobras de uma reunião noturna que a Aada realizou algumas semanas antes.

Ele me acomodou em um catre e puxou uma colcha sobre nós, cobrindo os meus ombros.

— Existem outras maneiras de me manter aquecida — apontei.

Em um segundo, eu estava profundamente aconchegada nele, aninhada longe do mundo e de todos os seus horrores. Encostei a minha bochecha em seu colete. Eu estava convencida de que ele havia feito um acordo com as costureiras para produzir um suprimento infinito de coletes para ele na montanha.

— Responda à minha pergunta.

Suspirei. Uma vez que Arin se interessava por uma pergunta, ele não desistia até obter uma resposta satisfatória.

Sabendo que ele não iria desistir do assunto, pensei seriamente sobre isso. Como seria minha vida se eu sobrevivesse à construção da fortaleza?

— Quando Jasad estiver segura, e a minha melhor utilidade não for à frente de um exército ou sob uma coroa, acho que vou querer viajar — disse eu, surpresa comigo mesma. — Pensei muito nisso quando criança.

Explorar. Eu implorava a Dawoud e Soraya que me levassem às suas wilayahs. Usr Jasad parecia enorme para muitos que passavam por suas portas, mas sempre me pareceu tão limitado. Eu subia nas árvores dos jardins todos os dias, olhando para o mundo e desejando poder fazer parte dele. — Dei uma risadinha. — Praticamente gritei até ficar rouca até Gedo Niyar e Teta Palia concordarem em me levar à Cúpula com eles. Acho que só aceitaram porque temiam que eu usasse a ausência deles para passar mais tempo com a minha mãe.

Limpei a garganta e coloquei a minha bochecha em seu braço.

— E se você estivesse em Nizahl, eu iria visitá-lo. Poderia me mostrar os seus lugares favoritos, e eu fingiria entender por que eles são uma maravilha arquitetônica. — Fechei os olhos com força.

Sua respiração agitou o topo da minha cabeça. Ele parecia exausto.

— Suraira, não consigo imaginar como fazer você acreditar em mim. Qualquer lugar que você esteja é meu lugar favorito.

Estremeci, rolando para longe dele. Tentei falar em um tom mais leve.

— Nesse caso, espero que você goste de túmulos.

— Não é coragem fingir que a vida não tem valor para você — disse Arin. — Não é coragem afastar todas as coisas que a tornam digna de ser vivida.

Fazia séculos que eu não me lembrava de que a minha morte não era uma trágica inevitabilidade, mas uma escolha que eu estava fazendo. Uma escolha necessária, mas ainda assim uma escolha. É claro que Arin ficaria chateado.

As escolhas que eu fazia sempre o deixavam sozinho.

Após um minuto tenso, ele disse:

— Continue. Conte-me sobre o resto da sua vida.

Deitada de costas, submeti o teto a um escrutínio intenso e injustificado.

— Por fim, quando o mundo estivesse seguro outra vez, eu gostaria de me estabelecer. Provavelmente em Jasad, mas... há uma casa azul em Mahair, não muito longe da fortaleza. Tem um jardim e espaço para Marek e Sefa. Eu replantaria a minha figueira, e Marek provavelmente a manteria viva para mim, porque as plantas parecem gostar mais dele. Eu abriria uma botica, ou talvez uma fortaleza como a de Raya. Ensinaria às moças a melhor maneira de estripar um homem e como trançar o cabelo sem se olhar no espelho. Fairel ainda não domina esta última.

Minha contenção chegou ao limite e me aconcheguei no ombro de Arin mais uma vez, com os olhos se fechando. O sono já estava se apoderando de mim, e seu peso rapidamente se tornou forte demais para resistir – embora eu tentasse. O que ele poderia me oferecer quando as minhas horas de vigília já haviam me tecido o mais doce dos sonhos?

— À noite, eu voltaria para casa, para você.

Por fim, quando o sono me tomou, ele sussurrou o seu pedido de desculpas.

CAPÍTULO 59

ARIN

Ele colocou o bilhete em seu punho cerrado e puxou o cobertor sobre seus ombros antes de se levantar.

E continuou de pé, preso no lugar.

Arin sempre considerou que era uma exigência de qualquer líder delinear suas áreas de força e fraqueza. O que poderia ser mais imperativo do que entender onde você poderia ser testado e falhar?

Mas, enquanto Arin observava Essiya se contorcer no colchão vazio onde ele havia se deitado, com o queixo projetando-se para fora dos cobertores enquanto ela se enterrava profundamente, Arin não sabia se a dor que o consumia por dentro era força ou fraqueza. Isso o desestabilizou. Desestabilizava-o a cada minuto que passava na presença dela.

Mas também lhe dava força para se virar e ir embora.

Excluí-la, fingindo que deixar o lado dela não o destruía aos poucos enquanto caminhava, não era uma opção viável. Se ela o enfraquecia, que assim fosse. Arin seria duas vezes mais forte.

O guarda na porta de Jeru acordou com um sobressalto ao ver Arin se dirigindo em sua direção. Ele olhou para trás de Arin, procurando por uma escolta, e pulou de pé ao ver o corredor vazio.

— Você não pode estar aqui — disse o homem, em pânico. Prata e ouro giraram em seus olhos, mas Arin atacou mais rápido, passando um braço em volta do seu pescoço.

O primeiro guarda caiu no momento em que o segundo guarda contornou o canto carregando uma ula de barro e um prato de ruz ma'amar[14]. Ambos caíram a seus pés ao ver Arin colocando

cuidadosamente a guarda no chão.

Ela era esperta; não tentou lutar diretamente contra Arin. Alguém precisava dar o alarme, e ela se virou, com o peito se expandindo com o início de um grito.

Teria funcionado se Arin já não estivesse em movimento. Uma das cadeiras dos guardas voou pelo pequeno corredor e bateu nas costas dela.

Um minuto depois, Arin arrastou seu corpo inconsciente para ao lado do outro guarda.

Pelo menos eles não desperdiçaram sua magia em uma tentativa inútil de detê-lo.

Jeru olhou para cima ao ouvir o rangido da porta, completamente acordado. Ao ver seu Comandante, Jeru acenou para si mesmo.

— Foi o que pensei.

Sem ser solicitado, o guarda seguiu Arin para fora do cômodo, passando por cima dos corpos adormecidos em sua porta.

Eles já haviam dobrado a esquina quando Marek saiu cambaleando do quarto, com o cabelo despenteado para todos os lados e o sono pairando sobre ele. Segurava uma ula vazia. Quando avistou Arin e os guardas inconscientes, o sono desapareceu. A compreensão tomou conta do trabalhador.

— Seu traidor de sangue frio — ele sussurrou. — Você está abandonando-a. Ela te contou todos os segredos que eles têm, e você está indo embora.

— Marek, não é o que você pensa. — Jeru agarrou o braço do garoto. Marek se soltou, e Arin teve a precaução de agarrar a frente da camisa de Marek antes que ele pudesse correr pelo corredor e terminar o que a segunda guarda havia começado. Arin o empurrou pela porta de onde havia saído, entrando no quarto escuro com Jeru logo atrás.

— O Comandante não está traindo a Malika — disse Jeru, olhando

para o contorno imóvel de Sefa na cama. — Ele está tentando ajudá-la. Se ele voltar para Nizahl, poderá chamar de volta os soldados de Jasad. Remover os bloqueios das rotas comerciais que os Jasadis precisam para chegar ao seu reino. Ele pode impedir que seu pai envie recrutas para a morte. Marek, se Arin voltar, Jasad terá Nizahl ao seu lado.

Relutante, a atenção de Marek voltou-se para Jeru.

— E o Supremo?

Arin soltou o menino abruptamente e limpou as luvas nas calças.

— Meu pai é minha responsabilidade. Assim como Vaida.

O volume sob os cobertores sentou-se, e Sefa olhou friamente para os três homens em seu quarto.

— Você vai matá-la?

Um fino raio de luz vindo do corredor cortava a silhueta de Sefa. Apesar do tédio em seu tom, uma mistura conflitante de arrependimento e consternação fervilhava sob a superfície do rosto marcado pelo sono de Sefa.

Arin se perguntou brevemente qual dos seus rostos em constante mudança Vaida havia mostrado a Sefa. Depois que Sefa cortou o seu dedo, a Vaida que Arin conhecia teria amarrado cada membro da garota a uma árvore diferente enquanto um bando de vira-latas famintos a despedaçava. Deixando-a no Poço dos Traidores, a poucos quilômetros do domínio de Arin? Se não soubesse, Arin poderia ter pensado que Vaida *queria* que a costureira fosse salva.

Arin respondeu à amiga de Essiya com a honestidade que ela merecia:

— Espero que não.

— Ótimo — murmurou Sefa. Ela se aconchegou outra vez nas cobertas, parando no meio do caminho para olhar para Arin. — Eu nunca lhe agradeci pelo Sumo Conselheiro.

— Então fique aliviada, pois não tenho interesse em seus

agradecimentos.

Um sorriso discreto surgiu nos lábios de Sefa.

— Vocês dois são mesmo perfeitos um para o outro.

A estranha garota meio Lukubi, meio Nizahlana desapareceu sob as cobertas, deixando Arin olhando para ela.

— Tudo bem — Marek interrompeu, alisando as rugas que Arin tinha deixado em sua gola. — Digamos que eu acredite em você sobre o Supremo. Como exatamente você planeja superar uma acusação de traição?

Jeru cutucou Marek com o cotovelo, mas Arin mal percebeu.

— Assassinato só é traição se não for consumado — disse Arin. Ele enfiou as mãos nos bolsos e se virou para a porta. — Quando eu terminar, chamarão isso de sucessão.

CAPÍTULO 60



ESSIYA

As horas passaram enquanto eu estava sentada no centro do Aada. Pessoas diferentes se revezavam gritando, mas já tinham desistido de direcionar a sua ira para mim. Nenhuma quantidade de sarcasmo havia conseguido uma resposta. Atirar pedras em uma parede perde o apelo depressa, então se voltaram uns contra os outros.

Em teoria, eu estava ouvindo. Em teoria, eu parecia inexpressiva e taciturna.

Na verdade, me esforçava para conter a minha magia enquanto ela uivava dentro de mim, batendo contra as minhas barreiras mal erguidas. O que ninguém no Aada conseguia ver eram as veias pulsando em prata e ouro brilhantes, um inferno de cores queimando em mim.

Quando acordei esta manhã e li o bilhete na minha mão, as veias já haviam conquistado a minha garganta e se arrastado até o meu maxilar. Pulsavam por todo o meu corpo, esforçando-se para alcançar o resto do meu rosto.

Se eu relaxasse um centímetro sequer, a minha magia romperia meu controle e massacraria todos ao redor. Ela me engoliria nas chamas, deixando uma criatura dos pesadelos dos Awaleen rastejando para fora das cinzas. Uma criatura sem interesse em fortalezas ou criação; uma criatura com o único propósito de destruir.

A metade superior rasgada da nota flutuava no centro da mesa, onde passou entre dezenas de mãos.

Leve o Sareekh il Ma'a para Jasad.

A segunda metade da nota, guardada dentro da minha túnica, não

havia sido compartilhada com as massas.

Eu te encontrarei outra vez, Suraira.

Levantei-me abruptamente, fazendo com que os grupos em disputa se calassem. Descontrair os dentes demorou mais do que eu esperava, pois os músculos da minha mandíbula resistiram ao movimento repentino.

— Partiremos para Jasad amanhã. Perguntarei ao Sareekh quantos de nós ele pode transportar por vez e quanto tempo prevê que levará a jornada ao redor de Nizahl. Podemos enviar um pequeno grupo de busca para garantir que o nosso local de desembarque esteja livre de soldados.

Seguiu-se uma onda de protestos, mas os interrompi com a mão erguida.

— Ouvi os seus argumentos, e nenhum deles inclui uma opção que nos permita chegar em segurança a Jasad a tempo para Nuzret Kamel. Os Jasadis em outros reinos não têm escolha a não ser arriscar as rotas comerciais para chegar ao nosso reino; nós temos a vantagem de viajar pelo mar. Ignorar isso sem um bom motivo é uma receita para a morte.

"Entendo as suas dúvidas em relação à minha decisão. Entendo por que vocês podem hesitar em aceitar a sugestão de nosso inimigo jurado. Mas, em quatro dias, Nuzret Kamel dissipará a névoa da Ponte Sirauk. Os registros mostram que ela dura apenas uma ou duas horas. Não podemos permitir que o rancor nos domine. Não podemos perder nossa oportunidade de erguer a fortaleza.

— Por que o ouviríamos depois que ele te traiu? — Efra se levantou de um salto. — Ele veio a esta montanha, descobriu todos os nossos planos, fez o papel de vilão arrependido... e depois fugiu!

No momento em que o estrondo de descontentamento ameaçava se transformar em mais uma hora de gritos, uma voz trêmula falou pela primeira vez.

— Ele deixou o cetro para trás — disse Maia. Os olhos castanhos de

corça, mais adequados a um poeta do que a uma lahwa, se voltaram para o canto da sala, onde o cetro do Supremo Rawain ainda repousava. — Se ele tivesse mesmo nos traído, não o teria pegado?

— Ele não deve ter tido tempo — Efra retrucou.

— Se algum de vocês tiver uma ideia melhor para chegar até Jasad, pode me encontrar na encosta do penhasco. — Saí depressa do cômodo, fechando a porta atrás de mim. Assim que virei a esquina, comecei a correr.

— Você acha que o resto de nós não luta contra a escuridão que nosso poder traz? — ela grita. — Acha que não entendemos?

Eu rio.

— Com que escuridão você luta?

Uma terceira figura agarra o braço da mulher de olhos marejados, segurando-a.

— Chegamos tarde demais. Resigne-se à apatia, e a atrocidade certamente virá. Não se pode extrair compaixão de uma pedra.

— Você me magoou — digo devagar. — Permita-me retribuir o favor.

Nossa magia se rompe.

Oito cores riscam o céu, misturando-se ao crepúsculo.

Quando pisquei de volta para o meu corpo, eu estava lá fora, oscilando na beira do penhasco.

Você se lembra.

Dei um passo trêmulo para trás e balancei a cabeça. Nada daquilo era real. Não podia ser.

Entendo.

Respirei fundo, concentrando-me no horizonte azul ininterrupto que se estendia muito além do Sareekh. O sol brilhava através das nuvens nebulosas, diamantes cintilando sobre as ondas que batiam ao redor do Sareekh. Um panorama lindo para qualquer padrão. Que pena que a única pessoa presente não pôde se aquecer diante da beleza.

— Somos oitocentos nesta montanha. Quantas viagens vocês fariam para nos transportar até Jasad e quanto tempo levaria?

Serão necessárias vinte viagens para transportar oitocentos. Duas revoluções solares para terminar.

Fiz os cálculos. Vinte viagens, oitocentas pessoas, dois dias. Cada viagem levaria algumas horas. Uma ninharia em comparação com as nossas outras opções.

— O primeiro grupo parte hoje à noite.

Eu estarei aqui.

— Obrigada — eu disse. — Por tudo.

Encontrei Maia e Namsa e pedi que reunissem o máximo de Jasadis possível na encosta do penhasco.

— Gostaria que vissem uma última coisa antes de irmos.

Vinte minutos depois, eu estava outra vez na beirada, com metade dos Jasadis da montanha se aglomerando à minha frente. Maia e Namsa estavam de cada lado, um apoio silencioso.

Encarei a multidão. O poder permeava minha voz, amplificando-a pela encosta da montanha.

— Quando muitos de nós pensamos em guerra, imaginamos o campo de batalha. Espadas cantando no ar, cavalos galopando sobre os terrenos em chamas. A guerra é conhecida apenas por sua violência física. — Contemplei o mar de Jasadis, ancorando-me na atenção deles. — Mas há uma consequência da guerra pior do que qualquer espada. Mais violenta do que qualquer derramamento de sangue.

Abri os dedos e os passei pelos meus olhos. Fios dourados e prateados seguiram meus dedos, conectando-se aos pontos pulsantes nas minhas têmporas. Torci as mãos, enrolando os fios nos meus pulsos como pulseiras de gaze.

— A primeira consequência fatal da guerra é a nossa voz.

A magia envolveu meus braços, enrolando-se em volta do meu

pescoço e torso em cordas que se enrolavam constantemente.

— Passei a vida assustada com o som do meu próprio nome. Dobrei as partes de mim que o mundo não queria em um pedaço tão pequeno quanto possível, e esperava que o tempo as levasse embora. Magia não é tudo o que somos, mas é tudo o que eles estavam dispostos a ver. O medo deles nos separou, e o nosso medo destruiu o que restou.

Os fios se entrelaçavam no meu cabelo, ondulando ao longo dos meus cachos. O céu escurecia enquanto os meus kitmers circulavam acima, com os seus gritos ecoando entre as montanhas silenciosas.

— Hoje, vamos usar o medo deles contra eles. Vamos recuperar o que foi tirado e vamos fazer isso em voz alta. Não vamos recuar. Não vamos nos esconder. Ouçam-me bem e ouçam-me com sinceridade: esta não será outra Guerra de Jasad.

Minhas botas deixaram o chão. Os fios giravam mais rápido, rodopiando ao meu redor aos milhares. A luz se intensificou, mais quente que o sol. Minha magia uivava, sua alegria pulsando em cada fio ao meu redor. Eu era o coração da magia. O eixo do poder.

— Este é o nosso cerco.

Abri bem os braços. Os fios se expandiram atrás de mim, tecendo juntos uma sombra dourada, comigo como fuso.

Eu ri, lágrimas douradas escorrendo pelos cantos dos meus olhos, enquanto a agonia percorria o meu corpo. Enormes asas prateadas irromperam da sombra. A encosta do penhasco tremeu enquanto os Jasadis gritavam.

Chifres brilhantes perfuraram o ar quando o kitmer ergueu a cabeça, olhos negros se movendo junto com os meus. Torso, pernas, espinha – os fios se apertaram em volta do kitmer até que ele se desfez em um poderoso bater de asas. O kitmer gritou, o som ecoando pelo horizonte, e eu sabia que eles o ouviriam a quilômetros de distância.

O grito de uma terra queimada renascendo das cinzas.

Meus kitmers menores se levantaram para se juntar a eles, uma rajada de asas prateadas e douradas bloqueando o sol. Protegi o rosto enquanto o vento soprava ao redor deles.

Efra caminhou em direção ao penhasco, hipnotizado. O kitmer que eu conjurara no Baile dos Vitoriosos finalmente retornou.

Inclinei a cabeça, e ele girou sobre a superfície do mar, abrindo as asas enquanto voava em direção a Essam. Ele queimaria o céu com ouro e prata sobre as rotas comerciais; as protegeria, lembraria aos Jasadis que enfrentavam as jornadas até o nosso reino do que os esperava do outro lado.

Lar.

O pandemônio abalou a montanha. A alegria se espalhou como fogo. Grupos de crianças escaparam dos pais e correram pela encosta do penhasco, em busca de outro vislumbre dos kitmer.

A culpa é minha, por ter esperado tanto tempo para provar a potência da minha magia para eles. Eles deveriam saber quem os liderava. Eles deveriam saber que tipo de magia os apoiava.

— Essiya, você está bem? — Namsa se agachou ao meu lado, preocupada.

— Sem dúvida. — Levantei a cabeça. Meus olhos brilhantes e secos encontraram os olhos atônitos de Namsa. — E você deveria se referir a mim como Malika.

CAPÍTULO 61



Prenderam ele e Jeru a dezesseis quilômetros da Cidadela.

A cooperação de Arin enquanto amarravam ele e Jeru na parte de trás da carroça só aumentou a inquietação dos soldados, e quando chegaram aos terrenos da Cidadela, os soldados já estavam envolvidos em três horas de sussurros furtivos.

Por meio deles, Arin soube que seu pai não havia decepcionado suas previsões. Soldados experientes haviam sido enviados para proteger o território entre Nizahl e Lukub, bem como para manter o Palácio de Marfim. Camadas e mais camadas de proteção se erguiam entre a Cidadela e Lukub, enquanto todos os recrutas em todos os complexos haviam sido retirados do treinamento e recebido ordens para marchar para o sul.

Em direção a Jasad.

Jeru pareceu levemente enjoado com a notícia, mas Arin não se comoveu. Dois dias haviam se passado desde que escapara de Gibal, e Arin não tinha ilusões sobre o tipo de caos que ele havia deixado para trás. Os Jasadis não teriam querido seguir o conselho que ele escrevera para Essiya. Teriam lutado contra ela por isso.

Ela provavelmente o queria morto mais do que qualquer um naquela montanha. Ficaria incandescente de fúria, ou pior, cortaria sua dor com a ponta afiada de sua magia.

Em ambos os casos, ela teria seguido o conselho de Arin. Era um bom conselho, e Sylvia de Mahair nunca tinha dado as costas a uma ferramenta. Isso poderia mantê-la viva, não importava quem a oferecesse. Os recrutas precisariam marchar até a mais baixa das

wilayahs do sul para a guerra.

Tudo o que Arin precisava fazer era chegar até Janub Aya antes de seus soldados.

O primeiro portão se abriu para a carroça deles. Fileiras de recrutas observavam Arin e Jeru passarem com graus variados de choque. A notícia da chegada de Arin chegaria à Cidadela muito antes dele, e, de fato, Bayoum estava esperando nos terrenos da Cidadela quando a carroça parou.

Os soldados ajudaram Arin e Jeru a sair da carroça. O rosto de Bayoum ficou azedo com o comportamento excessivamente solícito deles.

— Você voltou — desdenhou Bayoum. — Por quê? Acha que tem chance de ser julgado depois de ter brutalizado o Supremo? Defender o seu caso em nossas cortes? O destino dos traidores está nas mãos dos traídos.

— Mão — disse Arin.

— O que?

— Ele só tem uma mão. Eu peguei a outra.

Bayoum ficou da cor de uma beterraba. Ele se virou para os soldados.

— Levem o traidor para a Cápsula e joguem o guarda dele em uma das celas sob a torre. Se o traidor escapar... se vocês permitirem que ele se liberte das amarras... executarei vocês e todos que já conheceram.

Jeru olhou para Arin enquanto era levado embora e assentiu, com uma expressão resoluta em seu rosto duro.

Naquele momento, Arin perdoou cada mentira, cada duplicidade. É claro que Jeru tentara salvar Marek. É claro que Jeru usara Marek para levar à justiça um líder corrupto que abusava de seu poder nas aldeias mais baixas. Ao contrário de Vaun, que seguira as ordens de Arin até a última sílaba, Jeru obedeceu aos princípios do Comandante que Arin

almejava ser. E quando Arin se desviou, Jeru manteve a linha. Ele se manteve firme.

Mesmo que isso significasse seguir Arin até a morte.

Nuvens baixas velavam o topo da torre da Cidadela. As alas da Cidadela curvavam-se ao redor da torre em crescentes de aço, com os corredores de vidro que as conectavam à torre congelados pelo frio. Pedras negras brilhavam ao redor das janelas, banhadas em ouro pela luz de velas.

Arin sabia que a Cidadela não era particularmente quente. Visitantes de outros reinos, até mesmo de outras partes de Nizahl, costumavam brincar que a Cidadela havia sido construída para inspirar apreensão em todos que a contemplassem.

Mas Arin também não era particularmente caloroso. A Cidadela sempre fizera parte de Arin – o aço em sua espinha, a pedra em volta de seu coração. O eixo em torno do qual seu mundo girava.

Assim como Arin havia assumido a forma da Cidadela, também era hora de a Cidadela espelhar o seu mestre.

Pedra por pedra. Aço por aço.

Ruína por ruína.



Os soldados o entregaram a dois guardas de seu pai, que ficaram visivelmente menos abalados em transportar Arin como um prisioneiro comum. Eles também conheciam a Cápsula, tendo escoltado Arin de ida e volta para os seus castigos quando criança.

— Rauf. Zach. — Arin inclinou a cabeça. — Isso deve parecer familiar demais para vocês.

Rauf pigarreou, abrindo a boca apenas para se interromper diante do olhar penetrante de Zach. Rauf sempre tivera um toque um pouco

mais suave do que o restante dos guardas de seu pai, e a idade parecia ter agravado o problema.

Depois de subir cinco andares, eles pararam no meio da próxima escadaria. Zach balançou o cotovelo contra os blocos irregulares de pedra cinza. Em vez de quebrar seus ossos, o bloco sob seu cotovelo explodiu em nuvens de poeira. Zach empurrou o braço pelo espaço vazio e se abaixou.

As pedras se moveram, abrindo-se para revelar uma passagem escura e empoeirada. A passagem era estreita demais para mais de uma pessoa passar ao mesmo tempo, então Rauf ficou na frente de Arin, enquanto Zach ficou atrás.

A passagem terminava em um espaço escuro esculpido na parede. Terminava na Cápsula, no nada: um buraco negro onde nem a luz nem a sombra podiam chegar.

Arin cerrou os dentes. Ele havia subestimado a intensidade com que seu corpo reagiria à Cápsula, independente da idade.

Sem ser solicitado, Arin cruzou a soleira de trinta centímetros de altura e entrou no buraco. Os guardas o observaram por um minuto, talvez esperando que a fachada de cooperação se rompesse.

Arin se acomodou no fundo do buraco e esticou as pernas à sua frente, cruzando-as na altura dos tornozelos.

Por fim, os seus passos desapareceram, deixando Arin para lutar contra seu antigo inimigo.

O vazio.

A Cápsula só existia graças às forças da paranoia que governavam o Supremo Ghashli, governante de Nizahl cinco gerações depois de Fareed. O Supremo Ghashli estava convencido de que os seus inimigos estavam nas muralhas, vindo para matá-lo. Ele contratou dezenas de Laeyim de Omal para construir passagens por toda a Cidadela, na tentativa de encontrar as vozes. Os Laeyim eram excelentes construtores, mas a sua

magia tinha um efeito colateral infeliz: as passagens ficavam escondidas de todos, incluindo o Supremo Ghashli. Ele não só estava convencido de que havia inimigos à sua espera atrás das muralhas, como agora lhes havia concedido passagens que levavam diretamente a várias alas da Cidadela.

O Supremo Ghashli desapareceu logo após os Laeyim concluírem a construção. Levaram anos para encontrar o seu corpo. Uma das passagens para a Cápsula havia se aberto misteriosamente para o Supremo, e parecia que ele nunca mais encontrara a saída. Eles descobriram seu cadáver no exato local onde Arin estava sentado, um sorriso grotesco fixo na carne que restava em seu esqueleto.

Arin inclinou a cabeça para trás, e o fio de ar branco que saía de seus lábios era a única evidência de vida no nada. A única diferença entre Arin e os fantasmas persistentes de sua infância, todos os quais haviam morrido de uma forma estranha naquele buraco.

Arin respirou. Ele esperou.

Ele fechou os olhos e pensou em um sorriso tímido curvando-se contra seu ombro. Ele encheu seus ouvidos com o som da risada dela, a maneira como ela explodia descontroladamente de seu peito e se abafava atrás de sua palma.

À noite, eu voltaria para casa para você.

Arin sentou-se entre seus fantasmas e sonhou com seu futuro.

CAPÍTULO 62



ESSIYA

Alguém abriu a minha pálpebra.

— A magia dela não falhou nenhuma vez. Ela está agitada desde que mandou os kitmers embora — murmurou Namsa.

— Sabemos... poderia ser... — Maia, quieta e incerta.

— O que você acha? — Efra disparou. — Temos que controlar os sintomas antes que ela morra por completo. Ajude-me a arrastá-la até o lago. O balde não será suficiente para reanimá-la desta vez, e precisamos ir. O Sareekh estará de volta para nos buscar esta noite.

Ri sem abrir os olhos. O som metálico ressoou quando os pés se afastaram, e uma série de suspiros ecoou pela sala.

— Os quatro vieram primeiro e escaparam pela névoa da história — cantarolei com a voz que não era a minha. — Filhos da prata, cuidado, cuidado! Essas lendas de mentiras e glória.

Eu me esgueirei para longe.

CAPÍTULO 63



Arin não tinha certeza de quanto tempo havia se passado antes que um baque do outro lado da passagem o despertasse de seu sono leve. Não poderia ter se passado mais de um dia.

A luz queimava o interior dos olhos de Arin, e ele levantou a mão contra a tocha que se aproximava dele do outro lado do corredor. Quando ela parou na frente da Cápsula, iluminando a pessoa do outro lado, Arin ficou momentaneamente atordoado.

— Layla?

Lágrimas secavam em filetes pelas bochechas redondas de Layla. As pulseiras de ouro em seus pulsos tremiam sob a mão trêmula que segurava a tocha no alto.

Sangue cobria a frente do seu vestido.

— Eles estão chegando. Eu disse a eles que estavam chegando, e eles não acreditaram em mim — ela ofegou, e Arin se moveu depressa para pegar a tocha antes que ela pudesse deixá-la cair sobre si mesma. — Eu estava perto de uma de nossas propriedades e vi...

— O que foi? — Arin segurou o seu cotovelo, puxando-a para cima. — O que está chegando?

— Os Cães Rubi. — Um soluço molhado. — Ela os trouxe de volta. A Sultana... ela deixou o Mirayah com centenas de Cães atrás de si. O Palácio de Marfim foi retomado, e ela marcha em direção a Nizahl neste momento. Eu a vi massacrar um regimento inteiro. Os Cães apenas... eles apenas destruíram os soldados, e eu não pude ajudar nenhum deles, não pude...

Por trás do susto, uma explosão imprudente de admiração tomou

conta de Arin. Ela realmente tinha conseguido.

— Cães Rubi. — Sombras dançantes se moviam pelas paredes enquanto ele se levantava, contorcendo-se com a trajetória de sua tocha. Layla sentou-se na borda alta da Cápsula, agarrando-se à pedra. — Ótimo.

— Ótimo? — Layla o encarou boquiaberta. — Seus pelos são feitos de pedras preciosas puras! Nossas espadas não podem feri-los. Nada pode!

Como Arin não reagiu com o susto apropriado, Layla recuou. Ela o encarou com horror crescente.

— Você sabia o que a Sultana faria? — perguntou. — Sabia que ela traria um exército de Cães Rubi contra nós?

— Eu sabia que seria um exército.

Ela nunca vencerá uma guerra contra Nizahl. Nem que passe três vidas se preparando.

— Não sabia que tipo de exército.

Algo a convenceu de que pode.

— Então você tem um plano? — Layla estendeu a mão, segurando sua manga. Arin baixou o olhar para o ponto de contato indesejado. — Eu sabia que você teria.

Enquanto observava Layla se inclinar em sua direção, o conhecido choque de medo e fascínio transparecendo em sua expressão, a frustração de Arin, que já vinha crescendo há muito tempo, enfim superou as suas maneiras.

Ele puxou a manga.

— O que você teria feito se eu tivesse correspondido ao seu interesse?

Layla piscou.

— Meu suserano...

— Layla. Neste exato momento, não sou o seu suserano. Considere

esta uma oportunidade limitada para falar comigo livremente. — Arin observou a diplomata ensanguentada. Em muitos aspectos, Layla teria sido sua companheira ideal. Ela gostava de desvendar as políticas intrincadas da corte e lidar com nobres de temperamento frágil. Gentil e imparcial, teria suavizado a imagem de Arin perante seu povo e ajudado a governar com firmeza.

Ela também teria levado uma vida de miséria singular com um marido cuja proximidade ela ansiava e temia em medidas desiguais.

Layla era um componente essencial de seu plano, o que tornava o momento em que a paciência de Arin finalmente atingiu seu limite menos do que ideal.

— Você coleciona essas pulseiras de seus pretendentes e fala sobre como anseia pelo par perfeito. Já a ouvi dizer inúmeras vezes que os seus únicos desejos são um amor pacífico com um bom homem. — Arin agachou-se, a barra do casaco formando uma poça negra ao redor de suas botas. — Meu amor jamais teria sido pacífico para você. Como poderia ser, se você não encontra paz em mais nada em mim?

Quando Layla se encolheu, claramente pronta para protestar, Arin tentou outra tática.

— Por que você veio me libertar?

Desta vez, não houve hesitação.

— Você é o Comandante. Nizahl está sob ataque e precisamos de você.

Arin sorriu.

— Essa não foi a resposta certa, foi? — ela sussurrou. — Eu deveria ter escolhido outra coisa.

— Foi a resposta perfeita. — Ele era o seu Comandante. Seu Herdeiro. — É só que eu amo uma mulher cujas escolhas não são tão perfeitas. — Que encontrou sua paz em Arin, mesmo quando Arin não encontrava nada de pacífico em si mesmo.

Arin se endireitou, levantando-se em toda a sua altura.

Chega disso. A Cápsula já teve sua chance de canibalizar seus pedaços favoritos de Arin, e ele não lhe ofereceria novos pedaços.

— O conselho foi convocado? — perguntou Arin.

— S-sim. Na ala de guerra.

Eles precisavam se apressar. Na melhor das hipóteses, a coragem do conselho duraria até o primeiro portão ser arrombado.

— Peça aos soldados para libertarem meu guarda debaixo da Cidadela — disse Arin. — Encontre-me na ala de guerra quando terminar. Jeru não irá com você... ele tem suas próprias ordens.

Sem esperar para ver se Layla a seguiria, Arin atravessou a passagem. Mesmo que as defesas que Arin havia estabelecido funcionassem, os Cães Rubi já haviam conseguido viajar a uma velocidade três vezes maior que a de um cavalo. Vaida estaria nos portões da Cidadela ao anoitecer, se não antes.

Cães Rubi. Arin entrou na escada, com um humor relutante apertando os cantos da boca. Como uma verdadeira prodígio daquelas cortes encharcadas de sangue, Vaida sabia que precisava de uma maneira de vencer uma guerra contra Nizahl sem o apoio dos outros reinos.

Quando Vaida chegasse, Arin estaria preparado.

Ele também era um prodígio dessas cortes.

CAPÍTULO 64

ARIN

As portas da sala do conselho se abriram sob as mãos de Arin.

Como esperado, o conselho já estava de pé, com os seus gritos claramente ouvidos do outro lado do corredor. Um momento depois, Arin poderia tê-los pego em meio à fuga. A Cidadela era o alvo do ataque de Vaida, e fazia muito tempo que nenhum daqueles nobres débeis lutava uma batalha que não tinham certeza de que conseguiriam vencer. Anos desde que haviam reconhecido o verdadeiro significado de sua mortalidade.

Cabeças se voltaram para Arin, e ele se divertiu ao descobrir que apenas Bayoum parecia furioso ao vê-lo libertado da Cápsula. O alívio tomou conta dos outros.

Rawain o observava da cabeceira da mesa, sem se surpreender com a aparência do filho. O brilho de saúde que seu pai carregara ao longo dos seus cinquenta e poucos anos havia se esvaído em um tom cinza doentio. Até os seus ombros pareciam ter encolhido, menores do que o normal sob o tecido pesado de suas vestes. O lugar na mesa onde seu cetro normalmente se apoiava estava visivelmente vazio.

— Prendam-no! — rugiu Bayoum. — Quem deixou esse traidor em liberdade?

— Ele é o seu Herdeiro! — Sama rosnou. — O Comandante deste reino.

— Títulos não duram mais que traição!

Arin os ignorou. Seu pai observava Arin, e Arin retribuía a atenção na mesma moeda.

Será que ele já havia planejado esse golpe em sua cabeça? Em outro

mundo, Arin poderia ter dedicado tempo explicando ao conselho o que Rawain havia feito; a Cúpula Sanguinária, a magia extraída, a verdade sobre a herança de Arin. Arin teria preferido uma abordagem direta, guiada por fatos e pela razão.

No entanto, nesse cenário, o conselho precisaria de provas irrefutáveis, e Arin não as tinha. Enquanto isso, a prova da traição de Arin estava escondida na manga do manto de seu pai. Facilmente disponível e inegável. Uma decisão seria tomada, e não seria a favor de Arin.

Talvez Rawain ficasse orgulhoso. A nova estratégia de Arin havia sido herdada diretamente do pai.

— Não vai demorar muito para que Vaida chegue aos portões da Cidadela com os Cães Rubi — disse Arin. O barulho da discussão cessou. Bayoum ainda o encarava, mas estava claramente em desvantagem. — Os Cães Rubi não podem ser abatidos por espadas modernas. Nenhuma armadura os protegerá. Eles seguem a Sultana e somente a Sultana.

Arin foi até as janelas e abriu a fechadura que prendia os dois lados. A janela se abriu para fora, trazendo uma brisa refrescante totalmente em desacordo com a gravidade do que se escondia atrás do contorno escuro da Floresta Essam.

— O alarme da torre não soou — disse Sama, enxugando a testa com a parte interna do pulso. — Se Nizahl estivesse em perigo de verdade, ela não teria nos avisado?

— Vaida ainda não cruzou as fronteiras de Nizahl. — Arin traçou a muralha, seguindo seu caminho através do mapa em sua mente. — Ela deve ter ido para o norte primeiro para retomar o Palácio de Marfim e expulsar os nossos soldados. Imagino que meu pai tenha enviado milhares de soldados para barricar a Cidadela por oitenta quilômetros, no mínimo. Ela usará a maior parte do seu exército para destruir aqueles soldados, e o restante enviará para as montanhas. — O dedo de Arin

moveu-se sobre o muro. — Onde eles entrarão em Nizahl pelas aldeias mais baixas.

— Que os Awaleen nos salve. — Gersiny sentou-se pesadamente na cadeira, a bengala torta sob o aperto firme dos nós dos dedos. — Será um massacre.

— Sim. — Arin inclinou a cabeça. — Mas não precisa ser.

Gersiny ergueu a cabeça, a esperança transbordando de sua tez esverdeada.

— Tem algum plano, Vossa Alteza?

A deferência de Gersiny quebrou o que restava da contenção patética de Bayoum.

— Será que esquecemos que o traidor desapareceu com o cetro do Supremo? Que ele é suspeito de colaborar com os rebeldes Jasadi? — O conselheiro bateu com a mão na mesa. — Quem sabe que magia a prostituta Jasadi dele colocou...

O grito de Bayoum quebrou a serenidade da noite. Os outros conselheiros se protegeram dos respingos de sangue enquanto a adaga de Arin penetrava na mão que Bayoum colocava sobre a mesa. Ela penetrou fundo na madeira e no osso, com o cabo a poucos centímetros da articulação do meio do conselheiro.

Arin se permitiu desfrutar do espetáculo de Bayoum imobilizado, granindo como um javali. O conselheiro se contorceu sob o domínio de Arin enquanto este agarrava Bayoum pelo colarinho e sacava a adaga. Arin o arrastou pela mesa, derrubando tinteiros e cálices vazios.

Quando Arin içou a cabeça de Bayoum pela janela, o conselheiro começou a implorar. Um balbucio incoerente, uma torrente de apelos lamentáveis. Arin não ouviu uma palavra. Sua cabeça latejava, as bordas do vazio que conseguira subjugar no Gibal se esforçando contra as suas amarras. A escuridão se abriu no fundo da mente de Arin, e de suas profundezas, uma raiva imprudente irrompeu.

Arin aproximou a boca do ouvido do conselheiro.

— Diga ao Sumo Conselheiro Rodan que mandei lembranças.

Ninguém interveio. Ninguém se posicionou em defesa de Bayoum.

O grito estridente do conselheiro ecoou entre cada ala da Cidadela enquanto Arin o lançava pela janela. Quando ele pousou, um pequeno ponto imóvel no gramado da Cidadela, Arin e o corvo montado acima da torre olharam para o falecido conselheiro, ambos com olhos frios e impassíveis.

— Como eu ia dizendo. — Arin se virou para os conselheiros restantes, retirando um lenço para limpar o sangue de sua adaga. — O derramamento de sangue não é inevitável. Eu posso evitá-lo.

A chegada de Layla não distraiu o conselho, embora seu vestido manchado de sangue tenha rendido algumas sobrancelhas arqueadas. Ela respondeu ao olhar interrogativo de Arin com um aceno de cabeça.

— Como? — perguntou Sama. — Que meios você tem para lutar contra centenas de Cães Rubi?

Faheem dispensou Sama com um gesto. O Sumo Conselheiro contornou a mesa, ignorando as manchas de sangue que a mão de Bayoum deixara na superfície.

— O que deseja, meu senhor? Podemos restabelecer a sua herança. Você pode ser o Herdeiro de Nizahl outra vez.

— Não tenho interesse em ser o Herdeiro — disse Arin. — Meu preço por suas vidas é a coroa de Nizahl.

O conselho parou de repente. Até seu pai, que observava os procedimentos com uma expressão inescrutável, ficou em posição de sentido.

— Você deseja ser o Supremo? — perguntou Faheem, como se tivesse ouvido mal. — Vossa Alteza, não é... seu pai...

— Meu pai é o traidor — disse Arin. — Como Bayoum disse tão sucintamente, títulos não duram mais que traição.

— Podemos substituir as leis de herança em estado de emergência. A Votação Nitraus não serve apenas para a remoção de um Comandante em exercício... também permite a promoção de seu título. Ele precisa de três votos — disse Layla. Um brilho calculista surgiu nos olhos da emissária, e Arin se lembrou de por que eles se deram tão bem na juventude. Layla adorava devorar cada pedacinho de conhecimento sobre a estrutura política dos reinos, não importava quão abstrato ou antigo fosse. — Para que a Votação Nitraus avance um título, ele precisaria do voto do Sumo Conselheiro e de outros dois.

Quando Rawain se levantou, os conselheiros se sobressaltaram. A presença de seu pai, sempre tão preeminente, havia diminuído consideravelmente.

— Ele está blefando — disse Rawain calmamente. — Todos nesta sala sabem como Arin favorece aquelas aldeias inferiores. Ele proíbe o recrutamento, esvazia os nossos tesouros para o pequeno sistema nimwa deles, nomeia os seus vagabundos para sua guarda pessoal. Vocês acreditam de verdade que ele permitirá que eles morram se o poder para impedir isso estiver em suas mãos?

Arin recostou-se no parapeito da janela, envolvendo as extremidades quadradas com as mãos.

— Você se lembra do que me disse depois da Curva de Galim? — As palavras estavam gravadas em seu íntimo. — Você disse que eu tenho o hábito irritante de medir o valor da minha vida como igual ao daqueles ao meu redor.

Um movimento no horizonte chamou a atenção de Arin. As copas das árvores farfalhavam, fileiras e mais fileiras se curvando sob uma pressão invisível. O movimento ondulava em direção aos portões com a força imparável de uma onda quebrando em direção à costa.

— Considere o hábito quebrado — disse Arin.

O metal gritou quando a onda atingiu o primeiro portão. Arin não

se abalou com o lamento repentino da sirene. O grito agudo ecoou por Nizahl quando o primeiro portão da Cidadela caiu.

Vista a estratégia com as roupas certas e ela se transformará em profecia. Como Arin havia prometido, Vaida havia chegado aos portões. E as aldeias mais baixas? As nobres cidades logo atrás, onde suas famílias viviam?

Faheem ajoelhou-se aos pés de Arin.

— Sou o Sumo Conselheiro Faheem Giran de Nizahl. Meu voto está com o Comandante, o Supremo Arin de Nizahl.

O sangue desapareceu do rosto de Rawain. Ele olhou para Arin como se nunca o tivesse visto antes.

— Ele está mentindo! — gritou Rawain. — Ele não sacrificará as aldeias mais baixas!

A próxima a se ajoelhar foi Layla.

— Sou Layla Ayud, diplomata de Nizahl, e meu voto está com o Comandante, o Supremo Arin de Nizahl.

Gersiny, a conselheira mais velha na sala, encolheu-se sob o lamento da sirene. Sama mordeu o lábio, e Arin sabia que ela queria uma resposta para sua pergunta. Ela queria saber *como*, e a presença dos Cães de Vaida à sua porta não alterou seu ceticismo.

— Tenho netos nas aldeias mais baixas — por fim, Gersiny ofegou. Mãos frágeis seguravam sua bengala enquanto implorava a Rawain. — Eles são tudo o que tenho.

Rawain apertou o braço do velho.

— Ele não permitirá que nada de mal lhes aconteça. Juro pela minha coroa, Arin está *mentindo*.

Mas Gersiny balançava a cabeça.

— O Herdeiro de Nizahl nunca mentiu para nós antes. — Faheem ajudou o conselheiro a se libertar de Rawain e a se ajoelhar diante de Arin. — Eu sou... — Ele engoliu em seco. — Sou Gersiny Biyad, ex-

Conselheiro Supremo do Supremo Munqual, atual conselheiro do Supremo Rawain, e meu voto está com o Comandante, o Supremo Arin de Nizahl.

Gritos ecoavam pela janela enquanto o segundo portão guinchava sob a horda dos Cães Rubi.

— Obrigado — disse Arin. Ele fixou o olhar no pai. — Eu aceito.

O resto aconteceu com uma velocidade satisfatória. Os guardas foram chamados, e Arin permitiu que os conselheiros se refugiassem no porão da Cidadela. Rauf e Zach deveriam vigiá-los, mas se os guardas de seu pai tentassem sair do porão, seriam mortos.

Quando só restava seu pai, Arin parou o último guarda com um aceno.

— Espere na porta. Quando eu sair, leve-o para a Cápsula.

O guarda fez uma reverência enquanto recuava, fechando a porta atrás de si.

O olhar do pai permaneceu firme enquanto Arin se aproximava.

— Como é estranho o amor — refletiu Rawain. — Você me trai, manipula o meu conselho para roubar o meu trono, e ainda assim minha raiva é rivalizada pelo meu orgulho. Em um ano, você realizou o que sua mãe e eu não conseguimos fazer em nossas vidas inteiras. A coroa Nizahl e a Malika de Jasad... suas. Ambos os tronos sob seu nome.

Diante do silêncio de Arin, Rawain riu.

— Surpresa? Por favor, Arin. Cometi o erro de apostar em Hanim, e o amor dela foi inútil para mim. Mas Essiya de Jasad? O amor dela vale um reino. Quando ela for sua esposa, Jasad será sua.

— Eu jamais me sentarei no trono de Jasad — disse Arin. — A coroa de Jasad pertencerá à minha esposa, e somente a ela.

Fios de fumaça serpenteavam pela sala. Vaida havia chegado ao terceiro portão.

Rawain inclinou a cabeça, um sorriso lacônico curvando os cantos

de sua boca.

— Vejo o espectro do meu filho irado por trás da máscara do novo Supremo misericordioso. O que será verdade, eu me pergunto?

— O que é verdade, de fato — disse Arin. Ele levou a mão ao lado do rosto de Rawain. Um arranhão percorreu a bochecha de Rawain, e Arin pressionou a ponta do polegar contra ele. Não o suficiente para tirar sangue, mas o suficiente para mostrar que conseguia.

— Imagino que você terá muito o que pensar na Cápsula, mas permita-me lhe dar mais uma.

Inclinando-se, Arin sussurrou:

— Você estava certo. Durante o Alcalah, peguei um molde do anel de Vaida. Assim que a Herdeira de Jasad destruiu o Baile dos Vitoriosos, mandei todos os ferreiros de Nizahl gravarem o sigilo em nossas espadas, escudos e flechas. Barrei o caminho ao redor das montanhas até as nossas aldeias mais baixas com o mesmo sigilo.... um sigilo que acredito poder matar os Cães Rubi. Caso eu estivesse enganado, desviei dois mil soldados para iniciar a evacuação das aldeias mais baixas antes de deixar Nizahl. Os Cães Rubi não penetrarão em nosso reino além da Cidadela.

Uma risada ofegante surgiu nos cantos dos dentes de Rawain. Seus olhos brilharam, e até o dia da morte de Arin, ele nunca saberia se era de ódio ou orgulho.

Quando Arin saiu, o guarda entrou rapidamente atrás dele para levar Rawain para a Cápsula, ele lançou um olhar para a estátua de Fareed acima da sala de guerra. O primeiro Supremo; o primeiro canal.

Sob o arco do fundador de Nizahl, Arin fez uma última promessa.

— Eu farei melhor que ele.

CAPÍTULO 65



O Sareekh afrouxou o seu aperto em volta da minha cintura, e os meus pés tocaram Jasad pela primeira vez em onze anos.

Alguns dos Jasadis choravam. Outros se jogaram no chão para vomitar; uma mistura de viagem com o Sareekh e alívio, imaginei. O mar batia contra as praias de Janub Aya enquanto as escamas vermelhas do Sareekh se curvavam para dentro. As ondas se atropelavam em sua corrida em direção à praia, batendo contra os meus tornozelos.

— Obrigada — murmurei. A dívida que eu tinha com o Sareekh era insustentável.

Quando você se lembrar do que perdeu, volte para me buscar. As vibrações da voz do Sareekh eram melancólicas. **O mar está mais vazio do que costumava ser.**

A água agitada fechou-se sobre o Sareekh. Com uma última ondulação, a superfície ficou novamente lisa.

A subida íngreme pelas colinas arenosas que se estendiam do Mar Suhna até Janub Aya havia testado a coragem dos Urabi que chegavam. Centenas de pegadas ladeavam as colinas por todos os lados. Suspirando, caminhei até o topo da colina, ignorando a brisa e os seus beijos arenosos.

Limpando os grãos do canto dos meus olhos, percorri com meu olhar lacrimejante as ruínas da wilayah mais ao sul de Jasad.

Ao contrário das wilayahs superiores, onde os ricos compraram acres com uma área de terra para construir propriedades familiares de vários andares, as casas em Janub Aya não eram muito diferentes das de

Mahair. Muitas delas pareciam ter caído em ruínas muito antes da guerra. Prédios atarracados com faixas de cimento cinza riscavam as laterais de tijolos de barro, tentativas de pintura há muito desgastadas. As estradas de terra haviam cedido em direção ao centro devido à quantidade de cavalos que deviam trovejar por essas trilhas, formando ravinas rasas. Um varal de roupas balançava em uma sacada semidestruída, como se acenasse para um olá.

Avistei Maia espiando dentro de uma cesta de vime, com a alça presa à sacada do terceiro andar de outro prédio abandonado. Eu também já tinha visto essas cestas em Mahair: os clientes no meu caminho abaixavam a cesta com dinheiro dentro e a puxavam junto com o que tinham pedido de Rory.

Era bizarro ver como aquele canto de Jasad combinava com a vila que eu havia chamado de lar por anos. Eu nunca tinha estado ao sul de Har Adiween. Janub Aya e a sua pequena população poderiam muito bem estar do outro lado do mundo.

Um cavalo surgiu trotando dos restos do que poderia ter sido um açougue, conduzido por uma Namsa sorridente. Limpei a frente da minha túnica para evitar seu olhar inquisitivo. Depois de invocar o último kitmer, minha magia me dominou. Não me lembrava de nada entre levantar o kitmer e ofegar enquanto irrompia na superfície do lago.

Namsa apontou com o queixo para as nuvens baixas que cobriam a wilayah, uma fina névoa branca se arrastando sob elas.

— Caso esteja se perguntando, não. As nuvens nunca desaparecem. Entre o mar e a Ponte Sirauk, tivemos a sorte de ter vinte dias de sol por ano aqui embaixo — disse Namsa. Ela deu um tapinha no pescoço de uma égua branca e marrom. — Amu Dawoud sempre brincava que crescer em Janub Aya significava que eu nunca teria rugas. A umidade te mantém jovem.

Joguei a perna por cima da égua e me levantei, apertando os joelhos

contra o seu torso trêmulo. Pensar em Dawoud aqui doía de uma forma desconhecida, remexendo em uma ferida que eu havia esquecido de cauterizar adequadamente.

— Ele está enterrado no topo da colina em Silsilit Abeer — eu disse, sem olhar para Namsa. — Você pode visitá-lo.

Namsa virou a cabeça bruscamente em minha direção. A descrença transbordou em seu rosto, transformando-se em um sussurro de dor.

— Amu Dawoud morreu em Omal. Silsilit Abeer está em Alb Safi.

Ele será enterrado em um local onde a grama ainda cresce.

— A colina é o ponto mais alto onde a grama ainda cresce em Jasad.

Instiguei meu cavalo, deixando Namsa montar em sua própria montaria. Eu não permitiria que ela, Dawoud ou qualquer outra pessoa destruísse a calma que eu enfim havia alcançado.

Em dois dias, Nuzret Kamel dissiparia a névoa do Sirauk e eu ergueria a fortaleza. Pela primeira vez, não precisava me preocupar com as consequências – eu não estaria por perto para suportá-las.

Encurralada por Sirauk e pelo mar, os únicos pontos de entrada de Janub Aya eram por Eyn el Haswa, à sua direita, ou Ahr il Uboor, ao norte. A pequena wilayah fora a última a sucumbir na guerra, unicamente devido à mera inconveniência de acesso.

— As marcas de queimadura têm padrões estranhos — murmurou Namsa.

Olhei para cima, observando os prédios dilapidados que se erguiam acima de nós. Marcas de queimaduras devoravam o batente de cada porta, lambendo as paredes externas em listras pretas. Na maioria dos casos, os telhados haviam desabado, mas a integridade estrutural do resto da casa permanecia intacta.

— O vidro. Explodiu para fora. — Apontei para as dobradiças empenadas de uma janela, com cacos de vidro enterrados na terra abaixo dela. — Os moradores atearam fogo por dentro.

Era preciso coragem para deixar a vida em chamas para trás e cavalgar rumo ao desconhecido. Apesar da reputação nada lisonjeira entre as wilayahs do norte, Janub Aya teve a coragem de fazer o que nenhuma outra wilayah faria ao perceber que a derrota era iminente. Eles queimaram suas plantações, destruíram as suas casas e represaram suas águas como mensagem final aos outros reinos.

Eles partiram em chamas e retornariam em chamas.



De comum acordo, nós, do Gibal, decidimos dormir no chão. Alguém sugeriu que buscássemos abrigo em um dos celeiros vazios e recebemos reclamações em resposta.

— Não parece certo perturbar nada — murmurou Mona, uma garota com olhos permanentemente tristes e cabelos castanhos como mel granulado. — Ainda não. Não até vencermos.

Uma névoa brilhante cobria o vale, e espirais brancas ondulavam sobre as planícies secas. Os pelos da minha nuca se arrepiaram, e não precisei olhar ao redor para saber que os outros também sentiam.

Magia.

Como orvalho brilhando em uma folha de grama ao amanhecer, a névoa carregada de magia se instalou sobre os adormecidos Jasadis.

— Se a névoa é tão forte a quilômetros de distância, imagine como deve ser na ponte — refletiu Mona, aconchegando-se em volta da fogueira. — Sempre achei que as histórias sobre pessoas que tentaram fazer a travessia eram exageradas. Quem seria tão estúpido? — Seus olhos se fecharam. Ela respirou fundo. — Eu deveria ter me calado.

Eu me ofereci para ficar de vigia.

— Você precisa descansar — protestou Namsa.

— Dormi bastante antes de sairmos do Gibal — menti. — Não vamos perder mais tempo discutindo isso.

Namsa não precisava saber que eu não dormia há dias. Isso a deixaria preocupada, e a preocupação dela me irritava.

Além disso, eu não estava sozinha.

A névoa não é segura, sussurrou a minha magia. *Ela esconde outros perigos.*

Sorri, recostando-me na casca espinhosa de uma árvore em decomposição. Contei cada Jasadi adormecido, minha visão perfeitamente clara apesar da escuridão.

A coisa mais perigosa escondida nessas névoas era eu.



Pressionei a palma da mão contra o estômago, controlando a minha inquietação.

No sopé da colina, os Jasadis se estendiam até onde a vista alcançava. Contornavam a borda da Ponte Sirauk, invadindo a fronteira com Ahr il Uboor e desaparecendo nos vales que levavam a Eyn el Haswa. Milhares e milhares de Jasadis se aglomeravam em uma wilayah com capacidade para abrigar um terço de seu efetivo.

— Pelos Awaleen abaixo — Namsa maravilhou-se. — Funcionou. Seus kitmers os trouxeram para casa.

— Alguns deles. — Avaliei a multidão. Eles haviam construído cabanas improvisadas com cascas de árvores raspadas e pedras. Centenas de pequenas fogueiras dançavam no horizonte. O cheiro de carne assando adoçava os aromas persistentes de madeira podre. — Imagino que ainda haja muitos lutando para atravessar as rotas comerciais ou vindo do norte de Jasad.

A agitação queimou a película de confiança em volta do meu

coração, e engoli uma onda de bile. Se eu falhasse, seria o fim. O último de Jasad, destruído. Nosso povo aniquilado, nosso legado encerrado.

E se eu tivesse sucesso, a fortaleza os protegeria do lado de fora, mas não haveria nada para protegê-los da Malika louca por magia do lado de dentro.

A morte pairava sobre a alegria como o zumbido de uma tempestade que se aproximava, arrepiando os cabelos da minha nuca.

— Essiya! — Lateef se virou para um grupo de crianças da idade de Fairel e agarrou o mais próximo pelo pescoço, puxando-o em nossa direção. — Leve os cavalos para comer — ordenou Lateef.

O menino fez beicinho e arrancou as rédeas de mim e de Namsa.

Lateef estalou a língua, um som agudo entre os dentes.

— As crianças hoje em dia. Sem disciplina. Vamos, vocês duas, vão buscar uma refeição e um lugar vazio para dormir.

Os outros avançaram sem hesitar. Hum. Eu também devia estar com fome, não é?

Quando foi a última vez que comi?

Lateef veio arrastando os pés em minha direção, lançando um olhar ao redor antes de murmurar:

— Deixei o cetro com os seus amigos. Sugiro que fique com ele.

Olhei para ele de soslaio.

— Algum motivo em particular? — Nenhum dos Urabi conseguira extrair a magia do cetro. Era inútil, e eu não o queria na minha mira.

Ele franziu a testa.

— Ninguém mais ouve a palavra do ancião? Pelo túmulo contaminado de Rovial! Vá embora.

Bufei. Lateef e Rory seriam melhores amigos.

Cascas secas de tamareiras vazias estalavam sob as minhas botas, e rapidamente puxei meu capuz quando uma mulher olhou em minha direção. Ninguém me reconheceria apenas pelo rosto, mas a magia que

não parava de girar em meus olhos desde que levantei o último kitmer certamente revelaria minha identidade.

Mudei para a cabeça dos meus kitmers enquanto caminhava, vendo através dos olhos deles. Um truque útil que os Visionistas me ensinaram. Eu vinha acompanhando o progresso dos kitmers desde que deixei a montanha. Uma dúzia dos meus menores mergulhou sobre uma cidade colorida com ruas de azulejos e lâmpadas balançando em cordas de fibra vermelha.

Lukub. Ha! Os nobres Lukubi gritavam mais alto que os prisioneiros nos Poços dos Traidores.

Ainda na cabeça do kitmer, inclinei o queixo para a esquerda. Por mais agradável que me parecesse a perspectiva de enfurecer Vaida, as chances de encontrar Jasadis escondidos nos bairros nobres de Lukub eram mínimas. A maioria dessas famílias estava entrincheirada em sua riqueza e prestígio há séculos, tornando quase impossível para qualquer pessoa além dos Lukubis de sangue antigo existir entre eles.

Pelos olhos de outro kitmer, vi inúmeros corpos esmagados por Essam. Uniformes Nizahlanos, uniformes Lukubi. Os khawaga esperavam nas árvores, saltando para qualquer comboio que parasse uma carroça nas rotas comerciais, independentemente da cor de seus uniformes.

Sorn cumpriu a sua promessa.

Manobrei para a cabeça de um kitmer em Orban. Ele voava, sua asa esquerda atingindo uma fileira de lanternas. As vilas mais baixas ficaram em completa escuridão enquanto o kitmer voava em direção ao céu sem estrelas, com uma fileira de lanternas crepitantes atrás dele, as chamas se apagando uma a uma.

Na cabeça de um kitmer voando acima do Palácio de Marfim, quase choquei minha pobre criatura para fora do céu ao ver os Cães Rubi rondando sob o obelisco nos portões de Vaida. Soldados de Nizahl

ergueram as suas espadas no ar, mas eu não conseguia imaginar como qualquer aço simples poderia perfurar a pele dura daquelas feras. Mais deles se moviam pela floresta, tecendo um rastro vermelho pela constelação de sombras de Essam.

Bem, pelo menos sabíamos o que Vaida tinha feito no Mirayah.

Uma mão em meu cotovelo me puxou de volta para a minha própria cabeça, e me afastei bruscamente de Efra. Ele ergueu as mãos, desculpando-se.

— Eu chamei seu nome várias vezes.

Qual nome?

— O que você quer?

— Você não deve desperdiçar a sua energia onde ela não é absolutamente necessária — disse ele. — Se a sua magia tomar conta de você outra vez, não temos como trazê-la de volta desta vez.

Meu silêncio sepulcral pareceu perturbá-lo. Ele pigarreou.

— Os kitmers estão chegando?

— Eles estarão aqui por volta do meio-dia.

Ele hesitou.

— E o grande?

Estreitei os olhos. A obsessão de Efra pelo grande kitmer beirava a perturbação.

— Amanhã.

— Ótimo, ótimo. — Ele passou a mão pelas ondas castanhas do seu cabelo, que tinham crescido consideravelmente desde que o conheci. — Só mais uma coisa.

Se ele me perguntasse sobre outro kitmer, eu os instruiria a comê-lo.

— O Herdeiro de Nizahl estava certo.

Eu não tinha me olhado no espelho desde que levantei o último kitmer, mas tinha testemunhado as cores dos meus olhos deixarem mais do que o normal as pessoas nervosas. Efra se juntou a elas quando se

afastou do meu olhar intenso.

— Há cerca de dois mil soldados de Nizahl vindos do norte. O maior regimento foi avistado pela última vez em Alb Safi, mas nosso cavaleiro disse que havia evidências de outro regimento vindo pela Floresta Essam.

Meus dentes rangeram, com as minhas veias pulsando de forma única e perigosa. Um soldado de Nizahl dedicado levaria talvez dezessete horas para ir da fronteira sul de Nizahl até a de Jasad. Um regimento de dois mil precisaria de um tempo consideravelmente maior, o que significava que eles deviam ter começado a se mover ao mesmo tempo em que o Herdeiro de Nizahl chegou a Gibal. Como ele havia previsto, Rawain deve ter esvaziado os complexos, enchendo Jasad com os recrutas mais jovens e inexperientes que podia dispensar.

— Não conte a Marek — eu disse. Se ele fosse forçado a enfrentar ex-colegas do lado errado da batalha, poderia perder tempo apelando a mim em nome deles.

Qualquer um que entrasse em Jasad com uma espada levantada contra nós morreria por causa dessa espada.

— Mantenha os outros longe de mim. Vou rastrear os soldados para que possamos nos preparar. — Eu encontraria um lugar tranquilo entre os prédios para desaparecer. — E, Efra... se você me tocar novamente, é melhor que seja para me matar.

CAPÍTULO 66



ESSIYA

O amanhecer listrou o céu de rosa e laranja no último dia antes de Nuzret Kamel.

O sol se arrastava sobre as ruínas de Janub Aya, lutando contra a névoa a cada centímetro. Pontos pálidos de luz cintilavam sobre os Jasadis adormecidos. Alguns se mexeram, puxando para mais perto as armas ao lado das quais havia dormido. Alguns despertaram apenas o suficiente para sentir o frio cortante, e os seus tremores violentos soaram como um alarme tão eficaz quanto um chute na cabeça.

Minha atenção permaneceu fixa no contorno da Ponte Sirauk. Um medo sem nome me sufocou durante toda a noite, e só quando enchi meus pulmões com o ar gelado é que percebi que não conseguia me lembrar da última vez que respirei.

Algo terrível me esperava naquela ponte. Algo pior que a morte. Pior que a loucura.

Fuja, minha magia sussurrou, repetidas vezes. *Vá embora enquanto eles dormem e fuja antes que a névoa caia.*

Agachei-me sobre a bacia e joguei água fria no rosto. A hora de fugir havia acabado. Os kitmers que eu havia enviado para espionar os recrutas de Nizahl estavam em Ahr il Uboor, o que significava que era questão de horas até o exército chegar a Janub Aya.

A água na bacia assentou. O reflexo de uma adolescente de olhos azuis me encarou, com os lábios franzidos de desprezo.

As alucinações eram constantes e frequentes. Eu mal conseguia virar a cabeça sem ver uma delas espreitando na periferia, me

observando. Elas estavam em todos os reflexos, em todas as sombras.

Meu tempo estava se esgotando.

Sefa bocejou enquanto se espreguiçava para acordar. Um raio de sol cortava seu rosto na diagonal, derretendo seus olhos castanhos turvos em um mel quente. Ela se sentou, deslizando a cabeça de Marek para o seu colo sem acordá-lo.

— Você dormiu? — perguntou Sefa. Mergulhei os dedos na bacia, dissolvendo o olhar zombeteiro da garota.

— Como eu estava de guarda, espero que não.

— Quando foi a última vez que você dormiu?

Não hesitei.

— Na noite anterior.

Ela assentiu, desviando o olhar. Seu maxilar se contraiu, como se os seus dentes tivessem batido em algo amargo e duro.

— Humm. Sabe, você e Marek vivem dizendo que não entendem como eu sobrevivi no Palácio de Marfim. Um lugar construído sobre duplicidade e verdades distorcidas, fumaça e espelhos. A resposta é muito simples: decidi que, mesmo que tivesse que mentir para o mundo inteiro, não mentiria para mim mesma. Se o único lugar onde eu pudesse ser verdadeira fosse no meu coração, então guardaria essa verdade com ferocidade.

Suspirei. Eu tinha me esquecido de como a intuição única de Sefa podia ser exaustiva. Ela não precisava de um café da manhã antes de começar um sermão? De um gole d'água?

— Você está insinuando que estou mentindo para mim mesma?

Sefa me observou por um longo e desconcertante momento. Prendi meu cabelo em um coque na nuca e coloquei os fios soltos atrás das orelhas. Minha atenção voltou-se para Sirauk.

— Não sei — disse Sefa, e o tom áspero em sua voz me pegou. — Desde que você criou os kitmer, há momentos em que não consigo dizer

com quem estou falando. Se você é Sylvia, Essiya ou outra pessoa completamente diferente.

Abatida, levei muito tempo para me recompor.

— Você tem mais pseudônimos do que eu, Sayali.

— Não é isso que eu quero dizer, e você sabe disso. Minha identidade... minha alma... não muda de nome para nome.

A magia queimou as minhas palmas.

— Talvez devesse. O que há de tão especial na sua alma que a faz permanecer sempre perfeitamente imaculada? Almas são feitas para serem marcadas. Para se fraturarem e se quebrarem. Passamos vidas inteiras consertando-as, e quando você for para o túmulo, sua alma não deverá se parecer em nada com o que tinha no começo.

— Concordo. — As palavras tristes apagaram a ponta acesa da minha raiva. — Mas a essência de quem você é não muda. A essência de quem você é, é o que determina se continua consertando sua alma ou apenas a deixa em pedaços cada vez que ela se quebra.

— Ugh — resmungou Marek, virando o rosto para a coxa de Sefa. — Podemos filosofar sobre as nossas almas depois do café da manhã?

A folha ao lado de Marek se moveu. Pedrinhas dançavam na terra. Apoiei a mão no chão, absorvendo o leve tremor.

Algo estava chegando.

— Levantem-se! Levantem-se! — Efra rompeu as árvores, com os outros sentinelas em seu encalço. Seus gritos selvagens deixaram os Jasadis em alerta máximo. Estávamos de pé em segundos. O grito de Efra ecoou pelo acampamento em silêncio mortal. — Soldados de Nizahl da floresta... algumas centenas, pelo menos...

Pandemônio.

Tínhamos nos preparado para a possibilidade de alguns deles virem de Essam, mas Namsa e os outros ainda estavam pálidos de terror enquanto corriam entre os grupos, distribuindo armas e dando

instruções. Observei-a enfiar um machado nas mãos trêmulas do menino de olhos arregalados que havia respondido mal a Lateef na noite anterior.

Observando as legiões de Jasadis aterrorizados, ocorreu-me que eu poderia muito bem erguer a fortaleza sobre um mar de mortos. A fronteira mágica se tornaria nada mais do que uma lápide brilhante para homenagear os cadáveres empilhados atrás dela.

— Vocês deveriam ir embora enquanto ainda há tempo — disse distraidamente a Marek e Sefa. Minhas veias se contraíram dolorosamente enquanto eu redirecionava um kitmer de Orban. Precisaríamos de cada um deles para conter os soldados de Nizahl, novos recrutas ou não. — Encontrem um lugar seguro para se esconder.

— Por que nos esconderíamos? — Sefa se aproximou de mim, como se a mera sugestão a repelisse.

— Essa não é sua luta.

— Sua luta é a nossa luta — disse Sefa. — Não a abandonaremos.

— Você deve ter notado que nós a amamos — acrescentou Marek, aceitando o arco e a flecha atirados apressadamente em sua direção. — Apesar dos seus esforços mais valentes.

Ali estava ela de novo. A mesma força inominável e debilitante à qual eu sucumbira no Baile dos Vitoriosos. Crescendo, rugindo, ganhando força. A magnitude dela me tirou o fôlego.

Ninguém foi feito para ficar sozinho por tanto tempo.

Dawoud foi enterrado em Silsilit Abeer, mas ele poderia muito bem estar sussurrando em meu ouvido.

— Eu... eu...

Sefa apertou meu ombro, silenciando a minha gagueira.

— Tudo bem. Vai, eles precisam de você.

Segurei as mãos dela e de Marek.

— Não me faça chorar por vocês — eu disse, pontuando com um

olhar severo. — Se os soldados nos alcançarem, rendam-se. Corram para a floresta. Façam qualquer coisa, menos morrer.

Marek me deu um beijo nos nós dos dedos.

— Você primeiro.



Fiquei sozinha na frente da multidão, de frente para Hirun. Atrás de mim, centenas de pequenos kitmers escureciam o céu.

A neblina cobria o rio, deslizando sobre a água em tímidas plumas. Tão perto do Sirauk, a correnteza agitava-se e descia até as margens.

A realidade se dividiu nitidamente em duas. De um lado, voei com o meu último Kitmer, as árvores de Essam se espalhavam abaixo de nós, os galhos ossudos de suas árvores entrelaçados, como se Essam não pudesse deixar de proteger as suas entranhas feias. O rio serpenteava entre as árvores como uma língua que se agitava.

Do outro lado, eu observava a ponte enquanto esperava os soldados atracarem os seus barcos. Para a aniquilação ou a salvação, ou uma união selvagem das duas coisas.

Uma presença ao meu lado marcou a segunda realidade. Maia girou nos calcanhares, inquieta.

— Pegue uma adaga, pelo menos. Esta é tão pequena.

Ela me ofereceu uma adaga com uma lâmina aproximadamente do comprimento do meu pulso. O brilho prateado e dourado que turvava meus olhos reluzia no fio da lâmina.

— Não vou precisar disso.

— Mesmo assim. — Maia a empurrou em minha direção, um apelo silencioso.

Peguei a adaga e a guardei na bota.

— Volte para a linha das árvores. Sua magia é inútil contra tantos soldados. Suba até um ponto alto e faça o que puder para avisar os outros.

A boca de Maia se franziu em protesto, mas ela saiu sem soltá-lo.

Um assobio baixo e longo perfurou o silêncio.

Os soldados desembarcaram.

As minhas instruções aos Jasadis foram claras, mas não resisti a levantar a mão para lembrá-los. A obediência deles era vital. Precisavam confiar em mim, por mais amargo que fosse o gosto, ou sofrer as consequências.

Em uma realidade, os barcos cortavam a neblina, austeros e de nariz afiado, enquanto se aproximavam da costa. Soldados de preto e violeta se chocavam contra Hirun enquanto subiam para o perímetro oeste de Janub Aya. Flechas se estendiam em fios esticados. Espadas sibilavam, libertando-se de suas bainhas.

Na outra, o meu maior kitmer dobrou as asas e mergulhou.

A onda inicial de soldados se multiplicou, botas molhadas deixando rastros de lama na terra enquanto centenas marchavam adiante.

Mais do que qualquer coisa – seus barcos, seus uniformes ou suas armas inúteis –, aquelas pegadas de lama arranhavam uma ferida infeccionada dentro de mim. Estávamos na boca da destruição de Janub Aya e, dez anos depois, eles vieram deixar marcas de lama em uma wilayah da qual não eram dignos nem de lamber a poeira?

Comecei a andar.

Os soldados na linha de frente trocaram olhares inquietos. O que quer que esperassem, não era aquilo. Uma mulher solitária caminhando sobre uma planície rochosa, com uma plateia armada imóvel ao fundo. Uma multidão de kitmers circulando pacientemente no céu.

O que seus patéticos olhos mortais não conseguiam ver eram as veias de uma cor intensa no meu rosto. Pulsando, contorcendo-se sob as

cavidades dos meus olhos, emaranhando-se nas minhas têmporas.

Quando perceberam que estavam olhando na direção errada, já era tarde demais.

Uma grande sombra cobriu as nuvens. Um grito ensurdecedor ecoou pela wilayah. Árvores se curvavam e estalavam sob as rajadas de vento que se formavam sob o bater de asas do meu último kitmer.

Comecei a correr, uma risada vertiginosa escapava dos meus lábios enquanto o vento soprava forte e o ar rarefeito atrás do kitmer. Ele voava acima de mim, acompanhando meu ritmo enquanto eu corria mais rápido do que nunca. Mais rápido do que na noite em que matei o soldado de Nizahl. Mais rápido do que quando Arin me perseguiu até a beira do rio. Mais rápido, até, do que eu havia corrido no primeiro teste do Alcalah, com uma matilha de cães raivosos e o Campeão de Lukub em meus calcanhares.

Tentaram recuar, escapar, mas a própria quantidade de homens os impedia. Formiguinhas patéticas, esbarrando e empurrando umas às outras, com as espadas engorduradas nas mãos. Cerca de setenta homens na retaguarda foram espertos o suficiente para se virar e mergulhar no rio.

Minhas duas realidades se fundiram em uma só. Cruzei os braços sobre o peito, e o kitmer abriu as asas. Deslizei de joelhos em uma longa derrapagem, e o kitmer mergulhou à frente, com o tronco quase roçando o topo da minha cabeça.

O kitmer abriu suas asas, e eu abri meus braços quando ele colidiu com a frente da incursão de Nizahl.

O símbolo de Jasad rugiu uma última vez.

Juntos, explodimos em chamas.

Os soldados sortudos foram arremessados na explosão; contra árvores e Hirun, mas pouparam o destino daqueles diretamente abaixo do kitmer. Por outro lado, aqueles diretamente abaixo do kitmer tiveram

a vantagem de morrer depressa, poupados do cheiro de sua carne queimada enquanto rastejavam desesperadamente em direção ao rio. Uivos de gelar o sangue se juntaram à debandada de corpos em chamas que avançavam em direção a Hirun.

Quando o resto da magia do kitmer se dissipou, as chamas que dançavam sobre meu corpo se extinguiram junto. A terra tremeu sob meus pés enquanto os Jasadis avançavam em direção aos soldados restantes.

Alguém caiu no chão ao meu lado, agarrando meu rosto com mãos frenéticas.

— Ah, graças aos Awaleen! — Sefa engasgou.

— Eu disse que ela estava bem — disse Marek de algum lugar atrás de mim, com a voz suspeitamente rouca. Ele pigarreou. — Matar a lua é mais fácil do que matar Essiya de Jasad.

Sefa me sacudiu.

— Você se esqueceu de mencionar que, quando o kitmer queimasse, você queimaria junto com ele!

Olhei para ela sem piscar.

— Claro. É da minha magia, e minha magia é parte de mim.

Uma saraivada de gritos veio do norte. O regimento de soldados que viajava por Ahr il Uboor havia chegado.

Arranquei as mãos de Sefa e me levantei.

— Vocês dois, para trás. Agora.

A magia ecoava no ar enquanto os Jasadis lançavam tudo o que tinham contra os soldados. Hayagan chicoteava sua magia contra os cavalos, fazendo os cavaleiros voarem para longe. Os Sahirs distribuíam armas o mais rápido que conseguiam. Quatro já haviam caído e sido arrastados de volta para a segurança. Aqueles com magia generalizada eram mais sutis. Seus movimentos eram apenas um pouco mais rápidos. Seus golpes ingênuos, uma investida mais graciosa.

Girei em direção à próxima onda de soldados do norte, e minha magia riu enquanto eu fazia isso.

A nuvem de kitmers acima de mim abriu as asas enquanto avançava em direção ao enxame de uniformes pretos e violetas, com as pontas das asas pegando fogo. Meus dedos queimaram enquanto suas penas se transformavam em cinzas, as chamas percorrendo a mim e às minhas criaturas em conjunto.

Ser *Essiya* não me tornava difícil de matar.

Ser de *Jasad* tornava.

CAPÍTULO 67

ARIN

O terceiro portão de Nizahl caiu e, através dele, a história se espalhou pelos terrenos da Cidadela.

Os Cães Rubi não eram nada parecidos com o que Arin imaginara – nada parecidos com a triste impressão que os Urabi haviam evocado na floresta. Erguendo-se com pernas tão altas quanto os seus ombros, pareciam mais altos do que os portões que haviam esmagado sob as suas patas poderosas. Pelagens irregulares de rubi bruto brilhavam sob o luar minguante.

Os soldados ao redor de Arin resistiram, mas o terror saturava o ar. Nenhum treinamento era capaz de prepará-los para testemunhar uma horda de feras lendárias avançando em sua direção.

O que o treinamento fazia era manter suas espadas erguidas e firmes. Isso significava que, quando Arin levantava a mão, não precisava olhar para trás para saber que os setenta e três homens debruçados em cada janela e telhado da Cidadela haviam preparado seus arcos.

A terra se elevou no ar enquanto os Cães corriam pelo gramado. Um Cão duas vezes maior que os outros saltou sobre o portão caído em um único salto, e Arin finalmente a viu.

Sultana Vaida inclinou-se para a frente, apoiada nas costas de seu Cão. Um vestido de seda cor de marfim esvoaçava em torno de sua figura esbelta, com fendas em ambos os lados das pernas. Uma grande flor branca estava entrelaçada na trança grossa que lhe cobria o ombro.

Era aí que terminavam as semelhanças com a Vaida que Arin conhecia. A pele de seus ombros havia sido substituída por fragmentos de rubi brilhantes, serpenteando por seus braços como escamas. Eles se

projetavam sobre seus ombros e ao longo de sua clavícula. Olhos vermelho-sangue vasculhavam o campo da Cidadela, procurando.

Quando Vaida o viu, Arin baixou a mão.

Flechas sibilavam pelo pátio. Uma flecha normal teria se quebrado com o impacto, e era evidente que Vaida esperava por isso.

Então, quando afundaram nas feras de Vaida, cortando seus pelos, Arin teve a satisfação de vê-la se encolher enquanto os Cães Rubi recuavam com um rugido de fazer a terra tremer.

Outra frota de flechas voou.

Você acha que serão necessários? A voz de Vaun pairou na cabeça de Arin pela primeira vez desde que executara o guarda. Ele fora a única testemunha dos preparativos de Arin para a batalha, e Arin supôs que deveria estar feliz por o guarda ter guardado pelo menos um segredo de Rawain. Um último eco de lealdade, ecoando por mais tempo que a vida de Vaun.

Em minutos, os Cães estariam sobre eles. Arin tirou a tala de madeira do bolso e a ergueu até uma das tochas que flamejavam alegremente contra as muralhas da Cidadela. Soldados se abriram ao seu redor enquanto ele avançava.

Vaida viu o que Arin pretendia fazer segundos antes de ele fazê-lo. Ela gritou, mas Arin já havia abaixado a tala em chamas até transformá-la em uma fina camada de pó branco quase invisível entre as folhas altas de grama.

A chama se acendeu e irrompeu, percorrendo as linhas que Jeru havia desenhado meticulosamente. Juntas, as linhas se conectaram para formar o símbolo do anel de Vaida.

O fogo cercou os Cães Rubi, derretendo os seus rubis como manteiga em uma panela quente. A magia da relíquia de Baira se voltou contra a fonte de seu próprio poder.

Arin ouviu o primeiro grito agonizante de um Cão Rubi.

A barricada de fogo brilhou em vermelho quando os Cães Rubi saltaram através as chamas. No minuto em que as patas do primeiro Cão pousaram do outro lado das linhas brancas, centenas de uniformes pretos e violetas avançaram em direção às chamas. Rubi e aço se encontraram, o som estridente ecoando até o topo dos beirais vigilantes da Cidadela.

Uma espada cortou suavemente o flanco de um Cão Rubi, e embora o Cão tenha rasgado a garganta do soldado com um golpe de pata, o dano já estava feito. O soldado seguinte golpeou com a espada o peito do Cão cambaleante, que caiu ao lado.

Apesar de utilizar todos os ferreiros do reino, Arin só conseguiu obter seiscentas e sete espadas com o símbolo de Baira esculpido nelas. As pontas de flecha foram mais rápidas de fazer e voaram pela carnificina enquanto Arin caminhava, encontrando abrigo nas laterais das feras meio derretidas que irrompiam em meio às chamas.

Vaida surgiu em meio à carnificina, com as cinzas de sua flor branca salpicando sua trança. Marcas negras de queimadura devoravam a barra de seu vestido cor de marfim.

Nunca em nenhuma vida Arin pretendeu entender os Awaleen, mas ao ver Vaida avançar sobre corpos em chamas montado em um Cão Rubi rosnante, Arin teve a sensação de que, em uma longa linhagem de Sultanas poderosas, Vaida seria a favorita de Baira.

A Sultana parou diante de Arin, com as narinas de seu Cão dilatadas a centímetros da espada de Arin. Ela desceu das costas do animal e se aproximou de Arin com as mãos abertas. Rubis cravejavam de seus dedos.

— Querido. — A cadência musical da voz de Vaida ficou áspera, como se a sua garganta tivesse perdido camadas desde a última vez que se encontraram. — Que prazer te ver.

— Eu queria poder dizer o mesmo. — O Mirayah pode ter usado a

magia da relíquia do anel de Baira para produzir os Cães Rubi, mas isso cobrou seu próprio preço de Vaida.

A Sultana se aproximou, e Arin permaneceu imóvel enquanto ela aproximava os dedos da boca dele. Um deles não era de carne – uma lasca de rubi havia perfurado o encaixe onde o dedo decepado de Vaida havia crescido.

— O que você fez consigo mesma, Vaida? — Repulsa e consternação uniram forças para transbordar o controle de Arin.

— O Mirayah só extrairia a magia de Baira do anel se eu entregasse o que eu mais prezava — disse Vaida, displicentemente. — Eu o alimentei com minha beleza. Ah, não fique tão horrorizado, Arin. Eu sabia o preço quando entrei.

Em um gesto estranho, ela pareceu pensativa. Melancólica, até.

— O Mirayah poderia ter se empanturrado com a sua beleza. Sua beleza assustadora e frustrante. Se eu tivesse sido plantada entre flores em vez de espinhos, talvez nunca tivesse aprendido a me proteger de coisas escuras e famintas... não se elas tivessem um rosto como o seu. Eu poderia ter deixado você me consumir inteira.

Outra flecha assobiou perto de Vaida, passando a poucos centímetros de sua cabeça. Ela deu um passo em direção a Arin, em parte como manobra, em parte por diversão. Uma flecha não poderia atingi-la sem atingir Arin também.

Arin olhou nos olhos vermelhos dela.

— Será que sou uma coisa escura e faminta?

— A mais escura. — Vaida se inclinou, arqueando os dedos dos pés para sussurrar em seu ouvido. — A mais faminta.

Gritos ecoaram quando os Cães Rubi convergiram para o primeiro dos complexos de recrutas abrigados nos hectares da Cidadela. Arin não se virou.

— Não achei que você estaria aqui com a colmeia de Jasadis

marchando em direção ao reino deles. Vi alguns dos kitmers dela nas rotas comerciais... maravilhoso, não é? Tantas criaturas lendárias de nossos reinos retornando outra vez. — Vaida deu um tapinha no colete de Arin, observando-o com uma emoção que quase disfarçou de preocupação. — Você sabe que ela vai te matar se não a matar primeiro.

A voz de Arin permaneceu fria.

— Preocupada que ela viesse atrás de você em seguida?

Vaida deu uma risada estridente.

— Meu querido, estou morrendo de medo daquela garota. O poder mais volátil é aquele que não se reconhece, e Essiya de Jasad poderia se agachar sobre seu próprio cadáver sem reconhecer seu rosto. Sem perceber que ela é sua própria assassina.

Um arrepio percorreu a espinha de Arin.

Ao redor deles, os Cães de Vaida estavam lentamente derrotando os soldados de Arin. Para cada Cão morto, havia uma dúzia de soldados de Nizahl abatidos.

— Você ainda pode acabar com isso, Vaida.

Os rubis brilhando no lugar dos olhos da Sultana eram tão altivos quanto os seus olhos verdadeiros.

— Acabar com isso? Meu querido, estou apenas começando.

Antes que Arin pudesse reagir, Vaida recuou através das chamas e desapareceu.



Pela milésima vez, Arin se lembrou do que o esperava do outro lado da batalha.

A essa altura, Jeru já teria reunido Ehal e o seu próprio cavalo. Estariam alimentados e descansados, preparados para cavalgar direto

para a Ponte Sirauk assim que a Cidadela estivesse segura. Nuzret Kamel seria no dia seguinte, e Arin precisaria cavalgar a noite toda para ter alguma esperança de alcançá-la a tempo.

Essiya não precisaria da fortaleza se tivesse Nizahl, e Arin *era* Nizahl. Comandante e Supremo; espada e coroa.

Sou a arma da Malika, e é somente a ela que me comprometo.

Arin enfiou a espada na boca de um Cão Rubi, usando as duas mãos para torcer seu crânio. Ao redor dele, soldados Lukubi serpenteavam entre os Cães Rubi para enfrentar os soldados de Nizahl, com as suas atrozes habilidades de batalha reforçadas pelas feras ao seu lado.

Se suas fileiras enfraquecessem, se as chamas se apagassem, se os Cães conseguissem romper sua formação e invadir as cidades além da Cidadela, se ele não chegasse a Essiya antes que a névoa caísse... as possibilidades pairavam como uma foice na nuca dele.

Quando encontrou Vaida outra vez, o sangue havia moldado as suas mangas em seus braços, e o seu colete estava em farrapos.

Vaida estava no perímetro das chamas moribundas, com o olhar fixo na Cidadela.

Enquanto Arin tirava a luva direita, deixando-a cair na grama, desejou ter tido a chance de entender. Por que dedicar a vida a violar os acordos elaborados por seus ancestrais para impedir essa mesma carnificina? O que havia na Cidadela – em Nizahl – que Vaida tanto desejava?

Perguntas tolas, dizia seu pai. A resposta era a mesma.

Poder.

A especialidade de Vaida era uma arte que nem mesmo Rawain conseguiria dominar. Conforto envolto em arame farpado. Luxo e extravagância revestindo um reino vazio, condenando seu povo à pobreza de qualquer busca genuína, de qualquer paixão verdadeira.

Estripado por gerações de governantes que se importavam mais com a apresentação do que com o propósito, que sufocavam a erudição, guiados pelos caprichos do dia.

Arin não podia negar a maestria com que Vaida transformara Lukub na ilusão perfeita. Sem rebeliões, sem dissidências: apenas desaparecimentos silenciosos e um Campeão fazendo um acordo pela vida da irmã; espiões, bibliotecas vazias e rostos esfolados presos no interior do Palácio de Marfim.

Com os exércitos de Nizahl, não haveria nada que ela não pudesse conquistar. Não precisaria limitar as suas expansões à Floresta Essam. Nunca mais seria forçada a depender de um tratado como os Acordos de Zinish para obter apoio.

Vaida abaixou o olhar quando Arin deixou cair a segunda luva, ainda caminhando em sua direção em um ritmo medido. Ela riu.

— Acho que é a primeira vez que vejo você sem essas luvas desde que éramos crianças. Devo comemorar a ocasião testando a rapidez com que esses dedos se quebrariam entre os dentes do meu Cão?

— Eu não quero fazer isso. — Arin parou antes de alcançá-la. — Baira amaldiçoou as Sultanas quando deixou aquele anel para trás. Os Awaleen eram caprichosos e cruéis... os seus presentes sempre traziam consequências.

Espinhos de rubi brotaram das sobrancelhas de Vaida, finos e afiados como o obelisco na fachada do Palácio de Marfim. Lábios vermelhos se esticaram em um sorriso.

— Nenhum presente vem de graça, Arin. Além disso, agora nós dois podemos ser amaldiçoados. Cabelos prateados para você, olhos de rubi para mim. É exatamente com o que sonhávamos quando crianças, lembra?

Arin se lembrava. Lembrava-se de ter dez anos e se esconder de Sorn na escada dos criados. Não tolerava ouvir o Herdeiro de Orban

tagarelar sobre as caçadas por mais um minuto, e Arin ainda não dominava a arte de interromper educadamente uma conversa. Vaida o encontrou e passou as duas horas seguintes fazendo criaturas de sombra com os dedos para entretê-lo, regando Arin com histórias inventadas sobre as suas aventuras. Em troca, ele a levou para passear pelos jardins da Cidadela e carregou a cesta enquanto ela a enchia com suas flores favoritas.

Ele se lembrava de deixá-la esfregar uma tintura de romã e beterraba em seu cabelo quando tinha apenas onze anos, porque ela chorava dizendo que ele tinha o cabelo de um velho e não queria ficar presa a Sorn quando Arin morresse.

Ele se lembrava de Vaida encontrá-lo uma hora antes do funeral de sua mãe e forçá-lo a abotoar o casaco de maneira errada.

— Você parece muito afetado, querido. Os abutres precisam de um espetáculo — ela sussurrou. — Eles querem se alimentar. Dê algo óbvio para bicar, e eles não cavarão muito mais fundo.

Um ano depois, ele ordenou que milhares de suas flores favoritas fossem enviadas ao Palácio de Marfim após o funeral de sua mãe.

Vaida foi sua primeira amiga e sua inimiga favorita.

— Eis o que vai acontecer quando eu tocar em você, Vaida. — Arin deu um passo em sua direção, cruzando as mãos atrás das costas. O cabo da adaga presa na cintura bateu em seu pulso.

— Cada grama da magia de relíquia degradada com que Baira te infectou será drenada de você e transferida para o cetro do meu pai. Os Cães murcharão e desaparecerão. Eu te levarei para uma masmorra sob a Cidadela para aguardar um julgamento por violar os Acordos de Zinish. Você não tem amigos entre os reinos. O Rei Murib e o conselho intermediário de Omal te considerarão culpada. Eles a condenarão à morte, e eu a enterrarei nos jardins do Palácio de Marfim. O chefe do seu conselho ou seu Herdeiro designado se sentará em seu trono, quebrando

a cadeia dos descendentes de Baira.

Mais um passo. Vaida o observava, com o seu enorme Cão Rubi rosnando atrás do ombro. Um grito rasgou o ar, abruptamente silenciado por um estalo.

Os lábios de Vaida se franziram em um sorriso delicado e divertido.

— Tudo com um único toque? Minha nossa.

— A alternativa é esta: você me permite drenar a maldição e eu permito que você vá para casa — continuou Arin como se não tivesse falado nada. — Fará parte da corte que sentenciará meu pai. Você pode ser sua juíza e sua carrasca através dos procedimentos formais.

— Quero o trono *e* a cabeça do seu pai, Arin — Vaida sorriu radiante. — Mandarei encomendar uma tapeçaria com as vestes dele para pendurar nos portões de Lukub.

— Posso lhe dar a cabeça e as vestes dele.

Isso fez com que Arin ganhasse uma pausa e uma piscada perplexa. Vaida sabia que Arin não mentiria para ela – nem mesmo em um momento como aquele.

— Eu quero Nizahl.

O olhar de Arin percorreu as tochas instaladas nas muralhas de pedra ao redor da Cidadela. A névoa que circulava o reino havia se dissipado, e a lua pairava baixa sobre o massacre que grassava dentro das fronteiras da Cidadela.

— Não posso te dar Nizahl.

— Faça disso uma das suas escolhas. — Ela cruzou os últimos degraus em direção a Arin, com as narinas do seu Cão dilatadas. Ele mostrou os dentes enquanto Vaida brincava com o colarinho de Arin. — Os outros dois não servem.

Apesar de toda a devastação que causara, Vaida não era uma lutadora. Ela nunca aprendeu que não era a arma que deveria temer, mas sim o oponente que a empunhava. Que batalhas não eram vencidas pelo

número de Cães Rubi ou lanças brilhantes, mas pelo destino de um único erro.

Quando Arin mandou forjar as espadas e flechas, ele também solicitou que o símbolo fosse gravado em uma única adaga. Uma adaga que ele só conseguiria usar se estivesse perto o suficiente da Sultana para compartilhar o fôlego.

Quando ela deslizou em seu peito, pareceu levar uma eternidade para Vaida entender o que havia acontecido.

— Essa não era uma das suas opções — disse ela baixinho. — Você me enganou.

Uma saraivada de flechas atingiu o Cão que se empinava sobre Arin. Arin se abaixou para evitar a pata que se agitava. O chão tremeu quando ele atingiu o chão ao lado deles. Os olhos de Vaida se moveram da adaga para Arin. Cambaleando, ela agarrou o braço de Arin enquanto ele soltava o cabo.

— Se você morrer, os Cães de Caça morrem com você. — Ele a segurou enquanto ela desabava sobre ele, abaixando-a com delicadeza até o chão. — Não era uma opção que eu quisesse exercer.

Vaida tossiu.

— Sorrateiro.

Sangue cobria a costura dos lábios dela. Arin não resistiu quando ela o puxou para perto.

— Você realmente teria me dado a cabeça de Rawain?

Arin puxou cuidadosamente uma folha de grama do cabelo de Vaida.

— Sim.

Vaida retirou a adaga do peito. Sangue brotou sob a seda sobre seu coração.

— Você acha que encontrarei Baira quando morrer?

Arin se ajoelhou ao lado dela.

— Minta pra mim, Arin — ela sussurrou. — Só dessa vez. Quero imaginar.

Então, enquanto os Cães do Palácio de Marfim até a Cidadela começavam a morrer, Arin teceu para Vaida uma história de reencontro com a sua Awala, tão vívida e envolvente quanto as histórias que ela criava para ele na escada secreta. Enquanto os soldados de Nizahl avançavam contra os Cães e as forças Lukubi, que já estavam enfraquecidas, Arin ouviu a respiração de Vaida ficar ofegante.

— Estou com medo — choramingou Vaida. Lágrimas vermelhas escorriam pelos brincos de rubi incrustados em suas têmporas. — Arin, estou com medo.

A dor no peito de Arin se espalhou pelo resto do corpo. Ele se deitou ao lado de Vaida, com o ombro pressionado contra o dela.

— Na noite anterior ao seu vigésimo quarto aniversário, você veio à Cidadela e me fez uma pergunta.

— Eu fiz? — Suave e letárgica.

— Você me perguntou o que eu faria se não tivesse nascido Arin de Nizahl. Quem eu gostaria de ser.

— Eu devia estar bêbada.

— Eu disse que não consigo imaginar uma realidade onde eu não seja quem sou.

Ela inclinou a cabeça para a esquerda, o olhar semicerrado e desfocado ao se fixar nele.

— Uma resposta irritante, como sempre.

Arin riu baixinho.

— Sim, e já reconsiderei. Você se lembra do que disse?

Os olhos dela se fecharam.

— Humm.

— Você disse: “Eu teria sido uma flor”.

Os lábios de Vaida se contraíram. Arin achou que ela estivesse

tentando sorrir.

— Definitivamente bêbada — sussurrou ela.

— Você ainda pode ter uma vida. Uma vida boa — disse Arin. — Pegue minha mão antes que o resto da magia se esgote. Se ainda houver o suficiente, extraí-la pode curar parte dos danos.

Vaida pareceu fazer um esforço indizível para abrir os olhos outra vez. Com uma voz tão fraca que Arin mal conseguiu ouvir, ela disse:

— Mas suas opções.

Arin tinha visto tantas coisas acabarem no último mês de sua vida. Tanta destruição. O que levou Arin a dizer o que disse a seguir foi tanto misericórdia quanto rancor. Rancor pelas forças responsáveis por levá-los a esse campo de batalha, pelo controle que tentaram tirar de Arin.

— Há uma quarta opção, Vaida. Um futuro que você escolhe. Um futuro onde ninguém jamais saberá se você morreu neste campo ou se foi puxada de volta para o Mirayah, porque seu corpo desaparecerá com os Cães. Um futuro que poderá construir em um reino tão inteligente quanto você, onde seu poder é limitado apenas pelo o que você pode imaginar.

Um rugido de vitória percorreu o campo quando a sirene da Cidadela finalmente silenciou. Os Cães haviam caído. Uma brisa soprou os cabelos de Arin para fora do laço. O kitmer que o havia carregado para fora de Mahair e o vigiava no Gibal circulou acima. Niseeba pousou na borda de uma sacada e esperou.

Talvez Arin não precisasse que Ehal chegasse a Jasad a tempo.

Os últimos suspiros da Sultana pairavam no ar entre eles.

— Sempre com as suas belas palavras — suspirou Vaida, com os ombros esguios se fundindo à grama. Sangue encharcava a frente do seu vestido. — Certo, Arin. Pegue... na minha mão.

Talvez fosse tarde demais. Provavelmente era tarde demais.

Mesmo assim, Arin fechou a mão em volta da de Vaida.

CAPÍTULO 68



ESSIYA

Corpos cobriam Janub Aya, e a fumaça sufocava o ar.

Abri caminho entre os corpos carbonizados dos soldados de Nizahl. A marca do meu kitmer estava gravada no chão ao redor deles. As forças sobreviventes haviam recuado para a fronteira de Ahr il Uboor assim que o sol se pôs, e eu havia enviado três kitmers para vigiar o acampamento deles. Se eles se movessem, eu saberia. Era bem provável que estivessem esperando até de manhã para retomar o cerco.

A manhã em que a névoa sobre Sirauk cairia para o aniversário de Nuzret Kamel.

Examinei os mortos em busca de rostos familiares. Eu já havia verificado como estavam Sefa e Marek. Marek estava abalado; pelo visto, um dos regimentos que Rawain havia enviado para a ruína era o complexo dos Corvos, onde Marek estivera escondido. Ele ainda não havia encontrado ninguém que reconhecesse, mas avistei Sefa com os braços em volta de seu corpo rígido, acariciando os seus cabelos.

Fiquei paralisada ao ver o marido de Maia, com a cabeça torcida em um ângulo anormal no chão.

— Ela ainda não sabe — murmurou Lateef, aparecendo ao meu lado. Os seus olhos estavam vermelhos e manchas de sangue encharcavam as suas roupas. — Ela ainda está procurando por ele.

Olhei para o marido de Maia. Ele havia morrido ali e, com ele, levaria metade do coração de Maia. Levaria seus pés saltitantes, seu sorriso sempre presente. Os mortos raramente deixavam este mundo de mãos vazias.

— Levem-no para o rio com os outros. Ela pode realizar os ritos fúnebres dele. Não a deixem vagar pela noite, chamando o nome dele.

Voltei para Sefa e Marek. Sefa estava encolhida na lateral de uma carroça capotada, escondida atrás da roda gigante, enquanto Marek andava de um lado para o outro na frente dela.

— E então? — perguntou Marek assim que me aproximei. — Quantos?

— Não sei — eu disse. — Eles vão contar os mortos depois de Nuzret Kamel. Há mais mortes para acontecer amanhã.

Sefa tirou o rosto da parte interna do braço. Seu lábio inferior tremia.

— É a sua magia falando, ou você?

Arranhei a superfície áspera da roda da carroça e fiquei em silêncio. Era uma boa pergunta, e eu não tinha uma boa resposta. A voz da minha magia havia se costurado em meus pensamentos com a agulha mais fina, sua presença entrelaçada no próprio tecido da minha mente. Eu não conseguia mais ver as costuras.

— Você não precisa levantar a fortaleza amanhã — disse Marek. Desviei-me de seus braços estendidos, ignorando o seu rosto suplicante. — Arin está voltando. Se você tiver Nizahl, os outros reinos se retirarão. Você não precisará da fortaleza.

Fiquei tensa. Desde quando Marek o chamava de *Arin*?

— Você é um tolo se acredita que ele vai voltar — eu disse. — Assim como eu fui uma tola em pensar que ele ficaria.

— Ele só saiu para evitar que isso se transformasse em guerra, ele nos disse...

— Onde está o cetro? — interrompi.

— Sylvia... — Lágrimas rolaram pelo rosto de Marek. — Por favor. Precisamos de você.

O aviso silencioso de Efra se misturou ao sussurro lamentoso de

Marek, estremecendo a minha espinha. Em vez de me penetrar, encontrou a barreira sólida da minha magia. As margens onde eu começava e a minha magia terminava haviam se estreitado, fazendo com que eu só conseguisse vislumbrar as emoções que deveria sentir.

Nós dois sabemos que eu consigo sentir o que acontece quando sua magia te consome. Você... você desaparece.

Mais uma vez, percebi que não conseguia me lembrar da última vez que respirei.

— Eu... — Mover-me através da minha magia era impossível. Estávamos entrelaçadas em cada fibra, cada ponto do meu ser.

Marek puxou meu corpo rígido para seus braços, me abraçando com força.

— Perdi minha família no campo de batalha. Todos que amei morreram para proteger o trono de outra pessoa. Você e Sefa são tudo o que tenho.

Meus braços estavam soltos ao lado do corpo. Tentei envolvê-los em Marek, mas eles não me obedeceram.

— Eu posso não morrer.

Sefa falou, usando a carroça para se levantar:

— Você vai morrer de todas as maneiras possíveis.

Argh, eu não conseguia pensar nisso. Estava cansada de convencer a todos de que não tinha nenhum apetite especial pela morte – que, na verdade, havia me dedicado muito a evitar o destino da minha família.

— Não tenho escolha! Se perdermos Nuzret Kamel, a névoa não cairá por mais dez anos. Não posso confiar na pequena possibilidade de o Herdeiro de Nizahl tirar o trono de seu pai.

Deixei o meu outro motivo sem ser mencionado.

Minha magia não me daria mais dez anos. De uma forma ou de outra, ela me dominaria. Pelo menos, quando eu erguesse a fortaleza, a loucura teria valido a pena.

Marek permitiu que eu me desvencilhasse dele, com os lábios apertados.

— Prometa-nos que, se o Herdeiro de Nizahl chegar amanhã, você não levantará a fortaleza.

Pela primeira vez, a minha magia e eu estávamos de acordo. Nenhuma de nós queria pensar no Herdeiro de Nizahl. Ele havia levado o meu coração à carnificina, e restava pouca coisa capaz de manter a fé uma segunda vez.

— Prometo — eu disse. — Descansem um pouco.



O sol nasceu sobre a Ponte Sirauk no meu último dia de vida, trazendo consigo os gritos da batalha reiniciada. Observei com os olhos secos enquanto os recrutas de Nizahl afluíam a Janub Aya, colidindo com a onda de Jasadis cuja magia não havia sido drenada pela luta do dia anterior. Os outros se posicionaram na retaguarda, preparados para abater qualquer um que conseguisse atravessar a primeira fronteira.

— Vão em direção ao mar — ordenei a Marek e Sefa, recusando-me a vacilar diante de suas expressões aflitas. — Vocês os verão chegando se tentarem atravessar as dunas de areia. Escondam-se até a fortaleza estar erguida.

— Essiya...

Afastei-me, indo em direção ao local onde haviam enterrado o cetro. Não aguentava mais um apelo. Minha magia já queria que eu deixasse a ponte e fugisse – que desaparecesse antes que a névoa caísse. Se eles convencessem o resto de mim, eu poderia muito bem abandonar os Jasadis aqui para morrer. Abandonar os milhares que ainda estavam nas rotas comerciais.

Desenterrei o cetro. As asas do corvo se curvaram ao redor do orbe, de alguma forma ainda mais ferozes sem a mão de Rawain em volta dele.

A névoa se agarrava à ponte teimosamente, recusando-se a desaparecer, e eu me debatia com o pensamento repentino de que talvez nunca desaparecesse. Os registros sobre Nuzret Kamel eram inconsistentes e fragmentados. E se não passasse de uma história que se agitava nas mentes entediadas dos aldeões de Janub Aya, uma história contada para entreter uma geração após a outra, criada junto com a névoa?

Tracei as asas congeladas do corvo. Era um pedaço de Arin. Um pedaço que Rawain havia roubado, corrompido, possivelmente irreparável.

Droga. Droga.

Verifiquei se nenhum dos combates havia penetrado a primeira onda de Jasadis antes de fechar os olhos. Afinal, eu havia feito uma promessa a Marek e Sefa.

Os kitmers que eu havia enviado para espionar os soldados de Nizahl navegaram sobre Jasad. Havia uma dúzia de rotas que ele poderia ter tomado para chegar a Janub Aya a partir da Cidadela, mas não tive tempo de verificar cada uma delas. O kitmer viajou sobre os destroços de Usr Jasad, passando pelo perfil sombrio da Torre Bakir. Um cavaleiro de cabelos prateados não estava à vista.

Um grito familiar me tirou da cabeça do kitmer.

Uma leva de soldados avançou sobre as encostas arenosas que saíam do Mar Suhna, cercando os Jasadis por trás. A magia tingia o ar enquanto os Jasadis despejavam até a última gota para conter o novo ataque.

Mas nada disso foi registrado, não a princípio.

O grito que me fez sair do kitmer foi o de Sefa.

Um dos recrutas avistou Sefa atrás da carroça, segurando a sua

espada como um peixe morto, e atirou sua lança.

Se eu não estivesse do outro lado da clareira, talvez pudesse ter corrido até ela a tempo. Se eu a tivesse visto uma fração de segundo antes, talvez tivesse conseguido detê-la. Poderia ter congelado a lança como certa vez congelei uma adaga apontada para Sefa; poderia ter desviado seu caminho ou até mesmo diminuído sua velocidade.

Mas não vi isso uma fração de segundo antes. Vi quando Marek se chocou contra Sefa, jogando-a para fora do caminho da lança. Vi quando a ponta da lança perfurou o peito de Marek, a força o arremessando ao chão.

Congelei. O soldado magricela que havia atirado a lança também congelou. Ele piscou depressa, seu rosto se transformando em uma máscara de horror.

— Marek? — Ele empalideceu e se virou. — Zane! Preciso de ajuda! — O soldado disparou em direção aos outros.

Como se isso importasse.

Como se não fosse tarde demais.

Como eu era covarde, queria que Sefa ficasse no chão um pouco mais. Queria que ela passasse mais tempo limpando as pedrinhas incrustadas nas bochechas e lutando contra a tontura. Queria que aproveitasse seu último minuto de paz. Queria muito mais para ela do que o que estava por vir. Corri em direção a eles, mas eu sabia. Eu já sabia.

Sefa se apoiou nos cotovelos e rolou até ficar de joelhos com um gemido de dor.

Quando ela gritou, coloquei a mão sobre a boca. Era o tipo de grito que vinha do fundo da alma, impossível de ouvir sem sentir uma vontade visceral de desviar o olhar. Deixava a pele fria e úmida, forçava o coração a subir na garganta e o estômago a descer. Era o tipo de grito que o tempo jamais apagaria da minha memória.

A coluna de Marek se contraiu fracamente, com os espasmos junto com os músculos do tronco. Sangue encharcava toda a sua frente, mais escuro ao redor do local abaixo das costelas, onde a lança se projetava.

— Ah, não. Ah, não, não, não, não, *não, não*... — Os gritos de Sefa ficaram incoerentes enquanto ela engatinhava até Marek. — Não, Marek, por favor. Por favor!

Eu quase conseguia ouvir o coração de Marek desacelerar. Senti o esforço que ele fez para torcer os lábios em um sorriso para Sefa. Achei que ele estivesse tentando fazer uma piada, talvez um comentário superficial sobre a visão periférica de Sefa ou como o sangue realmente melhorou aquela camisa.

O que quer que ele tivesse dito, teria sido para Sefa. Sempre tinha sido para Sefa.

Mas Marek engasgou-se, com sangue a escorrer de ambos os lados da boca. Sefa tentou virá-lo de lado sem mexer na lança, os seus pulsos finos lutando contra o peso de Marek, embora fosse mais provável que ela os deixasse quebrar do que desistir.

Quando rolou Marek de costas outra vez, os olhos verdes outrora brilhantes que tínhamos visto dançar com humor, olhos que roubavam corações e frequentemente os partiam, olhos que vasculhavam qualquer sala até encontrarem Sefa, estavam fixos e parados. Opacos de uma forma que Marek nunca poderia ser.

Ele desapareceu em menos de um minuto. Minha magia podia repelir a morte, mas não podia persegui-lo depois que a morte reivindicasse o seu prêmio.

Parei na frente dos dois, com o cetro apertado em meu punho sem sangue. O último Lazur... se fora. O homem que nunca quis ser soldado, cuja vida se entrelaçara com a de Sefa e nunca a abandonara... morto em um campo de batalha como o resto de seus irmãos.

Os sons que saíam de Sefa me gelavam até a alma. A agonia crua de

um coração partido, que nunca mais seria o mesmo. Uma vida inteira se transformando em cinzas em suas mãos.

Um arrepio percorreu a minha pele. Desviei o olhar da visão de Sefa curvada sobre o corpo de Marek.

A névoa havia caído.

Não olhei para trás, para o corpo de Sefa ou Marek. Não olhei para os Jasadis fraquejando sob a onda de soldados que se aproximava de todos os lados.

Caminhei em direção à ponte, minha magia se debatendo em resistência dentro de mim, e comecei a recitar.



Recitei o encantamento de novo e não percebi o sangue escorrendo do meu nariz.

Recitei o encantamento uma terceira vez, e a dor que explodia entre as minhas têmporas era apenas um lampejo no inferno.

Recitei o encantamento pela quarta vez, e as minhas veias estouraram. Ouro e prata se derramaram dentro da minha pele, se espalhando como uma palma sangrando mergulhada em um rio.

Gritos irromperam atrás de mim enquanto o chão tremia. Um fluxo de ouro ondulou através de uma linha invisível na terra e irrompeu para cima.

A fortaleza se ergueu até a minha cintura. Imaginei-a se estendendo daqui até Usr Jasad, brilhante, sólida e bela. Na sexta vez que recitei, sorri amplamente, sem me deixar abater pelo gosto metálico de sangue em minha boca. Mais e mais figuras se aproximaram da fronteira e recitaram comigo. As figuras das minhas alucinações deram as mãos e caminharam em direção à fortaleza.

Minha magia implodiu por todos os cantos do meu ser. Entrou em

espiral nos meus pulmões, instalou-se na minha barriga. Enrolou os seus dedos em volta do meu coração. Isso me lembrou de perder minhas algemas, exceto que a primeira liberdade da minha magia tinha sido muito mais avassaladora.

A segunda libertação me acalmou. A luz percorreu os cacos que eu havia varrido para o fundo da minha mente e, como uma mãe aflita confrontando a preguiça do filho, comecei a juntá-los.

Sabia exatamente como se encaixavam, onde deveriam ficar. Fragmento por fragmento, minha magia me reconstruía. Para cada pedaço que eu recuperava, uma figura entrava na fortaleza. Eu os observava se dissolverem em raios prateados e cruzarem a superfície da fortaleza, deixando rastros brilhantes que os perseguiam pela resina.

Quando recitei o encantamento pela sétima vez, o homem de cabelos negros da cachoeira era o único que restava ao meu lado. Ele entrou na fortaleza e começou a se separar em fragmentos de ouro brilhante, correndo pela fortaleza como estrelas quebradas.

E eu me lembrei.



— Fique conosco — disse Dania. Lágrimas brilhavam em seus olhos. — Só até você encontrar o seu lugar aqui.

Balançamos a cabeça, segurando o rosto da nossa irmã.

— Como encontrarei o meu lugar se permanecer no seu reino? Mergulharei no conforto que encontro entre vocês e jamais criarei o meu próprio canto neste mundo.

Um braço fino entrelaçou-se ao nosso. Preso a ele, havia um rosto mais lindo que as estrelas que havíamos abandonado no céu, tão escuro e luminoso quanto a noite que havíamos moldado para que brilhassem.

— Deixe-me ir com você. Nem sabemos ao certo o que a aguarda no leste. Que magias vagam livremente daquele lado de Hirun.

Beijamos a testa de Baira.

— O que ela poderia fazer comigo? Qualquer magia que vagueie é uma magia nossa, mesmo distorcida, decadente ou esquecida. Ela me amará tanto quanto você.

— Tão teimoso — suspirou Kapastra. Um filhote de rochelya se enroscava em seus ombros, aninhando a cabeça achatada em sua clavícula. Ela acariciava distraidamente sua orelha escamosa. — Sabe que os nossos reinos também são seus. O que é nosso é seu, Rovial. Nossa magia é uma só.

Nós sorrimos.

— Eu sei.

Ficamos em Hirun, passando as pontas dos dedos sobre a correnteza, e ouvindo o coração do mundo bater.

— Por que "Jasad"? — perguntou Dania. Ela estava no topo da colina, com as mãos na cintura. Observando o nosso recém-reivindicado canto do mundo com a eficiência e a análise tática que ela nunca conseguia reprimir. Ainda não havia muito para ver. A campina se estendia ao nosso redor em colinas verdes sem fim, sem sinal de vida. — Um pouco ambíguo, não é? Mórbido, até.

Colhemos uma tâmara rachada de um canteiro de carrapichos. Formigas saíram do interior macio da fruta, voando sobre os nossos

dedos e pulsos.

Pressionamos a tâmara estragada no solo abaixo da árvore e sussurramos uma promessa a ela.

— Ambiguidade não é mórbida. Ambiguidade é uma questão, e nossa existência é a resposta — dissemos. — Sim, *Jasad* significa corpo. Sim, também significa cadáver. O que este reino se torna... se respira ou sufoca, vive ou morre... é uma questão que só ele pode responder.

Dania revirou os olhos.

— Não é dramático o suficiente para você dizer que gosta do som da palavra?

Acariciamos a terra fresca sobre a tâmara enterrada e rimos.

— Também gosto do som.

Respire, tamarazinha. Respire, e construirei um mundo para você.



Trovões rugiam no horizonte. Uma luz azul cortava o céu, atingindo a terra como o estalar da língua de uma serpente.

Fechamos os olhos e sentimos cheiro de queimado. A centenas de quilômetros de distância, uma cabana havia pegado fogo. A vila inteira estava em chamas.

Tentamos ordenar outra vez que a chuva caísse, e mais uma vez colidimos com uma barreira. Kapastra havia bloqueado o céu depois que as suas aldeias foram inundadas, graças à tentativa de Dania de acabar com a seca em seu próprio reino. Uma seca com a qual a punimos somente depois que seu erro cruel matou centenas de nossas crianças no sul.

Seus gritos ecoavam em nossos ouvidos como se estivéssemos no centro da aldeia em chamas. Caímos de joelhos, cobrindo o rosto com as

mãos e nos balançando. Incapazes de fazer mais do que sentir o pânico das mães alcançando as camas dos filhos, estilhaçando nosso peito, uivando ao lado dos fazendeiros que lutavam para conduzir as suas ovelhas para longe da cerca em chamas. Sua fazenda, seu orgulho e alegria, o trabalho de suas vidas. O teto desabou, e os seus corações se desfizeram com ele. Burros e mulas obstruíram a única passagem segura para sair da aldeia, e uma criança caiu sob os cascos enfurecidos. Cada osso que ela quebrou se fraturou em nosso próprio corpo.

Nós choramos até que mãos encontraram nossos ombros, sacudindo-nos.

— Rovial, o que foi? O que houve?

O que havia de errado?

O que havia de *errado*?

Colocamos a parede mais fina entre nós e a aldeia em colapso. Uma parede fina o suficiente para encontrarmos forças para empurrar as mãos de Kapastra e olhar com olhos turvos.

— Saia do meu reino — rosnamos.



Uma tâmara caiu em nosso ombro.

Com a mão no tronco, derrubamos a árvore e colocamos fogo nas raízes expostas.



— Ouvi dizer que você fez um homem — dissemos, encostados na porta de Baira. Ela pulou e, ao longe, metade de uma montanha se estilhaçou e deslizou para o mar aberto.

A surpresa em seus olhos se transformou em desdém rígido.

— Não tenho o hábito de fazer homens hoje em dia.

— Verdade. Quebrá-los faz mais o seu estilo.

— O que você está fazendo em Lukub? Eu já te disse. Estou do lado da Dania nesta sua guerra.

— Lukub. Lukub, Lukub. — Brincamos com uma lasca de pedra esculpida, sorrindo para a inscrição. Mais um amante descartado se imaginando um poeta. Patético e perdido, como tudo que Baira tocava.

— Diga-me, Dania te deu uma bronca sobre como você decidiu nomear seu reino, ou esse julgamento foi reservado somente para mim?

Demos um passo à frente, jogando a lasca de lado. Ela caiu sobre uma pilha de pele curtida que os tecelões de Baira deviam ter esquecido de coletar. Amanhã, a carne cuidadosamente esfolada seria costurada na tapeçaria na fachada do Palácio de Marfim. Um presente de despedida para as famílias dos traidores; se quisessem, poderiam visitar a tapeçaria e identificar qual pedaço de pele pertencia ao seu ente querido.

Um uivo fez a cabeça de Baira virar. Um segundo e um terceiro se juntaram a ele. Os uivos fúnebres se tornaram uma sinfonia, serpenteando por seu reino.

Baira abriu as cortinas, escancarando a porta da sacada.

— O que você fez com os meus Cães? — ofegou, examinando freneticamente a extensão enluarada da Floresta Essam. — Eu sinto... o que você *fez?*

Nós a seguimos até a sacada e subimos na borda.

— Preocupe-se menos com os Cães e mais com seus súditos próximos. Carne se rompe com muito mais facilidade do que rubis.

As unhas de Baira cravaram-se em seu couro cabeludo enquanto ela balançava a cabeça para frente e para trás.

— Por quê? Por quê?

— Nossa magia é uma só, lembra? — O kitmer navegou em nossa

direção, com faíscas das cores do nosso reino se arrastando atrás dele. O sorriso desapareceu de nossos rostos. — Quando você arrancou a magia daquele homem, eu senti. Senti que você corrompeu a própria natureza do que somos. Seja lá o que você tenha criado, é uma ameaça à essência do nosso mundo e precisa ser consertada. Aquele homem... o que ele é? Lukubi, Omaliano? Eu gostaria de lhe dar a honra de enterrá-lo em sua casa.

Rubi e marfim desabrocharam como pétalas malignas nos olhos de Baira.

— Então você não precisará viajar muito — Baira cuspiu. — O homem que você chama de corrupto era um Jasadi antes de roubarmos a sua magia. Antes de fazermos dele um *Rei*. Fareed será o primeiro a governar um reino que não é leal ao nosso sangue, que não está sujeito à nossa magia. Ele lutará contra você.

Nós nos inclinamos perto do rosto de nossa irmã, enxugando as lágrimas vermelhas e opacas escorrendo pelas bochechas.

— Minha linda Baira — sussurramos. — Fazer um Rei? Você mal consegue fazer um cachorro brilhante.

Descemos da saliência, pousando no pescoço macio do nosso kitmer. O vento soprava em nossos cabelos enquanto ele subia mais alto, nos levando para casa.

Atrás de nós, o grito de Baira se juntou ao de seus Cães.

Entramos na ponte e cruzamos os braços. Dania insistira naquele ponto de encontro, alegando que servia como território neutro entre o nosso reino e o de Kapastra.

Ela tinha algum tipo de travessura planejada. Não seria Dania se não tivesse. Mas o quê?



Gritamos enquanto as nossas irmãs nos despedaçavam. Baira quebrou os nossos ossos, nos despedaçando na ponte, e Dania enfiou o braço em nosso peito. As mãos de Kapastra agarraram o nosso crânio, nos mantendo prisioneiros de uma agonia sem fim.

— Depressa! — Baira gritou.

Os dedos de Dania roçaram a nossa magia em seu âmago. Sua mão se fechou em volta dela, e seus gritos de agonia se juntaram aos nossos.

— Não façam isso! — imploramos. — Irmãs, por favor!

— Vocês nos encontrarão outra vez — sussurrou Kapastra, com seus olhos azuis e brancos nos fitando com a fúria implacável dos céus. — Pelo menos, o que resta de vocês nos encontrará.

Eles arrancaram a magia do nosso corpo destruído e a lançaram no rio que corria sob a ponte. Colidimos com a superfície da água, e o céu se partiu em fogo dourado e prateado enquanto o resto dos nossos membros foi reduzido a cinzas.

Entramos em Hirun e procuramos um lar.



Somos uma menina que adora colher abelhas de sua colmeia em crescimento. Quando ela completa doze anos, nosso poder já é grande demais, e ela queima as suas colmeias com a mesma tocha que colocou sobre a cabana de seus pais adormecidos.

Ela é executada e retornamos ao rio mais uma vez.



Uma vez a cada cem anos, quando o rio diminui a velocidade, renascemos. Às vezes, ficamos por doze anos, como a primeira garota, e

às vezes, por vinte, como o jovem que massacrou a sua aldeia com os monstros que ele criou.

A história sempre termina do mesmo jeito. As escolhas erradas. O flagelo da nossa magia na mente deles.

Nós os consumimos e retornamos ao rio mais uma vez.



Somos uma menina de olhos verdes em uma cidade modesta, o orgulho da vida da nossa família.

Nós...



Pela segunda vez, a realidade desapareceu.

CAPÍTULO 69



Arin segurou o rosto dela enquanto a magia o invadia, gritando enquanto arrancava Essiya.

A agonia dele era incompleta; uma evisceração parcial. Porque do outro lado, o ouro e a prata escorriam dos olhos de Essiya, substituídos por um precioso castanho-escuro. Do outro lado, um terror belamente humano os coloria enquanto ela percebia o que ele havia feito.

— Você voltou? — O eco de uma conversa escondida em um túnel, sob a terra. Um único raio de tempo. Uma eternidade.

Com o queixo tremendo, ela disse:

— Eu nunca fui embora.

— Sim, você foi.

E ele nunca permitiria que isso acontecesse outra vez.

Arin a beijou.

CAPÍTULO 70



Eu sabia muito bem. Eu sabia muito bem, mas não me importei.

Minhas mãos se apertaram em seu colete, puxando-o com força contra meu corpo. Arin me beijou com uma ferocidade abrasadora, como um homem resgatado da beira do abismo. Sua mão agarrou o meu quadril com força contundente, a outra deslizando sobre a trança encostada na minha nuca.

A primeira vez que Arin me beijou, eu me perdi. Não queria nada mais do que abandonar minha mente, deixar de lado as minhas preocupações e medos e encontrar paz diante dele.

A última vez que ele me beijou, eu me encontrei.

Percebi os sons ao meu redor. A umidade penetrando nos meus sapatos. A dor na lombar. Inspirei o cheiro do rio que pairava sobre ele, quase sobrepujando o cheiro de tinta e chuva que ele nunca conseguia afastar. Eu senti... eu *senti...* a areia nos meus olhos cansados; o piche nos meus ouvidos; a raiva de ver os soldados de Nizahl marcharem sobre Janub Aya; a culpa de matá-los tão cruelmente; a angústia de temer que Arin tivesse apenas fingido acreditar em mim e que o tempo todo tivesse planejado pegar o manto do pai; o terror de ver a névoa cair.

O grito de tristeza se acumulou dentro de mim, porque Marek estava morto. Marek estava morto.

À medida que a minha magia se esvaía, algo dentro de mim ofegava de volta à vida. Ressurgindo de seu sufocamento lento e constante, uivando de volta ao poder. Cada coração batendo dentro de Jasad ecoava atrás do meu. A terra murmurava, cansada e baixa, então

parecia perceber que eu estava ouvindo. Eu finalmente estava ouvindo, então ela começou a gritar.

Arin recuou, deixando sua testa pressionada contra a minha.

— Achei que chegaria tarde demais. — Ele agarrou os meus ombros, meus braços, minha cintura. Tranquilizando-se.

Assim que terminou, ele desmaiou.

Movi-me instantaneamente, agarrando a sua cabeça segundos antes que ela pudesse bater contra um amontoado de pedras. Sua pele havia adquirido um tom azulado que eu nunca tinha visto em nada vivo. Arrastei-o para longe das pedras, o terror tornando meu aperto mais forte.

— Arin? Arin?

Olhei ao redor em busca de ajuda, mas a batalha ainda se desenrolava ao nosso redor. Os Jasadis haviam sido repelidos quase até a linha das árvores, e me forcei a não olhar para os corpos espalhados pela terra. Alguns dos soldados de Nizahl olhavam ao redor, confusos, e segui os seus olhares até Jeru, que perseguia os soldados a cavalo e agitava uma bandeira de Nizahl, gritando por sua atenção. Niseeba gritou acima de nós, contornando as marcas de queimadura de seus irmãos mortos.

Levei o pulso trêmulo ao nariz de Arin e esperei. Quando uma lufada de ar quente passou pela minha pele, o alívio foi intenso. Era tudo demais. Cada morte me perfurava, um bordado de agonia comigo como agulha. Cada grito ecoava duas vezes na minha cabeça. As nuvens reclamavam da areia no ar, as árvores choravam por água e a terra que eu havia queimado com os kitmers *gritava*, repetidas vezes, folha por folha.

Minha magia havia me corroído quase até o âmago. Eu sentia isso em cada osso, em cada respiração. Eu não conseguia me libertar dela tão facilmente quanto reorganizar meus órgãos. Gravadas em meu crânio estavam as memórias de mil vidas. Pessoas que eu havia sido, lugares

que eu havia visto, vidas que eu havia encerrado. Minha magia se agitava com isso, uma tempestade furiosa batendo contra a fina barreira que eu havia erguido entre nós.

Eu não tinha loucura mágica. Eu *era* loucura mágica. Todas as pessoas desde Rovial tinham minha magia. A magia de Rovial.

Eu soluçava, sacudindo o ombro de Arin.

— Acorde. Acorde para poder rir comigo.

O Herdeiro de Nizahl se mexeu, e o alívio quase me matou. O ar escapou dos meus pulmões ressecados, e procurei o outro pedaço rebelde do meu coração. Não podia arriscar deixá-lo para encontrar Sefa, mas não precisava. Podia me mover para Sefa como uma vez me movi para Arin, deixando meu corpo físico para trás. Era tão simples quanto fechar os olhos e abri-los ao lado dela.

Uma sombra se estendeu sobre a garota ajoelhada, um par de botas parando ao lado do corpo de Marek. Ela olhou para a sombra com um olhar vidrado e ausente. Balançando para frente e para trás, sua mão ensanguentada pressionava o ferimento de Marek e outra se curvava em torno de sua bochecha pálida.

Lágrimas brilhavam nos olhos de Jeru enquanto ele se ajoelhava ao lado de Sefa.

— Sefa, sinto muito. Sinto muito, mas temos que ir.

Sefa continuou balançando.

Jeru estendeu a mão para ela, e Sefa recuou violentamente.

— Não! Eu não vou deixá-lo. Você não entende que eu nunca o abandonei? Eu nunca o abandonei!

A dor no rosto de Jeru me surpreendeu. Sua voz estava rouca.

— Você nunca o deixou. Eu sei que você nunca o abandonou, e ele também sabe. Mas Marek não está mais aqui, Sefa.

Sefa lutou contra Jeru com uma ferocidade excepcional quando ele a pegou no colo, mas ele era um soldado e ela era uma garota devastada

pela dor.

— Me solte! — gritou ela, contorcendo-se como uma cobra presa em uma armadilha. — Eu não vou deixá-lo!

— Você não morrerá ao lado dele! — Jeru rugiu, e Sefa finalmente se imobilizou. O guarda não parou de andar, nem olhou para Sefa. Caminhei ao lado deles, silenciosa como o vento e igualmente insubstancial. Jeru seguiu em direção a Arin. Meu corpo permaneceu curvado sobre o do Herdeiro, e apressei o passo, ansiosa para me juntar a ele. — Você entende o que ele passou para te encontrar de novo? O que suportou para te manter segura? Ele precisa que você o enterre. Ele precisa que você esteja viva para se lembrar dele, para honrá-lo.

— Você não entende — ela sussurrou. Jeru ficou tenso, e nós dois olhamos para seu rosto tomado pelas lágrimas. — Que vida resta? Não posso chorar por ele mais do que o amei. Não sou forte o suficiente para isso.

— Ninguém é — disse Jeru. — Você faz isso mesmo assim.

Assim que Jeru caiu no chão ao lado de Arin, colocando Sefa no chão, eu deslizei de volta para o meu corpo.

Meu movimento repentino assustou Jeru enquanto ele verificava a respiração de Arin. Ele estava um pouco menos azulado, mas o meu estômago ainda se revirou de desconforto com a sua palidez. Acariciei os seus cabelos com as costas da mão.

— Ele está vivo. Mantenham-no assim — ordenei.

Virei-me para Sefa e segurei seu rosto entre as mãos. Ela mal reagiu, imóvel e sem reação novamente.

— Ele morreu — disse ela, e eu não tinha certeza com quem ela estava falando. — Ele não deveria ter morrido antes de mim. Ele não deveria ter morrido por minha causa.

Duvidava que ela me ouvisse agora, mas esperava que as palavras permanecessem em algum lugar do seu subconsciente. Em algum lugar

que ela pudesse recuperá-las quando chegasse a hora.

— Eu te amo, Sefa. — Eu queria chorar, mas não lembrava bem como. — Eu te amo, Sayali. Eu te amo, seja lá quem você for. Você não merece isso, mas vai sobreviver.

Agarrei o cetro e me levantei. As batalhas ainda aconteciam ao nosso redor, mas o ritmo havia começado a diminuir. Mais e mais soldados de Nizahl se juntavam ao grupo de soldados confusos e inseguros, que largavam as armas ao lado do corpo. A maioria dos Jasadis havia esgotado as suas reservas mágicas, tornando a luta mundana.

Estava quase acabando.

A fortaleza permanecia com metade da altura de sua antecessora, mas ainda era alta demais para escalar. Alta demais para ele escalar.

A névoa ao redor do Sirauk não havia retornado, mas eu podia sentir o frio dela roçando a minha nuca.

Não demoraria muito agora.

— Quando ele vier atrás de mim, pare-o — eu disse a Jeru.

— O que você...

A névoa se espalhou e eu desapareci.

Quando me materializei na ponte, eu estava vestida com uma longa abaya listrada de prata e ouro, presa no meio com um alfinete em forma de kitmer.

Supus que minha magia compreendesse que precisávamos estar bem vestidos para essa reunião em particular.

Argh, ainda com a *minha magia*. Como se fosse um gato de rua que eu tivesse encontrado e acolhido com relutância, algo separado e dissonante de mim.

Minha magia era eu. As alucinações, as visões... tudo eu. Cada vida que vivemos, empilhadas em finas camadas sobre esta última.

A brutalidade do tempo poupou a Ponte Sirauk, deixando-a tão

infinita e etérea quanto o dia em que morri nela. A podridão não ousara se aproximar das tábuas de madeira perpetuamente úmidas sob os meus pés, nem a chuva desgastara as cordas grossas de ambos os lados. Abaixo dela, jazia a escuridão e o zumbido silencioso do Rio Hirun.

Coloquei a minha mão na fortaleza. Ela vibrou, exultante ao meu toque.

Dentro de mim, o medo se tornou pesado.

Eu me lembrava das vidas passadas da minha magia como se lembra de uma história de infância. Os detalhes se confundiam, mas os finais eram sempre os mesmos. A loucura que levou Dania, Baira e Kapastra a matar Rovial e a lançar-se num sono eterno iria apanhar a minha mente mortal e consumi-la. Milhares haviam morrido nas mãos da minha loucura mágica, populações inteiras aniquiladas. Mesmo agora, a barreira entre mim e a rendição completa tremia sob o ataque da minha magia, com finas rachaduras se formando em sua superfície.

Pressionei os dedos contra os lábios, contendo uma risada totalmente inapropriada. Eu não queria a responsabilidade de ser a Herdeira de Jasad, e o tempo todo eu tinha a magia do *Awal* de Jasad? Se eu não tivesse crescido com as algemas suprimindo a minha magia, poderia muito bem ter enlouquecido antes de chegar à adolescência, como a maioria dos outros. Eles não tiveram a chance de se lembrar de quem eram antes que a magia os invadisse. Não tinham um belo canal para drenar os piores efeitos.

O que a criatura que protegia o anel de Vaida dissera naquela noite no palácio de Omal? *Quase lá. Eles tentaram várias vezes, mas suas escolhas nunca mudaram. Quem diria que esta daria certo?*

Ela poderia muito bem ter escrito *ROVIAL* em letras grandes na minha testa.

Uma gota de sangue atingiu o meu queixo. Limpei o nariz com uma carranca. Minha magia estava reprimida havia quatorze anos. Sem

dúvidas, mais alguns minutos não justificariam tal birra.

Assim que a barreira em minha mente se rompesse, eu enlouqueceria. O dano que eu liberaria só seria comparável ao de Rovial, e desta vez, as habilidades de Arin não seriam suficientes para me salvar do abismo.

Sem esse conhecimento, eu teria atravessado a fortaleza direto para Sefa e Arin. Eu teria me permitido sonhar em manter esta vida, em vê-la até o fim. Arin tinha vindo atrás de mim, o que significava que Nizahl ficaria ao lado de Jasad. Nenhum dos reinos poderia nos fazer mal com Nizahl ao nosso lado.

Eu poderia caminhar por esta fortaleza e encontrar Arin. Poderíamos ter uma vida juntos. Um futuro.

Ele e Sefa não estariam sozinhos.

Na medida do monstro ou do homem, o que pesa na balança?

Vidas inacabadas passavam pela minha mente, passando diante de mim como a última visão dos moribundos.

Rovial, o Awal louco. Essiya, a cruel herdeira.

E Sylvia. Minha primeira e favorita mentira.

A maré da minha magia rompeu parte da barreira, e me forcei a nadar. Manter a cabeça acima da água e me lembrar de tudo. A risada de Fairel. O cheiro do chá de menta favorito de Rory fervendo em uma manhã de neblina. As risadas atordoadas de Sefa quando ela trabalhava em um projeto por cinco horas seguidas sem piscar. A tagarelice interminável de Marek sempre que eu ficava ranzinza e mal-humorada, teimoso demais para me deixar sozinha e inquieto demais para ficar quieto.

E as memórias que machucam. As memórias que minha magia chutou para o canto e incendiou.

Nós – eu – amei os meus irmãos um dia. Eu os amei antes mesmo de saber o que a palavra significava ou quão fatal sua corrupção poderia

ser. Amei a incapacidade de Dania de ir a qualquer lugar sem o seu machado pendurado na mão ou na cintura. A obsessão de Kapastra em fazer brilhar cada escama individual nas rochelyas recém-nascidas e lhes dar nomes mais adequados para um pretendente inapropriado, como Amar Arba'tashar e Helywa.

E Baira... ninguém conseguia contar uma história como Baira. Todos naquela época se lembravam dela por sua beleza e as suas habilidades de enganar, mas a Awala de Lukub tinha muito mais a oferecer. Ela conseguia transformar uma caminhada de uma árvore a outra na mais grandiosa das aventuras, levando você à ação com apenas uma frase.

E eu…

Eu sou o que resta.

Abri os olhos e a fortaleza havia atingido a sua altura máxima.

Do outro lado, mal conseguindo se manter de pé, estava Arin.

CAPÍTULO 71



A magia nunca ficava parada.

Era um detalhe que Arin não dava valor. A magia sempre rodopiava ou se agitava quando um Jasadi a usava; nunca permanecia por muito tempo.

Os anéis de ouro e prata nos olhos de Essiya se estabeleceram nas íris. As cores sombreavam o escuro de seus olhos em poças imóveis de prata e ouro, e Arin nunca tinha ficado tão assustado em toda a sua vida.

Ela olhou para além dele com desaprovação.

— Você nocauteou Jeru no meio de uma batalha?

Arin deu um soco na fortaleza. Ela se recusou a ceder, sólida como aço, apesar da aparência fluida.

— Chega. Você conseguiu... ergueu a fortaleza. A luta acabou e ela nunca mais se renovará. Eu sou o Supremo e não haverá guerra. Você *acabou*. Saia da ponte antes que a névoa retorne.

Assim que a névoa subisse, Sirauk a devoraria. E Arin ficaria preso do outro lado dessa maldita parede, batendo os nós dos dedos até sangrarem.

Seu queixo se projetou, seus traços assumindo uma expressão teimosa.

— Por que eu deveria aceitar ordens de alguém que quase se matou me beijando? Você mal consegue ficar de pé, Arin.

— Não preciso ficar de pé, Essiya — rosnou Arin. — Quer que eu fique de joelhos de novo? Quer que eu implore?

Essiya pousou o cetro, e Arin se assustou. Ele nem tinha percebido quando a beijou. Ela envolveu o orbe com os dedos, escondendo o olhar

penetrante do corvo.

— Essiya — repetiu ela com um sorriso pálido. — A quase-herdeira. A quase-Malika. Imagino que o testezinho irritante delas não estaria completo sem a tentação do poder total.

Arin sacou a sua adaga e começou a atacar a fortaleza.

— As histórias estão erradas, sabe? Quase todas erradas. Eles me prenderam na ponte... isso é verdade. Mas eu não "gritei tão alto que os céus desabaram" — zombou ela. — Kapastra sim. Elas também não desenharam runas na minha testa. Que ideia boba. Que efeito as runas teriam contra a minha magia? Além disso, e isso é de longe o mais irritante, eu *não era* o Awal "gentil e compassivo". Talvez eu fosse comparado àquelas três, mas também era impaciente e irascível, e uma vez tentei esfaquear a minha irmã por roubar todas as mangas das minhas árvores de brincadeira.

Arin demorou um instante para ouvi-la.

Ela tamborilou as unhas no vidro do cetro.

— A parte mais consistente da história é o final. Sou arrastado pela ponte, preso em um sepultamento eterno. Satisfatório, não é? Entendo por que ninguém examinou o final com muita atenção. Afinal, a alternativa era impensável. A alternativa significava que o Awal louco poderia ter ido embora. Rovial, vagando pelos reinos, vivo e bem, enquanto as únicas pessoas capazes de se defender dele dormiam sob Sirauk. Uma conclusão insuportável.

— O. Que. Você. Está. Dizendo. — Arin mal conseguia pronunciar as palavras.

— Elas não me arrastaram para baixo. — Ela suspirou. — Nós lutamos, e elas me mataram do único jeito que puderam.

Arin deu um passo para trás. Não conseguia nem começar a processar o conceito... a própria ideia...

Não. Não, a magia dela a havia confundido, e ela ficaria bem assim

que se distanciasse daquela ponte infernal.

— Me mataram pela metade, na verdade. Elas arrancaram a minha magia e a lançaram em Hirun. Depois, despedaçaram Rovial. A verdade não é tão bonita quanto a história, receio. — Ela deu de ombros. — Você estava certo sobre a taxa de loucura mágica. Uma vez a cada cem anos, com devastação generalizada. A magia de Rovial reencarnava a cada século, e a cada século teria o mesmo destino. — Ela bateu na têmpora. — Sinto cada vida se sobrepondo à minha, embora elas não pareçam pertencer a mim. Nem a de Rovial. Mas a magia... a magia sempre foi nossa.

O mundo se inclinou, explodiu em chamas e sufocou Arin na fumaça.

— Se você não quer ficar presa, por que ainda está na ponte? A névoa vai te levar. — Arin era quase inaudível para os seus próprios ouvidos, mas é claro que ela ouviu.

— Você não pode imaginar o quanto eu quero estar do outro lado desta fortaleza com você — disse ela. Sua resignação, a derrota gritante, reprimiram o pânico de Arin com força total. — Mas há uma razão para a magia de Rovial ter matado o seu hospedeiro todas as vezes. Esse tipo de poder não tem mais lugar neste mundo. Que reino poderia prosperar sob uma líder que jamais morreria? Uma líder que poderia dizimá-los com um pensamento?

Sua respiração ficou ofegante, e Arin viu uma centelha de terror por trás da fachada de calma.

— Mal consigo me ouvir pensando por trás dessa magia. Se eu atravessasse esta fortaleza, seria apenas uma questão de tempo até que ela extinguisse o que restava da minha humanidade. Meu controle.

Ela deu um passo para trás.

— Não vou deixar isso vencer de novo. Não vou deixar isso me prender na minha própria mente.

Um fio branco enrolou-se em torno de seu tornozelo. Arin martelou a fortaleza com uma força que seu corpo não deveria ser capaz de produzir.

Ela ia fazer isso. Juntar-se aos Awaleen em seu sepultamento e trancar sua magia sob Sirauk.

— Me solta, Arin. Não posso atravessar a fortaleza, você entende? Se eu decidir ficar, isso não significará a morte de algumas centenas ou milhares. Significará o fim de todo o nosso mundo. Ninguém além dos Awaleen poderia deter a magia de Rovial, e eles estão no meio de seu sono eterno. Esse é exatamente o poder que você lutou a vida inteira para impedir. A loucura exata que você temia.

— Posso encontrar outro jeito — disse Arin, e era verdade. — Me dê um tempo. Podemos mitigar sua magia, selá-la. Eu tenho a algema...

— Não! Cortar minha magia nunca foi a resposta. Sefa e Marek eram a resposta. Dawoud, Raya, Fairel, Rory.

Suavemente:

— Você.

Foi a gota d'água. Arin lançou os punhos contra a fortaleza, abrindo os dedos contra ela.

— Se não vai ficar, então me leve com você. — A névoa se enrolava mais rápido e mais alto em torno de suas pernas, passando entre as tábuas precárias da ponte. — Não ouse me dizer que tenho um dever para com estes reinos. Jurei a *você*... meu pai receberá justiça. Todos os líderes que ajudaram a facilitar a Guerra de Jasad já estão mortos ou fora do poder. Alguém pode lidar com o que vem a seguir.

— Sim, e se há algum benefício em descobrir que possuo uma magia eternamente fatal, é que a pessoa que lidará com o que vier a seguir não serei eu.

Ela deu mais um passo para trás. A névoa já lhe subia à cintura.

— E por que eu te arrastaria para a morte quando uma nova vida

está começando para você?

A mão no cetro de seu pai se contraiu, esmagando o orbe. Vidro choveu na névoa e ricocheteou em sua pele sem causar danos. Ela arrancou o corvo e deixou o cetro cair no chão.

Por alguma razão, a visão de sua mão sem um único corte do vidro arruinou o que restava da descrença a que Arin se agarrava.

Rovial. Ela tinha a magia de *Rovial*.

Ela equilibrou o corvo na palma da mão.

— Acho que isso é seu.

Essiya soprou suavemente no corvo, e Arin recuou quando a pilha miserável de penas se moveu de repente.

Ele bateu as asas e pulou da palma da mão de Essiya, voando em direção a ele. Em vez de se espatifar contra a fortaleza, o corvo voou direto através dela.

O corvo bateu contra – e dentro – do peito de Arin.

O Supremo Nizahl caiu de joelhos e se incendiou.

CAPÍTULO 72



ESSIYA

Meu tempo estava quase acabando. A névoa havia subido até meu peito, e eu não queria arriscar que Arin se recuperasse a tempo de negociar comigo outra vez. Se alguém pudesse me persuadir a apostar em uma questão de vida ou extinção generalizada, seria ele. A névoa o havia escondido da minha vista, e aceitei a dura misericórdia pelo o que era.

Passei os meus dedos pela fortaleza, a batida frenética do meu coração contra o meu peito apertado.

Eu havia imaginado diferentes cenários para as consequências da tomada da fortaleza. Opção um: morrer queimada. Não era o ideal, mas pelo menos teria sido rápido e definitivo. Opção dois: enlouquecer. De novo, não era o ideal, mas presumi que a força combinada dos Urabi seria suficiente para me executar antes que eu causasse qualquer dano real.

Aprisionamento eterno não estava nos meus planos. Se estivesse, eu poderia ter escapado na cachoeira naquela primeira semana em Gibal.

O que eu não suportava era a ideia de deixar Jasad presa atrás de mim. Barricada atrás daquela fortaleza como estavam há centenas de anos, com a sua magia minguando do outro lado, isolada dos reinos durante a mais ampla convulsão política que a terra já vira em séculos.

Pensei em Raya abrindo olhos dourados e prateados, com a minha magia fluindo através de uma mulher com raízes puramente Omalianas.

Uma rachadura ecoou pela superfície da fortaleza.

Tanta magia havia sido derramada nesta fortaleza. Magia que não

faria nada pelas pessoas do outro lado, apenas as isolaria pelo tempo que a magia Jasadi durasse.

Você pode passar a vida inteira congelada em um lugar, olhando para o futuro, ou pode decidir seguir em frente. Escolha um caminho e nunca olhe para trás.

Rachaduras percorreram a superfície de resina da fortaleza de Jasad. Os estilhaços cresceram, um estrondo baixo enviando tremores pela terra.

Dei um soco na fortaleza e ela implodiu.

Listras prateadas e douradas choveram sobre a multidão. Partículas delas giravam no ar como poeira brilhante, cintilando alegremente. Listras coloridas percorreram o céu enquanto a magia dentro da fortaleza se abatia sobre as pessoas dentro de Janub Aya, subjugando-as. Alguns deles caíram no chão sob o ataque, enquanto outros começaram a se debater. Os Jasadis se recuperaram mais rápido, seus estoques de magia reviveram em dobro, suas cores brilhando intensamente em seus olhos.

O futuro de Jasad não seria passado escondido. Ele não definharia, isolado e amedrontado, sufocando enquanto sua magia se esvaía.

Sem a fortaleza, nada além de névoa estava entre mim e Arin.

Ele estava curvado para a frente, apoiando os nós dos dedos no chão. O corvo havia rasgado o colete e a camisa de Arin, e vi sua marca escura se fixando sobre o coração do Comandante. Um corvo gravando em sua pele para combinar com as marcas em seu casaco.

Jeru apareceu atrás de Arin, curvando-se para seu novo Supremo. Prata e ouro brilhavam nos olhos do guarda. Procurei por Sefa atrás dele e vi Maia e Namsa, acariciando a mão de Sefa e encostando uma bolsa de água em seus lábios imóveis. Minha magia havia colidido com ela e se instalado como uma poça morna, esquecida sob a tempestade de sua dor.

Os Jasadis e Nizahlanos começaram a recolher os seus mortos. Vi Lateef discutindo com um soldado ao lado do corpo de Marek e tive que

desviar o olhar.

Um som de agonia gutural irrompeu de Arin. Jeru cambaleou para trás enquanto ouro e prata corriam pelas veias de Arin.

O Supremo começou a mudar.

Sua pele, sempre pálida e quase translúcida, adquiriu um brilho mais saudável. Os cortes e arranhões em seu corpo desapareceram – incluindo a cicatriz no maxilar, causada pela tentativa de assassinato de Soraya.

Arin jogou a cabeça para trás, com videiras de magia subindo por sua garganta. Os cabelos de Arin – os lindos cabelos prateados flutuando em volta do rosto como a sua nuvem de tempestade pessoal, os cabelos que o revelavam onde quer que fosse, os cabelos que eu havia enrolado em meus dedos em despreocupação – começaram a escurecer. Cabelos escuros como a noite mais negra substituíram a nuvem de tempestade prateada, emoldurando seu rosto adorável.

O cabelo de Hanim. É estranho pensar que, se Rawain não tivesse drenado a magia de Arin, Arin poderia ter crescido igual à mãe.

Ainda lindo. Ainda Arin. Nós dois éramos uma versão nova e antiga de nós mesmos agora.

— Pelo túmulo contaminado de Rovial — Jeru sussurrou, impressionado.

Eu ri baixinho.

A névoa rodopiava em volta do meu peito. Chamei o nome de Jeru e, quando ele me encarou, um novo pânico pareceu surgir nele. Balancei a cabeça e apontei para Arin. Esperava que a minha mensagem tivesse sido clara. Esperava que ele tivesse entendido.

Quando ele vier atrás de mim, pare-o.

Contemplei Arin uma última vez.

Eu escolhi você, pensei. *Mesmo que não pareça agora.*

Recuei para a névoa. Agarrando a corda para me equilibrar,

encontrei o local onde os Awalas haviam arrancado a magia de Rovial vidas atrás. Uma parte dela havia morrido ali, furiosa, traída e faminta por vingança.

Permiti-me ouvir Jasad como nunca mais o faria. Ouvi Jeru gritar por socorro enquanto Arin empurrava o guarda para fora do seu caminho e corria em direção à ponte. Os passos pesados dos soldados, derrubando o seu Supremo no chão em número que nem mesmo Arin conseguia superar. O ritmo lento e pesado do coração de Sefa, ainda batendo apesar dos ferimentos. Efra, entre todas as pessoas, juntando-se a Lateef para empurrar o soldado de Nizahl para longe do corpo de Marek e gritar:

— Ele é um de nós. Ele morreu ao lado de Jasad. Ele é nosso.

Um calor se espalhou por mim. Agarrei a corda, inclinando-me sobre a borda. Eles sobreviveriam. Eles ficariam bem.

Fechei os olhos e me inclinei sobre a beira da ponte.

CAPÍTULO 73



— Isso é normal? Dormimos tanto assim na primeira vez?

— Pare de bater nela, Dania. Ela vai acordar e botar fogo na gente.

— De novo — resmungou uma voz familiar.

Agarrei a mão que repousava no meu braço. Meus olhos se abriram de repente. Elas gritaram, fugindo de mim como baratas sob uma lâmpada recém-acesa.

Sentei-me, massageando meu couro cabeludo e apertando os olhos. Quando recuperei a visão depois que Soraya me esfaqueou, eu estava em meio a quatro tronos envoltos em escuridão e suspensos sobre um rio caudaloso. Eu esperava pousar em algum lugar sombrio e sinistro, adequado a uma mente eterna transbordando de arrependimento.

Em vez disso, eu estava em Essam. Árvores frondosas ao nosso redor, com os seus galhos carregados de folhas imaculadas ao invés de doenças ou pestes. O cheiro de ovo podre de Hirun havia desaparecido, substituído por uma leve fragrância lilás. Os pedacinhos de céu que eu conseguia distinguir acima das árvores eram de um azul límpido.

Um sapo pulou no meu joelho e não precisei demais provas.

Esta Essam não era a minha Essam. Um sapo jamais se aproximaria de mim na Essam real. Eles haviam aprendido a lição.

Dania, Baira e Kapastra estavam a uma certa distância de mim, observando com expressões que variavam da leve desconfiança à pura esperança. As memórias da minha magia e as minhas se misturavam, meu espanto e confusão, sua raiva e arrependimento, agitando-se no mar da história entre nós.

Encostei-me na árvore e acariciei a cabeça do sapo, cruzando os tornozelos.

— Então, o que fazemos para nos divertir aqui embaixo?

Surpreendentemente, foi Kapastra quem deu o primeiro passo. Ela deslizou para o chão ao meu lado.

— Isso, basicamente. Nós vagamos e nos lembramos. Juntos, acumulamos um bom estoque de memórias para reviver.

Olhei ao redor de Essam e ri. Claro – essa era a minha lembrança. Minhas irmãs já estavam sepultadas há muito tempo quando a floresta ficou assim.

— Entendo.

— Às vezes, podemos ouvir o que acontece em nossos reinos — disse Baira, juntando-se a Kapastra no chão. Foi surpreendente ver Baira outra vez e perceber como ela se parecia com Vaida.

Era estranho. Metade de mim começou a gritar assim que abri os olhos para as Awalas dos nossos reinos, sobrecarregada por encontrar as figuras mais poderosas que já existiram na minha época ou em qualquer outra.

A outra metade viu três irmãs agitadas.

— Por que você veio aqui, Rovial? — Dania permaneceu imóvel. — Por que agora?

— Parecia uma boa hora. — Esfreguei a palma da mão contra o coração. — Rovial se foi. Tenho as memórias dele, mas elas se acumulam entre milhares de outras. Elas pertencem à minha magia, mas Essiya pertence a mim.

— Você é a sua magia.

— Você poderia se acalmar, Dania? — Kapastra retrucou. — Ela acabou de ter sete mil anos de memórias enfiadas na cabeça.

É bom saber que vários milênios de sono não fizeram muito para melhorar o humor de todas.

Dania revirou os olhos.

— Tudo bem.

— Não dê ouvidos à Dania — disse Baira com sua voz cadenciada e ofegante. — Ela se sentiu incrivelmente culpada por ter matado você. Todos nós nos sentimos. Continuamos torcendo para que as suas memórias alcançassem a sua magia algum dia.

— Esperando e temendo — corrigiu Kapastra. — Mas você parece menos interessada em assassinato e destruição, o que é um alívio.

Dania arrastou o pé na terra. Talvez não fosse uma mistura tão terrível, as memórias da minha magia e as minhas. Através da primeira, vi uma irmãzinha petulante, orgulhosa demais para admitir a sua culpa. Através da segunda, eu via um dos jovens pupilos do castelo, parado do lado de fora da minha porta para confessar ter roubado meus doces de gergelim.

— Tenho muitos rancores nesta vida para guardar os de vidas passadas — eu disse. — Além disso, lembro vagamente de ter planejado te matar naquela época.

Dania sentou-se na grama com um suspiro.

— Justo.

Com a tensão dissipada, as Awalas me regalaram com histórias de suas vidas em sono eterno e me bombardearam com perguntas sobre os seus reinos. Elas já sabiam da magia desaparecida, mas a turbulência política do último século havia passado despercebida.

Elas estavam, em uma palavra, descontentes.

— Você poderia ter matado um *pouco* mais enquanto estava lá em cima — reclamou Kapastra. — Ninguém teria lamentado a morte de um palhaço sem cérebro como o Felix.

— Eu acabei matando-o — eu a tranquilizei.

Mesmo enquanto falava sobre a minha vida, eu podia senti-la recuando, afastando-se como uma maré chamada de volta ao mar.

Teria me assustado ainda mais se eu não tivesse recuperado um oceano de memórias perdidas. A maré sempre voltaria.

Contei a elas sobre o Alcalah e Dawoud. Sobre Arin e os kitmer. Falar dele era como mastigar vidro, então rapidamente passei para o momento em que acordei nas montanhas.

— Fareed era bonito — disse Kapastra em certo momento. — Se seu descendente se parecer com ele, não me importaria de usar minha magia para deixá-lo em um estado de catatonia leve para dar um beijo nele.

Baira jogou um punhado de grama arrancada no rosto de Kapastra.

— Pare. É óbvio que pensar no amante perdido a machuca.

Dania e eu torcemos o nariz em uníssono.

— *Amante* — ela murmurou, e eu a empurrei pelo ombro, e nós duas trocamos um sorriso.

— Suponho que não há como voltarmos? — perguntei baixinho. — Dania, a última vez que te vi, você estava falando com Kapastra sobre uma profecia.

Minhas irmãs se entreolharam. Uma delicada cautela tomou conta delas.

— Viemos aqui para proteger os nossos reinos dos perigos que o poder descontrolado poderia criar. — O discurso de Dania era comedido demais para ser qualquer coisa além de ensaiado, e me perguntei com que frequência elas o haviam recitado umas para as outras. — Enquanto governávamos, mergulhávamos os nossos reinos em guerra após guerra. Não podemos morrer nem podemos ser mortas. As pessoas sob os nossos cuidados importavam cada vez menos, porque em algum momento morreriam. A vida de miséria delas foi um piscar de olhos para nós. Na época, nos sepultar parecia ser a única solução.

Meu peito se apertou.

— Mas não agora?

— Nossos reinos não têm mais magia — disse Baira baixinho. —

Eles são estéreis no único recurso que carregamos em excesso.

— A única maneira de podermos nos juntar ao mundo deles é se nossa magia for igual à deles e não maior — disse Kapastra.

O sapo no meu joelho pulou, bufando ofendido, enquanto eu encolhia as pernas contra o peito.

— Como assim?

— Nós drenaríamos a nossa magia...

— De jeito nenhum. — Mal reconheci a fúria arrepiante na minha voz. — Você não vai me separar da minha magia de novo. Ela é *minha*.

Baira ergueu as mãos em sinal de paz.

— Não vamos tirar a sua magia. Nós apenas... daríamos a ela um limite. No momento, nossa magia não conhece limites. É um poço sem fundo.

— Um poço sem fundo — pensei.

Kapastra interrompeu:

— Mas Dania acha que podemos injetar magia de volta em nossos reinos. Drenar o excesso de nós mesmos e canalizá-lo de volta para o nosso povo.

— Você quer dizer transferir a nossa magia? — A fortaleza. Raya.

— Isso mesmo.

— Gastar demais com magia foi o que devorou a minha humanidade na primeira vez — apontei.

— Não pretendemos gastá-la. Considere como... reaproveitá-la. Ela não se regenerará. De qualquer forma, se se provar uma estratégia falha, não estamos em posição de prejudicar ninguém.

— Quanto tempo levaria? — perguntei. — Eu quero... não quero emergir quando todos que eu amo estiverem mortos.

Muitos já estão, quase acrescentei.

Ao ver a expressão de mágoa no rosto de Baira, respondi depressa:

— Todos os mortais, quero dizer.

— Não posso lhe dar uma data definitiva — disse Dania. — Mas não temos outras exigências para o nosso tempo aqui. Podemos facilmente dedicar todos os nossos dias para realizar isso.

— É apenas uma teoria — disse Kapastra.

— Excelente — eu disse. — Adoro uma boa teoria.

Comecei a chorar.

Minhas irmãs imediatamente se aglomeraram ao meu redor. Dania envolveu os meus ombros com os braços, encostando a cabeça na minha. Baira puxou a minha palma até sua bochecha e desenhou círculos suaves nas costas da minha mão. Kapastra, que odiava toques tanto quanto eu, deu um tapinha no meu joelho e tentou me distrair fazendo perguntas em várias línguas mortas.

Eu não estava sozinha. Posso não estar onde queria estar, mas não estava sozinha.

— Conte-nos sobre todos que você ama — murmurou Dania, afastando um cacho do rastro de lágrimas. — Conte-nos sobre a vida de Sylvia e Essiya.

— Temos bastante tempo — acrescentou Baira.

Eu ri, enxugando os olhos com as palmas das mãos.

— Você também pode nos mostrar, se quiser — disse Kapastra. Minha irmã mais sombria gesticulou para a cena ao nosso redor. — Podemos ajudá-la a se lembrar deste momento.

E elas mostraram.

LUKUB
UM MÊS APÓS O SEPULTAMENTO

Sefa sentou-se diante de um conselho de estranhos, vestindo um vestido mal costurado, e leu o pergaminho à sua frente pela quarta vez.

— Isso não está certo — disse Sefa, também pela quarta vez. — Isso pode ser feito?

O homem de rosto azedo chamado Biyad, que convocara Sefa ao Palácio de Marfim com uma carta vaga e ameaçadora, gesticulou para os três homens ao seu lado.

— Ela a mandou escrever, testemunhar e assinar duas semanas antes do Sedain. Não há lei em Lukub que impeça a coroa de ser passada para alguém fora da linha de herança, e a linhagem morreu com a Sultana Vaida. Ela escolheu você para o trono de Lukub, e é o nosso dever atender aos seus desejos.

— Não sabemos se ela está morta — disse Sefa. — Seu corpo nunca foi recuperado.

Biyad suspirou.

— Não a convocamos até esgotarmos todos os esforços para encontrar a Sultana.

Sefa traçou a delicada assinatura na parte inferior do pergaminho. Sefa não era adequada para governar uma sala, muito menos um reino. O que Vaida estava pensando?

Sefa mal conseguia se convencer a colocar comida na boca. Olheiras marcavam o fundo de seus olhos fundos, e ela havia perdido a noção do tempo. Ela raramente saía da cama que Lateef lhe oferecera em Jasad, e a viagem até Lukub só piorou seus problemas de sono.

Seu corpo podia estar sentado ali, mas as partes mais importantes

de Sefa estavam enterradas ao lado de Marek. O peito dele estava imóvel, então ela parou de respirar. Ele apodreceu, e ela também.

Se alguma parte significativa de Sefa tentou sobreviver, a lembrança do destino de Essiya a massacrou. Sefa cobriu os restos com uma mortalha, deitou-se e permaneceu imóvel por um tempo muito, muito longo. Só quando Jeru despejou água na cabeça dela é que Sefa voltou à vida.

— Eu lhe prometi que nada de mal lhe aconteceria — disse ele, jogando o balde vazio na cama dela. — Pretendo manter a minha palavra.

Enquanto Sefa se encolhia diante do conselho de Lukub, a caverna do futuro desconhecido se abrindo em seu peito e ameaçando engoli-la inteira mais uma vez, uma mão pousou em seu ombro.

Jeru examinou o pergaminho.

— Dê a ela uma chance de pensar.

— Lukub está em crise — disse Biyad. — Nossa Sultana se foi, o palácio está em ruínas e a ascensão da coroa de Jasad é motivo de grande preocupação.

Uma flecha de raiva perfurou o manto de dormência ao redor de Sefa.

— Lateef... Malik Lateef — corrigiu Sefa —, não fez nada que merecesse sua profunda preocupação. Jasad não fez mal a ninguém.

— A magia deles...

— Não faz mal a ninguém — sibilou Sefa. — Eu também tenho. Jeru também. E centenas de soldados de Nizahl também. Será que todos nós pretendemos fazer mal a vocês?

De repente, as lágrimas a sufocaram. Como ousavam? Depois de tudo.

Sefa perguntou a Lateef como era a sua magia, e ele descreveu um ritmo suave, pulsando em sintonia com o seu próprio coração. Fácil de

ignorar, mas fácil de encontrar se fosse procurar. Os fragmentos de magia que Sefa havia absorvido da fortaleza pareciam um dedo que havia subitamente crescido do cotovelo, e ela não sabia bem o que fazer com ele.

Enquanto isso, Jeru usava a magia adquirida no campo de batalha de Nuzret Kamel com regularidade e entusiasmo. Naquela mesma manhã, ele havia esgotado as suas reservas tentando deixar a pelagem do seu cavalo com a mesma cor verde das árvores. Para camuflagem, insistira.

Sefa encarou o pergaminho, cuja caligrafia impecável contrastava tanto com a da mulher que o havia escrito.

Meu palácio foi construído por uma Awala que criou ilusões mais perfeitas e persuasivas do que qualquer realidade.

Acredito que saber o que é real está além do alcance dos mortais e dos Awaleen.

A era das ilusões havia acabado. Lukub não passaria o resto de sua existência olhando para um espelho, lutando para entender o que era real. Nada de Cães Rubi e poder oco, nada de espiões e poços.

Não se esconderia atrás de mortalhas.

— Aceito.

Biyad piscou. A mão de Jeru se flexionou em surpresa, mas ele não demonstrou outra reação.

Sefa ergueu os olhos secos para o conselho de Lukub.

— Aceito a coroa de Lukub.

Uma semana depois, em um dia de verão comum, Sefa se tornou a Sultana de Lukub.

Milhares compareceram à sua coroação, ansiosos para testemunhar a maravilha de uma fugitiva e ex-vagabunda ascendendo a um dos assentos mais altos do país.

A nova Rainha de Omal chegou. Uma mulher otimista, com um queixo quadrado impressionante e mãos acostumadas ao trabalho árduo, havia sido escolhida pelas aldeias mais baixas para ocupar o trono vazio da rainha Hanan. O conselho de Omal, em menor número e inferior em poder, aprovou a nomeação. Ela apertou a mão de Sefa com entusiasmo, tagarelando sobre sua primeira visita a Lukub quando criança, até que um servo carregando uma bandeja de talwith a afastou.

Sorn e sua nova esposa chegaram. Embora Sefa tivesse encontrado de passagem a Campeã Orbaniana em algum momento antes do terceiro teste, ela mal reconheceu a nova Diya de Orban.

Havia rumores de que Sorn logo assumiria o trono de seu pai. Seu casamento com Diya, uma camponesa de classe baixa, lhe rendeu uma anistia temporária das rebeliões em Orban. Suas novas leis, que visavam coibir o poder irrestrito dos khawaga e retomar o comércio com Jasad, acalmaram o restante da agitação. De todos os reinos, Orban passou pela transição de poder menos sanguinária.

Diya parou ao lado do estrado de Sefa, estudando as pontas de rubi de sua coroa.

— É pesada? Parece pesada.

Sefa se assustou, tocando os raios distraidamente.

— Não, na verdade não é.

— Humm — disse Diya. Os olhos castanho-claros estudavam Sefa com uma atenção desconcertante. — Eu gostava dela. Sylvia. — Ela ajustou o machado pendurado no cinto. — Orban não dará as costas a Jasad.

A futura Rainha de Orban foi embora antes que Sefa pudesse responder, e o passo firme do guerreiro a levou para longe da vista.

Malik Lateef não pôde comparecer, mas enviou os seus parabéns a Sefa e um lembrete de que Usr Jasad estava sempre aberto a ela.

O Supremo Arin de Nizahl não apareceu.

DOIS ANOS APÓS O SEPULTAMENTO

Fairel passou os dedos pela superfície lânguida do Rio Hirun.

As aulas começavam amanhã, e ela decididamente não queria ir. Por que precisava aprender sobre mais uma batalha entre os reinos? Que diferença fazia se sabia calcular contas de cabeça? Fairel preferia ajudar Rory na loja e passar os intervalos atirando flechas dos pontos mais altos que conseguisse escalar.

Um respingo atingiu a manga de Fairel quando um sapo saltou de Hirun, com as suas perninhas se desfazendo em pânico. Outro se juntou a ele, e depois mais quatro.

Fairel sentou-se, esquecendo a cesta de ingredientes ao seu lado. Que diabos?

A superfície de Hirun borbulhou, e Fairel gritou quando centenas de sapos saíram do rio. Antes que ela pudesse se afastar, faixas de um azul-claro surgiram na superfície da água.

Fairel puxou a mão do rio, mas era tarde demais. O azul cobriu sua mão, penetrando em sua pele.

Hirun se agitou outra vez, e Fairel agarrou a sua bengala, erguendo-a em direção ao rio. Por que ela havia deixado seu arco e flecha na fortaleza? Raya vivia repreendendo-a por carregá-los. Ela se sentiria *muito* culpada quando um enxame de sapos enlouquecidos assassinasse Fairel porque ela não tinha permissão para levar seu arco e flechas.

O que emergiu do rio não era um sapo.

Quatro pernas robustas ergueram uma criatura reptiliana para fora d'água. Seu corpo escamoso, azul e branco, estendia-se tanto quanto as árvores atrás de Fairel e brilhava como diamantes lançados sobre a

superfície ensolarada do rio.

Petrificada, Fairel agarrou sua bengala e observou a fera deslizar para fora do rio. Ela vira representações daquela criatura enroscada nos ombros de Kapastra em todos os murais de Mahair. Estudara os efeitos fatais de seu veneno em sala de aula... a mesma aula que agora certamente perderia, pois teria a desculpa de estar morta.

A rochelya lançou um olhar penetrante para Fairel. Sua mão azul apertou a bengala com força.

Uma sensação estranha percorreu Fairel. Era quase como adormecer. Pontos pretos nadavam em sua visão enquanto o brilho ao redor de sua mão subia por seu braço e desaparecia sob sua manga.

No reflexo do rio, os olhos de Fairel brilhavam em azul e branco.

Ela ofegou quando sua bengala se torceu em sua mão. Em seu lugar, um arco se materializou, mais brilhante e maior do que o que ela deixara na fortaleza. Duas flechas jaziam em seu colo, esperando para serem entalhadas.

Magia? Ela tinha acabado de... sim. Mas como?

Ela ergueu o arco até o ombro, os dedos firmes em torno de uma flecha solta. Fairel seguiu o rochelya enquanto ele serpenteava pelas margens do Hirun, seguindo os sapos aterrorizados até Essam.

Quando teve certeza de que havia sumido, ela abaixou o braço e olhou para o rio, incrédula.

— Ninguém vai acreditar em mim.

JASAD
SEIS ANOS APÓS O SEPULTAMENTO

— Você tem certeza disso? — Sefa murmurou.

Lateef ficou feliz por a Sultana ter podido viajar para as festividades. Ele sentira falta da triste costureira.

A tristeza que acometia a Sultana havia diminuído desde a última vez que ela o visitara. Sua intensidade havia diminuído, permitindo que lampejos de humor e interesse emergissem ocasionalmente da escuridão que a sufocava. Ele imaginou que, com o tempo, talvez até conseguisse olhá-la sem ver isso estampado em seus olhos.

— Sim — respondeu Lateef. Participar da Cúpula em Orban não fora isento de desafios, dadas as circunstâncias da última Cúpula. Se o Supremo e a Sultana não estivessem presentes, Lateef não teria feito a viagem. — A magia retornou aos reinos. Negociamos pacificamente há anos, e os outros governantes abriram as suas fronteiras para nós. Assinar os novos acordos apenas celebrou os termos da paz.

— Você o viu desde a Cúpula?

Lateef não precisou perguntar a quem ela se referia.

— Não.

As crianças subiram correndo os degraus translúcidos de Usr Jasad, escalando para ter uma visão melhor de Qayida Namsa enquanto ela voava sobre Usr Jasad nas costas de seu kitmer. Um halawany empurrava seu carrinho de doces pela multidão, distribuindo balas de gergelim e pedaços de halawa.

— *Você* o viu desde a Cúpula? — Lateef não pôde deixar de perguntar.

— Sim, cerca de dois meses atrás. Visitei a Cidadela para o

aniversário dele. — Sefa colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Eu não queria que ele passasse o aniversário sozinho.

— Ele parecia bem na Cúpula.

Seu olhar se afundou, indo para algum lugar que Lateef não conseguia acompanhar.

— Ele faz o que precisa fazer, e nada mais — disse Sefa baixinho. — É como observar o sol girar no céu. Ele está seguro e firme, mas nada... o toca. Nada o move. Se não fosse por Ehal e Niseeba, acho que ele poderia passar anos sem interagir com outra criatura viva.

Niseeba. Lateef bufava, divertido cada vez que ouvia o nome do kitmer. A Malika de Jasad podia ser uma mulher estranha, mas ninguém poderia acusá-la de ter um mau senso de humor.

— Ele é um excelente Supremo — disse Lateef, solícito.

Seu próprio relacionamento com o Supremo de Nizahl fora tenso. O jovem era brilhante, tão inteligente e determinado quanto as histórias sugeriam, mas Lateef estava presente quando Essiya desapareceu na névoa. Ele vira Arin depois que ele recuperara a magia que seu pai lhe roubara. Lateef testemunhara dezenas de soldados se jogando em cima de seu governante para impedi-lo de correr para a ponte. Mais importante ainda, Lateef jamais se esquecera de ver o Supremo lutar para escapar e destruir todos os soldados que se interpunham entre ele e a ponte. Se a própria Sefa não tivesse se interposto em seu caminho, Arin de Nizahl certamente teria desaparecido na névoa de Sirauk seis anos antes.

Ela nunca contou a Lateef o que disse a Arin naquele dia em Janub Aya, e Lateef nunca perguntou.

Efra abriu caminho pela multidão com os cotovelos, enquanto Maia era içada em seus ombros. Ela gritava o nome de Namsa enquanto uma frota de kitmers se juntava a Qayida, com as suas asas batendo em perfeita sincronia.

— Ele vai se recuperar — disse Lateef. — Não será sempre assim.

O riso silencioso de Sefa partiu o coração de Lateef.

— Você promete?

Lateef passou o braço em volta dos ombros dela.

— Eu prometo.

A Sultana encostou a cabeça nele.

— Você virá comigo à Cidadela no próximo aniversário dele?

— Sim — disse Lateef. Fez uma pausa. — Que tipo de presente se compra para Arin de Nizahl?

Os kitmers navegavam paralelamente aos degraus de Usr Jasad, com os aplausos de milhares de espectadores acompanhando-os pelo ar. Era o primeiro dos festivais de Essiya e a primeira vez que o sorriso de Sefa não trazia consigo o fantasma da tristeza.

EPÍLOGO

ARIN
DEZ ANOS DEPOIS

Arin nunca havia pensado muito sobre o que poderia enfrentar se o amor o encontrasse.

Era uma palavra que ele entendia vagamente, à qual as pessoas pareciam dar grande importância, e a combinação era um ponto recorrente de frustração em sua compreensão, de outra forma organizada, da natureza humana.

Ele conhecia as formas gerais daquilo – a mão de sua mãe em sua testa quando ele ficava doente; os dias chuvosos da infância passados nos aposentos de seu pai, trabalhando em seus mapas enquanto Rawain lia, a respiração deles o único som por horas; a preocupação de Isra e o orgulho de Rawain quando Arin se destacava dos seus colegas. Ele pensava que, se o amor o encontrasse, seria mais do mesmo. Apenas mais uma contusão... algo passageiro, doloroso se pressionado, fácil de esconder.

Ninguém o avisou.

Por que não lhe disseram que o amor não era um vento suave e gentil, mas uma tempestade determinada a despedaçar e construir seu lar nos destroços? Que trazia consigo hóspedes indesejados, novos medos, preocupações e paranoias além do alcance de qualquer razão.

Como naqueles primeiros dias, antes de saber o que estava acontecendo, ele perdia o fôlego ao pensar em um futuro sem ela. Um futuro em que os convidados teriam ido embora, mas seu novo lar também. O lar que ela havia construído dentro dele, onde o ar cheirava como o cabelo dela e os sinos soavam como o riso dela. Um lugar onde

ele poderia descansar até ficar velho e cansado, onde ele só poderia dormir com a mão sobre o coração dela, porque mesmo tantos anos depois, aquele pulso constante era o único pilar em que Arin poderia se apoiar.

A morte, ele aprendeu, não mudava nada. Não destruía o lar deles; apenas impedia Arin de entrar. Significava anos esperando nos degraus. Dias em que a ira de Arin explodia fora de seu controle, e ele cavalgava até Essam até se tornar seguro para os outros estarem ao seu redor novamente. Noites em que, se ele conseguia dormir, acordava ofegante com frequência.

Talvez ninguém o tenha avisado porque esperavam nunca precisar. Talvez soubessem que o amor de Arin, como tudo nele, era feito para assustar. Talvez entendessem que, se o amor o encontrasse e ele o perdesse, o que restaria de Arin não valeria a pena ser salvo.

Não se avisa um cavalo ferido antes de brandir o machado. Talvez tenha sido por isso que ninguém avisou Arin sobre o que enfrentaria se o amor o encontrasse.



Como de costume, Ehal parou a poucos passos da frente da ponte Sirauk. Voando acima deles, Niseeba cantou em sinal de vitória. Arin costumava fazer suas excursões a Sirauk voando, e suspeitava que a kitmer estivesse com ciúmes por ele ter escolhido Ehal para essa viagem.

Arin desceu da montaria e deu um tapinha no pescoço do animal.

— Ignore-a. Você me levou muito mais longe do que qualquer outro cavalo.

Arin não se importava com o tempo adicional de viagem a cavalo. Isso lhe dava a oportunidade de parar no mercado em Har Adiween e

comprar todo o estoque da vendedora de doces de gergelim. Ela gostava de brincar que a única visita de Arin a Sirauk por ano mantinha seu negócio funcionando.

Ela ficou surpresa ao vê-lo desta vez. Compreensível, já que ele já havia feito sua viagem a Sirauk quatro meses atrás, no aniversário de Sylvia. O aniversário de Essiya havia passado mais recentemente, e ele o passou com Sefa.

A gratidão de Arin por ter a ponte só para si veio mesclada de ressentimento. Assim que a magia começou a retornar aos reinos, eles se esqueceram do aniversário de um dia que, segundo eles, mudou a história. Viraram a página de Nuzret Kamel e nunca mais olharam para trás.

Arin riu baixinho. Talvez ele estivesse simplesmente com inveja. O tempo continuou a passar após Nuzret Kamel, e todos seguiram em frente.

Todos, exceto Arin.

A vida de Arin não fora tocada por nada tão misericordioso quanto o tempo. Como Supremo, impulsionara seu reino em direção a um futuro do qual seu fundador se orgulharia – um futuro melhor do que aquele que seu pai planejara. Como Comandante, ajudara a navegar pelo futuro nebuloso após Nuzret Kamel, forjando laços com Jasad e os governantes recém-nomeados em Lukub, Omal e Orban. Ele fizera o possível para cumprir a promessa feita a Fareed.

Mas em todos os outros sentidos, Arin não deu um único passo além daquele lugar em dez anos.

A névoa rodopiava contra as suas botas. Dez anos atrás, a fortaleza ficava onde Arin estava. Onde ela havia caído, a grama crescia em gramas brilhantes de ouro e prata.

Ninguém jamais emergiu da névoa.

Aquilo lhe fora repetido mais vezes do que Arin se importava em

contar. Como se ele fosse uma criança delirante ou um tolo desanimado. Como se não *entendesse*...

Ele entendia perfeitamente. Ninguém jamais emergia da névoa. A ponte Sirauk não aceitava sobreviventes. Essa era a realidade.

Arin decidiu deliberadamente que não seria o seu caso.

Ele não sabia se a névoa cairia hoje. Malik Lateef havia proibido qualquer viagem para Sirauk durante toda a semana, preocupado que as pessoas esquecessem que a névoa poderia cair por apenas dois minutos durante o Nuzret Kamel, deixando-as presas na ponte se elas se aglomerassem em grande número.

Para Arin, ele escreveu um pequeno bilhete: *Nós também nos lembramos dela hoje. Tenha cuidado.*

Arin tirou o colar de debaixo do colete e envolveu os dedos nas contas gastas do figo. Ele não saiu do seu pescoço, balançando a centímetros do corvo negro gravado sobre seu coração.

Sefa queria vir com ele hoje. Arin raramente recusava algo à Sultana de Lukub, mas sob nenhuma circunstância a traria ao local da morte de Marek. Dez anos, e seu fantasma ainda assombrava a Sultana. Arin não a entregaria à sua dor.

Ele também não queria trazer consigo alguém que acreditava que Essiya estava morta. Não importava o que alegasse, Arin sabia que ela só queria vir porque estava preocupada. Ela se preocupava toda vez que ele a visitava.

— Ela não vai voltar, Arin. Ninguém que entra na névoa retorna — Sefa gritou certa vez. — Todo ano, você espera. E todo ano, volta da ponte tão destruído quanto naquele primeiro dia.

Arin não falou com ela por oito meses depois disso.

O reino de Arin prosperou. Seu povo estava alimentado, abrigado e seguro. Os reinos não tinham presenciado um conflito significativo desde o anterior Nuzret Kamel, e Arin passara anos trabalhando com

governantes que mal tolerava para garantir uma transição tranquila para o retorno generalizado da magia, tanto dentro dos reinos quanto entre eles. Ele fizera tudo o que precisava ser feito, dedicara todo o seu tempo e atenção ao sucesso compartilhado de seu povo, e Sefa não podia lhe conceder um dia por ano?

Uma mancha de lama na lateral da cesta chamou sua atenção, e Arin a limpou com o lenço que tinha no bolso. Arin nunca usava sua própria magia. Frequentemente, ele se pegava desejando que Essiya tivesse levado o cetro com ela. Ela havia devolvido a Arin uma parte de si mesmo que não cabia em nenhum canto em que Arin a colocasse.

Apertando o cesto com mais força, Arin pisou na ponte Sirauk. A névoa se espalhava ao seu redor, seu hálito pálido serpenteando sob o casaco e através dos fios negros de seu cabelo.

Ele não era tão trágico quanto Sefa e Jeru acreditavam. Ele sabia que os Awaleen estavam enterrados há milhares de anos. Ele sabia que era quase impossível que eles ressurgissem, ainda mais durante sua vida.

Mas deveria ser quase impossível que a magia retornasse aos reinos.

Deveria ter sido quase impossível para o Herdeiro de Nizahl encontrar a Herdeira de Jasad escondida em uma pequena vila em Omal.

Deveria ser quase impossível para ele se apaixonar por uma mulher que o deixava louco a cada momento.

Arin demorou muito para reconhecer que as melhores partes de sua vida existiam no *quase*. Elas existiam ali – além do alcance da certeza, nos limites da dúvida, oscilando sobre o penhasco da catástrofe.

Seu casaco estava tão pesado da geada que Arin não percebeu quando um pouco do calor retornou aos seus membros rígidos. Não percebeu os raios de sol atravessando a névoa rarefeita, poças douradas se formando sobre as tábuas úmidas da ponte. As tábuas que ele podia ver outra vez pela primeira vez em dez anos, conectando a Ponte Sirauk

ao denso matagal de árvores do outro lado das tábuas oscilantes.

Arin observou a névoa se dissipar e temeu que Sefa pudesse estar certa. Seu coração começou a bater de forma irregular, mais forte do que em uma década.

Ele passou dez anos navegando no nexo entre dever e desespero, aprendendo a se equilibrar em suas fraturas. Dez anos em constante movimento, nunca permitindo que algo tão perigoso quanto a esperança surgisse entre as rachaduras por tempo suficiente para mudar o caminho à frente e transformá-lo em um penhasco.

No centro da ponte, a névoa derreteu em torno de quatro figuras.

Uma delas deu um passo vacilante em sua direção, os cachos balançando ao vento crescente. Um sorriso lento se espalhou por seu rosto. Olhos escuros se fixaram nele enquanto o sol dissipava o que restava da névoa da Ponte Sirauk.

E Arin finalmente se permitiu cair.

— Bem-vinda ao lar, Suraira.

Notas

[←1]

É um pudim de leite tradicional do Oriente Médio. Sua consistência é cremosa e delicada, semelhante a um manjar ou panna cotta, e é uma sobremesa popular em países como Líbano, Síria, Egito e Turquia.

[←2]

É uma planta de juta e o nome de um prato tradicional do Egito e do Oriente Médio, feito com as suas folhas

[←3]

Refere-se principalmente a um arroz-doce egípcio

[←4]

Uma massa folhada egípcia tradicional feita de inúmeras camadas finas de massa e banha

[←5]

É um doce árabe feito de vermicelli, um tipo de massa bastante fina, semelhante à aletria, geralmente acompanhado de queijo

[←6]

É um dos bolos mais populares do Oriente Médio

[←7]

Trata-se de um prato de legumes recheados

[←8]

É um queijo egípcio tradicional com um sabor pungente e diferentes níveis de salinidade, que podem variar dependendo do tempo de maturação

[←9]

É um pudim de pão feito com leite temperado com especiarias, massa folhada, nozes torradas e açúcar

[←10]

Pode se referir a um pão achatado egípcio ou a um restaurante de gastronomia árabe

[←11]

É um prato tradicional egípcio, que se traduz como "carne na panela"

[←12]

É a palavra árabe para anis. É uma especiaria com sabor semelhante ao alcaçuz, usada para fazer chá e biscoitos, e é apreciada por suas propriedades calmantes e digestivas

[←13]

É uma sobremesa árabe, um tipo de panqueca fermentada assada apenas de um lado, que é recheada com ingredientes doces como queijo, nozes ou creme (ashta) e depois mergulhada em calda de açúcar aromática, frequentemente com água de rosas ou flor de laranjeira

[←14]

É um prato egípcio de arroz assado, rico e cremoso, feito com arroz de grão curto, leite, manteiga e creme de leite ou eshta (um tipo de creme de leite coalhado)